

3. 39 FH

A ESPERANÇA

SEMANARIO DE RECREIO LITTERARIO

DEDICADO



ÀS DAMAS

COLLABORADORAS

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA—D. MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA—D. EPHIGENIA DO CARVALHAL
SOUSA TELLES, D. HENRIQUETA ELYSA, D. BRANCA DE CARVALHO, D. ADELAIDE SAPHIRA DE SAMPAIO E SILVA

COLLABORADORES

CAMILLO CASTELLO-BRANCO—ERNESTO BIESTER—J. D. RAMALHO ORTIGÃO—A. B. CERQUEIRA LOBO—
ALFREDO DE CARVALHO—AUGUSTO LUSO—A. CORRÊA—THEOPHILO BRAGA—A. PINHEIRO CALDAS—
A. MOUTINHO DE SOUSA—ERNESTO PINTO D'ALMEIDA—EDUARDO AUGUSTO SALGADO—GUILHERME
BRAGA—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO—PEDRO AUGUSTO DE LIMA—AGOSTINHO ALBANO—HENRIQUE
MARINHO—E OUTROS.

VOLUME I

Editores:—R. D. Cesar Rey, e A. Pereira da Silva.

1862

PORTO—Typ. DE RODRIGO JOSE' D'OLIVEIRA GUIMARÃES
LARGO DE S. DOMINGOS N.º 30.

PREÇOS

Porto

Por anno	1\$200 reis
» semestre.	600 »
» trimestre.	300 »

Provincias

Por anno	1\$440 reis
» semestre.	720 »
» trimestre.	360 »

Brazil

Por anno (moeda forte).	2\$200 reis	Semestre.	4\$100 reis.
---------------------------------	-------------	-------------------	--------------

Assigna-se na Livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 46 — e no Largo de S. Domingos n.º 30, 4.º andar.



Os illm.ºs snrs. assignantes da provincia poderão mandar satisfazer o importe da sua assignatura por *vales* do correio, cuja correspondencia deverá ser dirigida aos editores, Largo de S. Domingos n.º 30, 4.º andar—Porto.

VOLUME I

A ESPERANÇA

SEMANARIO DE RECREIO LITTERARIO

DEDICADO ÀS DAMAS

DUAS PALAVRAS

HA pouco quem conheça bem o trabalho, os desgostos e, sobretudo, o desalento que trazem quasi sempre consigo estas publicações litterarias, n'um paiz onde se galardoa tão mal os esforços de quem sacrifica, muitas vezes, o interesse, que podia provir-lhe de outra qualquer occupação, á ideia generosa de diffundir conhecimentos, enflorando horas d'ocio com uma leitura barata.

D'ordinario os indifferentes pelas cousas uteis são em numero crescido, e nem a outra causa se pôde attribuir a vida ephemera que têm em Portugal os jornaes como a **Esperança**.

Apesar porém de todos esses obstaculos que empvístamente se levantam diante d'estas empresas, os editores da **Esperança** confiam em que lhes será auxilio a vontade, que manifestam assim, de apresentar n'esta cidade um jornal litterario e scientifico, bem redigido e d'um modestissimo preço, e os nomes dos principaes colaboradores do seu periodico, nomes que já recommendam com a propria authoridade, a publicação onde apparecem.

Este jornal é para todos. Nem pôde enver-

gonhal-o a companhia, quando o artista o deixe sobre a meza do trabalho, entre os utensilios do seu officio, nem atemorisal-o quando o homem de letras o confunda com os seus livros e os seus papeis, nem enchel-o de acanhamento quando a senhora intelligente e instruida o perfume com os aromas do seu *boudoir*, guardando-o entre as joias do *toilette* e as joias do coração... que são as mais preciosas.

A **Esperança** nasceu d'uma ideia justa, e louvavel, por isso mesmo ella aspira a muito e oxalá que o positivismo das cousas d'este mundo lhe não desfaça com um sopro as aspirações e os desejos.

Quaes esses desejos e aspirações não é ainda tempo de dizel-o; nem se fazem promessas aqui, porque ha receios de não poder satisfazel-as depois.

O futuro só decidirá se a **Esperança** merece ou não a confiança que os seus assignantes depositam nas pessoas a quem está encumbida a collaboração do jornal.

Os editores appellam, pois, para o fu-

turo.

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Maria Adelaide Fernandes Prata

Sentado a meditar sobre um rochedo,
 Inda joven o Bardo suspirava,
 Macilentas as faces e encovados
 Os bellos olhos tinha que n'outr'ora
 Revelaram d'amor paixão mui terna.
 De repente expressão feroz, medonha,
 Ao rosto lhe assomou tornando-o rubro
 E momentos após, sorriso ironico,
 Sorriso indecifrável e terrível
 Que d'alma traduzia o fel, angustia,
 Nos labios resequidos se mostrava!
 Ergue-se o mal-fadado e frias gotas
 Da fronte lhe dimanam incendiada,
 Vagueando ora aqui, alli errante,
 A descansar o forçam dôr, fadiga!
 D'um passado feliz reminiscencias,
 O rosto lhe humedecem d'agro pranto;
 Tomando então a lyra luctuosa,
 Aos ventos solta em vão as queixas suas.

BARDÓ

Ah! bem cedo exp'rimentei
 D'este mundo o vil engano;
 Bem cedo traguei o fel
 Das paixões no desengano!..

Sim; nasci para o martyrio,
 Para chorar e soffrer
 E sem 'sp'rança de conforto,
 Talvez sceptico morrer!..

A fé, venturas, amor,
 O mundo roubou d'est'alma,
 Tirou-lhe os gozos da vida
 E até da gloria a palma!..

Eu era bom, innocente,
 Cria nos homens e em Deus,
 Cria em amor e ventura
 E lhes dava affectos meus;

Mas dos homens a maldade,
 O egoismo, a traição,
 Accenderam da vingança
 O fogo no coração!

Pedi um crime, outro crime;
 Paguei affronta co' affronta
 E cravei n'um peito indino,
 D'um punhal aguda ponta!..

(Continúa.)

MELANCOLIA**A minha irmã Amelia Augusta**

Vês como as folhas que o nordeste embala
 Pallidas, murchas vão cair no chão?
 Taes minhas crenças que a desgraça abala,
 Uma após outra dispersadas são!

Não vês no occaso desmaiar o dia,
 Envolto em sombras de nublado ceu?
 Assim no rosto que p'ra ti sorria,
 Desceu funério, pensativo veu..

E vês as galas sedutoras, lindas,
Que o prado despe com tristeza e dó?
De minha infancia as illusões já findas
Tambem na terra me deixaram só!

Nevadas serras, onde a flôr pendida,
Sem luz se fina, não vês tu além?
E' como os gelos de caçada vida,
D'alma as florinhas roubarão tambem!

Presagio triste que me enlueta agora,
Me diz que as flores nunca mais verei,

A' vida volva a natureza, embora; —
Não posso vê-la remoçar, bem sei!..

Não posso!.. ao menos se na campã amada
Teu pranto amigo uma só vez cair,
Verás a rosa que alli fôr plantada,
Sob teu pranto, junto a mim florir.

Lodeiro 29 d'outubro.

HENRIQUETA ELYSA

A UNS ANNOS

Ô dia desponta, vestindo de gala,
e as rosas se abrem no calix em flôr;
a rôla queixosa espanja as asinhas,
a aurora saudando em ternos requebros,
e arrulos d'amor.

A brisa ligeira a fronte me affaga;
em tudo ha poesia, na dôr é que não...
quizerã n'um hymno cantar vossos annos,
não posso, não sei; mas gravo uma data
no meu coração.

13 d'abril de 1862.

A. A. PLACIDO.

DE NOITE

Iam na praia; terminára o dia;
A voz do mar enchia a solidão.
Ella ás trevas do céu a vista erguia:
Elle olhava sombrio para o chão.

Escutava-se ás vezes da procella
Passar no vento o lugubre rumor;
E nem ella nos ceus via uma estrella,
Nem elle sob os pés tinha uma flôr.

Como o escuro da noite era profundo,
Elle disse-lhe—«O mundo a luz perdeu:
Mas em mim ha mais trevas que no mundo,
Umã encobrem Deus, outras o ceu.»

A duvida fatal á dôr se ajunta,
E ao desalento o espirito conduz.
Tu, que fallas com Deus, a Deus pergunta,
Porque dá trevas a quem busca a luz.»

A voz d'ella vibrou suave e pura
Respondendo-lhe—«a sombra em vós está;
Os astros brilham na suprema altura,
E estas nuvens não chegam até lá.

Eu tambem busco em vão a luz do Oriente,
Eu tambem vou sem luz... mas sinto Deus,
Como o cego adivinha o sol ardente
Pelo almo calor dos raios seus.»

ALFREDO DE CARVALHO.

N'UM ALBUM

O canto do cysne moribundo impressiona as almas privilegiadas no sentir, como o suspirar da rôla ferida, ao repontar da sua ultima aurora.

Porque não fugir então a esse hymno extremo que nos veste a alma de lucto, e vem aguar a doce embriaguez que nos toma, quando respiramos o ar esplendido d'uma natureza prodiga e rica?

Poupal-o quizera eu, meu amigo: eu, que toquei na audaciosa temeridade de ir devassar os misterios do seu alto espirito, e não menos grande coração; onde, hoje, *no meu derradei-*

ro dia, já ataviada com a mortalha funeraria da desesperança, deixo cahir um gemido, que tem o valor d'uma lagrima, na face que o anjo do extremio tocou!

Se é esta uma imagem pungente, affaste-a de si, meu amigo; e procure ainda, e sempre, esse céu tão risonho para os que esperam!... Não póde ser esse o da condemnada!.. Mas, lá, de longe a longe, alongue a vista até o meu sepulchro, e diga com a mão na consciencia: «é uma grande e sincera estima o que sobrevive alli!»

Lisboa, 3 de março...

A. A. PLACIDO.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

I

TORMENTOS D'UMA BOA FILHA

Que desordem havia na casa de Ricardo d'Oliveira!.. Os trastes estavam amontoados, e as sallas cheias de homens, que entravam e saíam; e de magotes d'outros que altercavam aqui, segredavam além.

No sotão estavam a esposa e filha de Ricardo d'Oliveira: a primeira em angustiada desesperação; esta demasiado afflicta e magoada, mas sem a dôr cruel e pungente da mãe, que se tornava em delirio muita vez.

O pae e esposo d'estas infelizes tinha desaparecido, deixando atraz de si uma quebra fraudolenta e desastrosa.

A filha de Ricardo d'Oliveira era uma me-

nina de dezete annos incompletos. Tinha pequena e delicada estatura, rosto sympathico e meigo, olhos e cabellos formosissimos. O seu ar de bondade e doçura occultava um character forte e uma alma magnanima. Tinha, emfim, tanta docilidade de genio, como nobresa de idéas. Julgue-se pois do que soffria a sua alma ao saber os maus procedimentos de seu pae; e quanto padecia seu bondoso coração testemunhando a dôr e desesperação de sua mãe.

—Minha querida mãe, disse ella soffocando o choro, e ajoelhando-lhe aos pés, vendo-a estorcer-se sobre um velho canapé, minha boa mãe, socegue... Ganhe coragem. Accetemos a

desgraça com resignação. Não ha tantos desgraçados no mundo?... Deus não quer que nos revoltemos contra os seus decretos. Tenhamos paciência nas afflições, e seremos menos desditosas.

—Resignação!.. Paciência!.. exclamou a mãe torcendo os braços. Não sabes o que dizes, Maria Isabel!.. Pedes impossiveis!.. Póde-se ter resignação e paciência na desventura, mas na vergonha!.. na deshonor!.. e quando a consciencia nos diz que temos alguma parte na causa que nos mergulha n'esse abysmo!.. Tu, minha filha, poderás encarar o abysmo sem horror: não foste tu que o profundaste; mas eu!.. eu?!.. Eu, esposa louca, mãe imprevidente, dona de casa perdularia?!..

—Minha mãe, socegue!

—Socegarei na campa. Só lá!.. Tu pódes chorar serena, Maria Isabel, e poderás consolar-te: eu nunca!.. Não me interrompas... não pretendas deter a expansão da minha angustia, e da minha cólera contra os auctores de teus desgraçados dias. Deixa-me desabafar! Perdôa, filha, perdôa a tua mãe; ou não!.. amaldiçôa-me e foge de mim! Tu tens uma alma simples, um coração humilde, gostos singelos... Não sais a teus malfadados paes!... Não te pareces comigo. Eu fui altiva e orgulhosa da minha opulencia, da minha formosura e do fausto que me cercava. Casei com muita alegria; não por amar teu pae, mal o conhecia, mas porque elle passava por muito rico, e porque mostrava um gosto decidido pelas grandezas. A sua união comigo fez-lhe desenvolver mais e mais o seu amor pelo luxo.

—Minha querida mãe....

—Ambos cavavamos o abysmo da miseria e ignominia em que hoje nos achamos.

—Mas, minha rica mãe....

—O remorso não me deixará nunca ter socego!.. Concorri para a nossa desgraça!... para a tua, infeliz!.. para a tua, que gemes a meus pés como se fosses tu a criminosa.

—Attenda-me, minha mãe. Não foi culpada... Ignorava o estado da nossa casa. Disse ha pouco que meu pae não lhe communicava nada sobre o mau estado dos seus negocios....

—E' verdade!.. Foi essa uma falta que me cegava... que me deixava continuar a ser perdularia. Mas misera de mim! devia saber que o desperdicio é sempre um mal: que o luxo excessivo póde abalar a casa mais solida. E mesmo quando a riqueza chegue para tudo, não será um crime gastar em futilidades o que podia sustentar muitas familias?... Ah!.. e de que serviu esse enorme gasto que fiz para brilhar mais que as outras? Não serve de mofa tudo isso aos que primeiro deslumbrei? Que vaidade tão doida!

—Minha mãe, como não sabia que estavamos mal... como se suppunha ainda rica, tem desculpa...

—Não!.. não tenho desculpa! Teu pai fez comtudo muito mal em me occultar a verdade. Se eu a soubesse... Mas o desgraçado sorria quando me via fazer despesas enormes... e quanto não havia de soffrer interiormente! O miseravel assentou de conservar, emquanto podia, a mascara, e quando a viu prestes a cair-lhe, fugiu... Foi fraco depois de ter sido imprudente e louco... Dizem que foi peor que tudo isso... que foi ladrão!.. Que vergonha!.. Que vergonha!..

E a infeliz cobriu o rosto com as mãos. Pouco depois continuou com o rosto ainda coberto:

—Todos o hão-de injuriar... Eu sou a unica que devo perdoar-lhe... Fui a companheira de suas primeiras faltas... Concorri para a sua perda... Tu é que não pódes perdoar a teus paes... Legam-te a miseria... a deshonor... a ignominia... a vergonha!..

(Continúa.)

AMORES INVISIVEIS

(A' memoria d'um condiscipulo)

Ha certas almas, cuja tristesa scismadora parece o presentimento vago d'uma curta existencia n'este mundo. Apparições d'um dia, caminham de frente curvada para a terra, como a procurarrem alli um tumulo onde se escondam.

Eu conheci um moço assim, bom como um santo, intelligente como um anjo e triste como um poeta.

Na pallidez suave d'aquelle rosto sympathico havia o signal mystico dos filhos da tristeza, um veu de melancolia atravez do qual se estava divisando o anjo da morte, como a luz frouxa d'um sacrario atravez das cortinas leves d'um templo.

Tinha apenas vinte e duas primaveras aquelle corpo fragil quando o tufão mysterioso da noite atirou com elle, despedaçando-o, sobre a pedra d'um tumulo.

Parece que ainda lhe estou vendo aquelle sorriso triste e resignado, que n'elle tanto era a expressão dos seus poucos jubilos como a manifestação dos seus pezares. Sorria-se sempre, o pobre moço, como se tivesse a certeza de não ter tempo de alcançar aqui muitas alegrias, co-

mo se não quizesse sulcar as faces com o fogo d'uma lagrima para as apresentar puras de toda a macula terrena ao beijo fatal da morte, que lhe estendia os braços.

A ultima vez que lhe apertei a mão foi no jardim de S. Lazaro, por um bello domingo de primavera. Estava elle scismando, poeta do coração, a escutar não sei que muzicas da Norma, que uma banda marcial executava na outra extremidade do jardim. O espirito de Bellini, fluctuando n'aquellas harmonias, parecia ter vindo pousar de manso e espalhar-se como um fluido impalpavel por aquelle rosto pensativo e melancolicamente inclinado para o peito.

Dias depois partiu para Villa Real, sua patria, e alguns mezes mais tarde, aquelle namorado da morte, recebia no leito nupcial d'um tumulo, o primeiro beijo da sua mysteriosa amante.

A' hora do sol posto, um poeta, seu conterraneo, Custodio José Duarte, foi escrever sobre a pedra raza do triste scismador estes versos :

O' virgens que passaes baixando os olhos castos,
frontes que andaes scismando em uma aurora nova,
vêde que procuraes inda que andeis de rastos
o ouro fino de lei perdido n'esta cova.

E tu, poeta, e tu que vaes na hora extrema
do occaso meditar das florestas na calma,
detem-te aqui um pouco e estuda este poema :
se em flor se torna o corpo, em que se torna a alma?..

Vós que um anjo acompanha ao lado todo o dia,
tu que ao bello sómente o canto has consagrado,
ó eleitos do Senhor!.. ó innocencia, ó poesia,
elle era vosso irmão... beijai-lhe o pó sagrado.

Effectivamente n'aquella alma, que se voára, sequiosa de luz e amores, para o seio do Senhor, havia a dupla aureola da virgem e do poeta; participava d'uma pela sensibilidade delicada e fragil, e do outro pela intelligencia intuitiva e pela melancolia scismadora.

E' sempre ephemera e curta a vida terrena d'estes exilados do céu; matam-nos as saudades da patria.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado da pag. 7.)

A donzella, bem que muito afflita, estava mais animada. A desesperação de sua mãe tinha-se moderado. Fallava ainda com vehemencia e angustia, mas já não delirava. Culpava-se a si, mas pensava em perdoar a seu marido, contra quem primeiro só proferia imprecações.

—Minha mãe, disse Maria Isabel pegando-lhe, quasi á força, n'uma das mãos, e apertando-a entre as suas com ternura, ambas devemos perdoar a meu pae. Foi culpado, é verdade, porém não são os culpados tão dignos de lastima, ainda quando nos são estranhos e indifferentes? Então como não ha-de merecer toda a nossa compaixão e indulgencia aquelle que nos pertence de tão perto, e que nos quiz fazer felizes, embora se enganasse no caminho que leva á felicidade?... aquelle que temos obrigação de amar e respeitar?

—Minha filha, tu és um anjo! disse Maria Carlota, a desgraçada esposa de Ricardo d'Oliveira; e segurou com as mãos ambas a cabeça da menina ainda ajoelhada a seus pés; beijou-lhe a testa e derramou um diluvio de lagrimas. A excellente filha sentiu-se tão aliviada com estas lagrimas como a propria mãe.

—Está salva, meu Deus!.. está salva! pensava ella beijando as mãos maternas. Eu vos rendo infinitas graças!

E era quasi feliz na triste situação em que tinha sido lançada pela imprevidente loucura de seus paes. Como somos formados! Na felicidade a mais ligeira contrariedade nos mortifica: no infortunio o mais tenue refrigerio nos consola. O que na prosperidade nos parecia borrasca, na miseria se nos figura bonança.

Maria Isabel consolou por largo tempo sua mãe, e teve por fim a satisfação de vê-la adormecer, cansada de muito chorar. A donzella desprendeou brandamente o pescoço, que sua mãe tinha rodeiado com um braço, não podendo mais tempo estar sem se mecher na posição incommoda em que estava; e, suavemente, fez reclinar sua mãe n'uma almofada, que para alli trouxera já com o intuito de fazer repousar sua mãe. Cobriu-a com um chale, e foi, pé ante pé, cerrar as portadas das janellas. Depois ajoelhou o resou com fervor pelos auctores de seus dias. Interrompeu a sua oração para correr á porta o mais succintamente possivel. Alguem batia ao de leve.

A filha de Maria Carlota abriu, sahio para fóra e tornou a fechar a porta, com medo que sua mãe acordasse.

—Pelo amor de Deus, disse ella ao importuno, não faça motim, meu senhor. Minha mãe fatigada de muito gemer e chorar, adormeceu. Os senhores já viram que n'este quarto está só um camapé velho e um leito muito ordinario. Peço-lhe pelas cinco chagas de Christo que nos deixem estar aqui até a noite.... Temos vergonha de sair de dia.

Diante d'ella estava um mancebo de boa figura, e rosto interessante, vistas compassivas e ar respeitoso. Se ella não estivesse tão preocupada repararia que elle estava com o chapéu na mão. Em todo o dia, quando por vezes fóra buscar agua para sua mãe, tinha encontrado homens com o chapéu na cabeça, que apenas o tocavam ao passar por ella, e ás vezes nem isso.

—Eu, minha senhora, respondeu elle com

voz internecida, se governasse, até as deixaria ficar na sua casa; mas não sou aqui nada. Condoio-me muito da infelicidade de v. ex.^a e da senhora sua mãe, e estou pesaroso por vir augmentar suas tristezas. Meu pae, que é... um dos credores, está muito irado, e quer por força fallar com a snr.^a D. Maria Carlota. Mandou-me rogar-lhe a mercê de lhe ir fallar.

—Tenha a bondade de me conduzir a seu pae; fallar-lhe-hei eu. Minha mãe tem soffrido tanto.... Pelo amor de sua mãe, se ainda a tem, não lhe interrompa o somno. Diga-me aonde acharei seu pae.

—Elle se agoniará mais.... Tratará v. ex.^a com dureza.

—Paciencia; poderei supportar melhor a sua cólera do que minha desventurada mãe.

—Custa-me bem levar a meu pae... Perdoe-nos os desgostos que lhe damos: a mim que a conduzo.... a meu pae, que a tratará mal.

—Vamos, vamos antes que minha mãe acorde. Nada receie por mim.... Agradeço-lhe o interesse que se digna mostrar-nos.

Subiram ao segundo andar. Na sala das visitas, com ricas *causenses*, cortinas d'alto preço, reposteiros d'um custo exorbitante, estavam conversando alguns sujeitos perto d'uma janella. O mancebo disse á donzella, indicando-os:

—Meu pae é aquelle que está fallando, com as costas voltadas para cá.

—Bem podia dizer, sem mentir—«que está gritando».

Maria Isabel adiantou-se um pouco tremula e receiosa. O seu companheiro eclipsou-se; não queria testemunhar a scena desagradavel

que devia ter lugar entre uma infeliz menina e os credores do pae, justamente irritados.

Os que estavam voltados para a porta fitaram vistas descontentes na adventicia, e um murmurou:

—Não basta que nos roubassem o nosso dinheiro, ainda vamos ouvir lamurias.

O homem que estava fallando, ou gritando, voltou-se e disse desabridamente:

—A senhora que quer? Que vem aqui fazer?

Os outros iam-se retirando para a sala do lado do quintal e disseram a outros que lá estavam:

—Deixemos Custodio da Cunha haver-se com a filha de Ricardo d'Oliveira. Por mais tratante que o pae seja, a filha faz compaixão; mas não é possível conceder-lhe nada do que ella ha-de pedir. Custodio da Cunha pretende que a familia sabe onde se occulta o fugitivo e o que tirou de casa; a esposa e filha hão-de sustentar que ficam na miseria. Veremos o que Custodio alcança; conceder de certo não concede.

Na varanda estava o filho de Custodio da Cunha. Olhava para o jardim, que parecia sorrir-se alegre para a bella habitação que o senhoriava, e dizia consigo:

—Pobre menina!.. Aquellas flores que deviam alegrar seus olhos e embalsamar seu quarto, não lhe deixam senão espinhos!.. Ellas mesmo são testemunhas que depõe contra a sua familia. Pobre menina!.. tão bella e tão joven e cair das nuvens no antro da miseria!..

(Continúa.)

REMINISCENCIAS

Contava eu quatorze annos; quatorze formosissimas primaveras me engrinaldavam a fronte adolescente de suas mais viçosas e fragrantas flores, vertiam-me n'alma o doce orvalho de suas alvoradas, transportando-me a viva imaginação a deliciosos Edens de ventura, pa-

tenteando-me a terra prodiga de ridentes arreboes em perennaes sorrisos.

Longe do ruidoso movimento das grandes cidades, e no remanso de modesta povoação do Minho,—este paraíso abençoado de Portugal—fruia eu caricias da familia, no aconchego e santa

paz de nossos patriarchaes costumes. E deslissavam-se os dias semelhantes uns aos outros, mas todos bellos, risinhos e felizes, que não havia desejal-os mais bonançosos.

Meu pae era para mim como frondoso platanio que se nos depara no meio da planície, roubando-nos com sua benéfica e abundante cõma aos ardentes raios d'um sol de Maio.

Minha mãe, a minha extremosa mãe, como todas as mães que o sabem ser, não havia carinhos que não me prodigalizasse; não possuía affectos que não implantasse em meu coração ainda virgem.

Quem ha ali que possa definir areanos, sondar immensuraveis abyssos d'amor que encerra o coração materno? Tu foste, minha mãe, o lucido fanal d'esta existencia; tu quem lhe insuflara os suaves anhelitos d'esse sentimento que redime os homens, chamado amor, apontando-lhe a vereda que conduz a uma verdadeira perfectibilidade moral; tu sim, ó minha terna mãe, que, como a pomba da arca santa, lhe trouxeste—lhe trazes—sempre á bonança n'estes encapellados mares em que navega; e lhe alumias com teus raios de vida as longas noites d'um penoso passamento!

Já então começava de arroubar-se-me a alma em um continuo locubrar de intimas contemplanções. Em agradaveis excursões pelos arabaldes gastava eu grande parte de meus dias, e o tempo fugia para mim mais rapido que o pensamento. Ficava-me horas inteiras no meio das campinas á beira do arroio que percorre um álveo de alabastro, ou na cumiada de proximo outeiro a inebriar-me com o variado panorama que se ostentava ante meus olhos; ora observando os improbos mas innocentes trabalhos campestres, ora a vêr alguma manada de nedios bois que hiam pastando por esmaltadas veigas; por vezes, do alto da elevada collina,—depois de me haver deliciado com a leitura das suavissimas paginas de Bernardin de S. Pierre, ou de alguma esplendida descripção do philosopho de Saint-Malo,—a descobrir lá em baixo no reconcavo do valle, airoso baixel, que através as primeiras neblinas da noite, hia singrando por meio do placido rio, deixando após si longo esteiro

de cristal que enru becem os ultimos raios do so poente.

E n'esses momentos de solitario enlevo sentia-me arrebatado ás mais ignotas regiões d'um puro ideal; sonhava-me transportado aos tempos mais felizes da Arcadia. O mundo era-me então um conjuncto de ineffaveis harmonias!

Ai! eu não via a terra que pisava....

Fatalidade!—Era poeta....

Foi então que eu te vi, ó bussola fatal do meu destino; estrella que me illuminaste a fronte com um clarão que em breve me havia de cegar, arremecendo-me a medonho baratro de trevas! E eu sorri á tua apparição e caminhei sob a tua influencia como creança louca em florido jardim que esconde o precipicio.

Mas forçoso era viver; viver na acceção phisica e restricta da palavra. Procurar no mundo um porvir material e positivo que devaneios d'almas votados ao culto e contemplação do bello não podem grangear. Era preciso desprender-me de tantas e tão suaves affeições que me haviam embalado a infancia, dar o extremo beijo de despedida a meus paes, arrojar-me, nauta inexperiente, no pelago de interesses e especulações em que se debate a sociedade.

Triste e cruelissima foi essa separação!

Era em um calmoso dia estivo como os costuma haver na nossa peninsula. Mui cedo começára a aurora a desdobrar pelos outeiros e campinas seu gracioso manto de rosas, prometendo de ante-mão um dia abrasador.

Meus paes acompanharam-me até o ponto da partida; opprimia-os a angustia de paes que hiam deitar, por ventura, a derradeira benção a um filho estremecido. Eu caminhava ao lado d'elles, conservando silencio que apenas era interrompido pelos soluços de minha pobremãe: esta ao beijar-me deixou resvalar na minha fronte uma ardente e afflictiva lagrima. Meu pae abraçou-me fazendo-me uma affectuosa e vivificante prelecção que terminava por estas palavras—*espera e soffre.*

Parti.

A via accelerada é, ao mesmo tempo que o laço pelo qual se realisa a mutua união dos po-

vos e se prepara a confraternisação social, a inexpugnável barreira que instantaneamente nos separa de tudo quanto havemos de mais caro na existencia.

Parti; e n'um momento achei-me separado dos entes que mais amava no mundo, e esses logares que me escutavam nos brinquedos infantis, os lares paternos, a escola, os condiscipulos, os mestres, montes, valles, planicies que me ouviram as primeiras estrophes de poeta, illusões, recordações, amores, tudo se esvaeceira n'esse instante a meus olhos para só deixar ao coração abandonado a pungente reminiscencia d'um passado que não volta.

As aldeias e povoações do meu querido Minho desapareciam-me na passagem para darem logar a outras povoações e aldeias maiores, mais opulentas talvez, mas que conservavam o aspecto sombrio e monotono de mênos rica vegetação e de um ineulto e arido terreno.

Ao cabo d'algumas horas já eu estava a grande distancia da minha terra. Mergulhava-se o astro do dia por traz d'uma longinqua cordilheira de montanhas desenhando no horisonte diaphana cinta de pallido e açafreado colorido. Fixei esse horisonte; as côres que o retingiam não eram as do sol poente da minha terra, e a luz do astro que se sorria projectava-se-me como clarão de cirios funerarios!

Senti confranger-se-me o peito, partir-se-me o coração. Copioso pranto me inundou as faces: recordei-me das ultimas palavras de meu pae—*espera e soffre...*

Foi desde então que comeei a venerar a lagrima.

Esprei e soffri.

Tenho estudado o mundo; não no hei comprehendido, nem elle a mim.

Hoje, ao revolver por entre as ruinas do passado algumas reminiscencias do que fui, depois de haver comparado os gosos de meus primeiros dias com os innumerados soffrimentos que me entenebreceem o presente, interrogo-me a mim mesmo—o que faço eu aqui?

Espero e soffro....

Então era a alma alimentada pelas illusões e delicioso devaneiar da juventude, agora... não sei o que sou....

Mas já algum critico ahí estará resmoneando com o entono tão proprio de semelhantes entidades—«que necessidade tem o mundo de comprehender as egoistas sensações d'uma personalidade que se some como arêa no grande oceano social?»

Como se a historia negra do *eu* subjectivo não fosse a negra historia da humanidade que soffre!...

E. P. A.

OS DESTINOS DA POESIA CONTEMPORANEA

A poesia egoista transmuda-se na poesia essencialmente liberal e sympathica. E' a larva que se torna em borboleta. Byron declina e some-se nas trevas do scepticismo que elle proprio creára, e Lamartine, esse genio melancolicamente suave como o astro das noites, surge, espargindo em derredor de si um clarão vivificante que desentorpece as imaginações dormentes e arrefecidas, filtrando nas almas os generosos sentimentos do amor, da religião e do trabalho.

O operario, curvado dias inteiros sobre a incede, indifferente á dôr como á alegria, des-

baratando nas tavernas o santo obolo do trabalho, ouve em distancia aquella voz desconhecida e diz:—«é musica!»—detem-se a escutal-a e depois, quando ella se cala, olha para si e vê-se nu como Adão. Então conhece que pensa, sente que chora e comprehende a necessidade que tem d'um amor, d'uma familia com quem reparta a melhor parte da sua alma e o pão colhido na productiva ceara do trabalho e amassado com o suor que lhe distilla da frente e lhe fórma um como diadema de perolas.

Eil-o que sai de casa entoando alegremen-

te a *Marselheza da Paz* e entra na officina cantando; duplicam-se-lhe as forças quando se lembra que o esperam para sorrir, uma esposa, um filho, uma irmã: já não vai entregar-se á embriaguez para esquecer: o que pôde economisar é destinado á compra d'um livro, d'um livro de Lamartine que o console na adversidade, que lhe doure a imaginação com o ouro sem liga das boas idéas, que lhe diga que elle occupa um logar distincto na sociedade e que tem a cumprir na vida um nobre fim.

E' por isso que Lamartine é o poeta mais popular da Europa.

Victor Hugo, o astro-rei da França, levanta-se e innunda-a com o esplendor dos seus raios. Ergue a sua voz de stentor e atira aos quatro ventos do espaço aquellas estrophes que enthusiasmam e arrastam consigo todas as imaginações.

Lamartine era a lympha fugitiva que se escoava entre salgueiraeas reflectindo a saphira transparente dos ceus ou as estrellas da noite. Se algumas vezes um vento passageiro lhe enrugava a face, logo recuperava a sua habitual limpidez e transparencia. Victor Hugo é o Mississippi, arrebatando tudo quanto se antepõe á sua impetuosa passagem e retratando a luz profunda e rubra dos crepusculos. Quem o ouve estremece como se o tocára uma corrente magnetica.

Falla, o mundo presta o ouvido e absorve-se em cogitações. Canta, o homem sente es-

tremecerem-lhe as fibras e repassar-lhe o corpo uma como columna de fogo.

Novo Orpheu, arrebatada e leva para onde quer aos sons da sua lyra o mundo inteiro, que em vão tenta resistir áquella fascinação.

A mocidade desperta. E' que ella entendeu-o e quer imital-o. E' que ella comprehendeu o fim a que se propõe a poesia de Victor Hugo.

Enthusiasticamente progressista, ella fecunda e prepara o terreno que deve produzir novos e saborosos fructos.

Solidamente democrata, o povo entende-a tambem e segue á risca o caminho que ella lhe aponta, esperando resignadamente o seu logar na meza do progresso.

Santamente philosophica inocula em todos os que a prezam, a idéa do infinito e da immortalidade na natureza. Ella lança a primeira pedra no grande edificio do futuro e convida para a ajudarem na grande obra todos os braços, todos os corações, todas as almas.

Em Portugal sentem-se já os seus effeitos.

A mocidade portugueza inflora as suas horas d'ocio com o poetar d'uma nova maneira e por uma nova fórma.

Não é a imitação servil, é a criação semelhante; é a idéa nova tambem, mas que tende aos mesmos fins: ao amor, ao trabalho, ao progresso á civilisação.

PEDRO AUGUSTO DE LIMA.

(Continua.)

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Marin Adelaide Fernandes Prata

(Continuado da pag. 4.)

Horrida sombra me segue!
Sombra de perseguição;
Quer commigo repartir
Eterna condemnação!..

Vai, ó reproba, cumprir
N'esse inferno a maldição
Que te deitou, moribundo,
Um misero n'afflicção!..

Ah! de meus progenitores
Foste a desgraça, o tormento;
Vail e que entre os condemnados
Não tenhas paz um momento!

Tu foste da minha Olinda
O cruel, vil roubador;
Tiraste-me mais que a vida
Levando-me o meu amor!..

Assassinaste meu pae!
Minha mãe morreu de dôr!
E para os vingar, ousado,
Fugi longe ao teu furor!

Familia, amor, riquezas,
Tudo, cruel, me usurpaste;
Quanto á vida me prendia,
Homem traidor, me roubaste!

Disfarçado em pobre monge
Os passos teus vigiava,
E da vingança o momento
Oportuno eu esperava.

Esse instante aifim chegou;
O disfarce meu deixei,
E qual tigre enfurecido,
Minha raiva em ti cevei!

Logo após fugi dos homens,
Deixando um mundo perverso,
E só, entre a natureza,
Vivo em magoas submerso!..

E n'um virente cedro magestoso,
O joven triste, a lyra pendurou,
E de gemer cansado, sobre a relva,
Ao somno por instantes s'entregou.

E nas feições do Bardo adormecido
Notava-se alma paz, meigo sorriso;
Era sonho fagueiro, mentiroso
Que a mente lhe encantava d'improviso.

Levanta-se dormindo, e contra o seio,
Imagina estreitar alguém que amou;
Tal impressão sentiu mesmo sonhando
Que exultando d'amor, logo acordou.

Na solidão, alem os olhos lança,
A visão já buscando, o amor, a vida;
Quer ao sonho dar fé, quer illudir-se
E foi n'alma uma esp'rança inda nutrida.

(Continúa.)

A UM JOVEN PINTOR BRAZILEIRO

Não me enganava, não. Em tua fronte
Crestada pelo sol, eu li poemas
De ardente inspiração!

Não me enganava, não. A tez morena
Do filho dos sertões é claro espelho
D'um nobre coração.

Anima-te, pintor! Pinceis na dextra
E a tēla que nos mostre os vastos mundos
Do teu scismar febril.

Anima-te, pintor! Que a Europa saiba
Que os genios da pintura também fulgem
No solo do Brazil.

Filho do Parahyba, encara a patria!
Que rica inspiração! As matas virgens
Do teu paiz natal,

A cachocira veloz, os altos balsamos,
E as frondosas craibeiras dão mil tintas
Para um quadro immortal!

Filho do Parahyba, surge! E' tempo!
Logar a um genio do Brazil, distincto!
Artista, qual tu és,

Tens na patria um futuro; terás cultos,
E as corôas da gloria hão-de, pomposas,
Cahir sempre a teus pés.

A bordo do vapor *Guicenne*,
12 de setembro de 1864.

A. PINHEIRO CALDAS.

COISAS

AMIGO AGOSTINHO ALBANO

Não sei ha quantos mezes annunciou o *Jornal do Porto* a proxima appareição d'um livro seu, cujo titulo veio fazer-me coegas na bossa da curiosidade.

Antes que me taxe de sobejamente mulheril este enteiramento de animo movido por quatro palavras, apresso-me a declarar-lhe que não concebo como se póde pôr em escriptura, depois de dormir, o que revolouteou pela imaginação antes de dormir. Veja lá se tenho ou não rasão á farta para anciar a vinda do seu livro, em que cuido que pretende contar o que lhe lembra antes de soprar á vela.

Ou o meu amigo não faz mais do que tomar nota de visões muito risonhas que lhe acodem á cabeceira do leito com os derradeiros abrimentos de boca das onze da manhã, ou tem uma memoria que resiste aos enguiços do ultimo charuto fumado, e d'uma ceia de hospedaria em noite duplice. Eu tenho pensado em bonitas coisas antes de adormecer; mas ordenar com esses pensamentos dez linhas de folhetim, isso não posso. Não posso. Depois de acordar, só me lembra que pensei em coisas bonitas, quando não me lembra que tenho de pensar em coisas feias, como são almoçar para poder trabalhar, e trabalhar para poder almoçar no dia seguinte.

Se o meu amigo adormece a pensar, invejolle a tranquillidade de animo que vai por essas meditações dos primeiros alvares do dia. Eu que não posso dormir quando penso, salvo se penso em dormir, costume lèr para adormecer. E que resulta d'estes dois modos tão diversos de chamar o somno? Eu perco uma vela que fica a arder, e não ganho nome, em quanto que o meu amigo não perde a vela, por que a apaga, robustece a nomeada que já tem cobrado no barafustar do folhetim, e folga com a esperança de agenciar dinheiro pela venda dos seus apontamentos de meditações matutinas. Só esta esperança—quanto não vale esta esperança?

Agora olhe. Eu já ia deixando cahir da me-

moria o fim com que embebi no tinteiro uma penna metallica de Birmingham, e tirei a tinta para as primeiras d'estas linhas.

Sem mais. Não sei porque é que tive hontem dôr de dentes, dôr pouco mais estúpida do que a de barriga. O caso é que não pude lèr. Soprei á vela e lembrou-me pensar. A gente tambem póde lembrar-se de pensar. Em Lisboa...

Deixe-me cortar aqui o fio ás idéas.

(O fio ás idéas! Pois ellas tem tido um fio n'este labyrintho de trapalhices?)

Mas com esta segunda interrupção já nem sei o que lhe queria dizer. Ah, sim: era a respeito de Lisboa.

Não sei se sabe que fui a Lisboa ha quatro annos. Depois das minhas excursões a Gaya, á Foz, a Mathosinhos e á ponte da Pedra, é a maior extensão que tenho percorrido.

Foi ha quatro annos. Repare bem: ha quatro annos. Levou-me o *Lusitania*. Hoje vai a gente a Lisboa? pelo caminho de ferro mais de vagar do que então, o que já é um grande progresso, porque não se consomem algumas horas da vida em corridas sem tom nem som, com reprehensível desacato ao nosso velho dictado: —de vagar se vai ao longe.—E depois, no vapor por terra não cabe um homem, nem mesmo uma mulher, em graves inconveniencias como no vapor por mar. Em maré de nauseas morder uma casca de limão na presença da grandeza do oceano! aferrar as mãos ao estomago perante a immensidade dos ceus!! desconcertar-se o interior da gente á vista do infinito!!! Antes de vagar pelo caminho de ferro. Abençoado progresso que forra a nossa fragil natureza ao desgosto de fazer uma triste figura na presença do que é verdadeiramente grande e magestoso no mundo physico!

Mas, como ia dizendo, em Lisboa contaram-me certas coisas debaixo de segredo. Como era segredo, nunca mais me lembraram até hontem, e lembraram-me talvez por causa da dôr de dentes. Soprei á vela e puz-me a refle-

ctir, ás escuras, sobre o modo mais airoso de romper o segredo sem o romper. Não achei outro meio senão o de assumir authoridade episcopal, e chrismar toda a gente que pegava ao fio da meada. Em potencia inventiva a minha cabeça é mesmo uma desgraça.

E pondo aqui o fecho a esta carta, vou

dar-lhe uma prova da verdade d'essa asserção na canha exposição que passo a fazer-lhe das taes coisas de segredo, pedindo-lhe que lhe dê mais bonita feição do que eu sei dar-lhe, para satisfação dos dias de velhice do seu amigo

E. A. SALGADO.

(Continua).

PERGUNTAS E RESPOSTAS

L'exilé partout est seul!

Lamennais—Paroles d'un croyant.

—D'onde vens?—«Venho das trevas...»
—Onde vaes?—«Vou para a luz...»
—Tão curvada a fronte levas!
—«Que admira?... é o peso da cruz!»

—Não tens mãe?—«Deixei-a morta:
Quando sahi do meu lar
A orphandade estava á porta
Sentada no limiar.»

—Não tens irmãs?—«Já tive uma:
Foi a estrella da manhã
Que se perdeu entre a bruma
D'um jazigo!.. Ai! pobre irmã!»

—Não tens amigos?—«Conheço
Uns homens, que o dizem ser,
Mas se um abrigo lhes peço
Nunca mais os torno a vêr!»

—Não tens amante?—«A ironia
D'essa pergunta é cruel!
Tu vês a taça vasia
E vens encher-m'a... de fel.»

—E inda crês?—«Creio no Eterno.
O soffrimento é chrysol...
A's vezes, em pleno inverno,
Tambem ha dias de sol!»

GUILHERME BRAGA.

DESAPONTAMENTO (1)

Eramos sós n'uma sala;
ella em silencio, eu fallava,
e a mim tremia-me a falla...
e a ella a mão que eu beijava.

Amo-te, disse-lhe, e ella
corou, como adivinhando
que, se pallida era bella,
era mais bella corando.

Pedi-lhe, sorrindo, um beijo,
e ella curvou a cabeça,
e depois disse com pejo:
«Não é coisa que se peça!»

Não é?!.. Mas rouba-se... e n'isto
(vejam como eu ficaria!)
á porta da sala avisto...
um priminho que se ria.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

(1) Nota illustrativa. O author d'estas linhas sabe que *desapontamento* é um anglicismo ou um galicismo; mas commette o delicto de leza linguagem, consciô da futilidade da versahada.

COISAS

(Continuado da pag. 16.)

A marquiza de tal (pouco importa o nome annexo ao titulo) está no seu gabinete de trabalho, desenhando a lapis uma paizagem.

Que uma marquiza tenha, por vaidosa ostentação um gabinete a que chame seu gabinete de trabalho, admitte-se.

Falta, portanto, admitir a segunda parte do primeiro periodo. Mas como fazel-a aceitar por expressão da verdade? Se valesse a palavra de esgaravatador da vida alheia....

Não sabendo ainda com que valor corre o genero na praça da litteratura, limitar-me-hei a repetir que a marquiza estava a desenhlar a lapis uma paizagem, e acrescentarei que entendia muito de pintura, e que nas paredes d'esse gabinete havia quadros de merecimento.

Já está no outro mundo quem me contou esta historia. Estou convencido de que me disse a verdade porque nunca imaginou que eu me abalçasse um dia a pôr algumas coisas em lettra redonda. Se mentiu, nada perco com isso, nem tambem perde o leitor. Quem perde, com certeza, é o meu finado amigo, que era uma excelente creatura, mas que não se livra, no julgamento supremo, de dar contas das suas mentiras, como coisa feia que é e linguagem de Satanaz, contra a qual bom será prevenir o leitor, advertindo-o de que um grande santo condemnou a mentira, mesmo no caso de depender d'ella a salvação do mundo.

E um relatorio minucioso das qualidades physicas e moraes da marquiza? E uma descripção do seu gabinete de trabalho?

Quanto ao gabinete, mais cadeira para aqui, mais sofá para acolá, disponha-o o leitor como quizer. Se eu um dia fizer d'estes garavunhos um romance de mão cheia, pôde contar com descripções de salas e quartos e gabinetes e recamaras, que deixem a perder de vistas muitas estopadas de Balzac e Eugenio Sue. Por ora não.

Quanto á marquiza, poderei dividil-a em

duas partes: 1.^a Alma ou qualidades moraes
2.^o Corpo ou qualidades physicas. E passando a sub-divisões, darei para a alma o seguinte:

Art. unico. Mais adiante se verá o que vale.

E para o corpo o que segue:

Art. 1.^o Era uma mulher.

Art. 2.^o Era casada com o marquez de tal de Santa Ignez, por exemplo.)

Estava, pois em pé e por detraz da marquiza, como iamoz dizendo, o snr. Luiz Augusto, professor de desenho e pintura, vendo como; ella trabalhava.

O desenho concluiu-se, e depois não havia nada mais natural do que travar-se entre os dois o seguinte dialogo:

—Está um desenho perfeitamente acabado, senhora marquiza. Seria difficil imitar e impossivel exceder esse mimo de execução.

—Levantou-se hoje com geito para a lisonja, snr. Luiz Augusto?

—Lisonjas! Nem eu sei tecel-as nem v. exc.^a as aceitaria. A lisonja é um abysmo onde muitas vezes se perdem grandes vocações, e não serei eu quem ponha estorvos ao talento artistico de v. exc.^a

—Essa agora ainda é mais subtil, pois não é?

—V. exc.^a levantou-se hoje com geito para ser injusta?

—Oh! não, não. Conheço-o bem para poder estremal-o d'essa turba de levianos que me cortejam nas ruas, nos jardins, nos salões e em toda a parte, martyrisando-me os ouvidos com a incansavel repetição de elogios a dotes de corpo e espirito de que não tenho a vaidade de me julgar possuidora.

—Agradecido, snr.^a marquiza; mas não era preciso recordar-me a distincção com que v. exc.^a se tem dignado tratar-me, sem reflectir um momento que o artista...

—Oh! cale-se, atalhou a marquiza com ex-

trema affabilidade. A nobreza do ingenho não tem que invejar á do sangue. A corôa de gloria do artista que não tem na historia da sua vida um facto que o deslustre, vale mais do que o brazão do titular que, quasi sempre, disfructa no regaço do ocio as liberalidades da fortuna caprichosa. Conhece muito bem a altura do pedestal a que eu elevo o homem que sabe nobilitar-se pelo ingenho e pela virtude. Sabe que para os loucos de que ainda agora fallei, sou a marquezia de S. Ignez; para um homem como v. s.^a— e aqui a marquezia estendeu a mão para Luiz Augusto que lh'a apertou com reconhecimento—sou Elisa de Vilhena. Mas.... fallemos em outra coisa. Queira assentar-se.

—Sou portador de novas que hão-de causar a v. exc.^a o mais vivo prazer.

—Sim? E estivemos a perder tempo com frivolidades! Temos a historia de mais algum infeliz, não?

—Mais uma infeliz, snr.^a marquezia, que carece d'um coração onde deposite o segredo das suas amarguras, e d'uma mão que lhe ministre o óbolo da caridade, para não ter de succumbir sob o peso da indigencia.

—Onde encontrou essa desgraçada? Conte-me tudo. Bem vê que estou anciosa por ouvir-o.

—Hoje haverá talvez uma hora, estava eu em casa e foi-me annunciada uma senhora vestida de luto, que desejava fallar-me. Não dêra o nome ao meu criado porque, dizia ella, eramos completamente estranhos um ao outro. Recebi-a. Atravez do veu que lhe cobria o rosto, vi formosas feições d'uma menina de vinte annos. Foi, por certo, um primor de belleza antes que a desventura lhe estampasse no rosto as provas de grandes soffrimentos, Todavia a palidez e magreza das faces não desmentiam ainda a existencia d'uma rara formosura em annos mais felizes.

—Hei-de vel-a breve, não, snr. Luiz Augusto? atalhou a marquezia manifestando o mais vivo interesse.

—Talvez antes de meia hora. Como alguém já sabe que tenho a honra de ser o confidente de v. exc.^a nos seus mysterios de caridade, como v. exc.^a lhes chama, pensei que era de v. exc.^a que ella iria fallar-me. Enganei-me, Disse-me que era irmã d'um artista fallecido há poucos mezes e que vive com sua mãe e uma irmã de quatro annos; que nunca lhe sorrira a felicidade porque o producto do trabalho de seu irmão mal chegava para os meios mais indispensaveis de subsistencia, e depois da morte só ella podia trabalhar para sustentar uma creança e uma pobre velha que gemia no leito de dores, onde breve deveria morrer á mingoa e recursos que atalhassem os rapidos progressos d'uma molestia assustadora. Seu irmão era pintor. Depois do seu fallecimento, a venda de algumas pinturas que deixára, servira para suavisar um pouco o rigor de tanta infelicidade; mas agora só lhe restava um pequeno quadro, que era o retrato de sua irmã, que ia mostrar-me, como conhecedor, para ser avaliado.

Até aqui fallou bem o snr. Luiz Augusto. Mas agora viria muito a ponto a tal pintura, e para sua apparição poderia eu empregar diferentes processos, por exemplo a descida d'um anjo, por arames, acorados em nuvens d'algodão, e outros ao mesmo passo vistosos e acareadores de alta fama para o inventor de lances inesperados. Contentando-me, porém, com a belleza da verdade, farei apparecer um criado da marquezia que vem dar um talho no palavreado do snr. Luiz Augusto, apresentando um pequeno quadro que, diz elle, acabava de ser-lhe entregue para s. s.^a

E. A. SALGADO.

(Continua.)

MARIA ISABEL

POR

MARIA PEREGRINA DE SOUSA

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado da pag. 10.)

II

UM BEMFEITOR

No entanto Maria Isabel respondia com mansidão e dignidade ao seu interpellante:

—Disseram-me que v. exc.^a queria fallar a minha mãe, e como ella não podia vir....

—E porque não póde? Está aleijada? Repliou arrebatado o colerico credor.

—Senhor, tenha compaixão d'ella!... Teve horas de tanta desesperação... e depois chorou tanto que, extenuada de forças phisicas e moraes cahiu em somno.

—Ah!... sim!... Ella dorme, tendo-nos tirado o somno, a mim e aos mais credores!... Sabe aonde ha-de achar os valores que nos subtrahiu. Póde dormir socegada. Os tolos dos credores que se arranjam como poderem com meia duzia de farrapos e de cacos. Os nossos contos podem comer-se em paiz estrangeiro, se os portuguezes voltarem as costas aos ladrões. Mas não voltarão não! são muito humanos para quem fica rico. Passado o primeiro momento em que nos dirão na cara a verdade nua, só pelas costas, e a medo, nos alcunharão d'infames espoliadores.

Custodio da Cunnha passeiava agitado d'um para o outro lado do meio d'este discurso para o fim, sem attender á infeliz menina, e como fallando comsigo em voz alta. Maria Isabel estava immovel, com a cabeça inclinada sobre o peito, as faces incendiadas e as lagrimas a marejarem-lhe nos olhos. Ergueu a cabeça por fim e disse com voz tremula:

—Tem rasão, meu senhor... tem rasão de

estar agoniado; mas minha mãe não teve culpa de nada: e juro-lhe, pela salvação da minha alma, que nem ella nem eu temos nada senão os vestidos que nos cobrem.

—Sua mãe não teve culpa?!... Não ajudou ella e mais a senhora a desbaratar o que tinham e o que não tinham deitaram á rua, pela janella, os dinheiros que lhes não pertenciam, e agora dizem: «não tivemos culpa!» Não vimos nós os seus guarda-vestidos cheios de sedas, veludos, pelles e rendas? as gavetas amontoadas de nigromancias que custaram um dinheiro tolo? os quartos e salas amontoadas de inutilidades d'alto preço?..

—E' verdade!.. Gastamos mais do que deviamos. Temos só a desculpa de ignorarmos que não podiamos com essas despezas escusadas.

—Sim, sim! Gasta-se, desperdiça-se e depois diz-se: «nós não sabiamos.» E a gente honrada e modesta, que vive com a maior economia que veja engolido o fructo do seu trabalho em um abrir e fechar d'olhos n'esse sorvedouro que nos preparam com arte diabolica.

—Tem rasão em estar agoniado; mas... e ella ergueu as mãos, perdôe-nos... perdôe-nos pela boa sorte de seus filhos.

—De meus filhos que os senhores roubaram!... Mas não me queixo da menina; era muito nova e não governava; e tambem nos seus guarda-vestidos e gavetas não era onde se encontravam mais bagatellas de grande preço; mas

sua mãe!... E ella havia de saber mais do que diz; e agora deve ter a certeza de achar algures a riqueza... Tinha usado o que nos deixou, comprará coisas novas.

—Juro-lhe que se engana. Vamos recolher-nos a casa d'uma pobre e honrada viuva; e assim como hoje não jantamos senão dois biscoitos, amanhã não jantaremos senão meia duzia d'elles, que metti no bolso. E' a unica coisa que tirei de casa. Depois ganharemos o pão com o trabalho de nossas mãos.

Custodio da Cunha deu uma volta pela sala e aproximou-se d'outro sugeito, que chegava á porta de vez em quando e escutava o dialogo.

—Senhor Amaral, disse Custodio da Cunha encarando n'elle, esta menina acusa-nos de crueldade!... Que lhe parece?...

—Eu, senhor?!... exclamou a donzella. Em que acuso v.^{as} exc.^{as}?!...

—Diz-me na cara que tirou só meia duzia de biscoitos! Quem a estorvou de tirar mais? Diga!...

—Ninguem, snr. Mas eu tive só em vista o primeiro momento; e a lembrança de minha mãe é que me obrigou a apoderar-me d'esses mesmos.

—Pois apoderasse-se de todos. O que nós queríamos era o dinheiro.

—O dinheiro que tinhamos ficou nas gavetas.

—Grande coisa lá se achou!.. Ficamos ricos.

—Senhor, se me dá licença volto para minha mãe, que se affligirá se acordar e me não

vir. Perdôe-nos, e acredite que não tiramos nada de casa.

—Já lhe disse, e repito, não me queixo da menina, que me parece innocente n'esta tratada; os ladrões foram....

—Pelo amor de Deus!... Se lhe parece que não tenho culpa, não me insulte mais! Não me envergonhe, pela boa sorte de seus filhos!.. Que elles nunca soffram metade das torturas que hoje tenho soffrido. Ouvir ralar de nossos paes e não podermos defendel-os senão com lagrimas!... Conhece o snr. martirio igual a este?! Antes queria ser esbofeteada... calcada aos pés... vilipendiada na minha individualidade, do que ser desprezada nas pessoas d'aquelles que me deram o ser.

E as lagrimas corriam pelas faces da infeliz menina: não pôde mais tempo retel-as.

—Perdôe... disse com voz breve Custodio da Cunha, mas quem tem culpa d'isso? Queria que louvassemos o procedimento de quem nos roubou?

—Pedia a mercê sómente de serem poupados meus ouvidos... e a licença de me retirar.

—Eu não a chamei, nem a detenho.

Ella curvou-se diante do credor enraivado, antes de se retirar; elle deitou a mão ao chapéu e ficou murmurando:

—Estou agora persuadido que esta infeliz não sabe d'um real subtrahido. O tratante do pae pôz-se ao fresco com a caixa militar. Está a tocar berimbau, e deixou a mulher, filha e creadores a vêr navios.

(Continua.)

UMA ESPERANÇA DESFOLHADA

No album d'uma minha amiga

Vou pegar na minha lyra,
Ha tanto tempo olvidada;
Quero vêr se ainda solta
Algum som, a malfadada...

Minha lyra, eu quero um hymno
Dos que sabias cantar
Quando um meu sorriso vinha
Tuas cordas afinar.

Eia pois, eu quero um canto
 Todo meiguice e ternura,
 Que possa voar ás folhas
 Do Album da virgem pura.

Quero que seja mavioso.
 Qual harmonia do céu;
 Modesto como a violeta
 Que se esconde em verde veu.

Tão meigo como o trinar
 Do mimoso rouxinol
 Quando vem cantar saudades
 A' hora do pôr do sol

Tão suave como a brisa
 Por uma noite de v'rão;
 Tão singello e verdadeiro
 Como é.... meu coração.

.....

 Dedilhei nas fracas cordas,
 Ficou muda a malfadada!
 Em vez de canto só tenho
 — *Uma esp'rança desfolhada.*

Veiga—Janeiro—1865.

D. EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUZA TELLES.

SOU TRISTE

Sou triste como os raios descorados
 Da lua, nas vidraças d'uma igreja!
 Sou triste como aragem vespertina
 Que entre os despidos olmos rumoreja!

Sou triste como as selvas solitarias!
 Sou triste como a voz d'um sino, á tarde,
 Quando o mar, como um lago de escarlata
 Recebe em si o sol que já não arde!

Sou triste como as folhas desprendidas
 Pelo outono do pallido arvoredos;
 Sou triste como a rôla, que descanta
 Na solidão do bosque, á noite e a medo!

Sou triste como a cruz que dá aos mortos
 A amiga sombra, em ermo cemiterio;
 Sou triste como os ais de flauta ao longe,
 Saudosa a suspirar doce mysterio!

Sou triste como a onda, ás horas mortas,
 A estender-se em espuma pela praia!
 Sou triste como as torres de um mosteiro!
 Sou triste como o sol quando desmaia!

Sou triste, e só depois que te ha perdido
 Meu olhar, só depois que tu partiste
 Solta no espaço a procurar as côres
 Que se embalam no céu. é que sou triste!

Dezembro—28.

DIAS D'OLIVEIRA.

◉ AMOR RECOMPENSADO

Não é só nas cidades, nos grandes salões
 do baile, onde as vistas se cruzam, incendidas
 na chamma de Cupido; onde os corações cheios
 de fogo parece quererem saltar para fóra do seu
 ambito, anhelantes de maior espaço; onde a ima-
 ginação se libra alterosa nas azas da poesia; on-
 de o riso e as graças voíteam deslumbrantes por
 rostos formosissimos, por collos de alabastro,
 por frontes radiantes d'uma aureola virginal;—
 não é só nas cidades, digo, que o amor se sente

nos seus maiores transportes, e se manifesta por efeitos mais surprehendentes e sublimes. Não é só nas cidades, por cujas ruas passeia o vicio encastado em virtude, o orgulho em submissão, a sinceridade em réfolhamento, que se encontram almas grandes, corações firmes e devotados.

No campo, n'este abrigo de innocencia e ventura, n'este theatro d'encantamento e dulcissimos prazeres, em que a natureza silenciosa é o idyllio da creação, ahí, sim, ahí acharemos nós a felicidade no seu melhor remanso, e as imagens da vida nos sorrirão mais encantadoras. Excellencia de acções, nobreza de sentimentos, firmeza de character, e até, no amor, a maior lizura, extremo e dedicação, caracterizam vivamente a gente do campo.

E' pois, da gente do campo que eu vou contar ao leitor um conto, que me occorreu á memoria, tão singelo na fórma, como encantador na idéa.

Vivia n'uma aldeia, não mui distante de Braga, um rico proprietario, homem de generoso coração, e de brilhantes e elevadas qualidades d'espírito. Faziam as delicias de sua vida uma consorte que o mais sincero e devotado amor lhe conquistára, e uma filha, toda encantos, por nome Maria.. anjo que baixára do céu para com sua existencia encher de consolação a alma generosa d'aquelles esposos abençoados. Crescia esta menina, e com ella os dotes que a natureza prodiga lhe outorgara, sendo assim a alegria e o gosto de seus paes affectuosos, e a admiração de todos quantos n'ella attentavam.

Completava esta familia um mancebo, orphão de pae e mãe, que a caridade do honrado proprietario salvára da fome e da miseria, chamando-o para junto de si e dando-lhe o que nem de seus paes lhe foi legado: — uma boa educação.

Disse *completava*, pois era tal o amor e distincção de que vivia Henrique (assim se chamava) em casa de seu pae adoptivo, que ninguém de certo diria não pertencer elle á familia.

Debaixo do mesmo tecto, aviventados pela mesma atmospherá, fruindo os mesmos prazeres, e pulsando a mesma corda de affeições,

eil-~~cs~~ os corações de Henrique e Maria a abrirem-se aos primeiros beijos d'amor, como a flor se mostra rubicunda aos primeiros raios do sol.

De mais um anno que Maria, Henrique não é formoso, mas um não sei que de sympathico em seu rosto, e de penetrante e nobre em seu olhar, o tornam bem-quisto e amado de todos.

Para Maria, porém, estas qualidades são-n'ó, em sobejo, de formosura. Para celebrar seu nascimento havia seu pae plantado algumas arvores, cuja folhagem contava já dezeseis primaveras. Era á sombra d'ellas que Henrique e Maria costumavam fallar a sós do seu amor. Alli se juravam constancia eterna, sentados sobre um tapete de relva, ouvindo o gorgear suavissimo de um côro de passarinhos, que se davam por missão entoar um hymno de melodias estranhas áquelles dois entes felizes, que no meio da maior innocencia e tranquillidade se enlevavam em extasis de puro amor, sem ainda saberem que a taça porque bebem os seus vassallos, nem sempre é goso e doçuras.

Como quando limpo e sereno o ceu, e o sol resplandecendo no horisonte, subito uma nuvem lhe empana toda a sua claridade, assim por sobre as almas de Henrique e Maria em breve se veio desenrolar um denso veu de tristeza e saudade.

Era no verão. A terra enviava ao ceu as suas harmonias na harpa sublime da natureza. O rei dos astros ia deixando as serras, e o crepusculo da tarde annunciara-se em toda a sua magia poetica.

O aldeão regressava do trabalho, com o suor no rosto, mas com a satisfação na consciencia de haver colhido o seu fructo em prol da esposa e de seus filhos estremecidos. A paz e o socego começavam a espalhar-se pelos valles, onde a timida violeta ia em breve adormecer-se, protegida pelas sombras da noite, para, em repondo a aurora, apparecer com novas galas e feitiços. A corrente dos ribeiros susurrando mansamente ao longo das campinas, e o chilrear alegre das aves acoitando-se aos ramos das arvores, seu abrigo nocturno, vinham dar a este quadro de poesia as côres mais bellas e encantadoras.

Henrique e Maria n'este momento admiravam ambos a magestade de taes scenas, e confundiam seus sentimentos, agradecendo ao Author de tanta grandeza e sublimidade o haver-lhes dado dois corações, onde existia o germen da sua futura felicidade, a qual costuma fugir, quasi sempre, áquelle que a segue, imaginando alcançal-a.

Continua).

H. M.

Do passado co'as lembranças
Inda est'alma se commove...
Tinha seis annos; eu nove;
Eramos duas creanças.

Eramos duas creanças
Louras, risonhas, inquietas...
Tu atraz das borboletas
E eu atraz das esperanças.

Nas velhas ruas da quinta
Que brincar! fazia assombro!
Eu co'a mão sobre o teu hombro
Tu co'a a mão na minha sinta.

Corriamos o arvoredado
D'onde as aves espantadas
Ao som das nossas risadas
Fugiam, cheias de medo!

Um pintor faria um quadro
De muita melancholia,
Ao vêr-nos, em fins do dia,
Sentados na cruz do adro.

Hoje... essa historia, define-a
Um cypreste, por memoria!
Nós tivemos uma historia
Como a de Paulo e Virginia!

GUILHERME BRAGA.

AMA-ME

Porque a melancholia
do teu olhar incerto
se troca em alegria
quando de ti sou perto?

Porque em subito fogo,
em chamma inebriante
as faces tens, e logo
o seio palpitante?!

Que doces melodias
são essas em que fallas,
que em loucas alegrias
me sinto ao escutal-as?!

Como me cõa n'alma
o som mysterioso
d'esse hymno, todo calma
a um peito angustioso!

A vida se m'inflora
co'um teu veloz sorriso,
e cuido vêr a aurora
raiar no paraíso.

N'esses teus olhos castos
eu leio o meu destino,
eu, que no mundo a rastos
vagando vou sem tino...

Da vida preso ao nada
eu sou a flôr do monte,
que vive sepultada
antes que o sol desponte!

Tu pôdes levantar-me
de tão profundo horror...
Ama-me! e aos ceus levar-me
irás no teu amor!...

H. M.

A MULHER

Olhai a virgem pensativa, como na sua consciencia se refletem as primeiras impressões de amor platonico!

Vêde aquelle contemplar! É como o respeitavel ancião d'alvas cans, interrogando os ceus sobre a felicidade eterna, conhecendo mal a sua alma, e elevando o seu pensamento tão alto!

Nos seus verdes annos, eil-a discorrendo com toda a liberdade da alma! Como é nobre e altivo aquelle olhar!

Mas ah! algumas lagrimas lhe assomam ás faces: assimelham perolas. No mundo explica-se isto tudo por uma só palavra: chama-se— «amor.»

Ao vel-a dir-se-hia examinar o sabio scismador, encarando a poesia dos ceus! E comtudo ella não desprende o seu meditar da terra.

Parece que uma aureola divina lhe illumina o rosto virginal! Mas não é uma luz divina, é uma luz humana, que lhe dá fogo aos olhos e vida ao coração.

Aponta o teu emblema da innocencia, filho do pó, e á força de ser humana, torna-te divina!

Vês aquelle olhar inquieto? aquelle meditar cheio d'inspiração? aquelles sorrisos prestes como relampagos?

Sabeis o que significam?... Perguntai-o ao coração! Elle vos responda, se já amou.

Voltai Ovidio ao mundo dos amores! Fazei novos poemas! Exaltae as fôrmas graciosas e seductoras das vossas favoritas!

Elevai essas mulheres em vossos cantos, nas mais bellas epopeas; que eu jámais esquecerei a mulher do seculo.

Se Deus quando lançou o homem a essa impetuosa corrente das paixões, o tivesse isolado d'esse ente feminino da criação humana, cingir-lhe-hia a coroa do martyrio.

O homem, esse verdadeiro rei da criação, e nunca um insecto ephemero, como dizia um dos antigos phylosophos da China; o homem,

sentiria calcarem-lhe o germen da felicidade, d'onde nasce toda a poesia da sua alma.

Homem sem mulher, é coração sem poesia, é alma sem vida. Seria, segundo dizia um dos nossos poetas:

Solitario o exilio o pensamento
Pela amplidão do espaço andando immerso
Como o ecco dorido d'um lamento.

Deus, o Rei Supremo, entendeu, e entendeu bem segundo a humanidade, que a mulher era necessaria ao homem, tal como o ar á vida.

Pensando, na sua alta philosophia, que ella era para o homem á similhança d'um principio vital, encheu-a d'encantos, graças e attractivos.

Deu á materia a formosura; o espirito encheio de suavidade.

Mas a mulher, esse oceano de graças em que todo o homem deseja mergulhar o seu espirito, é o ideal do paraíso personificado?

Não, infelizmente, não: porque não havendo rosas sem espinhos, a mulher tambem tem os seus.

Oh! e os espinhos da mulher evidenciaram-se bem cedo.

O primeiro homem, n'um paraíso de delicia mal precisava desprender suas meditações da terra, para saborear a felicidade na sua essencia, e não os seus reflexos, como nós volvendo os olhos ao horisonte, interrogando as maravilhas da natureza na immensidade do espaço.

E quem o arrancou a esse sublime paraíso?

Foi o espinho da primeira rosa. E todas as gerações tem vergado ao peso da imprudencia d'uma mulher!.....

....Qu'importa?! Se é ella que faz a felicidade do homem!

H. MOREIRA.

OS DESTINOS DA POESIA CONTEMPORANEA

(Concluido da pag. 13.)

Disse Pelletan, o grande apóstolo do progresso, que a poesia rimada morrerá. Engano: a poesia rimada não morre, decompõe-se e transforma-se segundo as épocas. E' semelhante ao sol que ás tardes nos desaparece nas brumas do occaso para, na manhã seguinte, se nos mostrar mais cheio d'esplendores.

Cada dez annos surge uma nova pleiada de poetas cantando segundo os seus tempos. A de hoje canta como o exilado de Jersey que ella tomou por chefe da sua escola seguindo em tudo as pisadas do mestre.

A forma da poesia da actualidade sendo, como é, a de Victor Hugo, é realmente para sentir que ella desagrade aos sectarios do antigo systema de poetar, combatendo-a, ou, o que ainda é peor, fingindo não entendel-a.

Ella acaba apenas d'implantar entre nós as suas raizes, e apesar de tudo, essas raizes já profundam o seio da terra, a cõma é já frondosa e os seus fructos ainda que temporãos já têm o seu especial sabor.

Esta poesia assim ha-de ensinar o povo a considerar-se como rei e a vêr nas suas boas ou más acções, uma corõa ou um cilicio.

Ella ha-de incital-o ao trabalho e fazer-lhe comprehender que sem elle o homem é inutil á sociedade.

Consagrada com preferencia á sua illustração, deve moralisal-o e induzil-o a proteger a mulher que por sua vez lhe servirá de amparo.

Ao povo, especialmente a elle, é que ella deve ser destinada porque é d'elle que hão-de sair os elementos constitutivos da sociedade moderna... porque é d'elle principalmente que devemos esperar um brilhante porvir á nossa terra.

A' poesia pertence o instruil-o, o inicial-o nos segredos da vida, fazer-lhe sentir o santo amor da familia, da patria, da liberdade, do trabalho e do progresso.

De que nos serviria para isto, que deve-

mos procurar obter d'elle, a lamuria constante dos poetas falsamente desalentados?

Se a poesia é o sentimento, esse deve ser escolhido cuidadosamente para que aquelles que a leiam se achem suavizados quando precisem de conforto e nunca o egoismo da dôr e da desgraça.

Que produziu a poesia byroniana? o scepticismo real ou fingido, o desprezo da mulher e o abandono da religiãõ. Será isto com que devemos contar da poesia contemporanea?

Temos a esperar e muito, que a mocidade a quem está confiado o trabalho improbo de difundir conhecimentos cultivando as muzas, se lembre qual o fim que se propõe a poesia moderna, e, partindo sempre do principio, que os homens d'hoje e principalmente a classe laboriosa que lê em horas d'ocio, precisa d'alentos e deve forçosamente achar conforto nos livros para ter a coragem necessaria de levar ao cabo a obra já começada, e que aos poetas essencialmente pertence o illustral-a consolando-a, ajudando-a e animando-a a proseguir na ardua carreira da vida e obrigando-a, por assim dizer, a contemplar com gosto a idéa do futuro progresso e ensinal-a a preparar o terreno que deve servir para outros collocarem a base e aonde outros ainda, rematarão o grande edificio do futuro, o templo da emancipação do trabalho e do amor da humanidade e nunca infundindo-lhe o aborrecimento, o tedio e o indifferentismo por quanto ha de bello em nós e na natureza.

A poesia assim não poderá morrer porque ella será de todas as épocas, porque ella será um linitivo para aquelles que, fatigando o corpo, querem satisfazer o espirito minguado de distrações.

A vida parecerá menos pesada, o trabalho será mais appetecivel, o amor mais desejado e muito mais avaliado.

Que póde aprender-se nos antigos livros de

poesia? que a mulher atraíçoa? que o homem é um tigre? que Deus é injusto? De que servem essas doutrinas? alguém aproveita com ellas? Apenas poderão servir para eivar o entendimento com a pegonha das supposições e produzir na intelligencia o estado marasmatico do fisico no derradeiro praso.

Hoje que as intelligencias, logo ao nascer, se declaram n'um estado de lucidez immensa, hoje, digo, essas loucuras serviriam tão sómente para corromper tanto mais o espirito quanto elle é mais claro.

E' indispensavel que aquelle que se destina a traduzir em verso, tudo quanto se lhe apresenta diante dos olhos da alma, se lembre de que o povo é o que mais precisa d'illustração e o que mais a deseja, e que para lh'a dar e poder alcançar d'elle alguma cousa, é necessario fazer-lhe comprehender a que se destina hoje a vida e para o que ella se sacrifica.

PEDRO AUGUSTO DE LIMA.

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Maria Adelaide Fernandes Prata

(Continuado da pag. 14.)

BARDO

Oh! quem morrêra sonhando
Um sonho tão venturoso;
Embora fosse illusão,
Mas era um sonhar ditoso!..

Só idéas pavorosas,
Lembranças amarguradas,
Ha muito que nem dormindo
Sonhava glórias passadas!

Ah! bem hajas sonho amigo
Que assim vieste afagar
Quem nas solidões da terra
Vive só para chorar!

Sonhei-a triste nos bosques,
Solitaria a suspirar;
Tão pallida, emmagrecida,
Como a quizera encontrar:

Qual a rosa delicada
Que em aureo vaso nasceu,
Mudada para o deserto
Emmurchece, a côr perdeu.

Lindas galas que na côrte
Suas graças realçaram,
Em negro manto, sem arte,
Nas solidões se mudaram!

Como assim era formosa!
Como est'alma inda encantou!
Cercada outr'ora de fausto
Mais amor não lhe inspirou!..!

Se dos seus lindos cabellos
A côr tivesse mudado,
Se a saudade a envelhecera,
Muito mais a houyera amado!

Mas as faces macilentas,
Os olhos já encovados,
Traduzem do coração
Os dias amargurados!

Brando somno, em tuas azas
Acolhe o triste amador,
Deixa que morra sonhando
Nos braços do seu amor!

Meigos sonhos feiticieiros,
Dai-me de novo a visão,
Dizei-me onde Olinda vive,
E se por mim tem paixão;

Dizei-me se de saudades
Ella vive, a suspirar,
Ou se já no ceu fulgura
Dos puros anjos a par;

Ah! dizei se outro mortal
Tambem foi por ella amado,
Ou se, fiel aos seus votos,
Jámais me tem olvidado.

Era na hora em que o sol formosos raios
No seio do oceano hia esconder;
Era silencio tudo, só se via
Nas solidões o Bardo a percorrer;

E no sonho feliz inda scismando,
Longo tempo ao acaso caminhou,
E no mais ermo sitio das montanhas
Co'um venerando er'mita deparou

(Continúa.)

A MINHA IRMÃ

Quiz dar-te hymnos d'amor, debeis os dedos
não sabiam soltar da lyra o canto.

T. RIBEIRO.

E' sublime, é bello e attrahente o magico encanto em que apparece envolta a grata e rouxa aurora d'um dia de peregrina belleza, ostentando tanta formosura, quanto é sublime o mysterioso e indefinivel respeito e veneração que nos incute n'alma o terno murmurio d'uma fontinha limpida e amena, a cahir preguiçosa no fraguado d'uma quebrada, e em cujo espelho de cristal o astro da saudade reflecte, coados pela folhagem de copadas acacias, seus pallidos e melancholicos raios!...

Assim tua existencia se deslisa, cara irmã, radiante de belleza e suave candura; belleza e candura que mais realça quando fitas o azul da immensidade, como querendo prescrutar os arcanos do futuro, onde tua alma nada mais póde ver que o impossivel e a innocencia de teu coração; e depois baixas teus bellos olhos, como arrependida da acção que commetteste, e acceitas, meiga, de cada primavera, que donairoza te sorri, as tambem innocentes florinhas com que adornas a corôa de virgem sympathica, enfeite simples de tua bella fronte.

E' hoje o feliz dia de teu anniversario natal, amavel companheira da minha infancia, e

meu peito, jubiloso, exulta de prazer ao contar os dezenove annos que prefazes, no decurso dos quaes tens sempre caminhado sobranceira pela aprazivel senda que o destino te marcára, recamada de odoriferas boninas; pois que tua alma é pura e sancta como a poesia em que nos sentimos arrobadas n'uma tarde de maio, quando o sol, no zenith do horisonte, lança ao cume das montanhas seus bruxoleantes raios, e ouvimos por entre o leve rumor das sombrias faias, ou virente folhagem, hafejadas pelas auras, que orlam a margem d'um solitario riacho, as compassadas e melodiosas endeixas do melancholico cantor das selvas.

Quizera hoje enviar-te um lindo ramalhete de formosissimas flôres, mas nada mais posso offerecer-te, contra o meu desejo, que um brusco ramo de flôres silvestres, d'aquellas que se espalham por sobre a relva mimosa e avelludada e que matisam as campinas das mais variegadas côres, esperando que as acceitarás e acolherás com a mesma ternura, que as phrases sinceras que o coração, venturoso, te envia da

Tua irmã extremosa e
verdadeira amiga,

31 de janeiro de 1863.

A. S. DE SAMPAIO E SILVA.

SANTÉLMO

Deixa que pouse a fronte em teu regaço
o viajante morto de cansaço,
coberto de suor;
não te ha-de macular o pó da estrada,
hei-de lavar-te a veste perfumada
com lagrimas de amor.

Foi longa a minha via dolorosa;
o caminho não tinha uma só rosa,
nem uma folha só;
este exilio do amor foi-me um deserto,
até o proprio ceu achei coberto
por turbilhões de pó.

Não sei como vivi... se aquillo é vida,
vêr a arvôre da fé toda despida
e morto o coração,
ter sempre os olhos fitos no passado
e um dia julgar vêl-o dissipado...
ai! não é vida, não!

A vida és tu, porque eu morri perdendo-te,
não por que te não visse, estava vendo-te
mesmo longe de tí;
morri por que julgaci que renegáras
aquelle santo amor que me juráras...
e a que eu tambem menti!...

Menti doido de amor, na desp'rança,
a chorar... a chorar como a creança
que não sabe negar!...
mentí-te na loucura, no delirio...
impunha-me a mim proprio este martyrio
querendo-me vingar!

Ai! que inferno de amor, meu Deus, que inferno!
E eu sempre a vêr-te em sonhos o olhar terno
e o riso virginal!...

Fugia de mim mesmo, estive louco,
depois veio o lethargo pouco a pouco
e adormeci no mal.

Opera-se hoje em mim novo genesis,
depois de ter libado até ás fezes
o meu calix de dôr;
brilha em minha alma o iris da bonança,
alumiou-me o abysmo a luz da esp'rança...
sorri-me o teu amor.

Ergo-me á luz da vida estremeecendo,
anda a sorrir-me tudo o que estou vendo...
tudo hoje me sorri;
tudo em torno de mim traja de festa
e até o vago harpejo da floresta
me vem fallar de ti.

Cobre-me um ceu de amor todo alegrias,
ha perfumes no ar e melodias
que eu não sei donde vem!...
A vida!... a vida!... eu quero-a!... E' tão formosa
quando temos na terra mão piedosa
a guiar-nos ao bem!

Deixa que pouse a fronte em teu regaço
o viajante morto de cansaço
de um longo caminhar;
Foi tão longo o martyrio d'esta ausencia
que eu preciso do abrigo da innocencia
para me repousar.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

COLLOQUIO

E pois que me foi dado encontrar no teu seio
a porção de minh'alma ha tanto procurada,
farei como o mineiro a casa ao pé do veio...
será teu coração minha eterna morada...

E pois que eu tenho em tí a mão que me conduz,
e o livro em que sei lêr sem os olhos abrir,
bem pôde Deus roubar á minha face a luz,
que eu tenho o meu destino e sei por onde heide ir..

Eu pois que tudo em ti me revela a existencia
d'esse mundo melhor, de que um homem de vida,
nunca mais beberei da maldita sciencia...
fonte é o teu coração, que é lá que eu sorvo a vida...

Eu, que adoro o mysterio, a immensa creação
já desejei um dia em minh'alma abarcar;
por muito contemplei de joelhos no chão
as estrellas do ceu, as florestas e o mar;

Mas hoje reneguei de meus loucos anhelos...
promettem-me mais ceu os astros de teus olhos,
mais sombra e mais perfume os teus longos cabellos,
e teu seio offegante um mar livre d'escolhos...

É pois que todo o mar a perola contém,
e toda a estrella a chamma, e todo o bosque a flôr,
devia achar em ti o thesouro do Bem...
bem dita sejas tu... onde eu achei o amor...

CUSTODIO DUARTE.

COISAS

(Continuado da pag. 18.)

Luiz Augusto continúa a fallar:

— As lagrimas inundavam-lhe as faces quando me disse que era muito imperiosa a necessidade que a forçava a separar-se d'este quadro, porque se tivesse a cuidar só da sua subsistencia, antes queria morrer de fome do que privar-se da posse da ultima obra de seu irmão, executada poucos dias antes do seu fallecimento. Deixou-m'o para ser trasido aqui, onde breve virá ella tambem segundo as ordens que de v. exc.^a tenho recebido. Agora avalie v. exc.^a

— Que correcção de desenho e que mimo de colorido! disse a marquezta tomando o quadro das mãos de Luiz Augusto. Que linda menina! Este rosto, perfeito oval, moldurado por bastos anneis de cabello loiro, é d'uma belleza admiravel! Custa a crêr que o author d'este primor da arte tenha soffrido privações toda a vida, e não deixasse á sua pequena familia recursos contra a indigencia. E' desconhecido o seu nome?

— Quasi desconhecido, porque nunca mencionou proteccões. Chamava-se Frederico Friedlein.

— Friedlein!... O author do *Suicídio de Werther!* exclamou a marquezta apontando para uma das pinturas pendentes das paredes.

— Esse mesmo, senhora marquezta. Hoje a irmã do grande homem, que viveu obscuro e miseravel, sem ser comprehendido pelos seus

contemporaneos, morre debaixo do peso de trabalho superior ás suas forças, porque a velha mãe do artista não tem quem lhe conceda o pão corporal que poderia alongar-lhe a existencia.

N'este ponto seria preciso que a marquezta se retirasse por alguns minutos do seu gabinete. E' um movimento estrategico indispensavel para o bom andamento d'esta veridica historia. A leitora, em quem não posso deixar de reconhecer a mais aguda perspicacia, ha-de fazer-me justiça acreditando que é preciso que nos livre-mos da marquezta. E coisa facil é isso. Vem um creado que annuncia a sr.^a D. Olympia Taveira, e a marquezta ordena ao creado que conduza para a sala azul a sr.^a D. Olympia, que é uma senhora de quem não tornaremos a fallar.

— E' uma minha protegida, viuva d'um militar, e que deseja fallar-me em particular. Mas... sabe onde mora Adelaide?

— Na rua da Saudade, n.º 18, terceiro andar.

A marquezta vai a uma mesa, escreve, toca uma campainha, e entrega a um creado uma carta para o sr. doutor Faria.

— Começa a obra de caridade, senhora marquezta.

— O amor do proximo antes do amor pela arte. Mesmo antes de ouvirmos a filha, tratemos de socorrer a mãe. Agora peço alguns minutos

para fallar com a minha viuvinha, e como não permitto que se retire antes de chegar a nossa linda Friedlein, queira matar esses minutos, examinando as pinturas e desenhos d'este album.

Indica-lhe um album e sahe, que é exactamente o que era preciso. Mulher previdente! proclamo-te salvadora de romancistas e dramaturgos em lances apertados.

E o caso é que não podia saber mais a tempo porque já de leve batia a uma porta lateral o marquez de S. Ignez, que não esperou que lhe fosse declarada livre a entrada para abrir a porta e apresentar-se acompanhado pelo visconde de Valle Maior.

—Ah, estava aqui, snr. Luiz Augusto. Aposto que se entretinham com a sua paixão de predilecção. E' feliz quem póde viver do amor a alguma coisa.

Não fallo dos devidos cumprimentos entre os tres sujeitos, porque não ousei descer tanto. Mas direi que Luiz Augusto entendeu que devia de alguma maneira explicar o motivo porque o achavam só, e declarou que a marquezza pouco se demoraria na sala azul onde tinha ido.

—Pois, meu amigo, tornou o marquez, se estava a trabalhar, queira continuar o seu trabalho. Em quanto a marquezza não vem, continuaremos nós uma conversação que traziamos travada.

E com effeito o marquez e o visconde conversaram a meia voz passeando no lado opposto áquelle onde estava Luiz Augusto, e conversaram a meia voz porque não havia alli ficção theatral d'aquellas que obrigam um actor a fallar de modo que o ouçam nas varandas, em quanto outro actor finge descaradamente que não ouviu uma palavra.

Começa o marquez:

—Então era verdade tudo o que eu ouvia dizer d'esse amor?

—Era. Antes não fosse. Amei-a com todo o amor que póde abranger um coração. E fui feliz; feliz porque me pagou esse amor com amor igual. Foi um anno de delirio e febre em que fugiam despercebidas as poucas horas que podia passar junto d'ella, e em que vivia de espe-

ranças e de sonhos de felicidade quando entre nós havia a distancia das conveniencias. Ai, meu amigo, o coração ainda sangra quando recordo as venturas d'esse passado de delicias.

—E teu pai?

—Meu pai empregou todos os recursos da persuasão para obstar a um passo que elle dizia levar-me a um abysmo. Bem sabes quem é meu pai. Velho, mas de exemplar rigidez de principios, aferrado ás suas ideias de sangue puro, erè na nobreza do coração independente da nobreza de raça, mas não admite a fusão de classes. O fundo conhecimento que eu tinha do seu caracter era a unica nuvem que vinha, ás vezes, toldar-me o horisonte de esperanças onde eu vira a felicidade. Bem informado do estado do meu coração, nunca lhe ouvi uma palavra de censura, nunca uma queixa, nunca uma allusão á existencia d'um amor que havia operado rapida transformação na minha vida livre de rapaz abastado. Mas abria-se com os seus amigos e pedia-lhes conselhos para pôr peias a uma afeição sempre crescente. Ao principio diziam-lhe que eram loucuras de rapaz que o tempo emendaria, mas o tempo provou que se enganavam. Um dia disse-me meu pai que breve partiríamos para França onde queria passar alguns mezes. Fiquei como fulminado. Meu pai notou o meu assombro, e antes que eu quebrasse o silencio para motivar uma recusa, disse-me, abraçando-me: «Não tenho outro filho que me acompanhe, e por isso espero que não preferirás á companhia de teu pai a dos amigos que tens adquirido em Lisboa.»—Seria impossivel descrever-te o que se passou em mim durante os poucos dias que mediaram entre esse e o da partida. Soube então o que era a dor em toda a grandeza das amarguras. Ella soube apparentar um valor que me assombrou, porque mesmo cobrindo-me de lagrimas, aconselhava-me que não resistisse á vontade de meu pai. Inexperiente, confiava na força do amor que me inspirára!

—E em Paris?

—Em Paris.... Como é feito o coração do homem, meu amigo! A saudade esvaceu-se como tudo o que é da terra, e ao cabo d'um anno a imagem da mulher que tanto amára atra-

vessava-me rapidamente a imaginação sem deixar na sua passagem uma impressão d'alguns minutos. Se ás vezes um pensamento me dizia que talvez ella fosse mãe e luctasse com a difficuldade de esconder do mundo uma falta que o mundo devia fazer cahir só sobre mim, tratava de repellil-o lançando-me no vórtice da vida ruidosa de Paris. Mais alguns mezes depois diriam que a paixão estava extinta e eu seria o primeiro a asseveral-o. Mas não estava, não. Encontrando-a quando menos esperava esse encontro, renasceu todo o fogo do antigo amor. Não me viu porque não erguia os olhos das pedras que trilhava. Ignora que estou em Lisboa. Mas eu vi-a. Palida e abatida, reconheci-lhe as feições atravez do veu que as cobriam. Ser-me-hia impossivel permanecer em Lisboa muito tempo.

—Então estás resolvido?...

—Firmemente resolvido. Volto para França. Tu velarás pela sua sorte e pela do nosso filho, se porventura a fiz mãe. Esperarei que o futuro destrúa os obstaculos que o presente opoem á nossa felicidade.

—E a viscondessa do Ameal?

—Já te disse que não posso amar a viscondessa. Encontramos-nos em Paris para onde, segundo me disseram, ella se havia retirado com sua mãe, receando que tomassem vulto em Lisboa certos rumores que correram á cerca do lustre do seu nome. Ignoro se esses rumores se estribavam em realidades. Afeiçoei-me a ella pelos dotes do seu espirito, elevação e nobreza de sentimentos. Depois de extintas as recordações da minha felicidade de muitos mezes, meu pai propoz-me o casamento com a viscondessa. Mostrei logo repugnancia. A viscondessa, rica, espírituosa e ainda bella, poderia contentar qualquer que não fosse demasiado exigente, mas havia entre nós certa força repulsiva, de que ainda não sei dar explicação, que nunca me deixou ver a possibilidade de tal enlace. No fim de quatro annos de residencia em Paris, as nossas relações tinham-se estreitado por tal fórma que meu pai julgou poder voltar commigo para Lisboa, onde queria que se realisasse o projectado casamento. Agora serei franco com meu

pai. Elle não quererá fazer dois infelizes, e a viscondessa agradecer-me-ha a resolução que acabo de tomar. Ah! vem a marquezza.

Agora já podia apparecer a marquezza porque eu conseguí o que queria, que era não obrigar a leitora nem o meu amigo A. Albano a ir ouvir o palavreado um pouco espevitado do visconde fóra do gabinete onde commodamente nos *installamos* para vermos desenrolar-se toda esta historia. Incomode-se todo o mundo, mas não se incomodem as leitoras nem os amigos.

Não direi que a marquezza, risonha e affavel, estende a mão ao visconde, porque isso entende-se.

—Não esperava encontral-o aqui, porque o julgava todo embebido em pensamentos de felicidade. E' tão raro vel-o n'esta casa!...

Fique entendido tambem que a marquezza indica uma cadeira ao visconde.

—Não quero roubar a v. exc.^a minutos que tão agradavelmente sabe empregar em trabalhos como alguns de que o marquez me deu noticia.

—Ora, visconde!...

—Nem sempre sei dizer a verdade sem parecer lisongeiro.

—Sabes, disse o marquez, que o visconde quer outra vez deixar-nos?

—Como! isso é crível?!

—Volto para Paris, senhora marquezza. Contos largos que o marquez transmittirá a v. exc.^a sem omissão da mais leve circumstancia para que eu possa contar com a approvação de v. exc.^a para esta minha resolução repentina.

—A minha boa amiga, viscondessa do Ameal, não estranhará a troca de paiz. Habituada ao clima e á vida de Paris...

—A viscondessa não me acompanhará. Mais claro, a nossa projectada união já não póde verificar-se.

—Caio de maravilha em maravilha! E não posso ter por fingida a seriedade com que diz isso.

—Infelizmente, senhora marquezza, é muito grave esta seriedade.

—E ella, disse a marquezza com sentimento, que vem hoje passar commigo algum tempo, talvez para me fazer confidente das suas alegrias e esperanças!...

—Como disse, senhora marquez, são contos largos; mas creia v. exc.^a desde já que o meu casamento com a viscondessa seria a infelicidade d'ambos.

A marquez entendeu que devia mudar a direcção á conversa, e disse ao marquez:

—Vais vêr, Alberto, uma linda menina que vem hoje procurar-me pela primeira vez. Sabe quando virá, snr. Luiz Augusto?

—Deve estar aqui ao meio dia, senhora marquez.

—Então não póde tardar, disse o visconde consultando o relógio. Provavelmente alguma infeliz...

—E' verdade; muito infeliz. Conhece alguma pessoa da familia Friedlein, sr. visconde?

E. A. SALGADO.

(Continua.)

o ULTIMO ADEUS

Mulher bella... adeus... a festa
te provoca ha muito... sac;
já na festa não vê lumes,
quem mais amor, mais perfumes
n'outro mundo aspirar vae!

Sem ti os salões do baile
todo o brilho perderão,
eu sem ti vejo mais treyas,
mais profunda a cerração;
mas que importa, se não podes
dar allivio ao coração!..
nem meus labios de cançados
mais um beijo pedirão!..

Tuas lagrimas não salvam
esta dôr, que eu sinto agora,
se por ti inda meu peito
anceia, soffre emoção,
a sêde não me devôra
de beber as fôzes d'alma,
que alastram teu coração!

Não humedeças as faces,
fingindo por mim chorar,
mesmo as lagrimas feticias
arrastam o palladar
d'esse carmin saboroso,
e depois o teu amante
menos amor, menos goso
ao beijar-te encontrará.

Mulher, vai... adeus... na festa
o amante te espera já...

Eu não quero constrangida
vêr-te junta do meu leito;
ao moribundo dar vida
não é a voz de teu peito.

Corre, pois, á festa, vóa
entre as danças voluptuosas,
esmagando muitas rosas,
encostada ao teu amante!..
E se a brisa traizoeira
meu derradeiro suspiro
te levar, ao som do hymno,
que percorre a sala inteira,
não gemas um só instante,
continua no teu giro,
não desanimes na festa,
não tenhas pena de mim,
que eu então, tambem folgando,
como as sombras na floresta,
da estrella á luz, que prateia
fontes e lagos sem fim,
entre um phantastico bando
teerei vaga choreia
n'um mortuario festim!

Porto 21 de julho de 1864.

F. M. DE SOUZA VITERBO.

REPERTEMENTE

Pedimos desculpa aos nossos dignissimos assignantes pela retardação d'este numero, a qual foi devida á falta de papel equal áquelle em que foram impressos os primeiros numeros — pois que este se acha a bordo do vapor Lusitania, que não tem podido descarregar em consequencia da grande corrente que leva o Douro — motivo por que lançamos mão d'este, que apenas differe no formato.

Egualmente pedimos o favor de nos mandar avisar quando deves de lhes ser entregue algum numero.

IMPRESSÕES AO PÔR DO SOL

Hora d'amor e saudade, etc. etc.

VISCONDE DE A. GARRETT.

Que hora de saudade não é a do pôr do sol!! Quando elle, escondendo-se atraz d'uma informe massa de granito, ou abafando-se no mar, nos envia, no seu ultimo raio, um adeus melancolico!

Quando o sino lá da ermida da serra toca a Trindades, — o som tremulo e plangente do bronze revôa pelas quebradas e valles como lugubre e longo gemido sahido d'um tumulo a pedir orações para quem alli repousa.

Quando o pegureiro visto lá ao longe, em pé sobre os penhasecos da montanha, nos parece um espectro hirto e gelado a saudar a desappareição do dia, e a esperar que o manto da noite o envolva!

E' sublime essa hora em que o fatigado lavrador volta ao casal, satisfeito e feliz por que sabe o esperam as caricias dos filhinhos, e o sorriso amigo da esposa.

Quando de todas as casinhas da aldeia sahem vaporosas e brancas columnas de fumo que se elevam em espiral para o céu até se perderem na dubia claridade do anoitecer!!

E eu amo esta hora, mas não sei definir as impressões que ella produz em mim. Será alegria isto que eu sinto descer-me ao coração, e agital-o? Não, não é: porque muitas vezes sinto correr lagrimas por minhas faces.

Tristeza tambem não é: porque a minha alma se eleva e engrandece, e entôa louvores ao seu Creador.

Como se chama pois este sentimento?

Não sei.

Será saudade?

De que?...

Talvez do céu; por que a minha alma, n'estas horas privilegiadas rasga os tenues liames que a prendem á materia; e abrindo as azas vôa atravez de mundos desconhecidos até ao throno do Omnipotente.

Por que gostarei mais de te vêr no occaso,

ó formoso astro do dia, do que a surgir resplandecente de brilho e pompa?

Por que é verdadeiro e sublime aquelle dizer de Julio Cesar Machado:

«O pensamento falla mais alto reclinado sobre um tumulo, do que debroçado n'um berço.»

E' por isso que eu prefiro o outomno á primavera; é por isso que eu gosto mais de ti, ó sol, quando me parece que te somes na immensa sepultura dos mares!!

Quer seja no outomno, ou na primavera; quer no inverno ou no estio é sempre grandiosa e sublime esta hora.

Quem pôde descrever a tua magica poesia, ó sol, quando na primavera desces sereno e magestoso para o fim da tua carreira, quando as aves cantam saudades, e as flores pendem os calices immurchecidas?

E depois, mais tarde, ao declinar d'essas abrasadoras tardes de verão, quando o occidente se adorna de purpura e ouro para te receber; e os prados, os bosques, mesmo essas desprezadas flores das campinas choram por ti lagrimas, que ao outro dia tu lhes enchugas com teus beijos de fogo.

No outomno é incomparavel o teu melancolico encanto, quando palido, quasi sem brilho, lanças os teus ultimos raios sobre essa scena de desolação que a natureza apresenta! E as amarellecidas folhas curvam-se nos debeis pesinhos para te dizerem o seu ultimo adeus; e nas azas da briza, que por ellas prepassa, mandam-te o seu derradeiro canto de adoração.

E's grandioso e sublime, ó sol, quando nas tardes sombrias do inverno te segue um cortejo de nuvens negras, tão negras como a aza do côrvo, e tu espalhas os teus raios sem brilho sobre essas arvores a quem os sopros gelados do inverno despojaram uma a uma de todas as suas folhas; e que agora nos parecem informes esqueletos que tremem, rangem, e se desconjuntam quando as azas do tufão as açoita.

E tu, ó sol, rasgando a custo as nuvens que te rodeiam, mostras a fronte magestosa. E' então que eu julgo ver em ti immensa e amortecida alampada, suspensa por mão mysteriosa sobre vasto cemiterio.....

Por que não poderei eu descrever os teus encantos, á hora sublime do pôr do sol?

Por que não poderei traduzir em palavras estas expressões de suave poesia que tu fazes nascer em minha alma?

E' por que é uma verdade incontestavel este pensamento de Lamartin:

«Do que se descreve ao que se sente, medeia o infinito.»

Vai ó sol, continua o teu giro incessante, que o meu coração terá todos os dias um canto de adoração e saudade para te enviar.

Veiga—Janeiro—1865.

D. EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUZA TELLES.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Ri/ão.

(Continuado da pag. 20.)

Maria Isabel desceu vagarosa. Tinha sus-tido quanto podéra seus choros diante do homem duro que insultava seus paes; pelas escadas deu larga ao seu pranto. Parou á porta do sotão para enxugar as lagrimas e abafar seus suspiros antes de entrar. Alguem lhe poz a mão no braço, dizendo com voz branda:

—Filha, socegue.

Ella estremeceu e ergueu a vista. A pessoa que lhe fallava era aquelle que da porta tinha escutado parte do dialogo d'ella com Custodio da Cunha. Era um homem de meia idade, de agradável presença, bem apessoado, e vestido com o maior esmero e acceio.

Maria Isabel, que em todo aquelle dia tormentoso não vira senão rostos severos e vistas colericas, e que não tinha ouvido palavras brandas senão do mancebo, filho do homem que acabava de insultar seus paes, sentiu-se attrahida para este desconhecido, que devia ser tambem um dos credores, e que lhe chamava filha.

—A desgraças sem remedio, continuou elle com doçura, devemos oppôr grandeza d'animo.

Esqueçamos o passado e tratemos do futuro. A menina já escolheu morada para si e sua mãe?

—Ai de mim! respondeu ella com a expansão que lhe era propria ao fallar com pessoa tão amavel, como posso nas minhas miseras circumstancias pensar no futuro?! Provi só ao primeiro momento... depois Deus proverá.

A seu turno Custodio da Cunha escutava o que estavam dizendo, debruçado no corrimão da escada e abanando a cabeça de cima para baixo. Seu filho se lhe aproximou e lhe disse baixo, respeitoso, mas com intimativa:

—Disseram-me que essas infelizes senhoras, que foram donas d'esta casa, não comeram hoje nada, e que saiem d'aqui sem levar um bocado de pão para amanhã. Isto, alem de ser uma barbaridade, ficará muito mal aos credores. As migalhas que ellas não comerem nem por isso encherão as bolsas vacias.

Era preciso que o mancebo estivesse muito impressionado para se atrever a expender tão francamente as suas idéas diante de seu pae. Este agarrou-o por um braço, arrastou-o á sala e disse tambem baixo mas colerico:

—O senhor é muito esperto! Trate da sua vida. Não tem aqui que vêr a sua philantropia. Aprenda d'este exemplo a ser economico, trabalhador e arranjado. Trate dos seus estudos e deixe-me o cuidado, cheio d'agruras, de me haver com os devedores. Eu é que tenho a meu cargo o leme da nossa pequena nau. A mim pertence olhar por tudo, para que tu, tua irmã e mãe não morram á mingua. Sou o ganha pão.

—Tem razão, meu pae... perdõe. Mas seja menos duro para infelizes.

—Diz antes para ladrões!... Estás com ar de quem diz que sou cruel. E' verdade que o sou para os culpados e tratantes. Fique-te isto na memoria, Maximino, para que me não obrigues nunca a sel-o contigo. Olha, estão n'aquella meza umas contas que ia examinar; queria vêr se o snr. Costa se enganou. Examina-as tu enquanto eu... trato d'outra coisa.

O mancebo assentou-se á meza contrafeito. Custodio da Cunha tornou para o seu ponto de observação.

Maria Isabel dizia ao cavalheiro amavel:

—Snr. Amaral... confunde-me!... A nossa gratidão será eterna.

—Não tem que me agradecer, filha, respondia o credor benevolo; faço o que queria que me fizessem se eu fosse infortunado. E tambem não lhes faço grande coisa. A casa que ponho á sua disposição é em Villar e está sem moradores. Nem posso alugar-a. Tem trastes e roupas, que foram d'um verão que alli passei: podem servir-se de tudo; n'isso me obsequiarão. Estão-se a estragar essas coisas que lá tenho.

—Ah! senhor! tantos favores... mas não sei se devamos acceitar... Em Villar não conhecemos ninguem... Seria uma felicidade na nossa situação o isolamento, mas precisamos d'alguem que nos procure trabalho.

—Não lhe dê isso cuidado, filha. Recomendall-as-hei a uma boa familia que alli mora, e que lhes arranjará trabalho quanto possam fazer.

—Que excellente coração tem v. exc.^a

—Assim... assim... parece-me que não é de todo mau. Mas vamos, filha, anime-se... não chore mais; poupe os seus formosos olhos. Vá

dizer a sua mamã o que temos disposto, para ella viver ao menos socegada e sem andar aos baldões. Eu vou mandar dizer á rapariga que me guardava a casa, que as receba e que as sirva depois.

—Não, snr. Amaral, isso não! Não podemos pagar a creada; passaremos sem ella.

—Louquinha!.. Como poderia passar sem ter quem lhe fizesse serviços grosseiros? Tem as mãos muito mimosas, filha, não sabe ainda o que custa o trabalho pesado e rude que faz uma creada.

—Acostumar-me-hei a tudo, e as mãos se tornarão fortes e grosseiras com o trabalho.

—Não sabe o que está dizendo. Se as mãos se lhe tornarem asperas e calosas não poderá trabalhar em obras delicadas; e como ganhará então o sustento de sua mãe? Deixe-me emprestar-lhe por ora a creada, a quem pagava para arejar e limpar a casa; pagar-lhe-ha depois, quando tiver muito trabalho que lhe renda para bem viver. A' noite virá uma carruagem buscar-as.

—Uma carruagem!.. Não, meu senhor, não mande carruagem; iremos a pé. Se nos vissem sair d'aqui em carruagem que diriam?

—Filha, não sabe a distancia a que fica a sua nova morada. Não podem ir a pé. A carruagem ficará á esquina dos Loyos, perto do Moré.

E afastou-se, quasi correndo, sem lhe dar tempo a regeitar nem a agradecer, dizendo:

—Adeus, filha. Tenha coragem.

A filha de Maria Carlota ergueu as mãos, murmurando.

—Oh! meu Deus!.. Vós mandaes d'estes anjos sobre a terra para consolar os tristes e socorrer os pobres!

Descia alguém dos andares de cima. A donzella tentou abrir a porta do sotão, para se subtrair ao novo vindo, e para communicar a sua mãe o socorro que o céo lhes mandava. A chave, porém, era perra, e Maria Isabel queria fazer pouco ruido, para não acordar sua mãe, se ainda dormisse. Antes, pois, que tivesse aberto disseram-lhe com voz severa e quasi rude:

—Menina, faça favor de ouvir duas palavras.

Voltou-se mortificada. Estava diante d'ella o implacavel Custodio da Cunha.

III

AVISO DESAGRADAVEL

—Ordena alguma coisa? disse a joven em voz baixa. Peço-lhe que não interrompa o somno de minha desventurada mãe.

—Parece-me que ella dorme fóra de tempo!... Mas não a perturbaréi. Vim só para dizer-lhe uma coisa.

—Quer que torne a subir?

—Não é preciso. Em poucas palavras lhe explico o que me fez descer. A menina quer juntar á deshonra que lhe lega seu pae a propria deshonra?

—Que encarnicamento, meu Deus!.. Se v. exc.^a tem filhas, por amor d'ellas deixe-me em paz. Nunca alguém lhes faça soffrer a milésima parte do que v. exc.^a me tem feito hoje soffrer.

—Por ter uma filha é que vim dar-lhe um aviso. Espero nunca dar motivo a que haja quem a consuma por minha causa; mas, em caso de desgraça, antes queria que a atormentassem do que a seduzissem. Antes queria que ella tivesse a haver-se com um Custodio da-Cunha, do que com um Amaral.

—Que diz, senhor?! Onde está a seducção? Conhece-se que o snr. Amaral é bom e generoso; teve dó da nossa desgraça e quer minoral-a. As suas palavras só indicavam compaixão.

—Pense bem. Não era uma compaixão asucarada?.. Tome bem sentido no que vou dizer-lhe. Não me importa que a menina aceite ou regeite os obsequios d'Amaral; não é minha parenta nem adherenta; mas quero abrir-lhe os olhos. Se se despinhar não seja com os olhos fechados. Vendo-a á borda d'um precipicio, é do meu dever indicar-lh'o.

—Meu Deus, meu Deus! seria possível?!.. Mas não póde a maldade cobrir-se de tão bondosa apparencia. O snr. Custodio da Cunha enganase. Conhece-se que o snr. Amaral é uma alma nobre e bemfazeja.

—Não lhe digo que elle seja avaro, nem incapaz de dar algum do seu ouro aos infelizes, por philantropia; confesso-lhe até que tem caracter generoso, mas o que nego é que seja capaz de fazer bem a uma rapariga sem segundas vistas, sobre tudo se ella tem olhos que lhe caíram em graça. Se a menina fosse feia, mandarlhe-hia talvez uma avultada esmóla, mas não lhe offereceria a sua casa de Villar, que costuma ter sempre com uma linda moradora, e que, pelos modos, está agora devoluta. Porém, repito-lhe, faça o que quizer; não me importa a vida alheia. Se antes quer a deshonra do que a miseria, enquanto for nova e bonita....

—Pelo amor de Deus! balbuciou a menina cobrindo o rosto com as mãos, não diga mais!.. Faltava-me este espinho no meu caminho.

O pae de Maximino olhou-a alguns segundos em silencio, depois tornou a dizer:

—Posso perguntar-lhe o que tenta fazer?

—Em sendo noite irei, como já tencionava, para casa d'uma pobre viuva. A boa mulher empresta-nos a cama de seu filho, que é marinheiro e está ausente; depois Deus é que sabe o que será de nós. Os offercimentos, que podem ser equivocos, do snr. Amaral, de certo nunca accitaremos. Antes morreremos á mingoa, do que nos exporemos a um insulto. Respondo por mim e por minha pobre mãe.

—Muito bem. Assim quereria que minha filha se portasse, se cahisse na pobreza. E de que vive e onde mora essa viuva?

—E' costureira, e móra na rua Escura.

—Numero...

—Não sei o numero. Disse-nos que móra no centro da rua e que todos alli conhecem a costureira Carolina.

—Está bom. Como sabe aonde se ha-de recolher é quanto basta. Não a detenho mais. Desculpe tudo o que lhe disse na força da mi-

nha cólera. Adeus menina. Vejo que tem honra. Deus a proteja.

E elle deitou a mão ao chapéu e tornou a subir.

A donzella entrou no sotão. Sua mãe dormia ainda d'um somno agitado e afflictivo. Maria Isabel não sabia se devia acordal-a. Aproximou-se-lhe mansamente.

—Minha filha, murmurava ella anciosa, minha filha!... Não m'a roubem!... é a minha unica riqueza... Não tenho mais nada... mais nada... nada!...

—Minha boa mãe! disse Maria Isabel curvando-se para ella.

Maria Carlota acordou e olhou com vistas espantadas em volta, exclamando:

—Onde estamos?... Isto que é?...

Não se lembrava de que sonhára, nem da realidade. Depressa se recordou das suas desgraças, e abraçando sua filha disse entre soluços:

—Oh! minha querida Isabel! se Deus nos levasse ambas para si n'este momento!...

No entanto que havia feito Maximino? Pergára nas contas que seu pai lhe dera e quiz obedecer-lhe, mas não via os algarismos. Olhava a todo o momento para seu pai, que estava pendido sobre o corrimão. De repente vira-o descer. Sobresaltou-se, e correu a prostrar-se no observatorio que abandonára seu pai. E, sem se lembrar da inconveniencia da acção, fez-se espião, como sempre o fôra primeiro. Quando o viu tornar a subir, afastou-se um pouco, mas não muito.

—Que fazes aqui? disse o ancião. Fizeste as contas?

O mancebo, incapaz de mentir, respondeu córando:

—Fal-as-hei em casa, meu pai. E' abominavel o que aquelle ricaço queria fazer. Sedu-

ir uma innocente e infeliz menina com a capa da beneficencia!...

—E que importa isso ao snr.? Essa cabeça anda sempre a juro!... mas não rende nada! Aonde está uma rapariga, sobre tudo se tem bonitos olhos, ficas tu sem saberes de que freguezia és.

—Não sei em que mereço essa reprehensão. Meu pai não foi tambem avisar a infeliz da cilada que lhe preparavam?

—Isso é differente!... não sei mesmo se ella tem lindos olhos, ou, se o sei, é pelo ouvir lizer ao conhecedor do genero. Avisei-a, por conhecer que cahia por ignorante. Se não fosse isso, não me intrrometteria aonde não era chamado. Pertendo só governar meus filhos. E a proposito, quero dizer-te o que é bom que saibas. Se o que fez aquelle senhor, que não é preciso nomear, o fizesses tu, cortava-te as orelhas. Entendes?

—Eu, replicou o moço com respeitosa dignidade, não tenho os costumes de...

—Basta! Já disse que não era preciso nomear ninguém: as paredes tem ouvidos.

—Mas peço-lhe, meu pae, que me não faça a injuria de me comparar nunca com um devasso endinheirado.

—Está bom, está bom! O teu porte é que me ha-dê dizer com quem te hei-de comparar. E agora rua! O snr. não tem aqui nada que fazer.

O mancebo abaixou a cabeça e desceu. Já todos os curiosos, e a maior parte dos interessados, tinham saído. Maximino ao passar pela porta do sotão suspirou. Queria deter-se para ouvir o que se passava dentro, mas pareceu-lhe que seu pae estava no logar d'observação, e seguiu seu caminho sem fazer uma ligeira pausa.

(Continúa.)

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Maria Adelaide Fernandes Prata

(Continuado da pag. 26.)

Curvado tinha o suplice joelho,
Tinha os olhos no céo, em oração,
Com lagrimas e ais a Deus pedindo
D'enormes crimes paternal perdão.

Cilicio duro a cinta lhe cingia,
Era a terra seu leito, e recostava
Em riga pedra a fronte calva e nua,
Eram os céos o tecto que o guardava!

Comia duro pão, mal saboroso
E no ribeiro enchia a bilha d'agua
Para a sede febril refrigerar
Da penitencia em meio d'essa fragua!

D'estio o sol em aridos rochedos,
D'inverno a tempestade desabrida,
Acolher-se não fazem ao er'mita,
A mesquinha choupana, a uma guarida!

Finda a longa oração e quer erguer-se;
Mas em vão o tentou mais que uma vez;
As forças já exaustas lhes fallecem,
Do moribundo tinha a pallidez,

No coração do Bardo não entrára
Ha muito de piedade um sentimento;
Mas ao ver espectac'lo tão pungente,
Sentiu enternecer-se n'um momento;

E junto ao ancião presta-lhe auxilio,
Ajudando-o na rocha a recostar
E o velho agradecido lhe pediu
Para a seu lado um pouco descansar.

EREMITA

Mancebo, que revez, que caso estranho,
A um ermo te guiou entre os abrolhos?!
Dous lustros são passados, sem jámais
Aqui mortal algum verem meus olhos!

Ah! talvez te guiasse a providencia,
Para affagares o ultimo momento
D'aquelle que mer'ceu por crime enorme,
Vida d'expição e de tormento!..

Eis do mortal o instante mais solemne!..
Da eternidade á beira eis-me chegado!...
Sinto necessidade de conforto,
D'ouvir de puros labios innocentes
Dizer-me: eu te perdo-o ah! morre em paz!
Os ministros de Deus, d'aqui são longe;
Que importa? pódes tu tambem como elles,
D'um peccador ouvir a confissão;
Talvez inda mais pura essa tu'alma
Possa em nome do céo já absolver-me...
Enão fujas ó joven quando ouvires
De meus crimes a historia pavorosa!
Lembre-te que a oração, jejuns, cilicios,
A Deus tenham talvez apaziguado...

E nos olhos do bardo duas lagrimas
Brilharam ao clarão da argentia lua,
E commovido já o er'mita affaga,
Entre as mãos lh'estreitando a dextra sua.

BARDO

Ancião, mitiga a dôr narrando a historia,
D'essa vida d'outr'ora criminosa;
Não me fará tremer; tenho provado
Dos homens a maldade, o vil engano!
Victima d'ambições e de seus crimes,
Vivo vida de magoa n'este exilio;
Odeio-os e seu halito pestifero
A seu lado aspirar jámais eu quere!
E que terá no mundo que buscar
Quem parentes, amor, patria perdeu?

(Continúa.)

A NUVEM BRANCA

— 22 —

Corre, vóa bem ligeira,
 Branca nuvem feiticeira,
 N'esse campo de saphira:
 Corre, vóa, e vem pousar-te
 Junto a mim, quero cantar-te
 Nas cordas da minha lyra.

Como corres pressurosa,
 Nevada nuvem formosa,
 Por esse espaço dos ceus!
 Porque assim foges de mim?
 Leve nuvem de marfim
 Não ouviste os rógos meus?

Não ouviste: e de repente
 Vaes alem, no occidente,
 Esconder-me os mimos teus.
 Não ouviste, e assim fugindo
 Vaes subindo, vaes subindo;
 Vaes acaso aos pés de Deus?

Ou vaes trocar essa côr
 De formosa e branca flôr
 Por outra côr mais sombria?
 P'ra voltar depois, mais tarde,
 Nas azas da tempestade,
 Ecur'cer tão lindo dia?

Vestir as roupas de luto
 Onde trará, mal occulto,
 Embravecido tufão,
 Raio ardente a scintillar,
 E após elle a ribombar
 Medonho, rouco trovão?

Não troques não, nuvem bella,
 Esse traje de dopzella;
 Fica assim que és mais formosa.
 Ha-de vir o sol beijar-te,

As leves roupas dourar-te,
 Tingir-te de côr de rosa.

Vem brincar no céu sereno
 Do meu paiz tão ameno;
 Não vás o raio buscar!
 Tuas roupas de setim,
 Tão brancas como o marfim,
 Pode-as o raio queimar...

N'esses gelos scintillantes,
 Que brilham como diamantes,
 Vaes teus encantos perder!
 Vaes manchar essa candura,
 Essa graça, nuvem pura,
 Que tão linda te faz ser.

Vem antes brincar co' a brisa,
 Que suave se deslisa
 Aqui, nas noites de v'rao.
 Vem ouvir a minha lyra
 Quando commigo suspira
 As phrazes do coração.

Não queres-me ouvir, doidinha?
 Assim foges, pobresinha,
 Vaes o raio procurar?
 Como a louca mariposa,
 Que deixa o prado e a rosa,
 E na luz se vai queimar?..

Como corres apressada,
 Linda nuvem malfadada,
 Por esse espaço dos ceus!
 Jámais verei tua alvura,
 Tua graça, nuvem pura.
 Nuvem bella a adeus, adeus.

Veiga—Junho—1863.

D. EPHIGENIA DO C. S. TELLES.

SEMPRE É BOM SABER

—«Juro-te!... guardo segredo
se tu me deres um beijo,
não te convences, bem vejo,
mas juro, não tenhas medo.

E se alguém m'o perguntar
hei-de negar a pés juntos;
pois se tu me deres muitos?!...
muito mais hei-de negar.

Mas se tens inda reccios
de que eu não seja discreto,
lembro-te um meio selecto....
talvez o melhor dos meios:

Em vez de vires aqui
dar-me um beijo envergonhado,
eu fico sendo o culpado,
dando-te os beijos a ti.»—

.....

Com taes vantagens á vista
hesitou, mas foi cedendo;
eu porém fiquei sabendo
que era uma grande egoista.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

EXPEDIENTE

Na redacção d'este jornal tem-se recebido varios escriptos, tanto em prosa como em verso, a que não podemos dar publicidade. Esta redacção prometeu ao publico um jornal litterario; ha-de por conseguinte envidar todos os seus esforços para não faltar a tão sagrada promessa. Não queremos com isto afogentar as pessoas, que, não estando inscriptas como collaboradoras d'este jornal, nos fazem o favor de nos enviar os seus escriptos; agradecemos sempre pelo contrario taes remessas como uma finesa; mas não conhecemos nenhum preceito de cortesia que nos mande dar publicidade a tudo quanto recebamos. Como representantes d'este jornal, pertencemos a nós o direito da escolha, boa ou má, mas no entanto tal como a entendemos. Sirva-nos isto de desculpa para com as pessoas, que, tendo-nos enviado quaesquer escriptos, os não vejam publicados n'este jornal.

PREÇOS**Porto****Provincias**

Por anno.	1\$200 reis	Por anno [adiantado].	1\$440 reis
» semestre	600 »	» semestre	720 »
» trimestre	300 »	» trimestre	360 »

Brazil

Por anno [moeda forte].	2\$200 rs.	Semestre	4\$100 rs.
---------------------------------	------------	--------------------	------------

Assigna-se na Livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16—e no Largo de S. Domingos n.º 30, 1.º andar.

COISAS

(Continuado da pag. 32.)

É de difficil, de muito difficil elaboração o narrar dos acontecimentos que se seguiram á ultima pergunta da marquezã, que em má hora foi feita (a pergunta) porque o visconde atrapalha-se, a marquezã não sabe o que ha-de pensar d'essa atrapalhação, e a leitora e o meu amigo Agostinho Albano não precisam de dispôr de toda a perspicacia que Deus lhes deu para comprehenderem que Adelaide é a sobredita de quem fallava o visconde na sua conversação com o marquez.

Ora, isso era exactamente o que eu não queria, porque se estas coisas poderiam ter algum valor era só no caso de não deixarem adivinhar logo tudo.

A leitora, que eu não tenho duvida nenhuma em considerar, pela segunda vez, como creatura espartissima, é provavel que já dissesse com os seus... colchetes:

—Adelaide vai apparecer muito agitada porque reconheceu á porta da marquezã o trem do visconde. Entrando e vendo o visconde, é infallivel um ai agudo, e depois...

E depois não sabe mais nada. Mas visto que já sabe tanto, apresso-me a declarar-lhe que não tem agora nada de difficil o narrar dos acontecimentos, e previno-a de que toda a historia vai ser desenrolada em poucas horas sem sahirmos do gabinete da marquezã, porque não posso resolver-me, mesmo com grave prejuizo das bellezas de enredo de que isto era susceptivel, a sair do local onde me encaixei para pôr tudo em pratos limpos.

Admittida, pois, a commoção de Adelaide, admittido o ai e tudo o mais que a leitora adivinhasse, darei já por assentada em um sophá, ao lado da marquezã, a irmã de Frederico Friedlein.

—Meu Deus, como vem agitada! Algum incommodo...

—Não, senhora marquezã, é passageira esta agitação. A recordação de coisas passadas e certos receios...

—Receios!...

—Perdão, senhora marquezã, se por alguns momentos confundi v. exc.^a com os indifferentes que passam pelo desvalido da fortuna e não attentam nos soffrimentos que a fronte revela, nem lhe escutam os gemidos de dôr ou os gritos de desesperação, e se ouvem esses gemidos, e se comprehendem esses soffrimentos, passam frios e impassiveis como a morte, sem procurarem na linguagem humana algumas palavras de consolação para as tribulações do infortunio. Dirigindo-me para aqui, não me alentava a esperança de encontrar em v. exc.^a quem comprehendesse a grandeza das amarguras que a sociedade tem vasado em minha alma. Agora...

—Oh! não avalie a sociedade pelos egoistas, cynicos ou indifferentes que tem encontrado na carreira da sua vida, que se de espinhos tem sido até hoje, ainda pôde ser-lhe de flores. Espere sempre. Nunca a dôr esmaga a alma quando a esperança sorri.

—Esperança!... (Ha aqui um sorriso de incredulidade.)

—Esperança, sim. Pois porque não ha-de esperar? Irmã d'um grande artista....

—Que morreu na miseria apesar da grandeza do seu engenho. Foi sempre assim o mundo, senhora marquezã. A gloria ha-de vir um dia derramar raios de luz sobre o pó de Frederico Friedlein. A posteridade será reconhecida, eu o sei. Ha-de estender o manto da sua protecção sobre o cadaver do que foi grande.

—Comprehendo bem o que ha de amarga ironia n'essas palavras, que infelizmente são verdadeiras.

—Se não receasse roubar a v. exc.^a alguns minutos preciosos, contaria uma historia que muitas vezes ouvi a meu irmão e que talvez v. exc.^a nunca ouvisse.

Ahi vem mais gente. Um criado annuncia a viscondessa do Ameal, cuja presença é indispensavel para que eu possa levar por diante o mais encolhido de todos os planos.

—Vieste a tempo, minha querida amiga, para ouvires uma historia que nos ia contar a minha nova amiga, que ha-de saber carear-te as sympathias e a amisade.

Depois dos cumprimentos de que não darei conta, ouçamos papaguear Adelaide, que provavelmente tinha lido *Les cinq centimes illustrés* de 26 de janeiro de 1856.

—Thadeu de Monte-Salva era um homem sabio e virtuoso que vivia em uma ermida a meia legua da aldeia de Corregio, na Italia. Alli era consultado por muitos infelizes que procuravam as doçuras da sua virtude e sabedoria como o viajante enregelado pelo frio procura um raio de sol que o reanime. N'uma noite bateram-lhe á porta. Era um filho do pintor Antonio Allegri que ia pedir-lhe a sua assistencia aos ultimos momentos do artista. Pelo caminho contou-lhe que a causa da morte de seu pae era a miseria; que um judeu, senhor da pobre casa em que viviam, lhe tinha, havia oito dias, comprado por quatro escudos, que o pintor lhe devia, o quadro de *Christo no jardim das Oliveiras*, em cuja execução empregára o pintor seis mezes. Que havia alguns dias que seu pae, depois de ter soffrido terriveis angustias, porque não tinha com que comprar um bocado de pão para a sua familia, tinha ido a Parma pedir ao convento dos franciscanos duzentos escudos que os frades lhe deviam e que lhe pagaram em cobre. Com aquella carga e por um sol ardentissimo, seu pae chegára a casa, coberto de suor e exausto de forças, podendo apenas dizer: «Monica, estamos salvos! aqui está dinheiro com que sustentaremos nossos filhos durante algumas semanas.»—Bebeu dois copos de agua para apagar a sede que o devorava, e uma hora depois estava o pintor prostrado no seu leito com uma febre intensa. Thadeu achou o artista deitado em uma má enxerga, apenas coberto com um pedaço de sarja verde. A' cabeceira tinha sua mulher e seu filho mais velho, que com as mãos lhe erguiam a cabeça porque a respiração já era muito anciada.

—Oh! meu Deus, disse a viscondessa, quando o homem n'estes transes duvida da vossa providencia, é impossivel que não deis por justificada a sua duvida, porque elle, intelligencia

limitada, não póde alcançar os vossos designios.

E Adelaide continuou:

—Thadeu era amigo de Antonio Allegri, amigo do coração, e estranhou que o pintor, nos seus dias de suprema indigencia, não tivesse recorrido aos míngoados meios d'um amigo. «Quando tenho um bolo de mel, disse-lhe o pintor, folgo de repartil-o com os meus amigos, mas quando elle é de fel, guardo-o para mim só.» Mandou retirar sua mulher e seus filhos, e perguntou a Thadeu se julgava em perigo a sua vida. O eremita respondeu-lhe que ninguem devia tentar penetrar os segredos de Deus, que pensasse na sua alma, recapitulasse os actos da sua vida passada, e examinasse a sua consciencia. «A minha consciencia! a minha consciencia! o trabalho tem sido toda a minha vida; a miseria nunca deixou de ser assidua companheira das minhas vigílias; a inveja e o odio nunca entraram em minha alma. Tenho soffrido, sem um queixume, todas as humilhações, todas as injustiças, todos os opprobrios, e nunca paguei com maldições as injurias com que me feriam. Eduquei meus filhos no temor de Deus e amor do proximo. Portanto, Thadeu, que queres que eu procure na minha consciencia? Que rasão haverá para que eu tema o julgamento d'aquelle que em quarenta annos tem pesado os meus soffrimentos, minhas dôres e meu martyrio?»

—Que alma, senhora marqueza! exclamou Luiz Augusto.

—E' a alma do justo. Mas que pintor era esse Antonio Allegri?

—Breve o vou dar a conhecer a v. exc.^a, continuou Adelaide. Tendo chamado sua mulher e seus filhos, disse-lhes: Não chorem. Mais tarde ou mais cedo o pagamento d'esta divida é inevitavel. Bem tenho querido fazer-vos mais felizes, mas a perseverança da desgraça tem sido mais forte do que a do meu pinceel!—Os brados de angustia de sua mulher e filhos acordaram uma menina, tambem filha do pintor, que dormia a um canto sobre alguma palha. Vendo o pranto de seus irmãos que estavam prostrados de redor do leito de seu pae, ajoelhou, ergueu as mãos e murmurou uma oração. «Os meus pinceis e a minha palheta, bradou o pintor.»

«Decem-lh'os, disse Thadeu; o pintor tem, como o guerreiro, o seu campo de batalha onde deseja morrer.» Assentaram-n'os, prepararam-lhe uma espécie de cavalete, e elle, com a mão já meio gelada pelo frio da morte, reproduziu na tela as feições da sua Ignez, d'aquella fragil creatura que orava a um canto, e que fez anjo antes de a fazer orfã. O seu *Ultimo anjo* é um prodigio da arte. — «Thadeu, disse elle, os meus primeiros quadros assignei-os com o nome de Antonio Allegri, que era o de meu pae; os quadros da segunda época assignei-os com o nome

de Lieto, que era de minha mãe: este com que nome hei-de assignal-o?» — «Com o de Corregio, que é o teu nome de immortalidade.» Assignou, cahiu para traz exausto de forças, fitou a vista em um crucifixo pendente d'uma parede, estendeu os braços para seus filhos, fechou os olhos e soltou o ultimo suspiro. O quadro que v. exc.^a recebeu ha pouco, senhora marqueza, não dirá que meu irmão foi um Corregio, mas mostra que, como Corregio, a sua ultima obra foi o retrato d'um anjo.

(Continua.)

E. A. SALGADO.

UMA LAGRIMA

Já estavas emplumado,
Mimoso passarinho,
E abrindo as tenras azas
Deixaste o pobre ninho.

E eu vendo-o tão vasio,
Chorei lá tanto, tanto!..
Que se hoje regressasses
Sumias-te em meu pranto.

Na hora da despedida
Pedi-te que ficasses,
Beijei-te os frios labios...
Beijei-te as brancas faces...

No instante derradeiro
Teu debil corpo abranjo...
Já não eras da terra,
Eras de Deus um anjo!

Aperto-te com febre,
Contra o seio convulso...
Teu seio não palpita...
Tens frio, inerte o pulso...

Gritei-te n'agonia:
Não durmas mais, anjinho!
Não deixes no abandono,
Tão só teu pobre ninho.

Desperta minha filha!..
Não me disseste nada!
—Tinha findado a lucta,
Dormia descançada.

Inda hoje ao pé do ninho
Que as lagrimas me esconde,
Eu chamo a filha amada
Mas, ai! não me responde.

Outubro—1864.

C.

PEROLA ENTRE LODO

Era um vasto salão; flores, perfumes,
Cortinados, jarrões, cristaes, espelhos,
De lustres mil, os cambiantes lumes
Reflectindo, dourados e vermelhos.

E então vi-a passar involta em sedas;
Cabidas ao desdem as louras tranças,
No lascivo volver d'impuras danças,
Ao som da orchestra em harmonias ledas.

Tinha apenas quinze annos: da innocencia
A c'róa já desfeita, ao pó cahira...
Porque entregou su'alma á somnolencia
E o seu anjo fugiu, quebrando a lyra!

Cingia-lhe a cintura airosa, o braço
D'um mancebo, que a si brando a comprime
E ella, palpitante, como um vime
Inclina-se, ondulando a cada passo.

Pallida um pouco a fronte, inda era bella;
Os seus olhos azues já macerados,
Teem o fulgor d'uma longiqua estrella
Nos paramos do ceu annuviados.

E sorrindo passou!... os seus vestidos
Que suspende c'o a mão leve e nevada,
Deixaram vêr a perna torneada,
No doudejar da valsa um pouco erguidos...

E tem quinze annos só! que primavera!
Que manhã do existir! que triste auroral
O dia de amanhã... que vã chimera!
O dia de hoje é tudo... ai, pobre Cora!...

E o amor?... silencio! ali é tudo morto:
Ali a vida é o goso impuro, o verme
Que o corpo lhe devora e ao qual, inermes
A alma, phanal extinto, encobre o porto...

PEDRO AUGUSTO DE LIMA.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuadoda pag. 37.)

IV

A BOA MÃE DE FAMILIA

Compunha-se a familia de Custodio da Cunha, de Adelaide sua mulher, e Rufina e Maximino seus filhos. Adelaide era uma senhora de muito juizo e virtude, delicada, affavel e cuidadora.

Seus paes, quando ella foi pedida em casamento por Custodio da Cunha, disseram-lhe que elle era um negociante honrado e de bons costumes, e que a aconselhavam a que acceitasse este partido; que o dote d'ella era muito pequeno, e não podia esperar outro partido melhor, nem tão bom.

Mostraram, finalmente, tantos desejos de vel-a casada, que Adelaide casou, bem que receiasse unir-se a um homem que se mostrava tão pouco amavel. Nos primeiros tempos de casada

attenuava-se a o modo sempre serio, e ás vezes pesado, de seu marido, e o seu genio irascivel. Depois tentou civilisar aquella féra, e conseguiu-o em grande parte; viveu em paz e perfeita economia com o homem que para outra seria talvez um tiranete. Não tinha Custodio da Cunha, porém, senão má casca, pela má educação que levára; seu interior se conhecerá mais tarde. A brandura de sua esposa o prendeu tanto, que nunca teve para ella uma palavra dura, ou um gesto desapprovador. Não foi, pois, Adelaide esposa infeliz, como era a receiar, e, quando foi mãe, julgou-se a mais ditosa das mulheres. Seus filhos a adoravam.

No dia seguinte áquelle em que a esposa e filha de Ricardo d'Oliveira tanto soffreram esta-

vam Adelaide e Rufina trabalhando na sua pequena sala de labor, modestamente trastejada, mas muito limpa e arranjada.

Maximino entrou e assentou-se atraz de sua irmã. Estava pallido e triste. Ordinariamente, quando estava com Rufina, brincava com ella e a estorvava de trabalhar, o que lhe merecia alguns sorrisos de sua mãe, ou brandas reprehensões se a brincadeira se prolongava. A menina voltou para elle seu rosto alegre: esperava alguma travessura, mas esperou debalde. O mancebo sorriu-lhe tristemente e não se moveu. Ella continuou a trabalhar, dizendo:

—Está alguma para acontecer! Maximino não faz das suas...

—Está tu socegada, replicou sua mãe, que também não estava alegre. Não o excites: as suas travessuras te divertem e a mim não; principalmente quando vosso pae tem cuidados ou tristezas.

Ficaram todos em silencio.

O mancebo olhava melancolico para sua mãe e irmã. Queria dizer alguma coisa e não ousava. Elle era um moço de vinte annos incompletos, rosto interessante composto de feições irregulares, olhar meigo, bigode e cabello d'um castanho quasi louro, voz sonora, e bonita figura. Tinha maneiras delicadas como sua mãe, genio brioso como o de seu pae, character honrado como ambos. Rufina tinha de quinze a dezeseis annos. Era bonita sem ser formosa, e alegre como o são todas as meninas que teem uma mãe extremosa, que as não deixam aborrecer-se na ociosidade, nem as opprime com tarefas excessivas.

Estiveram alguns minutos sem dar palavra. Rufina, para se distrair, cantava, em voz baixa, uma canção franceza, que tinha estudado ha pouco.

Adelaide, admirada do silencio e ar triste de Maximino, disse a sua filha:

—Deixa agora ficar isso, Rufina; a gente nova precisa de mudar de serviço. Vai tocar. Não deves despresar uma prenda que fica tão cara. E teu pae se distrae a ouvir-te. Aperfeiçoa aquellas peças de que elle mais gosta. Devemos dar a distração e felicidade áquelles que gastam

os dias, e ás vezes as noites, a ganhar os meios de nos darem a abundancia e todas as commodidades da vida.

O mancebo suspirou profundamente.

A donzelinha dobrou a costura, arranjou a sua caixinha e levantou-se. Voltou-se para seu irmão cruzando os braços e encarando-o; depois, dando-lhe uma palmadinha, disse-lhe, meia agoniada, meia risonha:

—Assim é que eu castigo a gente animada. O senhor Maximino *foi de certo a Valongo*; (*) agora por que....

O mancebo prendeu-a nos braços e deu-lhe dois beijos; mas isto mesmo era feito com meancolia, e disse-lhe depois:

—Vai tocar, minha irmãzinha. Precisamos do som alegre do teu piano.

—Eu vou, respondeu ella apertando-lhe o rosto entre as mãos, mas não quero que tornes a Valongo.

D'alli a pouco ouviu-se o som do piano. Maximino suspirou. Lembrou-se d'um rico piano que vira na vespora em casa de Ricardo d'Oliveira, que havia de entrar no leilão, e do que lhe disseram de Maria Isabel — que tocava com perfeição, e cantava muito bem.

—De que servem aquellas prendas á infeliz? pensava elle. Se á nossa Rufina succedia o mesmo...

—Que tens, meu filho? disse Adelaide com muita doçura. Se fizeste alguma loucura que tenha de me affligir, ou de indispôr teu pae, melhor é que m'a confesses. Remedial-a-hemos se podermos, e abrandarei a ira de teu pae. Confessar a culpa é principio de reparação.

—Maximino levantou-se e foi assentar-se na cadeirinha de trabalho de sua irmã, para ficar mais ao nivel de sua mãe, também assentada em cadeira baixa. Eucostou o cotovello no joelho e a face na mão e disse em tom dorido:

—O' minha mãe!.. Se visse o que hontem vi... Fui a casa de Ricardo d'Oliveira, para me divertir. Ouvia ralar tanto d'aquelle homem, que causava a meu pae tanto mal, que desejava gosar do abatimento d'elle e da sua familia.

(*) *Ir a Valongo* quer dizer—desconfiar.—O que deu origem a esta phrase, não sei.

—Isso era muito mal feito, meu filho. Não devemos ter gosto do infortunio alheio; e menos ainda d'aquelles que nos fizeram mal. A vingança é coisa horrivel; só almas vulgares podem gosar do abatimento dos seus contrarios.

Assim o penso, minha boa mãe; mas estava desorientado com o que me diziam: convidaram-me para ir, e fui. O luxo que via na casa, e o que ouvia em torno de mim, mais me indispunha contra o fugitivo e sua desgraçada familia. Ao passar pelas escadas ouvi em baixo gritos abafados e soluços. Perguntei o que aquillo era e soube que no sotão estavam a esposa e filha do fallido. O coração se me confrangeu... Senti uma vertigem... Aquellas senhoras estavam alli fechadas desde a manhã, esperando pela noite para sahirem, e estavam sem comer! apenas a filha tinha vindô acima duas ou tres vezes buscar agua para sua mãe. Na vespora alguem as aconselhára para sairem de casa, mas ellas não julgavam a sua desgraça tão grande, e ficaram, para beber as fezes do seu calix d'amargura. A compaixão tomou em meu coração o lugar da cólera e do despeito. Desejava ir levar consolações e mantimento ás infelizes senhoras, mas não me atrevia. Meu pae queria fallar com a esposa do seu devedor. Parecia-lhe que ella saberia de valores subtraidos aos credores. Mandou-me chamal-a. Fui quasi tremendo; receiava que a justa ira de meu pae se descarregasse sobre a esposa do culpado devedor; mas não ousei, como pôde crêr, fazer objecções.

O mancebo interrompeu-se um momento, depois contou tudo mais e concluiu dizendo:

—Agora veja, minha rica mãe, se não tenho motivos para tristesa. O rosto pallido da filha, suas lagrimas tão modestas... tão dignas, sem serem altivas, sua doçura, sua vergonha, sua angustia me estão sempre na memoria; e os gritos de desesperação da mãe retinem ainda em meus ouvidos. Não dormi em toda a noite, e ao almoço não podia engolir nada; lembrava-me que aquellas infelizes estavam morrendo de fome.

—Bem me pareceu que não comeste; mas não quiz dizer nada, porque teu pobre pae tambem não comeu muito. Tudo isto é bem triste!

—Mas, minha mãe, não se poderia minorar

os males d'aquellas infelizes senhoras? Quando ha pouco examinava as pessoas que mais amo, e pensava na possibilidade de lhes succeder uma desgraça similhante, estremecia interiormente.

—A desgraça é possivel, meu filho, a deshonra merecida não. Teu pae nunca enganará os seus credores, nem fugirá para se subtrahir a dar contas.

—Sei, minha mãe, que meu pae não se portará como Ricardo d'Oliveira; mas se elle fosse mais humano para aquellas pobres senhoras, que não tiveram culpa na deserção d'aquelle que devia ser o seu protector...

—Porém, Maximino, que pôde fazer teu pae por ellas? A divida de que elle é credor não é a unica, nem a maior, ainda que não seja pequena. Os credores teem de perder quasi tudo; que queres pois que elles façam em prol dos fallidos? E como podem ser humanos com o homem que fugiu, levando, como o attestam seus livros, alguns contos de reis, pratas e joias? A familia morrerá de fome talvez... elle não.

—Mas para ellas é que eu pedia compaixão.

—Era preciso que todos os credores se concordassem para deixarem á esposa e filha do fallido alguma coisa, e isso seria difficil. Teu pae, se poder, far-lhes-ha algum bem, acredita-o; mas duvido que o possa.

—E minha mãe não podia...

—Que posso eu, meu filho? E nem lhes mandaria nada sem consentimento de teu pae.

—Se lhes mandasse trabalho... Ellas querem trabalhar para viver.

—Tambem o não faria sem dizer a teu pae. Elle sabe que eu e Rufina fazemos toda a costura da casa; não temos meios para nos dispensarmos d'esse serviço; muito menos agora que teu pae teve uma perda tão grande.

—Oh! meu Deus!. então havemos de deixar aquellas infelizes morrer á mingua!.. ou perder-se aquella menina tão virtuosa e tão boa?!

—Meu pobre filho!... és ainda muito moço: estás com toda a seiva da sensibilidade. D'essas desgraças está o mundo cheio; e quem tem tão pouco como nós para dispender em beneficiar os desgraçados, sente a todos os momentos o coração despedaçado d'angustia, e tem de fechar os

olhos para não ver todas as miserias que nos cercam. Comtudo consultarei teu pae... verei se se pôde fazer alguma coisa para minorar os males das infelizes por quem tanto te interessas.

N'este comenos appareceu á porta um creado e disse que o sr. Custodio da Cunha mandava pedir á senhora que fosse ao escriptorio, se lhe fosse possivel.

Adelaide levantou-se logo e pousou o seu

trabalho na mesa, como quem tenciona interrompê-lo por pouco tempo. Olhou para seu filho que estava na mesma posição melancolica, anediou-lhe a cabeça com carinho e lhe disse:

—Estimo, Maximino, que sejas sensivel ás desgraças alheias, mas não tanto. Faz-se o bem que se pôde; e, aquelles males que não podemos remediar, recommendam-se á bondade divina.

V

A BOA ESPOSA

Entrou Adelaide no escriptorio de seu marido, que estava assentado á escrivania, só, e com ar cuidadoso. Ella assentou-se perto. Sentia immensa compaixão por aquelle homem que se esforçava por occultar pesares e receios. A boa esposa adivinhava o que seu marido queria encobrir-lhe: sorriu-se porém para elle, recalcando no coração as dores que estava soffrendo, e lhe disse serena:

—Chamaste-me. Precisas que te ajude n'alguma coisa? Dizes que tenho letra rasgada, e o anno passado me confias-te o teu coprador. Se tens qualquer serviço que dar-me, bem sabes...

—Sei que és uma santa: interrompeu Custodio apertando-lhe uma das mãos com força.

Olhou-a em silencio por algum tempo e acrescentou mais socegado.

—Chamei-te para conversarmos. Estava cansado d'algarismos. Quiz distrahir-me para voltar á minha tarefa.

—Fizeste bem. Não deves cansar-te de-masiado. Cuidas muito pouco de ti.

Tornaram a ficar em silencio. Adelaide conhecia que seu marido queria dizer-lhe alguma cousa que não ousava; mas receiava affligil-o com perguntas. Ouvia-se em cima o som do piano. A mãe de Rufina arrendia-se de ter mandado sua filha tocar. Talvez aquella expressão de alegria descontentasse seu marido n'aquelle momento. Elle lhe disse, porém, encostando a barba á mão e encarando sua mulher sem signal de descontentamento:

—Rufina está tocando muito bem.

—Não toca mal.

—Poderia talvez despedir-se o mestre. Não será nunca uma professora, e para se divertir parece-me que sabe quanto basta.

—De certo. Hoje mesmo mandarei pagar ao mestre as visitas que se lhe devem, dizendo-lhe que o avisarei quando nossa filha tornar a dar lições. Escusa elle e Rufina saberem já que as lições acabaram de vez.

—Seja como dizes... Tens muita descrição... Tambem... parece-me...

—Que nossa filha sabe sufficientemente o francez, não é isso? Tambem penso o mesmo. Podemos despedir o mestre. Eu e Maximino sabemos bastante para a não deixarmos esquecer do que ella aprendeu.

—Obrigado!... murmurou Custodio da Cunha.

E tornaram a ficar em silencio. Foi Adelaide, que resolutamente o interrompeu dizendo:

—Sê franco commigo. Queres indicar-me alguma economia mais?

—Ah! minha boa Adelaide! que economias podia eu lembrar, que tu não tenhas posto em pratica desde que governas casa? Se podessemos, porém, passar sem o creado... se Rosa podesse bastar para todo o serviço de portas a dentro... mas seria muito para as forças d'ella.

—Não é, não. Ella tem boa vontade, e muita amisade por nós. Com isto faz-se muito serviço; e, como é creada antiga, eu e Rufina teremos muito gosto em ajudal-a.

Custodio da Cunha voltou o rosto para o outro lado, e disfarçadamente enxugou uma lagrima.

Adelaide sentiu-se muito sensibilizada. Procurou senhorear sua commoção, para o animar, e para que elle não pensasse que aquelles maus annuncios a impressionavam e affligiam. Passado pouco disse, deitando-lhe a mão ao braço carinhosamente, e fazendo-o voltar para ella:

—Meu rico, não nos conhecemos de pouco, e sabemos que temos força para tudo. Fallemos sem rebuço, e sem tristeza. Estás ameaçado de fallir?

—Não te nego que me vejo em grandes embaraços; mas nada me annuncia proxima quebra. Por ora o meu credito está em toda a sua força; e no commercio o credito é tudo; mas, se vier a não poder ser exacto nos meus pagamentos, como receio...

—Custodio da Cunha, escuta-me. Não sirvo para dar conselhos; mas o affecto de esposa e mãe me obriga a dizer-te o que o coração, a fraca razão, e a experiencia me estão dictando. O negociante, que sente proxima a sua ruina,

apega-se a quantas coisas lhe parecem taboas de salvação, e cada vez se afunda mais. E' muito melhor accitar logo a taça amarga que Deus ou os homens nos apresentam, do que afastal-a para depois a bebermos com dobrado fel, sem fallar dos dias de ancias e noites de insomnias que se devem passar emquanto a duvida e receio nos baloiçam sobre o abismo. E' melhor descer lá com coragem e resignação. Deve ser menos custoso.

—Tens razão, corajosa mulher; mas por ora não chegamos a essa extremidade.

—E oxalá que nunca cheguemos; porém se chegarmos, nada de fraquear. Não te tornarei a fallar n'isto, para te não mortificar inutilmente. Sê franco commigo. Sabe que eu sou meia philosopha. Para a vida tão curta, não vale a pena de nos atormentarmos muito. Uma jornada, por incommoda que seja, soffre-se bem, quando temos esperanza de chegar a boa paragem.

(Continúa.)

ERRATA—No nosso n.º 5, pag. 37, linhas 31, onde se lê—fez-se espião, como sempre o fôra primeiro—deve ler-se—fez-se espião, como seu pae o fôra primeiro.

QUEM CHORA?

Hen mihi! quia inculatus meus
prolongatus est. (Ps. 19—v. 5.)

Quem é que póde na vida
Uma lagrima sentida,
Sobre um finado verter!
Quem póde carpir a morte
Quando nós temos, por sorte
—«Chorar no mundo e morrer!»

Quem póde carpir saudoso,
Sobre o crepe tenebroso,
A morte de quem amou?
Quem é de gosos exausto
Que adora este mundo infausto
Onde a dita nunca entrou?

Quanto é vão o delirante
Que não olha como instante,
A vida que Deus lhe deu?

Quem não teve entendimento
P'ra lèr no seu nascimento
—«Morte e pranto é fado teu!»

Ninguem chore sobre a lousa
Sob a qual, a cinza pousa
De quem não padece já!
Ninguem chore, quem quebrára
Da vida o laço, e voára
Ao seio de Jehovah!

Chorem só os desgraçados
Que foram como eu creados
Para eterno padecer!...
Chore—quem tiver meu norte,
Quem tiver a minha sorte,
Que é—«penar... depois morrer!»

J. CALDAS.

A MULHER — SUA EDUCAÇÃO

Seja-nos permittido elevar um dia a voz, não em defesa dos nossos direitos, pois os não temos, mas sim em auxilio da nossa causa.

Confessar nossas proprias convicções, nossos principios, esses principios innoculados em nossas almas pela mesma natureza, com o primeiro baptismo de pranto das nossas mães, menospresados ou destruidos depois pelo abuso de mal applicadas educações, não é crime de que não sejamos promptamente absolvidas.

Mulher, ainda mais pelo coração do que pelo sexo, se todavia me posso assim exprimir, não proclamo o phantasma da emancipação feminina; essa risonha e feiticeira utopia, nunca encontrou em minha alma o calor do enthusiasmo com que muitas a saudam. A liberdade e emancipação da mulher, como muitas as intendem, se não fosse uma ficção, um sonho irrealizavel, seria uma grande desgraça para ambos os sexos! Faria no globo uma completa revolução, com todas as suas funestissimas consequencias, sem outro resultado, mais que peiorar a condição da mulher, sem melhorar a do homem. Bem sei que poucas ou quasi nenhuma assim pensam, pois que se deixam arrastar por falsas apprehensões; eu, porém, declaro que, se hoje se armasse uma crusada feminina sob as bandeiras da liberdade, contra o imperio do homem, não entraria na arêna.

Felizmente para todos, se a reacção algumas vezes se manifesta, não é ainda em campo descoberto.

Não estará bem collocado o sceptro? está, porque o sceptro é a força, e a força é o homem; cumpre-lhe, todavia, voar mas não abusar d'ella.

Ora o homem compõe a sociedade, e é esta que corrompe as mais das vezes a mulher, desnaturando-a, dando-lhe uma alma que ella não deveria ter, e que será tudo quanto lhe queiram chamar, excepto a alma com que a Deus dotou, para fazer a felicidade sua e do homem a quem se associa.

Dêem á mulher uma educação e principios coherentes com sua natureza, e sobre tudo com

a duplice condição de esposa e de mãe; suffoquem-lhe, ao nascer, esse perigoso germen de vaidade, que rapido se desenvolve quando affagado e protegido, e que opprimido e castigado, se dobra como vime, de mui cedo costumado a curvar-se sob o imperio de vontade alheia!

Fallam contra a mulher, combatem-n'a com a penna e com a palavra, mas não vêem que a semente do mal, foram elles proprios a lançal-a em suas almas, esmerando-se depois em sua cultura?! Nascida entre cambraias, educada entre sedas, vivendo entre velludos, que pôde a mulher aprender, senão luxo e ostentação em toda a sua plenitude?!

Demais o systema das educações actuaes, não tem por base unica, o desejo de agradar ao mundo, e por unico fim os applausos da sociedade?

Creio que sim.

Toda a mulher que entra n'uma sala com garbo, corteja galantemente a assemblêa, compõe um sorriso a proposito, responde com um—ah!—desdenhoso ou innocente aos cumprimentos do par, tósse, impallidecendo, quando a brisa refresca, como sensictiva que desfallece ao mais ligeiro contacto, falla em francez com a amiga, e dizer—*bonjour*—ao pápá, tem completado sua educação: isto é a educação mais ampla, mais brilhante, que uma menina presentemente pôde attingir, e qualquer mãe aspirar para suas filhas!

Que erro, que absurdo em que a sociedade labora, e que tristes principios para a mulher, que em breve vai ser esposa e mais tarde mãe!!

Agora ponderem bem commigo as funestas consequencias de tudo isto.

A mulher, rainha um momento, rainha por sua belleza, rainha por seu espirito, rainha por seus atractivos estudados ou naturaes, toma das mãos da sociedade o sceptro que lhe esta confere, deixando-se coroar de lisonja pelo homem que lhe queima incenso nos degraus do throno, por entre calorosas homenagens de vassallo! D'ora ávante senhora do seu imperio, conscia

da realisa seductora, mas ephemera d'aquelle momento, assignalada nos triumphos de cada victoria, e nas ovações dos vencidos, não deixará sem violencia esse throno de que tomou posse; o sceptro ser-lhe-ha feito pedaços nas mãos, antes que o deixe cahir!

E o homem terá de sustentar essa lucta no interior de sua casa, e esmagar passo a passo essa força que elle proprio preparou, para não abdicar a dignidade do seu poder.

Eis uma grande contrariedade para elle, e a primeira decepção para ella, que vê fender-se-lhe nas mãos, o prisma por que antes olhava o casamento.

Que auspicioso não começa este consorcio!!

Desde um tão solemne momento, datam todas as desordens, todas as dissensões entre os dois.

Ambos fatalmente illudidos, haviam seguido a miragem feiticeira de suas esperanças, caminhando juntos, de mãos dadas, para o mesmo abismo!

O homem encontra na mulher que escolhe para companheira de seus dias, o idolo da sociedade sim, mas o vacuo da familia; a par de tantos attractivos que brilham em uma sala, nem uma só das virtudes que erradiam como estrelas, nos horisontes do casamento!

A mulher, lisongeadá, festejada e adulada, antes em seus mesmos defcitos, pelo homem que elegera d'entre tantos que a incensavam, desmaia com os primeiros rigores, acusa de tyranno, quem outr'ora lhe parecera submisso escravo, e procura, por suas mãos, os espinhos dolorosos, que hão-de feril-a até á mais recondita fibra do coração.

Aborrecendo a familia, odeando o viver domestico, continúa a procurar na sociedade com que encher esse vacuo da alma, outr'ora affeita ás alegrias do triumpho!!

Que ha-de fazer o marido? Não foi elle que preparou passo a passo a queda de sua esposa!!

Se não podia ou não queria sustentá-a no pedestal a que a elevou, para que a fez assim subir? Soprou-lhe a vaidade, ateou a chamma, e agora quer com algumas gótas de gelo apagar o incendio!!

Ainda hontem lhe chamava, seu anjo idolatrado, rainha de sua alma, senhora de sua existencia; hoje simplesmente sua mulher, amanhã sua escrava talvez!!

Hontem ajoelhava elle nos degraus do throno, hoje corre-se a cortina, atraz fica a sociedade, entra-se na familia, e logo ao entrar, é ella que ajoelha, elle que sobe!

Trocaram-se os papeis, a rainha torna-se vassalla, o cortesão faz-se adorar como rei!

Mas jámais uma realisa cabiu sem lucta, jámais uma corôbaqueou sem ruido! Está pois começado o combate, e combate renhido, porque as hostilidades se renovam todos os dias, todas as horas e todos os instantes; guerra callada, com apparencias de paz, guerra de embuste e traições!!

Quasi sempre o homem vence, sim; mas vence pela força, o que com brandura, facilmente conseguia, sendo-lhe, por ventura, mais agradável e menos prejudicial.

D'aqui nasce um viver particular para cada um; aquelles dois espiritos já se não comprehendem, não podem portanto associar-se.

Póde dizer-se que na mesma casa, habitam duas familias estranhas, que só se cortejam apenas, e na sociedade se fallam e se procuram com a franqueza de antigas e intimas relações.

Depois, novas difficuldades e tropeços lhes advcem com os filhos; a mãe segue o caminho da esposa, e estes angelicos innocentesinhos, fadados para o porvir da familia, em vez de trazerem alegria e bençãos á casa paterna, como enviados do Senhor, mais tedis e desconforto acarretam para a seio dos seus.

Como a mulher perdeu o coração da esposa, a má esposa perdeu o coração de mãe, se não ha ahí balsamos do céo que a reabilitem, dando-lhe novo baptismo d'esperanças e amor!

O orvalho celeste, não desce até o calix da flôr, se as petalas o absorvem!

Agora uma terceira pessoa é necessaria entre os esposos: a ama.

Pobres anjos desherdados do coração de sua mãe, refugiam-se no seio d'uma estranha, que os alimente e acaricie!

Mas se, crescendo, se affeioam natural-

mente a ella, com a innocente expansão de coraçãoes reconhecidos, e virgem de hypocrisia. nasce o ciume na mãe e com elle novos motivos de querellar seu marido.

Chega a idade em que aquellas debeis creaturinhas, carecem d'um mentor que lhes desenvolva a rasão esclarecendo-lhes o entendimento, e d'uma directora affectuosa, e instruida, que lhes allumie a alma com os primeiros clarões da fé: essa alma que presente já em si, e começa de balbuciar indistinctamente, a vaga aspiração do infinito; e os dois esposos dizem seccamente.—E' necessario mandar educar estas crianças.

Que sarcasmo pungente n'estas palavras!! Que parodia ridicula dos deveres de familia!!!

Lá vão os innocentes para o collegio, abandonados dos seus, entregues a estranhos que só curam de seus interesses, e pouco lhes importa que a familia prospere ou se anniquille.

Uma visita por anno em tempo de ferias, apaga as saudades dos parentes, que se delicias contando os progressos do menino, e fazendo a ennumeração das prendas da menina: umas que ella já sabe, outras que tem ainda de aprender.

Educação ephemera, superficial e balofa, sem bases de solida duração!

Camada de verniz que na sociedade brilha, e na familia de prompto se apaga! Que perdição!!!

Oh! Daí á mulher outro logar no mundo, outra missão na terra, além da de agradar-vos, satisfazendo vosso orgulho por instantes!

Não a eduqueis sómente para a sociedade,

educai-a antes para a familia; deixai-a tomar o voo que seu espirito naturalmente procura, se quereis esposas, se quereis mães!!

Não a modeleis em vossa phantazia, pelo typo das rainhas das salas; se seus triumphos satisfazem momentaneamente vossa vaidade, mais tarde achareis que elles vos são nocivos, quando carecereis da força para dominar seu imperio.

Se quereis regenerar a sociedade, substituir a corrupção pela virtude, educai a mulher, só ella o poderá conseguir.

Que quadro ha ahí mais tocante, mais terno e sublime, que o da mãe, com seu filho nos braços, estreitado ao seio, apontando-lhe o firmamento, como para lhe ensinar a soletrar n'esse livro de prodigios, os mysterios de Deus?! O sorriso da criança, não compensará a mulher?

Esse gesto de encantadora meiguice, com que o filho, mal podendo balbuciar ainda, ergue instinctivamente para o céo, suas mãosinhas supplicantes, não encherá de alegria e lagrimas, o coração da extremosa mãe?!

Depois, sobre o berço, essas horas de inquieta vigilia que passa, guardando o somno do innocente, quanto lhe são bem pagas, com os beijos que soffrega lhe devora!!

Mais tarde, quando chega o esposo, como estremece de intimo jubilo, vendo-o contemplar silencioso e terno, o berço onde o filho repousa adormecido!!

HENRIQUETA ELYZA.

(Continua.)

O AMOR RECOMPENSADO

(Concluido da pag. 23.)

N'esta contemplação, em que Henrique e Maria pareciam pedir á natureza um cântico de poesia vaga e sublime, que lhes traduzisse em linguagem aquelle poema d'amor que lhes ia n'alma, uma serie de recordações saudosas d'um passado de innocencia, de alegria e de risinhos

divertimentos, se veio apresentar como assumpto á mente d'ambos. Relebraram-se dias de primavera, quando ao alvorecer corriam juntos pelos campos a colher as flores mais bonitas, orvalhadas ainda e exhalando os dulcissimos perfumes matinaes, para com ellas se tecerem

grinaldas de muita simplicidade e encanto. Não esqueceram também as horas em que, ao pôr do sol, se iam ambos assentar nos degraus da cruz de pedra, que parecia, no meio da estrada, querer acolher com seus braços o viajante enfraquecido—a desfolhar nos dedos um malmequer, como prova reciproca de verdade nos sentimentos que se consagraram.

Das trevas do passado que recordava com saudade, o seu espirito avançou para o futuro, que se lhes affigurava já irradiante da luz da felicidade. A alegria luzia-lhes expansiva nos rostos, e o delirio crescia ao passo que a sua imaginação, de par com a esperança, lhes vinha pôr ante os olhos da alma um paraíso de delicias e gosos interminaveis.

N'um colloquio de intimos enlevos e de ignotas idealidades se perdiam então aquelles dois namorados. Henrique apertava fervorosamente nas suas a mão de Maria, e já a levava aos labios, quando detraz d'elles se fez ouvir temerosa a voz de Jeronymo de Vasconcellos, o rico proprietario, que, ou fosse por acaso, ou que um presentimento incitante o levasse a isso, encaminhara os passos para aquelle sitio, que nós já dissemos fôra escolhido por Henrique e Maria, quiçá como melhor confidente para os segredos da sua conversação, aquecida sempre a um fogo de paixões puras e ardentes.

Esta surpresa, tão repentina como imprevisita, produziu um grande abalo nos animos de Henrique e Maria, que, corridos de vergonha e vergando ao pesar que n'elles fizera tal accidente, se foram a lamentar a sua desventura, outr'ora tão distante, e agora tão prestes a fazer murchar todas as esperanças lisongeiras, em que até ali se haviam alimentado aquelles dois corações phantasiosos.

Jeronymo de Vasconcellos, pasmado do que vira e ouvira, e julgando-se offendido do longo silencio que no seu amor guardaram Henrique e Maria, desterrou de sua casa áquella, mandando-o para outra, distante seis leguas, e onde, com o espaço de tempo e de logar, se lhe fosse apagando da alma o fogo d'aquella paixão, que já então era muito intensa, e profunda, para com facilidade ou sem ella, poder ser desarraigada

do vaso onde crescera e se fizera grande á luz d'um sol ardente e vivificador. Porém nem o tempo, nem a distancia poderam influir no amor de Henrique por Maria. A saudade pungia-o, e a lembrança de que lhe não podia communicar o que sentia dentro em si, de que a não via realmente—pois que aos olhos da alma lhe era ella sempre presente—essa lembrança affligia-o em extremo, e trazia-o n'um estado de taciturnidade e melancolia tal, que na interpretação que lhe dava, a gente da terra eria-o de loucura.

Assim viveu Henrique, espaço de dois annos, até que ralado de saudades, e pungido por dôres afflictivas, se veio um dia lançar aos pés de Jeronymo de Vasconcellos, pedindo-lhe o perdão da sua culpa, filha só do amor, que no entender de muitos espiritos, é um crime.

Jeronymo de Vasconcellos não recusou admittir Henrique de novo á sua companhia, impondo-lhe sómente uma condição, satisfeita a qual, o seu amor de pae reapareceria outra vez para elle em toda sua intensidade. Esta condição era nem mais nem menos que um marco posto entre os corações de Henrique e Maria, que ficavam d'esta maneira privados de se communicarem nos seus sentimentos.

Circumscripto na esphera do seu amor, Henrique absorvia-se na mais profunda melancolia. Nunca, porém, qual o amor que sentia, o desampararam esperanças, cuja realidade entregava ao tempo sempre que pensava em Maria. Esta, por sua parte, guardava ainda para Henrique aquella mesma alma, em que nem a ausencia, nem o tempo, nem uma causa por poderosa que fosse, fariam jámais mudança. Maria sentia, como Henrique, os effeitos da severidade de seu pae, mas o seu coração pulsava livremente, e o vôo da sua imaginação ardente não encontrava na passagem que fazia, um só obstaculo que lh'a embarçasse. Por isso os seus pensamentos convergiam com os de Henrique para a cortina, detraz da qual a sua imaginação lhes representava o tempo, esperando a occasião para levantá-la e mostrar em toda sua luz a felicidade, ha tanto desejada e perseguida por aquelles dois infelizes.

Era uma noite d'abril. Dominado por uma

insomnia dolorosa, proveniente do recolhimento e tristeza, em que se consumia o seu espirito, Henrique veio para o jardim, como a procurar entre as flores aquella d'onde podesse haurir o balsamo para as suas magoas. Em casa de Jeronymo de Vasconcellos todos repousavam n'esse momento, e tudo era profundo silencio. De repente um grito aterrorador de—incendio!—veio ferir os ouvidos de Henrique, que parecia enlevado na contemplação das estrellas ou do infinito. Veloz como o raio, Henrique vò a empregar a sua coragem em prol d'aquelles, cuja vida estivesse em perigo. O seu primeiro pensamento foi o de correr ao quarto de Maria, que, de joelhos e sem accordo diante d'um crucifixo, esperava que a morte assim a levasse perante o throno do Altissimo.

A lavareda sobrelevava já em parte os tectos da casa, cuja vista era terrivel. Henrique,

porém, não desespera, porque o amor lhe dá forças, e animado d'um esforço sobrenatural, eil-o atravessa as chammas que pareciam abrirem-se, como os soldados dando passagem ao guerreiro denodado que vò a colher a palma da victoria. O incendio que então se levantara em sua alma era mais poderoso que aquelle contra que luctava.

O inimigo foi vencido, e Maria posta nos braços de seu pae, como despojos do combate.

Não ha palavras que pintem a alegria e a commoção de Jeronymo de Vasconcellos ao encerrar em Maria, livre de perigo. Desde logo resolveu unil-a para sempre a Henrique, o salvador de sua filha; o que se realisou d'ahi a pouco tempo, entre muita alegria e festas da gente da aldeia, onde ainda se conserva memoria dos amores que tiveram aquelles dois corações, palpitantes de verdade e singeleza.

H. M.

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Maria Adelaide Fernandes Prata

(Continuado da pag. 38.)

EREMITA

Joven, se és desgraçado, melhor pòdes
Tambem d'um desgraçado apiedar-te!
A vida se me esvae!... ouve-me, ó filho:
—Era em tempo, em que os francos opprimidos,
Gemiam sem fruirem liberdade;
Mas eu, senhor feudal, fazia parte
D'oppressores que a patria 'scravisavam;
De nobresa ostentando um futil titulo
E do rei o favor gosando ufano,
Orgulhoso, egoista, não soffria
Que fosse mais que eu, outro exaltado:
Votei odio, inveja ao cavalheiro
Mais nobre, denodado e virtuoso,
Tecendo-lhe a mais vil, atroz calumnia!
E do rei a má indole accendendo,

Contra o triste o tornei enfurecido:
Foi preso o desgraçado e condemnado
A' existencia fruir longe da patria,
Sendo-lhe bens, thesouros confiscados!
Mas est'alma feroz, implacavel,
Contente inda não 'stava co'a má sorte
Que sobre esse innocente já pesava
E temendo que um dia a sã verdade,
Altiva se mostrasse contra mim,
Uma idéa infernal passou na mente
Que o coração perverso não baniu,
E das trevas o Genio vendo entrada
N'um 'spirito d'inveja como o d'elle,
Armou-me d'um punhal a dextra infame,
E a vida, que tirar a Deus só cabe,
Eu a extingui ao triste, sem piedade!...

Que! mancebo! recuas aterrado?!...
Meus crimes inda aqui não fazem termo!...

E o Bardo empallidece, treme, fixa
O velho que elle afasta horrorizado
E não sabe se dorme, vela, ou sonha,
Ou se vive sem tino, delirado.

EREMITA

Ficou do mal-faldado um gentil filho,
Que herdou do nobre pae altas virtudes,
Que de sandade em breve viu finir-se
A mãe mais carinhosa e desgraçada,
Da qual assassinei o esposo caro!...
(Triste do que encetou do crime a estrada
Que ao crime se habifua e cala n'alma
Essa voz da consciencia que não ouve!)
Ao mancebo infeliz nova desgraça
A minha crueldade preparava!
D'um cortesão a filha bella e rica
Para esposa lhe estava destinada;
Mas eu que por orgulho a ambicionava,
O monarcha empenhei para obtel-a
E o cortezão gostoso cumpriu logo
Desejos que o seu rei manifestava.
Chama a candida filha e faz saber-lhe
Do sob'rano os projectos vantajosos...

BARDO

Basta! sombra maldita! não prosigas,
Não mais surjas do inferno a perseguir-me!
Assás da vida minha sei a historia,
Não venhas do sepulchro repetir-m'a,
Não venhas aggravar profunda chaga
Que incuravel abriste na minh'alma!..
Ah! foge sombra errante, pavorosa,
D'esse que assassinou, marquez infamel
Meu desditoso pae, o conde Alfredo!...

E convulso o ancião ao céo os olhos
Levanta, erguendo as mãos agradecido
E curvando-se, as plantas quer beijar
Do Bardo mui irado, enfurecido.

EREMITA

Piedade, Sabino! ah! piedade
Para o homem constricto e desgraçado!
Piedade ao peccador que vida austéra
Ha longo tempo busca n'estes ermos!
Fui teu perseguidor, fui teu flagello,
Roubei-te o que mais caro te era á vida!
Emmurcheci dos annos teus a flôr,
Quebrei o teu encanto escurecendo
A estrella que ditosa te sorria!
Teu triste coração dilacerei,
Roubando-lhe os affectos mais queridos,
Deixando em seu lugar o fel d'angustia!
Ah! não fujas, Sabino! ao moribundo
O teu perdão vem dar-lhe generoso!
Vem; não é sombra vã que t'o supplica;
E' o homem que afastado longo tempo
Dos caminhos do céo, errava longe!..
Aquelle que peccou, porque era um homem!..
Escravo das paixões, fragil mortal,
No bulicio do mundo, entre grandezas,
Sem outro guia mais que a vil lisonja
Exercida por vis aduladores
Que o peito juvenil lhe corromperam,
Nas orgias seu ouro descipando,
Conseguindo banir d'esta minh'alma
Os germens da virtude, honra, deveres!
Dotado de valor, brios, coragem,
Cumpria-te vingiar tão vis affrontas
E no dia aprasado em que devia
Ante as aras Olinda desposar-me,
Este seio feriste priminoso,
Deixando-o mal ferido, mas não tanto
Que á merecida morte succumbisse.
Ah! pensaste talvez que esse consorcio
Se tinha consummado n'esse dia!..

(Continúa.)

A PÔMA

Chamam-lhe mulher. Soletuada na tripode doirada da sibylla, reflectiu-se depois na vaga da revolução. O amor tornou-se martyrio para se erguer redempção. Loucuras!

Vistel-a? Os céos choveram-n'a na felpa da montanha. A Faulha da estrella estaliu nos olhos d'ella. O mar, que não logrou humedecer-lhe a fronte, envolveu a *paraselene* nos beijos de seus flócos. O valle trepou ao calvario e jorrou-lhe amarantos nas faces.

Vistel-a? A ovelha desfiou-lhe o collo para tecer seus vellos d'alvura. E o côrvo negro a envergonhar o escudo de Fingal enterrou os pés no cabello da *ferida*. Naquelle linha ondulada, revolta, meandrosa, esconde-se uma psychologia inteira. *Amarum mare*.

Nua!—E sem um raio de sol que a vista; e sem um pouco de fumo que a cubra; e sem os apupos da theologia que a furtem. Nua!

Vistel-a? Resvalava n'um altar de sacrificios. A rosa soltava cheiros suavissimos. O lyrio vertia candores. E o halito do incenso perfumava aquelle fugir de sombras.

Tudo escorria deliramentos. E sempre nua! A pôma, essa não. Tunica lintea a dealbava. Zona brumosa a precingia. Volante maldito fluctuava, incerto, sobre a *nebulosa da terra*.

Um dia, os pólos beijaram-se. O grande androgyno quebrou-se. Os cylindros sorriram-se. E o amor, adormecido na pennugem d'um pecego, viu-se romã. E a morte por lá passa momentos vaporosos... E sempre nua! *Proh! scelus!*

E a pôma intumece. Não vás lá! Olha. Admira como ella, coberta de fumo pellucido, transluz micante sob o perspicuo tegumento. E' a fata morgana ou o espectro de Brocken?

A Susana transparece, venustada mirificamente de mil pudores, sob a nebula d'aquelle Thabor de prodigios.

Oliva fructifera. Naquelle celsitude de cherub, a mulher distilla escandalo. O asceta não poisa lá a mão, porque refoge a brasa da

gehenna; mas, ao divino, cêva no amôjo o ardor do ôlho espremido. Mundo.

O mundano, esse, de mente pudica, coração casto, corpo limpo, mão impolluta, na pôma pregusta o grumo do leite e o favo do mel. *Infirmo caro!*

E na verdade, quando da areola da pinha evolva chispa, haverá na estamenha alma tão desinebriada da propria excellencia que murcha n'aquelles tufos d'ardores?

Ha Magdalenas que não conhecem o Jesus. O incendio enrosca-se na stípula. A cruante bôca da serêa ensaia os cantos n'aquelle diapasão de negrumes. *Fuge litus ararum*.

Está lá tudo. Na pôma. A paciencia de Job, a mansidão de Moyses, a crença de Abraham, a castidade de Joseph, a humanidade de David, a sabedoria de Salomão, o zelo d'Elias, o tombe da mulher. Por ella, é mais que virgem, é *Halma*. Salve!

N'aquelle deliramento do kosmos enlaça-se o saginado pugil ao picto olympico. Por ella se mal-fere agora bem pugnado. O atleta despia o cêsto e amphotide ante a urna dos éstos. O areo-pagita deliquescia aos pés da hetaira. E a tolissima mythologia?

E toda nua. E a pôma, essa, volvia-se purgatorio do limo. Mais fria que o aquilão, sopra a *trimegista* a perda da alma. Contradicções. Naquelle harpa eolia não sôa a melancholia, espiro o sirocco em Balbeio. Ninguem nos entende. *Barbarus ego*. Para ser estatua de Memnon falta-lhe a mortalha da pudicicia. Sempre vitrea, morreu lá o Woodstock da estola. E porisso, quando pruc a açucena periclita o lyrio. Hian-te, pôde flagrar o céo. Morra por elle. Ainda ha servo adscripticio d'aquelle globo de pó. A pro-cacidade discreta da pôma ninguem a duvida. Por isso a egreja a condemna. D'ahi o penetral. O espinho não rehabilitou a carne. O hedonismo não cabe no templo, porque é cynico. Substituiu-o o celibato. A mulher é *softer man*.

O methodo de exhaustão applicado pela en-

cyclica sorve satanaz. *Intus et in cute*. Indivisível sem successão; invariável sem mudança; interminável sem fim, só a metaphysica. Deus me livre da dictadura do espirito.

E a pôma? *Lenones tenebras*.

.....
A mulher é a pôma. Porque a mulher é a Mãe. O labio incerto, crebro e muito, faz ma- drugar nos *scios* a alva da prophacia. A Mãe é adivinha. Maria no berço não viu o horto. Ti- nha morrido a *delphica*. *Pneuma agion*.

Dou-lhe o supremo culto de latria, Nem o ingresso fluxuoso da serpe, que reptá por um combro de flôres, vence em labyrinthos o osculo fervido, que infusca a pupilla da pôma ignita.

Beijo e pôma. A conchoide ferindo a asym- ptota. *Verbum caro factum est*.

A palavra e a vida. Misteriosa incarnação onde está unido hypostaticamente o astro e o sapo. Baptismo prodigioso que magnifica a lu- brica Venus. *Ubique damon*. O beijo é unção divina que oblua a pôma para que se consagre o amor. Sanctificando-a, infunde-lhe a graça; consagrando-a, imprime-lhe caracter. *Morituri, te salutant*. N'aquella amphora d'infernos espa- neja-se o Glauco tritão e toma pé o iris de se- rena claridade. Ali abraça-se o ibis e o reptil, Horror!

.....
Que atheismo!

Barca, 14 de fevereiro, 1865.

CERQUEIRA LOBO.

P R E S E N T A M E N T O

A's vezes quando o sol esconde a fronte
N'esse veu transparente do oceano,
Fitando os olhos tristes no horisonte
Ali, minh'alma lê celeste arcano....

Parece adivinhar que a minha vida
Já vai declinando ao seu occaso...
E eu—ave dispersa sem guarida—
Em saudades do ceu todo me abraso...

Eu, tão novo, pareço o velho monge,
Que as sandalias arrasta já euryado,

E nunca volta a fronte, que de longe
Com saudade lhe acena o seu passado...;

.....
E quando terminar a minha vida,
Quando n'alma extinguir-se o fogo immenso,
Ai! vão chamar a minha amante qu'rida,
E ponham-me nas faces a seu lenço...

Janciro de 1865.

ALBERTO PIMENTEL.

A MULHER — SUA EDUCAÇÃO

(Concluido da pag. 51.)

Mulher, não queiras perder a divina essência de tua alma.

Na tua duplice e espinhosa missão de esposa e mãe, que de martyrios sublimes, que de heroicos soffrimentos se encerram, mas quantas doçuras, quantas alegrias a compensal-os?!...

No extremo da viagem, quando a doença chega encostada ao bordão carcomido da velhice, como será dôce vêr rodeado o leito, de rostos compadecidos e amigos?!

As lagrimas de pesar, que em tantos olhos despontam, sendo promptamente afogadas n'um sorriso de lisongeira esperança, como chegam ao coração frescas e suaves, qual orvalho que mitiga a calma nos ardores caniculares do estio!!!

Se a morte nos arrastar para o tumulo, quantos braços se erguerão, tentando resgatar-nos, e como deve ser sublime essa lucta!!

Mulher que passas na terra, rodeada de loucos triumphos, que desdenhosa calcas aos pés os deveres de filha, de esposa e de mãe, para correres após as vaidades de mulher, lembra-te que as flôres de tua juventude são ephemeras, que desmaiam sob os gelos da idade; que o presente não absorve o futuro, e que, futuro sem affectos, velhice sem familia, são como immenso deserto, sem tenda do repouso para o viajante, lasso de fadiga!

Por um punhado de flôres passageiras, que ora colhes, para logo se converterem em espinhos, não desdenhes os dôces e preciosos fructos que o porvir te pôde offertar.

Olha em frente de ti e diz se é bello vêr um vacuo infinito, e os horisontes ermos de luz, como erma tua alma está d'affectos verdadeiros?!

Não te assusta a solidão, que vês lá ao longe nos confins da vida?

De que te vale ser mãe se tens filhos que não te reconhecem?! As crianças que mandaste educar, jámais te comprehenderão, porque não soubeste lançar-lhes na alma o reflexo da tua, e

no espirito a centelha do teu proprio entendimento.

Temeste os cuidados e fadigas que sua infancia carecia, e elles agora recuam com horror da tua velhice!

Ergue-te, mulher, rehabilita-te perante os homens, que Deus talhou para ti um logar muito distincto no mundo: não o desprezes tu pelas falsas apreciações da sociedade.

O homem que te adula em teus caprichos, não é o homem que te ama; é o homem que te despreza, e cava a teus pés um abysmo, que cobre de flôres, para resvalares sem conheceres a queda.

Pôde ser que alguém, apreciando mal este meu dizer, julgue que combato toda a instrucção na mulher, que possa tornal-a agradável na sociedade; ao contrario, eu reclamo-a e com todas as forças da minha alma; mas quero que essa instrucção seja solida e não superficial.

Não quero a arte que enfeitiça com seus attrativos, só por querer prender e enfeitiçar; quero a natureza ajudada pelo estudo, cultivada e desenvolvida com vantagem, sem perder nada de sua graça natural.

Não quero que a mulher seja exclusivamente educada para o viver domestico; perderia com isso a sociedade uma grande parte de seus encantos; mas quero que se attenda primeiro áquelle do que a esta, se todavia os dois principios se podem conciliar sem prejuizo do primeiro.

Ampliem quanto ser possa a esphera de conhecimentos para a mulher; a mãe instruida pôde e sabe educar seus filhos, e a ignorante não o poderia fazer.

Com isto não quero provar que a mulher fosse por Deus destinada só e exclusivamente para ama e mentora das crianças; mas sim que, sendo essa a sua principal missão, a ella é que primeiro cumpre attender.

Procurem reunir o util ao agradável: sob

os attrativos que sobresaem em uma sala, porque não hão-de occultar-se as virtudes que fazem a dita da familia?!

A' instrucção do espirito, reunam a educação da alma, e verão mais tarde que, sem a sociedade perder com isto nada, ganha a familia muito.

Depois d'Aimé Martin, quanto se diga sobre este assumpto, tudo é surperfluo ou imperfeito.

Se ouzei erguer a voz, tentando seguir a palavra eloquente do erudito escriptor, foi com o unico fim de chamar a attenção do mundo feminino sobre a—Educação das mães de familia—obra d'um valor inestimavel, mas que poucos se darão ao trabalho de meditar, como ella tanto carece, para bem ser comprehendida. Se o auctor ambicionava palmas, triumphos e ovações, não consomisse tantas horas de trabalho, escrevendo as paginas d'aquelle precioso livro.

Se esboçasse á pressa um romance feito á

moda e gosto das sociedades d'hoje, ennumera-lhe seria a concorrência dos leitores, e immensa tambem a fama que lhe elles apregoariam.

Assim philosophico e erudito de mais para cabeças que de continuo se embriagam em bailes, theatros, passeios, e quando muito o appenso do romance miniatura, perde-se, sendo lido, como egualmente se perde se o não fôr.

Porém, o author quando escreveu a—Educação das mães de familia,—obedeceu á inspiração do bem que praticara, sem ambição de recompensa, e quiçá, talvez movido pelo amor da humanidade, que vai perdida pelos trilhos affastados do seu verdadeiro caminho.

O testemunho de sua consciencia lhe baste para indemnisal-o das fadigas de tão ardua tarefa, já que a sociedade descuro dos bons fructos que sem trabalho poderia alli colher.

Lodeiro, 7 de maio de 1864.

HENRIQUETA ELYZA.

COISAS

(Concluido da pag. 43.)

Preparam-se grandes acontecimentos, leitora. Tenha á mão o lenço com que ha-de enxugar as lagrimas, primeiro de dôr, depois de alegria. Como infallivelmente já previu, isto acaba em casamento, isto é, tem um fim tragico como o d'aquelle Phebo de Chateaupers de *Nossa Senhora de Paris*. Lá iremos a vapor porque não a quero ter presa por mais tempo á incertesa dos successos futuros.

Ora pois. Deixe entrar mais uma pessoa a pegar ao fio da historia. Será a ultima que lhe apresentarei, e que já conhece de nome, se se recorda d'um doutor Faria a quem a marquezia escreveu antes da chegada de Adelaide.

E' um homem de consummado saber medico este doutor, mas trapalhão como poucos, e, por descuido, muito pouco respeitador de certas conveniencias aristocraticas. Não invento. Conheci-o em Lisboa entre os setenta e oitenta an-

nos, e era ainda o mesmo que tinha sido alguns annos antes, salvo no seu capital de conhecimentos medicos que augmentava de dia para dia com aturada leitura e profunda observação.

Entra, pois, o doutor, cumprimenta a todos quasi a um tempo, e declara que Maria Friedlein morre, que não ha meios de salvar-a porque está no ultimo periodo de consumpção. E isto sem dar tempo á marquezia de atalhar-lhe o palavreado.

Não ha grito agudo nem grave. Adelaide mostra uma serenidade que accusa grande sofrimento intimo. Levanta-se.

—Senhora marquezia, alguns dias mais e serei orphã. A resignação não é possivel. E' preciso morrer porque não posso illudir a v. exc.^a

—Illudir-me!...

—Cobrir-me com o véo da virtude para esconder as manchas do erro, e poder aspirar á

protecção de v. exc.^a, seria vil procedimento. Quero morrer... de fome ou de angustia, não importa.

—Mas... não comprehendo...

—O que vou dizer, dizel-o-hei sem córar. Amci. Amei como devem amar os anjos que comprehendem o infinito, e aos desoito annos ainda era pura como elles. Hoje... [*levando as mãos á frente: exaltação progressiva.*] Tenho remorsos de não ter já dito tudo a v. exc.^a Entrei aqui e v. exc.^a julgou aspirar no meu halito o perfume da candura e innocencia.—Já não tenho desoito annos. A bonina que floria branca e viçosa, sentiu um dia os miasmas da corrupção que o vento lhe trouxe nas suas azas; pendeu a haste e as folhas murcharam. O seraphim que gosava o amor dos anjos, desceu á terra, contaminou-se no peccado, e as azas cahiram-lhe e mudou-se em trevas o seu vestido de luz.—Agora expulsem-me porque eu quero morrer. Mas antes de ser expulsa, preciso de pedir a protecção de v. exc.^a para uma innocente. A minha Julia, senhora marqueza, a minha filha é uma innocente que ainda não tem seis annos, e que está agora talvez assentada no leito de Maria Friedlein sem poder suspeitar que a morte vai breve estender o seu véo de lucto sobre aquella casa...

—Mas o pae...

—O pae... Não, não direi quem elle é. Abandonada, esquecida, despresada porque sou pobre, amal-o-hei sempre com o amor dos primeiros dias do nosso delirio. Elle é nobre e rico; eu sou de humilde nascimento e desvalida da fortuna. Serei feliz sabendo que elle é feliz. Se um dia o colher a desventura, achará no meu coração todo o fogo dos primeiros affectos para suavisar-lhe as amarguras do infortunio.

Depois de alguns instantes de silencio que rem dão tempo para notarmos a natural agitação do visconde, Adelaide continuou com assustadora serenidade:

—E' a hora das revelações. Mentir aqui onde me estenderam mão amiga para que não resvalasse na aresta do abysmo da miseria, seria infame. Maria Friedlein não é minha mãe: Frederico não era meu irmão. Na fita d'este co-

lar ha duas lettras. São as iniciaes do nome de minha mãe. Conserva-o-ha v. exc.^a em seu poder. Se um dia a mulher que me lançou de si para não ter de córar do seu erro, fôr forçada pelos remorsos a procurar-me, dizer-lhe-ha v. exc.^a que morri muito infeliz.

Ahi vem a alegria, leitora. Ha scenas de reconhecimento como v. exc.^a está farta de ver em dramalhões de estoiro. Adelaide notando grande agitação na viscondessa, que aperta nas mãos com visivel anciedade o colar que tomou das mãos da marqueza, julga dever dizer-lhe:

—Fiz mal a v. exc.^a com as minhas palavras, senhora viscondessa. Peço perdão. Não devêra derramar em corações cheios de bondade uma parte do fel das minhas amarguras.

Estas palavras produziram na viscondessa um effeito singular. Passou uma mão pela fronte, e com ares de quem toma uma grande resolução, levantou-se e foi apresentar ao visconde uma carta fechada.

—Conhece o homem cujo nome está n'este sobrescripto, senhor visconde?

Pasmo geral. Ficam todos com cara de quem achasse em pergunta tão simples o mais portentoso desconchavo.

—Conheço-o perfeitamente, minha senhora.

—Se esse homem tivesse uma filha, julga que poderia pedir a sua mão sem quebra de conveniencias?

—Que estranha pergunta!

—Mas peço-lhe que responda, snr. visconde. Preciso da sua resposta.

—O nome d'esse homem é illustre, e demais é para mim o nome d'um amigo.

—Mais um pedido. Queira abrir e lêr em voz alta essa carta.

O visconde leu:

«Minha boa amiga.—Podes acabar de crêr que passou para mim o tempo dos desvarios, e que me lembro do passado com a mais entranhavel saudade. Antes de oito dias irei auxiliar-te nas indagações precisas para descobrirmos a nossa Adelaide...

—Não é preciso mais, senhor visconde, exclamou a viscondessa radiante de alegria cor-

rendo a abraçar Adelaide. Adelaide é minha filha!

São onze horas da noite.

Espreito o céu por uma janella que me fica ao pé da mesa em que escrevo estas coisas; vejo-o estrellado e não sei o que me diz que vai lá por fóra um frio horroroso.

Mas que tem a historia com o frio e com o céu estrellado? Não tem nada; mas d'esta maneira fujo a fornecer ao meu amigo Agostinho Albano mais materiaes para fazer d'isto uma coisa que se possa lêr, terminando, como é de esperar, com grande gaudío da moral publica.

E. A. SALGADO.

A FADA DA INSPIRAÇÃO

Eu procurava entre ruínas a fada da inspiração. Queria lêr, nas tradições do passado, as revoluções do futuro. Desejava levantar o pó dos seculos, para formar uma atmosphera de gloria. Dos columnellos partidos construir um templo, dos troncos mutilados d'alabastro erigir um palacio, das cabeças decepadas das estatuas elevar um pantheon, dos marmores esmigalhados entrançar o xadrez do pavimento e o mosaico dos tectos, do bronze derretido moldar as cupulas douradas, das agulhas do lapis-lazuli, mal despontado entre a poeira geral, endireitar as flechas dos minaretes, das télas rasgadas collar um painel magnifico. E, diante d'aquelle pó, a minha imaginação principiou a laborar com o pincel e com o scopro: aqui anediava os cabellos d'uma estatua, além desenhava os traços característicos d'um rosto cheio de bondade, acolá envolvia nas roupas de marmore os hombros hereuleos d'um guerreiro, mais além rasgava, na empastada neve dos vestidos, um sulco, para mostrar as fórmãs elegantes d'um seio de virgem.

Arqueavam-se os porticos, enlaçava-se uma e outra flôr nos arabescos das ogivas, penduravam-se dos tectos os candelabros, enramavam-se de labores as frontarias, ganhavam vida as pedras, enchiam-se de vultos immoveis os enquadros das paredes, cobriam-se de geroglyphicos os pedestaes das estatuas, enfeixavam-se os symbolos do amôr sobre os degraus do altar. e no brunido das alampadas tremia um raio de

luz, que se escoava serena pelo avermelhado dos vidros.

Mas, a não ser este fingido expirar de lumes, tudo era immovel, taciturno, quieto; nenhum vulto se inclinava, nenhum lampadario se movia, nenhuma estatua se deslocava do seu pedestal. Os Colisseus, os Parthenons, os theatros, os circos, os arcos triumphaes, as thermas, tudo se destacava macilento da sombria atmosphera que os cercava, não com a arrogancia da palmeira do deserto, que domina a solidão, mas como a viuva joven ainda, de faces correctas e graves como as matronas gregas, que se ergue da sepultura fresca do seu marido, com o rosto nevado pela afflicção, e nos labios apagada a sede de mais beijos.

Tudo era silencioso. Em verdade, tinha diante de mim uma cidade de mortos. A agua parecia descer das fontes em fios de prata, mas não sussurrava ao cahir sobre as ondas cristallinas dos tanques. Os bosques de lorangeiras, e os renques de limoeiros limitavam ao longe este painel, mas fixos como a moldura d'um quadro.

Eu disse então á imaginação, que me representava tudo isto:—Já que fizeste surgir do cahos da ruina esta Babylonia, soterrada no pó dos seculos, porque não enches de fogo, de murmúrio, de vida, estas ruas, estas praças, em cujo lageado não retumba o ferro das sapatas?... já que levantaste do jazigo este cadaver, esphacelado pelas revoluções mundanas, já que o vestiste de carnes, e o molduraste nas pristinas fór-

mas, porque não lhe introduzes o sangue nas veias?... se lhe conjuncturaste a ossada, porque não lhe dás o maquinismo da força, e a roda do movimento?!

Ea minha imaginação correspondeu ao meu pedido, lembrando-me nomes, e contando-me façanhas. Não fiquei satisfeito: ainda existia egual mudez, egual entorpecimento, em tudo e por toda a parte. O nome d'um trovador não vale a menor das suas canções, a tradição d'um facto não eguala sequer um dos seus mais insignificantes episodios. Eu queria escutar nos bailes a musica enganadora, traiçoeira, espinhosa das sereias do amôr; queria, ao murmuro das florestas, ao susurro das fontes, pensar nos seios alvos d'uma donzella; queria, ao ar livre, ouvir as decisões dos arcopagos; queria, ao bater dos canticos sagrados nas abobadas do templo elevar meu pensamento a Deus, e encher minha alma dos effluvios da vida d'além da campa. E tudo continuava a permanecer na sombra, a descansar no silencio!

Então disse de novo á minha imaginação:— sustém a architrave do edificio, que levantaste, empedra a base das columnas, escóra as pedras que fecham as abobadas, para que não desabe sobre mim a homicida pocira, que tu agglomeraste sobre a minha cabeça. Eu vou, pois, encher o vacuo, que tu me abriste, vou sentar-me á mesa dos nobres, derramar o incenso em volta dos altares, escutar, nos theatros, o riso da comedia, e o choro suscitado pelas scenas tragicas e cheias de pathetico; vou combater no circo com os phantasmas, que tu desenhares na luminosa esteira de meus olhos. Hei-de fazer com que se ergam do leito os preguiçosos, que dormem o somno da volupia; hei-de acordar os indifferentes, que fogem do prazer; hei-de em cada praça, em cada rua, em todos os palacios, em todas as cazas, em todos os albergues, em todas as salas dar um grito de desespero, que ferirá os ouvidos mais surdos. Depois esta solidão será um arraial de povo, depois este silencio será um borborinho de vozes. Hei-de levar comigo o povoada ao ermo, e o murmuro aos ecos despovoados.

Quiz ir e fui. Aos primeiros passos, que dei,

a terra, que eu pizava, pareceu tremer. Accusei a imaginação, e ella me disse, que no sólo não tinha tocado, que o edificio por ella erguido ainda restava de pé. A vista veio affirmar o que ella me asseverou. Foi talvez engano. Continuí a caminhar, porém, de todas as partes, principiaram a surgir espectros macilentos, encurvados, com o riso da desesperação nos labios, e com a pallidez dos condemnados na fronte. Oh! que riso nefando aquelle, que não cascalhava, ainda que pavorosamente nos meus ouvidos! Riso sem musica, e riso sem dissonancia! Riso silencioso, cheio de mudez, que apenas dictava na contracção dos labios a desesperação que o movia! E quanto mais caminhava, mais espectros surgiam, cada vez mais desfigurados, cada vez mais taciturnos, cada vez mais phantasticos. E eu que aborrecia até então a solidão, que desejava povoar o ermo, já tinha medo de tantos vultos, que se encrusavam, que se agglomeravam, que não olhavam uns para os outros, e que olhavam sómente para mim.

Finalmente, quiz caminhar mais além, e não pude. Debalde tentei abrir estrada por entre os phantasmas, mas entre o corpo d'um e o corpo d'outro, mal havia passagem para um insecto. Depois deram-se as mãos, e formaram em volta de mim uma especie de dança, cadenciada por musica, que me era impossivel escutar, rodopiada por um delirio, que, de modo algum, podia comprehender. E cada vez mais os circulos se estreitavam, cada vez mais os giros vagos d'aquella dança me roçavam de perto as fimbrias da vestidura. Quiz fugir, porém um côro de vozes quasi imperceptiveis me introduziu nos ouvidos, e dos ouvidos me passou ao fundo do coração estas palavras, inauditas de atrevimento, e respirando sarcasmos:—«Porque vens tu, atomo de pó, levantar o pó das ossadas de teus irmãos, que a ventania dos tempos atirou ao sepulchro do esquecimento? Queres engastar na lousa, já carcomida, de nosso jazigo o anathema das tuas sentenças? Porque te arvoras juiz d'um mundo, d'um mundo, que mal vive nas recordações do passado, quando tu não sabes condemnar ou absolver os erros da tua alma, os passos em falso do teu sentimento, os vãos mal dirigi-

dos da tua rasão? Porque te arvoras juiz, quando és réo, perante a face do Senhor, teu Deus?»

Apoz estas palavras, senti na face mil zombeteiros escarros, e quasi que enlouqueci. Alanceou-me o pensamento este importuno gracejo, e buscando forças na grandeza do insulto, não foi de balde, que tentei romper a cadeia, que de todas as partes me enlaçava. Inda julgando-me retido n'aquella prisão, o medo dobrou-me a velocidade das pernas, e, só muito longe, ouzei volver os olhos, para vêr reduzidas a fumo as obras do meu idealismo.

Mas, apesar de conhecer desfeita a miragem, que por algum tempo me enganara, a imaginação do homem é tão credula, que ainda pensava nas visualidades de ha pouco. E, levado do pavor asqueroso, que ellas me tinham causado continui a correr, a correr, como se algum d'aquelles phantasmas me viesse seguindo o trilho das pizadas. Por fim parei. Tinha muito cansaço, mas pude respirar, e dentro em pouco alcançar de novo a serenidade do pensamento.

F. M. DE SOUZA VITERRO,

(Continua.)

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado da pag. 48.)

—Bôa Adelaide!.. tu me consolás e animas.

—Se não tivéssemos filhos... E' este o primeiro momento que lamento tel'os. Eram a minha alegria.

—Tambem a minha... mas agora como tu me aterro com a lembrança de vir a deixal-os pobres.

—Oh!.. não era isso que eu queria expressar. Aterrar-me-hia mais a idéa de deixal-os em caminho do crime ou dos vícios e da deshonra, do que sem pão, ou quasi sem elle; pois, espero em Deus, que, por mal que corra, sempre lhes ficarão algumas migalhas. São novos, trabalharão e acostumar-se-hão a viver com pouco. O que queria dizer, Custodio da Cunha, era que, se elles não existissem, poderias dispôr como quizesse do meu pequeno dote.

—Bôa Adelaide, o teu dote será sagrado. Os credores, em caso de desgraça, não ficariam ricos com elle; e não poderão nunca dizer que

a sua dona malbaratou o que lhes pertencia a elles, e que depois se levantou com o que era seu. A tua economia e ordem é conhecida de todos. Já me lembrou hontem ao começar com o balanço do meu negocio, e ao receiar uma quebra, o teu pequeno dote. Será alguma coisa para te sustentar e a nossa filha. Eu e Maximino trabalharemos n'alguma coisa.

—Trabalharemos todos, e nos animaremos uns aos outros. Parece-me que ouço entrar gente... Até logo. Tem coragem.

—E tu paciencia. Não tens precisado de pouca na vida.

—Adelaide sahiu. No patamar da escada encontrou Amaral que vinha a entrar. Comprimentaram-se, e ella lhe perguntou, sorrindo, por sua esposa e filhas, pois, aquelle protector de raparigas bonitas tinha familia. Ha occasiões em que a dissimulação é virtude. Adelaide sorriu, tendo a alma assaltada de muitos receios e cuidados, para que um estranho não suspeitasse os

embaraços em que se via seu marido. O credito d'um negociante, é como o d'uma donzella: a mais ligeira indiscrição o pode tornar duvidoso, e da duvida ao descredito, a distancia não é longa.

Adelaide sabia-o. Tratava tambem ella a mulher honrada e virtuosa, com o maior agrado o homem devasso, porque estava envolvido em negocios com Custodio da Cunha, e talvez viesse um dia tomar-lhe contas como credor.

—Que excellente esposa tem o sr. Custodio da Cunha!.. disse Amaral, entrando no escriptorio: E então é ainda formosa como uma rapariga!

—O que ella é, respondeu o marido de Adelaide, é uma santa.

Este elogio na bôca do homem rigido, que nunca elogiava, particularmente os seus, queria dizer muito. Amaral, curvou-se em signal de assentimento; e tornou, passada uma pequena pausa:

—Sua filha toca muito bem.

—Toca o preciso para se entreter. Não ha de passar a vida ao piano.

—Por piano lembra-me o rico piano de Ricardo d'Oliveira. Ficaria com elle, se não chegasse a grande preço; mas oxalá que tudo vá pelo trepido do seu valor. A's vezes succede isso com as coisas vendidas em leilão. Ha lá coisas lin-

das! Aquelle homem gastava como doido, ou antes como tratante. Gastava á custa da *barbalonga*.

—Por nosso mal. Aquelles trastes custaram-nos o nosso dinheiro, snr. Amaral; porém, ainda estimo mais ser o roubado que o ladrão.

—Ricardo d'Oliveira não foi só o culpado. Sua mulher e filha... A proposito! Que é feito d'ellas? O snr. Custodio da Cunha não soube para onde se retiraram?

—Que nos importa a nós isso?! Se fossem algumas notas ou libras, então podiamos ter interesse de saber aonde paravam.

—Mas, snr. Custodio da Cunha, desconfio da sua desappareição. Ninguem me deu noticias d'ellas! Viram-n'as sahir á noite e ninguem soube para onde se retiraram. Este misterio faz-me desconfiar de que ellas subtrahiram grandes valores, como o snr. Custodio da Cunha o dizia hontem.

—Pois eu agora estou persuadido que não levaram nada. São duas infelizes. Deixemol-as, e fallemos dos nossos negocios.

No entanto Adelaide dizia a seu filho:

—Não podemos por ora socorrer as senhoras por quem te interessas. Deixemol-as nas mãos de Deus.

Maximino correu a mão pela testa, e foi fechar-se no seu quarto.

VI

ABRIGO POBRE, MAS SEGURO

Um mez depois estava Maria Isabel e sua mãe trabalhando no ultimo andar d'uma casa na rua Escura. Este andar era uma especie d'aguas-furtadas, ou torrinhos muito velhas e deslavadas. Para chegar lá subia-se escada ingreme e estreita. Toda a morada consistia n'um quarto grande, onde trabalhavam as duas senhoras, um quarto mais pequeno e uma casinha microscopica. Ainda assim tinha este andar algumas vantagens sobre os inferiores. Era muito mais alegre e arejado, e o seu aluguer era mais pequeno.

D. Maria Carlota tinha sahido do seu estado de desesperação, para ficar n'uma profunda hipochondria.

Sua filha se exforçava em balde por fazel-a participar da resignação e conformidade de que gosava.

A mocidade é toda vida e esperança, quando mesmo a existencia seja colmiada de tristezas e não se saiba o que se possa esperar.

Ainda não eram oito horas da manhã e já tinham almoçado um bocado de pão de sêmea com uma beberagem chamada café. Estava defronte d'ellas, em pé, com capa e lenço, Carolina, a dona do pobre albergue. Era alta, secca e tez morêna. Tinha modo saecodido e voz aspera. Fallava com certa arrogancia e doutorice ridicula. A vaidade era o primeiro de seus defeitos,

ou antes o orgulho quasi soberba. Tinha vaidade de ter sido sempre mulher honrada, de ter uma casa de dois quartos e cosinha, com alguns trastes que foram do seu pae; em trabalhar muito, em ter muita saude; e mais que tudo em ter um filho muito bom moço, e muito seu amante, que fazia viagens de marinho, e lhe pagava o aluguer da casa, e outras muitas coisas. Mas ainda que doida por este filho, alhava-lhe quasi sempre, e só lhe mostrava afeição na chegada e na partida.

A convivencia com esta mulher não podia ser agradável a duas senhoras delicadas e carinhosas; mas não tiveram em que optar. Carolina foi a unica que lhes offereceu a sua casa no dia da desgraça. A deshonorosa e fraudulenta quebra de Ricardo d'Oliveira era um motivo decente para afastar da familia d'elle suas muitas relações.

—Cá se arranjarão como poderem, disse ella com o seu modo doutoral; ainda lhes ficam algumas batatas, das que lhes trouxeram de sua casa, e um pouco d'arroz.

—Sim, senhora Carolina, respondeu Maria Isabel. Como o jantar é só para mim e minha

mãe fal-o-hei depressa. Mas minha mãe come tão pouco...

—Como bastante, minha filha.

—E' preciso comer, senhora D. Maria Carlota, e deitar para traz das costas paixões. Senhora D. Maria Isabel, está no prateleiro um boeado de sabão para lavar as mãos. Custa-me a ir para fóra porque v. s.^a não está acostumada com essas coisas; mas não tenho remedio. Muitas senhoras se esganam por um vintem: não gostam de dar obra para fóra, porque querem que as criadas ajudem a coser, para lhes ficar mais barato.

—Fazem muito bem... tornou D. Maria Carlota, não terão nunca remorsos de terem gasto mal os dinheiros da casa.

—Historias! Poupam o farello e deitam ao mar a farinha. Regateiam-me o meu trabalho, tão mourijado e suado, e pagam á grande ás costureiras francezas, que não são capazes de dar o ponto mais miudo do que eu. Mas faz-se tarde. Adeus, minhas senhoras. Até á noite.

Carolina sahíu com o seu ar de importancia, e vaidade satisfeita.

(Continúa.)

MODAS

Le monde marche, diz Eugenio Pelletan, sonhador do progresso; *la mode marche*, diremos nós, que a fallar com franqueza, sonhamos mais com o progresso das modas, que com o progresso do sabio francez.

Muito bem, amaveis leitores, vou brindar-vos com a descripção de dois bonitos vestidos, da mais completa elegancia. As minhas encantadoras amigas, seguidoras das modas, esperam pela novidade, não é assim?

O' se esperam, mas eu, com verdade o digo, não sei se aqui acharão satisfeita a sua curiosidade.

Quer sim, quer não, ahí vai o que sei, e o que prometti.

Vestido de *moire antique*, cor escura, guarnecido com uma facha de pelles escuras; paletot meio justo, semelhante ao vestido, guarnecido do mesmo modo; fachas de pelles cercando a cava da manga, e o collo. Chapéo de setim branco, encrespado dos lados. Laços de fita de setim branco, substituem o *toucado de salaia*. Flores

de velludo vermelho dispostas em fórma de diadema.

Vestido de taffeté com riscas azues, guarnecido com um folho pouco franzido, tendo vinte centímetros d'altura: acima d'este folho acha-se uma fita de velludo azul, terminado por uma franja tambem azul; por cima ainda d'esta franja, festões de velludo erusados, tendo no mesmo encrusamento um botão quadrado, em naere de perolas brancas. Entre cada festão acha-se uma bórta de seda azul: talhe decotado, com pintas. Bertha guarnecida com uma fita azul e com uma franja de seda: esta franja erusa-se na parte anterior, e terminando em duas largas abas com a extremidade triangular. Uma bórta e um botão de madreperola, fixos em cada parte do triangulo, ligando este ao vestido. Mangas muito curtas ornadas cada uma com tres bórta. No interior do decotado camisinha guarnecida de pregas e de murcelina branca. Toucado de fita de velludo azul.

LAURA DUMARD.

EXTRAORDINÁRIO

Ricardo Dias Cesar Rey declara que, de bom accordo com o seu collega, deixou de tomar parte na empresa da ESPERANÇA, em consequencia de se ter mettido em negocios, que talvez o obriguem a retirar-se d'esta cidade. Porto 2 de março de 1865.

A FADA DA INSPIRAÇÃO

—22—

(Concluido da pag. 62.)

Estava n'um formosissimo val. Era de noite. A natureza havia-se coròado de capellas festivas, e illuminava, com o feitiçeiro clarão da lua, os cómoros avelludados, os ramos movediços dos carvalhos, as aguas serenas dos ribeiros, e as córollas meio-abertas das flôres, que se tinham enganado, tomando a luz do astro da noite, pelos raios vivificantes do sol. E, ao contemplar a serenidade magestosa de todos aquelles objectos, senti um não sei què dentro d'alma a planear-me a habitação dos justos. Porque não me trouxeste, ha mais tempo,—accusava ao corpo o espirito—a estes sitios, onde poderei pensar, sem me sentir desfallecer em theorias absurdas? Buscas o pó das campas, tendo aqui a poeira odorifera das flôres?! E o corpo a unica resposta, que deu ao espirito, foi o deixar-se cahir languidamente sobre a herva, que avelludava as margens do ribeiro.

No entanto, uma brisa, trazida não sei d'onde, nas azas não sei de que anjo, pôz em commoção os ramos condensados da floresta. Eu ergui-me arrebatado pela harmonia d'aquellas harpas occultas, que só Deus pôde tanger, e perguntei, tresloucado d'indizível felicidade—«quem diz que o homem acarreta a nodoa, que em si deixou cahir o pae do genero humano?...»

O espirito principiou a exaltar-se, a imaginação a enredar-se nos labyrinthos, que ella mesmo creava, e uma segunda pergunta, não atirada, como a primeira, ao vento, se despertou nos eccos do coração: poderei eu aqui achar a fada da inspiração? Depois d'esta pergunta, o delirio cresceu, o vento tornou-se mais sonóro, a lua mais seductora, o ribeiro mais prateado, a relva mais macia, e Deus mais visível. Comtudo alguma cousa faltava n'aquelle quadro. Uma voz interior m'o revelava.

Que buscava eu?.. Quem era eu?.. Eu julgava ter na mão uma lyra, e que Deus me pousára na frente o germen da poesia. Eu procurava uns dedos, que viessem dedilhar n'aquellas

cordas, e uma fada, que me viesse, com a chave do mysterio, abrir o carcere melodioso, a fronte, onde Deus tinha collocado o vento arrebatador das harmonias. De repente, porém, fiz este raciocinio: — quantos poetas, abrigados nas franças do arvoredo, se deitam agora no seio das amantes, sem terem cuidado de rejuvenescerem as canções d'hontem, que hão-de ser as mesmas d'amanhã?! E logo accrescentei:—tambem quero saber porque elles não buscam, como eu, a fada da inspiração, porque são mudos, quando a natureza, desde o cimo da montanha até o mais fundo do val, respira a mais suave melancholia, e entorna os mais sentimentaes devaneios?! E acerqueime d'uma arvore de tronco delgado, para, com as mãos, a fazer balouçar, e tirar da somnolencia alguns dos maviosos cantores da floresta. Meu corpo, porém, ao aproximar-se da arvore, sentiu-se possuído d'uma tal modorra, que me não foi possivel executar o meu plano. Ao mesmo tempo, que me encostava á arvore, as palpebras cahiam, cheias de languidez, sobre a face, e, má vontade do espirito, adormeci.

Apesar de ter as palpebras cerradas, principiei a ver destacarem-se do rio nuvens, tão prateadas como a agua, e, nas saliencias da campina, reflexos de luz, tão vividos como a lua, d'onde emanavam. E, posto que dormisse, scismava. Eu não sei se é verdade o que dizem philosophos, que os sonhos são zeros entre os algarismos do espirito. Se tal assim é, o meu espirito não acompanhava as modificações da materia, e velava então. O espirito terá olhos para ver, terá ouvidos para escutar, terá mãos para tactearem, lingua para apreciar o sabôr, quando os olhos do corpo estão fechados, os ouvidos sem eccos, as mãos immoveis, e a lingua estacionaria, porque os labios cerrados a não deixam mover?

Decida quem quizer. Dormindo, eu sei que vi avultar d'entre as nuvens de prata e dos reflexos vividos da lua, um vulto de delicadissimos

contornos, envolto n'um manto estrellado, que me disse quasi a medo, n'um accento cheio de molodia, d'encanto, e de seductor arrebatamento.

—Eu sou a fada da inspiração. Não te vim procurar para te trazer uma ideia, mas para te dar um conselho. Não te impacientes, espera. A esperança deve ser o unico anjo bom do poeta. E Deus, que se amerciou do teu destino, enchendo-te a mente de phantasias, e o coração de amor, deseja que tu cumpres o legado da poesia. Crêr e esperar—eis os dois fins do genero humano. Que vaes tu colher, nas tradições do passado, nos andrajos historicos, aos quaes cada geração que tem vindo e cahido, por sua vez, no esquecimento, coze um farrapo de mentiras? Vaes aprender, na vida dos que te antecederam, como te hasde regular nos dias, que te succederão! Que theorema tão falso, e tão indesculpavel capricho! Desconheces por ventura que ha Deus? Querel-o fazer cruel, injusto, para revindicares a fatuidade das tuas idéas? Pois no passado vês o futuro, e no teu coração não o vês! Vel-o sim, quando o orgulho te não cega; inda vês mais—tens gravados no intimo da alma os meios que te hão-de servir para alcançar esse futuro. O futuro, que tu debes desejar e abraçar nos teus sonhos de febril enthusiasmo; o futuro, despido de todas as condições mundanas; o futuro para que Deus destinou a humanidade, só o coração t'o

póde mostrar e mais ninguem! Sê egoista de teus principios, não os contamines ao bafo impuro das doutrinas do mundo. Faz, para isso, de teu amôr um mytho. Distende-o em nuvens de voluptuosidade celeste, e colloca-te no centro d'ellas. Esconde-te de ti mesmo, e mira-te no espelho menos quebradiço da tua consciencia. Deixa-te escorregar na estrada do bem; as tuas boas acções te levarão sempre para ahi; quando chegares ao fim terás alcançado o grau da inspiração; não o procures desanimado, não o busques, cheio d'enthusiasmo pelo passado e pelo presente. O pó do passado póde abafar, as miasmas do presente corrompem necessariamente. Os passaros cantam quando vêm assomar o sol: assim faz. Quando um lume d'esperança brilhar no teu horisonte, canta: quando se apagar, não chores, mas dobra o contentamento em teu coração, por teres confiança de que ella raiará outra vez.

Já não duvido que tudo aquillo fosse um sonho. Era impossivel que, a par d'algumas verdades, a fada da inspiração me insinuasse tantos paradoxos. Mas fosse sonho ou realidade, não deixa em todo o caso de ser exacto, que depois que dei ouvidos áquelle oraculo nunca mais dedilhei um canto na lyra, esperando o dia por vir, em que Deus me hade transformar em propheta.

Porto 16 de fevereiro de 1865.

F. M. DE SOUZA VITERBO.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE

Jacques Henri Bernardin de Saint-Pierre, nasceu no Havre em 1737, d'uma familia descendente de *Eustaquie de Saint-Pierre*. Teve uma mocidade estudiosa, e um rasgo distinctivo do seu nascente character foi o ardente gosto que, logo na infancia, manifestou pela amenidade e solidão do campo. Na idade de nove annos fallava nos seus desejos de ser eremita. Conta-se que em certa manhã se dirigia com um cabazinho, onde levava o almoço, para um bosque a

meia legua do Havre, e ahi passou o dia inteiro. A aia julgando-o perdido, foi alli dar com elle, e difficulosamente conseguiu decidil-o a abandonar aquelle bosque, onde queria ficar desde logo eremita.

Quando tinha doze annos, obteve de seus paes licença para fazer uma viagem á Martinica, favor que havia muito desejava. Um tio, capitão de navios, encarregou-se de o levar; mas, em pouco tempo *Bernardin* enfastiou-se, e regres-

sou a França. Immediatamente entrou no collegio dos jesuitas para continuar os estudos, e ahi se applicou ás mathematicas. Completando o curso, foi nomeado engenheiro e partiu para a Allemanha, d'onde voltou ferido e descontente, vivendo algum tempo em Pariz, pobre e desprezado por seu pae.

Entretanto a sua imaginação estava sempre em activo movimento. Tinha sonhado o estabelecimento d'uma colonia nas margens do lago Aral, e por isso partiu para S. Petersburgo; não podendo porém executar este projecto, que meditava havia muito tempo.

Depois de viajar pela Polónia e Prussia, Bernardin voltou a França, e d'ahi foi enviado, na qualidade de engenheiro, a uma das ilhas pertencentes áquelle reino, d'onde voltou pobre, mas trazendo uma producção — *Viajem á Ilha de França*, — que publicou com muito bom exito em 1774. Foi então que repellido pelos philosophos da época, cujas maximas repugnavam aos seus sentimentos religiosos, sentiu em algumas occasiões alterar-se-lhe a rasão. Diz-se que

era de caracter desconfiado; todavia, travou relações com *João Jacques Rousseau*, a quem visitava frequentemente.

Finalmente, d'entre as agitações da sua vida inquieta, sahiu o livro intitulado — *Estudos da Natureza*. — Um grito de entusiasmo se levantou de toda a parte para saudar o novel escriptor, que manejava com tanta arte os encantos do espectáculo da natureza. O que porém, estabeleceu solidamente a sua reputação foi — *Paulo e Virginia*. — Pouco tempo depois publicou as — *Harmonias da Natureza*.

Luiz XIV confiou-lhe mais tarde a direcção do *Jardim das Plantas*. Em 1794 foi nomeado professor da escola normal, a fim de leccionar um curso de moral, porém, obteve pouco resultado. Em 1795 exerceu o professorado no Instituto; e no tempo do Imperio foi-lhe conferida uma valiosa pensão; porém, pouco gosou essa tranquillidade, porque falleceu em 1814, ficando honrada na patria a sua memoria.

RIBEIRO GONÇALVES.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rijão.

(Continuado da pag. 619)

A esposa de Ricardo d'Oliveira suspirou profundamente. Sua filha, que lhe leu no pensamento, disse:

—O exterior d'esta mulher não dá a conhecer quanto ella é boa e compassiva.

D. Maria Carlota tornou a suspirar. A donzella exforçou-se em provar-lhe que estavam o melhor que podiam estar nas actuaes circumstan-

cias, e que deviam desculpar as maneiras da sua hospedeira, e soffrer-lhe as suas imperfeições. Concordava a mãe em tudo, sem deixar de suspirar.

Ouviu-se algum ruido nas escadas, mas, como os vizinhos eram muitos, não deram importancia a isso. Carolina deixára a porta cerrada. Abriu-se, e appareceu á porta um moço de

vestia larga e chapéu d'enceradô nas mãos; e com modos de franca cordealidade, e voz um tanto rude, gritou:

—Deus lhes dê muito bons dias. Dão licença?

—A snr.^a Carolina, disse a donzella, não está cá e não vem senão á noite.

—Já m'o disse o visinho lá de baixo do porão; mas tambem me disse, que ella tinha mettido gente no seu chavéco, o que muito estima cá a pessoa. A snr.^a mãe está velha, e não estava bem a viver só como um eremitão. Eu quiz vêr as snr.^{as}, mas já vejo que não são cá da nossa egualha, e que se hão-de dar mal aqui; e tenho pena, pois como lhes ia dizendo, gostava que a snr.^a mãe tivesse quem lhe deitasse um cabo alguma noite de borrasca, em que se visse a dar á costa.

—Então é o snr. Francisco?...

—Para a servir.

—Acha a sua casa occupada, disse D. Maria Carlota, mas nós desoccuparemos o seu quarto...

—O meu quarto é na barca *Carolina*. Deixem-se as snr.^{as} estar a seu commodo. Se dão

licença assento-me... Corri da Ribeira até cá *riba* para abraçar a snr.^a mãe: não posso faltar muito tempo. Vim com um recado do capitão, e aproveitei a maré.

—A snr.^a Carolina, tornou Maria Isabel, ficará bem zangada de não estar em casa.

—Ella *tamem* escusava d'andar sempre a *rabiari* lá por fóra, agora que tem boa companhia cá em casa. Está ainda muito rabuja e ralhadora?

Ouviram-se vozes na escada, e entre ellas, a de Carolina, que subia, respondendo aos visinhos que lhe sahiam ao encontro; uns para lhe noticiarem a vinda de seu filho, a que ella respondia:

—Já sei!.. já sei!

Outros para perguntarem o que era, e ella lhes gritava:

—Chegou o meu Francisco.

O marinheiro foi á porta que dava para as escadas, e bradou:

—Olá, snr.^a mãe! Olhe lá como sóbe a enxarcia da gavia d'esta velha náó. Se desapruma dá com o costado no fundo.

VII

NOVAS TRISTESAS

Os abraços da mãe e do filho, suas perguntas e respostas, levaram algum tempo. Por fim assentaram-se.

—Foi a minha comadre Josepha, disse a mãe, que me avisou da tua vinda.

—A' manhã vá vêr-me á *Carolina*. Ha lá muito que fazer: não poderei vir a terra, e quero dar-lhe umas *coisitas*.

—Irei, olá se irei! Não ha barca mais bonita.

—Cá para a pessoa, de certo que não. Ainda que ella esteve para nos pregar uma dos diabos! Já se fallava em alijar a carga ao mar.

—Santo breve da marca!.. Como escapasteis?

—Como havíamos d'escapar? Com muito trabalho, muita manobra; olho á mira, ouvido á escuta; e com a promessa que fizemos ao Senhor

de Bouças de lhe levarmos a véla grande. Dar muitas graças a Deus de ter ajudado o nosso trabalho; mas estavamos mortos de fadiga. Tinha-mos perdido o rumo e custou-nos a abicar na Angra. Andavam recolhendo os despojos d'uma barca que se perdera com a tormenta. Estavam na praia muitas coisas com guardas, e levavam, para ser tratado, um afogado, mas estava bem morto. No dia seguinte foi enterrado.

—Santo breve da marca!.. Olha do que escapaste Francisco!

—Não que cá a pessoa talvez escapasse, como escaparam outros do mesmo naufragio, porque me poria como minha mãe me...

Reparou nas snr.^{as}, e acrescentou:

—Pôr-me-ia como quem quer nadar bem; livre e escurrito. Vão-se os anneis e fiquem os dedos. Mas o homem parece que estimava mais

es aneis. Estava de calças e botas, e tinha metido em si muito dinheiro, e coisas de muito valor. A muita carga fez perder a embarcação. Olhe, snr.^a mãe, vossemecê havia de conhecê-lo, porque ouvi-lhe dizer um dia que tinha ido buscar obra a casa d'elle. Era um tal Ricardo d'Oliveira...

Ainda bem não tinha pronunciado o nome todo e tres gritos soavam ao mesmo tempo. De Carolina, que dizia:

—Calla-te!.. calla-te!..

E das duas snr.^{as} que se precipitavam nos braços uma da outra, bradando:

—Meu Deus!.. meu Deus!..

—Que foi?! dizia o marinheiro.

—E's um tólo!.. Fazes sempre disparates!..

Dizes sempre parvoices!

As vozes que ouviu de D. Maria Carlota e sua filha é que o fizeram sciente da verdade.

—Pois está dito, tornou elle contristado.

Agora não tem remedio. E assim, como assim, laviam de sabel-o um dia. A gente não tem a vta por praso. Em chegando a nossa hora acabou-se tudo. A morte é corsario a que se não escapa. Quando se apresenta é ferrar as vélas e entregar-lhe a embarcação.

N entanto Maria Isabel chorava amargamente: ua mãe, entregue outra vez á desesperação, não derramava uma lagrima. A's vezes arancava e cabellos, outras torcia as mãos, bradando:

—E que morte, meu Deus!.. que morte! No meio das ondas!.. clamando por soccorro... maldizendo a ambição... E talvez eu... talvez as minhas exigencias... o luxo da nossa casa... as minhas loucuras... concorressem para a perdição de meu marido!

Francisco, arreado d'esta scena, queria remediar o mal que fizera e buscava, na sua linguagem singela, expressões de consolação. Ca-

rolina tentava tambem atalhar o mal que seu filho causára, e ora dizia banalidades para desvanecer a desesperação de D. Maria Carlota e para fazer seccar as lagrimas da filha de Ricardo de Oliveira, ora se voltava contra seu filho e lhe ralhava. Elle, coitado, não se defendia; e até esquecêra a pressa que tinha de voltar á embarcação. A viuva do naufrago não attendia a nada, e continuava:

—Foi o dinheiro que matou o pae de minha filha! E que dinheiro!.. O dinheiro que lhe não pertencia!.. Desgraçado!.. A deshonra... a infamia n'este mundo e no outro a condemnação eterna!..

—Não, não, minha mãe!.. exclamou a menina, erguendo as mãos, como se receiasse que as vozes de sua mãe é que fizessem condemnar seu pae. Não diga isso!.. Deus é de infinita misericordia.

—Não ha perdão para o impenitente... e elle morreu luctando para salvar o que subtrahiu aos credores. Não se arrependeu, não! Nem remorsos teve de nos deixar a braços com a miseria! De mim não me queixo!.. Ajudei-o a desbaratar o que era nosso e dos outros; mas tu, que foste sempre tão boa e tão pouco exigente!.. Amaldiçoa teus paes... Tu o podes... tu o deves fazer.

—Minha mãe, pelo amor de Deus não diga coisas tão horriveis!

—Teus paes, minha filha, não merecem o teu respeito filial. Tinham vaidade de tí, mas não te amavam como deviam... como eu agora te amo.

Depois d'este accesso de desesperação cahiu a infeliz n'um deliquio. Deitaram-n'a no leito, e Francisco foi vêr se trazia algum cirurgião.

Pouco depois vinha com um estudante de cirurgia, que morava perto, e a quem contou tudo que tinha succedido.

VIII

O NOTICIADOR OFFICIOSO

N'esse mesmo dia, o fim da tarde, passava hora. D'um dos grupos se destacou um mancebo, e foi ao filho de Custodio da Cunha, que não pensava em deter-se por allí como ás vezes fa-

zia, tão absorvido andava em pensamentos tristes. O mancebo que se acercára fel'o deter, dizendo:

—Aonde vaes com tanta pressa? Trazes negocios entre mãos? Alguns negocios amorosos, heim?.. A morenita dos Clerigos ainda te traz á trella? Olha que é uma namoradeira da gêma. Desconfia d'ella. Tu és ainda muito novato n'estas coisas, e corres risco de comprometter o coração. Coisa que te aconselho guardes só para teu uso. E' uma viscera sem a qual não se póde viver.

—Não corre perigo o meu coração com nenhuma morena, respondeu Maximino sorrindo.

—E com alvas, [sem ser alvas de padres] com alguma loura?

—Tambem não, Alfredo. Agora não tenho amores.

—Estás em disponibilidade? Tambem é mau isso. E' quando andas mais arriscado. Fallemos, porém, em coisas mais sérias—em negocios de dinheiro: a móla real da machina da sociedade.

—Na nossa idade é coisa que brada aos céos! e nunca te conheci genio interesseiro.

—Não é de mim que se trata, Maximino, é de teu pae que está na idade de pensar em dinheiro, porque tem uma familia a sustentar. O desinteresse e desprezo pelo metal que dá as coisas precisas para a vida, é para nós, que temos quem nos dê tudo o que precisarmos; e mais confesso que não tenho tudo quanto preciso, ao menos quanto queria.

—Mas que me queres dizer a respeito de meu pae?

—Acabo de saber por um modo singular, que elle não perdeu todo o dinheiro que Ricardo d'Oliveira lhe roubou. Morreu afogado e o seu corpo foi achado com grandes valores. Um marinheiro, meu visinho, póde dar informações mais amplas. Hoje de manhã sahia eu para ir á escola e apparece-me o dito marinheiro, muito assodado, pedindo-me que fosse a sua casa ver uma senhora que estava mal e precisava ser sangrada. Pensei que estava lá algum medico que requeria a minha lanceta, e fui. *Chemin faisant* me foi contando a historia do afogado...

—Então essa pobre senhora era a esposa de Ricardo d'Oliveira?

—Nem mais.

—E está em perigo?

—Parece-me que sim. Fiz chamar medico. Não podia receitar-lhe, nem queria chamar sobre mim a responsabilidade. Appliquei-lhe só alguns remedios que qualquer curandeira lhe applicaria. A mãe do marujo queria por força que eu a sangrasse. Desenvolvia uma sciencia medica muito doutoral, e muito parecida com a do doutor Sangrado; só em vez d'agua morna queria chá de cidreira; e eu n'isso concordei. Rir-me-hia muito, se me não entristecesse o estado da enferma e a afflicção da filha.

—Desgraçadas senhoras!..

—Parece que a minha historia te commoveu excessivamente! Não me julgava tão bom historiador, porque não invento romance, narro a coisa o mais simples e despoeticamente possível. Era coisa tristissima aquella scena. Um bom romancista podia, com a sua exposição, arrancar lagrimas aos mais impedernidos.

—Infelizes!.. E estão na miseria?

—Pouco menos, pelo que vi. Quem as hospeda é o marujo e a mãe, a doutora que receitava a sangria; mas não é gente que possa ter grandes cabedacs; e a doença, se não fôr mortal, tem de ser muito demorada. O marujo foi logo chamar medico, e não confessa fraqueza; mas é provavel que tenha mais boa vontade, do que meios de tratar da doente e de sustentar a filha.

—Que vergonha para nós!.. Esse pobre homem vai arriscar a vida sobre o mar, e gasta o fructo dos seus trabalhos arriscados a soccorrer essas pobres senhoras; e nós gastamos em divertimentos frívolos, quando não são peor que isso, o dinheiro que nossos paes nos dão! Que pena tenho d'algum que tenho malbaratado!..

—Tornas-te missionario, Maximino!.. Sempre te vi bossa para isso!.. Mas podes guardar a tua prédica para teu gasto. A minha bolsa não anda nunca rechiada como a tua; e agora está quasi tysica.

Maximino podia dizer outro tanto da sua. Tinham seus paes deixado ha tempos de a proverem.

—Adeus, Alfredo, disse elle triste; até amanhã.

—Parece, ficou pensando Alfredo, que aqui ha mais ou menos... Conheceria Maximino a filha de Ricardo d'Oliveira?

Maximino corria a casa para desafogar no coração de sua mãe a magoa que lhe causava a desgraça da viuva de Ricardo d'Oliveira, e para lhe pedir algum dinheiro. De Maria Isabel não fallaria, ainda que ella o occupava muito mais ainda que D. Maria Carlota.

Alfredo não limitou as suas expansões ao dialogo com o amigo. Estava soberbo por ter sido já chamado como facultativo, e por saber uma novidade que todos deviam ignorar. Ha homens que tem as qualidades attribuidas só ás mulheres—a curiosidade, e a ambição de annunciarem aquillo que souberam. Alfredo era d'estes; o que não tirava de ser um bom moço, e bastante sensato.

Avistou Amaral, que sahia d'um magote de conhecidos. Foi ao seu encontro.

—V. exc.^a, disse elle, não era credor de Ricardo d'Oliveira?

—Tive essa *felicidade*, snr. Alfredo. De certo não m'a inveja.

—Olá se invejo! Se o fosse é porque tinha que emprestar. E não perderá tudo, snr. Amaral; Ricardo d'Oliveira fez a tolice de se afogar,

e o seu corpo appareceu nas praias d'Angra, penso eu, envolvido em oiro e prata; ou ao menos com as botas, bolsos, e sinto rechiados d'essas riquezas.

—Já sabiamos isso; mas os credores são muitos, e as riquezas apparecidas não são tantas como se diz. Pouco nos indemnizará esse achado. Mas estou admirado de lhe ter já chegado isso! Pensava que no hospital se não estudava a historia dos naufragios.

Alfredo, que não desejava outra coisa se não contar o que lhe havia acontecido, passou a narrar o que lhe succedera aquella manhã, Amaral ouviu-o com attenção, o que muito o lisonjeou, e fez-lhe depois algumas perguntas a respeito do marinheiro, e da casa em que morava; depois concluiu:

—E' situação triste a d'essas senhoras, não ha duvida, mas estão espiando seus erros de desperdicios doidos. O pardal não deve vôar alto como a aguia. *Quem gasta mais do que tem, diz um dos nossos velhos rifões, a pedr vem.* Adeus, snr. Alfredo.

O mancebo olhou, parado, para Amaral, enquanto o avistou, e murmurando:

—Ora ahi está como são as coisas!., O marinheiro meu visinho, eu, e Maximino. quereíamos alliviar as desgraças d'aquellas infelizes senhoras, e não podemos. Este podia e não quer!

REVUE

...mais quel œil peut la voir
Sans pétiller d'amour, de jeunesse, d'espoir?
ANDRÉ CHENIER.

Já banha o sol de luz os topos das collinas!
Já o hosanna rural levantam as campinas!
Em cima, o ceu azul... embaixo, o verde mar...
Em côro, no arvoredado, as aves a cantar!..
Desfaz-se a nevoa além em pregas ondeadas,
E erguem a debil fronte as rosas perfumadas!..
Já tudo ri á aurora a varzea e o paul,
E foge a vela branca endireitando ao sull.,

E tu inda a dormir deitada em verde alfombral
Tu 'alma vive á luz... teu corpo vive á sombra...
A alma a velar sempre... o corpo a descansar...
O lôdo preso ao chão... o espirito a vôar!..
A embalar-te em redor um languido alaude,
E tu adormecida, imagem da virtude!..
Um archanjo do céu, ao pé, sempre a velar...
O perfume da flôr teu somno a embalar...

E sempre azul o ceu!... e sempre mil odores!..
E tu adormecida em thalamo de flôres!...

.....
Se nos cimos do olmeiro uma ave cantou alto,
Acordas a tremer, a arfar em sobresalto...
E olhando em derredor, mulher, dize o que vez?

—Um homem a chorar...

—Sou eu?

—Não sei...

—Talvez...

Setembro de 1864.

ALBERTO PIMENTEL.

OS TUMULOS DA AUSTRALIA

São bellos os tumulos
D'Australia, suspensos
Nos plainos immensos,
A' beira do mar.
Alli, o cadaver,
Pacifico dorme,
E a lua, olho enorme,
O vem contemplar!

Suavíssimas auras
Lhe trazem arômas,
Das floridas cômas
Das mattas d'além.
Embala-os o vento;
E canta-lhe um hymno
Como orgão divino,
O mar, no vai-vem.

São bellos, no entanto
O debil arbusto,
A's vezes, de susto
Parece tremer!
E em bandos, na sombra,
Se vêem, soturnas,
As aves nocturnas,
Passar a correr.

E' que algumas noites,
Ao brilho dos astros,
A hyena de rastros
Gemer vem alli;
E o funebre moucho
Fita os olhos baços,
No sraios escassos
D'uma estrella e ril

Eu amo essas campas
Assim tão singelas,
Por tecto as estrellas,
As nevoas, a luz!
Prefiro-as ás outras
Cobertas de relvas,
No meio das selvas,
A' sombra da cruz.

A vida repousa
Em sonhos submersa
O vento dispersa
As cinzas no ar.
Alli, o cadaver,
Pacifico dorme,
E a lua, olho enorme,
O vem contemplar!

PEDRO AUGUSTO DE LIMA.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado da pag. 71.)

IX

NOVAS ANGSTIAS D'UMA BOA FILHA

Caminhava a passos largos para o seu fim, a viuva de Ricardo d'Oliveira. Em balde se esforçava o bom Francisco, por remediar o mal que innocentemente fizera. Não utilisaram á doente visitas de medico e remedios. A medicina era, como tantas vezes, inefficaz. Maria Isabel, apesar da sua extrema angustia, pensava algumas occasiões na grande despesa que estava fazendo com ella e com sua mãe, o filho de Carolina. A soldada d'um pobre marinheiro não podia chegar a tanto. O bom Francisco de certo se estava empenhando. A's vezes pegava ella no trabalho interrompido, mas os olhos, cheios de lagrimas, não viam a agulha, nem o fio; e o espirito, asoberbado pela idéa da morte de seu pae, e do perigo de sua mãe, não lhe dava treguas; e, affastando o trabalho, corria ao leito de sua mãe. Alguem, tinha porém, sem que ella o soubesse, ajudado ás despesas que se faziam. No dia immediato áquelle da fatal noticia, appareceu em casa de Carolina uma senhora de meia idade, muito amavel, ou ao menos que pertendia se'lo.

Disse chamar-se D. Ermelinda, e ser viuva de João Maria d'Oliveira, irmão do pae de Maria Isabel. Tinha chegado ha pouco de Lisboa, e só n'aquelle dia soubera as infelicidades da familia de seu marido. Fez muitas caricias á donzella, e mil offerecimentos; lisongeou Carolina e deu-lhe, ás occultas, algum dinheiro para tratár das suas parentas. Quiz tambem captivar as boas graças de Francisco, mas não o conseguiu: O

moço viu-a com maus olhos, e não occultou suas impressões; por isso talvez não tornou ella a sua casa senão nas horas que elle estava trabalhando na descarga. D. Ermelinda offereceu ás suas parentas a sua casa, que era nos arrebaldes da cidade, onde estariam muito melhor, e onde D. Maria Carlota havia de sarar com os ares puros. Consultou-se o medico, porém este declarou que a doente não estava em estado de ser mudada. Maria Isabel sentiu-o, porque tivera algumas esperanças que a mudança d'ares daria saude a sua mãe: se não fôra isso, estimára a ordem do medico de não sahir d'alli. Não agradava á donzella a parenta que lhe chovêra do céu, porque *lhe não agradára*; e por ter ouvido dizer ha annos, que seu tio fizera um mau casamento, e que morrêra de desgostos. Alfredo, como visinho, e como tendo sido o primeiro chamado para tratar da doente, vinha vel-a todos os dias, e d'uma vez entregou a Carolina uma pequena somma, que era o fructo d'uma subscrição entre elle e os seus amigos. Carolina, recebeu isto com mau modo. Desconfiára da generosidade de mancebos que se interessavam por uma linda menina. Alfredo não fez caso da má recepção da dona da casa, e continuou as visitas. Francisco recebia-a muito bem, e da mesma sorte a filha de D. Maria Carlota. Alfredo fazia visitas curtas, e dizia ao retirar-se á menina:

—Um meu amigo me espera... se eu tardar se assustará.

Maria Isabel não perguntára o nome d'este amigo que tanto se interessava por ella, e por sua mãe. Se o perguntasse, sabel-o-ia. Alfredo, ardia em desejos de dizel-o, apesar da prohibição que tinha de nomeal'o.

O delirio da viuva de Ricardo d'Oliveira, era quasi continuo. Um dia, porém, em que estava n'um curto intervallo de lucidez, disse ao medico:

—Isto está a acabar, snr. doutor, e bom é que acabe. Não posso soffrer mais tempo... Só me custa deixar este valle de tormentos, por deixar cá minha filha... Se eu pudesse abraçal-a e leval-a commigo...

—Não pense n'isso, replicou o medico. Se tiver fé na medicina e coadjuvar os meus esforços...

—Já não tenho fé em nada!... em nada!.. excepto na misericordia divina... e nem sempre!.. Ha momentos em que sinto o inferno dentro do peito! Agora... emquanto a rasão se me não torna a offuscar, quero pedir-lhe que não volte cá. Não quero mais remedios. Só quero vêr se posso receber os remedios da alma: os do corpo nada fazem, e sòmos pobres... muito pobres! Já fòmos ricos... ao menos eu cuidava que o eramos.

E continuou com exaltação delirante:

—Sabe em quanto montam os roes das nossas modistas?!

—Não pense n'isso. O passado já lá vai.

—Sim, já lá vai!.. Já não tem remedio!.. E elle morreu afogado com valores que não eram seus; mas nós não trouxemos nada!.. nada!.. absolutamente nada. Trouxeram-nos algumas roupas e não sei que mais... deram-me isso, ereio que por caridade; e eu não merecia caridade... Gastei o que não era meu, e o que hoje me falta... Não posso pagar-lhe, snr. doutor... mas é casado?.. Póde levar um vestido de *moire* que me custou vinte libras... ou...

—Socegue. Não lhe peço nada. Peço-lhe só que não esteja a pensar em coisas passadas.

—Vinte libras por um vestido!.. Doze moedas por um cachemira... duas libras por um lenço... vinte mil reis por um chapéu... oitenta mil reis por uma capa... duas libras por um regallo, uma libra por umas botas, oito libras por outro vestido; e que mais? Eram muito mais coisas!..

—Minha mãe, disse entre lagrimas Maria Isabel, pelo amor de Deus, esqueça isso...

—Vem cá minha filha, diz-me ao ouvido em quanto sommam todas essas inutilidades, mas que o não saibam os credores...

—Minha mãe, fallemos antes de Deus! [o medico lhe dissera baixo, que chamasse as idéas da enferma para a religião, a vêr se esquecia tudo isso que a desesperava.] Não disse ao snr. doutor que queria confessar-se?

—Queria, mas Deus não quer. No baptisimo prometteram por mim, que eu despresaria as pòmpas do mundo; e sabes emquanto importam os gastos que tenho feito com ellas?..

—Deus perdôa tudo, minha mãe. Tenhamos fé na sua infinita misericordia. Elle não quer que nos desesperemos.

O medico sahiu profundamente commovido.

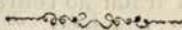
Depois veio um sacerdote, homem verdadeiramente evangelico. A enferma ficou mais consolada, mas aproximava-se a hora extrema. Olhou compungida para sua filha e balbuciou:

—Pobre filha... Teus paes legaram-te a miseria e a deshonra... Essa tua parenta que por ali tenho visto...

O fim do discurso não se ouviu; mas Carolina se incumbiu de terminal'o, dizendo:

—A snr.^a D. Ermelinda, é excellente pessoa, ha de proteger sempre a snr.^a D. Maria Isabel.

Horas depois, estava D. Maria Carlota na eternidade. A dôr de sua infeliz filha não se póde descrever. Carolina, mesmo que não tinha grande sensibilidade, chorou com ella. Francisco parecia doido.



X

O DESMAIO

O enterro de D. Maria Carlota, foi decente. D. Ermelinda encarregara-se de todas as despesas. Agradeceu a filha da finada este favor, que lhe pesava na alma. Não sabia porque sentia antipathia por aquella senhora tão obsequiosa. As suas maneiras um tanto ridiculas e affectadas, não eram motivo para que a bondade de sua alma não fosse apreciada. Assim pensava Maria Isabel, e comtudo antes quizera dever mais esta esmola a Carolina e Francisco. O moço também consentiu de mau grado que aquella *fuinha*, como chamava a D. Ermelinda, viesse entrometter-se onde não era chamada. Tinha embirra mais pronunciada por ella do que a donzella; era uma antipathia formal.

Carolina tornou logo depois do enterro ao seu modo de vida, e com mais azafama, para descontar o tempo perdido. Maria Isabel quiz fazer o mesmo. Não devia servir só de peso áquella boa gente. Tinha-lhe já feito tantos gastos... Era preciso, pois, trabalhar para ganhar d'alli em diante o seu pão. Os pobres não têm logar de chorar os seus defuntos. E' por isso que entre elles se embota quasi sempre a sensibilidade. O material da vida afoga o ideal. Trabalhar, e sempre trabalhar, se não querem morrer de fome. Quando morre um pae, um filho, um irmão, gritam e pranteiam muito: parece quererem epilogar todo o pesar n'aquellas horas em que o defunto está sobre terra. Enterrado elle, voltam immediatamente ao trabalho, e os choros cessaram; ao menos *officialmente*. Não é da prache chorar senão quando espira alguém, e quando o corpo sahe de casa: o mais é luxo de sensibilidade tido por nocivo. E' preciso tratar dos vivos; os mortos já se choraram.

Maria Isabel quiz sugerir-se ao uso d'aquelles entre que a arremegara a desgraça; mas contava demasiado com as suas forças. Apenas Carolina sahira para ir trabalhar fóra, assentou-se perto da janella com a sua costura, mas sem dar um ponto, olhou em roda do quarto, arremegou a costura ao chão, e ergueu-se bradando:

—Minha mãe!.. minha mãe!.. e lançou-se de braços sobre o leito que ambos tinham partilhado no seu infortunio, e em que nas ultimas tres semanas vira soffrer sua mãe, e a final exalar o ultimo suspiro.

Soluçou largo tempo a pobre menina e depois de muito chorar, teve uma syncope.

Francisco vinha vêr como ella passára desde a vespera, e trazer algum dinheiro a sua mãe.

Ao entrar na calçada do Corpo da Guarda, acercou-se-lhe um mancebo, que o esperava impaciente.

O filho de Carolina não se admirou e disse deitando a mão ao chapéu:

—Snr. Maximino, d'aqui a pouco vá esperar-me á Ribeira.

—Estou muito cuidadoso... A infeliz menina que proteges deve estar muito afflicta.

—Está muito. Hontem, quando a deixei, fazia cortar o coração; e não tem quem lhe dê consolações!.. Eu, e a senhora mãe, sômos pessoas muito grosseiras para podermos dar-lhe animo. Vamos indo lá para casa. Hoje sempre o snr. Maximino entra. Saberá dizer-lhe coisas bonitas, e a consolará. Está tão magrinha e tão branca... parece uma imagem de cêra.

—Não, bom Francisco, não devo procurar essa menina. Esperarei na escada, que subas e que tornes a descer, para me dizeres como está hoje. Fazes-me isto?

—Farei, sem custo. Voltarei logo a dizer-lhe como vai curtindo as suas tristezas. Mas, ainda que eu seja confiado, diga-me cá: o snr. Maximino gosta ou não gosta da snr.^a D. Mariquinhas? Se gosta, como cá a pessoa cuida, porque a não vai vêr? Quem não apparece esquece, diz a snr.^a mãe.

—Ah! meu rico Francisco, eu não tenho que fazer esquecer, ou lembrar. Aquella infeliz menina viu-me só uma vez, e se se lembrar de mim, será com desgosto e susto: não póde amar-me.

—Apareça-lhe, e deixe o mais por minha conta.

—Não devo. Meu pae nunca consentiria que... nos amassemos. E tambem não sei de que genero é a sympathia que me attrahe para ella. Sinto immensa compaixão pela vêr tão infeliz, e desejava-lhe dias de ventura.

—Se não é mais que isso... Tambem cá a pessoa lhe deseja o mesmo.

Tinham chegado á porta da casa de Carolina.

—Entre, snr. Maximino, não fique cá fóra a apanhar o vento sem navegar. Não sei para que Deus ha-de desperdiçar este vento fresco na terra, sendo ás vezes tão preciso no mar alto.

—Não só entro hoje, mas subo ao primeiro patamar, para não teres, meu bom Francisco, o trabalho de desceres tanto; porque de certo te demorarás para estares algum tempo com tua mãe, e deves demorar-te.

O marinheiro sorriu maliciosamente, e replicou subindo:

—Suba ao segundo; mas cautella, não se esbarre.

—E foi subindo os degraus dois a dois, dizendo comsigo:

—Não o confessa, mas está preso com amarra de bom canhamo. Amanhã, trepará á gavea.

Abriu a porta do pobre albergue chamando por sua mãe. Ninguem respondeu.

—Sahiriam ambas?! disse entre dentes, mas deixaram a porta aberta... e a snr.^a D. Mariquinhas de certo não sahia já hoje.

Chamou mais alto. Nada de resposta. Olhou com inquietação para todas os lados. Maximino começou tambem a assustar-se; subiu mais alguns degraus, e parou um breve instante. Fel'o, porém, subir, d'um salto, o resto da escada á voz de Francisco, que bradava:

—Acuda, senhor Maximino! A sr.^a D. Mariquinhas está por morta!

—Está morta?! gritou o filho de Custodio da Cunha, precipitando-se para o leito em que jazia Maria Isabel, morta ao abandono!!..

—Sinto-lhe bater as fontes, disse o marinheiro. Isto ha-de ser flato. Viu-se aqui sósinha

e triste, e perdeu os espiritos. Bem disse á snr.^a mãe que não sabisse hoje; mas não pára no ancoradouro.

—Está tão fria!...

—Tem a testa muito quente. Não está morta. Desapertemol-a, e demos-lhe umas esfregações ás pernas.

—Não! bradou Maximino, detendo as mãos do marinheiro, e fazendo-se rubro.

—Pois desaperte-a v. s.^a Eu o que fazia, era por bem.

—Não, Francisco. Nenhum de nós fará isso.

—Mas que mal ha n'isso? Olhe que é remedio muito prestadio. Quando á snr.^a mãe lhe deu uma vez um faniquito por me ver de repente, julgando-me já no bucho d'alguma balèa, cortei-lhe com uma navalha fitas e cordões, tirei-lhe as meias e puchei-lhe nas barrigas das pernas com coragem, e ella abriu logo os olhos. E' verdade que depois me ralhou muito pelos estragos que lhe fiz na roupa e na pelle; mas podiamos agora fazer isso com mais amôr.

Maximino, que esfregava as mãos da desmaiada, e lh'as bafejava para aquecel-as, respondeu:

—O que se póde fazer a uma mãe, não é permitido pôl-o em pratica com uma menina, que, se estivesse em si, o não permittiria.

—Com a breca! . E' melhor deixal-a *esticar*?! Se eu entendo a affeição do snr. Maximino que me enforquem na verga do mastro grande.

—Ajuda-me a leval-a para perto da janella. Agora eu sustento-a só. Faze favor d'ir buscar um copo d'agua.

—Copo não será facil, mas agua trago-lh'a n'um *éste*.

Tinham-n'a assentado, Maximino lhe amparava a cabeça com um braço, chegando-a a si. Pegava-lhe, ora n'uma, ora n'outra mão, esfregava-a pelo rosto e lhe bafejava. Francisco, da porta que dava para a cosinha, onde ia huscar agua, voltou a cabeça e sorriu malicioso. Foi muito de vagar lavar uma caneca e enchel-a d'agua, dizendo comsigo:

—Morre por ella! Deixal-o ao menos bafe

jar-lhe as mãos á vontade. Mas esta gente fidalga tem coisas!.. Porque não quereria elle ver-lhe as pernas e cortar-lhe a cordagem?

No entanto a demora de Francisco, fez que o bafejo em uma das mãos de Maria Isabel se tornasse um longo beijo. Bem sabia Maximino que isto tambem não seria permittido pela donzella, mas não esteve em seu poder reter esta caricia, e grande exforço fazia em não beijar aquelle rosto tão lindo e tão pallido, junto a si. Francisco chegou com agua. Deitaram-lhe algumas gôtas na bôca da menina, que parecia respirar com mais alguma força. Depois o marinheiro, sem prevenir o outro moço, tomou um grande bochecho d'agua e o esparziu com força no rosto pallido da joven. Maximino estremeceu como ella. Sentiu uma sensação desagradavel que tinha suas particulas de ciume. Aquelle homem lançára sobre Maria Isabel, agua que tomára na bôca! Apressou-se a limpar cara e pescoço da menina, que vinha a si.

—Alagaste-a, disse elle um tanto zangado; e isso póde fazer-lhe mal.

—Fez-lhe muito bem. Olhe, abre os ramalhudos olhos! Senhora D. Mariquinhas... não me conhece? Sou Francisco. E aqui está tambem o snr. Maximino. Estavamos ambos *estarrécidos* por vêrmos a v. s.^a assim como morta.

Ella soltou um doloroso suspiro, levou a mão á testa e balbuciou:

—Não tornarei a vêr minha mãe... Ella me amava tanto... Já não tenho ninguem que me ame!..

—Maximino, impensadamente, apertou-a ao coração com o braço que a sustinha, estreitou

com affecto a mão que aquecia, e levou-a aos labios. Ella estremeceu, voltou os olhos para o mancebo, córou e buscou soltar-se-lhe dos braços ao tempo que o marinheiro dizia:

—Ninguem a ama!! Então aqui o snr. Maximino, e cá a pessoa, não somos gente? Mas não me dirá o que é feito da snr.^a mãe?

—Foi trabalhar para casa do snr. Fonseca: —respondeu a filha de Ricardo d'Oliveira, já livre de Maximino, e procurando com mão incerta remediar algum desarranjo dos seus vestidos.

—Não está má essa! Deixa-a aqui sósinha um dia todo! Vou chamal-a. Vou, e venhon'um pé só. O snr. Maximino fica a fazer-lhe companhia.

—Se a snr.^a D. Maria Isabel consente... — balbuciou o outro mancebo.

—Consente; pois, porque não havia de consentir? E eu demoro-me pouco. O snr. Fonseca não móra longe.

E elle sahiu pensando:

—Agora, ou queira ou não, ha-de dizer-lhe que lhe quer bem. Sou muito amigo d'elle; mas, aquelle acobardamento n'um homem, faz rir!.. Não querer vêr as pernas á pobre menina!.. Assim como que tinha medo!.. Pois ellas ao que os pés mostram, não hão-de ser de metter medo. E que o vento nos escaccie no mar alto, se eu tinha mau sentido. Queria só trazel-a a reboque para a vida. Mas se uma das minhas affeiçoadas, estivesse assim, sem mecher com pé nem mão, não desgostaria de ver se tinha as gambias tortas.

(Continúa.)

SUPPELICA

Audi... yerba mea.

(KEMPIS. SMIT: CHRIST.)

Que peça o bardo um coração amigo

A' luz que brilha em matinal raiar,

Que o ermo triste e monhacal jazigo

Lagrimas queira p'ra o que viu finar,

Que o nauta peça bonançosa aragem
 Que peça o triste virginal solidão,
 Que o monge implore divinal mensagem
 Salvando a terra d'infernal volcão.

Que virgem meiga com saudosa magua
 Anhelle a sombra com que já sonhou,
 Que eu—mal extinto dê-me Deus só agua
 Que apague o fogo que me já queimou.

J. CALDAS.

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Maria Adelaide Fernandes Prata

(Continuado da pag. 54.)

EREMITA

Quando a febre e delirio me deixaram,
 Teu destino indaguei; porém debalde:
 Anhelava prostrar-me ás tuas plantas,
 O teu perdão humilde supplicar-te,
 Dizer-te:—esse marquez feroz, altivo,
 Mais que a sombra não é, do que já fôra;
 E que d'Olinda á mão renunciava
 Para ver-te a seu lado venturoso;
 Mas já perdida a esp'rança d'encontrar-te,
 Um mundo abandonei que me perdêra...
 Onde me fiz perverso, onde deixára
 Um puro coração, honra e virtude!..
 Approuve ao céo benigno que eu vivesse
 Para expiar os meus crimes enormes!
 Recordar um passado só d'horrores,
 Supportando o remorso despiedado,
 O filho inflexivel da consciencia
 Que injustiças não cala, não perdôa!..
 Vivi para soffrer, qual condemnado!..
 Agora, o coração diz-me que o céo,
 Do penitente humilde me ajudára:
 Essa sombra, que outr'ora, ensanguentada,
 Terrivel me seguia em toda a parte,
 Cessou de me apparecer e apaziguada,
 Talvez já me perdôa generosa...
 O' Providencia! quanto eu te bem digo!
 Sim; Deus é sempre bom, grande e potente!..
 Não 'squece o peccador n'essa hora estrema!
 E a mim te conduziu, pendido ao tumulo,

Qual anjo, o meu perdão annunciando!
 Ah! eu tive na infancia santas crenças,
 Amava o Creador dos céos, do mundo,
 Tinha fé que o meu anjo me guardava
 E em sonhos eu o via muitas vezes
 Emquanto que era joven, virtuoso;
 Mas logo na minh'alma a crueldade
 Crescia mais e mais que do meu anjo,
 Em breve m'esqueci, qual renegado!
 Ai! e elle espavorido abandonou-me
 Na carreira de crimes horrorosos,
 Fé que visse indomavel perseguir-me
 O remorso cruel, de noite e dia!
 Talvez o meu martyrio o apiedasse
 Que em sonhos me sorriu já, como outr'ora
 Quando dormia, a noite derradeira;
 O céo em meu favor elle chamou
 E a minha converção foi obra sua.

Sabino!.. o teu perdão... eu desfalleço...
 Perdôa! como Christo perdoava
 As injurias mais vis e atroz tormento!
 Teu coração verás tranquillisar-se,
 D'alma paz as venturas desfructando!..

E no seio do Bardo começava
 Do céo divina luz a scintillar,
 Banindo-lhe o rancor, odio, vingança,
 Compassivo o movia a perdoar.

BARDO

E que destino déste á minha Olinda?
Que fizeste cruel da malfadada?..
Ah! do seu coração inteira posse,
Na terra eu só gosava e ninguem mais!

Era a luz d'esta vida, o meu amparo,
Era o meu universo, o céo, a gloria!
Sem ella fiquei só, qual massa inerte,
Ao acaso, no mundo vagueando!..

(Continúa.)

ASTROS

O! pallidos prophetas, ó! tristes pensadores,
Vós que passais na terra juncada d'esplendores
C'os olhos, onde estrellas se vêm resplandecer,
Fitos em horisontes que ninguem pode vêr!
Oh! pallidos prophetas, qual é o vosso caminho?
Cysnes, que andais sósinhos longe do patrio ninho,
Em busca das auroras, das brisas da manhã;
Abelhas que os licôres exauris da romãa,
Dos lyrios e das rosas; que sorveis os perfumes,
Que a vossa mãe Psyché vos dá; quando esses lumes,
Que á noite, scintillando sobre os ethereos véos,

Vos dizem o caminho das phalanges de Deus,
Atravessais a terra, sempre a cantar um hymno!..
Sublimes pensadores, qual é o vosso destino?

«Quando p'ra nós s'esconde, nos abysmos do mar
«O sol, n'outro hemispherio vai os fulgores mostrar!
«Cai além um diluvio dos reflexos do dia,
«Em quanto aqui é noite densa, escura e sombria,
«Assim, quando nos cerca da morte o escuro véo,
«Nós somos esses astros que vão brilhar no ceu!..

Novembro de 1864.

PEDRO AUGUSTO DE LIMA.

VIVER Á SOMBRA

Desenrola os teus cabellos,
Essas lindas tranças d'oiro,
Deixa-os cair soltos, bellos,
Ao desdem, meu anjo loiro,

Deixa que essa alva cambraia
Cubra o seio virginal,
Como a neblina na praia
Cobre do mar o crystal...

Depois fuge e yem deitar-te
Na macia e verde alfombra,
Arrollando, hão-de embalar-te
As tristes ayes da sombra.

E n'essa relva mimosa,
Que assombreira o velho alamo,

Verás tu, púdica rosa,
O nosso singelo th'lamo...

E o mar—o orgão canoro—
Da esplendida natureza
Então cantará sonóro
Hymno d'amor e tristeza...

E nós á luz do luar
Dormiremos sobre a alfombra,..
E os anjos hão-de cantar
Nosso noivado na sombra..

ALBERTO PIMENTEL.

AO PARTIR

Adeus!... Não chores... tem animo!
 hei-de voltar, meu amor;
 tu, filha, pede ao Senhor...
 pede que eu volte depressa!...
 não quero vêr-te assim tremula
 abraçando-me a chorar!...
 coragem, hei-de voltar
 quando menos te pareça.

Olha, esconde-me essas lagrimas!...
 eu não choro, tu bem vês...
 d'aqui a um anno talvez
 eu volte co'as tuas flôres;

que importa pois esta ausencia,
 se temos tanto porvir?...
 eu quero vêr-te sorrir...
 sê minha amiga, não chores.

Não chores; basta o martyrio
 de pensar que vou viver
 longe de ti.. Sem te vêr...
 aíl... que existencia me espera!...
 E' força partir... abraça-me...
 vamos, não chores... adeus!...
 —quem ao menos, oh! meu Deus,
 estas lagrimas tivera!—

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

EU...

Eu perdi desde criança
 Minha mãe;
 Com ella meu pae descança
 Já tambem...

Só pude achar da existencia
 Na manhã,
 A vaga reminiscencia
 D'uma irmã...

Agora tenho vinte annos,
 Inda em flôr,
 E, entre poucos desenganos,
 Muito amôr...

E nas luctas da impiedade
 Contra a fé,

Sempre achar-me a tempestade
 Vem, de pé!

Agora penso e trabalho,
 Nunca em vão,
 Mas se peço um agazalho
 Não m'o dão...

Agora do bem a estrada
 Sigo em paz,
 E sei que a inveja esfaimada
 Segue atraz...

Sei, e os odios lhe perdôo
 Sob a cruz,
 E d'alma dirijo o oôv
 Para a luz!

GUILHERME BRAGA.

A OPERA EURICO

I

Eu, que ás vezes aspiro a preceptista, tenho para mim como principio axiomático, que a peor desgraça que póde acontecer a um homem de talento, em Portugal, é... ser portuguez... Aqui, em Portugal, recebem-se com tal frieza os talentos patrios, que isto mesmo basta a impedir os de attingirem ao seu maior grau de perfectibilidade.

O melhor passaporte d'um livro, no mercado das letras portuguezas, é... ser estrangeiro. Os litteratos feitos, os editores e os governos são os algozes das nossas intelligencias. Os litteratos feitos, porque avaliam os talentos não por o que valem, mas por o que lhes parece que são. Porque investidos d'um amor-proprio que lhes vai mal, recebem os noveis ingenhos com um tal ar desanimador, que basta a matar-lhes as esperanças... A's vezes perdem um bom poeta, para corrigirem um mau metrificador. Criticam um livro e desconceituam um talento, porque o author, se é poeta, attendeu sómente á poesia, propriamente dita, e desviou-se um pouco das limitadas fórmulas da sua expressão, isto é, da metrifcação que é a parte mechanica da poesia. Ensinam-lhe o que elle podia aprender, e roubam-lhe o que a arte não póde dar. A idéa, a esthetica do pensamento é o homem que a cria; a fórma—os arrebiques plasticos da idéa—é a arte que a formula... Os editores avaliam os talentos pelas reputações, ás vezes baseadas sobre areia movediça, e que desabam ao menor impulso da critica. As reputações na nossa terra são como a estatua de Nabucodonosor... Têm os pés de barro e a cabeça d'ouro... Os governos não só deviam crear escolas polytechnicas, onde se estuda tudo e não se aprende nada, mas também escolas especiaes, que fossem o chrysol de tantas vocações perdidas. Eu queria uma escola boa para o musico, para o pintor, para o poeta, para todos os talentos artisticos. Hoje, em Portugal, podia Castilho ser o pae d'uma nova escola de trovadores. Elle, o incansavel trabalhador, á falta d'outros meios,

PRIMEIRO ANNO—1865.

atirára já ao seio da nova familia de poetas um doirado reflexo do sol da arte. Deu-lhe um livro, que vale uma escola. Offertou-lhe o seu —*Tratado de metrifcação*—livro em que a pleiada dos novos escriptores póde beber o perfeito conhecimento da arte.

Deixemos estas considerações. Sigamos. O snr. Francisco de Sá Noronha, um dos verdadeiros talentos musicaes d'este pobre Portugal, escreveu ha annos uma bellissima opera, que elle intitulára—*BEATRIZ DE PORTUGAL*. A creação era esplendida de harmonias e o talento do snr. Noronha bem conhecido já. Mas, aos olhos d'aquelles que não tinham uma alma como a de Noronha, tinha elle inda um defeito... era portuguez...

O author da *BEATRIZ*, que então já se podia chamar o Bellini Portuguez, por não ter a felicidade de nascer em Italia, como o celebrado author da *NORMA*, viu mallogradas as suas rissonhas esperanças.

A opera estava prompta, o libretto escripto, as partituras divididas mas não havia concessão para ser posta em scena!... Até que por fim, uma noite em que o *dilletanti* entrava o theatro de S. João, ouviu revoar em volta de si aquellas vagas harmonias, que a alma de Noronha creára, e pareceu-lhe estar immenso n'uma nuvem de rouxinões, que se equilibrava na immensidade calma... Não ha obstaculos, que impeçam o vôo audaz do talento! O snr. Noronha continuou a escrever e dá-nos hoje uma outra opera, que se chama: *O ARCO DE SANT'ANNA*, cujo libretto foi extrahido do excellento romance do visconde d'Almeida Garrett. Um dos nossos vernaculos escriptores, o snr. Alexandre Herculano, deu-nos, nã ha muito *EURICO O PRESBYTERO*, esse maravilhoso poema em prosa que ninguem deixa de conhecer e que é seguramente o mais perfeito monumento da litteratura hodierna.

Pedro Augusto de Lima, o melancolico poeta, que ahi passa por entre as turbas, mostrando na pallidez da face o fogo do seu talento, viu ao clarão febril das suas noites de insomnia

o vulto seismador do amante de Hermengarda, deixando a larga stringe fluetuar á mercê da viração, que varria as arcias do promontorio. Miguel Angelo idealizou e combinou aquelle turbilhão de harmonias, que ondeava, revolvendo-se, na alma pensativa do presbytero de Carteia.

Miguel Angelo e Pedro de Lima deram-se as mãos n'uma empresa grave. O primeiro escolheu tão magnifico assumpto para uma opera, que deve ser admiravel. O segundo ousou dramatisar o EURIPO. Que se deve esperar do consorcio de tão promettedoras primaveras senão flôres e harmonias?!..

Ao snr. Miguel Angelo digo eu que é preciso mostrar aos estrangeiros, que em Portugal tambem ha maestros como por lá.

A Pedro de Lima direi que é preciso explicar as escabrosidades do theatro. O theatro tem soffrido modificações segundo as idéas do povo. O povo d'hoje que não é barbaro nem selvagem e que sente illuminada a alma por os brilhantes raios do sol da civilisação, senta-se nos bancos do theatro como nos bancos d'uma escola. A tragedia passou e o drama substituiu-a. O povo de hoje não gosta d'aquellas trovoadas scenicas da tragedia. O povo d'hoje gosta da amenidade do drama, por que é no drama que elle vê retratadas as feições da sua indole. O genio bellicoso do

povo romano attraia-o ao Circo para assistir ao espectáculo sanguinario dos jogos dos gladiadores. Hoje as EUMENIDES d'Eschylo e o EDIPO de Sophocles são substituidas pelo FREI LUIZ DE SOUSA do Garrett e pelo HERNANI de Victor Hugo. A tragedia nasceu na Grecia e morreu em Roma. Livio Andronico transplantara a tragedia d'entre o povo hellenico para o seio do romano. O drama hoje, em Portugal, tem um caracter nacional e o povo gosta d'elle porque a acção é sempre tirada do seio da sociedade.

Entre nós Gil Vicente foi o primeiro que explorou a preciosa mina da poesia dramatica. Em Portugal foi elle o pae da comedia e dos autos. Sá de Miranda, que lhe succedeu, cultivou tambem a comedia e Ferreira quiz ressuscitar a tragedia escrevendo a—CASTRO.—Camões, Garção e Diniz continuaram escrevendo comedias. Garrett é porém o reformador da arte dramatica. Foi elle, que lançou os cimentos do novo theatro. Foi elle que descobriu as fecundas ceáras do theatro portuguez; agora os homens que tem um talento como Pedro de Lima devem cultival-as com afan e amor. Seja-lhes incentivo ao trabalho a saudosa memoria do eximio poeta author do CAMÕES [e D. BRANCA.

(Continua.)

ALBERTO PIMENTEL.

SOBRE A CAMPA DE MINHA IRMÃ

Poetas que passaes, parae um só momento,
Ficai-vos a seismar sobre esta fria lousa.
Dos ventos o gemer, o seu triste lamento
A' voss'alma não vem dizer alguma cousa?..

A vós não vem dizer que um anjo aqui demora?..
Que dos braços da mãe ao tumulo caira...
Quando os olhos abria á bella luz d'aurora
Da morte o beijo frio em seu labios sentira...

Ai! vós não reparaes! A campa é tão pequenal
Cobre-a por cima um veu de matizada alfombra.
A pura alma d'este anjo ergue-se á luz serena
E o corpo tem, na terra, um atomo de sombra..

28 de fevereiro de 1865.

ALBERTO PIMENTEL.

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Marin Adelaide Fernandes Prata

(Continuado da pag. 79.)

EREMITA

A sorte como tu d'Olinda ignoro;
 Quando do pae ouviu ordens indinas,
 Quando por elle viu tão mal cumprida
 A palavra d'um nobre cavalleiro
 E d'honra fementidas as promessas,
 Representa-lhe humilde e com brandura
 A infamia a que seu nome alto s'espunha;
 Porém o pae irado e inflexivel,
 A' donzella repete ordens cruéis,
 Forçando-a a ob'decer, seguir seu mando.
 De noiva ricas galas lhe prepará
 E adereços luzidos d'alto preço;
 Com arte e gosto adornam-se aureas sallas
 Preparam-se festins, grandes fulgares;
 Na capella os brandões já refulgiam,
 E de Deus o ministro, ante os altares,
 O momento aguardava de formar
 D'hymeneo, o sagrado laço puro;
 Porém, faltava Olinda, onde está ella?!
 Em vão na estancia sua a buscaram todos,
 Buscaram-na de balde em toda a parte!..
 Então a compaixão, remorso e magoas
 Sentiu no coração a vez primeira
 E em lagrimas e ais me arrependia
 Dos males que perverso originára!
 O que então se passou dentro em minh'alma,
 Difiñil-o não sei!.. só o sentia..
 Horrores que o inferno aos condemnados,
 Terrivel lhe prepará enfurecido,
 No peito angustiada eu os soffria!..
 Livre-te o céo, ó Bardo de sentires
 O remorso cruel, o meu martyrio!..

E já d'aurora as lagrimas se uniam
 A's do velho constricto, moribundo
 Que do Bardo o perdão só anhelava,
 Por derradeira graça cá no mundo.

O mancebo se prostra e commovido
 Ergue os olhos ao céo, vai perdoar,
 Não sente já furor, odio, vingança
 E junto do eremita foi orar.

EREMITA

Ah! que pura alegria eu sinto, ó filho!
 Dos labios teus o meu perdão ouvindo!
 Cumpridos são, Sabino, os meus desejos,
 Da terra nada mais ambiciono!
 Mensageiro de paz, fizeste n'alma
 De Paraiso a esperança renascer;
 Os passos teus aqui guiou o Eterno,
 Para me assegurar da gloria a palma!..
 O' Deus incomprehensivel! teus arcanos,
 Não é dado aos mortaes fracos sondarem!..
 Sabino. . Adeus... eu sinto já da vida
 Abandonar-me e extinguir-se o soprol!..
 Ah! roga a Deus por mim, que lá nos céos,
 Attendidas serã as preces tuas...
 E o grande peccador tão criminoso,
 Após austérra vida penitente,
 Qual justo feneceu, apreendido,
 Tenda o seu Deus, a fé sempre na mente,

Ah! o Bardo scismando pensa ainda
 Que um sonho fôra tudo, uma illusão;
 E como acreditar que o seu tyranno
 Houveresse d'estreitar ao coração!..

Como ver-lhe pendida a fronte exhausta
 Sobre o peito que outr'ora enfurecido,
 Contra elle nutriu odio, vingança!
 E dar-lhe hoje o perdão, enternecido!

Curva-se em oração n'esse lugar,
 Pelas lagrimas já santificado

E pede a Deus, do er'mita a contrição,
Depois de ter ao céo, por elle orado;

E cava a sepultura a quem a sua,
Na idade juvenil cavou sem dó,
Olha por derradeiro o corpo exangue
Que em breve só será do nada o pó!..

Quer depois arvorar na pobre campa
A efigie d'essa cruz da redempção;
Mas não vê nas montanhas de que fórme,
Venerando signal d'agra paixão;

Atravessa desertos, desce montes,
Transpõe formoso rio cristalino
E além n'um denso bosque verdejante,
Cruz singela formou d'um lenho fino.

Em quanto repousava os lassos membros,
Eis que escuta uma voz tão magoada,
E tão lugubre, debil e queixosa,
Qual a d'Hero expirante, desgraçada!

E ouvindo-a estremece e o coração
No peito juvenil forte pulsára;
Imóvel fica o Bardo, commovido
Pela voz tão saudosa que escutava;

Por suspiros e pranto entrecortada
Essa voz su'alma compungia
E tão só, sem amparo, por est'arte,
No silencio dos bosques s'exprimia:

(Continua.)

SONETO

No livro dos destinos li tremendo,
Meu nome em negra pagina traçado
E com letras de sangue vi gravado
O porvir e passado assim dizendo:

«Quando nasceste ó triste, aspecto horrendo
«A natura tomou e desmaiado
«Teu astro enfiou—logo apagado,
«A um pelágo de trevas foi descendo!

«Que esperas infeliz do teu futuro?!
«Oh! Terás sempre adversa a tua sorte,
«Supportando o rigor d'um fado duro;

«Pezará sobre ti tormento forte!
«Fulgindo só no ceu teu astro puro
«Quando o dia chegar da crua morte!

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

A NUVEM

'No lago d'o seu jardim
Foi-se banhar a sultana,
Mais esbelta que o jasmim
Mais formosa que Diana;
E, vendo-a assim, o sultão,
Debruçado 'no balcão,
Bradou com modo orgulhoso:
«—Ninguem mais te-póde vêr,
«Estás, Fatima, em meu poder,
«Sou eu só que assim te-goço.»

«—Inganas-te!»—diz 'no ar
A nuvem que ia correndo.
«—Tambem eu posso gozar
«O mesmo que tu estás vendo.»
O sultão muda de côr;
Tira o alfange com furor,
E, acceso em sanha féra,
Crava-o 'no peito innocente
D'a favorita imprudente....
E a nuvem? Desapparecêra.

G. B. ANDES

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado da pag. 77.)

XI

MEIA DECLARAÇÃO

Maximino ficou callado junto da donzella, que, parecendo ainda pouco senhora das suas acções, esfregava a testa e exalava suspiros. O mancebo olhava-a com amor e compaixão. Ella voltou a cabeça como para se certificar de que elle estava alli. Cobriram-se-lhe as faces de rubor, e balbuciou algumas palavras de agradecimento.

—Pesa-lhe a minha presença, disse elle, pesaroso. Não me queixo: sei que devo ser-lhe odioso.

—Odioso, porque? Acaba de me dar socorros, apesar do mal que a minha familia fez á sua...

O mancebo sentiu-se lisonjeado. Tinha sido reconhecido.

Ficaram ambos em silencio. Se Francisco visse n'este momento Maximino, chamar-lhe-ia cobarde. Este queria fallar, e não ousava. Lembrou-se que o marinho e sua mãe, não tardariam, e disse então:

—Essa boa gente, que tem a felicidade de poder ser sua protectora, não deve tardar, e eu serei obrigado a sahir. Peço-lhe licença de vir todos os dias-saber da sua saude. Demorar-me-hei pouco, se a minha presença a incommodar.

—Não, snr. Maximino, não venha ver-me. A minha posição é tão critica... Pelo amor de sua irmã, de que me fallou seu pae, deixe-me aqui viver, ou morrer só. Peça a Deus que me chame em breve para o lado de minha mãe.

—Quer morrer tão joven! Faça por ter coragem... Não perca o animo. Nas grandes adversidades se conhecem as grandes almas.

—Tinha animo para tudo, se minha mãe visse... mas perdel-a... ver-me só no mundo!..

—Mas tem corações que a amam!—exclamou com força o mancebo; porém, retendo-se, acrescentou, suspirando:

—Francisco e sua mãe, amam v. exc.^a, e podem ostentar sua dedicação.

—São excellentes corações... Devo-lhes muito.

—Mas não podem fazer-lhe companhia. Permitta-me que eu venha... ao menos de longe a longe...

E elle lhe tomou uma das mãos, que apertou entre as suas, pelo costume de ha pouco. Ella, porém, estava reanimada; córou ligeiramente, retirou a mão com brandura, e replicou:

—Não póde ser... Peço-lhe que me não torne a procurar. Sou grata á compaixão que lhe causam meus infortunios; mas não está na mão de v. s.^a minoral-os.

—Mas eu sentiria tanta consolação em vel-a...

—Não devemos ter relações. Se tem a bondade de interessar-se por mim, deixe-me, snr. Maximino, e não torne a procurar-me.

O moço conhecia tanto a rasão com que fallava a donzella, que não insistiu mais. Pegou-lhe outra vez na mão, levou-a aos labios e pre-

ecipitou-se fóra do quarto. Tinha já a certeza de que amava, e amava sem esperança.

Francisco chegou antes de sua mãe. Maria Isabel já estava com o seu trabalho.

—O sr. Maximino?! — perguntou assombrado o marinheiro.

—Foi-se embora.

—Já?!..

—Pedi-lhe que me deixasse. Sentia-me já boa.

—Mas elle não devia sair tão depressa... Ama tanto a sur.^a D. Mariquinhas... Não lh'o disse?

—Não, sr. Francisco... nem devia fazel'o. O seu amor, nas minhas circumstancias, seria uma desgraça; se me fallasse n'elle far-me-ia uma offensa. Espero que essa desgraça não exista, assim como não teve logar a outra offensa.

O moço marinheiro ficou a olhar-a boquiaberto.

A chegada de Carolina impediu-o de continuar com o mesmo assumpto. Receiava despertar o humor desconfiado de sua mãe, contraria aos amores dos jovens. «Não se devia querer bem, dizia ella, senão depois de ter ido á igreja dar o sim.»

XII

ALVARES DE CAROLINA

Logo que Carolina ficou só com a menina, disse-lhe com o seu modo doutoral, que tinha muita pena de dizer-lhe que não era possível que ella tornasse a ficar só em casa; e uma vez que não queria ir trabalhar fóra com ella, não tinha remedio senão acceitar o offerecimento da sur.^a D. Ermelinda, d'ir viver em sua casa. Maria Isabel poz-se a chorar.

—O que lhe digo é para seu bem, sr.^a D. Maria Isabel. Dão-lhe flatos quando está só, e isso não é bom para a saude; uma menina doente e pobre, não acha marido. Os flatos só os podem ter as pessoas ricas. Os homens não querem mulher achacada, se não tem *chelpa*.

—Eu não quero casar, sr.^a Carolina.

—Pois não deve querer outra coisa. O casamento é o desembargo do paço das raparigas. E não é preciso ter só saude para achar marido, tambem é preciso ter boa fama, e v. s.^a desaredita-se na minha casa.

A donzella estremeceu. Olhou, eórando, para Carolina, cessando de trabalhar; e cobriu o rosto com pasmo e confusão. A lembrança da visita de Maximino a perturbava.

—Sim, senhora D. Maria Isabel, perde a sua boa fama aqui. Saio para o meu modo de vida, e v. s.^a fica só. Vem meu filho, vem o visinho Alfredo, e virão outros, estar aqui á palestra.. Isto não é bonito.

—Posso fechar a porta a todos, menos a seu filho. Diga-lhe a sr.^a Carolina que não suba quando eu estiver só.

—O melhor, menina, é ir para casa da sr.^a D. Ermelinda. Lá estava melhor, e mais honradamente.

A triste menina cobriu o rosto banhado de pranto e balbuciou:

—Irei para onde quizerem.. O' minha mãe!.. minha mãe!..

—Valha-a Nossa Senhora dos Remedios!.. Não chore assim! As lagrimas não dão a vida a ninguém. Se eu tivesse estragado a vista assim a chorar pelos meus defuntos, bem aviada estaria agora! Meu filho, valha a verdade, da-me quanta póde; mas não quero fazer-lhe muitas despesas, porque a sua saldada não é grande, e são rapazes... gostam de tafular e de fazer a sua franciscanada de tempos em quando. E mais dia menos dia, casa; e agora o verás!.. Eu bem sei o que são nóras!

—E eu tenho feito muitas despesas ao sr. Francisco... Muitas vezes pensava n'isto; mas... Irei para casa da viuva de meu tio até achar uma casa que me queira por mestra... ou mesmo por crecada.

—Isso não. Estará muito bem em casa da sr.^a D. Ermelinda que é uma senhora ás direitas!.. Deve ir hoje mesmo para lá. Se meu filho

o sabe antes, ha-de dizer que não, e que não. Elle não chora o que gasta com v. s.^a Não é por ser meu filho, mas é liberal uma vez!.. Ainda que se empenhe até ás orelhas, não ha de confessar fraqueza: «Mais facil será, dizia elle antes d'hontem, que eu deixe o meu cachimbo, e beba só agua, do que deixar faltar nada a esta triste senhora.»

—Que bondoso coração! que excellenté alma!.. Devo poupar-lhe novos gastos comigo. Vejo que por ora não posso trabalhar. Não sei senão chorar. Mas queria despedir-me d'elle, e agradecer-lhe...

—Deixe-se d'isso. Elle é teimoso o preciso! Queria obrigar-a a ficar. Quiz-me comer hontem por eu lhe fallar no offerecimento da sr.^a D. Ermelinda. Chamou-lhe bruxa, feiticeira, carcassa do *brasabú*. Não tenho medo da sua agonia. Não sou uma mãe *maricas*; mas elle é capaz de descompôr a sr.^a D. Ermelinda, e ella agoniar-se-ha, e adeus minhas encomendas! Ficava v. s.^a como o parvo na ponte.

—Pois estou por tudo. Irei quando quizer; e dirá depois a seu filho, que a minha gratidão será eterna.

—Quando vinha para cá, encontrei a sr.^a D. Ermelinda. Disse-me que viria perto da noite buscar-a. Ella parece temer meu filho, que lhe mostra má cara, quando a vê. Elle ás vezes parece aluado! Diz que a sr.^a D. Ermelinda é fidalga feita á pressal!.. E não sei onde elle foi buscar aquillo. A sr.^a D. Ermelinda é fidalga nos quatro costados. Quando falla nas suas amigas, é baroneza d'aquí, marquiza d'acolá!.. V.

s.^a ha-de divertir-se muito em casa d'ella.

—Ah! não estou para divertimentos!..

—Pois faz mal. Deve espairer. As tristezas não servem para maldita coisa. Estão a bater na escada. Será talvez uma pessoa que lhe ha-de trazer vestido e chapéu de luto, que a sr.^a D. Ermelinda lhe manda. E dizer meu filho que é fidalga feita á pressal!

Era na verdade, vestido, mantelete e chapéu de luto. Tudo simples, mas bom.

Perto da noite, foi Ermelinda buscar a sua joven parenta. Costumára ir a casa de Carolina a pé; mas n'aquelle dia ia n'uma carruagem de aluguer. Não tinha trem; mas havia de tel-o, dizia ella, muito breve. Não tinha ainda tido tempo de cuidar d'isso.

A filha de Ricardo d'Oliveira despediu-se de Carolina, chorando. Seguia com repugnancia a viuva de seu tio. Carolina ficou tambem com as lagrimas nos olhos e murmurou consigo mesmo:

—Ella estará muito melhor na casa d'aquelle boa fidalga, e eu poderei andar na minha vida sem estar com o coração caçado. Eram flatos d'aquí, choros d'acolá!.. E esta rapaziada a rondar-me a porta!.. A mulher do funileiro disse-me que ainda esta manhã subiu cá a *riba* um taful, que vinha muitas vezes com meu filho até á porta!.. Nada!.. Isto assim não tinha geito. A minha casa nunca foi casa de namoros. Mas não sei o que me está dizendo cá dentro, que fiz mal!.. Queria ser bem rica, para a ter em casa e poder estar com ella para guardal-a.

(Continúa.)

A INFANCIA

Ao meu amigo Antonio Peixoto Pinto Obéd

Esse tempo vóu tão ligeiro
Qual do vento o ligeiro soprar!

A. A. MOREIRA DE SA.

Não sentes, amigo, no peito a saudade
Da quadra donosa, levada a brincar?

Não sentes desejos, anhelos ferventes
De a vida passada fruir, desfructar?

Não sentes nos olhos o pranto sincero;
 Não sentes que o scio mal póde gemer;
 Não sentes, amigo, que a alma te escapa
 Se às vezes da infancia te lembra o praser?

Ai, tempo ditoso! lá vaes, lá findaste;
 Deixaste—em meu peito sómente a paixão;
 Outr'ora, que a vida tão lèda passava,

Gozava!—mas hoje
 Vou lendo na sorte fatal condição!

Não sentes, amigo, no peito a saudade
 Da quadra donosa, levada a brincar?
 Não sentes desejos, anhelos ferventes
 De a vida passada fruir, desfructar?

Março—1863.

J. C. DINIZ JUNIOR.

SEMPER DOLOR

Hai! pura virgindade tão breve maculada!
 Hai! sonhos meus fagueiros d'a vida 'na manhã!
 Porque findaes tão cedo?.. Que mal vos fez a alma
 Com vós folgando ha pouco tão fresca, tão louçã?

Porque?.. Não vês que o orvalho ao meio dia inxuga
 Seu pranto argentado d'o calice d'a flor!
 Não vês a violeta, ao vento frio exposta,
 D'a noite, no cair mudar e perder a còr?

Não vês a agua pura tão limpida brotando
 Correndo immundo lôdo perder o seu crystal?
 Não vês a nuvem negra 'num ceu todo pureza
 Correr, voar, levando comsigo o vendaval?

Assim é feito o mundo. E lei suprema, infausta,
 Que a senda ora trilhada se-torne cedo agreste,
 Lembrando ao viajheiro a dor ja olvidada:
 A rosa dura um dia, um seculo o cypreste.

G. B. A.

EXPEDIENTE

A redacção d'este jornal extremamente pe-
 nhorada pelo obsequioso acolhimento, que elle
 recebêra do publico, vai dar aos snrs. assignan-
 tes uma prova do seu reconhecimento e grati-
 dão, augmentando-o de tres em tres mezes com
 figurinos, correspondentes ás quatro estações, e
 um artigo sobre modas. Como esta publicação é
 dedicada ás damas muito lhes ha-de interessar a
 nossa innovação. Nos figurinos encontrarão as
 leitoras estampada a moderna feição da moda, e
 ainda que distantes da França, apresentarão no
 nosso jardim de S. Lazaro, á mesma hora, uma
 elegante *toilette* egual áquella com que a mais
coquette parisiense se estará pavoneando, nas
 Tulherias, á sombra da frondosa còma d'um cas-
 tanheiro secular. A moda é o colorido da forma.
 Uma senhora elegante, dotada d'um ar aristocrata-

tico e que saiba envergar artisticamente uma
toilette, é sem duvida alguma, aclamada pela
élite dos salões a rainha da festa. Vão-nos vos-
 sas excellencias dominando com a sua elegante
toilette e deixem dizer Voltaire, impio em tudo,
 que a moda;

...*est une deesse inconstante, incommode,
 Bizarre dans ses gouts, folle en ses ornements,
 Qui parait, fuit, revient, et naît en tous les temps;*

E' uma heresia proferida contra a moda, e
 perdoavel até certo ponto por sair da bocca d'um
 homem. Esta verrina lançada á moda é aos nos-
 sos olhos contra-producente, porque o juiz falla-
 va sem conhecimento de causa.

APONTAMENTOS DE VIAGEM

LISBOA

Quem entra em Lisboa pela primeira vez sente que está proximo das campinas aridas e desertas do Além-Tejo. Lisboa parece-se um pouco com aquella cidade dos *Contos das mil e uma noites*, cujos habitantes tinham sido petrificados por não sei que diabolicos encantamentos.

Lisboa é a capital d'uma nação que descobriu a India e que morreu na Africa. A par d'uma certa grandeza que illude ha alli um não sei que de frio e de soturno que gela o coração. Ormuz e Alcacer-Quivir produziram a Lisboa dos nossos dias.

Esta dupla feição póde notar-se alli em todas as cousas. Lisboa é a bella e gloriosa amante de D. Manoel, tentando esconder na purpura real do *afortunado* as faces polluidas pelos beijos impudicos e adulterinos dos tres Filippes. Lisboa porém, na manhã do 1.º de dezembro de 1640, não se ergueu do leito dos nossos Neros completamente regenerada. A bacchanal dos sessenta annos tinha-lhe derrancado os melhores instinctos; a corrupção entrára-lhe demasiadamente fundo pela alma.

A sciencia está recommendando a fusão das raças como remedio contra a decadencia da especie. Lisboa é a descendente infesada d'uma familia aristocratica. Precisa de contrahir aliança com algum *filho do povo* para vivificar o sangue gasto que lhe circula nas veias. A maior parte dos nossos homens notaveis d'este seculo não nasceram em Lisboa.

Lisboa é uma terra morta para o entusiasmo: esse fructo sagrado que foi o nosso alimento durante tres seculos de grandesa verdadeiramente romana. Lisboa não póde levar a cabo o monumento a Camões e escarnece o *Palacio de Cristal* do Porto, a estrophe mais arrojada que este bardo antigo do Douro tem modernamente dedilhado na sua lyra prophetica. Ha-de desillu-

dir-se, a tremula amante do Tejo, quando vir que as tentativas temerarias tem quasi sempre bom exito. Além de que a nossa historia moderna protesta bem alto contra o sentimento de baixa emolucção que Lisboa nutre pelo Porto. O Porto tem todo o direito ao respeito *filiaes* de Lisboa, principalmente a datar dos começos d'este seculo. Ha quarenta annos que as praias do Mindello occupam mais logar na historia do que as margens do Tejo. Acresce que o Porto respeita, ou antes, não desconsidera a capital. E que o Porto, absorto na faina do seu proprio engrandecimento á custa d'um trabalho constante, não tem tempo para occupar o espirito com invejas mesquinhas e já hoje ridiculas, em quanto que Lisboa, bocejando pelas secretarias, adormecendo sobre as mezas dos cafés e besteficando-se pelas galerias das camaras, precisa de se entreter com alguma cousa, e, como ociosa, entrem-se portanto, a dizer mal de todos e d'aquelles mesmo de quem o não deve dizer.

A civilisação de Lisboa é mais apparente do que real. Ha alli um pronunciadissimo desamor ao trabalho, cousa que póde talvez em parte deitar-se á conta de influencias climatericas, mas cuja outra parte nasce das condições politicas da capital, se assim se póde dizer. A mocidade d'uma nação ou d'uma cidade é como o espelho onde se reflectem todas as aspirações, todo o entusiasmo, toda a illustração e tambem todos os vicios d'essa nação ou d'essacidade. A mocidade de Lisboa salva honrosas excepções, ou é apenas ociosa ou então é ociosa e parasita. Os filhos de Lisboa preferem o mocho d'uma secretaria ao banco d'uma aula e uma pauta de alfandegas a uma dissertação scientifica. O curso superior de lettras mo rreu á falta de ouvintes, e os alumnos das aulas superiores são pela maior parte provincianos.

Lisboa porém começa a envergonhar-se da propria somnolencia, e depois d'uma sessão de camaras; em que se falla da *Maria Rita do Olho Vivo* e d'outras questões de igual alcance, vai para o *gremio* ouvir uma prelecção sobre litteratura contemporanea, esquecendo-se alli de acompanhar á ultima morada o cadaver de Sebastião José Ribeiro de Sá.

O' manes venerandos de Shakspeare e Cervantes, mordei-vos de raiva, que são eternos os vossos Falstaffs e Sanchos-Panças!

ASHAVERUS.

A OPERA ERUICO

(Continuado de pag. 82)

II

Vou agora fallar mais defidamente do poeta. Pedro Augusto de Lima é muito novo ainda. Tem apenas vinte e tres annos. E' um talento, que ressalta da pleiade dos poetas contemporaneos, engrinaldado com as flôres de vinte e tres primaveras. Ha n'aquellê todo de Pedro de Lima um não sei que de genio! E' o typo melancolico do scismador... Parece que nunca aquella alma se vê ferida de paixões!... O seu talento deixa-se arrastar por uma melancolia indizível!.. Revela-se nas suas poesias uma vaga tristeza, como nas de Lamartine. N'aquella melancolia que é peculiar á sua alma faz-me lembrar Alvares de Azevedo. O poeta americano era assim um genio triste como o de Pedro de Lima. Elle escreve e lê muito. Como a nova familia dos poetas seus conterraneos segue a escola de Victor Hugo. E' a escola d'hoje. Victor Hugo appareceu e com elle uma nova ideia e forma de poetar. Victor Hugo marca uma data notavel na historia da litteratura. E' elle o braço de ferro, que faz com que o progresso litterario, atinja ao seu apogeu. O mundo velho transformára-se, e apparecera o mundo novo. As perdas da idade media, os estragos motivados pela invasão das hordas salvagens do norte, foram remediados

pelo espirito illustrado de Carlos Magno. Os litteratos eram então os monges, que no fundo das clausuras monasticas, estavam secudindo do pó das ruinas das bibliothecas os preciosos thesouros litterarios, que legaram. Ha oito seculos, que o papyro dos Egypciãos fôra substuido, entre nós, pelo papel. As mythologias, que a Grecia diffundia, desabaram do seu pedestal de barro ao sôpro purificador da nova theologia. As gerações, que vieram viram-se na necessidade de crear e reformar. O Polytheismo cae deraibado no pó para se erguer a estatua gigante do Christianismo. Surgem, então, as crencas novas purificadas do Jordão d'uma nova religião! Os sabios de Constantinopla trazem á Italia os antigos thesouros, que poderam salvar. E é, na Italia, que no decimo quarto seculo apparecem os grandiosos vultos litterarios de Petrarca e Dante. Um echo do tumultuoso fermentar da civilisação se repercutira na Allemanha. O progresso do seculo XV tivera por hymno triumphal o gemer dos prêlos de João Guttemberg. As pontas de canna aguçadas e os estylos com que os antigos escreviam, foram substituidos pelos typos ou caracteres moveis. Os *Acta Diurna* dos Romanos appareceram mais tarde, em Veneza, transformados em jornaes politicos. E pouco depois apparece na Inglaterra o primeiro jornal, que o braço forte de Burleigh fizera publicar. Surgiram então os grandes genios e as grandes obras. Bernardim Ribeiro e a poesia bucolica, Camões e os *Luziadas*, Jeronymo Côrte Real e o *Naufragio de Sepulveda*, Gabriel Pereira de Castro e a *Ulyssea*.

Depois do immenso turbilhão de empoladas odes, epistolas e sonetos de Garção, Dizia e Francisco Manoel surge Victor Hugo com as suas poesias, offerecendo-nos niagaras de belleza. Permitta-se-nos a imagem. A poesia do seculo era o carvão em crystal, na mina. Victor Hugo, o incansavel mineiro do bello, soube explorar o veio, e depois de polido o carvão deu-nos o diamante...

Funda-se uma nova escola de poetas, de que Victor Hugo é pae e a Europa prostrada para ouvir as harmonias do mestre... A nova escola supplantará a antiga escola de trovadores na

clareza e regularidade de linguagem e no conhecimento perfeito da arte. A nova escola no imaginativo, na sua linguagem pomposa e no estylo verdadeiramente seu excede a italiana, que se valia mais da rasão que da imaginação, que adoptára uma linguagem que descaia a miude no trivial e um estylo imitado dos gregos e romanos. Vence na naturalidade a estudada agudeza de pensamentos e o estylo guindado da escola hespanhola, que durou seculo e meio. Escurece a arcadica ou filintista que se muito luzia pela erudição, è-lhe sómenos na sua estudada philosophia, que continuo descaia em affectação. A escola d'hoje é superior á elmanista ou franceza, que ao lado do bem d'um estylo claro e d'uma boa metrificação tinha o mal da sua pouca imaginação e ainda menos invenção. A poesia d'hoje tem por fim deleitar e instruir. O operario nos serãos do inverno, em Portugal, lê á mulher e aos filhinhos a *Primavera* do Castilho, como o artista francez as *Orientaes* de Victor Hugo. E a pobre familia sente, que a leitura d'aquelles versos lhe vai pouco a pouco alargando o horisonte da felicidade domestica e rompendo as sombras da ignorancia. E a pobre familia sente que a leitura d'aquelles versos lhe vai desentorpecendo mais a alma, do que a chamma tenue do braseiro lhe desenregela os membros do corpo...

Estas são as ideias de Pedro de Lima (1) por elle está filiado na escola do exilado de Jersey. O povo d'hoje tem na mão direita uma biblia e na esquerda um livro de Lamartine ou Victor Hugo. Pedro de Lima pensa assim e o seu talento dá um incentivo ao povo quando diz:

En avant, en avant! romeiros do progresso!

Não está longe a Meca: os idolos de gesso

Derribai-os no chão.

Erguei em seu logar a estatua do futuro,

Que tenha os pés de bronze, o craneo d'ouro puro,

E um orbe na mão!..

Vamos, não hesiteis: é esta a vossa estrada!

Espera-vos além ao toque da alvorada,

A luz d'um novo sol!

Vamos, fitae sem medo os magicos fulgores!

—Olhai, é tudo luz, tudo sons, tudo flôres!

Tudo immenso arrebol!...

En avant! Esta sacramental expressão com que o sabio francez, propheta do progresso, fecha o seu—*Le monde marche*, serve de prologo ás sublimes estrophes do Pelletan portugueza. E' que na alma de Pedro de Lima echoaram as palavras do grande progressista, porque ellas tendem a animar o povo e a infiltrar-lhe n'alma a esperança de que em breve despontará o dia da sua primavera. Victor Hugo, o mestre da escola d'hoje, tem a paga das suas fadigas nas sublimes creações de seus discipulos. Se elle hoje nos está dizendo:

Ce siecle est grand et fort un no ble instinct le mene.

nós estamos-lhe respondendo: São nobres os instinctos d'este seculo, porque appareceu uma nova poesia e appareceu uma nova poesia, porque appareceu Victor Hugo. A escola Victor-Hugana é perfeita. Ella é rica d'originalidade, porque nada pedira ás escolas anteriores. A poesia d'hoje tem por pae o ideal... A poesia d'hoje expurga de si os gongorismos e as mythologias, como o cysne, ao serrir da manhã, sacode das azas o lodo do álveo. Os gongorismos desceram á terra involtos na mortalha de Violante do Ceu e Jeronymo Bahia... As mythologies ficaram sepultadas nas ruinas d'Arcadia... Como vai estirada a dissertação! Demos de mão a estas longas periphrases e limitemo-nos no circo do assumpto.

Ia-lhes dizendo, já muito longe d'aqui, que as poesias de Pedro de Lima reflectiam a melancolia da sua alma. E é isto verdade. Comtudo não devem pensar, que elle descrera aos vinte e tres annos. Não. Elle ama e cré. Viu ha muito tempo uma mulher e amou-a. Hoje personifica essa mulher n'aquellas imagens vapo-

(1) Vede—OS DESTINOS DA POESIA CONTEMPORANEA, nos n.º 2 e 4 d'este jornal.

rosas, que a mente do poeta idealisa e fórma. Leiam esses versos em que elle vasára o fogo da sua alma:

Não dormes em meu seio, ó nome sublime!
Nunca te esquecerá o ardor dos labios meus;
Ahí cada impressão te encontra, ahí te imprime,
E o cantico d'est'a alma és tu sempre meu Deus!

—
Que diz o brando zephiro
A'rosa, que o perfuma?
Que diz á branca espuma
O arroio, a suspirar?
Que diz ás franças tremulas,
Erguidas como uns braços,
O vento dos espaços?..
—*Amar, gemer, rezar!*..

Esses versos não revelam saudade e amor?! Não estão dizendo essas estrophes reminiscencias d'um amor passado!?. Dizem. Mas nas horas tormentosas em que a alma se contorce na vaga da revolução moral, n'essas agitações momentosas do espirito, escrevera elle assim:

A cruz, a cruz, phantasma erguido na poeira!
Orna-te a fronte o espinho e calcas a caveira;
Assemelhas-te a mim!
Larva, vives na sombra a rir da humanidade,
Que lucta, lucta e cai na tua obscuridade.
—Ris-te de tudo assim?..

—
E Deus é tudo e nada: é o orbe e o grã d'areia;
O atomo de sombra ou a luz da manhã.
Para explicar o mundo apenas uma idéa.
—Grande palavra vã!

Mas com tudo Pedro de Lima é bom e crê.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

O BANHO

—
Junto a frondosos olmeiros,
Entre o verde salgueiral,—
Correm limpidas e puras
Frescas aguas de cristal.
Vai calma a sesta do estio;
Callado, e em socego é tudo,
Só se escuta o trilo agudo
Da cigarra festival.

Junto á cabana descança
Da fadiga, o lavrador;
E cercado das ovelhas
A'sombra dorme o pastor.
O rafeiro vigilante
Aspira anciado uma aragem,
E na sombra entre a folhagem
Repousa alado cantor.

Ninguem affronta as ardencias
Que a terra do sol nos vem;
Tudo descança, que a sesta
A todos cançados tem.
O pastor entre o seu gado,
O rafeiro sobre a relva,
A avesinha, além, na selva,
Não lhe resiste ninguem.

Ninguem, não: surgindo, qual deusa dos prados,
Um anjo, nas formas, da selva assomou;
Cançada, arquejante, de seios anciados,
A'limpa corrente chegou-se, e parou.

Das vestes mimosas seu corpo despindo,
Seus hombros a brisa vem prompta beijar;
Seu corpo se mostra, mais niveo, mais lindo
Que estatua de Venus... e o seio a arquejar!

Na tona do lago seu todo se espelha,
Mostrando-lhe as formas de tanto primor

Ao vel-as a bella se torna vermelha...
Mirou-as...surriu-se... faz tanto calor!

As tranças do locro cabello desprende,
Que vem nos seus hombros cair-lhe em desdem,
Dos hombros ao colo, do colo... defende
De vistas pefanas bellezas que tem.

Surriu-se: e o branco pesinho
Mui de leve
Mete n'agua, que retrata
Na veia pura, de prata,
Uma perna côr de neve.

Hesita... tenta de novo;—
Mais se atreve...
A perna entrou na corrente...
Logo a veia transparente
Mostra outra parte de neve.

Sente a bella uma frescura,
E mui breve
Pára, vendo a sua imagem,
Depois n'agua, com coragem
Mete o corpo côr de neve.

Na tona d'agua limpida fluctua
A trança do cabello,
E vê-se atravez d'elle, á bella nua,
O'corpo branco e bello.

E quanto se não vê, presente-o a idéa...
Deseja-se... embriaga...
Ai! quem me dera ser a pura veia
Que esse todo lhe affaga!..

De novo se eleva, sacode essa trança
Que perlas formosas arroja de si,
Ergueu-se das aguas... já fôra, descança...
Já nada se occulta... caminha e surri...

Na margem n'um leito de relva macia
A'sombra do olmeiro seu corpotombou...

Nas faces tem lume... vai calmo este dia!
E o seio da bella mais forte pulsou.

Dos languidos olhos traduz-se um dezejo...
Olhou... viu-se bella... que immenso vulcão!
Tem calma no peito... tem ancia d'um beijo...
Aperta uma sombra... fallece... illusão...

A. CORREA.

AOS ANOS DE MEU ADORADO PAE

Como a aurora vem formosa,
Com seus dedos côr de rosa
Desbrochar o manto ao dia
De luz banhar as campinas,
Esmaltadas de boninas;
Vem dar a tudo alegria

Já o sol apresurado,
Vem no seu carro doirado
Animar a natureza!
Faz abrir a linda rosa
Que a mira orgulhosa
Da sua rara belleza!...

Hoje o sol é maisbrilhante,
O prado mais verdejante;
Tudo tem nova alegria!
Secaram sustidos prantos,
Hoje só se entôam cantos,
P'ra festejar este dia.

Eu fui colher brancas rosas,
E outras flôrinhas mimosas
Que te queria offertar;
Eis que vejo junto a mim,
Um formoso cherobim,
Em lyra d'oiro tocar!

—Quem é o mortal ditoso,
 —A quem tu anjo formoso
 —Dedicas tão meigo hymno?—
 Respondeu com vós mui bella:
 «Não sabes, pobre donzella,
 «Que faz seus annos Julino?»

«Eu canto hymnos formosos,
 «Mais além cantores plumosos,
 «Não ouves meigos trinar?
 «Ouves as aguas do rio
 «No seu brando mormurio
 «Ternas canções entoar?»

«Vez alli o verde prado,
 «De roxas flôres enfeitado?
 «Tudo tem graça e belleza!
 «Tudo respira alegria;
 «Neste afortunado dia
 «Sorri toda a natureza».

Em quanto o anjo fallava,
 Meu coração exultava
 De prazer e d'alegria;
 Por vêr que os anjos do ceu,
 Festejam os annos teus
 N'este tão ditoso dia.

Veiga, 5 de março de 1865.

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

MARIA ISABEL

POR

MARIA PEREGRINA DE SOUSA

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
 Senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado de pag. 87)

XIII

EXCESSO DE GENEROSIDADE

A casa em que a filha de Ricardo d'Oliveira foi recolhida, era em Villar; mas ella, pouco conhecida d'aquelle arrabalde, não soube em que parte da cidade estava. A casa era pequena, mas muito afeiada, e o quarto da orfã, estava rica e lindamente trastejado.

A pessoa que foi creada com luxo, e que uma desgraça fez perder todos os gosos e commodidades da vida, não pôde ser indifferente á satisfação de tornar a possuir tudo isso, que por algum tempo perdêra. Ainda que Maria Isabel tivesse o coração n'outra parte e a alma despedaçada pela dôr, não pôde deixar de sentir os beneficios do bem material. Ao recolher-se no lindo quarto que lhe era destinado disse consigo:

—Sou muito ingrata! Porque não amarei esta generosa e boa senhora?

Assentou-se n'uma cadeira de molas com estofa coberto de setim azul, pousou os pés n'uma almofada de velludo com rosas em relevo, d'essas que se mandam cortar a Inglaterra, e correu vistas melancolias e distrahidas sobre a alcatifa que cobria o soalho, e ergueu-as até as fitar n'um espelho, d'uma pureza, brilho e clareza deslumbrante. Ardiam sobre um bofete as vellas d'uma rica serpentina e a froixa luz de lamparina em vaso d'alabastro. A magnificencia

que rodeava a donzella devia tornar-se-lhe suspeita. Não succedeu assim. Primeiro tocou-lhe o coração e fel'a sentir gratidão por aquellaparenta tão boa, e ao mesmo tempo receio de se lhe tornar pesada e incommoda; depois foi saudades por sua mãe, melancolica recordação de seu pae, e quasi horror ao luxo que a rodeava. Ergueu-se para ir pedir á creada um logar no quarto d'ella; mas tornou-se a deixar cahir na cadeira.

—A'manhã, disse ella; hoje não poderia soffrer o contacto e discursos d'essa mulher. E' tão bom estar só!.. E' tão bom chorar em liberdade, quando se perdeu o que eu perdi!..

E ella vertia um diluvió de lagrimas encostada ao braço da poltrona. Estava tão bella assim por detraz d'ella havia uma porta coberta, como a da entrada, com um rico reposteiro. Maria Isabel, logo que entrára, tivera o cuidado de fechal-as ambas por dentro, despedindo em antes a creada. As portas tinham ambas uma bandeira por remate, com a figura e côres de duas rosas; os reposteiros não encobriam estas bandeiras, cahiam d'ella, para baixo. Nas bandeiras das portas appareceram, quasi ao mesmo tempo, duas caras. Na da retaguarda a cara d'um homem, e na do outro lado, a da creada da casa, que olhou mais para o outro rosto do que para o interior do quarto, e que, satisfeita a primeira curiosidade, se eclipsou. O rosto masculino ficou no seu posto, e, ora se chegava a um dos vidros verdes, ora aos vermelhos, e de vez em quando uma mão ligeira corria um lenço alvissimo pelo vidro embaciado, pela respiração. Os olhos d'esse rosto não podiam vêr Maria Isabel, mas viam o espelho em que ella estava retratada, pouco distinctamente, á primeira vista. Via-se o vulto gracioso da menina coberto como vestido negro que a fazia destacar do fundo claro do quarto, e que realçava a alvura de suas mãos, rosto, e collo meio descoberto, por ter tirado o mantelette, que a affrontava. Mas depois d'alguma attenção distinguia-se no pallidissimo espelho os cabellos claros, as sobrancellas arqueadas, a bocca pequenina, e os olhos grandes, quando oselevava para cima, como em busca do espirito de sua mãe.

E' revoltante dizer uma coisa. A cara masculina não se tirou do ponto de observação senão quando o quarto ficou n'uma meia obscuridade com a unica luz da lamparina, e quando o cortinado do leito, de seda azul celeste, rangeu e ondolou, com o movimento que lhe deu Maria Isabel ao deitar-se.

O cavalheiro, dono da cara curiosa e impudente, desceu da pequena escada em que se fi-

nha aguentando por mais d'uma hora. Deitou succinctamente a mão á porta. Achou-a fechada, e voltou-se para Ermelinda, que assentada n'uma cadeira, cabeceava com somno.

—Esta porta porque está fechada? disse elle rapido, e em voz baixa.

—Foi ella que fechou, respondeu Ermelinda, bocejando. A modo que não quer que lá entrem sem licença.

—Nem eu queria entrar. Não sejas maliciosa. Esta menina não é da tua laia. E' preciso tratá-la com todos os melindres, e deixal-a consolar-se das suas desgraças, antes de procurar ensinar-me no seu coração.

—Eu tambem fui rapariga! disse ella suspirando, bonita e virtuosa como a minha parenta.

Não tive a dita de conhecerte assim. E não manches este anjo com o nome de parenta, na minha presença.

—Sim?!

Amaral pegou no chapéu e enterrou-o na cabeça, com um movimento de má catadura.

—Então como hei-de chamar-lhe?

—Trata-a o melhor possível, consola-a, faz-lhe todas as vontades, menos a de ausentarse. Receberás a paga dos teus serviços.

Amaral sahio e Ermelinda seguio até á escada, dizendo-lhe:

—Disseste-me uma vez que te avisasse, se te visse em risco de te namorares de véras. Creio que, Deus me perdõe, chegou esse risco.

—Tem com a sr.^a D. Maria Isabel todos os cuidados e respeitos. Até amanhã.

E sahio. O trote d'um cavallo, ouviu-se logo; e um creado, ainda muito rapaz, fechou a porta da rua, e foi saltando para o seu quarto, dizendo, a olhar para uma moeda de prata que tinha nas mãos: Estas pitadas tiram mais o somno do que o simonte do hortelão.

Maria Isabel ouviu algum ruido, mas não fez caso d'isso. Chorou longo tempo e adormeceu sem o minimo receio nem suspeita má da casa em que se viera metter. Dormiu o somno descuidado da innocencia

RESENTIMENTO...

Á MINHA AMIGA A EXM.^a SNR.^a D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA

Continua a minha amiga cultivando o espirito, ora lendo, ora escrevendo e dando-nos o prazer de vermos algumas das suas lindas producções publicadas.

Bem haja minha amiga que engrandece assim o seu sexo servindo-lhe d'incentivo para imital-a. Anime-nos minha amiga, diga-nos que escrevamos, pois não falta quem nos censure e nos mande concertar as meias!... Será receio que o nosso sexo venha um dia a offuscar a sua gloria? Se assim é, não devemos descorsôar por que nos dá isso a certeza de termos as mesmas faculdades e de podermos raciocinar como elles, deixar expandir o nosso pensamento e compôr tambem um romance, tirar sons da lyra e quem sabe?... Compôr até um poema! Mas não; nós não devemos fallar em semelhantes cousas que nos não é permitido! O sol nasce só para elles; as lagrimas que a aurora derrama sobre as flôr-nhas e a relva são elles só que as querem vêr e espargir, erguendo-se a maior parte das vezes quando o astro do dia vai já em meio do seu giro! e nós que nos levantamos aoraiair d'aurora, não nos é concedido contemplar esse bello quadro e desrevel-o inspiradas pela mão occulta do Creador que se revela com tanta magestade em meio da natureza!

O parnazo é pouco para os nossos poetas, as muzas são-lhes todas precisas; não nos cedem a nós, nem sequer a mais debilitada!

Que sejam mais indulgentes connosco, que nos deixem lêr e escrever, que nos sobra ainda tempo para fiar.

Não ha ninguem que não tenha as suas horas d'ocio e essas podemos empregal-as como nós approuver. Que lucram elles com a estupidez da mulher? Não lhes será mais agradável conversar com ella sendo instruida? Não educará melhor os seus filhos fazendo com que elles se desenvolvam mais depressa, corrigindo-os, já na leitura, já na conversação e ensinando-lhes as lições antes d'irem para as aulas?

Longe de nós a ideia de querermos competir com os homens litteratos; não são essas as nossas aspirações que não temos estudos nem talento para isso; nós somos as que lêmos com prazer os seus escriptos, somos as suas admiradoras e humildes discipulas, o que nós não podemos, nem queremos aprender, é o seu orgulho!

De v. exc.^a

amiga muito affectuosa,

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

A RESTAURAÇÃO

Eu não devia responder sem saber a quem. Todavia sei perfeitamente que os outros não po-

dem adivinhar a idéa, que tenho quando escrevo e por isso vou illucidal-os sobre a expressão, que tão escura acharam. Dir-lhe-hei, que n'esta expressão—um atomo de sombra—ha uma comparação, ainda que arrojada, admissivel segundo penso. Chama-se sombra, em physica, a porção d'espaco onde um corpo qualquer impede, que a luz chegue. Como a campã de minha irmã é muito pequena, cobre-a tão pequena porção de sombra, que lhe dá uma arvore secular, que esta sombra se poderá comparar a um atomo. Um atomo, como sabem, dizem os physicos ser uma porção de materia extremamente pequena. A hyperbole está incluída na comparação. Para que são as figuras, senão para usarmos d'ellas? Comtudo sei que, physicamente, realmente, aquella pequena porção de sombra está longe de ser um atomo, reunião de partes tão pequenas, como disse, que nunca ninguem deslocando um corpo em fragmentos, pôde apartar os atomos constituintes. Se me tiverem a inda a fazer alguma admoestação, agradeço. Até morrer aprender, diz o adagio.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

A redacção d'este jornal pede aos seus dignissimos assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietario do jornal Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Thereza, n.º 63—Porto, a quem deve ser dirigida toda e qualquer correspondencia.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSE PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, lettras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º
Praça de Santa Theresa, n.º 63.

O PALACIO DE CRYSTAL

Escaceiam os monumentos que em Portugal restam do feudalismo. Signal evidente de que este povo estima tanto a dominação cazeira, como a villissima escravidão, imposta por extranhos.

Lancemos a vista para fóra de nós. Auzenta-se do avoengo solar um obscuro filho d'esta provincia da Europa, e peregrinando pelo retalho mais civilisado do mundo, entra, por exemplo, na Allemanha. Chega ás hordas d'um ameno rio, e as bellezas, que, d'uma e outra parte o namoram, o estão convidando a mais extenso passeio. Como se chama o rio?.. E' o Rheno. A fama de tal nome cada vez mais seduz, cada vez mais attráe, cada vez mais prende irresistivelmente. Não longe uma column de fumo vai fazendo estrada para o ceu. Aproxima-se... é um vapôr, que fumea. Quem pôde agora soffrear o desejo!.. Partir.

Quem se arrepende da jornada, que encetou? Ninguém. As bellezas succedem-se ás bellezas, e cada quadro varia d'aspecto, sem todavia diminuir d'interesse.

Ides tão embebido na vossa contemplação, que nem dais fé de quem vos interrompe. E' preciso que vos batam outra vez sobre o hombro. Que desejaes? volveis outra vez zangado.—Não quereis ouvir uma aventura, passada dentro d'aquelles muros, que outr'ora eram mais negros, e a quem o pincel dos caiadores ignorantes roubou a poesia das eras?—Se querol... E principiaes a ouvir a discripção maravilhosa d'um torneio, a narração, suscitada pelo rapto d'uma donzella, a historia d'um mancebo, assassinado com o punhal do ciume; contos, que vós julgareis tão ideiaes, tão vaporosos, como as nuvens que pousam no cimo das torres alvacentas do castello. Depois principiaes a reflectir mais um pouco, e a distinguir cada vez maior numero de castellos, destacando-se dos vinhedos e dos bosques. E novas historias se vos apresentam então diante da imaginação, repassadas do mesmo sentimento, tintas do mesmo colorido. Scismaes, e a no-

vidade de cousas e d'ideias vos obriga a fazer uma pergunta. Que ordem de seres habitou n'aquelles palacios acastellados?..

Respondem-vos... Os fidalgos, os senhores feudaes, os dominadores... os tyrannos do povo, aquelles, que sómente reconheciam em si a facultade de obrarem a seu modo, e concediam aos subditos, por muito, favor o direito de serem seus escravos.

Em Portugal não succede assim. Entra um forasteiro, a pannos largos, pela barra de Lisboa, e antes de contemplar a floresta de navios que o Tejo abriga, e os sete montes, onde se reelina a cidade, com a mesma voluptuosidade que uma Sultana nos coxins dourados do seu quarto de sésta, uma torre lhe sae ao encontro, e entre o arrendado das suas ameias, lhe amostra a boca dourada de seus canhões. Chama-se Belem aquella torre. Quantas vezes saudou o pavilhão portuguez, que voltava ufano, depois de ter humilhado Calecut, descoberto o Brazil, vencido Malaca, e destruido Ormuz?.. Mais além a frontaria immensa d'um livro de pedra. O primeiro tributo da civilisação moderna, atirado pelo afortunado rei aos pés de Deus!

Rompa o visitador o caminho mais pelo centro d'este pequeno reino. Coimbra, vale! Os teus pés banham-se tambem nas remançosas aguas d'um rio. Ail que melancholia suave inspira o murmurio dos choupos, que sussurram, ao mesmo tempo, que a brisa encrespa a tua face, ó Mondego!

São estes os teus castellos, e entre elles alvejando de vez em quando uma capella com o seu pequeno campanario, e, no centro do teu leito, alguns penedos a regorgitarem a musica de tuas aguas. Adeus, ó rio da poesia—é forçoso auzentar-me—reparte um pouco da saudade, que te envio, com a gota minguada, que, descendo da quinta das Lagrimas se vae perder no teu seio.

Ouve-se finalmente o despenhar surdo das aguas do Douro, que rue apertado no seu começo, pelos penedos, que tentam obstruir-lhe o

passo. Mas depois espraia-se defronte d'uma cidade, arrogante por lhe ouvir o hymno da gloria, junctando-se á voz do trabalho.

Não vêdes procurar no fundo do alveo o ouro das suas arêas. Tendes ouro de mais fino toque que sobrenada.

Que vêdes?.. Ainda as mesmas montanhas d'um e d'outro lado, mais arrogantes, mais proximas do ceu; umas escavadas, outras, cheias de verdura; estas, representando o poder luxuriante da natureza, n'aquellas gravada a face da liberdade, armada a tenda pezada d'uma cidade livre.

Uma cidade livre!.. talvez vos engane o primeiro aspecto. Entrai dentro de seus muros, e observai o que lá virdes.

Inda existe, é verdade, uma columna fragil do tempo da preponderancia feudal, que o grito das revoluções não fez cahir, para um dia insultar.

Mas o Porto é muito livre, para vêr com bons olhos, dentro das suas muralhas, um monumento das épocas do despotismo, e da retrogradação moral. E' por isso que teve a lembrança de erigir, diante d'elle, outro monumento mais

forte, que o suplantasse, mais brilhante, que o obscurecesse, mais pezado, que o anniquillasse. Sublime grupo, que só a intelligencia dos filhos da cidade da Virgem podia comprehender! Na sombra, vê-se desenhado, com as tintas melancolicas do passado, o epithaphio sem nome das gerações irresolutas, ao passo que ao clarão do sol, se descobre, no portico, que leva ao templo das artes e do amôr do trabalho, a inscripção augusta que convida, sem discriminar gerarchias, todas as pessoas a irem tomar parte no banquete da intelligencia e do progresso.

E' por este lado moral, que hoje louvamos a ideia de tal monumento, e ainda mais a sua execução, levada tão felizmente a cabo.

Ri-se alguém de lhe chamarem Palacio de Chrystal, sendo esta a materia, que menos entra na sua composição. Eu não quero tirar a rasão aos que se riem. Chamem-lhe o que quizerem. Eu só direi, por ultimo, que elle é filho do progresso, e nasceu em pleno seculo XIX.

Porto 30 d'abril de 1865.

PEREGRINO.

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Marin Adelaide Fernandes Prata

(Continuado da pag. 84)

«E' sta vida de saudade,

«De pranto e amargura,

Em breve s'extinguirá

Entre o pó da sepultura!..

Matizar de novo os prados,

Ah! talvez jámais verei

E das folhas ao pender,

No sepulchro cahirei!

O coração já não póde

Soffrer a triste saudade

E breve virão as horas

Solemnes da eternidade!..

E na minha pobre campa,

Nenhum mortal chorará,

Onde jaz uma infeliz,

Ao meu amor quem dirá!..

Contai-lhe vós ternas aves,
Zefiros, flôres dos prados
Bosques, rios e montanhas,
Os meus dias desgraçados!

Dizei-lhe que fementido,
Jámais foi meu coração
E que vim na soledade
Nutrir d'amor a paixão;

Que fiel ás juras minhas,
Recusei outra união
Que preferi á grandeza
Tristezas da solidão;

Mostrai-lhe depois a campa
Onde eu dormir somno eterno
Que uma lagrima ahi verta
Que exhale um suspiro terno!

Das amigas a mais terna,
Leonor, já não existe!
Minha fiel companheira
Que á solidão me seguiste;

E'ras tu só meu amparo,
Quem minha dôr mitigava,
Quem d'esta triste existencia,
Com desvelos mil cuidava:

Nos braços, teus pequenina,
Quantas vezes m'embalaste,
Na falta d'uma mãe terna,
Tu foste que me educaste.

Quando o fado a mão pesada
Sobre mim descarregou,
Dos dias teus a ventura
Para sempre envenenou!

Sósinha não me deixaste
Peló mundo divagar

E longe do lar paterno
Me vieste acompanhar.

Tão velozes como os ventos,
Dous ginetes cavalgamos,
Por fiel pagem guiadas,
Muitos dias caminhamos.

Sempre boa, generosa,
Por mim tudo abandonaste
Teu ouro, ricas alfaias,
Commigo aqui dissipaste.

Isolada, sem conforto,
Minha dôr não vencerei
E contigo ó doce amiga
Em breve me juntarei!..

Não leves azas dos ventos,
Ao meu bem por que não vão
Os derradeiros suspiros
Que partem do coração!..

Sabino! por que não vens
Mitigar a minha dôr,
Para que morra ditosa
Nos braços do meu amor!

Não mais o bardo espera e após instantes
A amante sua estreita ao coração;
Sem dar fé ao que vê, julga que sonha,
Ou crê ser um delirio da paixão.

Em silencio se olharam por momentos,
Nos olhos tendo d'alma as expressões
Que phrazes são inuteis quando amor
Em contacto colloca os corações!

Mas em breve do Bardo essa ventura
Em pranto se mudou e agonia,
D'Olinda a pallidez, signaes de morte
No rosto seu exausto elle só via!

(Continúa.)

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado da pag. 96.)

XIV

MIQUELINA

Acordou Maria Isabel quando o sol buscava a passagem através das fendas da janella, que tinha as cortinas apanhadas. Saltou logo do leito; envergou um roupão de bretanha e foi vêr á porta quem forcejava por abrir. Entrou a creada, rapariga alegre e maliciosa, que lhe disse:

—V. exc.^a para que se fecha por dentro? Não tenha medo de ladrões; a porta darua é muito segura. Teve o incommo de levantar-se para abrir! Vinha perguntar-lhe se queria almoçar na cama. E' melhor deitar-se, está a tomar-se de frio. Pouco passa das nove horas.

—Meu Deus!.. replicou a orfã, tão tarde!.. Faça favor de sahir para eu me vestir.

—Então ha-de vestir-se só? A senhora ralhára comigo. Devo ajudal-a a vestir: as fidalgas não costumam vestir-se sós.

—Faça favor de me deixar. Eu não sou fidalga.

—Olá se é!.. Assim o fosse eu.. A snr.^a D. Ermelinda, mesmo deitada, atira as pernas para fóra do leito, eu enfio-lhe as meias e aperto as ligas; depois...

—Vá então tratar d'isso.

—Não se levanta sem ser meio dia. Diz que todas as fidalgas fazem o mesmo: e ella que o diz, é porque o sabe. Já estive em Lisboa. Sabe tudo o que não serve para nada. Diz que n'isto é que se conhece a fidalguia. Mas como v. exc.^a não quer nada, vou dar ordem para o almoço...

—Miquelina, não me dê excellencia. Sou uma pobre orfã, que estou aqui por caridade.

A manhã hei-de levantar-me cedo, para lhe ajudar a fazer os arranjos da casa.

—Menos isso!.. A snr.^a D. Ermelinda disse-me que v. exc.^a era agora quem aqui dava ordens. E' senhora d'esta casa, não creada.

—A benignidade da snr.^a D. Ermelinda confunde-me!..

—Ah!.. a benidade d'ella é de deixar a gente de queixo cahido!.. Se v. exc.^a quizer alguma coisa, tenha a bondade de tocar a campainha. Deixei José ao lume, preciso d'ir ver o que elle tem feito.

A creada sahiu com um sorriso que lhe era particular.

Maria Isabel vestiu-se e fez a sua cama. Não estava satisfeita: o ar sarcástico de Miquelina não era proprio para lhe dar confiança.

A creada voltou com o almoço, e fez grandes exclamações ao ver o quarto arrumado; e finalisou dizendo:

—Se a sr.^a D. Ermelinda sabe isto, põe-me na rua; e me prohibirá de tornar a pôr os pés em sua casa, e mesmo em todo o Villar.

—Villar!.. Pois nós estamos em Villar!

—V. exc.^a não o sabia? E' aqui que a snr.^a D. Ermelinda se estabeleceu depois de poua aqui, poua acolá. Acha este nome muito bonito para um titulo, e como já ha baronesa de Villar, quer ser condessa. Que isto de condessa nem por isso me agrada a mim. V. exc.^a gosta? Faz-me lembrar a condeça em que eu metto a roupa para engommar,

Miquelina, via que tinha dito disparate. A menina mostrava anciedade e perturbação. Não se atarantava, porém, a creada com pouca coisa, e queria vêr se distrahia Maria Isabel com a sua localidade. Esta enterrompeu-a, dizendo:

—Quero fallar com sua ama.

—Ella não tardará a vir aos pés de v. exc.^a Como lhe disse que v. exc.^a já estava de pé, sendo tão fidalga e tão bonita...

—Deixe-me, Miquelina. Eu não sou fidalga, nem bonita.

—V. exc.^a não quer olhar para aquelle espelho?

—Quero que faça favor de me deixar.

—Mas não toma outra chavena de chá?

—Não tenho mais vontade... Não quero mais nada.

—V. exc.^a não come mais do que um canario! Dê-me licença para lhe dizer uma coisa. Não quer uns sapatos mais anchos?

—Não.

—Perdê... Cuidei que estaria com o pé apertado. Tem umpezinho tão pequeno e tão bem-feito...

—Sou baixa, e portanto tenho o pé proprio do meu tamanho.

—Baixa?!.. V. exc.^a é alta; e é tão elegante, e...

—Estou muito triste, para poder ouvir grações. Preciso de fallar com sua ama: vá ver se posso ir ao quarto d'ella.

O ar imperioso que tomou a filha de D. Maria Carlota, impoz silencio á bacharellice de Miquelina, que sahiu, dizendo entre dentes:

—Começa a ter modos de fidalga!.. Lembrei-lhe que era bonita!.. A pobre de minha ama nunca havia de ser como ella... fidalga.

(Continua.)

NUGAS

O inverno escondeu-se no gômo, que a primavera brotou! Ai! a tua saudade, lindo inverno, quebrou-me a alma. Lá vò o sol, redoiando a nuvem, que tu escurcias, ó fevereiro saudoso.

E eu perguntava á saudade porque era eterna e porque, de preferencia, se assentava nas relvagens do cemiterio do meu coração!

E ella, como a negridez do lençol apodrecido na yalla, me apertava funda... depois, triste, forte e soturna, como a podridão que roe o impio, aquecia-se e regalava-se do pouco da minha fé, que um seculo sordido e sem promessas tinha devorado.

Porque assim te partiste, minha pobre alma? porque fugiste minha tenra fé?

Para que eu, mesquinho peregrino de dois dias cravasse o meu bordão nas gandaras dos immensos desconfortos e bradasse a meu turno: Lagrimas, meu Deus, para regar de luz a minha alma tisonada da brasa da philosophia!

E foste tu, louca de mil seculos que, como hymno de glorias chumbado nas blasphemias, me fechaste o coração ás aguas da religião e me queimaste, uma por uma, as flôres da vida, que só viça no ambiente do christianismo!

Porisso, eu o desherdade do arrimo e do consôlo, choro o inverno que se vestia de caligens; choro as nuvens que desazulavam os céos; choro a nueza que toucava os campos!

Era a unica rima que eu achava para o meu existir tão chagado e tão sem paz!

Nunca trouxe o espirito tão sobresaltado de pavores. Nunca a minha alma se encostou tão desmedrada no hombro da angustia. Nunca a pua do desalento espinhou o meu seio tão no intimo!

Pedi a Deus que me desse orar fervido e que derramasse nos meus labios a prece do atribulado. A minha alma desceu da cabeça ao coração. Quando passou o purgatorio das lagrimas, pôde soluçar consolada:

«Oh! Christo, hoje que a philosophia morreu

no teu lençol de soffrimentos, descaiu-me a magua, a cegueira do espirito, ferido do sôpro do seculo, desatou-se n'um pelago de luz, e a amargura que me pungia, deliu-se nos golpes de sangue que tu verteste das feridas que a divina misericordia te abriu para balmado do desditoso e salvação do mundo!»

Quando achei labios para a oração e bôca para beijar os roxos pés do Christo, o suor livido, que lhe banhava a fronte, inundou d'esperança o meu espirito, que tremia ao pé do verme do tumulo, que para mim era então a estrella negra a luzir horrores no chão do feio nada!

Hoje o luar, que banha a cruz para ao depois se estender no veu alvissimo do constricto, não é nortada que creste as folhas d'alma, quando

abandona o pó e vae sussurrar nas agruras do somno eterno!

E não. Eu amo o cemiterio, porque me dá luz no fervedouro de vermes; eu detesto a philosophia que me offerece vida na taça da descrença!

Eu amo o inverno que me entristece de nuvens o céu para ao depois branquear a alva da manhã; eu odeio a primavera que me franje de boninas o horisonte para ao depois vir o vulcão das tardes entenebrece o dia de rosas!

Um dia, a religião esqueceu-se tanto e tanto do desgraçado que só veio quando elle agonisava na cabeceira do ultimo leito! Feliz olvido...

Barca, 28 de março, 1863.

CERQUEIRA LOBO,

VINTE ANNOS

Tens vinte annos, pomba candida!
E's a rosa perfumada,
Que ao esplendor d'alvorada
Desata suave oíôr...
O teu nome é o doce balsamo,
Que a minha vida perfuma,
E eu, perdido entre a bruma,
Busco o sol do teu amor...

Não vês o fogo da lagryma,
Tão brilhante como o aljofre?..

Mudo fallar de quem soffre
E' sobre a terra o chorar...
Olha, attende, a vida é rapida,
Amenisa este caminho...
Do teu collo sobre o arminho
Deixa-me a fronte pousar...

28 de março de 1863.

ALBERTO PIMENTEL.

CHRONICA

O sexe femenino importava-se pouco com os jornaes politicos. E tinha razão. Nunca a mulher lançava mão d'um periodico e se lançava, relanceava apenas os olhos por sobre a variada gazetilha, porque o seu genio travesso e folgazão não comportava as discussões aridas e pesadas da politica. Um dia, um elegante francez, de luva côr de violeta e bota de polimento, charuto na bocca e lunetas assestadas, entrou por Portugal dentro, dando-se ares de gente fina e dotado d'um genio altamente progressista originou uma ad-

miravel revolução no jornalismo portuguez. Teve o espirituoso francez uma recepção maravilhosa, em Portugal.

O jornalismo portuguez offerecera-lhe então uma generosa hospitalidade digna dos tempos de Euryalo. Teve o litterato parisiense uma hospedaria nos baixos das columnas de cada jornal politico.

Da maravilhosa recepção que tivera, nasceu a immensa popularidade, que grangeára. Chamava-se *feuilleton* o bom do francez, que

abordára ás luzitanas praias. Dentro em pouco era elle o pae d'uma numerosa familia de litteratos.

Appareceram então os folhetinistas. Surgiram da obscuridade as vocações pronunciadas e as tentativas ridiculas. Appareceram então homens que por as suas promettedoras estreias preludivam grandes genios. Appareceram os Janins, na França, os Mariannos Larras, na Hespanha e os Lopes de Mendonça e Cezares Machados, em Portugal. Estas é que eram as vocações pronunciadas. O certo é que depois da innovação o periodico tanto entrava na camara da mulher como no escriptorio do politico. Tem-se, por ahí, dito o que seja o folhetim e o folhetinista. Cá para mim o folhetim é um genero de litteratura ameno e agradável.

O folhetinista é o homem de bom gosto, com um genio travesso como o d'uma criança, que passa por sobre as novidades do dia como uma borboleta por as camelias d'um jardim; é um gymnasta, um acrobata perfeito, que despede, ás vezes, uns ditos agudos e epigrammaticos, que ferem a victima como a frecha d'um arco: finalmente, um homem, que tendo uma alma altamente progressista enterra o chapéu de feltro até ás orelhas para não ouvir as discussões bombasticas da politica, que lhe tropeja por sobre a cabeça. O folhetinista quando não tem de que se rir, solta um sorriso aristarchico, ri-se de si mesmo e conclue rindo-se do publico, que se rira das espirituosas facecias com que, maliciosamente, lhe soubera prender a attenção.

O folhetim foi contaminado na sua essencia por algumas variantes menos apreciaveis e espirituosas.

Appareceu a *Chronica*, filha primogenita do folhetim, cuja indole apresenta um caracter mais sisudo e imponente. O folhetinista indaga e analisa superficialmente, o chronista descreve e tem obrigação de descer ao intimo das cousas.

A revista *theatral* teve por pae o folhetim e por mãe uma noticia diversa, que apparecia na gazetilha e na qual o jornalista aventava a sua opinião sobre um drama que não vira e uma opera... que conhecia do cartaz.

De maneira que a revista *theatral* é o termo

medio entre o folhetim, propriamente dito, e uma insignificante *local*, que tem por unico fim... cansolar os que não foram ao theatro.

Mas lembro-me agora de que estou lavrando sentença contra mim mesmo. Pois não veem o substantivo—*chronica*—no cimo d'estas linhas? E a *chronica*, disse eu, que era nada menos que uma descripção exacta e eu tenho fallado do folhetim... sem me importar com o que vai nem com o que vem. Hoje cada um formula leis a seu modo e de mais o uso permite-me empregar aqui, a palavra *chronica* em vez de *folhetim*.

Tem-se visto que o *folhetim* pertence aos jornaes politicos como a *chronica* aos litterarios.

Por uma rasão obvia. E' que a indole amena do folhetim recreia o espirito do leitor no vaguear pelas escabrosidades d'um jornal politico. O logista, por exemplo, que é assignante d'um jornal litterario tem uma pronunciada embirração com aquelles artigos *d'amor* e poesias de *sentimento* e por conseguinte diz ao proprietario do jornal que quer umas prosas noticiosas, desataviadas das flôres do estylo e... diga-se a verdade... que estejam ao alcance da sua intelligencia. Apparece então a *chronica*.

Mas é que se o *chronista* se affasta da triilha, que o uso lhe marca, chovem-lhe sobre a cabeça mil imprecagões dos assignantes... logistas. Por conseguinte vou principiar.

Nos cafes, nos passeios, nas salas, nos templos até [sacrilegio inaudito!] é assumpto de discussão o debute da Borghi-Mamo. A plateia do Porto—o Jazon dos nossos dias—não tinha até aqui descoberto o vellocino da harmonia. Apparecera elle não em Colchos, mas sim no Porto e no proscenio do theatro de S. João. Appareceu no anno de 1865, anno notavel por ser de crise ministerial... e alimenticia segundo prophetiza alguem. Appareceu no anno em que o Porto—este burguez illustrado—lida, trabalha e pensa para mostrar ás nações europeas uma exposição internacional, que é, seguramente, a mais arrojada concepção dos homens progressistas de Portugal. Appareceu n'este anno, como lhes queria dizer, Borghi-Mamo.

Borghi-Mamo, que fizera este anno as deli-

eias da aristocratica Lisboa, viera mostrar ao Porto que tambem póde gosar... o que Lisboa gosa...

Borghi-Mamo é uma cantora admiravel! Debutou no domingo com a *Favorita*. A sua voz de mezzo-soprano arrebatava a plateia, que se curvava para ouvir o genio. Borghi-Mamo é inexcusavel! O seu talento é a sua apothese... Ha poucos genios assim, infelizmente...

Não tem v. exc.^a, minha leitora, ido á feira do S. Lazaro, nas noites em que não ha theatro lyrico, contemplar a perfeição dos bonecos de pau... e de carne? Oh! se tem!! Eu vi-a lá. V. exc.^a ia de braço dado com o papá e ao passar por entre o povo olhava de soslaio para um elegante de calças á hussard e luva cor de flôr de alicerim.

Não digam vv. exc.^{as} que o divertimento do Porto, actualmente, se limita no estreito ambito da feira do S. Lazaro. Pelo contrario. Não estiveram, na quinta feira, no *Stabat Marter*? As almas de vv. exc.^{as} não se deixaram arrastar por aquellas vagas harmonias, que alma de Rossini creara e que voejavam pela longa e perfumada nave do templo, como um bando d'aves, que se espanja no ar?... Não foram os rostos de vv. exc.^{as} os fôcos onde convergiam os languidos olhares dos apaixonados Adonis?... Oh! se foram! Como estava vistosa a rua das Flôres, sexta-feira, ao passar da procissão! Vv. exc.^{as} faziam com que as janellas que ladeam a rua parecessem as ondulantes aleas de flôres, que orlam as longas ruas d'um jardim.

Vv. exc.^{as}, as Helenas, as Phedras, as Ariadnes, fitavam os olhos nos enamorados Theseos, que descerravam os labios n'um amoroso sorriso...

O mundo commercial, que ha pouco andava taciturno e cabisbaixo por não saber do *Béarn*, já sexta-feira passeava, alegremente, pelas ruas do transitio da procissão, porque o vapor *Para-*

ná trouxera as malas da correspondencia e o mundo commercial, á puridade se diga, presa os seus interesses não menos... do que a vv. exc.^{as}

Agora, se a senhora D. Maria Adelaide Fernandes Prata m'o permite, queria dizer-lhe duas palavras em relação a uma carta sua, dirigida á senhora D. Maria Peregrina de Sousa, publicada no numero antecedente d'este jornal.

Os homens não tem receio, que o sexo feminino venha um dia a offuscar a sua gloria, como v. exc.^a diz. Eu, entendo que a irradiação d'um talento, não cega os olhos dos admiradores, que contemplam outro. O grande é sempre grande. O nome de Vergilio não nos apaga da mente, por um instante, o de Homero. Os homens, que trilham a escabrosa estrada das lettras, querem que a mulher lêa, pense e escreva como elles. As mulheres tem, tambem, enriquecido a historia da litteratura. Sapho, a grande lyrica grega, legou ao mundo inteiro as suas preciosas odes trochaicas e Erinneo seu poema intitulado—A roca—que a antiguidade tanto admirou. O sexo masculino quer que a mulher se nobilite pelo talento e não a manda concertar piugas, como v. exc.^a julga. Mas a nobresa que o talento dá, ganha-se pelo estudo e as producções que o sexo feminino, actualmente, tem lançado ao mar da publicidade, diga-se francamente, não são das mais correctas. Diz v. exc.^a que os homens, levantando-se pela maior parte ao meio dia, só querem para si a inspiração bebida no sorrir gracioso da aurora e não permitem a vv. exc.^{as} o desrevel-a. Isto não me parece assim, porque v. exc.^a no seu volume de poesias, publicado em 1859, descreve a aurora, na poesia intitula—AO NASCER DO SOL—e os homens pouco se importaram com isso. Desculpe v. exc.^a estas minhas observações, que pouco valem.

ALBERTO PIMENTEL.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

A redacção d'este jornal pede aos seus dignissimos assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietario do jornal

Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa, n.º 63—Porto, a quem deve ser dirigida toda e qualquer correspondencia.

Igualmente prevenimos todos os nossos illustrissimos snrs. assignantes, que por todo este mez lhe daremos os figurinos correspondentes á estação da primavera.

PREÇOS

Para o Porto, por anno 1;\$200 reis, semestre 600, trimestre 300, mez 120 reis — Para a provincia accresce o importe das estampilhas.—Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, na Livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16—e no Largo de S. Domingos n.º 30.

A TOUREIRA

(HISTORIA D'UM CORAÇÃO FRIO)

I

Onde está ella?... Dorme. Não ouves um respirar tenuissimo?... E' o resfolegar brando do seu coração, é o tímido anhelito das suas põmas, é o escorregar das palpebras, que se entreabriram um pouço, por effeito d'um somnambulismo instantaneo. Este ultimo estrepitar quasi insensivel talvez fosse o bocejar d'um nome. Em quem pensará ella, sonhando?

Deixae-me ir de rastos até junto de seu leito. Não lhe tirarei de cima dos hombros a camada de neve, que lhe rouba as fórmãs; hei-de contemplar sómente a posição airosa da sua cabeça. Quando ella estender o braço por de cima de seus lençoes, hei-de aquecer, com o meu hálito, a atmosphera que o cerca, para que o não entorpeça. Quando, opprimida por o calôr, deixar vêr, quasi até á cintura, as espaduas alvissimas, e todos os lírios do seio me estejam tentando com seu viço fragrante, então, cautelosamente, com a ponta dos dedos, lhe desatarei uma das suas compridas tranças, e a recatarei n'aquelle veu, que posto não cubra de negruras todo o alvor de seu peito, sentirá, com as sombras da tibiesa, as expansões da voluptuosidade, que me ha-de gerar tanto luxo de fórmãs.

Deixae-me! O insecto, que murmura em volta de seu travesseiro, pouza-lhe, de vez em quando, na finissima aresta de seu nariz, abrindo as azas d'um até onde chegam as azas do outro... E eu sou o insecto que pensa!

Cobre-lhe a face de beijos o ar, que sahe da boca de todos os embriagados, de todos os suicidas, que se envenenam com o amor das prostitutas; e a corrente balsamica, que sahe do mais fundo d'alma, não ha-de, por um pouco, rouba-la á viração impetuosa do mundo, que lhe pertende murchar nas faces a roza do pudôr, ainda toda melindrosa, ainda sem um uma nodoa da geada da corrupção?

Beijal-a! para que?... Pois havia de acordal-a para vêr diante de mim a indiferença, representada na mulher? Como ficaria indignada, ao sentir, pouzada na sua frente, a braza do meu amor, a requeimar-lhe a alvura da sua cutis delicada!

Eu não a accordarei... deixae-me. Póde repousar descuidosamente, que nunca será interrompida nas melodias vagas do seu dormir angelico. Vel-a-hei sereno, como um anjo que contempla outro anjo, encerrado n'um tumulto, e pensarei n'ella sómente... Se eu pudesse viver dos seus pensamentos!.. Se eu pudesse mentir-me sempre, imaginando que ella sonha por mim, ao mesmo tempo que eu vivo por ella!

Deixae-me!.. Eu pizarei de leve o macio dos tapetes da sua camara, fecharei mais os labios para não respirar, levarei apenas uma ideia, encarnada no coração. Deixae-me! Impossivel! A virgem é uma deusa. O seu leito é um altar. Maldicto quem o profana! O amor é o unico sacerdote que poderia entrar no templo, se o labio d'aquella mulher o tivesse unguido com a esperança.

Vejamos, de longe, ao menós o seu camarim, de longe, cantemos-lhe o epithalamio das suas nupcias secretas com o invizivel.

Nem uma réstea de sollá entra. Mas n'aquella penumbra advinha-se o quer que é de grandeza. Os embutidos d'outro, e as placas de crystal lançam um reflexo, como d'estrella quasi extinta, sobre montões d'objectos, artisticamente dispostos. Uma lamina comprida, mas delgada, lampeja como um diamante, encostada n'uma cadeira. Alguns vasos porosos, aqui e além plantados, vão de si, insensivelmente, largando uma atmosphera de frescura. Do mais recondito lá se destaca a alvura d'umas cortinas. Acolá é o seu leito!

E a tarde cada vez mais calmosa, sem resfriar um instante, sempre ardente como os fôgos do meu coração! E na natureza sem haver um bulício! E o mar sem atirar uma brisa, que venha erguer aquellas cortinas! Milagre! Tremulam os pannos, que fecham aquelle sanctuario de virgindade e de amor. Eis que se erguem, que se affastam, e, á luz d'um clarão ignoto, eu posso vêr o riso de Deus, materializado na mulher!

Porque não teem meus olhos mais avidéz, para sorverem, para com mais pressa reproduzirem na mente, tanta ingenuidade, tanta harmonia de combinações suaves!

Que posição aquella! As pastoras da Arcadia, quando dormiam nos bosques imaginados pelos Theocritos, não se reclinavam com mais seductor desleixo. De que maneira aconhega as pregas do seu lençol! E' mais bonita que a flôr, coberta pelas azas douradas d'uma borboleta. A serpente, que se estende, cheia de molleza, pelo inclinado d'um cómorro, não tem mais graça que ella, na sinnosidade que descreve com seus joelhos. A novilha não tem mais arte estendendo

para o beserro a ubera, do que ella no deixar cahir um dos pômos sobre a base do travesseiro.

Que somno delicioso, o placido somno que ella dorme! Por cima do braço esquerdo, enrocado no travesseiro, descansa a sua cabeça, immovel como a cabeça que jaz n'areia, depois de ter descido dos hombros d'uma estatua de Praxiteles, rolada, impellida pelo dedo da revolução. Com o braço direito circumda o outro pômo, e faz da mão alabastrino sacrario, para a cruz d'ouro, que se deita na linha, que separa os dous pômos.

Mas apesar de toda esta belleza, debuxada com linhas tão graciosas pelos mil e um contornos delicados, que formam aquella estatua; mas apesar d'aquella postura arrebatadora, e sublime pela sua singeleza; mas apesar do symbolo do amor—a cruz—que se levanta e desce com as pulsações do seio, *aquella mulher não ama!*

(Continua.)

F. M. DE SOUSA VITERBO.

RESPOSTA ÀS OBSERVAÇÕES DO SNR. ALBERTO PIMENTEL

Não foi v. s.^a nem quem pensa da mesma sorte que me obrigou a escrever a carta que se publicou em o n.º 42 d'este jornal; eu cá tive minhas razões para a escrever; porém aquelles que m'a inspiraram sentiram-se ao lê-la opprimidos pelo remorso e callaram-se por terem muito orgulho para darem uma satisfação. Bem sei, snr. Pimentel que os homens não teem receio que o sexo feminino lhes venha nunca a roubar a sua gloria, por que nem mesmo a Sapho lh'a pode ofuscar.

Sei tambem que os homens litteratos gostam que a mulher s'instrua; mas alguns querem n'a instruida até certo ponto; isto é, que converse bem, que escreva com orthographia; porém, que não ouse dar publicidade aos seus escriptos e que se lembre que foi destinada para os misteres domesticos; mas o genio que não escolhe sexo e que ás vezes lhe trasborda na men-

te, faz com que ella s'esqueça por momentos da roca, para lançar mão da lyra e então esse genio sem estudos torna-a poetisa da natureza.

A NOBRESA QUE O TALENTO DA' GANHA-SE PELO ESTUDO pois se nós o não temos, não é de admirar que v. s.^a tenha encontrado pouco correctas as producções do sexo feminino, quando muitas vezes as de grandes talentos masculinos teem defeitos. Se eu tivesse orgulho, ou desse algum valor ao que tenho publicado ficaria agora completamente desapontada; porém não acontecerá assim com outras senhoras que tiverem a consciencia d'escrever melhor e eu apesar de não ser competente para lhes fazer uma analyse, tenho ouvido elogiar as obras d'algumas a pessoas muito entendidas.

De V. S. muito veneradora,

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

ESTIMULO

A Maria Adelaide Fernandes Prata

Gosto tanto de vêr uma mulher com a cabeça pendida sobre o seio, que lhe bebe o pranto amargurado d'uma saudade indelevel! E quando essas lagrimas cahem sobre a cabeça d'uma criança loura, a quem ella, no justo estremecer do coração, chama, com toda a meigura, seu *filho!*?

Mas muito mais me apraz vel-a ainda na mesma posição, isto é, com a cabeça reclinada, deixando cahir de cima da sua janella, languidamente e por descuido, a vista sobre o lago, ao mesmo tempo que levanta com a delicada ponta dos dedos, e lança para traz os cabellos soltos, que lhe anuveam a fronte, que pensa!

Não será por ventura a mulher, que pensa, a estatua da melancholia? Dae-lhe as vestes, fartas, alvacentas e diaphanas d'uma virgem grega, apontae-lhe as veredas ignoradas d'uma vetusta floresta, e direis depois, se ao vêl-a, pensativa, calcando com a vista e com os pés as folhas, que o inverno findo depositou no sólo, ora encostando-se pallida a um dos troncos mais agravados pelo tributo dos annos, ora divagando entre elles, apanhando de vez em quando os ramos, que descem até lhe virem oscular a testa, se ella não é o archanjo da saudade, á espera d'uma mensagem do ceu!

E' esta força de sympathia por todas as mulheres, que se arremessam no vago das cogitações, que me leva para ti. Cuido-te pensadora, e não posso deixar de atirar-te aos pés um grão do meu tributo e sincero reconhecimento. Perdôa que um vate obscuro, quasi inteiramente ignorado, vá disturbar, por um pouco, das santas visualidades da poesia, quem se vê já involvida no transparente fumo d'uma auréolasinha de gloria.

Cuido-te pensadora—disse—e não me engano. Nunca te li na face o riso da melancholia, porque nunca te apertei a mão, que dedilha tão suaves accentos. Nunca vi correr teus dedos sobre as teclas do piano, mas já vi os colloquios

escriptos, resultantes do teu mudo fallar com a sombras do pensamento. Nunca me feriu os ouvidos a magia das tuas conversações com o vento sonóro da inspiração, e com a luz meiga das estrellas, mas já escutei d'aqui, de longe, os sons mellifluos da harpa maviosa e terna, que tu vibras.

E's seismadora, sim. Inda és mais... traduzes em harmoniosas estrophes o resultado do teu maquinar ideal. E não desanimas, e não canças! Abençoada a mulher que é forte, no espirito, e na alma! Não descoroços d'ora ávante. Se fôres só, ainda que exposta ás ventanias da critica ruim e da maledicencia, que importa?... na tua queda sómente poderá resvalar sobre ti a corôa da gloria.

Para a mulher é que foi destinada a poesia. Os antigos poetas tinham o seu Deus, mas cada um que desejasse exprimir os devaneios do pensamento ou do coração, havia de recorrer primeiro a alguma das nove irmãs. Parece impossivel até como o homem possa deixar-se escorregar no loirciral dos eysnês. Ambicioso, desgraçado, inconstante, desejando misturar-se no fórum com o povo, ou subir junto aos degraus do throno para se aggregar aos validos, erguendo-se na tribuna, ou debruçando-se no pulpito, arvorando-se em legislador, ou oppondo-se ás leis que julga contrarias á sua conveniencia, devassando os mares, ou sugeitando os continentes, especulando com as operações commerciaes e com tudo, ou arando um palmo de terra, para grangear mais colheita, como póde o homem, extenuado, com a fronte abatida, com a alma corrupta, encostar-se na lyra, senão para adormecer sobre ella, obedecendo ao pezo descommunal dos interesses materiaes, e mundanos, que todos elles o são?!

Com a mulher não acontece o mesmo. Já prendada pela natureza com dotes physicos superiores ao homem, quem poderá dizer que ella lhe é inferior nas faculdades intellectuaes. Quando

nós, os homens principiamos a ser poetas, é na adolescencia; então o que chamamos vozes d'alma são meras recordações da infancia, memorias do passado, que entrevemos sempre risinho, porque a luz do futuro a julgamos ir-se escurecendo. Considerando a mulher na quadra da juventude, quem mais bellas lembranças pôde ter dos dias finalizados n'um brincar perpetuo e sereno, innocente e cheio de candura?

Na mocidade, a mulher e o homem são como a flôr e o vento, a flôr sempre pura, sempre aveludada e cheia de matizes, sempre dulcificada de mel e perfumes, ao passo que o vento, raras vezes sereno, turbulento, mortifero, impugnado de miasmas putridas, sem musica, sem deleites, a não serem torpes, variavel sempre! Quebra-se um dia a haste da flôr, e esta deixa de existir. Ainda serve, porém, para cobrir uma lousa, para occultar um anjo, ao mesmo tempo que o vento passa, deixando apoz si uma lembrança tetrica, amaldiçoado, com o ferrete do homicidio, porque aos seus beijos de morte se desfolhou a flôr.

Na idade madura, despedaça, em geral, o homem o prisma da sua individualidade, e principia a colher inspirações em todo o mundo exterior. Mas n'este alargar d'horizontes, quanto laborar em erros, quanta ridicula altivez, quanta velleidade pueril, ao considerar-se o dominador dos espaços, se ao espirito não prezide a justiça, e ao sentimento não allumia a fé? A mulher, comtudo, vê-se livre de taes defeitos. Educadora de seus filhos, ameigadora de seu esposo, ella encontra na religião o balsamo de todas as consolações, a prophetisa, que lhe vaticina e descobre todos os thesouros da alma os mais reconditos.

Se a felicidade lhe principia a sorrir, desde que depoz no thalamo nupcial, a corôa de rosas brancas e de flôr de laranjeira, pôde entretecer um epithalamio infindo. Se a desventura lhe espreme dentro d'alma as vagas da afflicção, não deixa de ser poetisa, mas em vez da lyra amena do prazer, ver-lhe-heis, pendurado do leito, o alaúde, d'onde resaltam como lagrimas as notas d'uma elegia.

Na decrepitude, na velhice, esmigalhou-se o triste fadário de poesia. Quem sente remoçar o

descuido da infancia, o ardor e impetuosidade da adolescencia, o meditar vigoroso e descansado da virilidade!... Ninguem, ou quasi ninguem.

Se as folhas de cem cordas de louro me enramassem a cabeça, havia de ter força bastante para gritar—bardos, trovadores, homens de galanteio, romancistas, poetas, passae os vossos alaúdes, as vossas lyras, as vossas harpas, as vossas cytharas para as mãos franzinas, mas vigorosas e cheias de arte das mulheres que pensam. Se por ellas sômos poetas, deixemos que provem a atmosphaera de creações musicas para depois n'essas redes de harmonia, mais á vontade nos embalarmos. Formem os seus cabellos as cordas de suas lyras, e não sejam os laços com que nos prenda um amôr voluptuoso ao carro da impudicia. Não haja receio de que ellas se deixem suffocar no perfume que de si exhalam. Saberão cumprir tão bem a sua missão como as estrellas. Bem como o sol não se abrasa a si mesmo, assim não se hão de consumir no fogo de seu engenho. E ainda que tal a algumas acontecesse, das arrefecidas cinzas quantas phenix não haviam de erguer vôo, confiadas em novo arrojão?!

Andaes em busca de novas formas de poesia?... Perdei cuidados, deixae á mulher formar novos rythmos, novas combinações, novas fórmas, novas ideias. Os sentimentos ganharão a perfectibilidade, que se anhela, as crenças embotadas hão-de ter a época da sua regeneração. A natureza do coração da mulher é capaz de tudo isto. Se ellas ainda o não tem feito é porque nós, os soberbos, olhamos com sobranceria para cada talento feminil, que sorri, e cada nova aurora que desponta, mal pôde raiar, por lhe abrimos logo o seu occaso.

Mas este nós precisa limitar-se. Quem é que zomba da mulher e lhe suffoca e lhe amesquinha a grandeza de suas aspirações? E' o mundo... Mulher, n'este ponto, é preciso que eu me mostre um pouco agastado para comtigo. Porque has dito que só os homens, que se entregam ás lucubrações da phantazia, isto é os poetas, não sómente chegam a repellir as mulheres da comunidade litteraria, mas até as julgam indignas da mais pequena collaboração no poema das har-

monias do universo. Enganaste-te perfeitamente, confundiste essa pequena sociedade de homens bons com a rele prozaica, com a gentilha sem brio e sem pundonôr.

E como poderiam elles atirar com o lôdo da zombaria á face das Saphos, das Sevignes, e das Stael, se não podem arredar os braços da cruz em que o mundo os tem presos, martyres da sua dedicação, do seu amôr, e do seu desinteresse? Que poeta ha ahí que o não seja por uma mulher! Existiria Petrarcha sem Laura, Tasso sem Leonor, Camões sem Natereia, e Dirceu sem Marillia? Lamartine escreve as suas mais sentimentaes harmonias, junto do berço da sua filha,

que adormece, rindo, ou inclinado sobre o seu mausuleu, chorando. Não ha insignificante rimador que não julgou a mulher o pomo da felicidade, ainda que, algumas vezes nos lance fóra do paraizo. Se não fóra a saudade gravada nas pegadas impressas por minha mãe, na estrada, que a levou á campa, ainda hoje não seria poeta.

Eis as considerações que me dispertou o teu RESENTIMENTO. Talvez encontrarás n'ellas falta de pensamentos sublimes, nenhum atavio no estylo, mas deverás ficar na certeza de que tudo isto são verdades do coração.

Porto 10 d'abril de 1865.

F. M. DE SOUSA VITERBO.

O BARDO NA SOLIDÃO

POR

Maria Adelaide Fernandes Prata

(Concluido da pag. 99)

BARDO

Universo, ah! que és tu se não a taça
Para o pranto sorver do triste humano!..
E tu que és mais que dôr, ó existencia
Que mais és que martyrio e soffrimento?!
Sobre a terra não ha felicidade!
Fantastica deidade, é nome vão!
E' mentida tambem fagueira esp'rança
Que venturas promette que não servem
Mais que para illudir a triste vida,
Depois atroz, fatal, o desengano
N'um abysmo de dôr nos lança afflictos!..

E o semblante da virgem sobre o peito,
Co'a pallidez da morte lhe pendia
E do Bardo infeliz, sentido pranto
Nas faces da donzella já corria.

BARDO

Vive, ó minha Olinda! vive ou leva
Contigo o teu amante á sepultura,

Soffrendo mil saudades, não o deixes
Sósinho, sem amparo sobre o mundo!
O meu céo, vida, luz, eras só tu!
A estrella que na terra me guiou,
O sol que o coração m'incendiava
Com os celestes raios de teus olhos!
A aurora que espargia na minh'alma
Perfumes que aspirava ébrio de gozo!..
A existencia fruir sem ti não posso!
Ligadas por amôr as vidas nossas
Que extingua a morte crua d'um só córte?..

Olinda inda respira e os olhos ergue
Para o terno amador que delirante,
Caricias mil lhe faz, um beijo imprime
Nos labios que sorrir-lhe vê um instante.

OLINDA

Sabino! enchuga o pranto, não lamentos
Quem nos teus braços morre tão ditosa!
O Creador ouviu as preces minhas,

Conduzindo-te aqui n'est'hora extrema!
 Como os anjos no céo amam a Deus,
 Amei-te eu, ó Sabino, cá na terra!
 De saudades vivi longe de ti,
 A vida d'um passado só nutrindo
 Que me fôra tão caro, tão ditoso!..
 Jámais volveu um dia, hora, ou instante
 Que de ti se olvidasse a tua amante!
 Meditando ao luar, ai, quantas vezes
 A abobada celeste contemplava,
 As estrellas olhando uma por uma,
 Para vêr se atinava com aquellã
 Que teus olhos formosos estremassem!
 Outras vezes na lua reflectido
 Teu rosto figurava meigo e lindo;
 Quando o sol despontava, eu lhe dizia:—
 Como outr'ora não és já tão formoso!
 Nos raios teus não vejo tanto brilho;
 A presença d'amôr é quem te doira,
 E' elle que abrilhanta a natureza,
 Quem lhe realça em fim as mil bellezas
 De refulgir deixaste para mim
 Quando do meu amor me separaram
 Esses Fados cruéis que me perseguem!..

E a virgem mais e mais empallidescer
 A morte despiedada vê chegar
 E na gelida dextra a dextra amada,
 Pela ultima vez quer estreitar.

OLINDA

Viviremos nos ceus eternamente
 Já que fômos na terra separados
 Já que nos condemnou a cruel sorte
 A viver vida triste de saudade!
 A existencia s'esvae... eu morro, ó Bardo!..
 Acolhe os meus suspiros derradeiros!..
 O meu ultimo adeus!.. esta minh'alma...

E do amante a fronte unindo-a ao seio,
 Indã uma vez contempla a suspirar,
 Fitando-a com meiguice, até dos olhos
 O derradeiro lume se apagar!

Cançado de soffrer o triste Bardo
 Tão forte dôr não pôde já vencer
 E unindo ao coração a extincta amante
 Se deixa alli com ella fenecer.

ERRATAS

No n.º 40, pag. 78, onde se lê—*Do penitente humilde me ajudára*: deve lêr-se—*Do penitente humilde se apiedára*. Na mesma pagina, onde se lê—*Fé que visse indomavel perseguir-me*—deve lêr-se—*Té que visse indomavel perseguir-me*.

Em o n.º 43, pag. 99, onde se lê—*Não leves azas dos ventos*—deve lêr-se:—*Nas leyes azas dos ventos*.

AMISADE

(No album da minha presada amiga D. Maria das Dores T. G. L.)

Tu sabes qual é o anjo,
 Tudo meiguice e ternura;
 Que mitiga nosso pranto,
 Que adoça nossa amargura?

Quando nos devora o peito,
 Amargo cruel sentir;
 E' então que o meigo anjo
 Não apparece a sorrir!

Tu já sabes como é bello
 O sorrir d'um serafim?
 Muitas vezes o tal anjo,
 Se tem rido para mim...

Este archanjo tão formoso
 Nos conduz á felicidade!
 O seu nome, queres sabel-o?
 O seu nome é—AMISADE.—

Amisade, como é nobre
O teu tão doce sorrir...
Só elle nos faz esquecer
Das dôres acerbo pungir!..

Só tu tens puros encantos,
Minha formosa deidade,
Só tu enchugas os prantos
O' doce e nobre amizade.

Quando somos pequeninos,
Inda no berço deitados;
Tu pagas a nossas mães
Os seus maternos cuidados.

Os brinquedos infantis,
Vem connosco partilhar;
Se choramos, vens de prompto,
Nosso pranto enchugar...

Crescemos. Novas paixões,
Vem nosso peito agitar...
E a ti, nobre amisade,
Chegamos-te a olvidar...

Ficamos então sem ti,
Vivendo só d'illusões;
Com a mente alucinada
Por delirantes paixões!..

Quando da traição o fêl
Se entorna no coração...
Vamos de novo em teu seio,
Verter prantos d'afflicção.

E tu, anjo, nos acolhes
Com o teu meigo sorrir!
O nosso pranto enchugas,
Em vez de nos repellir!!

Com tuas fallas tão meigas,
Tão cheias de compaixão;
Arrancas sempre os espinhos
Cravados no coração!..

Veiga—20 de junho de 1860.

D. EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUZA TELLES.

CHRONICA

Quinta feira santal... Os rôlos vaporosos do incenso, que se desdobram em spiraes, as ondas sonoras que o órgão chove sobre nós, os canticos harmoniosos dos levitas, os reflexos pallidos dos cyrios, são impressões que a nossa alma recebe, aberta, como a flôr, que desabotoára, quando o sol tingia de vermelho os cômos d'além. Jesus Christo falla e os apóstolos curvam-se para ouvir-lhe a homilia...

Nunca o pae falla sem que os filhos inclinem a cerviz com respeito e amor... Que banquete tão opulento de sua simplicidade! Doze convivas, apenas!—Comei este pão, meus filhos, disse Jesus.—*Accipite et comedite, hoc est corpus meum.*—Tomai este calix, esgotai-o, hauri-o—*Hic est enim sanguis meus.* D'aqui a instituição da Eucharistia. Da Eucharistia, que é o Jordão onde se purificam nossas almas. Da Eucharistia, que é o precioso manjar commungado no banquete da religião.. E' entre canticos e aro-

mas e sons e crenças, que a igreja celebra n'este dia o anniversario da cêa da paschoa...

Sexta-feira santal Jesus pende da cruz no cimo do Golgota! Os labios gelados pelo sopro glacial da morte descerram-se ainda, e dizem: *Eli! Eli! lamah sabachthani!*—Meu Deus! Meu Deus! porque me desamparaste! Oh! quem se não curva ante a cruz?! A cruz não é já a forca ignominiosa dos escravos. A cruz é o symbolo da emancipação da humanidade, porque pende d'ella o cadaver do filho de Deus! A cruz—o emblema da divindade—está acima das mundanas realidades, porque ella orna a corôa doirada dos monarchas... A cruz, falla-nos de Deus á beira dos caminhos, nos corucheos das ermidas, nos campanarios dos templos, na valla do cemiterio. Nos tempos remotos dos idolos pagans, das falsas doutrinas, das crenças impuras, a cruz, ainda que sumida na obscuridade, era já a nuncia d'uma nova religião. A cruz apparecia, então,

entre as crenças falsas do budhismo, insculpida no frontespicio dos pagodes do Butan. A cruz via-se já gravada nos hieroglíficos de Thebas! A cruz, fôra a égide sob que combateram oito cruzadas, que tentaram derrubar a cerviz mahometana! A cruz, gravada na malha do guerreiro, era o escudo impenetravel, que elle offerecia ás balas inimigas! A cruz, depois de Constantino, apparece nos lábaros dos exercitos romanos! Apparece nos cimos do Capitolio, apparece, finalmente, erguida, hoje, sob a abobada do templo para memorar uma data! Se, ha dezenove seculos, dizia Cicero aos romanos que esquecessem a cruz, nós, hoje, paramos e dizemos diante d'ella: *Ave, Cruz!*

A alma de v. exc.^a, minha leitora, não está, ainda, corrompida pela leitura dos Renans e Voltaires. V. exc.^a acredita nos Bossuets e Chathaubriands, porque eu vi-a, sexta-feira, com o rosto involvido no veu, de gaze, preto, ajoelhada no meio da nave do templo, orando fervorosamente.

Vossas excellencias ataram, graciosamente, os chapéus, calçaram as luvas de pellica preta, endireitaram o penteado e foram ver a procissão, aromatisando a atmospherá com as vestes, que levavam, perfumadas do incenso do templo.

Tenho, agora, de me fazer acrobata. Saltar do sagrado ao profano. Interpollar façanhas gentílicas n'estas tristes recordações do christianismo.

E' o crime que imputam a Camões, na sua maravilhosa epopea.

Dou por provada a minha criminalidade tendo o author dos *LUSIADAS* por cumplice. E não me arrependo... Até aqui esta chronica foi um threno, d'aqui em diante parecerá uma nenia. Devia ir tarjada de preto, vestindo lucto. Tenho a noticiar factos tristissimos. *Sunt lacrimae rerum*, direi eu, agora, perfilhando as palayras de Virgilio, n'um tom elegiaco. Contarei da morte... do ministerio, do ministerio lyrico, da feira de S. Lazaro e da quaresma. Tudo isto mor-

reu! Ainda bem que não foi tudo n'um dia senão fazia-nos lembrar a catastrophe de 1755! O ministerio cahiu! E' a phrase mais concisa que se tem dito. E disse isto de passagem, porque em jornaes litterarios não se falla de politica. E' assumpto este que o chronista não tracta porque não deve e o folhetinista porque não pode.

A respeito de Tantaló, diz a mythologia, que estava immerso na agua, mas que para maior expiação, não podia beber uma só gotta. O folhetinista está tambem mergulhado no mar da politica... mas não póde fallar d'ella. O ministerio lyrico se não cahiu agonisa nos paroxismos da morte. Borghi-Mamo fugiu e levou consigo a alma da companhia lyrica... Ella não pode subsistir sem o auxilio d'aquella garganta, que tanto valia. A companhia, actualmente, é um corpo inerte sem alma, sem vida. As estatuas de Prometheu não valeriam nada, se não fôra o fogo roubado a Jupiter, que as animava. A feira do S. Lazaro acabou. Deixal-a morrer. Já não nos pruem nos ouvidos os sons desconcertados e desharmoniosos das gaitas, que os *rapazes* tocavam, empregando toda a força dos seus pulmões. As algibeiras dos vendedores resentiram-se com este fallecimento, as dos paes de familia contentaram-se...

Fugiu a quaresma com todo o seu cortejo de confissões, jejuns, jubileus e contricções. Cantem as beatas e as devotas o epicedio sobre o tumulo, que guarda a ossada da quaresma. Não apregoem já que estes dizeres teem seus laivos de gentilismo. Não. Eu respeito-a, mas não gosto da quaresma, porque a acho muito seria. Venha a folgada Paschoa com as suas amendoas e pão de ló, com os seus folares e brinquedos. A alegria da Paschoa principia com as bombas, que estouram na barriga do, duas vezes, pseudo-Judas. E acabe-se a chronica com uma expressão já velha—*Dedit finem*. A chronica,.. não eu,

ALBERTO PIMENTEL.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

A redacção d'este jornal pede aos seus dignissimos assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietario do jornal Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa, n.º 63—Porto, a quem deve ser dirigida toda e qualquer correspondencia.

PREÇOS

Para o Porto, por anno 4\$200 reis, semestre 600, trimestre 300, mez 120 reis — Para a provincia accresce o importe das estampilhas.—Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, na Livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16—e no Largo de S. Domingos n.º 30,

RECONHECIMENTO

A F. M. de Sousa Viterbo

Bem haja o cavalheiro que veio fazer recordar-nos da época feliz em que os Magriços sahiram a campo para defender as damas; elles com a espada em punho, este com a mimosa penna que não tem menos valor.

Podemos agora as damas com menos timidez erguer a fronte e com mais animo lançar mão da penna.

Bem m'o dizia o coração!.. bem me prezava elle que não ficariam sós e indefezas, sem que viesse alguém em soccorro do sexo brando.

Quanto te estamos agradecidas! As tuas palavras são como o orvalho do céo que faz produzir a terra fructos deliciosos; assim ellas em nosso espirito abatido pelo resentimento farão talvez produzir alguma nova composição.

Bem hajas desconhecido defensor; se é que são desconhecidos os genios que adejam juntos pelas regiões ethéreas, ora na terra entre as solidões do mundo, já nas noites de lua á beira mar, nos dias de tristesa á sombra de cyprestes que cercam a campa d'algum ente querido...

O que devo dizer, é que se algum pequeno merecimento tivessem os escriptos que tenho dado á luz da publicidade, ficaria agora demasiado recompensada com o—Estimulo que me dirige, F. M. de Sousa Viterbo, pelo que lhe será eternamente reconhecida quem é muito sua

Porto 17 d'abril de 1865,

Veneradora e obrigada.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

O GREMIO LITTERARIO PORTUENSE

Alguns mancebos d'esta cidade, distinctos pela nobresa do talento, propozeram-se crear uma associação litteraria. A idéa não é nova, mas, porisso, não deixa de ser menos honrosa para os que a pozerem em pratica. Não é menos honrosa, por haverem de lutar com difficuldades, que teem feito desfallecer a muitos que se atreveram a tental-a em tempos atrazados. Uma empresa nova contém sempre em si um não sei que de mysterioso, que arrasta e seduz o vulgo, avido de sensações. E no seculo actual, cujos dias se contam pelas creações da industria e do saber humano, mórmente se torna necessaria a satisfação d'esse desejo, que arrasta as multidões, escurecendo com o brilho d'hoje o que abrilhantára os annaes do dia d'hontem. A idéa que se pretende realisar em factos, não é como já dissemos, dotada da novidade, que attrae. Será preciso mais esforços, por consequencia, para chamar em volta de si os soldados que se devem alistar, sob tão honrosa bandeira.

PRIMEIRO ANNO—1865.

As associações litterarias são já muito antigas, mesmo entré nós. No tempo de D. João V d'esse monarcha, a quem era mais aprazivel a reza d'uma novena de qualquer santo obscuro do calendario, do que a leitura d'uma nota diplomatica de seus embaixadores; formaram-se varias associações e entre ellas a ACADEMIA REAL DE HISTORIA, celebre pelos muitos cartapacios, que deu á luz, entre os quaes se notam comtudo, alguns trabalhos de primôr, mau pezar escurecidos por uma linguagem, resaibada de gongorismos.

Desprestigiada a idéa, por falta de modernismo, ninguem tão insensato deixará, porém, de avaliar o merecimento dos congressos litterarios, debaixo de qualquer fórma, quer temporarios, quer fixos. Provas cada vez mais exuberantes se vão tirando de dia em dia, para mostrar a utilidade de tão respeitaveis corporações. Os serviços prestados pela ARCADIA, cuja ultima porta se fechou, depois do sahimento funebre do Bin-

gre, e pela ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, algum tanto descabida do seu esplendor d'outro tempo, bem demostram a nós, os portuguezes, quantas vantagens ha a recolher do trabalho reunido de muitas intelligencias, que se destinam ao mesmo fim.

Apezar de ter a sua fonte na antiguidade, o principio d'associação n'estes ultimos tempos, é que tem recebido o cunho de maior latitude e amplitude. A tudo hoje se tem applicado a associação; debaixo de todos os pontos de vista, se tem ella estabelecido; em todas as classes da sociedade, se tem ella derramado.

No nosso paiz é uma cousa bella, o vêr-se o artista, confraternizando, não só com outro artista de mister differente, mas com o negociante, com o capitalista, com o advogado, com o juiz, com o ministro. N'esta cidade, um grande numero d'associações está derramando os seus beneficios. Quasi todas as artes se reúnem, e, fazendo mialheiro commum das suas economias, vão apagando a fome ao desgraçado, alliviando do pezo da miseria os doentes do corpo e da alma. O commercio tambem se ajunta de diversas maneiras, formando estabelecimentos bancarios, e estabelecimentos de beneficencia. Mas nenhuma se distingue tanto como essa, que não ha muito se formou, destinada a fomentar o progresso d'esta terra, com a agigantada idea, que teve de chamar ao recinto do seu palacio, que erigiu ás artes, os productos da industria de todos os povos, e a associação philantropica academica, fundada sobre as bases da mais pura caridade evangelica.

Sociedades litterarias, é que nem uma só existe a dentro d'estes muros! Vergonha!.. Lisboa conta mais do que uma, Coimbra tem o seu Instituto, e o Porto, rico de capacidades litterarias em todos os generos, deixa-se ir amortalhando n'esta pasmada contemplação, sem ter forças para saccudir os vermes, que lhe vão transformando em pó o cadaver, e transmudal-o n'um corpo d'elegante estatuaria.

A associação é a base de toda a ordem physica e moral. Imaginae dispersos os elementos, que constituem os corpos, e direis se é bello o cahos, que róla na sombra. Imaginae o homem

sem lar, sem familia, afastando-se de toda a comunidade, impondo á alma o limitado barro de seu peito, e haveis de o encontrar selvagem, a confundir-se com os brutos. O afastamento continuo produz no homem o conhecimento da sua fraqueza e assim o obriga a completar-se pelos outros. Porisso é que a historia é uma grande sciencia, que contribue incessantemente para o progresso humano. Quantos factos do espirito se teriam perdido, se não houvesse a tradicção oral ou escripta a avivar-nos, a trazer-nos á mente os trabalhos das gerações passadas? A historia liga o presente ao passado, e ao futuro o presente. A historia é a base da associação. Se o homem não se aproveitasse dos conhecimentos legados, não se poderia admittir progresso, porque não haveria tempo, para estar sempre a averiguar os factos, em que se fundam as nossas theorias, para logo se esquecerem. Se o homem *se plaint d' remonter á sa source*, como diz Lamartine na sua phrase eminentemente poetica, é para reviver. Cada geração não trabalha para si tão sómente. A que não deixa memoria de seus trabalhos, não a alcunham os vindouros de egoista, mas de pérfida, de má, de atrazadora.

Mancebos, levae, pois, a cabo a vossa desejada empresa. Completem-se as vossas intelligencias mutuamente. Devastae as asperezas do caminho, que pretendeis trilhar, que ao fundo lá achareis um horisonte todo arredondado de nuvens cõr de rosa. E' preciso que o futuro não amaldiçoe a nossa memoria, ou antes a nossa inercia. Deixemos de trabalhar na sombra, cada um amesquinhado pelo trabalho insano, que não póde executar só. Troquemos o estreitissimo ambiente de nossos quartos d'estudo, por horisontes mais largos, onde todos vão pouzar a vista, cheios d'esperança e não desanimados. Torne-se este anno celebre por mais que um facto. Estabeleça-se a *Associação Litteraria!*

O mais lato fim d'esta associação é de contribuir para o adiantamento geral de litteratura portugueza. Mas parecia-me justo que, mais proximamente, ao estudo da geographia e da historia se dirigissem as suas vistas. E' um estudo que entre nós está quasi esquecido. Ao Porto pertence incital-o, abaixo diremos pelo que.

Nenhuma nação, em espaço tão curto, se illustrou mais que a nossa. Principalmente o período brilhante das descobertas é uma mina inexgotável d'história. Muitos homens d'aquella época perpetuaram com a penna os nossos feitos, mas ha muitas cousas ainda, que é preciso salvar do pó do esquecimento, ou desvestir das falsas idéas e erros d'então. E se a historia só tem merecido a nossa incuria, que havemos de dizer a respeito da geographia? Que fastos d'esta sciencia a nós sómente é permittido esclarecer? Um povo, que dominava o oceano, que só elle sabia o caminho de muitas terras, os limites de muitos mares, as extensões de muitas praias, e cujos navios os corsarios estrangeiros atacaram muitas vezes, com o fim unico delhes roubarem as suas cartas, traçadas por habeis pilotos, hade permittir que as nações extranhas lhe continuem a cercear as suas glorias maritimas? Ferdinand Denis no seu tratado de litteratura portugueza, assevera que ningnem em melhor cir-

cumstancias para compôr uma geographia universal, que este retalho da peninsula hespanica.

E o Porto, que foi berço do Infante D. Henrique, intelligencia vastissima, a quem o mundo inteiro consagra a admiração, que lhe é devida, motôr de todas as nossas descobertas e conquistas maritimas, não será o mais competente, para que entre a laborar no veio d'essas riquissimas minas; para que, com o seu exemplo, incite todas as pessoas illustres do paiz a proseguirem na mesma estrada?

Creio que sim, como todos devem crer na pouca intelligencia do author, que traça estas linhas, movido apenas por um desejo inquebrantavel de vêr a sua patria, no lugar, que lhe foi marcado pelo destino.

Findarei por hoje. Se para outra vez não me escacear espaço de tempo e de papel, talvez volte ao assumpto.

Porto 18 d'abril de 1863.

PEREGRINO.

SEXTA-FEIRA SANTA

Qual o pio Christão que n'este dia
Ao Golgotha não leva o pensamento!
Para junto da cruz ajoelhar
Onde o martyr soffreu atroz tormento!

Legislador divino! Quem mais houve
Que lei tão justa, igual ao mundo desse?!
Mas eis do mundo a paga! n'essa cruz
Eil-o crucificado! Alli fenece...

E em antes d'expirar ao Padre eleva
Semi-abertos olhos e piedade
Com instancia lhe pede fervero
Para a fragil, pequena humanidade!

Vede, quanto elle é grande ante o Senhor!
Aos homens Deus mostrou sua grandeza,
Mostrou-lhes que era a luz; mal que expirou
De trevas cobriu logo a redondeza!

De refulgir o sol então deixou,
Por que outro de mais luz se extinguiu,
Toda a terra oscillou; do templo o véu
Na Jerusalém impia se partiu!..

Com medonho estampido dos sepulchros
Resurgiram os mortos appar'cendo
Aqui, alli aos vivos que aterrados
Pedem a Deus piedade já tremendo;

Não mofam já de Christo; elles se curvam
Ante aquelle que á pouco apedrejaram;
Depois as gerações, uma, após outra
Sempre á cruz veneranda ajoelharam.

Porto 14 d'abril de 1863.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

CARTA

A' exm.^a snr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata

Poz-me obrigação de responder-lhe, o modo attencioso e polido com que v. exc.^a se ha para comigo, nas poucas linhas que me dirige no numero antecedente d'este jornal. Senti suscitar entre nós tal controversia, por que eu, suppondo mesmo que a voz da minha consciencia modulasse o hymno da victoria, curvava-me vencido ante a extrema delicadeza da minha antagonista. Todavia, são isto bagatellas, que nada prejudicam, que não diffamam reputações, aliás bem merecidas como a de v. exc.^a e que podem ter o bem de nos fazer apostatar de quaesquer idéas, que nunca deveriamos seguir. Eu penso que a familia das mulheres litteratas devia de ter orgulho bastante para dar de mão ás censuras dos homens orgulhosos. Parece o sexo feminino haver-os em grande consideração, manifestando o resentimento que lhe provem da critica d'elles. Eu, cuido que os chuveiros das ligeiras tempestades da critica não podem aguar a chamma do talento, com que Deus incendeia o craneo do escriptor. Se ninguem pôde roubar o sópro da inspiração, que torna immortal o poeta, pouco devem importar as criticas ridiculas das almas ambiciosas e mesquinhas. Se o lódo, com que pretendem os censores officiosos manchar os verdadeiros talentos, pôde, aos olhos do publico, desdoirar a ambula em que elle venera esses nomes laureados, para a opinião dos homens lidos e sensatos em nada os prejudica e mancha. Que importa o tribunal dos homens nescios, se das vãs cabeças dos juizes hão-de nascer sentenças vãs, como a mãe d'onde vieram?..

V. exc.^a publicando uma carta em censura aos homens que escrevem, offendia a todos e não só aquelles que a criticaram. Eu, rabiscador de insulsas prosas, magoei-me, então, por me ver aggreddido tão injustamente. Quando li o RESENTIMENTO de v. exc.^a além d'alguns livros francezes firmados por nomes de mulheres, via eu, sobre a minha banca, um livro de poesias e um poemetto—O FILHO DE DEUS—de v. exc.^a, as SCE-

NAS ROMANTICAS da snr.^a D. Henriqueta Elysa e a LUZ COADA POR FERROS da sr.^a D. Anna Placido. Provias estas de que tambem venero os vigorosos talentos das mulheres contemporaneas. V. exc.^a tinha atirado a luva, não levantá-la era cobardia; n'esta situação deveras me doeu o silencio dos collaboradores da ESPERANÇA. Medi as forças litterarias dos meus dezeseis annos e então... achei-me novo em tudo. Assim, não metteria pé na arêna do combate, se a voz da consciencia não me estivesse dizendo que v. exc.^a se faria catechumena das minhas idéas e crenças. A NOBRESA QUE O TALENTO DA', GANHA-SE PELO ESTUDO. E' phrase minha, que v. exc.^a soblignou. Pouco me importou a citação, mas conheço que era ahi desnecessaria. O que eu disse, sabe-o toda a gente. Todos nós sabemos que o estudo é o chrysol onde o talento se purifica e lava. Agora, fallarei quanto ás palavras de v. exc.^a Pois, v. exc.^{as} não teem estudo? Se o não teem, é por que o não querem ter. Não podem vv. exc.^{as} compulsar os mesmos livros que nós? Escreveriam os authores exclusivamente para o sexo masculino? Eu creio que não. Os misteres domesticos roubarão tempo para trabalhos litterarios? Penso que não. Os homens tambem depois das lides materiaes da vida publica é que appunham da penna para escreverem tantos livros, que nós admiramos.

Diz v. exc.^a que não é de admirar que eu tenha achado pouco correctas as producções do sexo feminino, quando muitas vezes as de grandes talentos masculinos teem defeitos. VV. exc.^{as} podem beber conhecimentos, na mesma fonte em que nós os haurimos, tambem. E se nas producções dos talentos masculinos ha defeitos, é porque hoje, apezar de ser o seculo das innovações progressistas, ainda ninguem pôde descobrir o modo... de se não errar... VV. exc.^{as} [ha excepções, que não precisam tal] podiam corrigir-se, estudando mais e escrevendo menos. Não pensem, que fallo levado pela ambição. Não. E' que eu queria, que a mulher soubesse tanto co-

mo o homem e tivesse os mesmos louros que elle.

E' pois nobre o talento da mulher, que hoje escreve, por que ella na historia da litteratura patria não encontra modelos do mesmo sexo, que a incitem a grandes nem a pequenos commettimentos. Não houve no passado, uma mulher que escrevesse bem, em Portugal. Não se encontra um só nome feminino no bosquejo historico da litteratura classica portugueza. Roma teve tambem a mesma sorte. Só na terra, que fôra o berço da litteratura universal, é que a mulher a soubera tambem bafejar com o vivificante anhelo do seu espirito. Houveram umas poucas de mulheres gregas, que escreveram bem. Apareceram, então, as matronas poetisas.

Praxilla, Telessilla e Corinna, que cinco vezes vencêra Pindaro nos certames poeticos. Na actualidade, é que os talentos femininos florecem, em Portugal. Devem, pois, transformar a sua camara em atheneu e aprenderem na mudição dos mestres classicos. Se a mulher pôde, porque não ha-de juntar á poesia da sua missão sobre a terra, um talento que a engrandeça duas vezes?.. Não se vê uma mulher de sorriso angelico, de olhos languidos, de cabellos louros, mas.. que tem as faculdades intellectuaes anuviadas pela noite da ignorancia?..

Não temos nós visto uma amante dedicada, uma esposa extremosa, uma terna mãe, que... tem a infelicidade de ser um ente analfabeto?.. A mulher não deve só divinizar-se pela belleza, nem por a puresa de seus sentimentos, mas tambem pela instrucção quando não seja pelo talento. Dizia o padre Vieira que—as formosuras mortaes no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam; são livros que, uma vez lidos, não têm mais que lèr — Quando a esponja do tempo lavar do rosto da mulher a formosura, deve-lhe ficar a belleza do espirito...

Agora, o que eu desejo é que v. exc.^a concorde comigo em que, as mulheres podem e devem escrever, porque a maioria dos homens litteratos as não critica; que a mulher deve dar de mão ás criticas infames das almas mesquinhas. E por ultimo só quizera que v. exc.^a acreditasse que não houve intenção nas palavras que lhe dirigí no numero 13 d'este jornal. As minhas observações eram filhas das minhas idéas.

De v. exc.^a
respeitoso venerador,

ALBERTO PIMENTEL.

SE ME LEMBRO DE TI?..

A. C.

Se me lembro de ti?.. tu lembras tanto—
a quem te viu sómente a vez primeira,
como ao viajôr que passa no deserto
lembra a sombra dos ramos da palmeira.

Se me lembro de ti?.. ai! só se esquece
da pura languidez dos cilijs teus,
quem se esquece do brilho d'uma estrella,
que revêla, tremendo, amôr nos ceus.

Se me lembro de ti?.. só te olvidára
—nesga do ceu em carcere profundo—

quem no seio de mãe pouzar não fôra,
para ir beijar o coração do mundo.

Se me lembro de ti?.. quando recordo
uma nota de tuas meigas fallas,
descubro novos mundos de harmonia
e vejo a terra envolta em novas galas.

Se me lembro de ti? quando em ti penso,
julgo vêr no meu ceu mais uma estrella,
mais uma corda nova em minha lyra,
mais um vento sonôro a vir tangel-a.

Se me lembro de ti?... tu és o livro,
escripto pelo dedo do Senhor,

onde repouzo, ás vezes, já cansado
de tanto cogitar em nosso amor!

F. M. DE SOUZA VITERBO.

CHRONICA

Esta é a ultima chronica d'abril. A outra ha-de apparecer com o decantado mez de maio, entre fiôres e zephyros, entre arômas e esplendores, entre os modilhos das aves e o sussurrar da veia prateada, que se casa, harmoniosamente, ao canto voluptuoso da naiade.

Ao celebrado mez de perfumes e verdôres será prematura, aqui, uma saudação. A seu tempo virá e convenientemente. Este poetico abril, que a aza do tempo está prestes a arrebatarnos, é o primeiro reverbero do sol, que transluz por entre as nuvens escuras do inverno. O paganismo consagrava este mez a Venus, porque a deusa das graças e amores devia de ter um tributo de flôres e harmonias. O aspecto pittoresco e gracioso d'abril ia bem ao genio folgazão e divertido do povo. As tradições vulgares dos artificiosos logros com que nos enganamos, mutuamente, no primeiro dia do mez, dão-lhe uma popularidade tal, que não acha competencia em nenhum outro do nosso calendario. Attendendo á volubilidade e instabilidade do tempo, taxam abril de menos poetico, alguns desapreciadores das bellezas da natureza. Dizem que n'este mez sae o sol a passear de braço-dado com a chuva. Mas não sabem que estas variantes são precisas á fecundidade da terra. Não sabem que a chuva, em abril, é condição essencial para que o anno seja fertil e abundante. As socegadas manhãs, as tardes amenas, as estrelladas noites d'abril, que alma de poeta ha ahí que as não comprehenda e não tenha decantado mil vezes?... O mez d'abril é a mais sublime estrophe d'este maravilhoso idillio, chamado primavera.

O mez d'abril merecera já uma mimosa poesia ao snr. Mendes Leal, intitulada — *Suspiros d'Abri!*—que apparecera, em 1844, na *Revista Universal Lisbonense* e ao snr. Castilho um lindissimo poemetto, publicado sobre o nome de—*Cantos d'Abri!*

Cantai louvores

D'este suave abril; nunca em meus versos

Deixei de o celebrar, quando era moço.

Assim, aos queridos filhinhos, na bucolica do snr. Castilho diz o sabio cantor, o velho Menalea, como aquell'outro de frente encanecida, que Gessner nos apresentára no seu idillio—*Menalea e Alexis*.

Deixemos estas divagações que tanto contentam a minha alma, mas que muito cançam o espirito e molestem a paciencia de quem lê.

Tenho, hoje, a memorar duas importantissimas novidades litterarias. O snr. Eduardo Augusto Vidal, a quem ha pouco chamaram o Mousset Portuguez e de quem tão lindas produções temos lido na *Revista Contemporanea*, vac enriquecer o mundo litterario com um segundo volume de poesias, que já está no prélo, intitulado —*Folhas soltas*— O snr. Julio de Castilho publicará tambem, brevemente, um livro de versos —*Confidencias dos vinte annos*.

Os nomes festejados dos authores asseguram d'antemão o valor dos livros. Não tecemos encomios para que não nos taxem de lisongeiros. E' na verdade difficil a posição do chronista nas apreciações. Se louva, segundo lhe diz a consciencia, chamam-lhe adulator; se censura, appellidam-n'o de critico. Eu, já que me emmanranhei n'estes arduos labyrinthos da chronica, hei-de, resignadamente, concluir a tarefa.

O proprietario d'este jornal, que havia lido os meus deslavados folhetins no *Progresso* e na *Gazeta de Braga*, disse-me um dia, em que fui ao escriptorio da redacção:

—Quer v. ter o trabalho de escrever uma chronica semanal para a *ESPERANÇA*?..

—Escreverei—respondi.

E no numero seguinte do jornal appareceu a primeira chronica. Sempre quando ia a Braga, costumava eu cumprimentar as leitoras bracharenses do *rez de chaussée* dos alludidos jornaes. Anteriormente, havia escripto umas prosas e uns versos de pouca monta nas *Tentativas Litterarias*, jornal que publiquei e algumas palavras metricadas no hebdomadario *Luiz de Camões*. Trouxe isto a lume e disse-o no tom empathico d'um escriptor conscio do seu proprio merecimento, para poupar investigações bibliographi-

cas a quem me tributar a honra posthuma d'uma biographia... Acreditam?. Acreditem ou deixem de acreditar dir-lhe-hei... que só para tal não foi. Eu precisava apresentar-me aos leitores da ESPERANÇA, porque ainda o não tinha feito; precisava inicial-os sobre o modo como assumi ás funcções de chronista. E' o que fiz.

E' já velharia a morte da *Revista Contemporanea* todavia diga-se, aqui, alguma cousa a tal respeito.

A *Revista Contemporanea* era, seguramente, o primeiro jornal litterario do paiz; não só pela selecção dos seus escriptos, mas tambem pela nitidez e esmero de impressão. Esta perda vem-nos provar mais uma vez, que se não póde escrever em Portugal... Desgraças nossas!.. A *Revista Contemporanea* era a galeria onde cada mez se pendurava um retrato para memorar um genio. Adjunta ao retracto tinha o publico uma biographia que o iniciava sobre a vida e obras do auctor, devida sempre á apurada penna d'um dos seus illustrados colaboradores. Alli tanto havia um Mirecourt para o rei como um Flechier para o artista. Biographava-se D. LUIZ I, como se biographava *Taborda* ou *Tasso*. O que era a *Revista Contemporanea* sabe-o toda a gente. A sua popularidade dispensa commentarios. Está tudo dito.

Adamastores, Poliphemos, Hercules, Saneções do mundo despertai ao brado do obscuro chronista, arregaçai as mangas da vossa camisa e apromptai-vos para luctar com o valoroso Charles que vos espera no Circo... Charles ha-de offerecer o seu thorax de bronze aos vossos braços de ferro.

Charles que apparecera aos lisbonenses, na praça do Salitre, em 1855 e em 1864, apparece-nos agora a nós, n'uma posição de arremesso,

erguido no meio do Circo, como que provocando á lucta a humanidade. Faça-se tambem, aqui, uma apothese ao illustre luctador. Charles é um valente que não cae... senão quando o deitam ao chão... E quem quizer saber alguns promenores da sua vida leia a chronica do mez de setembro do anno passado, na *Revista Contemporanea*, escripta pelo espirituoso folhetinista Julio Cesar Machado.

Não lhes posso dizer muito mais porque me falta espaço. Representou pela primeira vez, no nosso theatro, quarta-feira passada, o snr. Ricardo Dias Cezar Rey. Debutou no drama do sr. Biester—*A primavera eterna*—O snr. Cezar Rey mostra bastante vocação pelo theatro e poderá, talvez, um dia ser um actor de grande merccimento. Precisa pois apurar o seu genio com uma boa educação artistica, para que possa tornar-se grande pelo theatro, que tem sido o throno onde os Rosas, os Santos e os Tassos teem recebido tantas ovações das plateias do reino. Podia-lhes fallar mais, do theatro lyrico, dos *sapientissimos animaes* do Circo, do baile do Club, da organização do novo ministerio e de mil outras cousas, mas limito-me a dizer-lhes que brevemente terão o gosto de ouvirem, no nosso theatro, as jovens rebequistas Clauss, Jenni e Fanny são duas interessantes meninas que se souberam tornar grandes pela pronunciada vocação que manifestaram pela rebeca, instrumento que tem conquistado os melhores louros a Noronha, Marques e Ribas. Sempre guardo duas linhas para lhes dizer que se não tem dado publicidade ao meu artigo—*A Opera Eurico*—por falta d'espaco; no seguinte numero se continuará.

ALBERTO PIMENTEL.

MODAS

Paris, a Babylonia dos tempos modernos, desde que se arbitrou a rainha das modas, não ha fugir-lhe ao seu influxo maravilhoso. Em nenhuma outra mão podia o sceptro da elegancia cahir com felicidade. As parisienses tem em si o Deus occulto, que desentranha do nada tudo que a phantazia suggere de mais caprichoso, e difficil de executar. O seu character volubel, as faz mudar a cada momento d'idéas, e a moda é a constante variedade nos trajés, e nos objectos de luxo.

Já se vê que não podiamos de modo algum, ainda que muito longe da capital do bom gosto, como geralmente se costuma appellidar a Lorette do Sena, fugir ao seu dominio seductor, ao contacto da sua varinha magica, que se estende por todo o universo.

Por falta d'espaco não podemos dar hoje uma chronica completa de modas, para acompanhar o primeiro figurino, com que brindamos os nossos assignantes, o que faremos com mais vagar, em qualquer numero proximo. Hoje ape-

nas explicaremos brevemente a estampa para melhor intelligencia das nossas leitoras.

Essa galante mulher que vêdes com umas luvas côr de canario, e pondo os olhos de leve, sobre as graciosas linhas d'um livro de J. Janin é o retracto d'uma formosissima parisiense que passeia nos bosques de Bolonha. Se a quizerdes egualar no aprimorado traje, pois que nas maneiras affaveis e elegancia de feições não achaes reflexo vivo, fóra d'este terrãozinho, chamado Portugal, não tendes mais que collocar sobre a vossa cabeça um chapéu de velludo *épinglé* com *passé* liso. O fundo d'este chapéu compõe-se d'um quadrado em pregas. Dois enfeites de *Inglaterra* cahem nos lados d'este quadrado em pregas, sendo fixados debaixo de duas *coques* de fita *épinglé*, muito chatas, por um grande alfinete de ouro e crystal da fórma de um pequeno punhal. Duas charpas de tulle sahem dos lados e cahem fluctuantes. Na parte interna da *passé* ha um *bandeau* de velludo *épinglé* com *coquestendo* ao centro uma estrella de crystal e ouro.

As fitas de atar, de seda.

Vestido de seda ornado de viezes de seda branca com entremeios de rendas pretas.

Corpo-afogado, formando adiante *casaca á franceza*, com colete de *moire* branco.

Um viez de seda branca coberto de renda preta muito leve é collocado sobre o corpo de maneira que desenhe a *casaca á franceza*; o quarto de diante é de *moire* branco para simular o colete. Este viez vae seguindo até ao lado detraz e contorna duas peças quadradas formando *basques* soltas. Uma terceira *basque*, em ponta na

parte superior e redonda em baixo, é collocada entre as duas quadradas.

A manga e os hombros são ornados da mesma fórma.

A saia, liza, termina por um grande volante, de 45 a 50 centímetros, disposto de maneira que fórme grandes pregas largas, de distancia a distancia, sobre as quaes se estendem tres patas de seda branca cobertas d'entremeios e terminadas por um franzido de renda preta.

Um aviez coberto e contornado de renda excede em altura este volante.

COSTUME PARA MENINAS.—*Tocquet* de velludo preto guarnecido de fitas e plumas.

Vestido de velludo, ornado de velludo preto.

Corpo meio decotado em quadrado. Mangas direitas.

Saia em pregas lizas e largas.

Enfeites de velludo preto cosidos sobre o corpo desenhiam uma vestia.

Os punhos das mangas são guarnecidos de velludo preto com um botão em cada ponta.

Um enfeite de velludo preto desce desde a cintura até á extremidade da saia rodeiando-a depois: sobre este enfeite de velludo da extremidade da saia, ha outros tambem de velludo sobrepujados por um botão.

Almilla de *mousseline* com uma pequena guarnição bordada em torno do pescoço.

O trajar masculino, sujeito a menores modificações nem merece descripção, porque além de julgarmos que muitos de nossos leitores se hão enfadar com o boletim de modas, para aquelles, que se conformam com as regras da pura elegancia, a estampa será sufficiente.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

A redacção d'este jornal pede aos seus dignissimos assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietario do jor-

nal Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa, n.º 63—Porto, a quem deve ser dirigida toda e qualquer correspondencia.

PREÇOS

Para o Porto, por anno 1\$200 reis, semestre 600, trimestre 300, mez 120 reis — Para a provincia accresce o importe das estampilhas.—Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, na Livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16—e no Largo de S. Domingos n.º 30.

CARTA

Ao Illm.º snr. Alberto Pimentel

Muito bem snr. Pimentel: está decedido que podemos escrever, que estamos em paz com os litteratos e quando algum ouse atacar-nos que temos duas potencias alliadas e amigas em nosso favor para auxiliar-nos, pois que ambas teem no arsenal da sua imaginação recursos bastantes para defender-nos; são ellas os illustrissimos snrs. Viterbo e Pimentel, mancebos intelligentes e muito instruidos.

Diz-me o snr. Pimentel que tem dezeseis

annos! Uma criança na idade; porém, muito velho no juizo, talento e estudos; ninguem aproveitará mais em tão verdes annos! A sua estrella presagia-lhe um futuro de gloria, oxalá que ella nunca seja eclipsada por nuvem tempestuosa!..

Fique V. S. na certeza que lhe serei sempre muito veneradora e obrigada,

Porto 26 d'abril
de 1863.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
senão quem quer bem,

Rifão.

(Continuado da pag. 101.)

XV

A POMBA ENTRE FILHARES

Maria Isabel ficou agitada. Passeou no quarto murmurando o nome de sua mãe, e derramando algumas lagrimas. Depois olhou por todo o quarto em busca de alguma imagem da Virgem ou de Christo; e não achando o que buscava, ajoelhou, voltada para a janella, ergueu os olhos e as mãos para o céu e rezou. Levantou-se mais animada. Assentou-se perto da janella, e estendeu a vista pelos campos, arvoredos, e casas que se lhe apresentavam n'um lindo panorama. A vista da natureza acabou de lhe tirar o susto que só o nome de Villar lhe causára. Esqueceu Amaral, e ficou pensando em seus paes, e depois em Francisco e Maximino, que na vespera a tinham encontrado desmaiada. Os primeiros pensamentos fizeram-n'a chorar, os se-

gundos secearam-lhe as lagrimas e inubreceram-lhe as faces. Francisco lhe dissera, que Maximino a amava. Seria isto verdade? O coração dizia-lhe que sim. E comtudo não devia tornar a vel-o. Começaram-se-lhe de novo a humedecer os olhos, quando ouviu ruido. Enchugou á pressa a traçoira lagrima, que lhe assomára ás palpebras, como se receiasse que ella tivesse o cunho de lagrima de ternura e saudade amorosa.

A porta abriu-se. Ermelinda entrou. A donzella ergueu-se e foi ao encontro da sua hospedeira; cumprimentou-a, e agradeceu-lhe os cuidados e delicadeza com que a tratava, acrescentando, que desejava ser tratada mais conforme ás suas circumstancias.

—O' minha linda menina, replicou a viuva,

tudo o que eu tenho lhe pertencerá... Não estou resolvida a tornar a casar, e quero adoptar por filha a sobrinha de meu defunto marido. Tenha pois a complacencia de contentar-se com o tratamento que posso e quero dar-lhe. Mas a minha querida filha que me queria? Falle sem receio. Ainda que eu sou muito nova para poder ser sua mãe, esqueça a minha idade, e falle-me como se fosse minha filha.

Se a donzella não estivesse tão triste, sorriria. Ermelinda, apesar dos arrebiques, mostrava mais idade, do que a mãe de Maria Isabel.

A menina titubiava. Envergonhava-se de fallar do offerecimento de Amaral. Ermelinda instou com ella para que lhe abrisse sua alma.

Maria Isabel a final contou succintamente o que lhe succedêra, occultando só o nome de quem lhe offerecêra casa em Villar, e de quem a avisára que desconfiasse d'esta generosidade.

—Minha filha, disse Ermelinda, para eu lhe servir de mãe, é preciso que saiba quem era esse homem que lhe fazia offerecimentos, para poder conjecturar se seriam offerecimentos sinceros ou cavillosos.

A filha de D. Maria Carlota, disse, constrangida, o nome de Amaral.

—Ah, minha filha! exclamou Ermelinda, Amaral é um homem virtuoso e liberal. Acredito a minha palavra; elle só queria protegê-la. Se soubesse as boas obras que aquelle santo faz!... Está cá, e está no paraíso. Elle faz-me a honra de ser meu amigo; e quando vem passear para estes lados tem a bondade de me vir visitar.

—Minha senhora, quando elle vier, ha-de permittir que eu me recolha ao quarto. Não quero ver gente, e particularmente desejo evitar o encontro do sr. Amaral. Estou agora persuadida que as suas intenções eram puras; mas sentiria pejo ao vê-lo, por ter tido idéas tão aviltantes para elle e para mim.

—Ora, minha filha, quem sabe que teve essas idéas? Apareça-lhe e mostre-lhe boa cara. Deve essa reparação ao homem generoso e honrado, que tem a alma innocente como a d'uma criança.

—Mas elle deve estar offendido pela maneira com que me portei. Aceitei o seu offere-

cimento e fui para outra casa sem lhe dar a minima desculpa.

—Não conhece aquelle fidalgo! Tem uma bondade a toda a prova. Fallou-me de v. exc.^a uma vez, lamentando a sua desgraça, e não disse nada do offerecimento que lhe fizera, nem da recusa que teve o offerecimento. Carpia o seu infortunio como carpiria a desgraça d'uma filha querida.

Durou ainda algum tempo este dialogo. Quando se separaram, Maria Isabel pediu á sua hospedeira tinta e papel para escrever a Carolina e a seu filho.

Miquelina trouxe logo os aprestes para escrever, e disse, pousando tudo n'uma mesinha:

—Isto não é muito proprio para fidalgas. A senhora D. Ermelinda gosta pouco de pôr preto em branco, mas ha-de arranjar tinteiro mais aceado. Gosta de tudo bom. Quando v. exc.^a tiver escripto, fará favor de tocar, para eu levar d'aqui estas porcarias, e para mandar a carta pelo nosso paquete, que vai logo á cidade.

Emquanto Maria Isabel escrevia aos seus bemfeitores, escrevia Ermelinda a seguinte carta:

—«Amaral, não venhas cá hoje. Tem-me custado mel d'odres a reter a pomba no pombal. Esta tua rapaziada dá-me que fazer. Aquella, a quem não queres que chame minha parenta, fugiria se eu lhe não chamasse filha, e a não aconselhasse como mãe, ainda que não tenho idade para ter filhas tão taludas. Ella percebeu que estava em Villar, e assustou-se por causa da tua offerta. Creio que foi o marujo de má morte que lhe disse mal deti. Eu tenho-lhe dito muito bem, e ella está já sem suspeitas a teu respeito; mas sabe que és casado e isso é o diabol. Quando cá vieres mostra-te muito triste e dize que tua mulher está sem esperanças de vida. A rapariga parece-me que é d'aquellas que quer casar seja com o diabo. Está escrevendo ao marujo e á mãe. Não te assustes. Eu é que hei-de receber as cartas, e que responderei em lugar da mãe do marujo. Adeus. Manda-me dinheiro, e nada de imprudencias. Não espantes a caça como costumamos muitas vezes. Estás tão tolo e tão rapaz co-

mo quando me dizias:—Minha Ermelinda, meu amor, morro por ti!—Tratante!.. Agora morres por outra!.. O que me consola é que não tardará o dia em que tu a trates como agora me tratas. Não receies nada; servir-te-hei como sempre. Manda dinheiro, já que hoje cá não

vens: só se quizeres vir ás horas d'hontem. Repito-te o que hontem te disse á saida, corres risco de te apaixonares, como te apaixonaste por mim, a tua primeira victima—*Ermelinda.*»

(Continua.)

MEMORIAS D'UM BEIJO

[ROMANCE ORIGINAL DE F. M. DE SOUSA VITERBO]

Vinte e cinco annos entredouravam a primavera de seus dias. Vinte e cinco fructos a penderem-lhe da arvore da vida, vinte e cinco estrophes a murmurarem-lhe no coração o poema da sua mocidade!

Chamava-se Emilio. Tinha o cabello quasi tão ruivo como o primeiro homem. Era uma figura mais que tudo sympathica. Ria-se poucas vezes e com melancholia não affectada. Caminhava sereno e com a cabeça algum tanto pendida sobre o coração. Porisso tudo o que dizia era verdadeiro. Nunca lhe foi necessario mentir. Jámais corava quando á flôr dos labios assomava um pouco da candura, que lhe trasbordava na alma. Risonho punha a vista no futuro, mas sentia-se enlanguecer, quando volvia os olhos para o passado. E' porque tinha a soletrar no horizonte dos dias findos um epithaphio, e esse epithaphio era o de sua mãe.

O seu viver era na aldeia. A cidade com pouca influencia o dominava. No labyrintho das selvas perdia-se mais á vontade o seu olhar ineauto e cheio de timidez. Quando o vento açoutava os pinheirae, quando a rajada destelhava as cabanas, quando as torrentes desciam caudalosas do cimo das montanhas, assentava-se ao pé da janella e presenceava solitario aquelle magnifico espectaculo, soltando, de vez em quando, monossyllabos, cheios de arrebatamento e commoção, como um protesto digno á descrença do mundo, que, em nada, vê Deus.

Mal a primavera se dava a conhecer no primeiro gorgear de passaro na deveza, que lhe assombreava o quarto, eil-o que se tornava pere-

grino todo o dia, andando colhendo, pela margem dos regatos, mimosas flôres, que, parte desfolhava no atrio da capella, parte no tumulto de sua mãe.

Duas trepadeiras, uma de flôr branca, outra de cachos roixos, se apegavam ao muro, e acostando-se ás janellas do seu quarto lhe formavam exteriores cortinas de verdura. Na beira do telhado algumas andorinhas entreteciam seu ninho, de modo que o primeiro bater d'azas n'aquelles thalamos d'amor, ao erguer da alvorada, lhe servia de relogio natural, para o fazer acordar.

Lia de continuo no livro da natureza. Ao ajuntar os caracteres brilhantes, dispersos no firmamento, creava novas amenidades á poesia mais intima de seu coração. Depois d'este, as paginas, que mais lhe roubavam o zelo do entendimento eram as da Biblia, que sua mãe lhe tinha ensinado a soletrar. Raras vezes, antes de pouzar a cabeça no travesseiro, deixava de ler algum trecho, e todo se deliciava, quando os singelos canticos de Salomão lhe vazavam na alma os suaves devaneios d'um amôr cheio de castidade, e o episodio de Ruth lhe principiava a encher um vacuo, que sentia aberto no seu peito.

Era triste de per si. A melancholia era a parte mais essencial do seu coração. Quem o visse em certas occasiões havia de o julgar anjo em busca d'um ceu, ou poeta, scismando na harmonia das strophes. Scismava, coitado, sem revelar jámais o resultado do seu caprichoso delineamento. Parece que as estrellas lhe tinham confiado um segredo, ou proposto um enigma, que sem cessar procurava, com suas forças re-

solver. Não reclinava a cabeça em seio de pessoa alguma, e por isso, extranhos pensamentos não podiam desenredar o intricado labyrintho das suas cogitações.

Quasi nunca fallava com mulheres, e quasi todas por isso o consideravam egoista do coração. Uma só julgava descobrir em seus olhos um reflexo de sympathia para com ella, e incendiada n'um amôr, que nenhum momento tinha dado ensejo a expandir-se, lhe andava sempre interrompendo os murmurios sem echo da sua soledade, para vêr se assim o poderia attrahir docemente aos abysmos florentes da paixão. Elle, porém, involuntariamente, evitava todo o encontro, e nunca o halito perfumado e abrasador d'um se confundiu com o halito puro do outro.

Uma noite voltava para casa, e, sem o saber, caminhava atraz de si essa mulher, que o adorava ás escondidas. Antes de entrar a porta, encostou-se á ombreira, e por algum tempo contemplou a lua, que nunca se tinha mostrado mais radiante. Em seguida apanhou um bocadinho de pau negro, que estava no chão, e com elle se pôz, n'um retalho da parede, a riscar linhas, que immediatamente contorneava. Depressa acabou o seu desenho, e logo depois entrou em casa. E a mulher, de quem a brisa muitas vezes lhe trazia um osculo, sahindo de traz da arvore, onde se tinha acolhido, para lhe espreitar todos os

movimentos, acercou-se da parede, ávida, curiosa, julgando ir dar com os olhos no seu retrato, mas, cheia de admiração, viu, desanimada, e que?.. uma singela paisagem, um pequeno val, uma arvore apenas, e junto d'ella um homem com a cabeça pendida sobre a palma da mão. Era elle sem duvida, que se tinha retratado a si proprio triste e pensativo, jámais alvoraçado com o amor.

Uma só cousa podia dominar aquella apparente ou verdadeira tristeza, era a caça. Singular remedio, na verdade; e mais singular ainda, porque só n'um dia determinado e sempre fixo lhe aprazia aquelle divertimento. Mal despontava a estrella d'alva, mesmo antes da pomba ter arrulhado, erguia-se com pressa, e com a arma ao hombro, seguido d'uma pequena matilha, se internava pelos bosques, ladeava os valles, trepava as collinas, atravessava os ribeiros, e só noite começada se recolhia a casa, sem muitas vezes ter disparado um tiro, mas satisfeito como se houvera cumprido um preceito de consciencia. Foi n'uma d'estas suas excursões ou divagações, que lhe succedeu a seguinte aventura, que vamos fielmente copiar das suas memorias intimas, que o vento do acaso nos fez chegar ás mãos.

(Continua.)

A OPERA EURICO

(Continuado da pag. 92.)

Vou-lhes dar mais alguns fragmentos das mimosas poesias de Pedro de Lima. Apresentarei, em primeiro lugar, uma excellente amostra do descriptivo, genero em que elle é felicissimo.

Boóz adormecera e a seus pés deitada
A pudica viuva, espera que a alvorada,
O facho do Senhor, o venha despertar.
E Ruth, a moabita, entretida a pensar,
Fita os olhos nos ceus recamados d'estrellas
E pensa em quem deixou espigas amarellas
Esquecidas no campo enorme que ella vê.

O assumpto biblico que escolhera n'esta sua apreciavel composição, serve de provar, mais uma vez, que a alma de Pedro de Lima não está ainda repassada pelo gelo d'um septicismo byroniano.

Pedro de Lima, além das suas maravilhosas creações, tem versões excellentes das poesias de Byron. Saborem, d'antemão, algumas bellezas da opera em que trabalha. São fragmentos do Eurico.

PRIMEIRO ACTO, SCENA PRIMEIRA (CÓRO)

Infeliz de quem divaga
Exilado, sobre a terra,

Que só tem o pó e a guerra
P'ra descanso, como a vaga.

Infeliz que sente a vida
Em continua, enorme lucta,
E só tem acre cicuta,
Para o suavisar na lida!

SEGUNDO ACTO, SCENA PRIMEIRA [ORGIA]

A vida é isto;
Beber! Gozar!
No vinho ha um mixto
Que faz amar!

A taça é cheia
A trashedar;
E o gran d'areia
Esgota o mar!

Preghiera de Hermengarda no 3.º acto:

Anjo da minha guarda,
Estende as azas candidas!
Minh'alma, anciada, aguarda,
O vosso auxilio, ó ceus!
A's flôr's, no inverno, languidas,
Daes o calor da aurora,
A mim tambem, nest' hora
Dae-me vigor, meu Deus!...

Os versos de Pedro de Lima são perfeitos. Senão, vejam que acharão nas suas poesias uma boa metrificação. Não vem ellas impreguenadas de hyatos, versos frouxos, monóphoros, duros e de monosyllabos continuados, que tanto prejudicam a harmonia. Sabe revestir a idéa com as fórmulas que a arte recommenda. Tem tentado todos os metros e tem sido feliz nas tentativas. Brevemente, vae apparecer no mundo litterario o seu volume de poesias sob o titulo de — Ocasos. — Avalie, então, o publico o talento do auctor. Eu arreccio-me de fallar francamente porque podem tomar á conta de lisonja o que é pura verdade.

Os alexandrinos, os d'arte maior ou de onze sillabas, os heroicos, os de nove e setisyllabos são-lhe metros familiares.

O de oito syllabas, importado da França e

que tão pouco conhecido é entre nós, tem tambem sido usado com felicidade, por elle. Cito, ao acaso, uma estrophe d'uma poesia sua, em que os alexandrinos são entremeados dos de oito syllabas.

A morte é sempre a morte, a vida uma scintella,
Chamma que ella abafou, quando ardente e vermelha

Mais um reflexo despediu.

Tudo fluctua e cae, semelhante á poeira
Que um selvagem corcel na impetuosa carreira
Co'as duras patas sacudiu.

Recommendo a Pedro de Lima que não desanime na tortuosa carreira, que sob tão bons auspicios enectára. As ursas do caminho transformam-se, mais tarde, em flôres. Os espinhos, que agora lhe fazem sangrar os pés, hão-de ser, no porvir, os diamantes da sua corôa. Digo-lhe, mais, que não tema estes Planches engravatados do seculo, porque ciosos da gloria alheia procuram sambenitar os talentos.

Recommendo-lhe que não espere recompensa do seu trabalho. Disse já o padre Antonio Vieira, que o melhor premio da virtude é a propria virtude. Eu invertendo, direi, que o melhor premio do talento é o proprio talento. Ouçam, é ainda o classico prégador, que falla—Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas d'aquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes estatua o senado; a Catão o mundo.»

Hoje, os monumentos dos authores... são as suas proprias obras. Brilha mais o nome de Camões, na primeira pagina dos Lusíadas, do que brilharia o seu busto, firmado n'um pedestal de marmore, que fosse admirado pelo mundo inteiro.

Hoje, em Portugal, não se galardoadam os grandes genios nem os grandes homens porque se não sabem avaliar uns nem admirar outros. Se já d'antes expirava Camões no leito d'um hospital e morria D. João de Castro, o visorei da India, sem ter com que comprar uma gallinha, agora, que o materialismo pende dos cachás da aristocracia, voltam-se as costas aos ta-

lentos e aspira-se, unicamente, a dez contos de reis de renda, cada anno, a um baronato ou a uma commenda... Se Camões vivesse hoje teria o galardão de ser commendador, o que equivale ao premio que teve... morrer n'um hospital. Quando o inverno da vida enregela o braço e a velhice mata o espirito, quando o escriptor não ganha para se alimentar, não descem as potencias do mundo a atirar-lhe ao regaço um punhado d'ouro. Oh! Materialismo! Demais, nem o deixam agonisar, socegradamente, nos paroxismos da morte, porque lhe perturba a somnolencia o rodar das carruagens da diplomacia. Se os governos conferissem uma pensão annual aos escriptores decrepitos e ás suas desgraçadas familias não teria Bingre de acceitar o producto d'um beneficio, que por caridade lhe fizeram no theatro de S. João, nem a viuva de Sebastião José Ribeiro de Sá de acceitar as esmolhas que a caridade e a vaidade publica lhe offerecem. Esmolas estas que são corpusculos, que se perdem no mar dos preciosos escriptos do litterato lisbonense. Não sei qual seja a causa, que motive o riso sarcastico com que o povo recebe os poetas. Elles é que devem amercear-se do povo—homem estúpido que passa com um sorriso nescio estampado nos labios. O povo é o homem gordo e argentario, que por ter os ma-

lares cobertos com um enorme bolbo de carne que corre parellhas com uma abobora e imita o bocio d'um Adamastor ou Poliphemo, se ri do poeta que desmaiara no profundo scismar das noites de insomnia.

Isto explica-se, explicando-se a ignorancia do povo.

Nós lembramos-nos, hoje, de João de Barros, por exemplo, porque elle nos deixou um livro que é uma memoria da gloria nacional. Quem não lendo a *ASIA* do *Livio Portuguez* não leu a historia do descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente?

Quem é que lendo a divina epopea de Camões se não lembra do grande genio d'aquelle homem, que sesentara nos escabellos da Universidade de Coimbra e militára nos plainos da Africa e da India?... O nome de Camões vò por todo o universo preso ás paginas do seu poema. Disse de Epaminondas, que accusando-o de não ter casado e de não deixar posteridade, respondera: Deixo uma filha, é a batalha de Leuctres. Se fizessem a mesma pergunta a Camões elle poderia responder: Deixo um filho, são os *Lusíadas*. Um livro, uma poesia, uma estrophe apenas, bastam a fazer a gloria do author.

(Continua).

A AMENIDADE DA PRIMAVERA

Como é amena e louçã a estação da primavera em que o chilrear das plumosas aves, logo ao alvorecer da manhã, indica um brilho, uma respiração continua!

E' n'esta suave quadra, n'esta quadra encantadora, que a natureza se desenvolve e sae do lethargo, em que o melancolico inverno a tinha mergulhado; é então que ella mostra quão grandes são as obras do creador. E' n'ella pois, que ha uma instancia meiga, uma palavra terna—para tudo; e até para as estrellas refulgentes do ceu, creou o Senhor novas estrellas e novos raios no fundo azulado-escuro dos oceanos.

Ainda mesmo para um espirito embriagado nos seus folguedos, ha um não sei que: que a phantasia lhe suggere, quando elle não deixa passar em silencio aquelles sonhos lisongeiros, que a

memoria lhe traz á lembrança; mas que são tão rapidos e passageiros como a setta que vò pelos ares!

E para as noites tenebrosas ha uns clarões que vibram nos astros, e que fazem reflectir seus raios de luz em todos os angulos do orbe; e o dédalo ainda o mais intrincado, tambem tem um fio, que prende a imaginação e a colloca na maior altura do seu horizonte: alli, como absorta se extasia contemplando as maravilhas da criação.

E mais ainda quando deixa apoz de si os torriões magestosos do rico, e vae deparar nas caudadas serranias com os singelos albergues do pobre, que lhe ficam fronteiros nas faldas d'aquelles declives, em que os raios do sol brilham com todo o seu esplendor, e a folhagem dos arbustos tretecida, lança de si um refulgir prateado, que

vae reverberar ao longe, e com tão viva luz, que ao viandante não é permittido fixar alli por muito tempo a vista; porque seus olhos ficam como deslumbrados, e seus sentidos em extasis á força sobre natural que o arrebatá, que o enfeitá.

N'essas limpidas manhãs da primavera, o sol parece surgir engrinaldado, quando começa a patentear seu brilho, nos primeiros raios do horizonte. E se vae expandindo sobre o cume das mais elevadas encostas, onde parece estar alli retratada toda a natureza, e chegando ao meio de sua carreira, faz penetrar seus flammejantes raios nos mais pequeninos valles, que ainda pou-

co antes estavam encobertos á sombra d'aquelles pendonores. As mesmas crystallinas aguas que vão serpenteando por entre as verdejantes relvas dos prados, deixam ver seus prateados seios, quando poucos instantes havia ainda, que se assemelhavam a um veu negro; e os impenetraveis antros dos covis das fêras que encerravam dentro em si uma escuridão profunda, são agora como que allumiados por uma luz baça, que desvanece essas trevas; finalmente, apoz d'uma noite escura, que já lá vae, surge um elemento brilhante, que poz toda a natureza florescente, toda bella e recreadora.

(Continua).

E. A. FABLÃO.

CHRONICA

Está provado que os revisores são os assassinos dos authores. O peor não é morrer o author... é matarem-lhe a reputação... A reputação é tudo! Um author festejado pela imprensa pôde entrar, de chapéu na cabeça, em casa do editor, porque tem d'antemão a certeza de que vende a obra. O editor compra, immediatamente, não a obra, [porque muitas vezes nem inquire do seu merecimento] mas sim, o laureado nome do author. Um *litterato* que está no anno do noviciado e que, por acaso, se pôde chamar.. Alberto, entra em casa do editor, tira o chapéu humildemente e pergunta-lhe se quer comprar a obra, como um boleão agalado pergunta ao patrão, que é visconde, para onde hade guiar a carroagem. A pergunta proverbial do editor é esta:

—O snr. como se chama?

—Alberto... criado de V. S...

—Oh! então nunca publicou nada e vem-me assim offerêcer um volume de poesias... como se fôra um poeta!..

—Sou sim senhor. Pelo menos a minha familia tem a honra de me conferir tal titulo...

—Pois não deixe a sua reputação em casa, traga-a para a rua, faça conhecimento com os *grandes litteratos*, peça a um que lhe escreva uma introdução ao livro e recomende a outro um folhetim que falle da obra... e do senhor com excessivos louvores. E por ultimo mande para a imprensa um annuncio em que se diga que o seu livro está á venda em casa do editor fulano.. que devo ser eu...

—E isso para que?

—Para que? E' que se vier cá muita gente... então está editado o livro.,,

Como isto é torpe e ridiculo! Os editores perdem os authores e os authores o tempo e papel, que gastaram nas suas lucubrações. E se a aura publica começa a enfumar os colleirinhos ao pobre litterato, lá vem um dia nebuloso em que o descuidado revisor, alterando o original, deixa passar mil erros orthographicos com que o author,.. com que o nome do author tem de sobrecarregar... Foi... foi o que me aconteceu... E todo este aranzel teve por unico fim... dispensar uma errata... Queria eu dizer... que na chronica do numero antecedente, columna 4.^a, linhas 39 onde se lê *sobre* deve lê-se *sob*.

Quem principiasse a lêr esta chronica devia de pensar que eu concluia por metter n'uma policia correccional revisores e editores. Pois enganou-se, quem assim pensou. Eu quiz parodiar a fabula do—*Mons parturiens*—Está tudo dito.

Ai! meu poetico mez de maio eis que tu surges!

Appareces com o teu galhardo e roçagante traje, reclinando-te, como sybarita, n'um diwan de flôres, no meio do teu camarim de verdura...

Querem uns que maio derive de Maia, mãe de Mercurio, ou segundo Macrobio *á Majoribus*, assim como Junho *á Junone* ou *á Junioribus*. Para explicarem esta etymologia dizem que Romulo dividira o povo em duas partes, os maiores [*Majores*] para o conselho e os menores [*Juvenes*] para a guerra. Aos primeiros consagrara o mez de maio aos segundos o de junho. Por esta rasão dissera Ovidio:

Hinc sua majores tribuere vocabula Maio,

Junius a juvenum nomine dletus adest.

Em Portugal e nomeadamente em Hespanha costuma o povo no primeiro dia do mez ornar a fachada das suas casas com as flôres d'um arbusto a que chamam *Maia*. Os gregos costumavam juncar de flôres as suas portas e os romanos passavam os primeiros dias do mez em jogos consagrados a *Flora*. O snr. Castilho, o poeta da natureza, escrevera tambem, sobre este mez, um idillio—*A festa de maio*—recitado entre seus amigos na Lapa dos Esteios, em 1822.

Todos podem fallar de maio menos o desgraçado chronista, por que o estão chamando as novidades da semana. Debutaram na segunda-feira, como tinha annunciado, as meninas *Clauss*. Não são na verdade mentidos os encomios com que o jornalismo de Lisboa as festejára. Jenny foi admiravel no *Carnaval de Veneza* como *Fanny* na *Tarantelle*. A concorrência foi regular. Parece-me que já podemos ir cantando o epicedio á companhia lyrica. Segundo um annuncio do empresario *Paccini* não tardará a partir. Hade-nos sempre lembrar a companhia lyrica de 1865 porque n'ella cantára a inexcedivel *Borghi-Mamo*. A respeito d'esta admiravel cantora lembra-me dizer-lhes, que está representando em Valencia, na Hespanha, onde cantára a *Sapho* no dia 22. Já que estou fallando de theatro aproveito o ensejo de dizer que a celebre tragica *Ristori* voltára á França e ahi representará no *Vaudeville*. Diziam os cartazes no domingo passado, que n'aquella noite se daria no Circo a *ultima e definitiva* função da companhia dos acrobatas voadores. Não foi assim, porque na quarta feira o snr. *Platune* dera ainda um espectáculo em beneficio do *Asylo de Mendicidade*. *Phylantropia!* Assignam-se, em Braga, prospectos para a publicação de dois novos jornaes intitulados o *Noticiarista* e *Ecco da Religião*. A julgar pelos titulos será, em Braga, mais facil a publicação do segundo do que a do primeiro. Veremos... O eximio actor *João Anastacio Rosa* vae dar o seu beneficio, no theatro de *D. Maria II*, levando á scena *Os hypocritas* e a poesia *Novas conquistas*. *Rosa* ganhará, n'esta noite, mais uma flôr para engastar na sua corôa de primeiro actor dramatico do theatro portuguez. O chronista que o anno passado o ouvira em tantos dramas no thea-

tro de *S. João*, que lhe ouvira recitar o *Firmamento* de *Soares de Passos* não pôde calar a sua voz e deixar de prestar homenagem ao portentoso genio do distincto actor.

Ai! Horror! As novidades da semana dizem-me no tom imperativo d'um *Minos*—Tu, *Dedalo* da chronica, não mais poderás sahir d'este immenso labyrintho dos acontecimentos de seis dias. Se procurares, alguma vez, elevar-te nas azas de cera de enfadonhas divagações... terás a morte do desgraçado *Icaro*...

Eu vejo-me preso, como *Prometheu*, a este enorme *Caucaso* de factos diversos, que me estão pedindo chronica e que eu admiro com o mesmo receio e susto, com que vi os *spectros* do *Velle* e as bruxas do *Macbeth*... E não posso fugir d'aqui! Qualquer dia não apparece chronica na *ESPERANÇA*... por não haverem acontecimentos notaveis durante a semana. Segundo me parece, não hade succeder tal... em quanto houverem eleições. A' falta d'outra estrategia... transfigura-se a chronica em proclamação eleitoral e fazem-se dos entregadores galopins.

Ao cofre da redacção chama-se a urna e disse aos eleitores—Meus amigos, a *ESPERANÇA* é o candidato, ella precisa dos vossos suffragios... pecuniarios. Em paga do voto, que, espontaneamente, lhe derdes, não tercis um logar de amanuense n'uma secretaria, mas sim um recibo... que vos dará o entregador.

Depois de cumprirem este dever politico que a lei exige, podem os leitores ir passar o verão a *Sitiaes*, a *Collares*, a *Pizões*, á *Pena*, a *Cintra*, por exemplo. Em seguida chega o outomno, então podem vir á exposição do *Porto* e aos banhos do mar a *Lessa*, á *Foz*, a *Espinho*.

Vel-os-hei, novos titans, saracoteando na agua, segredando palayras amorosas aos ouvidos das enamoradas nereidas, que encobrem as delicadas formas com o despoetico vestido de bacta. Por enquanto está o *Porto* um estúpido admiravel!..

Tem, apenas, por distracção duas notas da prima-donna *Chiaromonte* e cinco degolados actos da *Degolação dos Innocentes*. O leitor passa as tardes ou na *Aguia* ou no *Portuense* fumando um charuto hespanhol e deliciando o paladar com uma garrafa de *Champagne* ou do *Rheno*. Eu, por fatilidade d'estrella, tenho por divertimento... esmerilhar novidades. ALBERTO PIMENTEL,

BORBOLETAS

São d'ouro e neve, as tuas azas,
E tu aqucel-as ao sol?!
Não pôde o fogo em que as abrazas
Do pó fundil-as, no crisol?

«Não: quando o orvalho innunda as folhas,
«Vou n'elle o corpo mergulhar;

«Mais tarde, em cristallinas bolhas,
«O atiro á luz, para a pagar.

Porém o sol, pobre vaidosa,
Corre abrazado, atraz de ti...

«E então eu vôo e digo á rosa:

«Abre o teu sciol e,... fujo, alli.

PEDRO AUGUSTO DE LIMA.

MEMORIAS D'UM BEIJO

[ROMANCE ORIGINAL DE F. M. DE SOUSA VITERBO]

(Continuado da pag. 124.)

Não sei que mysterio actua sobre mim. Parece que os meus desejos e caprichos são determinados por um relogio. Penso, repetidas vezes, que a fatalidade é o meu unico motôr. Porque será que a minha existencia depende d'um quasi nada, e sem esse nada mal posso viver? Mysterios que eu tento decifrar em vão, mas que me levam n'uma serie ininterrompida de cogitações a pensar que o homem jámais poderá avaliar a humanidade pelo conhecimento unico dos factos da sua consciencia.

Houve uma occasião, em que tentei resistir ao fado obscuro, que sobre mim peza, mas não pude de modo algum, subtrahir-me ao seu rigorismo fatal. Aconteceu assim. Era no dia, em que impreterivelmente dava os meus passeios de caça, e buscando um pretexto na pouca limpidez da atmospheria, tomei a resolução de ficar em casa. Ainda não tinha, porém, chegado a hora da minha emancipação. O destino pôde mais que a vontade. Parece que uma voz interior me dizia com todo o imperio—*parte*. E eu não tinha forças para lhe volver *não*, e parti resignado.

O dia respirava frescuras, apesar de ser no verão, porque o sol estava inteiramente escurecido por nuvens pardacentas. As flôres das margens dos ribeiros tinham as corôlas pouco aber-

tas. A brisa nem por isso agitava muito os ramos dos salgueiros.

Debrucei-me um bocado na ponte que domina o rio, e puz-me a contemplar uma pequena cascata, que diminuta porção d'agua formava, saltando sobre um penedo pouco distante da margem esquerda. Sobre os flócos d'espuma tremia uma petala de rosa, ora mergulhando-se na concavidade, que abria a agua cahindo, ora elevando-se no redemoinho, mas sem poder ir além. Assim a nossa vida!., descer e subir, mas ficando sempre no mesmo logar, por mais voltas que dê, por mais alto, que se ergua, por mais fundo, que desça!

Fui caminhando ao acaso e pensativo. Ia sempre, comtudo, para onde me levavam mais harmonias de côros volateis. A cada passo demorava-me para escutar a canção nova d'um passaro, que eu já conhecia, ou o trinado mavioso d'uma ave, que nunca tinha visto.

O passatempo não podia ser mais interessante, porque me obrigava a meditar, e todas as meditações, que encetava, recahiam na fonte pura de todos os nossos conhecimentos, isto é, em Deus.

Havia ao lado do caminho, que ia pizando, um pequeno banco de pedra, quasi todo occulto

pelo musgo que o cobria, e pela hera, que lhe trepava pelas fendas. Sobre elle descansava um lindo ramo de violetas e amôres perfectos, que pareciam inda ha pouco colhidos, tanto era o viço, que ostentava o fresco velludo das petalas, e o arôma suave, que exalavam os cálices. Perto d'elle jaziam outros ramos já murchos, uns extinctos de ha pouco, outros mirrados de ha muito. Pelo chão estendiam-se despojos arruinados, pallidas e desfiguradas corollas de flôres d'outros ramos, que o vento tinha desatado e posto em desalinho.

Peguei n'aquelle ramo e logo o deixei cahir involuntariamente, levado d'um impulso extranho, que me fez tremer a mão, depois de me ter feito aneiar o coração... Quem tinha depositado alli aquella offerenda? O acaso não. A natureza não anda ceifando capellas mimosas, para as vêr resequir no intervallo d'uma manhã. Alguma divindade receberia alli culto? Seria o poial o altar, onde se immolavam as victimas? Seriam as victimas as flôres? Seria o Outomno, seria o Inverno, que insinuasse alguma sacerdotisa fanatica de seu culto, para lhe derribar aos pés as galas de suas rivaes? Ai! não... o Outomno tem o seu vento frio, o inverno tem o seu manto de gelo, com que derrubam as pompas do Estio, e retardam as graças melindrosas da Primavera!

Se fôra um só ramo, nada mais facil o imaginar que uma rapariga formosa, madrugadora, amiga dos matutinos crepusculos, o tivesse andado a colher, e alli, por descuido, por esquecimento o deixasse ficar. Mas tantos, uns mais secos que os outros, davam indicio de que, todos os dias, mão cuidadosa alli os vinha depôr. O que não podia acreditar é que aquillo fosse um capricho infantil, um mero brincar de creanças, que nunca são assiduas, que mudam sempre d'inclinação, como as borboletas de pouso.

Aquelle ramo era destinado a alguem. Seria culpa o apoderar-me d'elle? Não, porque se elle tinha um destino, não o advinhara ainda a pessoa, a quem mysteriosamente era offerecido. O seu fim por emquanto, como o dos outros, cifrava-se em morrer gelado ao sopro da viração. Desfalleça ao menos sobre minha alma, disse eu,

pegando outravez no ramo e mettendo-o no peito!

Mal tinha, porém, acobertado nas pregas da camisa as pobres flôres, quando senti passar diante de mim, a curtissima distancia, uma sombra ligeira, rapida, veloz. Era um magnifico veado, esbelto e de talho gigantesco, que a matilha foi accordar no seio da flôresta, e perseguia agora com toda a furia. Fiz pontaria com a ligeireza possivel, mas não o pude alcançar. Ao ouvir o estrondo do tiro, o animal deteve-se e voltou a cabeça, como a dizer que não receiava o ataque. Os cães já iam perto d'elle e não se movia. Tive pena de não montar então um cavallo que o havia de perseguir, por mais distante que fosse. Ainda assim, excitado pelo latido dos cães resolvi-me ir no seu incalço, até onde as pernas me podessem levar. E, cousa para admiração, senti em mim nova força, porque nunca correndo o mais possivel, tinha mostrado nem metade de tanta velocidade. Mas se as minhas pernas se tinham desenvolvido d'uma maneira prodigiosa, o animal dobrava de ligeireza, á medida que eu procurava adiantar-me. E, não sei porque, augmentava em mim o desejo de o prostrar a meus pés. As selvas não o impediam; ás vezes, nos ramos mais flexiveis e extensos chegavam a enredarem-se-me os cabellos, e a sua bella armadura jamais se prendia na deveza mais fechada, nos ramos, que mais se enlaçavam á flôr da terra. Os ribeiros passava-os d'um salto, as elevações trepava-as como se voasse, as ladeiras, descias, como se fôra uma caudalosa torrente.

O espaço decorrido na perseguição d'elle, mal se podia medir. Sem querer, tinha sido arrastado para um sitio, que a memoria não accusava ter visitado, algum dia. Era uma vasta campina limitada de pinheiraes, onde o veado se foi introduzir.

Persistia em querer saber o rumo, que elle tomaria, quando á lembrança me vieram as lendas singulares do povo, as credices da gente rude, que nos espiritos ainda os mais elevados produzem um abalo, que mal se pôde evitar. Podia muito bem ser que Satanaz me quizesse tentar, e transformando as pontas negras em galhos elegantemente retorcidos, vestisse a forma do

veado, para me arrastar, apoz si, á perdição. Porisso resolvi-me a parar, e coberto pelo suor, e opprimido pela fadiga, recostei-me n'um tronco, imaginando com tristeza, se por ventura teria já, involuntariamente, urdido a teia do meu infortunio, ou ainda chegara a tempo de reter o fio da minha desgraça. Reconheceria tarde a il-

lusão? Já estaria á borda do abysmo? Teria o veado, isto é Satanaz, satisfeito os seus anhelos?.. Devaneios pueris, não ha duvida, que eu não tinha meios de poder vencer, e que tanto me concentraram as idéas, de modo que nada podia contemplar do mundo exterior.

(Continua).

PAULO E VIRGINIA

Que amor! Que santos enlevos
D'aquellas duas crianças!
Voam atraz das esperanças,
Como eu atraz de ti...
Que vida toda de rozas!
São sempre os dias risonhos
E venturosos os sonhos
Quando a innocencia sorri...

Do quintal pelas verdes ruas,
Fitando os olhos no espaço,
Unidos em estreito abraço,
Vão scismando em seu amor!..
«Não vês tu, que as horas passam
«Hoje, rapidas e breves
«E que as auras, frescas, leves
«Perfumam, beijam a flôr?..

«Não vês, como sae das balsas,
«Soltando canções suaves,
«Um immenso bando d'aves
«A voar?.. Tuas irmãs!..

«Ai! d'estes santos amores
«Eu só busco e quero a palma,
«Olha, tu és p'r'a minh'alma,
«O que o sol é p'r' as manhãs...

«E não sabes—lhe diz ella—
«A' noite, como fluctua
«N'um lago d'azul, a lua,
«Que n'agua se vai mirar?..
«Pois olha, que eu n'ella vejo,
«Por estas noites d'agosto,
«Esse teu pallido rosto,
«Por alta noite, a scismar.

Quem podêra gosar hoje
Enlevos, crenças, venturas,
P'ra adoçar as amarguras
Do calis, que heide beber...
Como a d'elles, nossa vida
Um livro d'amor define-a...
Se eu sou Paulo... e tu Verginea
Podemos ambos morrer...

ALBERTO PIMENTEL.

CHRONICA

Sempre ouvi dizer, que aos dias bonançosos da vida succedem as grandes tempestades. E é assim. A' sazão florida da nossa vida d'amor, em que a alma toda se desata em enlevos e esperanças, segue-se a idade grave e pesada do rheumatismo, em que o simonte se desenrola, pelas fossas nasaes a baixo, em stalactites nauseosas... A onda do tempo arrebatá á vida os dias felizes da mocidade e depois, sob um ceu tempestuoso, o pobre do corpo humano, já sem alma, vê-se immerso entre preparados dialyticos para calmarem as dôres rheumaticas e frascos de anti-hysterico, remedio preventivo, para atalhar de prompto ás flatulencias, se o desgraçado vivente é atreito a taes achaques.

A' felicidade conjugal da lua de mel succe-

de o tédio da mulher e o aborrecimento dos filhos que, n'um falsete horripilante, pedem ao desgraçado pae um cavallo de pau e uma barretina de papelão, para se divertirem. Ao paraíso terreal da remançosa vida do aristocrata provinciano, que adormece fumando um charuto hespanhol e sauda o sol, empunhando uma garrafa de cognac, segue-se uma tempestade de penhoras, que arroja cada dia um meirinho á porta do despenhado fidalgo... Assim, a esta monotonia admiravel em que o Porto, hoje, se deixa adormecer, seguir-se-ha, amanhã, o fermentar tumultuoso e o incessante labutar da exposição internacional. Chamo a isto uma tempestade, comparativamente com a calmaria de divertimentos e novidades em que estavamos.

O meu leitor, que tem sete filhos e seis criados, prevê a exposição internacional como uma tempestade, que lhe hade levar a alegria e a alma da sua bolça... Entretanto, compensa-lhe este mal o praser de dar um passeio pelo *Palacio de Crystal* de braço-dado com a cara espessa, contemplando ambos tantas maravilhas que os hão-de fascinar, que os hão-de prender, que os hão-de arrebatrar. Estas regalias attenuam todos os males, que a exposição nos trouxer. Parece que Deus deixára, sobre a terra, um consolo para cada angustia. Assim para o velho entorpecido de rheumatismo o *aprazível* entretenimento da bisca sueca; para o marido atediado e para o pae aborrido uma partida do voltarete, que o faz esquecer da mulher e dos filhos; para o empobrecido fidalgo uma quarentona argentaria, que lhe offerece a sua pessoa com... o contrapeço de cincoenta contos de reis... A nossa litteratura é que mais hade ganhar com esta exposição... Acabada ella não hão-de faltar estrangeirismos com que os *puristas* e os *amantes do classicismo* a enriquecer-hão... Se hoje, já não ha escripto que não seja ataviado de francezias viciosas que fará, então, depois? Lembremos-nos todos d'este aproveitavel conselho de Francisco Manuel:

Fallemos portuguez brando e sonoro.

Dizia Rodrigues Lobo, no seu tempo, que a nossa lingua andava remendada como capa de pedinte. Para que havemos nós, pois, de con-

tinuar a tão mal vestil-a de farraparias de extranhos que lhe não teem o amor de naturaes!!

Entretanto que a exposição durar transformar-se-ha o Porto n'uma Babel insupportavel!

E' um inglez, que exclama parado ante o Palacio de Crystal:

—*Behold the palace! Pretty! Pretty well!*

Um francez que brada entusiasticamente:

—*Merveilleux! Admirable!*

Um allemão que pergunta ao porteiro:

—*Mie gros hostet der mein billet?*

Um italiano que profere:

—*O' signor mio, che novità é questa?!*

Um hespanhol que balbucia:

—*Yo gusto mucho...mucho. Hermoso! Hermoso!*

Um brasileiro que diz:

—*Vou-me na exposição. Vou-me ver ella.*

Phrases estas que eu supponho que elles dirão e que sei... porque m'as ensinamos dicionarios.

E' verdade!.. O caminho de ferro e o Palacio de Crystal são as mais admiraveis innovações com que o Porto se tem ennobrecido ultimamente. Quando chegamos ao *gare* das Devezas e vemos partir a locomotiva, aquella immensa cadea de wagons, que foge aos nossos olhos, não nos faz lembrar um selvagem leão, que vae sacudindo a enorme juba e explorando, na impetuosa carreira, devezas e montados desde o Porto até Lisboa? O arfar da locomotiva não nos lembra o apressado respirar, e o fumo da machina não nos traz á memoria aquella nuvem de vapor d'agua, effeito da transpiração pulmonar, que sae da bocca do feroz animal e que elle lança na atmospherá?..

O espectador volta as costas e dá de rosto com o Palacio de Crystal na margem fronteira do rio. E' o templo das artes e do progresso.. E' o phantheon dos artistas. Todavia, acho-o eu uma construcção de pouca elegancia. Noto-lhe aquelle aspecto pesado das construcções britannicas o que não admira por ser um engenheiro inglez que traçara o desenho. Eu queria-lhe uma cupula, um ornamento architectonico qualquer que ornasse a frontaria e lhe desse um ar mais imponente. Esta minha opinião não val

nada porque sou incompetente na analyse. Contentemos-nos com o que temos... Mal diria um professor de instrucção primaria, que eu tive e que todas as noites divertia as familias da sua amisade cantando a balada do primeiro acto do *Regente*:

Della notte i rai lucenti

que em 1865 haveria Palacio de Crystal no Porto. As senhoras, então, diziam vamos ouvir o professor Madureira como hoje dizem vamos ao Palacio de Crystal. Tudo para rirem, tudo para folgarem, tudo para se divertirem! *Oh! tempora, oh! mores!*

Meninas Clauss! Meninas Clauss! Tão olvidadas tendes sido n'esta chronica! Vou fallar, tambem, de vós.

Haveis de ter um logar n'este quadro synoptico dos acontecimentos da semana. Em primeiro logar, fallarei do vosso concerto por uma dupla rasão. Porque, segundo a ordem chronologica dos factos, é elle a primeira novidade theatral a commentar. Porque, vós, garbosas allemãs, encantadoras filhas da patria de Mozart, de Weber e de Mayerber não poderieis ser esquecidas por ninguem mais.. Aquella noite de segunda-feira, noite em que Jenny nos embriagou a alma com as harmonias da *Filha do Regimento* e Fanny com o melodioso dueto do *Guilherme Tell*, foi por assim dizer, o annuncio que preveniu o *diletanti* de que teria uma semana cheia de divertimentos musicaes, uma semana completamente de musica. As meninas Clauss iam a sair do theatro de S. João e abalroaram na porta com *Mr. Legenisel*. Elle viu-lhes na mão uma rebeça em vez... d'um leque; ellas viram que o recruta francez sobraçava um violoncello em logar... de empunhar uma clavina. Ninguem faltou ao beneficio do violoncellista da *Opera comica* exceptuando... as modistas. Essas não tiveram a felicidade de lhe ouvir tocar a *Berceuse* e a *Souvenir de Spa* porque estavam costurando os vestidos com que as suas excellentissimas freguezas se haviam de apresentar no sarau da Philharmonica. E as pobres mulheres não desfitavam olhos da costura, para não incorrerem na falta d'um ponto imperfeito, porque um ponto val... a reputação d'uma modista...

—Ail—dizia uma — Eu não posso ir hoje ceiar ao *Rainha*, com o meu sympathico Augusto, por que estou acabando este vestido com que a minha fregueza attrairá, amanhã, o concurso dos galanteadores officiosos, que lhe hão-de conferir o fôro de *rainha da festa*. Não se admirem que fallasse assim. As modistas são uns entes que teem tanto de estupidos como de espirituosos. Citarei aqui uma anedocta a seu respeito. Havia um horrendo alfaiate que namorava uma formosa costureira. A antithese... estava só na cara. N'um dia de nevoeiro, em que as velhas esperavam o D. Sebastião, aborreceu-se a *lorette* do seu antigo namorado e... zás, voltou-se para outro... O despeitado encontrou-a um dia e disse-lhe:

—Olha, Mariquinhas, o que tu deves receber mais... são as bexigas...

—Pois olhe, não lhe quero ficar credora do conselho, vou-lhe dar outro. Do que você deve fugir, tambem, é de ver-se ao espelho e de... tirar o retrato...

Inda se conta outra.

Uma costureira de suspensorios, rapariga de dezoito annos, com um galante buço que lhe assombreava o labio superior, estava convidada para ir jantar, um domingo, com um brasileiro calvo seu conhecido. Tardára, segundo dizem e quando chegára, disse-lhe o brasileiro:

—Oh! vens tão tarde e com a barba por fazer!..

—E' verdade. Estou a deixal-a crescer.. para lhe mandar fazer um chinó...

Estas modistas a quem o janotismo francez chama *lorettes* são ás vezes felizes nos epigrammas e nos *calembourgs*.

Ha situações em que revelam a sua estupidez. Se vão á Foz com o idolatrado Adonis, em passeio domingueiro, antes querem ir merendar ao *hotel da Boa-Vista* do que dar um passeio ate Carreiros ou até á Cantareira. O mesmo acontece com a lisboeta. Se vae a Cintra alguma vez prefere ir comer a casa do *Victor* a sentar-se, na *Pena*, á sombra d'uma frondosa arvore. Vou-me calar... Estas interpolações destóam aqui. Perdoem-me a digressão. *Ridendo decere verum quid vetat?*.. Vamos ás novidades. Tenho a noticiar

duas importantes. A companhia do Baquet acabou de degolar a *Degolação dos Innocentes* e apresentou-se, no sabbado, com o drama *Culpa e perdão* e as comédias *Bertha em castigo* e *Posso fallar á snr.^a Queiroz?* No theatro de S. João ressuscitaram, no domingo á noite, as necromancias do prestidigitador Velle. Não foi o Velle que apresentou os *espectros* mas sim o snr. Tasso, que á ultima hora, resolveu fazer boa amisade com Satanaz. Não sei, mas creio que alguém que lá foi ia prevenido com nominas e amuletos, porque se dizia que n'aquella noite havia, no

Tartaro, sublevação de duendes... Eu é que nunca fui ver o Velle... sem levar *bentinhos*. De resto, continua a mesma monotonia. Quem gosta de passeiar, passeia, e quem gosta de lêr satisfaz o desejo na bibliotheca. Encontrei lá outro dia, um rapaz meu conhecido e perguntei-lhe:
—*Que lêes tu?*..
—*Deixa vêr...* disse elle, abrindo o livro na primeira pagina para ver o titulo.

ALBERTO PIMENTEL.

UMA SAUDADE

A' MINHA AMIGA A EXM.^a SNR.^a D. ANNA FELESVINA SALGADO

Amiga pedes-me um canto?
Só se fôr triste, saudoso,
Não póde cantar alegre
Quem é tão pouco ditoso!..

Lembras-te da nossa infancia?
Então sim, era feliz;
Durou pouco essa ventura!
A minha sorte assim quiz!..

Impios Fados de mãos dadas,
Contra mim se conspiraram
E em escura, horrida estancia
O meu martyrio idearam!..

Tinha então força e coragem
Meu coração juvenil
E buscava protecção
No meu astro em céo d'anil;

Elle sorriu-me algum tempo,
Inspirou-me confiança,
Depois deixou de luzir,
Fez banir do seio a esp'rança!

Decorre um anno, após outro,
Sempre o mesmo o meu tormento!
E se muda é p'ra meu mal,
Pois só muda com augmento!

Como passaste em angustias
Minha linda mocidade!
E' uma vida sem vida
A vida sem liberdade!..

Não podem este martyrio,
Ouro, grandezas findar,
Deus, só Deus póde na terra
O meu tormento acabar!..

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

QUEM E'S?

Quem és tu visão formosa
Candida filha dos ceus.
Que entre nuvens, graciosa

Vens doirar os sonhos meus?
Quando scismo e penso em ti
Tua imagem me sorri.

Sem ti não pode a minh'alma
 Conceber aspirações.
 Mas um teu sorriso acalma
 De meu peito as ambições!..
 E's essa luz scintillante
 Que eu procuro a todo o instante?!

Quem és tu? que vens fazer
 A meus sonhos de donzella?
 P'ra que sempre te hei-de ver
 No mar, na fulgida estrella;
 Nos prados, no ceu, na lua,
 Sempre, e em tudo a imagem tua!..

Se durmo, vejo-te em sonhos
 Do ceu á terra descer!
 E com teus olhos risonhos,

Onde lampeja o praser,
 A fitar-me, e sem fallar
 Ao throno de Deus voar!!

Quem és visão encantada
 Candida filha dos ceus?
 Acaso foste fadada
 A seguir os passos meus?
 Bem vinda sejas então
 Estrella, luz, ou visão,

Veiga, 6 de março de 1865.

D. EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUZA TELLES.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

Não dá quem tem,
 senão quem quer bem.

Rifão.

(Continuado da pag. 123.)

XVI

ALVITRE INTEMPESTIVO

No dia seguinte appareceu Amaral. Vinha visitar a snr.^a D. Ermelinda e mostrou-se muito admirado de ver Maria Isabel. Esta parecia perturbada, o que não desagradou ao cavalheiro, que lhe fallou com interesse e pezar. Os seus novos motivos de tristeza o commoviam, dizia elle, excessivamente; e accrescentou:

—Sei o que é perder alguem que se ama. E estou talvez em vespas de soffrer um d'esses golpes que nos deixam a alma amargurada por muito tempo.

A allusão á morte de D. Maria Carlota fez derramar lagrimas á filha infeliz. Amaral continuou, voltando-se para Ermelinda:

—Minha esposa, a sua boa amiga, está cada vez peor.

—Que pena! exclamou Ermelinda levando o lenço aos olhos. E accrescentou passado pouco:

—Mas v. exc.^a é novo e tem muitos merecimentos e muita riqueza, achará logo outra esposa que o console da perda que vai soffrer.

—Oh! nunca, nunca! A sua morte fará a minha desesperação!

E sahio, como se na verdade estivesse já desesperado.

—Se eu percebo!.. pensou a infame mulher. Se a pequena perde a esperanza de casar

com elle, de que serve a fabula da morte de sua mulher?

Amaral com ideas mais delicadas tinha calculado melhor.

Aquelle alvitre de achar a consolação em novo matrimonio, quando vivia ainda a esposa de Amaral, revoltára Maria Isabel.

Quando as duas ficaram sós, disse Ermelinda:

—E por fim de contas ha-de casar logo que fique viuvo. Precisa de quem o console e de quem tome conta na casa; e ha-de fazer feliz a sua nova esposa: tem uma alma e um coração como não ha outro.

A donzella retirou-se descontente. Foi fechar-se no seu quarto.

O grosseiro modo de pensar da sua parenta desgostava-a. Estava, pensava ella, morrendo uma sua amiga e achava muito rasoavel que o marido d'ella pensasse já em dar-lhe substituta! Queria desculpal-a e não podia.

—E' minha bemfeitora, pensava comsigo, mas não posso deixar de conhecer que tem idéas muito abjectas.

No entanto escrevia Ermelinda a Amaral:

—«Não posso saber o que a pequena pensa

de ti. Não disse nada depois que sahiste, e fechou-se no quarto. Creio que está pensando que póde tratar d'outro arranjo. Que diabo!.. Tu tens ás vezes encartadas!.. Em vez de te utilisares do caminho que te abria, tapaste o caminho, e deste ás de Villa Diogo, sem què nem para que, por esse mundo além!..

Recebeu poucas horas depois a seguinte resposta:

—«Minha velha Ermelinda, disseste que não espantasse a caça, e és tu que a espantas. Minha mulher está ainda viva e já fallas em dar-lhe successor!.. Aprende a ter maneiras mais dignas, e fallas mais delicadas, senão nada feito. A menina, a que chamas pequena, não é da tua estofa. Vê como te portas. Finge melindre e recato. Se ella te toma má fé, não faremos nada, e perderás o premio dos teus trabalhos e eu a recompensa do meu amor. Prudencia, pois. Até á noite.»

Dois dias depois recebia Maria Isabel uma carta de Carolina [ou que tomou por isso] em que lhe dava muitos conselhos, que todos se cifravam n'este: — amar e respeitar a bondosa fidalga que lhe dava abrigo, e conservar-se na casa d'ella.

(Continua).

DESAFOGO

A. C.

Na cruz do teu caminho
eu fui rezar ha pouco,
perdôa ao triste, ao louco,
o desafogo santo.

Já que não sinto abrigo
nas azas do teu manto,
lá vou tecer meu ninho,
lá vou dizer meu canto.

E sempre que tu vás,
na cruz, onde só vivo,
pouzar cheia de paz
um osculo instinctivo,
sempre o fervor do pranto
tê irá molhar a veste,...
oh! quem, senão elle, hade
pouzar em tua fronte

a c'roa, que reveste
os anjos da saudade!..

Mas se não mais lá fores,
nas horas de cansaço,
cingir com terno abraço
a cruz que o musgo enleia,
então, um dia, o vento,
que geme nos rosaes,
em vez d'um carne lento,
em vez de tristes ais,
hade levar meu ninho,
—e, d'entro d'elle, eu morto,—
perdido, em desalinho,
d'encontro ao seio teu,
que nunca paira absorto
nas regiões do ceul

SOUZA VITERBO.

O DESPOTISMO PROVIDENCIAL

Ha em todas as almas uma atracção para o invisivel. O occulto tem um mysterio. O ecco é bello, porque se não póde palpar nem conhecer, e muito mais bello, quando se não póde localisar. Até o proprio Satanaz tem um não sei que de grandeza, quando trabalha na sombra.

Contrario, porém, a esta tendencia, ha um sentimento, que leva o homem a destacar a causa, do effeito, o author, da producção, a analysar o átomo que parte, e a força que o impelle. Verdadeiramente nem se póde chamar tendencia ao primeiro factó do espirito. Esta tendencia sómente se desenvolve, quando o escalpello da analyse e da critica não profunda, não retalha, não divide, não separa o creador do objecto creado, o amplexo da cousa abraçada. E' o abysmo na estrada da exploração humana.

O homem principia por admirar-se de si proprio. A sua existencia é o ponto de partida das suas duvidas, das suas cogitações, do seu querer saber. Conhece-se creador e creado. Sente o bailar das sombras no espirito e julga-se forte, para do cahos, em que se abysma a alma, fazer surgir um pensamento. Sae esse retalho da luz do cerebro, nas faiscas da palavra, e da sua origem não se duvida. Parte do intimo, de nós, do eu, do complexo das nossas faculdades. Mas quem é este eu, que lava o arrojou, ou que vento o atirou para dentro de nós?.. Lá se vae cahir no invisivel, no mysterio, no sobrenatural.

Logo, pois, a tendencia para o sobrenatural rescende dos principios indagadores, de que é dotada a intelligencia humana. Não é um principio immediato, é secundario. Depende da fraqueza das nossas perecepções, dos nossos juizos. E' uma ideia, filha d'outra, que retrocede.

Vimos o homem examinando o primeiro fuzil da cadeia dos seres, isto é a si proprio. Sahnido a analyse do estreito limite d'uma só existencia, o mesmo declive seguem as nossas idéas. Observam-se immensos factos, muitas causas dos quaes, faceis de advinhar, se concebem, notando-se ao mesmo tempo uma ligação, que nos le-

va a pensar no ordenador commum de todas as cousas.

Quando o primeiro raio de vida passou sobre a cabeça do amante de Eva, logo o primeiro impulso do seu coração o embrenhou nos dias passados da sua adolescencia e infancia, que nunca existiram. Havia de ser bello este imaginar do homem adulto, que se julgava existindo de ha muito no momento em que sahia do nada, á imagem do seu creador! Aquella intelligencia, que nascia para dominar tudo o que os olhos, lhe estavam avisinhando, devia primeiro medir as suas forças, conhecer-se a si proprio, para depois, usando d'ellas, perguntar, indagar a sua origem, proscrutar o seu fim, meditar no seu dever. A si reconheceu-se, ou necessariamente devia reconhecer-se, reconhecimento que o vigor da idéa devia instantaneamente aclarar. A ideia de Deus, ou da argila inquebravel e indivisivel, que o amoldára, só lhe podia vir depois de ter pensado, isto é depois de ter reconhecido a sua existencia. Se não fosse isto—não é mister suppôr idéas inatas—não teria adormecido sobre os seus pensamentos, para acordar depois reclinado n'um seio, arrancado das suas carnes.

Os carinhos da mulher não lhe podiam cortar o fio das suas meditações. A sua intelligencia, de nenhum modo attenuada por causas remotas, juvenil, entusiasta, via-se, comtudo, mau pezar seu, como que limitada por um horizonte sem limites. E' verdade que já tinha subido ao infinito; por uma instituição facil reconhecera o immenso, mas por isso que se tinha elevado tanto, era-lhe custoso o descer, o esminçar, o avaliar, o dividir, e o recompôr depois. Percebia o côro dos mil phenomenos, mas era difficil avaliar o grau de cada nota, que produzia esse conjuncto de vozes.

Queria dividir a attenção, e a alma, isto é a intelligencia, achava-a uma. Não tinha bases onde assentar os seus conhecimentos. Hoje, elevava os olhos, e sentia-se fascinado com o brilho de mil estrellas, amanhã, derrubava-os para a

terra, e sentia-se preso pelo fulgor de mil vasia-
das plantas, ou pelas azas translucidas d'outros
tantos insectos, que sobre ellas volteavam. Adian-
tava-se um dia no caminho da sua jornada, e se
o horisonte se lhe ia alargando pela frente, olhan-
do para a retaguarda o via mais encurtado. En-
tão sentiu o soccorro d'uma nova faculdade da
sua alma, e soube, pela memoria, ir conservan-
do as sensações, que tinha apresentado, os fru-
ctos da sua analyse. Pela continua observação
de varios effeitos foi-lhes advinhando as causas,

e predizendo as durações. Isto, porém, o fazia
envelhecer. Reconhecia-se fraco para tanto po-
der avaliar. Era preciso subir aos astros, des-
cer ao fundo dos mares, perfurar as montanhas,
cavar a terra, suster o curso das ondas, mover
as aguas quietas das lagoas, pedir velocidade aos
ventos, para assim, com as azas d'elle, roçar,
d'um só jacto, a face do universo.

(Continua).

PEREGRINO.

UMA MULHER DIABOLICA



[AO MEU AMIGO GUILHERME BRAGA]

Fallei com ella, ha dois annos, em casa
d'uma familia minha conhecida, que recebia ás
terças-feiras.

Logo ao cumprimental-a mesmo sem ser
phrenologista achei, que devia de ser uma mu-
lher pouco vulgar. Parei no vão d'uma janella,
meio-escondido por traz d'uma bambinella de se-
da branca e fitei, por algum tempo, os olhos na
belleza d'aquelle rosto, que tinha um não sei
que de sinistro e mau... Rodeavam-n'a meia du-
zia de galanteadores, soldados do baile, que no
ponto do ataque desfecham uma descarga de
phrases amatorias e laudativas com que procu-
ram conquistar a mulher, entumecendo-a.

Embirrei sempre com estas pilhas voltaicas
do salão, que descarregam a sua electricidade
n'uma chula declaração d'amor, que excita á
mulher ou o desprezo ou a compaixão... Apro-
ximei-me mais do grupo para poder ouvir, por-
que fallando francamente tenho o ius supportavel
veso da curiosidade...

N'esse momento tocava-se no piano uma
valsa. Ella atirou-se voluptuosamente aos bra-
ços do primeiro homem que a requestára, e os
outros debandaram mordendo os beiços de cole-
ra e dando-se ares de impaciencia. Acabára de
remoinhar no meio do salão quando o piano ces-
sára as harmonias. Reclinou-se languidamente

n'uma ottomana e o homem com quem dançara,
sentou-se tambem a seu lado. Beatriz ergueu os
olhos, como costumava fazer em noites de luar
no caramanchel do seu jardim, como que procu-
rando uma estrella, que a dessedentasse de luz...

Mas, por infeliz acaso, teve apenas a admirar...
os rendilhados e folhagens d'um trabalhoso estu-
que.

—Em que pensa v. exc.^a?..—disse o man-
cebo que estava a seu lado.

—No... meu amor... snr. Ricardo Coelho.
E baixou os olhos cravando-os com artificiosa
ingenuidade no pavimento do salão.

—No seu amor... minha senhora! E que se-
rá o seu amor?! Raio de luz que nos cega, per-
fume de flôr que nos embriaga...

—Magoa-me... o plural, snr. Ricardo Coe-
lho.

—Oh! é... é que eu não ousava... minha
senhora.

—Seja sempre franco comigo... As almas
puras e desinteressadas, as Marianas do *Amor de
Perdição*... ainda não acabaram. Os Simões Bo-
telhos é que se vão a findar...

O dialogo continuou n'este gosto até que o
piano modulou de novo as primeiras notas dos
Lanceiros.

—Confere-me v. exc.^a a honra de dançar

comigo esta quadrilha?—Disse um homem elegantemente vestido, que se curvava respeitosa-mente diante de Beatriz.

—A honra... a honra recebo-a eu, sr. Lencastre—Volveu-lhe ella, erguendo-se e dando-lhe o braço.

Um peralvilho, que atravessava o salão em direcção a Beatriz, desistiu do proposito de dançar com ella ao ver a praça sitiada por melhor guarnição.

Dirigiu-se a um criado pedindo-lhe um copo d'agua, que lhe calmasse a labareda, que sentia dentro em si...

—Este fogo maldicto abraza-me as arterias! E' o inferno no coração!..—Exclamou desvairadamente o *desapontado*.

—Deves estar em continua transpiração... Com um tal foco calorifico... — Disse com um sorriso malicioso um estudante de medicina, que ia passando.

—Positivistas! Positivistas! — Redarguiu Eduardo a meia voz—Homens que gastaes a vida em estudos physiologicos, nos theatros anatomicos, como sois estupidos! Se vos perguntarem o que é a alma, o que é este fogo em que ella mesma se incendeia e arde, calais-vos ou então caminhaes encostados ás hypotheses da psychologia.

Emquanto a alma do pobre rapaz se debatia nos vai-vens da tempestade moral, dizia Beatriz, ao seu par de quadrilha o snr. Lencastre, abrindo e fechando o leque graciosamente.

—Eu sou excessivamente entusiasta pelos bailes, snr. Lencastre. Quando a musica convida á dança e os homens ao amor.. sinto que a minha alma se extasia e vai subindo pouco e pouco como estas nuvens d'aromas, que os calices das flôres lançam, na atmospherã em que respiramos. O amor.. o amor é a alma da vida, snr. Lencastre. Infeliz da mulher que nutre sentimentos, quando ella não póde abrir-se franca-mente com o homem, que lh'os inspirara...

—Pois v. exe.^a receia...—Volveu Lencastre, que conhecendo-lhe as tendeneias aferrava armas para entrar em combate.

—Declarar-lhe... snr. Lencastre — Disse Beatriz suspendendo a phrase... por ser de facil conclusão.

Apresentando aos leitores o prologo deste amoroso colloquio escusado será apresentar-lhes o epilogo.

Ao outro dia passava Lencastre em frente da janella de Beatriz e assim continuou durante um mez pouco mais ou menos, se me não mente a memoria. Algumas vezes porém teve o desgosto de abalroar com outros pretendentes não menos prodigos em requestas, que sua senhoria... Não sei se Beatriz n'essa noite dançara doze polkas e outras tantas quadrilhas. Mas se dançou, posso-lhes já affirmar, que fizera vinte e quatro declarações...

Não me esquivo comtudo de trazer a lume algumas palavras trocadas, nos ultimos *Lanceiros*, entre Beatriz e o snr. Augusto da Cunha, rapaz que resava ás noites a coroa com a sua excellentissima mãe e que se tinha proposto candidato a vinte concursos de amanuense do governo civil, sem que de nenhum d'elles obtivesse despacho. Dispensem os preliminares, que são sabidos. Eu principiarei a narrar desde o momento em que a declaração attingira o seu ponto culminante. E' ella, que falla.

—Ha corações puros, que os vicios predominantes do seculo ainda não corromperam. Creia n'isto. Entre um bando de mulheres perjuras ainda se encontra uma mulher nobre como aquella Iñez, da *Pobre das Ruínas*, de Mendes Leal, que dando o seu amor ao escravo Ismael o salva da morte e das falsas crengas do alcorão. Snr. Augusto da Cunha vou-lhe ainda buscar mais um exemplo ao theatro, porque o theatro é o espelho da sociedade... [Phrase *escamoteada* do ultimo romance que lêra.] Recorde-se d'aquella Leonor do *Agostinho de Ceuta*, de Camillo Castello Branco, que prefere a mão do pagem de seu irmão á mão envilecida de D. Alfonso VI. Eu desprezo as ostentações da riqueza e troco-as por o viver romancoso d'um amor, que tenha tanto de puro como de sublime. Vê o luar, que reflecte n'esta vidraça?... Quem dera que á sua luz pallida duas almas que se entendem e se comprehendem como as nossas vivessem vida d'amores e enlevos, n'um encantador chalet, na Suissa, junto ao lago de Genebra...

Os primeiros orvalhos da madrugada vieram aguar os estos oratorios de D. Beatriz.

O rapaz respondeu com uma interjeição, que não sei se era de pasmo... se de ignorancia... A *soirée* acabára. D. Beatriz descia as escadas, quando uma sua amiga lhe perguntava.

—Minha sibilusteira de salão, a pirotagem hoje não foi má?... Eim?..

—Rasoavel... minha amiga, rasoavel...—
Volveu promptamente Beatriz.

Vamos ao desenlace, que tem seus laivos de tragi-comedia. A traquinias da fortuna, que tão

volavel é que tantas voltas dera durante seis mezes, casára Beatriz com um fidalgo provinciano, morgado, estúpido como uma pedra e feio como um ourang-outang.

Não sei se ella se bestificára com a convivencia do morgado, o certo é que morreu o anno passado com uma terrivel indigestão de lamprea, apesar de que os jornaes diziam, que tinha sido victima d'uma dyspepsia...

ALBERTO PIMENTEL.

A TOUREIRA

(HISTORIA D'UM CORAÇÃO FRIO)

(Continuado da pag. 106.)

II

Acorda a mulher, a sombra, que a espreitava, fôge.

Imaginemos o seu erguer. Já não é o vento que move as cortinas alvaentas do seu leito, é a sua mão graciosa que as aparta. Com o braço estendido, e o punho firmado no molle colção de pennas, sustem o corpo, mal desafogado das roupas, que o envolviam. E' a tulipa, coberta por metade da espátula.

Como sabe comprehender a esthetica das fórmãs! Talvez que algum anjo, artista das regiões celestes, assim lhe estendesse o corpo sobre o leito, para ir depois no museu dos luminosos mundos, pendurar mais uma tela, que resvalou do alto, preza ao raio d'um sol.

Com a ponta dos dedos percorre a testa, como se quizesse reviver uma idéa. São as ultimas papoulas do somno, que procura desfolhar.

Que frouxidão!.. que molleza! que languidez! As palpebras cheias de preguiça, ainda não se ergueram: devem forçosamente esconder uns olhos azues.

Entre os cilios untuosos serpenteia um pouco da claridade, que se escapa da estreitissima

nesga, que mal deixam aberta as palpebras achegada uma á outra.

O desleixo infantil volteia a manço na ponta dos longos e vastos cabellos.

Desce do leito. Ao saltar, a orla da tunica se enleia nos columnellos do catre, e, no arqueado que fórma, deixa vêr o brunido jaspe da sua perna. Um ramo de flôres, que prende o cortinado, agita-se, treme, desata-se e cahe sobre ella, enredando-lhe no cabello duas petalas soltas de magnolia.

Como ella é pudica, como fecha o seio, abotoando a eamisa, temendo que as rosas, penduradas do seu cabello, lhe namorem, lhe beijem furtivamente o cóllo!

Ainda não lhe passou a vertigem do somno, ainda a cabeça lhe peza sobre o coração, ainda as palpebras não se abriram. Lá se recosta na sua poltrona. Os braços pendem sem arquearem, a cabeça inclina-se para traz, como se os olhos estiveram fitando e lendo um enigma, escripto no tecto. Parece uma fada, a quem, adormecida, lhe foi roubada a inspiração. Dir-se-hia a estatua da mocidade, envolta no manto da velhice.

Com os cabellos roçando o cortinado, quem não a julgaria um anjo, junto do altar dos perfumes?

A sombra cresce. Um minguado raio de lua mal basta para fazer sobresahir o seu infantino pé, que se despegou do aprimorado chinello de marroquim dourado.

Como os olhos da imaginação são fracos! Confessam-se vencidos, porque tudo o que poderiam vêr na imaginosa téla do fingimento não valeria dois traços, que um raio de luz fizesse sobresahir n'aquelle vulto.

Parece que despertou finalmente. Aquelle phantasma, que se move, não póde ser senão ella. Anda em procura de mais vestes. Faz bem em se recatar. Todo o anjo, que divaga pelo mundo, deve trajar um continuo disfarce.

Mas esta sombra, mas esta escuridade quando hade ter um fim? Porque não ha lume, que espanque as densas trevas do seu quarto? Por ventura é seu viver para a sombra, o seu riso para as trevas, a sua vista para illuminar vagamente os phantasmas nebulosos, que dançam em volta de seu leito?

Silêncio!.. Vêde-a accendendo a lampada diante da Virgem. Esparge o oleo com o seu primeiro palpitar de lumes o seu mais delicioso aroma. E ella, amparada de sombras pela retaguarda, é a primeira que recebe, na face, o primeiro verniz da frouxa claridade da alampada. Isto a torna mais pallida. Parece vista atravez de uma nuvem diaphana.

Não se póde fitar por mais tempo. Meu Deus!.. a côr dos seus olhos é negra. Tanta frouxidão me tinha enganado. Tanta doçura me tinha illudido. Eu acreditava-os frouxos, doces, azues e sahira.m negros! O brilho que d'elles se expande aclarea as densas sobranceiras, como o raio, enlabyrinthado na selva, torna de purpura as ramas verde-negras dos pinheiraes.

Mas apezar da negrura de seus olhos, da sua morbidez provocadora, quando baixam á terra rôlos de timida mais ardente claridade, e da sua viveza, quando fitam outros, *aquella mulher não ama!*

(Continua).

SOSA VITERBO.

AS LAGRIMAS

[A JOAQUIM PINTO RIBEIRO JUNIOR]

Costumado a soffrer affronto as vagas
Rudes vaivens não temo;
Perante a magestade de uma lagrima,
Que vai sulcando a fronte erma d'esperanças,
Paro, vacillo, tremo!

Em cada aljofar que assomando aos olhos
Na palpebra vagueia,
Dissolvendo-se apoz em chão d'espinhos,
Amplio quadro entrevejo de combates,
Traduzo uma epopeia.

Epopeia de amor, de luto ou odio,
Que diz erime, ou virtude;
Que se irradia em arreboes sublimes,
Ou se trava na pallida penumbra,
Que leva ao ataúde.

Lagrimas ha que em seus vidrados globos
Deixam vêr infinitos;
Prismas que o Creador legára ás almas,
Explendidos fanaes porque se rege
Um mundo de proscriptos.

Outras queimam na face contrahida
Por acerba agonia,
Que um só raio de luz não abrilhanta,
Obscuras como a gotta que destilla
De abobada sombria.

Solta ás vezes o peito agro queixume
D'innúmeros gemidos,
Que ao despedir do moribundo labio,
Nos espaços entorna catadupas
De sons indefinidos.

Ora, eoleos harpejos que se perdem
 Nas regiões do Eterno;
 Ora, horrisonos eccos, que restrugem,
 Como uma gargalhada de Manfredo,
 Nas gargantas do inferno.

Eccos de maldição, de amor ou lugubres,
 Seus varios murmurios,
 Parte, abafa no gelo do cadaver,
 Parte, trasluz dos goivos d'esta senda
 Nos limpidos rocios.

A rosa que desmaia emmurchecida
 A' beira do jazigo,
 Tem mais valor p'ra mim, é mais fragrante,
 Que a rosa que do baile adorna as salas
 Da opulencia no abrigo.

Esta, apoz lá perder os seus perfumes,
 Vai no lodo da rua
 Ennodoar o alvor; aquella esfolha,
 E depois d'esfolhada inda a saúdam
 A aurora, o orvalho, a lua.

A lagrima—esta flôr dos jardins d'alma—
 Como a pallida rosa,
 E' mais nobre que o magico sorriso
 Quando a face da virgem soffredora
 Percorre silenciosa,

Se ha ahi alguem que o afflictivo pranto,
 Satanico escarneça...

Nunca um gemido o coração lhe solte!
 Ninguem lhe leve á campa uma saudade
 Quando ao tumulo desça!

Oh! não interrogueis se é pura a lagrima,
 Que a debil fronte inunda!
 Dos vendavaes que vão n'uma alma errante
 E' sempre o aguaceiro, é sempre o sangue
 De uma ulcera profunda!

Eu vergo-me ante o pranto, eu tremo ante essa
 Linguagem da agonia,
 Como ante a força de poder immenso,
 Como ante a voz da predicção terrivel
 O povo hebreu tremia.

Eu vergo-me ante a dôr, eu que ante as galas
 A curvar-me não desço.
 Adeptos da indiff'rença! o mundo é vosso:
 Não queiraes conhecer-me, é vossa a estrada;
 Passai;—não vos conheço!

Dezembro—1864.

ERNESTO PINTO D'ALMEIDA.

MARIA ISABEL

POR

Maria Peregrina de Sousa

Dedicado á memoria de minha irmã

(Continuado da pag. 136.)

XVII

DESESPERAÇÃO E CONFORTO

Passaram-se oito dias sem novidade. Amaral ia diariamente a casa da snr.^a D. Ermelinda para se consolar da morte proxima de sua esposa. Devia esta [que passava muito bem] ter ainda a vida, á necessidade que Amaral teria de passar muitos dias sem ver a filha de Ricardo d'Oliveira, logo que se annunciasse a esta a morte d'ella; e Amaral estava muito namorado. Quan-

do Ermelinda instava para que elle se desse por viuvo, Amaral dizia:

—Ainda não é tempo; deixa acostumar o meu anjo á minha vista. Ella falla-me tão pouco... e tem voz tão insinuante!.. Se ella me amar, adoral-a-hei toda a vida.

—Tens dito isso d'outras, respondia Ermelinda, e passados alguns mezes...

—Mezes?!.. Annos... muitos annos, o resto da minha vida. Será a ultima mulher que amarei; e tu não perderás com isso.

Maria Isabel vivia muito triste e inquieta. A lembrança de seus paes lhe fazia derramar muitas lagrimas, as continuas visitas d'Amaral, e algumas de suas vistas a atemorizavam.

E no entanto que fazia Maximino, de quem a donzella se lembrava, suspirando?

Uma fresca manhã, caminhava Maximino pela rua Chã, sem levantar os olhos das lages que pisava. Absorvido em tristes idéas, não olhava para os transeuntes, que acotevelava sem ver. Deram-lhe uma palmada na espadua. Voltou-se. Era Alfredo que lhe disse, rindo:

—Que procuras com tanto cuidado nas pedras da rua?

Maximino sorriu com amargura.

—Mas que tens? Já não ha quem te veja! Porque não appareces? Como a minha visinha bonita se auzentou, já me não pões os pés em casa!

—Perdôa... Ando muito triste.. Maria Isabel parece que foi levada da casa de Carolina ao engano: não se sabe aonde está, apesar das muitas pesquisas de Francisco.

—Por Satanaz!.. Deixas a outro o cuidado de procurar a tua bella?!

—Francisco póde procurar a hospeda de sua mãe, sem que isso fique mal á menina; e eu...

—Tu é que podias e devia procural-a. Amal-a, e pertences á sua classe. Farieis ambos um lindo par.

—Ah! Alfredo! Eu sou menos ainda que Francisco. Elle poderia offerecer-lhe um futuro mesquinho, mas eu... nem esse lhe poderia offerecer. Eu tenho pae que respeito, mãe e irmã que adoro... não ousaria deixal-os para me unir

á pobre orfã, ainda que tivesse meios de sustental-a. O que eu queria era saber se ella está em segurança. Receio que a illudissem e a levassem ao engano para alguma sillada.

—Mas com quem sabiu de casa de Carolina?

—Com uma parenta, que não conheço, chamada Ermelinda, e que a visitava amiudadas vezes.

—Ah!.. Essa Ermelinda é tão sua parenta como eu. Vi-a em casa de Carolina; mas não dei importancia a isso. Julguei que era amizade do doutor de saias. A gente do povo não é delicada com as suas relações. A mulher mais honrada une-se ás vezes á que aberrou do caminho recto. Mas socega...

—E quem é essa mulher?!

—Não te agites assim! Procuraremos todos até achal-a.

—Quem é Ermelinda?!.. Não me occultes.

—Foi amante d'um homem opulento; hoje está reformado e a meio soldo.

—Desgraçado!..

—Maximino! Estás dando espectáculo.

—E esse devasso é Amaral?

—Como adivinhaste o nome do tal senhor?!

Porém, dás em doido!

—Adeus.

E Maximino partiu quasi a correr.

—Estou arrependido do que disse, ficou pensando Alfredo. O pobre Maximino dará em doido.

O filho de Custodio da Cunha procurou Francisco e apenas o viu, disse-lhe agitado:

—Ermelinda é uma desavergonhada, e levou ao engano a infeliz orfã.

—Boa novidade me dá o sr. Maximino! replicou o maritimo. Isso sempre eu disse.

—Eroubou-a d'uma casa honrada para vendel-a a um ricaço que eu conheço.

—Mas não levará a cabo a sua diabolica tenção. A snr.^a D. Mariquinhas não se deixará levar como a rez ao matadoiro. Já sei aonde ella está.

—Aonde está, bom Francisco, aonde está: Vamos salvál-a!

—Esperel!.. Isso não vai assim. Ella não

deixará a casa d'essa fidalga de má morte, para sahir só pela porta fóra com dois rapazes. Conheço os temores das meninas como a sr.^a D. Mariquinhas. Se fosse uma rapariga cá da minha *egualha*, já eu lá estava.

—Mas então?..

—Mandei chamar a sr.^a mãe para ir comigo.

—E sabes de certo onde está?

—Eu lhe conto como o soube, emquanto a sr.^a mãe não chega: Estava cá a pessoa nas paragens da Torrinha quando vi uma das minhas afeiçãoadas [a numero dois] ir com o vento em pópa para o poente. Lancei-lhe o arpeo.

—Dize-me o que soubeste.

—Não se impaciente; já lá vou. Palavra tira palavra soube que ella ia ver uma irmã que está a servir em Villar...

—Ah!.. em Villar?!..

—Sim n'uma casa bonita mas pequena, fó-

ra da estrada para o lado do sul. A ama da irmã do meu numero dois é Ermelinda e tem comigo uma menina muito bonita e muito triste coberta de luto.

—E' Maria Isabell!..

—E' o mesmo que eu disse com Deus e comigo; e deixei navegar para o poente a minha afeiçãoada numero dois, e naveguei para o nascente. Mas lá vem a senhora mãe. Adeusinho. Vamos dar connosco em Villar. Não receio nada. D'aqui a algumas horas estará a sr.^a D. Mariquinhas no nosso chaveco.

—Adeus bom Francisco. Adeus sr.^a Carolina.

Partiu Maximino como uma sétta. Tinha uma idéa: receiava que Francisco e Carolina não podessem arrancar a menina das garras da arpia, mas não quiz desanimal-o.

(Continua.)

A AMENIDADE DA PRIMAVERA

(Continuado da pag. 127.)

Como é linda a amenidade e frescura do orvalho, que distilla do âmago da rosa n'aquellas limpidas manhãs em que as flôres ao desabrochar exalam suavissimos arômas; avariada plumagem e os modulados cantos das aves, e todos aquelles enfeites com que a natureza adorna as florestas e a campina!

Esta estação como a mais encantadora, vem mostrar ao observador curioso, que tenta sondar os arcanos da natureza, tudo quanto o rigoroso janeiro havia envolvido em seu manto de densas nuvens e dos tufões da ventania; principalmente quando dos tectos alvejantes pendiam stalactites de gelo, e o solo, coberto de enregelada crusta, abafava os germens da vegetação; e esses rochedos então escalvados, onde apenas

pendiam seccos e despídos ramos, como aquellas mimosas flôres a que o rigor ardente do estio fez perder a graça e o viço, despojando-as dos seus mais bellos ornamentos; se revestem agora de novas galas de musgo, e esses ramos seccos e nús, reverdecem e brotam, como outras tantas flôres, que borbulham e desabrocham n'uma hastea viçosa e fecunda.

Até o caçador, a quem o inverno como que tinha encurrulado e á sua matilha, vê derrubados os diques que o enbargavam, e lá vai por mattas e por vezes procurar a caça que se refugia em seus escondrijos.

(Continua.)

F. A. FABIÃO.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

A redacção d'este jornal pede aos seus dignissimos assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietário do jor-

nal Antonio Pereira da Silva. Praça de Santa Theresa, n.º 63—Porto, a quem deve ser dirigida toda e qualquer correspondencia.

PENSAMENTOS INTIMOS

I

—O que é a vida?—pergunto eu muitas vezes a mim mesma.

—A vida é uma transição para a morte—responde a minha alma.

—A vida—segreda também o coração—é uma cadeia de flôres e espinhos...

—A vida—diz-me ainda o pensamento—é uma série de illusões, no fim das quaes está uma realidade—é a morte.

Se a vida é semiada de flôres e espinhos, porque rasão eu só tenho encontrado dos últimos? Ou antes, para que se convertem em abrolhos as flôres que ás vezes colho?

Se é tudo assim! Tudo nas minhas mãos se transforma: as folhas verdes murcham, e ficam so os espinhos que se cravam um a um no meu coração!..

A minha estrella tem uma sinistra influencia—espalha a desdita e o soffrimento sobre quanto me rodeia.

O meu coração afflige-se quando sente brotar em si alguma affeição! Desde logo presente a fatalidade que ha-de vir cobrir de lucto este terno sentimento.

Parece mesmo que a morte escolhe para suas victimas esses entes que me são caros!

A maior parte das minhas affeições teem sido bem breves n'este mundo! os que m'as inspiraram passaram n'este deserto da vida, como sombras melancholicas, que ao prepassar por mim, descerraram os labios n'um sorriso celestial e depois se foram reclinar nos sepulchros, sobre os quaes eu vejo pairar o anjo da saudade.

II

O inverno, com o seu sceptro de ferro, acaba de assentar-se sobre um throno de ruinas!

E' noite, mas noite de tempestade. A negrura do ceu reflecte-se nos valles e nas serras: o vento sibila, o trovão ribomba, o raio scintilla e eu ouço uma voz que me diz—Vai para uma janella, não temas a tempestade; vem admirar nos elementos revoltos a grandeza do Omnipotente. E esta voz sahia-me do intimo do peito; era a voz intima do meu coração.

Obedeci-lhe. Approximei-me da janella.

Uma fita de fogo que rompia as nuvens, prepassou rapida não longe de mim!

—Tremes?—perguntou-me ainda essa voz mysteriosa—pois a vida é assim composta de tempestades e bonanças.

III

A tempestade cessou apenas, o oriente abriu as portas ao dia,mas o firmamento continuava toldado por nuvens negras. Por entre ellas espreitava o sol pallido e embaciado! E este astro esplendido, que apparecia no meio do lethargo, assemelhou-se-me a uma risada de es-

PRIMEIRO ANNO—1865.

carneo que soasse em derredor do leito d'um moribundo!!

Algumas gottas d'agua, suspensas dos ramos já despidos da folhagem, fizeram-me lembrar um mendigo coberto d'andrajos... semeados de perolas.

Se são assim as coisas d'este mundo!

Ao pé do rico palacio que resplandece ao clarão de milhares de luzes e em cujo interior se agita em louca vertigem o baile esplendido, está collocada a cabana do pobre, submersa nas trevas, porque o seu dono não tinha n'esse dia com que comprar um bocado de pão para a esposa querida e para os ternos filhos. Infelizes erianças que deitadas agora em esphaceladas enxergas tentam em vão adormecer, porque o ruido da festa que se agita ao pé, lá no rico palacio, e as necessidades do estomago e a falta d'agasalhos lhe faz chegar aos labios a taça do desespero; e os infelizes chegam quasi a duvidar de Deus!

E que importa aos ricos senhores, e ás formosas damas cobertas de sedas e diamantes, que se inebriam nos folguedos da festa, os miseraveis habitantes da pobre choupana?

A choupana é aos olhos d'elles um contraste collocado pela mão... da arte para fazer sobresahir mais a magnificencia do formoso edificio, aonde agora loucos de prazer, nem ao menos pensam na desgraça da familia do cabaneiro.

Ao ruido do baile vão-se misturar os tristes lamentos dos que soffrem. Sobre a mesa do banquete revôam os gemidos que a fome faz soltar a milhares de infelizes...

E' tudo assim. Por toda a parte encontro estes tristes contrastes!..

As lagrimas do soffrimento caem e orvalham as flôres da ventura. Os soluços de quem se extorce no leito do desespero, são abafados pelas risadas das convivas assentadas em roda da mesa do banquete do feliz argentario.

Os gemidos do orfão consternado, que viu levar-lhe para longe de si os restos queridos d'uma mãe carinhosa, d'um pae extremoso, deixam de se ouvir porque ao pé d'essa casa em que tudo é lucto, ha uma outra casa, igual na apparencia, da qual saem uns vagidos de criança recém-nascida e as exclamações d'alegria dos venturosos paes que não deixam ouvir o soluçar do infeliz.

E o tempo corre descuidoso! Leva indifferente sobre suas azas gemidos de dôr e exclamações de prazer. Após vão marchando sem descaço venturosos e infelizes e elle impassivel se arrôja com todos no abysmo do nada!!

Mas nem alli ha igualdade!

Ao pé da cruz negra que se levanta da cabeceira d'uma humilde campa, eleva-se o magestoso mausuleu!

Nem n'esse campo, chamado o da = igualdade = deixo de vér differenças e contrastes.

D. EPIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

GUIOMAR

=

AO MEU AMIGO ALFREDO LEÃO

I

No baile

Era no baile. Perfumes,
Esp'ranças, crenças, amores...
Reflexos de tantos lumes!
Arômas de tantas flôres!

Tudo risos! Tudo festa!
Tudo praser, que embriaga!
Quando o sol doire a flôresta,
Tudo cá dentro se apaga...

Por isso que o tempo foge
Como o fumo dos casaes,
Diverti-vos, gosai hoje,
Talvez... que não goseis mais...

Nas vertiginosas danças,
Das valsas no voltear
As longas, doiradas tranças
Vôavam, soltas, no ar...

As damas quando passavam,
A' luz dos raios vermelhos,
Graciosas se miravam
Nos crystallinos espelhos...

Ai! estas almas singelas
Poeta, como as defines?
Quantas aqui Graziellas?..
Quantos aqui Lamartines?...

Creio que um sopro de Deus
Deu á mulher a poesia...
N'estas almas quantos ceus?
N'estes olhar's que magia?..

Mulher, sorriso d'aurora,
Roza nevada e louçã.
Orvalho que a alma irrorra
E torna a noite em manhã.

Mulher, estrella fulgente,
Astro d'amor que dás luz.
Mulher, alveola innocente,
Cyrineu da nossa cruz.

Amor! Cadea de fogo,
Corrente que as almas prende.
Um olhar, um riso, logo,
Em a nossa alma o accende.

II

Revelações

Amor, luz depois das trevas,
Na vida, roza entre brenhas.
Alma caída a elevas
Alma que sobe a despenhas.

Entre as donzellas, na sala,
E' Guiomar uma estrella.
Mais que a linguagem singela,
Diz-lhe o olhar, se não falla.

Da vista nunca se perde,
Ou esteja perto ou distante.
O seu vestido, ondulante,
Da côr do mar, todo verde.

O corpo é alto, o olhar languido
=Raio de luz que nos salva—
Olhos negros, cutis alva,
Um sorriso sempre candido!

Muito poucos desenganos!
Muita crença, muita esp'rança!
Não se chama já criança
A quem tem dezenove annos.

Dezenove annos! Que idade!
Que santos gosos, que amôres!
Elles nascem como as flôres;
E dão doce anciedade...

A's vezes, por noite morta,
Vem Guiomar á janella,
Fita os olhos n'uma estrella
E fica a scismar absorta.

Tudo é ermo... só se escuta
Além, o gemer da vaga.
A aragem do mar affaga
Aquella alma que já lucha...

Do ar puro aspira um hausto,
Desprega os olhos do espaço.
E da lua ao clarão baço
Cuida ver o querido Fausto.

Elle é poeta d'amores!..
Quando não ha desenganos
E apenas se tem vint'annos,
São tudo sorrisos, flores...

Eil-o, ao pé d'ella, na sala.
O amor torna-o demente...
E' sempre franco e ardente,
Sempre nobre... quando falla—

«E' tua, é tua a minh'alma,
«Guiomar.

«Eu só quero e busco a palma
«D'este amar.

«Recebe, dou-te esta vida
«Em botão.

«Da-me o teu amor, querida,
«E mais... não.

«Eu dava... dava o universo
Por ti só.

«Quero erguer-me, vivo immerso
«Entre pó...

«Ves estas luzes immensas?
«Ves, tu, bem?

«Ainda são mais as crenças
«Que a alma tem.

«De ti ao dia me lembro
«Vezes mil...

«Troca este arido dezembro
«Em abril...

«Da vida na primavera
«Ha ua flôr.

«E' eterna como a hera...
«E'—o amôr...

«Estrella, que me deslumbra
«E seduz,

«Envelhici na penumbra,
«Quero a luz...

«E' tua, é tua a minh'alma,
«Guiomar.

«Eu só quero e busco a palma
«D'este amar...»

Tocára a orchestra uma valsa
E foram ambos dançar,
Como ás vezes d'entre a balsa
Sae um casal a vôar...

(Continúa.)

ALBERTO PIMENTEL.

MULHER PERDIDA

Não a odieis, não, vós outras que tivestes a fortuna de vos não desviardes da estrada da virtude; mas não ergaes a fronte orgulhosa e altiva, cuspindo-lhe no rosto e afastando-vos d'ella com receio de vos contaminardes aspi-

rando junto a si o ar que crêdes infeccionado por essa desventurada... Porém, olhai a differença que houve do seu ao vosso nascimento:— Vós rodeadas de grandezas, sem vos faltar um só atavio d'aquelles que fazem realçar vossas graças e belleza; vós habitando em vastos e sumptuosos palacios dos quaes cada portatem seu pagem que póde estorvar a entrada a algum amoroso amante. E ella nasceu pobre! Mas joven e bella tem como vós as mesmas aspirações, de seja garridices, quer como vós fazer conquistas; tudo n'ella é como em vós, vida, esperança, amor!.. Mas olha em roda de si e só vê pobreza!.. Resiste algum tempo ás seducções, porém, as promessas continuam, promessas d'um futuro brilhante, que lhe annuncia a abundancia; mas *elle* não desanima, continúa a combater a sua victima que está já enlevada na contemplação de ricas prendas, que jamais possuiu e que a sua candidez não soube recusar. E como não tem quem guarde suas portas, cêde aos rogoz d'abrir a deshoras a unica que tem a sua pequena e pobre casa!.. Eis o primeiro passo da perdição!.. Mas eil-a já coberta d'ouropéis, eil-a já no meio das grandezas, frequentando os theatros, passeando de carrinho. Eil-a que adquire novas relações, recebendo novos amantes quando o primeiro está ausente... Oh!ninguem a inveje... que em breve suas sedas e velludos irão desaparecer ficando-lhe os vestidos d'outr'ora, ou talvez que inda mais pobres!.. O primeiro amante que anhelava um pretexto para abandonal-a retira-se sem custo e sem remorsos pela ter pervertido e os segundos que a veem menos pretendida já não teem empenho de a possuirem... E eil-a agora despresada pela classe opulenta e gastando sem economia quanto possuia!... Eil-a outra vez pobre!.. Mas agora bem mais desgraçada, porque cahida na senda do vicio, tem outras ambições, quer só regalos e commodidades, não se sujeitando mais ao trabalho do qual vivia, antes de se prostituir. Não a odieis... cada vez é mais infeliz!..

A sua vida desregrada roubou-lhe antes do tempo a formosura; as faces que disputavam a alvura do jasmin e o encarnado da rosa tornaram-se macilentas e descóradas e os olhos amor-

tiçados pela languidez perderam todo o seu brilho! E' a rosa que murchou e cahida agora na terra, ninguém a levanta, ninguém se lembra que ella foi já bella, desviam-na com o pé para que não estorve a passagem e vão colher as que estão ainda lindas, em botão!..

Ah! Não, a odieis! Piedade para ella, sim, piedade!.. Abandonada agora por aquelles que a conduziram ao caminho da perdição, olhada pelo mundo com horror... que lhe resta?!.. Um hospital para morrer e um lençol para a amortalhar...

Oh! ninguém odeie a mulher perdida!..

Ninguém lhe inveje os luxuosos vestidos, e aquella a quem um anjo bom guardar, agradeça humilde a Deus pela ter perseverado do abysmo em que outras se arrojaram.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA

Porto 14 de maio de 1865.

SOBRE O TUMULO

Do sr. Henrique Augusto da Silva

(NO CEMITERIO DE CEDOFEITA)

Quem nunca viu a luz d'uma brilhante chamma
Que fulge, brilha, explende e pouco apoz se apaga?
Quem nunca viu a flôr, sobre um paul, na lama
Desfolhar e cahir da tempestade á vaga?..

A vida é pois assim. Um magico arrebol,
Um ligeiro, clarão que a nossa alma seduz...
E ha sempre una noite a involver um sol!..
E sempre um vento frio a derramar a luz!..

E sempre um craneo d'oiro, um talento sublime,
Ou Bernardim, ou Tasso, ou Raphael, ou Dante,
Ao vendaval da morte, é como um debil vime,
Que verga e cae no chão e... vive um só instante...

E tudo o que deslumbra e tem luz e calor,
E tudo o que arrebatava e prende o nosso olhar,
E' um pouco de fumo, um ligeiro vapor,
Um turbilhão de pó, que passa pelo ar...

Contudo a intelligencia é cratera incendiada,
Que lança, a cada instante, immensa, ardente lava...
Se cança e desfallece e cae arrefecida
E' porque tudo passa e foge e morre e acaba...

ALBERTO PIMENTEL.

MEMORIAS D'UM BEIJO

(ROMANCE ORIGINAL DE F. M. DE SOUZA VITERBO)

(De pag. 131)

Para ver se me affastava d'este trilhar de receios vagos, estendi sobre a relva as proviões, que levava, e não sem agrado as fui saboreando.

Com o arôma das parcas iguarias não se dissolviam, no entanto, as tetricas objecções que a mim mesmo fazia. Tentei um arrôjo. Fiz por esquecer todos os episodios d'aquelle dia e pude depois de muito espriar a imaginação travar com ella um dialogo de amorosa candura.

Eu contei-lhe as aspirações singelas e indeterminaveis, que sentia de ha muito em minha alma e ella dos fastos nebulosos do meu coração formou a seguinte legenda.—Imagina que estavas como agora, pendido o corpo sobre uma arvore, quasi dormindo, embalada a mente por um sonho angelico. Passa diante de ti uma mulher formosissima, com os seios nus, encostada com brandura no hombro d'outra mulher. Tu não a vês, porque tens a palpebra cerrada e ella não te descobre porque vai a contar quantas nuvens côr de roza formam o manto diaphano do sol. Passa a sua tunica longa sobre a tua face e os teus labios dir-se-hiam que a beijavam..

Era a primeira vez que sentia dentro em mim o *fiat lux* dos Petrarchas, que embalam em cada nota melodiosa de suas lyras uma Laura, que resume em si todas as bellezas do ideal. Nunca tinha sonhado nos perfis graciosos de uma estatua de mulher. Onde foi a imaginação beber as tintas com que desenhava tão suaves linhas?.. processo obscuro. De que parte se desenrolaram as nuvens de prateado fumo, que punham em recato as virgens luminosas, que minha alma reflectia em todo o seu esplendor singelo?—questão indecifrável!..

Depois, ella, enquanto tu permaneces immovel, dirige-se para o lago azul, onde um raio do sol, que o poente abraça no cimo da montanha, se vem langorosamente quebrar e reflectir com meiguice. As aguas são transparentas, limpidas e serenas. Serenas sómente á superficie,

porque logo antes do centro são inquietas, revoltosas, sorvedouras, escondendo porém com artificio o movimento em nada tranquillo das ondas.

Namora-se a mulher d'aquella serenidade, d'aquella limpidez e desejára que aportasse á margem um barquinho, que a levasse bordejando com as vélas inchadas. Para disfarçar o não satisfeito capricho occupa-se em apanhar tenras flôres, que rebentam com abundancia, e atira-as ao lago como se foram pequeninas barcas. Abaixa-se de novo para colher uma flôr branca, singelinha, impoluta, marejada apenas com alguns grãosinhos de pollen. Que pena se aquella flôr não tem uns espinhos que a resguardem! Ir-se finir nas mãos d'uma donzella, talvez mais fragil ainda que a sua haste! Ai! a mulher nunca teve piedade d'uma roza, porque ha sempre a crueldade de desfolhar a grinalda viçosa do mais delicado amor. Ella a vae finalmente colher, mas o pé resvala-lhe, cae o corpo, como o lyrio na torrente, ensopam-se as roupas, fluctua apenas....

N'este momento um grito d'afflicção me veio perturbar. Lancei os olhos em redor e não longe, descobri á borda d'um lago, de que ainda não tinha dado fé, uma mulher pallida, com o cabello em desalinho, que pedia quasi em vão soccorro para a sua companheira, que agitava com desespero os braços, collocada a vista na derradeira esperanza de salvação.

Vel-a assim envolta nas ancias da morte, com o cóllo retezado, mais jaspe que a propria agua, e agradecer a Deus a mercê que me fazia, em me dar tão boa occasião para salvar uma victima; não me levou tempo algum. O espaço que me separava do lago, transpul-o nas azas do vento. Atirei-me archejando á agua, que espumava um quasi nada. Ella ao ver-me, prendeu-se-me ao braço, no estertor da agonia, com tanta força como as algemas, que vão roxeando os pulsos aos réprobos da sociedade. Luctei, luctei, dentroem pouco estava livre de perigo. Fui pouzal-a n'um comorosinho distante da praia. Quiz fugir, quiz deixal-a, mas junto d'ella ficava outra mulher timida e sem forças para a soccorrer. Eu tinha medo de a desabro-

char... a necessidade impunha obrigação. O pudor constrangia-me... fechei os olhos para não lhe vêr o seio, mas abriram-se-me, quando o aquecia com meu halito. A companheira passava-lhe a frialdade do rosto pela brasa de seus labios, e eu seccava-lhe as madeixas, quando ella dispertou d'aquelle mau sonho de morte. Já tinha um sorriso, ainda que pallido, nos labios e tomando-mé a frente entre as delicadas mãos, me imprimiu na testa um beijo, ao murmurio suave e dôce d'umas palavras, que resavam assim—*Tu me salvaste a vida, aceita este beijo como a paga mais digna da tua dedicação.*

O effeito d'aquelle beijo não serei eu que o possa exprimir. Como a scintella nocturna, pouzando um terrivel incendio por todas as arvores da selva, põe em fuga, obriga a esvoaçar todos os passaros que n'ella repouzavam, confiados na quietação da noite, assim tal beijo fez pairar as aves quietas do meu pensamento, sacudiu do ninho as pombas manças do meu sentimento, que dormiam em minha alma o somno esquecido do amôr. A commoção rapida, que elle em mim produziu me obrigou a responder a quem m'o dera, com o desespero nos labios.—*Mulher, salvei-te a vida, e em paga de tal beneficio tu me has dado a morte n'um sò beijo!*

OLHOS PETOS

O snr. Sebastião Severino de Seabra era um homem muito pouco economico em folhas de papel, *enveloppes* e... declarações d'amor.

Nas suas horas de estiradas cogitações dizia elle consigo mesmo—Se a economia consiste em gastar só o que é preciso, ou por outra, em poupar o que os desregrados esperdiçam, certo não sou perdulario, porque se escrevo dez cartas ao dia, é porque os namoros m'as estão reclamando urgentemente. Se a prodigalidade consiste em gastar o que se devia poupar, tambem não deixo de ser economico, porque só gasto... o que de todo em todo não posso deixar de gastar.

Ora, segundo dizem por ahi, não ha effeitos sem causa. A economia e a prodigalidade são consequencias necessarias do dinheiro e um homem que não é prodigo nem economico... é pobre, com toda a certeza....

Mas eu tenho dinheiro!..

Nunca entreguei uma carta a um alcajote, que lhe não pagasse logo e se as mando por o correio nunca me faltaram estampilhas.

Não sei como isto seja!..

Naturalmente pertenco ao sexo neutro porque no feminino ou masculino toda a gente, que não é prodiga nem economica, não tem um ceitil de seu!..

Mas eu sou portuguez e os grammaticos, em Portugal, não admittem sexo neutro; os latinos tinham-n'o, mas eu não sou romano...

Se não sou masculino, nem feminino, nem neutro, não sou coisa nenhuma.

Mas isto tambem não é assim!..

Eu sou uma substancia corporea (lá espiritual não digo...) porque quando me palpo na cama... encontro uma grande porção d'ossos...

Serei commum de dois?!..

Valha-nos isso...

Mas... se não sou prodigo nem economico e a prodigalidade e a economia são attributos do homem e da mulher, certo não sou mulher... nem homem, e por conseguinte... não sou commum de dois...—

E muitas vezes o homem, caminhando de raciocinio em raciocinio, adormecia sem obter uma conclusão logica, que o satisfizesse.

Mas ao outro dia no botiquim via elle, que tinha um estomago, que lhe comportava uma garrafa de cognac e ficava então sabendo que era alguma coisa—um grande bebedor, quando não fosse mais...

Mas nos momentos de lucidez depois da ebriedade se voltava a conversar com a philosophia, então é que eram as duvidas, as trevas, a incertesa, enfim...

N'esta difficil situação, quando não adormecia, enterrava o chapéu de maneira, que cobrisse o occipital deixando ver o frontal em toda a sua plenitude e elle lá ia passear a sua melancolia por todas as ruas e beccos da cidade.

Acontecia que, se durante o seu trajecto, via trinta mulheres, offerencia trinta cartas... e tirava noventa vezes do bolso o lenço d'assoar.

De maneira que este senhor Seabra era o typo do *janota* francez.

Vivia, não se sabe como, comia, não se sabe o que, e namorava, não se sabe a quem...

Pois se nem elle o sabia!..

As vezes lá soffria a sua *decepção*, mas muito raras vezes, o que tudo elle tomava como em descontento e satisfação das suas culpas e peccados...

Soffreu comtudo dois *desapportamentos*,

que eu faço passar a letra redonda, para que sejam conhecidos da posteridade.

Caminhava a passo cadenciado, com os olhos fitos na janella em que se estava *coquet-teando* a vigessima nona dulcinea, quando teve a infelicidade de escorregar n'uma casca de laranja, que os zeladores da excellentissima camara não tinham mandado varrer do passeio...

Tão fina e intensa dôr sentira o snr. Sebastião no seu coccyx, que quatro bojudas lagrimas lhe resaltaram dos olhos...

N'um outro dia, em que o vendaval crusava o espaço furiosamente, um grande furacão não lhe arranca o chapéu da cabeça, diante da trigessima namorada, e o pobre do homem não vae a correr atraz d'elle!..

Inda resa a historia d'uma outra avaria, que os fados lhe teceram no dia mais aziago da sua existencia.

Essa não convem dizel-a já.

O certo, é que o snr. Sebastião Severino de Seabra se enamorara da snr.^a D. Rita Ricardina Ribeiro, que além d'outros valiosos dotes physiologicos tinha uns olhos petos mas tão galantes que eram, por assim dizer, duas poderosas pilhas electricas capazes de galvanisar os cadaveres moraes dos cynicos de salão...

—Olhos direitos toda a gente tem... vestgos são raros—dizia o snr. Sebastião.

Eu conquistando uma mulher que tem um que de originalidade fico sendo um homem originalissimo.

A minha mulher sendo zanaga deve-se tornar notavel entre as outras que... não tenham defeito na vista.

Por conseguinte fallando-se da mulher, a proposito de notabilidade, cita-se o nome do marido...

E isso é o que eu quero...

De mais, tendo olhos petos não verá os meus defeitos organicos tão bem... como veem os que são sans e escorreitos...—

Bem se conhecia o snr. Sebastião.

Tinha um corpo defeituosissimo, horripilante, insupportavel, até!..

Namorava, porque estes homens são os que devem namorar; os perfeitos deixam-se namorar, ou por outra, são... namorados...

O homoplata do braço esquerdo subia-lhe oito centimetros, pouco mais ou menos, acima do nivel do do braço direito.

O seu nariz immenso, volumoso e disforme era que arrumava o povo em dias de procição ou arraial para o snr. Sebastião poder passar.

Tão largo era o labio inferior, que conti-

nuamente estorvava a introdução das substancias alimenticias na camara buccal.

Ficavam-se ali depostas até que a lingua saísse a conduzi-las.

De maneira que a pellicula do labio estava quasi sempre humedecida por vesiculas de succo segregado das glandulas salivares, o que anojava todas as pessoas, que tinham a infelicidade de fallarem com o snr. Sebastião.

Esta perca continua de saliva demorava muitissimo a digestão o que fazia com que o snr. Sebastião Severino atrasse uma baforada de fetido halito ás faces do desgraçado com quem estava conversando.

Descripta a physiologia animal do meu heroe atemos de novo o fio da narrativa.

(Continúa.)

ALBERTO PIMENTEL

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 144)

Entrou Maximino quasi sem folego no quarto de Adelaide. Teve o desprazer de vêr alli seu pae e queria fallar a sós com sua mãe. O que tinha a dizer não adimittia demora e disse rompendo todas as difficuldades:

—Acabo de saber que Amaral fez levar ao engano Maria Isabel para casa d'uma fingida parenta com intuito de perdê-la.

Custodio da Cunha encarou seu filho com as sobranceiras carregadas; mas o mancebo que não olhava para elle, proseguiu:

—Não é possível que deixemos um infame, que é rico, perder uma virtuosa menina, porque é pobre. Fez levá-la a Villar, onde tem uma casa...

—Basta! atalhou o ancião com voz terrivel. Desde quando é o snr. Maximino o paladim das damas?

—Mas meu pae... Se Rufina estivesse nas circumstancias de Maria Isabel... o que Deus nunca permita...

—Se tu tivesses para os velhos a metade da caridade que mostras pelas raparigas, serias canonizado brevemente. Que temos nós com a vida dos outros? Poderemos nós como D. Quixote andar a desfazer aggravos e a libertar prin-

cezas? Dizes que essa menina é pobre. Fomos nós ou seus paes que a empobreceram? Não nos ficaram n'esse naufragio do luxo parte dos nossos haveres? Se vivessemos com o brilhantismo doido com que os paes d'essa infeliz viveram, onde estaríamos nós? Cuida dos teus estudos e por ora deixa-te de ser campeão de raparigas. Quando tiveres uma posição será tempo de protegeres uma mulher, mas uma só, entendes?

Custodio da Cunha poz-se a passeiar e a roer as unhas. Maximino ergueu as mãos, voltado para sua mãe, que lhe impoz silencio com um gesto de ternura. O pae voltou-se para elle e disse-lhe com ar carregado:

—Vai immediatamente alugar um *coupé* para tua mãe, que tem de sahir.

O mancebo desapareceu como o vento. Disse então Custodio da Cunha a sua mulher com cara mais prasenteira e em tom amigavel:

—Vai buscar essa infeliz orpha. Maximino tem razão, ainda que lhe mostrei desapprovar o que elle disse. Arranja-te depressa, que o *coupé* não tardará; estou certo d'isso; O mario-linha aventou onde tu ias; conheci-o na pressa com que saiu.

—Em poucos momentos me arranjo; mas trazel-a para casa... Se receias que Maximino se apaixone por ella...

—Havia de ser bonito se elle em casa não tinha juizo!.. Que doideje lá por fóra vá... posso fechar os olhos; mas ás minhas barbas.. mais de vagar.

Pode portar-se bem, e apaixonar-se seriamente.—

Historias!..

O ancião não acreditava em paixões. Deu dois passeios cogitando e accrescentou:

—Por causa das tolices do nosso estovado havemos de deixar uma orphã abandonada por todos, aos machiavellicos desejos de um homem de maos costumes, que não sabe em que ha-de gastar o seu dinheiro. E tambem, Adelaide, tenho remorsos quando penso no modo aspero e duro com que tractei a innocente menina, que não tinha culpa nos erros de seus paes e que me pediu que lhe não dissesse mal

d'elles. Ambos estão já no reino da verdade!.. Deus me perdõe a raiva que lhes tive.

Parou de repente, olhando para sua mulher, que cobria um chaile e punha o chapeo, e disse passado um pouco:

—Mas penso agora que fiz mal em decidir trazer para casa Maria Isabel sem consultarte. A casa é tanto tua como minha. Se assentas que não a devemos trazer para cá....

—Pois crês que eu podia oppôr-me a uma acção generosa que queres fazer?

—Mas julgas talvez melhor que a protejamos fóra de casa? Mas consideremos... Em casa de Carolina dando-lhe nós uma pequena pensão podia estar; porém está só, exposta a muitos perigos e viverá mal e eu queria que a consolássemos de suas tristezas. N'um convento estaria melhor; mas isso fica caro para nós: agora, queria dar-lhe todas as commodidades e...

—Venha para aqui, atalhou Adelaide. Consolar-a-hemos; aconselhal-a-hei como mãe; Rufina a amará como irmã, e Maximino não nos dará desgostos. Tens razão. Façamos a obra completa.

Ouviu-se rodar uma carruagem.

—Não te disse? tornou Custodio da Cunha quasi com um sorriso, chega o *coupé*.

—E' verdade!.. Como acharei Maria Isabel?

—Teu filho ha-de saber mais promenores sua morada.

Em caso de difficuldade consulta o nosso fabricante João da Magdalena. E' homem capaz; e a gente da sua classe sabe tudo o que vai pelos seus arredores.—

—Maximino entrava já no quarto com pascommedido para não mostrar muito ardor. Os paes muito severos ensinam, sem o saberem, a dissimulação a seus filhos. Maximino porem era franco e fingia mal. Seu pae o encarou e lhe disse com o seu ar sério:

—Maximino, acompanha tua mãe ao carro e vem fallar-me.

O *coupé* partia com Adelaide e Maximino ficou á porta enquanto o avistou. O coração lhe batia com impeto. Procurou socegar, para ir ter com seu pae.

(Continúa.)

Quem pôde cultivar pomposas e lindas flores offerece-as com ufania a quem lhes sabe dar merecimento; mas eu que no meu jardim-sinho só posso cultivar as mais humildes e menos bellas, offereço-as sem vaidade como as tenho e aqui vae a ultima que desabrochou e que offereço ao ill.^{mo} snr. F. M. de Sousa Viterbo.—É esta—

A harpa triste que eu vibro.

A harpa triste que eu vibro
Deu-ma um anjo do Senhor,
Dizendo-me:—«olvida o mundo
«N'ella canta o Creador.

«Não te amofinem tristezas,
«Nem a cruz que o céu t'envia;
«Cuidas tu que é sobre a terra
«Que paz s'encontra, alegria?!

«Esqueces que és n'um desterro,
«N'um val de pranto e saudade;
«Não sabes ventura, gloria,
«São alem na eternidade?..

«Como querias achar
«Neste desterro, ventura,
«Quando o Redemptor sorveu
«Cheio, o calix d'amargura!..

«Sem uma queixa soltar,
«Soffreu sem um só lamento!
«Soffre tambem e n'esta harpa
«Canta d'um Deus o tormento!

«E nos dias d'afflicção,
«Com ella mitiga a dor,
«Tira sons melodiosos,
«Canta o Filho do Senhor!

«Canta a Virgem que foi mãe,
«Maria, a estrella formosa,
«Volve o pensamento ao céu,
«Vibra a corda mais mimosa.

A harpa triste que eu vibro
Deu-ma um anjo, d'esta sorte.
E qual o cysne expirante,
Cantarei até á morte.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

O SOL

Estudos biographicos em que se fazem importantes
revelações por causa das duvidas, dedicados
à exm.^a snr.^a D. Eufrazia

Astrologos de agua-chilra, como o do *Borda d'Agua*, *Borda Leça* e *Reportorio do Preto*, poderão dizer que o Sol é um planeta que tem estas e aquellas dimensões, que está a tantos kilometros de distancia de nós, que influe d'esta ou d'aquella maneira, quando planeta dominante do anno, no individuo physico e no moral e na vida politica das nações.

Mas a consciencia da litteratura e a da historia não admittem hoje estas superficialidades. E' preciso ir ao fundo das coisas, e não deixar passar despercebida uma circumstancia só, porque parece pequena e de pouca monta. *Multum in parvo*.

Por este latim já v. exc.^a deve ir-se apparelhando para grande estopada. Não ha remedio. A erudicção não pôde deixar de andar aqui sempre embrulhada com o conhecimento da vida alheia.

Dizem ás vezes os superficiaes que o Sol é o planeta dominante do anno. Mas que sol? Elles que nunca lêram Arnobio, nem os livros *De natura deorum* de Cicero, nem outros livros que é força lêr ainda que se não saiba lêr, são uns ignorantes que não sabem da existencia de cinco Soes.

N'este ponto é provavel que a cosinheira de v. exc.^a, que communica ao aguadeiro da casa os seus conhecimentos sobre physica experimental e sciencia das coisas do ar, exclame com cara de bruto convicto da sua brutesa:

—Ah! é verdade, por isso lá dizia Camões

Porém ja cinco soes eram passados
Que d'alli nos partiramos, etc.

Pois é verdade. Houve cinco soes. Tres tiveram pae conhecido, do quarto é só conhecida a mãe, e o quinto, filho de paes incognitos, teve filhos conhecidos, e por consequente foi melhor pessoa do que seu pae.

E' d'um dos tres primeiros que vou dar a v. exc.^a cabal noticia, como convém ao desenvolvimento da sua intelligencia.

PRIMEIRO ANNO—1865.

Jupiter, homem casado a preceito, foi um quebra-esquinas, um estoira-vergas, que nunca se fartou de infidelidades conjugaes. Juno, sancta mulher que, para não offender a moral publica, se embrulhava em uma nuvem em certas occasiões, soffreu coisas áquelle doido que fazem provavel a sua canonisação. Oxalá que Jupiter não esteja a pagar no outro mundo os seus numerosos desvarios.

Uma namoradeira chamada Latona (ha gente cujo moral se pôde avaliar pelo nome; v. exc.^a deve ser uma sancta, minha senhora) foi uma das muitas mulheres que fizeram de Jupiter um marido infiel. D'estas relações, que muito escandalisaram os padres da sua freguezia, nasceu o Sol, que se chamou Sol, Apollo, Phebo, e teve appellidos ás duzias.

Jupiter gostou do rapaz, que em verdes annos começou a fazer versos á lua, descobriu remedios contra os tressogos, frieiras e outras molestias agudas, e compoz uma peça de musica que, passados seculos, começou a ter, e ainda hoje tem, e terá sempre, grande aceitação em Coimbra. Por estas boas disposições para a poesia, medicina e musica, deu-lhe seu pae uma morada de casas no Parnaso, umas bouças no Helicon, uma tapada no Pierio e duas leiras de mato nas margens de Hippocrene e do Permesse, propriedades de que Jupiter podia dispôr, porque não resava d'ellas a escriptura do casamento. Tambem lhe deu um burro que dava pelo nome de Pegaso, e cujo bafó ainda hoje anda pela atmospheria da litteratura.

De tudo o veio depois a privar Jupiter. Direi a rasão d'isto.

O rapaz tinha um amigo chamado Hyppolito que, pelos modos, vendia reportorios e sabonetes. Por coisas de mulherio, desaveio-se Jupiter com Hyppolito, e deu-lhe uma sóva que o poz ás portas da morte. O medico Esculapio, com emplastros de urtigas contusas e outras invenções chemicas, deu a vida ao doente e recebeu do Sol seis libras. Jupiter esperou de noite Esculapio a uma esquina, e com um bacamarte de bocca de sino metteu-lhe seis quartos nos lombos. O Sol jurou vingar a morte do doutor,

e deu cabo do espingardeiro que fizera o bacarmarte. Jupiter, que ainda lhe não tinha segurado a posse das propriedades já mencionadas, tirou-lhe tudo, e o rapaz teve de ir guardar cabras de certo Admeto, na Thessalia.

Em uma tarde calmosa adormeceu o Sol á sombra d'uns carvalhos, e em quanto dormia levou-lhe as cabras um ladrão chamado Mercurio. D'este meliante contam as folhas d'aquelle tempo que veiu a morrer guilhotinado.

Como Admetto lhe apalpava as costas por dá cá aquella palha, o rapaz deu ás de Villa Diogo quando se viu roubado, e foi ajudar Laomedonte a fazer tijolo para reedificação das muralhas de Troia. Mas breve se desgostou d'esse modo de vida, porque nunca via cruces a dinheiro e a barriga andava sempre a dar horas.

A historia conta que elle matou uma grande serpente que pozera sua mãe Latona em perigo de vida; mas este facto não é escórreito.

O Sol casou com Clyméne, filha do Oceano, sapateiro premiado em duas exposições industriaes, e de Thetis, que vendia castanhas cosidas pelo S. Miguel, e camarões no resto do anno.

De Clyméne teve um filho que se chamou Phaetonte, rapaz travesso e traquina, que lhe deu sérios desgostos, como vou mostrar a v. exc.^a com um caso lastimoso:

O Sol, depois que deixou o mistér de fazer tijolo, deu-se á fabricaçã do gaz liquido e dos lumes promptos de pau, que vendia na Arcadia a pataco a caixa. Phaetonte, que o avô Jupiter mimoseava com pinhões e figos do Algarve quando acertava de o encontrar, surriprou um dia ao pae uma cabaça de gaz liquido e uma caixa de lumes, e foi levar isto ao avô. Como Jupiter não soubesse para o que podia servir o alcoolato de therebintina, o rapazelho acendeu um lume prompto e pegou o fogo ao gaz, isto é ao liquido, ou por outra ao gaz-liquido. Houve a explosão e as barbas de Jupiter ficaram tão desastrosamente queimadas, que desesperado o velho com aquelle incidente, abraçou o neto e pregou com elle em um rio que passava perto. Do sobrenome de Phaetonte se ficou chamando este rio Eridano, e é hoje o Pó. Isto é que é saber.

Quanto a mulherio tal pae tal filho. O Sol teve grande numero de mulheres que lhe disputaram os mais sanctos affectos. Cego adorador d'uma mulher em quanto não lhe apparecesse outra, o Sol amou devéras Clytia até ao momento em que lhe appareceu Leucothóe. Desesperada Clytia com esta infidelidade, deixou-se morrer de fôme. E' a mais economica de todas as mortes.

O pae de Leucothóe, quando soube dos amores da rapariga com o Sol, enterrou-a viva. Excelente calmante para paixões incendiarias.

De mulheres que resistissem ás instigações do Sol, só consta o nome d'uma, que foi Daphne.

O fim do nosso heróe não é bem averiguado, mas parece certo que morreu capuchinho em um convento da Italia.

Um padre da Companhia de Jesus, que tinha com o Sol intimo trato, compoz-lhe em latim um epitaphio que é um primôr de ingenho, mas que não reproduzirei porque v. exc.^a não sabe latim.

Aqui tem v. exc.^a o primeiro dos muitos estudos biographicos com que se propoem a distrahir-a o mais respeitoso dos seus criados.

E. A. SALGADO.

A OPERA EURICO

(De pag. 126)

IV

O snr. Miguel Angelo Pereira, um dos verdadeiros talentos musicaes da nossa terra, conta hoje vinte e dois annos, apenas. Em cada noite que se faz ouvir recebe das plateas novas demonstrações de enthusiasmo, novos louros que infloram a sua corôa d'artista. Senta-se ao piano, precorre ligeiramente os dedos por sobre o teclado e o pianno falla, ri, suspira, irrita-se ou languesce!.. Como aquelle genio sublime sabe transmittir a idéa por meio do som! Aquellas notas, que se lhe escapam de sob as mãos, ora são brandas como a musica dos rouxinoes aninhados nas folhas verdes dos sincriães, ora fortes e ruidosas como o estalido do

trovão, que ruje no ar. Umás vezes tristes e saudosas como uns versos de Bernardim, outras, reproduzem o sôm agudo d'uma gargalhada estoica do author do *D. Juan*...

Agora, suavemente melancolicas como o Livro dos psalmos e as lamentações de Jeremias, logo, infernalmente sublimes como o rir satânico do *louco* de Ferrara, que soterrado nos escuros antros d'um tenebroso carcere, vê dissiparem-se ao vendaval da desgraça as suas ridentissimas esperanças, como as nuvens sabeas que sahindo do thuribulo se desfazem no ar. Ora, voluptuosas como o canto da naiade, que se espreguiça, reclinando-se nos crystaes do lago, ora, estridentes como o grito de Lucifer ao perder o paraíso...

Ora, lascivas como a canção da huri no harem, ora, innocentes e angelicas como o cantar de Suzana, saracoteando no banho... Se o genio de Miguel Angelo se pôde aquilatar pelas impressões que recebemos quando o ouvimos, cada um de nós affirmará que é o musico por excellencia—uma vocação pronunciadissima. Ha n'aquella fronte um raio de luz que lhe transverbera do interior do craneo, porque lá dentro chammeja a idéa, porque lá dentro está o fogo, o genio, a inspiração. Tenho pena de não poder dar ao leitor a biographia do snr. Miguel Angelo. Os apontamentos que tenho e que me foram fornecidos por Pedro de Lima dizem apenas, que saíra do Porto na idade de dez annos, pouco mais ou menos, e que fôra então viajar pela França, pela Italia e pela America, onde tem vivido longo espaço de tempo.

Fallam de duas maravilhosas composições do snr. Miguel Angelo.—D'um *Te Deum* ensaiado ha pouco na igreja de S. Bento da Victoria e d'uma missa cantada na matriz de S. Pedro de Miragaya. Por o que tambem referem parece que o snr. Miguel Angelo partirá brevemente para a Italia com o intuito de estudar contra-ponto com Mercadante. O que posso juntar a estes adstrictos apontamentos da sua biographia é que se contam os concertos do snr. Miguel Angelo, pelas ovações que tem recebido. Inda não ha muito que no theatro de S. João se derramaram umas poesias, que lhe eram de-

dicadas e entre as quaes apparecia uma de Pedro Augusto de Lima. A do librettista do *Eurico* dizia assim:

AO ARTISTA MIGUEL ANGELO

Quando ao romper do dia o orgão da floresta,
repete o hymno santo, o canticó de festa
que a natureza entoa ao rei da criação,
presta attento ouvido e no extase tu'alma,
subindo pouco e pouco á immensidade calma,
rouba às harpas do ceu a angelica oração...

Então, ó scismador, os silphos que revoam
em torno do teu leito e teus sonhos povoam
de magicas visões, descobrem-te o porvir;
e a tua phantasia, atravez dos espaços
desprende o vôo audaz: e na terra os teus passos
vão a senda immortal intrepidos abrir!

O sopro inspirador bafeja-te essa fronte,
onde o genio gravou, como em largo horisonte,
da gloria o astro-rei, do entendimento o sol!
—Caminha, que te espera a c'rôa diamantina,
que Meyerbeer cingiu e cingiu Palestrina
no craneo, como o teu, gigastesco crisol!...

O libretto da opera *Eurico* é dividido em quatro actos e um prologo. Creio que o estão agora traduzindo para o italiano; logo que se conclua a versão será cantado em Paris e oxalá que o snr. Miguel Angelo seja mais feliz no estrangeiro com o *Eurico* do que o snr. Noronha o foi em Portugal com a *Beatriz*.

ALBERTO PIMENTEL.

FLORES SEM PRESTIMO

Tens lindas flores no rosto,
mas sam tão mal empregadas!..
Antes fossem maltratadas
n'uma lasciva capella;
antes fossem recalçadas
aos pés de torpe donzella!

Porque não vem essas rosas,
misturadas com os lirios,
brilhar por entre os martyrios.
a minha fronte cingir?
Porque não vem esses cirios
Nas minhas aras fulgir?

Espinhos só me pertencem!
Se pendente uma esmeralda
brilha às vezes na grinalda,

do poeta da corôa,
ai! é lagrima que escalda,
pensamento que não vôa!

Deus, mulher, na tua face
gravou do lirio a candura,
mas do teu peito n'agrura
não vive nenhuma flôr!..
Porisso tu com ternura
não sabes fallar d'amor!

Porisso tu nunca fitas
a vista no firmamento,
nem mandas n'aza do vento
um mavioso queixume:
porisso nunca um momento
tens das estrellas ciume!

11 de maio de 1864.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 132)

XIX

O PAE E O FILHO

Continuava Custodio da Cunha a passear no quarto. Rufina entrou assodada, dizendo:

—A mãe saiu de carro sósinha?!

—Saiu, respondeu o ancião. Vai buscar para viver comnosco uma menina muito hõa e muito infeliz. Has de consolal-a de suas tristezas e amal-a como irmã.

—Ah!.. quanto serei feliz!.. Com que gosto abraçarei a minha irmã adoptiva!...

Maximino entrava ainda agitado. Não podia disfarçar inteiramente o seu alvoroço. O pae carregou o sobrólho e replicou a Rufina:

—Não se trata de gosto; mas de consolações e de juizo. Não podemos ser felizes por termos de viver com desgraçados. Retira-te Rufina, tenho que dizer em particular a teu irmão.

Maximino sentiu um calafrio em todo o corpo. Forcejou por senhoriar suas commoções.

—Ella está salva—pensava elle—é o principal.

Rufina tinha saido. O ancião assentou-se, crusou os braços e olhou fixo para seu filho. O mancebo tinha socegado pouco a pouco, e soffreu este exame sem pestanejar. Respondeu ao olhar interrogador com uma vista serena e suave. O coração nadava-lhe em venturas.

—Maximino—disse Custodio da Cunha com modo sério, mas não carregado como ha pouco—d'hoje em diante vai viver debaixo do nosso tecto uma orphã desvalida e infeliz.

O mancebo córou, mas não desviou os olhos dos de seu pae. Este continuou com voz firme:

—A honra e o dever não são brincos de creança. Offerecemos um asylo honesto a uma donzella desditosa, é preciso que este asylo seja o que se lhe offerece.

Maximino continuava a estar sereno. Seu pae proseguiu em tom mais forte, mas não colérico:

—E sabes, Maximino, como o homem honrado e brioso se porta com a menina que se abriga na casa de sua familia?

—Sei, meu pae.

—Bem, acredito na tua probidade. Sabes tudo a que te obriga a confiança que em ti deposito?

—Sim, meu pae. Nunca lhe darei occasião de arrepender-se d'essa confiança.

—Muito bem.

—Meu pae, tinha uma coisa a dizer-lhe.

—Dize, meu filho.

—Não é por volubilidade que lhe vou fazer um pedido. Tenha a bondade de me arranjar n'alguna casa de commercio no Porto, ou permitta que eu vá para o Brazil.

—Que mania é essa agora?

—Tenho considerado que fiz mal em me servir do valimento de minha mãe para seguir um modo de vida differente d'aquelle a que me destinava meu pae. Hoje já não tenho antipathia ao commercio. Estou prompto a sujeitar-me a tudo.

—Parece-te talvez que um caixeiro com alguns vintens no bolso é mais feliz do que um estudante com elle vasio?

—Não, não tenho ambições.

—Então já aborreces os estudos?

—Não, meu pae, não. Mas tenho considerado que fiz muito mal em não seguir a occupação de meu pae e a oppôr-me á sua vontade; e tambem que os meus longos estudos fazem um grande pezo á casa, e desfalcam aquillo que no futuro podia ser um dote para minha irmã.

O ancião corrêra a mão pela testa e a demorou sobre os olhos, curvando a cabeça sobre o peito.

Maximino esperou em silencio, mas vendo seu pae immovel, assustou-se e correu a elle, bradando:

—Não está bom?!

E tomando-lhe a mão pertendeu descobrir-lhe o rosto.

Zangou-se Custodio da Cunha por ser pillado em flagrantes signaes de ternura, porque tinha os olhos cheios de lagrimas, e bradou com impeto:

—Deixa-me!..

O mancebo afastou-se atemorizado. Depois examinou seu pae com terna afeição, pensando:

—Faço mal em temel-o. Minha mãe tem razão em dizer que só ella o conhece e avalia. Tem uma alma como poucas. Agora estava elle commovido pelo que eu lhe estava dizendo. Fiz mal em devassar o véo de dignidade com que queria occultar-me as suas lagrimas.

A voz do ancião, doce como poucas vezes se ouvia, fez estremecer o moço de admiração e contentamento:

—Assenta-te perto de mim, meu filho: disse elle indicando-lhe uma cadeira a seu lado.

Maximino obedeceu.

—Quando eu queria, continuou, que te desses ao negocio, estava persuadido que não havia occupação melhor, nem mais honrosa. Os enxertos em arvores taludas pegam mal. Os teus mestres e lentes dão-me boas informações de ti. Emquanto ao peso que fazes á casa, eu ainda me não queixei. Se não estou nadando em prosperidade, tambem não estou reduzido a cerciar os estudos de meu filho.

—Mas.. perdôe, meu pae, a minha observação. Minha irmã foi privada dos seus mestres.

—Os estudos d'ella não eram precisos. Eram um luxo; os teus são uma necessidade: são o teu futuro e talvez mesmo o d'ella. Ninguém pôde prever eventualidades. Desejava que Rufina fosse muito prendada: mas fizemos o que podemos; e no que já sabe achará recursos para se entreter a si e aos outros. Tu, porém, continúa com os teus estudos, e faze por te distinguires.

—Farei tudo que ordenar, meu querido pae.

Esta ultima frase dita com ternura, tornou a commover o pae. Um momento guardaram silencio, depois disse Custodio da Cunha:

—Vai para os teus livros, meu filho; por ora é essa a tua occupação. Se as circumstancias ordenarem outra coisa, mudarei de tenções e tu de tarefa; mas espero que não. Um homem deve sujeitar-se a qualquer genero de vida, contanto que viva com honra.

Maximino retirou-se profundamente enternecido e o pae não o ficava menos.

(Continúa.)

A BORBOLETA

Dedicada e offercida ao meu adorado pae

Borboleta côr de neve
D'onde vens a vôajar?
Se és acaso mensageira
Que novas me virás dar?

Vens dizer-me que é já findo
Esse tempo de amargura;
Que em breve vai ser trocada
Em risos minha tristura?

Que a saudade vai fugir,
A triste ausencia findar;
Que passados poucos dias
Posso o meu pae abraçar?

Diz-me, diz-me borboleta,
Onde está o pae que adôro?
Não respondes, não tens pena
D'estas lagrimas que eu chôro?!

Tua côr é innocente,
Não me podes enganar.

Borboleta toda branca
Boas novas me vens dar.

Quanto invejo, mariposa,
As azas que Deus te deu!
Por ellas neste momento
Oh! quanto daria eu?...

Se fôra nobre guerreiro,
Daria os loiros, a espada!
Se fôra insigne poeta
Daria a lyra doirada.

Daria a corôa, e o sceptro
Se fôra rei bem poderoso.
Queria n'ellas ir depressa
Vêr o meu pae extremoso.

Dizer-lhe as tristes saudades
Que por elle tenho soffrido:
As angustias que o meu peito
N'esta ausencia tem sentido!...

Volta tu o mariposa,
Nas azas que Deus te deu,
Junto do pae que eu adoro,
Leva-lhe um abraço meu.

Borboleta toda branca
Volta volta a vôajar
Vai diz-lhe que as pobres filhas
'Stão por elle a suspirar.

Veiga 25 de maio

D. EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

A TOUREIRA

(HISTORIA D'UM CORAÇÃO FRIO)

(De pag. 141)

III

Ha muito que as estrellas brilham no firmamento, palpitando como a lampada, que vae a fenecer, mas nunca o seu fulgôr mostra tibieza por instantes, antes, pelo contrario, parece augmentar. Quem dá lume áquellas fogueiras, que alumiam as festas nocturnas do ceu?

Pouza a lua em cada ramo viridente um beijo de melancholica sensualidade. Treme a selva inteira, como se fôra agitada por taes osculos, mas a lua, que a beija, não dá de si um leve estremecer, que a traiha.

Ao mesmo tempo que descem do ceu aureolas de pallidez a enevoar os cimos do montanha, sobem do rio prateadas nuvens, que vão, para assim dizer, formar um throno á luminaria menor.

Que sensações prodigiosas não agitam a alma, quando se contemplam das margens de um rio, os lumes, que atapetam o ceu, por uma noite de verão! E quando se é poeta?... Atira-se o lodo vil do corpo ao chão, que n'elle encontra um macio leito de verdura. A imaginação debalde se tentará encadear, essa divagação não sei por onde, perdida não sei em que regiões. A lyra jaz ao lado, com as cordas retezadas, prompta para proferir um hymno. Então não é preciso dedilhar nas cordas, para se ouvir uma musica cheia de melodias. A natureza é a poetisa immensa, que a vem tanger serena e invisivelmente.

Sobem os olhos—os olhos do corpo, e os olhos do espirito—uma escada mysteriosa, que os leva a uma fonte, onde cada vez mais se inflama a sede do infinito. Desce pelo mesmo caminho, que tomaram, em direcção ao ponto d'onde partiram, uma esperança, um bom agouro, e uma promessa tentadôra a realisar-se no futuro.

Quem sente pender-lhe a cabeça, ao fitar o espaço azulado, que prateia a lua? Ah! existem fracos, que fecham a palpebra, quando os lumes do ceu lhe estão a aviventar saudades!

Caia embora a fronte sobre o peito, gema o pensamento cançado de devanear. A modorra não ha-de ser profunda, o somno ha-de ser ligeiro.

Uma onda, agitada pela brisa, vem, mansa e mansa, beijar os pés. Uma e outra lhe succedem. O corpo sente um leve resfriar: accorda.

Os olhos descerram-se e ficam estupefactos, ao contemplarem de novo a pompa da natureza, esquecida por instantes. Não é preciso erguer a vista, basta, sem vontade estendê-la, por um horisonte limitado, para se chamar de novo ao peito as commoções de ha pouco.

A lua reflecte-se nas aguas transparentes do rio, cõa-se o brilho das estrellas pelos ramos d'uma olaia para nos vir bronzear a fronte.

Ouve-se um ruído monotonico e compassado.

Será um remo abrindo as aguas, ou esvoagar de passaro, que vae com as pennas, roçando a superficie do rio?.. E' um ligeiro bergantim, que passa. Dentro d'elle um vulto negro, e um phantasma branco. Um homem e uma mulher. Dous amantes!

Não ha tempo para invejar a felicidade d'aquelles solitarios adoradores do bello. A voz do rouxinol nos vem interromper. E' curto o seu canto, e porisso mais seductor. E' a ultima nota com que adormece a companheira de seu ninho. Inclina-se o choupo sobre o salgueiro. Inclina-se o choupo e o salgueiro sobre o rio, como a receber das aguas o baptismo, a unção de seu mystico enlace.

No ceu um mundo de mysterios, nas arvores um volatear fraco de ventos, no vento um côro de harmonias, na praia um baixar e crescer d'ondas, nas ondas uma phosphorescencia passageira, no rio um fugir de vélas ao longe, no coração um revolutear d'amor!

Em que Eden se está sonhando? Estas nuvens que se destacam do rio serão por ventura as sombras, que cercam os bemaventurados de Elysio?

Para ser feliz não é preciso phantasiar. E' feliz quem repousa no seio da natureza, porque seus olhos em toda a parte se alargam em horizontes novos.

Antes fosse mentira. Se fôra tudo um sonho ideal, quem se atreveria a vir perturbar a harmonia d'estas creações? E donde partem esses gritos surdos, que interrompem o remanço, o placido languescer do pensamento?.. Escutam os ouvidos o rumôr d'uma cidade, que ainda não adormeceu, veem os olhos os lumes artificiaes das festas nocturnas, a reflectirem-se juntamente com o lume das estrellas, tacteam as mãos as pedras gretadas d'uma muralha.

Se vos asseverarem que estamos em Sevilla não duvidareis da verdade d'este painel, porque o Guadalquivir que a banha deve assim apresentar um aspecto magnifico, visto á luz do luar.

Correm-se não longe umas persianas, sae

pelos vidros um clarão avermelhado, apparece ao balcão um rosto cheio d'encantos, reflecte-se no rio mais uma estrella. E' ella, a mulher, que se ergueu ainda ha pouco, que vem espai-recer a vista pelas campinas do firmamento. Cae-lhe a parte inferior do rosto sobre a mão delicada, cahem-lhe as tranças sobre o collo eburneo.

Parece o anjo da indiferença, tanta é a immobildade do seu corpo! Se lhe pousasseis a mão sobre o peito, talvez nem sentissemos o bater do seu coração.

Casa-se ao murmurio do vento a singela toada d'um sino, que ao longe despede um hymno d'amargura poetica. E ella escuta as plangentes badaladas, e não cruza as mãos para rezar; ouve o susurro do vento, e não tem um mavioso queixume, que lhe entregue a medo; fita as estrellas, e não move os labios para lhe atirar um nome, ou para as interrogar sobre um presentimento secreto! E' porque aquella mulher não ama.

(Continúa.)

SOUZA VITERBO.

A AMENIDADE DA PRIMAVERA

(Conclusão)

Ainda que a primavera concentra em seu seio aquellas fragancias e sorrisos, de que o melancolico inverno está privado, lá vem os ardores da canicula, que por entre as mais alcan-tiladas serranias cingidas d'escabrosos despenha-deiros, faz dardejar seus raios abrazadores, que parecem pôr em braza toda a natureza, como a chispa saida da lamina escandecente, que se infiltra nos carcomidos tectos!

Mas a contemplação das maravilhas que circumdam o orbe, que brotam na immencidade do espaço e se desenrolam por toda a parte, não deixa vêr a grandeza e magestade d'um Ser infinito, e d'um Ser omnipotente!

E não nos falla de Deus esse mundo cravejado de sôphiras estrellas, que nos parecem gottas transparentes que exhala a folhagem do arbusto e que se prendem umas ás outras, como os seculos, que passam atravez das gerações?!

Eis—a marcha precipitada dos tempos, semelhante á carreira do mais veloz cavallo; á rapidez do vôo d'uma flecha que fende os ares;

ao momentaneo fuzilar do relampago, que mal se deixa vêr; e a tudo aquillo que o pensamento humano pôde imaginar de mais rapido!

E, todavia, nem todas as minhas pallidas e pobres comparações, são sufficientes para mostrar a ligeireza dos tempos, e a sua perda irreparavel? Os monumentos nos attestam, e nos dão um testemunho authentico das gerações que já por alli passaram, evidentemente nos mostram que tudo acaba com o tempo, e que só o poder de Deus é eterno; immensa a belleza real que a razão concebe: é aquella que a phantasia faz surgir á imaginação do homem, onde não ha contraste que a equilibre, nem escolhos que a embarcem, nem ainda o mais empanado nacar, que brilhando em suas esplendentes perolas, pode ter egual formosura cá na terra, d'onde se soffrem amargas torturas, golpes dilacerantes, vaivens incriveis de fortuna.

Quão grande não é Omnipotencia, que pelo seu amor infinito para com as creaturas, faz infundir tanto no tugurio do pobre, como no faustoso palacio do mais elevado, aquelle halito vivificante! Mas ainda assim a vida humana por mais religiosa que seja, se não trazer sempre diante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é dia sem sol, é noite sem estrellas, é républica sem lei, é armada sem pharol, é exercito sem bandeira; enfim, é vontade ás escuras, sem luz do entendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dista o que deve seguir ou evitar.

A' adhezão do bem, meus contemporaneos de hoje, e de todo o sempre amigos, junto os humildes votos que o meu coração ingenuamente agradece vós endereça, pelo jubilo com que me gratulasteis no começo d'uma empreza tão repleta d'espinhos e orlada d'abrolhos.

A'vante meus amigos.

FABIÃO.

VARIEDADES

PREFERENCIA HONROSA

E' Alexandre Dumas o maior prodigo d'este mundo. Se pela manhã recebe 40 ou 50,000 francos por uma de suas obras, á tarde já está a pregar calotes.

Tencionando ir jantar um domingo com alguns amigos ao seu palacio de Monte-Christo, (que ainda era d'elle), foi na vespora encomendar nm sumptuoso banquete a *Chevet*, dono da maior loja de comestiveis em Paris.

—Muito bem, lhe disse *Chevet*, mas sabe o sr. que é costume pagar metade adiantado?

—Será, não duvido, mas isso é para pessoas desconhecidas.

—E' verdade; ora, como eu não tenho a honra de o conhecer...

—Como! não me conhece! ora essa! sou Alexandre Dumas.

—O sr. Alexandre Dumas! oh! queira perdoar, por quem é; n'esse caso... pagará tudo adiantado.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MARIA ISABEL

ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUZA

Este excellente romance vae brevemente entrar no prelo, sendo impresso em typo novo e excellente papel; está calculado que terá aproximadamente 300 paginas de leitura.

PREÇOS

Para os assignantes da ESPERANÇA . . . 260

» os não assignantes 320

Para a provincia accresce o importe das estampilhas, pagas adiantadas.

Recebem-se desde já assignaturas na Praça de Santa Theresa n.º 63—na livraria Franceza e Nacional, e na loja de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada.

OBRAS DE ARNALDO GAMA

Um defeito de organização, romance de costumes.

O chefe dos Abencerragens, romance historico.

Paulo o Montanhez, romance de costumes.

Carolina, romance de costumes.

A tomada de Ornuz, narrativa historica.

Estes cinco romances, escriptos pelo auctor do *Genio do Mal* e do *Motim ha cem annos*, formam 2 grossos volumes que se denominam—*Verdades e Ficções*. 2 vol. . . 1\$000

Vendem-se na livraria de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134.

No escriptorio d'esta typographia, recebem-se encomendas de livros tanto de Lisboa como da provincia, encarregam-se d'assignaturas para as edições que estejam em publicação. Mandam-se vir livros de Paris, e promptificam-se a mandar fazer bonitas encadernações.

Tambem já se acham á venda n'esta redacção O FILHO DE DEUS, por Maria Adelaide Fernandes Pratá, assim como outra obra de poesias da mesma authora.

PORTO: 1865—TYPOGRAPHIA DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º
Praça de Santa Theresa, n.º 63

A LUA

Artigo em que se contam alguns episodios notaveis da vida do septimo planeta, e pelo qual se pode vêr que o author não tem bossa para escrever biographias.

Como o snr. E. A. Salgado apresentasse, no numero antecedente d'este jornal, a biographia do decantado Apollo, filho de Jupiter e Latona, lembrei-me tambem de dizer alguma coisa a respeito de sua irmã Diana, celeberrima divindade mythologica, que se nunca versejou, sabia perfeitamente atirar ás codornizes.

Eu sou o mais declarado panegyrista dos tempos mythologicos. Aquillo é que era liberdade de costumes! Nunca conheci gente mais namoradiça do que a da fabula!

O proprio Jupiter que devia ser um santo varão, que devia passar as noites a jogar a bisca de nove com Juno, para não desmoralisar quem lhe estava debaixo do dominio, era um acerrimo apologista da polygamia — um grande debochado!.. Vão agora fazer isso! Se o pobre do marido sae de casa com tenções de nunca mais tornar a visitar a rabugenta esposa, vem-lhe logo na piugada a authoridade e dá-lhe na cara com o artigo trezentos e trinta e sete do *Codigo Penal*...

Hoje, um homem que defende a monogamia ou é um refinado hypocrita ou então tem aspirações a ser canonisado... Mas para que digo eu estas cousas? Podem-me acoiimar com prisão correccional porque estou *propagando doutrinas contrarias aos dogmas catholicos*. Pena esta, imposta aos proselytos, e citada no artigo cento e trinta do supra dito *Codigo*... Vejam como eu sou lido em disposições judicarias! Vamos agora á parte mais substanciosa e chorumenta do artigo. Ouçam a erudição e passem...

Diana era irmã legitima d'Apollo e por conseguinte filha dos mesmos paes.

Segundo a mythologia houveram tres Dianhas. Esta de quem fallo, filha de Jupiter e Latona, outra filha de Upis e Glauce e a terceira, que tinha por paes Jupiter e Proserpina. Ora a menina Diana Orthia (que lindo sobre nome!) nasceu em Delos, ilha do mar Egeo, celebre

pelo outeiro Cyntho, que tem mais alguns metros d'elevação de que o monte Pedral. Não me occorrem agora os nomes dos avós paternos e maternos, o que não deixo de estimar para que isto não pareça assento de baptismo nem certidão d'idade.

Vou-lhes agora dizer que a minha biographada, naturalmente por ser filha do gran Tonante, era por todos acatada e respeitada. No ceu chamavam-lhe Phebe ou Lua, no reino de Plutão Hercate e no mundo sublunar Diana. Não sei se tinha mania d'aristrocata, mas o certo é, que nunca sahio a passeiar sem o cortejo d'oitenta nynphas, que hoje seriam substituidas, se ella vivesse, por oitenta creados de farda acarelada e chapéu tricorne. Ora Jupiter podia ter gosto na filha que sahia languidamente reclinada no frouxel do seu coche, que não era tirado por possantes baios, mas sim por duas corças, se não mentem as chronicas, nem a estampa decima quinta do *Manual* do snr. Monteverde. Apollo, pacifico sujeito que jogava aos domingos de tarde a barra com Hyacintho, sahia tambem muitas vezes montado no Pegaso, cuja barriga era muito mal tratada por os acicates de seu amo. Sabia muito de equitação este snr. Apollo!

Ora o Pegaso era um *cavallo illustre*, como o Rucinante ou o Xantho, animal escorreitissimo que não tinha laparões nem sobrecanas apesar das continuas esporadas do cavalleiro, que conduzia.

Vamos ao caso. Um caçador de truz chamado Acteon, ia um dia de bandoleira e polvorinho, fumando um charuto que não era de Xabregas e caminhando por uns montados á cata de perdizes, que mandasse assar com molho verde para o jantar. Não sei como o descuidado mancebo olhou para o lado, o certo é que pilhou a recatada Diana em crime de lesa-pudicicia. Estava-se refrescando n'um banho consolador. Recuou a casta deusa com biôcos de modestia apparente e invocando o favor dos ceus metamorphoseou o pobre do rapaz em veado.

Acteon, que ia atirando á volateria, viu-se depois exposto á furia dos monteiros e á fome

dos sabujos... De maneira que n'este relanço muito bem ajusta a sextilha do nosso poeta Novaes:

Pelas moutas escondido
O caçador, perseguido,
Se vai d'hervas sustentando;
E o coelho, d'arma às costas,
Vai, co' os cães, fazendo em postas
Quantos homens vai achando.

Estas metamorphoses eram frequentes então. Até Chiron tinha o mau gosto de se transformar muitas vezes em cavallo!...

As mulheres da mythologia ou eram umas grandes libertinas ou umas innocentes admiraveis!

Diana era recatada como se vê, ou então, fingia como melhor parece; Titea tinha a desenvoltura de deitar a este mundo uma ninhada de dezeseite filhos! Amava Diana em extremo o celibato. Dizem alguns que a deusa da caça era irmã gemea d'Apollo. Como nascesse primeiro ajudou Latona a deitar seu irmão a este mundo. Testemunha das dores de sua mãe concebeu tal horror ao matrimonio, que obteve de seu pae a graça d'uma virgindade perpetua. Este abstruso episodio corre parelhas com aquelle do nascimento de Minerva!.. *Dizem* que nasceu da cabeça do pae... E' verdade!!

Tão pudica era a creaturinha que expulsou Calisto do seu cortejo, porque tivera a fraqueza de erguer amorosos olhos para Jupiter.

Elle é que tinha a culpa...

Mas Calisto ficou-se a rir porque em lugar de ir em custodia para o quartel do Carmo, como Juno queria, obteve do seductor a graça de ser chamada *ursa maior* e seu filho, o *filho do peccado, ursa menor*. Vamos agora ás vergonhas que mosqueam a biographia de Diana.

E' de tradição que muito amara ella o pastor Endymion. *Si vera est fama* descia muitas vezes do ceu e vinha deixar-lhe a casa um bilhete de visita... Acontecia que, se o pastor não tinha sahido, ella subia e tomava chá e comia torradas com elle... Fez mal o pateta em a não desposar, porque talvez Jupiter lhe desse como dote o casal de Epheso, propriedade d'ella.

Não era a rapariga boa d'assuar, como se

costuma dizer. Nem ella, nem seu irmão. E a prova é que entre muitas outras maroteiras mataram Tithio ás settadas. Tinha a bastarda filha de Jupiter homenagens de muitos povos, taes como os Egypcios, Phenicios, Mahometanos, Nicarinos e Mexicanos. Até as amas que aleitavam os filhos dos Lacedemonios celebravam festas em honra de Diana, chamadas Tithenidias. Quer Macrobio que todas as divindades sejam dependentes do sol e da lua. Deixal-o querer, eu é que não quero nada a esse respeito. Vem tambem a ponto dizer que Pindaro chamára á lua o olho da noite e Horacio a rainha do silencio. Ora depois d'isto a lua tem sido cantada por muitos litteratos encartados, cujos nomes já ha muito figuram na *Flos scriptorum*. Mas é tão vaidosa a tal lua, que ao lêr os versos d'alguns poetaços, que lhe são dedicados, ri-se a bom rir e diz que algum dia talvez venha a morrer como a Maria Rita...

ALBERTO PIMENTEL.

AMOR DE MÃE...

Oh l'mour d'une mère!—amour
que nul n'oublie.

VICTOR HUGO.

«Meu filho, dormes?.. Não fallas!..

«Sinto-te a face tão fria!..

«Será somno ou agonia?!

«Magoa-me esse dormir...

«Aconchega do teu peito

«A camisa. Olha, meu filho,

«Os teus olhos não têm brilho!...

«Eu quero ver-te sorrir....

«Mas seu filho não responde!

«Brilham já no ceu estrellas,

«Não acordas, não queres vê-las,

«Não queres vêr o seu pallôr?

«Eu tive hoje tanta esmola!..

«Tenho hoje tanto oiro...

«Mas só me basta o thesoiro,

«Filhinho, do teu amor...

«Ai meu filho, não te bate

«O coração!.. Tu morreste!..

«Nem sequer adeus disseste
 «A' mãe que pedia o pão...
 «Ai! meu filho que dôr esta!
 «Terás por campá o meu collo...
 «Mas poderá ter consolo
 «Quem chama seu filho em vão?....

«Morrer de fome o meu filho
 «Emquanto que eu esmolava
 «O pão, que sempre lhe dava,
 «Que elle comia a sorrir!..
 «Oh! meu Deus! porque não levas
 «A mãe que seu filho perde?!..
 «Da choupana a hera verde
 «Parece com dôr cair!...

Faz uma cova na terra
 A terna mãe desvairada.
 Atira p'r'o lado a enxada
 Aberta a campá já tem.
 E quando a loira criança
 Vai a poisar entre as flôres,
 Não resiste a tantas dôres,
 Sobre o filho cae também...

ALBERTO PIMENTEL.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 157)

XX

OS LIBERTADORES

Estava a filha da infeliz D. Maria Carlota triste e pensativa no lindo quarto que lhe deram, e que Ermelinda não consentiu trocasse por outro mais modesto e simples. As continuas visitas d'Amaral, suas vistas e fallas amorosas, e mais que tudo as reflexões vagas mas venenosas de Ermelinda lhe suscitaram suspeitas. Debalde a sua inexperiente bondade e singeleza rebatia a desconfiança; o instincto a avisava que se machinava alguma coisa contra a sua honra.

—Estou louca!—pensava ella agitada e procurando socegar—Como ousosuspeitar infamias da generosa parenta que me tem em sua casa,

como filha mimosa?! Tem idéas um tanto grosseiras, mas o coração é bom e a alma magnanima.

Ouviu de repente barulho na escada e a voz d'um homem que gritava:

—E' o que lhe digo, hei-de fallar com a menina que aqui está. Espera-a á porta uma senhora, que a ha-de levar d'aqui.

—Parece-me a voz de Francisco! — disse ella comsigo, e pressurosa ia certificar-se, mas Ermelinda entrou arrebatada, impediu-a de sahir e fechou a porta por dentro dizendo:

—Está ali um doido!.. um doido furioso! Se elle nos agarra, espatifa-nos! Estejamuito caladinha...

E a levou para o fim do quarto quasi á força.

—Pareceu-me a voz do filho da snr.^a Carolina...

—E' um doido, minha filha, um doido que faz medo. Não falle. Eu vou fazer bulha para o assustar.

E começou arrastando as cadeiras e fazendo grande ruido. Não obstante isto Maria Isabel ouvia que altercavam na escada e percebeu distinctamente estas palavras que o marujo dizia com toda a força dos seus pulmões:

—Sr.^a D. Mariquinhas, fuja d'estes cachopos do demo. Está lá em baixo a sr.^a mãe e outra senhora que a vem buscar.

A donzella precipitou-se para a porta. Ermelinda largou a cadeira que arrastava e agarrou-a pela cinta fazendo-a recuar. Não lhe restava já senão a força para detel-a. Maria Isabel gritou com todas as suas forças:

—Acuda-me, sr. Francisco, acuda-me. Estou fecha...

Não pôde acabar. A mão d'Ermelinda lhe tapou a bocca, ao tempo que ella a arrastava comsigo, cercando-a com o outro braço.

Francisco ouvira bastante. Até alli o detivera Miquelina dizendo-lhe colerica que não vivia alli senão uma senhora com sua filha, e que elle pagaria cáro o insulto que fazia a suas amas; porém quando elle ouviu os gritos de soccorro da filha de Ricardo d'Oliveira, deu um encontrão furioso á rapariga e quiz subir. Mi-

quelina agarrou-lhe enraivecida n'uma perna, o que teria feito cahir o filho de Carolina, se, pelo costume dos marinheiros, não estivesse seguro ao corrimão. Susteve-se pois, e, sem voltar o rosto, firmou-se com as duas mãos no corrimão, e assentou rapido um pontapé, com o pé que tinha livre, na face da creada. Ella soltou um grito e foi com as mãos á cara que tinha banhada de sangue. O marinheiro com tres pernadas chegou a cima, e foi á porta do quarto em que a menina soltava gritos abafados, e entre elles escutou o moço o seu nome.

—Eu lá vou sr.^a D. Mariquinhas, eu lá vou.

E começou a abalar a porta furioso. Ermelinda viu que tinha feito quanto era possível fazer para reter o seu ganha pão, ou antes ganha luxo. Não havia remédio senão ceder. Deixou a orphã e foi á porta, que abriu, gritando:

—Forte patifaria! A casa do cidadão é inviolavel.

—Alcoviteira de má morte, redarguiu o marinheiro, a tua casa é na Relação.

Maria Isabel se aproximou tremula e em desordem.

—Socegue, sr.^a D. Mariquinhas, proseguiu elle, e segure o cabello. Esta feiticeira a despenteou.

A donzella segurou com mão convulsa as tranças que lhe caíam pelas costas.

—Tem tempo. Não se apresse. Está em porto seguro. Eu sirvo-lhe d'ancora, e logo servir-lhe-hão de remos as patas de dois cavallos. Está distante um *nadita* uma senhora metida n'uma carroagem á sua espera, e a sr.^a mãe está á porta. Não quiz subir cá a riba, porque não gosta da feiticeira que a logrou.

—Marióla!—bradou Ermelinda.

A orphã, para evitar contendas, apressou-se a perguntar quem era a senhora que a esperava.

—E' uma senhora—respondeu elle sorrindo mánhoso—que encontramos á porta de um fabricante a fazer as mesmas perguntas que eu e a sr.^a mãe fizemos. Mas está prompta? Desça adiante para eu a guardar; não vá encalhar em estes recifes da breca.

—A minha parenta, disse Ermelinda pondo-se diante da joven, não sai d'aqui.

—Vai chamar parenta ás da tua egualha, velha alcoviteira! Deixa passar a sr.^a D. Mariquinhas ou te pespego dois murros!..

—Não sai d'aqui ao menos sem pagar o vestido que traz, e o gasto que cá fez.

—Eu pago-te tudo n'um *iste*, como ha pouco paguei á tua creadinha das duzias!..

O marinheiro levantou o murro fechado sobre Ermelinda. Esta teve medo e recuou gritando:

—Ha-de-me pagar o vestido que traz, senão grito—aqui d'el-rei.

O filho de Carolina não a proseguiu. Maria Isabel o detinha dizendo:

—Pelo amor do ceu, sr. Francisco, não lhe faça mal.

—Venha então, e deixemos a velha coruja.

Ermelinda continuava a bradar que lhe pagassem o vestido e a despesa que a sua parenta lhe fizera. A este tempo a esposa de Custodio da Cunha chamada por Carolina (que ouvira o barulho que ia em cima e chamára auxilio) subia a escada e respondeu a Ermelinda:

—Mandar-lhe-hemos toda a roupa que a sr.^a D. Maria Isabel leva sua. Ella não quer nada de fonte suspeita, nem dons chorados. Menina, venha comigo. Tinha uma filha; terei agora duas.

Maria Isabel balbuciando agradecimentos seguiu a sr.^a desconhecida, que lhe pegara do braço e a beijára com affecto.

Ermelinda não se atreveu a gritar mais, e vendo Francisco ficar, recebeu não sem motivo, que elle a quizesse mimosear com algum murro.

Fechou-se á pressa no quarto. O marinheiro abanou a cabeça em ar de zanga e ameaça e agarraudo-se ao corrimão, deixou-se ir pelas escadas abaixo, escorregando quasi como se fosse por uma ladeira. E reuniu-se ás duas senhoras e a sua mãe.

(Continúa.)

ENCANTOS DA NATURESA

A MINHA QUERIDA AMIGA D. FLAVIA DOMETILLA DE A. M. G.

Como é bello, amiga minha,
A natura contemplar!
Vêr um Deus Omnipotente,
Dar-nos encantos sem par!

Nas lindas noites d'estio,
Depois que se esconde o sol,
Ouvir doces harmonias
Do mimoso rouxinol!

Vêr o tepido outomno,
Das folhas tudo despir,
Tirar-lhe primeiro a côr,
Depois fazel-as cahir.

Nas manhãs da primavera,
Pela briza bafejadas,
Ver as rosas vecejantes
Co'o orvalho rociadas.

Ver como o prado se enfeita
C'o matiz de lindas flôres.
Ver toda a terra cobrir-se
Com manto de varias côres...

Ver a humilde violeta,
Na propria rama perder-se;
Como a virgem vergonhosa
Que a todos quer esconder-se.

A madre-silva cheirosa,
Dispersa pelas campinas,
Entrelaçar sua rama,
Com as mimosas boninas!

Ver ostentar orgulhosas
As camelias no jardim,
Formar perfeito contraste
Com o singelo jasmim.

Ver as aguas dos regatos,
Com os seixinhos brincar,
Lá nos frondosos salgueiros
Os rouxinoes escutar!

Essas noites de janeiro,
Tão formosas, tão brilhantes!
Quando ha no firmamento
Milhares d'astros scintillantes!...

Quando nas aguas do rio,
Vem brincar a argentea lua,

Doirando o manto da noite,
Com toda a pureza sua!

Nessas horas de silencio,
E' que falla o coração;
E sente-se a alma vôar
Em sublime aspiração,

P'ra esse Ente que p'ra nós,
Tanta bellesa creou;
Tanta ventura e delicias
Cá no mundo nos deixou!..

Deus mandou a nossa vida,
Por caminhos só de flôres;
Porém nós, pobres mortaes,
Juntamos-lhe acerbas dôres!..

Como é bello, amiga minha
A natura contemplar!
Ver um Deus Omnipotente
Dar-nos encantos sem par.

D. EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

A TOUREIRA

(HISTORIA D'UM CORAÇÃO FRIO)

(De pag. 159)

IV

A noite continua serena em seu colmeiar de sonhos. Quantos infelizes, no coração dos quaes, o sol introduzira um riso d'escarneo, se embalam agora, ainda que ficticiamente na rede esplendida do prazer e da riqueza, do amôr da ventura?

Sonhar!.. Quantos filhos legitimos da infelicidade procuram adormecer a imaginação, fechando a vista ás pompas do dia, para n'este laborar intimo do pensamento, enganar a alma nas aspirações, que revolteam sômente, nas brisas que o mundo sopra? E quantos desventurados pranteam o dia de hontem, amarguram o de hoje, e olham descrentes para a aurora que vem surgindo?

Mas n'este povo não ha, como em todos os outros, olhos magoados, que preçurem esconder as amarguras do coração, Sonha velando, vela, recebendo na fronte as orvalhadas serenas da noite, adormece ao primeiro regorgitar

da aurora, ao derradeiro esmorecer das trevas. Quer ter para sempre unido o laço que prende a natureza ao movimento. Nada de repouso, nada de silencio. Porisso, o bulicio das tempestades da vida não se apaga para deixar o espaço livre aos murmúrios da cigarra. Se ao longe se extingue a canção do rouxinol, ha logo mulher formoza, que lhe continue a indeixa. E' porque a noite não serve apenas para embrulhar no seu manto os desabrigados da fortuna, nem para limpar com elle as vertentes da lagrima. A noite é precisa para todos os que pensam, como o orvalho é necessario para a flor que derrama um perfume; para todos os que amam, como o incenso para o altar, cujo retabulo mal se distingue d'entre o frouxo alumiar dos cirios.

E em que povo o balsamo do amor derrama mais perfumes, e a chama da intelligencia clarões mais fúlgidos? Onde mais arrebatamente no raciocinio, e mais paixão na alma, mais força no pensar, e mais candura no sentir? Cada um dos raios do sol incendeia-lhe a phantasia: se esta vivacidade de ideias não fosse temperada pela amenidade da noite, quem poderia resistir á exaltação de taes pensadores? Seria preciso evitar o seu contacto, para que se não evaporasse o gelo, que dá vida de neve a tantos corações arrefecidos!

E' por isso que este povo quasi vive sómente de noite: a calma diurna embarga-lhe os passos. Deixemol-o, pois, entregue ao prazer, e assentando a vista no horisonte d'este berço da Andaluzia. Vejamos a espuma do liquido que ferve na taça do prazer, já que não podemos saborear o gosto, nem contentar ao nosso appetite.

Muitas ruas que ao meio dia eram desertas, tornam-se agora centros de reuniões animadas. Em roda do alabastro, que fecha os tanques, giram voluptuosas danças, onde as raparigas mais formosas, trajando as vestes as mais garridas, levam em turbilhão, na cadeia dos braços, os corpos robustos de gentis mancebos. Cada vibrar de dedos no pandeiro, cada estalar de castanholas na mão produz um abalo geral nos corpos que saltam, ébrios d'amôr, febricitantes de delirio. Parece que uma cadeia ele-

ctrica se dirige a occultas d'aquelles instrumentos, para o coração de cada um, obrando de igual modo em todos, ao mesmo tempo. E as passadas e os saltos estalam no lageado da rua como as risadas de Mephistophles, e os corpos inclinam-se para aqui e para alli, sem nunca tombarem, e os labios tocam-se a miudo sem se polluirem, e os seios roçam, apertam-se cada vez mais, sem se ferirem, e o pandeiro não cessa de avivar a dança!

Alguns preguiçosos, alguns indolentes, alguns já gastos do prazer—poucos são—contentam-se em serem meros espectadores, e se recostam nos umbraes das portas, ou por cima das soleiras, dormindo quasi sempre, accordando raras vezes ao bater de palmas, que applaude com todo o phrenesi os graciosos passos d'um bolero.

Ao mesmo tempo descerram-se as cortinas que fecham os balcões, sobre os quaes se debruçam, envolvidas n'uma atmosphaera de luz vermelha, fagueiras visões, lindos rostos de pestanhas negras e olhos da minha côr, escutando as serenatas, que lhe passam junto da porta, ou ouvindo as harmonias do céu aquellas que não tem um amante na terra.

Quem vê este espectáculo pela primeira vez, sem lhe prover as doçuras, julga que um bando de fadas, aproveitando-se do somno dos habitantes da cidade, alli viera dar um concerto, como ellas sómente o podem imaginar. Que depois as mulheres de Sevilha, accordando ao ruido d'aquelle sarau imprevisito, vieram ás adufas, para fazer crear no peito das fadas ciumes de seus dotes de galante formosura. E aquelles que se deixam enlaçar n'esta fogosa cadeia do prazer, sentem igualmente um desvairar d'imaginação, um alar d'espírito, julgando que um fatalismo os acorrenta áquellas fagueiras voluptuosidades. Se são frias ao principio, pouco a pouco embriagados, já pensam depois, que são convivas, chamados por algum anjo, aos banquetes celestes.

Todas as ruas tem o seu canto, a sua festa, a sua serenata, a sua guitarra, só a sua onde elle mora apenas é solitaria e silenciosa. Apenas o seu balcão se vê fracamente illumina-

do, mas nenhum galanteador veio debaixo d'ella dar largas ao seu sentimentalismo.

Comtudo, o silencio em breve irá ter o seu fim, ao que parece. Um vulto dobrou a esquina da rua. Caminha a passos largos. Envolve-o um farto manto de panno acastanhado com debruns de velludo preto. Quasi que só a fronte elevada se destaca das prégas que envolvem a face.

O pressentimento vae-se convertendo em certesa. Elle passa debaixo do balcão illuminado, e logo faz cahir as abas do manto para deixar vêr um rosto magestoso e attractivo. Negra barba lhe desce sobre o peito, longos cabellos lhe envolvem a altaneira cabeça. Saca de sob o braço uma guitarra e com a pressão dos dedos, as cordas dispendem scismadores, ternas, melancolicos harmonias, ou notas vibradas por um delirio, que se poderia chamar o fanatismo do amôr. Depois á musica do instrumento junta o volume da voz apaixonada e canta assim:

«Ter quinze annos e ser bella,
«e nascer na Andaluzia
«vale mais que ser estrella,
«que luz tenha ao meio dia!

«Ter quinze annos e rainha
«ser já do meu coração,
«ai nobre senhora minha,
«tende de nós compaixão!

«Nunca em minha alma a fadiga
«hade cessar um instante,
«só para haver quem me diga
«nunca serei tua amante!

«Ai louco do meu desejo
«ai doudo do meu pensar,
«pois tento n'um só adejo
«ao ceu immenso voar!

Tremia-lhe o corpo, tremiam os labios ao repetirem aquella voz. Assim devia fallar Sapho, quando interrogando o destino, se precipitava do alto de Leucattes. Um enthusiasmo louco chamariam os que nunca amaram áquella expansão arrebatadora da alma.

D'este ultimo modo pensava a mulher a quem elle se dirigio, porque ao escutar-lhe a derradeira expressão das agonias, que fermentavam no peito, a esmola de piedade e compai-

xão, que lhe atirou, foi um riso sardonico, que atravessando rapido as persianas, que se iam fechando, veio repercutir feroz nos ouvidos do martyr, victima do amôr. Ai! se aquella mulher obra d'esta maneira é porque em *verdade não ama!*

(Continúa.)

SOUZA VITERBO.

SERVIÇOS DE PORTUGAL Á RELIGIÃO

Vivemos hoje das recordações do passado. Feliz passado, que em vez de nos envergonhar, nos tem erguido do esquecimento fatal, do abysmo insondavel, em que o destino nos arremessou. Oxalá que todas as nações, relendo as paginas das suas historias, sentissem a mesma tranquillidade de consciencia, e o mesmo rebater de pundenrosos brios.

Sômos hoje, bem o sabemos, um desmoronado castello, sobre cujas ruinas a flôr da saudade derrama um pouco da suave, doce e attractiva pallidez, que lhe tinge as petalas. Mas ainda estas paredes, meio de pè, meio cahidas, desconjuncturadas, com as largas fendas mal cobertas pela tenacissima hera, inspiram ao viajôr, que passa, observando sempre, por sobre as ruinas dos imperios, uma exclamação arrebatadora, um orgulhoso tributo, um preito sincero á magestade, á nobresa, grande na sua decrepidez, magnanima na sua desgraça, firme na sua queda, risonha no seu desmoronamento, esplendida no seu apagar d'aureolas brilhantes.

Oh! glorioso passado o nosso, que nos contenta no presente, e nos vae dourando os horisontes do futuro, com os lumes da esperança!

O nosso futuro ha-de ser tão bom como o nosso passado... quem o não crê? Sômos tronco que brotou de excellente arvore, não havemos de degenerar. Quando a monarchia Leoniza se tornava rival aos olhos do Islamismo na peninsula, e os descendentes dos Godos começavam a implantar, á sombra da cruz, as reliquias da sua civilisação, que as hordas invasoras tinham envolvido e arrastado no seu tempestuoso caudal de destruição, então é que este torrãozinho se apartou da sua madrastra, não para rasgar-se as entranhas em facções internas, mas para se erguer, no conceito de todos, aos olhos do mundo.

Fizeram mal os nossos primeiros escriptores, tratando de escrever a historia da monarchia, de esquadriharem genealogias mais il-

lustres. Bastava aquella honrosa origem, para procedermos de boa familia, como os nossos visinhos são, não ha duvida. Hoje os modernos vão esquecendo taes bagatellas. Fazem bem.

A nossa missão foi sempre grande. Primeiro defender a independencia; depois sustentar e augmentar a religião. Não sei bem qual das duas cousas se antecipasse. Aconteceu muitas vezes, que durante que o rei levava d'encontro aos leões de Castella as quinas de Portugal, os seus fronteiros se defendiam das barbarescas incursões dos mouros.

A religião sempre foi dominadora absoluta d'este povo. Quando os limites de Portugal não soffriam controversia, esse rei, que ligiti-mou a bastardia com o sangue derramado a favor da patria nas luctas da sua liberdade, foi illustrar as armas em terras d'Africa. Illustrar sómente as armas, buscar presa, augmentar imperio?... não o quero assim crêr. A conquista de Ceuta foi vingança de christão contra mouro, foi o zelo religioso que a levou a cabo, como tantas outras empresas, que arrojaram às praias da Barbaria tantos milhares de soldados, resistindo e levando de vencido a tanta quantidade de inimigos, confiados apenas no valimento e socorro da cruz.

Com que usura nos hade pagar esse areento torrão da Africa as innumeraveis gôtas de sangue portuguez, vertido em pró da doutrina de Christo contra as leis de Mafoma, por causa da civilisação, contra o despotismo sanguinario e feroz dos kalifas? O mundo que o julgue.

Na Asia, em que o imperio dos Gamas se estendeu rapido como a lava dos vulcões, aonde chegou o estridôr das bombardas, sempre eccoou a voz do prégador evangelico, e o cruxifício nas mãos do sacerdote repulgiu ao sol de mais distante climas, primeiramente, que a espada encostada ao hombro do guerreiro.

No cêrco de Diu os soldados reanimados pela imagem do Christo, voltando de novo à peleja deixavam com gosto, penetrar mais lançadas nas já abertas feridas.

Poder-me-hão aqui dizer, que o estandar-te christão incobria muito latrocínio, muita violencia, muito desacato, e que só a avidez da riqueza dilatava o nosso dominio. Ricos eramos nós, como ainda hoje, com as nossas minas enterradas no sólo, e com outras á vista sem ser de metal, porém de proveito, de mais ganancia e utilidade — os bens agricolas: escusavamos de buscar riqueza fóra. E' verdade que a riqueza em outrem nos desperta maior cobiça. Não quero rebater tão forte argumento. O certo é que mui-

tos vice-reis, empenhavam baixelas, e não tinham com que voltar ao reino. Affonso d'Albuquerque lega apenas a seu filho a gloria do seu nome, e D. João de Castro, não tem na hora extrema dinheiro, para comprar uma galinha.

Esta questão poderia melhor ser discutida se desse anchas a este artigo, mas não convem á indole do jornal. O que não poderei omitir, é dizer que o dominio espiritual estendeu-se muito mais e em perdurado com differença immensamente sensível sobre o temporal. Descuidos de governo o tem votado ao desleixo — Paciencia.—

Da America nem é bom fallar. Todos sabem que extremos missionarios Vieira e Anchieta, entre muitos outros de exemplares virtudes e talentos provados. O congraçarem-se os portuguezes com as tribus indigenas a elle se deve. Quantas vezes taparam a bóca dos arcabuzes dos nossos conquistadores menos compaciosos — para privarem a humanidade d'um espectáculo deshonoroso?

Cifram-se pois os serviços de Portugal á religião catholica nos seguintes — combater o islamismo na Europa, na Africa e na Azia, espalhar os beneficios do Evangelho por todas as partes do mundo conhecido, onde chegaram as nossas armas, — debellar as seitas nefandas que renegaram da santa fé, em todas as suas terras e dominios. Neste ultimo ponto a philosophia accusa-nos de fanaticos, de sanguinarios até, porém sem querermos dar louvor, como faz Chateaubriand, a uma paixão, que se enodôa de sangue humano, buscar-lhe-hemos desculpa, não só nas idéas da época, na exaltação do espirito religioso, mas nas conveniencias pessoais da realesa, a quem só cabe toda a culpabilidade do erro.

Contam-se por milhões os convertidos á fé, por esforços religiosos de Portugal. São outros tantos milhões de operarios na estrada da civilisação, porque a religião de Christo, é a unica e verdadeira base de toda a civilisação. — Abençoemos por tanto a memoria de nossos antepassados. Não riamos com os incredulos que atiram á conta de nada estes serviços — Loucos, que nem sabem para que a humanidade é bôa.

P.

No escriptorio d'esta typographia, recebem-se commendas de livros tanto de Lisboa como da provincia, encarregam-se d'assignaturas para as edições que estejam em publicação. Mandam-se vir livros de Pariz, e promptificam-se a mandar fazer bonitas encadernações.

PORTO: 1865 — TYPOGRAPHIA DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º
Praça de Santa Theresa, n.º 63.

O PRIMEIRO DE JUNHO

DIA primeiro de junho! Que de sensações este dia me recorda!..

Ha oito annos que eu soffria bastante; chorava as lagrimas que a orphandade costuma trazer aos olhos das infelizes. A minha querida mãe tocava já com os pés a beira do sepulchro. As portas da eternidade abriam-se para ella, e as da ventura fechavam-se para seu esposo, e pobres filhos! Elle jazia tambem enfermo; a dôr havia-o arrojado no lucto do soffrimento. Os espinhos da viuvez começavam a cravar-se no seu coração! O véo da orphandade desenrolava-se sobre as nossas cabeças! E aquelles espinhos devem lacerar dolorosamente o coração; deve ser horrivel a idéa de que nos vamos separar da ametade da nossa alma!!

O véo da orphandade tambem tem espinhos, e vem ensopado em lagrimas!!.....

No dia primeiro de junho tambem já gozei momentos de bastante satisfação.

Ha cinco annos que nas margens d'um rio com numerosa companhia, me diverti bastante!

Ainda me pulsa com força o coração com a lembrança d'aquelles innocentes folguedos.

A nossa sala do baile era um campo rodeado d'alamos e freixos; o tapete que a cobria era de relva matizado de boninas.

Todos riam, a alegria era geral!

Estavamos alli reunidos sessenta pessoas de diversas familias, e povoações a quem a amisade reunia n'uma só familia! Eramos deseiseis meninas que contavamos de quinze a dezoito primaveras.

Como todas brincavamos! como nos parecia tudo semeado de flôres! E com tudo quantas d'essas se teem destilado em lagrimas de felt!..

Uma d'essas minhas companheiras já não existe: os castos lyrios da sua puresa estão entrelaçados com o sepulchral cypreste!

E nós, n'aquelle dia, suppunhamos bem distantes as lagrimas, e a morte!

Dançavamos tanto, tanto! Era quasi um

delirio, em que tomavavam parte moços, e velhos!

Parecia que a ventura morava alli aninhada na verde folhagem das arvores, embalada pelo cadente murmúrio das águas. Chegava-se mesmo a acreditar que anjos inviziveis defendiam aquelle logar dos cuidados, e desgostos!..

Desceu a noite; separamo-nos: findaram as illusões, isto é, findou o nosso prazer; porque o praser n'este mundo é uma illusão, um sonho do qual a mão da realidade nos desperta...

Decorreu um anno: choraram-se algumas lagrimas, alguns contentamentos nos sorriram; e a aurora do dia 1.º de junho seguinte veio encontrar-nos outra vez quasi todas reunidas.

Era a amisade ainda que nos unia; um anno só tinha passado, e com tudo a nossa alegria já não era tão completa como o tinha sido ha um anno!

Havia alli em todas as frentes uma sombra de pezar, e com tudo eu ainda hoje ignoro o motivo!

Estou mesmo certa que se o perguntassem a cada um de nós, ninguem saberia responder!

O que é facto é que elle existia...

Era talvez porque tinha passado um anno; porque um passo mais se tinha dado para o sepulchro?

Não sei. São mysterios que a vida encerra!...

Mais quatro annos se sumiram no abysmo do passado. Contentamentos e pesares lá foram arrastados pela vertiginosa carreira do tempo; mas as recordações ficaram, e existem todas no meu coração!

E' hoje o primeiro de junho!

Sinto a saudade cravar-me no coração os seus espinhos,

Vou evocar as recordações do passado, quero viver com ellas este dia!

Vinde, vinde doirados e queridos phantasmas, vinde povoar este mundo d'illusões em que hoje quero viver!...

Eil-os que começam a caminhar do passado para o presente!! Mas são poucos, bem pou-

cos aquelles que sorriem, quasi todos veem tristes, lacrimisados, vestidos de lucto!!

Vinde recordações queridas, não vos regeito por me não trazerdes alegrias e sorrisos; quero-vos talvez mais assim. Vinde, choraremos juntos.

Na região das illusões tambem ha lagrimas!!

Realidade é o que dizia mr. de Chateaubriand:—dois licores se vascolijam no calix da vida, doce um, amargo outro; mas, além da amargura do segundo, acrescem as fezes que ambos os licores depositam no fundo do vazo.

Isto sim que é realidade; quem se quizer convencer do contrario illude-se a si proprio!

Hoje, e sempre sereis as minhas companheiras; e depois ireis descançar comigo no gelido sepulcro.

D. EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

AMOR NO OCEANO

ROMANCE MARITIMO

OFFERECIDO AO MEU AMIGO F. M. DE SOUSA VITERBO

I

Rompia a madrugada do dia 23 de junho de 1845. Os seus primeiros arreboes transpunham, com vagar, o horisonte, semelhantes á guarda avançada que sempre precede um exercito. O Douro que, até então, banhára, em silencio, os pés da cidade, adormecida, elevava o seu murmurio, agitado pelos remos ligeiros de um elegante barco. Dentro d'elle vinha alegremente cantando um jovem marinheiro, como se quizesse, pela frescura e valentia da voz, apressiar o nascimento do sol, que pelos reflexos vividos, que espalhava sobre os topos da montanha, deixava predizer um magnifico dia de verão, egual aos muitos, que o nosso esplendido ceu sabe reflectir na sua cupula azulada.

Ao vel-o assim, com os olhos, ora perdidos no espaço, ora fitando as aguas, que despiam o seu manto cinzento da noite, dil-o-hieis gentil gondoleiro, ensinando uma canção do seu Tasso ás aguas remançosas da poetica mas escravisada Veneza, d'esse luar melancholico, e cheio de saudade, que se reflecte nas ondas do

Adriatico, como, n'um logo, descuidado seio de virgem, que, junto d'elle, adormeceu.

Ao murmurio da natureza já desperta, começava a juntar-se esse rumor, essa vida, que dá a conhecer ao estrangeiro o genio activo e laborioso dos habitantes d'uma cidade maritima e commercial como a do Porto.

Era por esta hora que a tripulação d'um brigue, ancorado em frente do caes de Massarellos, completava os seus preparativos de viagem, para se fazer ao mar, na maré da manhã.

Além da sua robusta construcção tinha o brigue uma elegantissima fórma. Cintava-o de prôa a popa uma faxa encarnada, que cobre o seu negro costado sobresahia agradavelmente, como a lista vermelha na aza negra d'um insecto.

Na amura do lado de bombordo lia-se em letras douradas sobre assento azul ferrete o nome, de *Ancafil*. O mastro grande e o da mezena elevavam-se magestosamente para mesa o ceu e sobre elles as vergas e as vélas bem dispostas davam ao brigue, a primeira vista, o aspecto d'um navio de guerra. O cordame descia com graça indescriptivel para as amuradas, formando os ovens ao mais bem tecidas enxarcias, que mãos de marinheiro enlaçaram. O guarupês subindo do castello de proa erguia-se sobre o beque, recebendo os estais que lhe vinham do cesto de gavea, mastareo de gavea e joanete, armando na extremidade a mais graciosa giba. Ladeava a escada, que, descendo do pertaló, tinha alguns degraus mergulhados n'agua, um lindo e bem torneado corrimão de bronze, que, pelo constante perpassar das mãos, se tornára luzidio.

Nos turcos de estibordo e bombordo penduravam-se dous magnificos escaleres artisticamente pintados. Pendente da *carangueja*, no mastro da *mesena*, tremulava, desfraldado ao vento, o valeroso pendão das quinas, esse senhor, outr'ora dos mares no tempo dos Gamas e Albuquerque. No *tope* do mastro grande, estendia-se á mercê do vento o signal do navio onde se via o seu nome em letras brancas sobre lansinha vermelha. Outros pequenos signaes estavam içados no mastro de *mesena*.

Emfim o brigue era um dos navios mer-

cantes da praça de Porto, que melhor se apparelhava e que em qualquer porto estrangeiro onde se achasse lhe daria honra por haver sido construído debaixo de toda a arte nos seus estaleiros.

Era a essa hora, como dissemos, que a sua tripulação fazia os preparativos de viagem. Os marinheiros corriam então apressados de proa, á popa e de bombordo a estibordo, obedecendo á voz do piloto, que mandava executar uma ou outra manobra.

A hora da partida aproximava-se, e em breve aquelle navio que alli socegradamente se achava ancorado se faria ao mar demandando o porto do Rio Grande do Sul na America. Era por esta razão que ao *portaló* se juntavam os barcos que vinham conduzindo os passageiros ou amigos e parentes d'estes. Devia ser bem triste essa hora para aquelles que iam deixar a terra que os viu nascer, hora em que os soluços e lagrimas nos que ficam, se misturam com os suspiros e saudades dos que vão, saudades que vem d'alma, suspiros do coração, ao pensar na ausencia da patria e da familia!

Aqui debruçava-se na *amurada* um passageiro pensativo olhando o rio, acolá outro procurando distrahir-se observava a manobra dos marinheiros. Mais alem sobre o *convez* outros se despediam dos seus parentes e amigos dando o ultimo amplexo da despedida, e occultando nas dobras do lenço as lagrimas que os soffocavam.

Junto do mastro do traquete, um pai cingia ao peito seu filho, de quem se ia apartar talvez para sempre, na mesma occasião, que, perto do molinete, os marinheiros levantavam anchora, entoando cadencialmente um côro. Na monotomia do canto, dir-se-ia haver uma supplica, no seu melancolico accento, a voz trémula da oração. Era um d'esses canticos do mar, que o nauta ao deixar terra sempre atira ao vento, que lhe traz uma saudade. Oh! quantos n'aquella strophe, rude, mas sentida, sem arte, mas triste, não enviariam o seu ultimo adeus á patria, de quem talvez nunca herdassem os miseros quatro palmos d'uma raza sepultura! E elles os pobres marujos a deixavam, na vespe-

ra de S. João; e essa noite, que tão alegre e folgazã se passa em terra, passal-a-hiam no mar, tendo, por fogueiras o lume das estrellas, e, em vez do perfume das aicacifras, o incenso da rama do pinheiro, que a brisa foi colher nos pinheirões da costa!

Porém o vento soprava de terra e as ancoras estavam já suspensas nos *turcos* de proa, e o navio parecia impaciente por trocar as aguas do rio pelas do Oceano.

A multidão de barcos que se achavam ao portaló iam-se pondo de largo, d'onde muitos ainda fallavam com os passageiros, despedindo-se.

O navio ia partir.

Acabava o capitão de receber do proprietario do navio os papeis de bordo. Os marinheiros á proa esperavam as ordens do capitão quando este chamando o piloto lhe disse:

—Estamos promptos?

—A largar, capitão.

—Bem, mande virar pelo sul, largando uma *espia* pela popa.

O piloto subiu ao castello de proa e á voz de:

—Larga a bujarrona!— se fez ouvir.

Immediatamente a vela subiu pelo esteio, e o vento emfanando-a dava impulso ao navio para virar, com a ajuda da *espia* que haviam largado pela popa.

Muitos então despertados por aquella manobra lançaram os olhos para terra onde lhes ficavam um pae, mãe, irmãos, parentes, e amigos, e quem sabe também quantos não deixariam uma amante? E os marinheiros absortes n'aquelle olhar, encostavam-se e debruçavam-se na *amura* do brigue que acabava de virar a proa ao mar.

—Larga o volacho!—bradou com voz forte o capitão.

A vela foi-se desenvolvendo sobre a verga grande e as escotas cassaram-se.

O=Anafil=partia, descendo vagarosamente o Douro.

Ao barlavento já lhe fica Massarellos. A ponta d'Arrabida vai dobrada e sobre o *convez* do brigue alguns lenços brancos se agitam pa-

ra terra. Por bombordo apparecem os pinhees de Sampayo e a estibordo o Ouro e Sobreiras. Lá surge pela proa a *Cruz de ferro*, e depois... é o Oceano que se estende pela costa, cobrindo e descobrindo alternativamente os rochedos que tão perigosa tornam a nossa barra, e por entre os quaes bem depressa o brigue passará.

Ficou-lhe por barlavento a *Cruz de ferro*.
—Larga a *gavea* e a *mezena*, bradou ainda o capitão.

Os marinheiros subiram rapidos pelas encarcias e as yelas desferraram-se, navegando o navio com mais rapidez.

O brigue entrava no Oceano transpondo os cachopos da barra.

(Continua) J. D'ASCENÇÃO.

EM QUE PENSAS?

(AO MEU AMIGO F. M. DE SOUZA VITERBO)

Em que pensas, ó virgem, quando á noite
Ergues pallida a fronte para os ceus?
Que te diz esse livro, cujas lettras
São milhões de luzeiros? que soletras?

—Deus!

E quando irado o vento s'infurece
Revolvendo no mar os escarceus,
Trôa o trovão e os raios cento e cento
No ar se cruzam, qual é teu pensamento?

—Deus!

E nas lindas manhãs da primavera
Se alongas pelo campo os olhos teus,
E colher uma flor—ridente e bella—
Vás depois pressurosa, que vês nella?

—Deus!

Tudo n'um Deus me falla! O ceu, a terra,
O mar, a tempestade, o campo e a flor...
—Oh! e quando a teus pés, arrebatado
Por suave attração, me vês prostrado,
De que te falla o coração?!—De amor...

H. MARINHO.

SAUDADE

Inspirada pela excellentissima senhora D. Maria
Peregrina de Sousa e offerecida á mesma senhora

Pallida, errando só nos ermos valles,
Quanto ha triste ella busca no universo,
Cancada de chorar, já não tem pranto,
Suspira, espera em vão achar allivio;
Corre as desertas plagas, nos rochedos
Vae assentar-se, as vagas contemplando
E pelo immenso mar dilata os olhos,
Immenso como é d'alma, a dôr immensa!..
Suspende-a ahí a noite que ella adora,
Porque no coração tem noite eterna!..
Mas quando d'entre as nuvens apparece
Essa formosa fada argentea, pura,
Ella sorri-lhe então, sente no seio,
Aprazivel saudade, mais tristesa!
E quando raia o dia, o sol desponta,
As trevas da su'alma não supportam
O claro rutilar dos raios seus
E já em matta escura de eyprestes
Onde esse astro de luz fulgir não pôde,
Embrenha-se gostosa, vae fartar-se
Entre funereas campas de tristeza!..
Depois ajoelhada junto áquella
Em que uma irmã querida, terna jaz,
Desfolha rouxos lyrios orvalhados
Inda por essas lagrimas saudosas
Que d'alma angustiada se deslisam,
Apoz, pia oração, adeus sentido,
Adeus de quem d'alli se affasta a custo,
De quem ao Creador roga incessante
A gloria d'entre os anjos ser com ella!..

M. A. FERNANDES PRATA.

QUINZE DIAS FÓRA DO PORTO

I
DO PORTO A BRAGA

Hontem as mulheres na vertigem da walsa eram como uns sylphos aereos, que se perdiam nas ondulações da harmonia fazendo lembrar, ao volitarem pelo salão, um bando d'andorinhas, que vai fugindo ao chegar do asperrimo dezembro. Hontem, os perfumes das flores, as notas cadentes do piano, os sorrisos angelicos, os olhares languidos... E hoje... e agora venho aqui encafurnado e mais Arnaldo Pimenta n'estas catacumbas ambulantes da *Companhia Viação*. Eis aqui no que eu meditava, quando ha pouco mais de quatro mezes, contundidas as carnes pelo desconcertado movimento do carro jorna-

deava do Porto a Braga, acompanhado pelo meu amigo Arnaldo Pimenta.

Nunca viajei tão alegremente como então!..

Vinhamos cinco rapazes, que fallamos sempre! Quando os frios euros da manhã nos enregelavam os membros, sahiamos a apanhar a restea de sol nascente ou então a beber generbras nas baiucas da estrada. Tudo isto a rir, tudo a correr, tudo a brincar, tudo como por encanto! Eu e Arnaldo Pimenta fallavamos da *soirée* da vespera. Ia connosco um jurista do quinto anno, que nos bosquejou em meia hora as suas aventuras de Coimbra. Os outros, como nós, bosquejavam tudo e não bosquejavam nada... Fallavam do que aconteceu, do que acontecia e do que havia de acontecer... Era um fallar continuo!

A neve cobria as collinas, que se erguiam como gigantes de pedra especando o céu e fazia-nos lembrar uma viagem nos polos, uma viagem na Siberia, onde o gelo ri sarcasticamente dos raios esplendurosos do sol!

Sahimos nos ziguezagues para vermos, qual velho paralytico, descer a *diligencia* aquella graciosa espiral, que então não se sabia bem se era de terra se... de neve.

Os esgrouviados cavallo cobertos de espravões e enfermos de pulmoeira mal se arrastavam, coxeando, apesar dos frequentes açoites do chicote, que lhes estalava nas vertebraes.

No cimo d'uma encosta que subimos, avistamos o *Bom Jezus* e vimos fluctuar ao longe aquellas fronzozas carvalheiras do *Monte Espinho*. Parecia-nos já, que estavamos n'aquella amena estancia ouvindo frautar as aves não sei que sonoras arias e lendo as iniciaes entalhadas no cortix das arvores seculares. A entrada da cidade embetesgou-se a *diligencia* por umas cangostas immundas, que prematuramente fizeram descer Arnaldo Pimenta da belleza de Braga.

O carrilhão de Santa Cruz badalejava então umas alegres musicas, que nos foram de bom prenuncio.

Apeiavamos-nos emfim no pateo da estação da *diligencia* quando caiu sobre nós de

chofre uma enorme matilha de pobres, especie de perdigueiros do dinheiro, que andam nas egrejas farejando devoto esmoler e no pateo onde pára a *diligencia* farejando viajantes argentarios, quando não farejam ar... Escovamos o facto, demos uma postura graciosa aos chapéus, endireitamos o penteado e calçamos umas luvas, que rescendiam ainda aromas do baile. O meu amigo Arnaldo Pimenta assestou umas lunetas, com aro de tartaruga e fitou attentamente os olhos n'um homem que passava, escondendo um enorme rosario debaixo do esquisito capote.

—Oh! Oh! Não me enganaram. Eu já sabia que em Braga se contavam os hypocritas pelos capotes.—Disse Arnaldo Pimenta com um sorriso malicioso nos labios.

E caminhamos. No Campo de Sant'Anna disse-nos o de Coimbra agitando uma ligeira vergasta de caoutchouc.

—Para onde vão agora?

—Para a rua de S. Gonçalo—volvi-lhe eu—

—Jantar, talvez?!.. Pois não deviam...

—Então?..

—Venham comigo a casa do alfaiate.. De tarde havemos de ter já *cór local*, appareceremos... de capote. Soltamos uma longa casquinada de riso e despedimos-nos.

(Continua).

ALBERTO PIMENTEL.

DUAS PALAVRAS

AO

Poeta—Pinto Ribeiro

Onde está a lyra do mimoso poeta Pinto Ribeiro? A lyra sonora onde cantou as «Lagrimas e Flores» e as «Corôas Flutuantes?»

Repellirá elle agora a musa que tanto o favorecia e que não deixava de voltejar em redor d'elle? Terá pois valor para suffocar o genio sublime que o inspirava com tanta eloquencia? Callar no coração as inspirações ideaes? Vendar os olhos d'alma para não vêr as celestes visões que se mostram aérias ao poeta? Não; não creio tal; o poeta recebe do céu a inspiração e não ha-de desdenhar assim a divindade.

Pinto Ribeiro, não podia abandonar a ly-

ra; não é possível! Elle canta na solidão para ninguém o ouvir; elle guarda talvez os seus cantos para os legar á posteridade que lhes saberá dar o devido apreço...

Quasi sempre aos bons escriptores se lhes reservam honras e louvor para quando descansam já no tumulo!.. O orgulho não deixa muitas vezes aos contemporaneos fazer-lhes a merecida justiça!..

Mas nós, os seus amigos e admiradores, por que não nos será dado tornar a ouvil-o? Nós, que não gosaremos os seus cantos n'esse porvir, por que coévos de poeta, baixaremos em antes, ou com elle á sepultura.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

OLHOS PETOS

(De pag. 151)

E' uma noite de junho. As estrellas estão no ceu e os namorados na terra. Rita debruça-se pensativa na balastrada da janella e as bambinellas tremem ao sopro da viração da noite. Sebastião vem ao longe cantarolando a aria valida do *Trovador*.

Aproxima-se, firma-se a custo nos bicos dos pés, fita os olhos em D. Rita e dirige-lhe a palavra:

—Que felicidade, estimadissima senhora!... Vel-a eu...

N'este comenos a pudicicia de D. Rita ordena-lhe que feche a janella e o pobre do homem fica, no meio da rua, engasgado, entalado sem poder pronunciar a syllaba restante do vocabulo. Cobrou animo e não desanimou.

—Isto costuma ser assim no principio— disse Sebastião consigo mesmo— Passados alguns dias de encarnçada batalha endoudecem, perdem a vergonha, e namoram a bandeiras despregadas... Mas não sei como tal seja! Inda eu vinha no meio da rua já me parecia que ella estava olhando para mim! Enganar-me-ia. Mas estava um luar tão claro... Parece-me impossivel...

No outro dia passou por lá. Emfrente da janella sacou do lenço branco elevou-o ás fossas nasaes; mas nesse mesmo instante houve por bem retirar-se a recatada senhora D. Rita. Isto seria um grande *desapontamento* para quem não andasse tão acostumado a soffrel-os.

Costinua o sr. Sebastião com os seus monologos:—Nada, a mulher fugiu quando eu me assuei ao lenço branco, porque certamente, não não quer dar rebate á visinhança. Mas não lhe sou indifferente.... Apenas assomo ao principio

da rua, fita os olhos em mim e só me deixa d'olhar, quando passo em frente da janella... Bem comprehendo.. é tudo por causa da visinhança

E o pobre do homem continuou a fazer ronda á casa de D. Rita e ella a fugir sempre que elle sacasse do lenço d'assar. Uma noite encontrou na rua um seu amigo, que lhe dissera que o não demorasse muito com a sua conversação, porque tinha d'ir a uma *soirée* a casa do pae de D. Rita Ribeiro.

—Espera lá, Eduardo, sabes que eu sou teu amigo desde a infancia e então...

—E então que ?

—E então...

—Desembucha, homem, parece que estas com vergonha !

—Sempre assim fui...

—Dize lá, começo a impacientar-me...

—Le...vas-me com...ti....go ?

—Oh! homem, para um pedido d'esses não eram precisos taes preambulos. Anda d'ahi....

—Obrigado, meu amigo, obrigado. Sabes como eu sou... Costumo pagar os favores recebidos... Sempre fui generoso...

—E eu modesto.... disse Eduardo sorrindo-se.

Entraram em casa de D. Rita. Ella estremeceu involuntariamente ao ver o snr. Sebastião assomar ao limiar da porta, apresentado por Eduardo. Serviu-se o cha. Pouco depois Sebastião puchou uma cadeira para junto de D. Rita, que estava conversando com quatro amigas. D. Rita ao vel-o aproximar voltou-se para ellas dizendo a meia voz:

—Não se esqueçam da minha recommenção. E' preciso ensinal-o....

Epilogo

—Quem a boa arvore se chega, boa sombra o cobre, snr. Seabra—Disse a mais *espirituosa* amiga de D. Rita.

—E' verdade, minha senhora. Foi por isso mesmo que ouzei aproximar-me... não sei se a despeito d'alguem...

—N'esse caso, snr. Seabra, não devia aproximar-se... porque talvez incommode *alguem*...— Redargui D. Rita.

—A V. Exc.^a talvez?! Cuido que não... Muito poucas vezes me engano....

—Será esta, creio mesmo que seja esta uma... Se eu fui o iman que o attrahiu... enganou-se completamente....

—V. Exc.^a desdisse...

—Como?! Não lhe tenho dado sobejas provas de que... lhe sou indifferente?..

—Pelo contrario... V. exc.^a, que sempre crava os olhos em mim, quando passo!..

—Não me insulte, snr. Seabra. Nunca fiz tal... Cabeças como a de V. S.^a costumam enganar sempre e todavia não se conhecem!.. Alegre-se comtudo. Dos *pobres d'espírito* é o reino do ceu... Esta é a consolação dos tolos...

O insulto era demasiadamente pesado e Sebastião não era homem, que se calasse. Respondeu com outro:

—Queira desculpar, minha senhora. Quando eu passava do lado donorte pensava que V. Exc.^a me estava vendo e agora venho a saber que olhava para o sul.... Enganei-me. Os culpados foram os olhos de V. Exc.^a, que são petos, petos, vesgos horripilantemente, insupportavelmente, detestavelmente. E adeus excellentissima senhora.

ALBERTO PIMENTEL.

IDYLLIO

O teu cabelo seja á minha fronte rêde,
o teu seio á minha alma um remançoso abrigo;
com o mel de teu labio apaga a minha sede,
com tuas mãos aparta esse veu, que me impede
de ver, no ceu, a luz da estrella, que persigo.

Sê tu a cruz divina, onde extenda meu braço,
onde expire, ao gemer dos hymnos d'uma rôla,
mais ondas de harmonia a rebentar no espaço
hei-de sentir, mal caia emfim meu corpo lasso
sobre o teu coração, ó tímida papoula.

Mas deixemos a morte, o teu riso escurece
da desventura o rir... com teu choro onde ha abrolhos?..
Pede por mim ao sol, ao sol que já languece,
que apague o seu fanal, que a sua queda apresse,
para luz já me basta o lume de teus olhos.

Inda é cedo!.. suspende a voz, que me enamora..
No pó d'ouro que arroja a sandalia de Deus,
em tanta vaga azul, phosphorescente agora,
quero o epithaphio lér d'uma nascente aurora,
quero aprender a amar n'este hymeneu dos ceus!

SOUZA BITERVO.

SONETO

E' triste que n'aurora da existencia
Não reste uma só flor! que desfolhadas
Uma a uma, vão ser arremessadas
No arido recinto da exp'riencia!...

E' triste que me abraçe á vã sciencia,
Deixando minhas crencas sepultadas

Na valla do soffrer! Risonhos nadas
Fugitivos como os sonhos da innocencia!

Na quadra mais amena d'esta vida
E' triste ver fugir p'ra sempre os annos,
Sem sombras de ventura appetecida!...

Cançada de soffrer acerbos danos
Da campa me sorria, imagem q'rida,
Por entre o frio pó dos desenganos.

Lodeiro, 4 de junho de 1865.

HENRIQUETA ELIZA.

UMA CARTA

Que te falta minha bella
Entre os mimos d'este harem?
Mais grandezas do que tu,
O' por certo ninguem tem!

Rodeiam-te ouro, diamantes,
Pizas estofos dourados
Que te falta? Por que exhalas
Esses ais tão magoados?

Por ti foram olvidadas
Mil bellezas d'este harem,
Só tu reinas na minh'alma,
Ah! não amo mais ninguem!..

Nos jardins scismando á noute,
Por que l'encontro sósinha?
Que falta á tua ventura,
O' dize-me estrella minha?

Por que te ergues quando a aurora,
Junto ao lago divagando
E volvendo ao céu teus olhos,
Tristemente suspirando?

Para que das avesinhas
O destino tanto invejas
Que posso mais ofertar-te,
Diz ó bella o que desejas?

Por que tanto amas Zolmira
Dos bosques a solidão,
Por que não és tu feliz
Dando-te o meu coração?

Por que já da rubra rosa
Teu rosto não tem a côr?
D'onde provém esse pranto?
Diz-me o que tens meu amor!

Em vão finges um sorriso
Que s'esconde n'um instante,
O' não tentes illudir-me,
Nada escapa a um terno amante!...

—«Ah! senhor! pois que é forçoso,
«Não offuscar a verdade,
«Dir-vos-hei que os cordeirinhos
«Tem lá fora liberdade!...

«O fausto que me rodeia,
«Não, senhor! Não me namóra,
«Eu só preso a liberdade,
«Quero ser pobre lá fóra!...

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

VARIEDADES

Um galucho andaluz achando-se de senti-
nella em um forte avançado e perigoso, mais
por medo, que por necessidade, disparou um
tiro.

Sahiram correndo do corpo da guarda o
sargento e alguns soldados.

—Que foi! perguntaram.

—Foi que estariam vocês degolados a es-
ta hora se não fosse eu. O primeiro que se apro-
ximou levou, e os outros fugiram.

—Vamos a ver o morto disse o sargento.

—Escusam de lá ir que não encontram na-
da, observou o galucho; eu apontei-lhe á bocca
do estomago e fil-o em pó.

Tallemant conta que o cocheiro d'um de
seus irmãos orava a Deus, pela maneira seguin-
te: «Peço-vos, meu Deus, por mim, por minha
mulher, por meus amos, por meus *caballos* e
pelos filhos da casa.

Julgues pois que tendes grande mereci-
mento? dizia um ministro ao abbade Maury.—
Pouco, quando me considero, respondeu Mau-
ry; muito quando me comparo.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MARIA ISABEL

ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUZA

Este excellente romance vae brevemente entrar no
prélo, sendo impresso em typo novo e excellente papel:

está calculado que terá aproximadamente 300 paginas
de leitura.

PREÇOS

Para os assignantes da ESPERANÇA . . . 260
» os não assignantes 320

Para a provincia accresce o importe das estampi-
lhas, pagas adiantadas.

Recebem-se desde já assignaturas na Praça de Santa
Theresa n.º 63—na livraria Franceza e Nacional, e
na loja de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do
Almada.

OBRAS DE ARNALDO GAMA

Um defeito de organização, romance de costu-
mes.

O chefe dos Abencerragens, romance historico.
Paulo o Montanhez, romance de costumes.

Carolina, romance de costumes.

A tomada de Ormuz, narrativa historica.

Estes cinco romances, escriptos pelo auctor
do *Genio do Mal* e do *Motim ha cem annos*,
formam 2 grossos volumes que se denomi-
nam—*Verdades e Ficções*. 2 vol. . . 1\$000

Vendem-se na livraria de Jacintho Antonio
Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134.

EXCELLENTE OBAS

Tambem já se acham á venda n'esta redacção O
FILHO DE DEUS, por Maria Adelaide Fernandes Prata, as-
sim como outra obra de poesias da mesma authora.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia monta-
da pelo systema moderno, participam ao publi-
co que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas,
bilhetes de visita ou para diversos estabelecimen-
tos, tanto dourados como prateados, convites a
baile, procurações, prospectos, estatutos, letras,
circulares, carimbos em cartas, acções, arrenda-
mentos, e bem assim de qualquer especie de
impressos, sendo o seu preço rasoavel, affian-
çando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho
typographico enviado a este estabelecimento.

No escriptorio d'esta typographia, recebem-se en-
commendas de livros tanto de Lisboa como da provin-
cia, encarregam-se d'assignaturas para as edições que
estejam em publicação. Mandam-se vir livros de Pariz,
e promptificam-se a mandar fazer bonitas encaderna-
ções.

PORTO: 1865—TYPOGRAPHIA DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º
Praça de Santa Theresa, n.º 36.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 139)

XXI

GENÉRCO GASALHADO

Entregara-se a orphã sem desconfiança a uma senhora desconhecida. Adelaide era d'aquellas pessoas que se tornam recommendaveis logo á primeira vista.

Pedi a mãe do marujo mil perdões á donzella pela ter feito ir com Ermelinda para Villar. Maria Isabel abraçou-a, dizendo que conhecia que só lhe desejava o bem, e que lhe era devedora de muitos favores.

A esposa de Custodio da Cunha fez entrar Maria Isabel no coupé, e obrigou Carolina a entrar tambem, e a seguiu. Carolina estava um tanto confusa por se vêr de coupé, apesar de ter genio pouco acanhado. Nunca quizera até aquelle dia servir-se senão das suas pernas, que tinha fortes e ligeiras, para transpôr maiores distancias que aquella.

Seu filho estava nas nuvens pela honra que lhe faziam a ella; foi seguindo o coupé e cantando a meia voz uma canção dos marujos, entrecalando as copias de baforadas de fumo de tabaco.

Ao chegar o coupé á Torre da Marca pediu Carolina que a deixassem alli, onde dizia ter afazeres; mas o principal motivo d'este pedido era para que a sua comadre Josepha, que passava, a visse saltar d'um coupé, e despedirse das fidalgas com quem vinha.

Quando ficou Adelaide só com a filha de Ricardo d'Oliveira correu as cortinas para ficar mais á vontade. Não o fizera antes, para que a pobre mulher não pensasse que se envergonhavam da sua companhia.

—Então, disse o consorte de Custodio da Cunha, não me pergunta quem eu sou?

—Para que? — replicou a orphã com effusão.—Sei que é o meu anjo da guarda, a minha

salvadôra. Eu pensava que me recolhia na casa de uma parenta honrada, e pelo que vejo estava n'uma morada infame.

—Não estava em boa casa, não. Mas eu não fui que a salvei, minha rica menina. O seu salvador é o marinheiro que ha pouco viu. Foi elle que descobriu a morada de Ermelinda, ou antes a casa das loucuras de um homem, que devia ter ao menos mais vergonha do que tem. Não nomeemos porém ninguem. Façamos de conta, que esses oito dias que passou em Villar, não existiram. Se alguem disser que a viu lá...

—Eu não sabia, e só via uma visita... que já se me tinha tornado suspeita; mas custava-me tanto a capacitar-me da aleivosia da mulher que me tractava como filha mimosa....

—Mas esse homem... (adivinho que a visita era masculina) esse homem será capaz de lhe dizer que a viu lá. E' capaz de tudo. Se tiver esse atrevimento, responda-lhe como a sua razão lhe ditar. O melhor é não se mostrar conhecedora da cilada que lhe armaram. Foi com uma parenta que julgava virtuosa, deixou-a porque eu a fui buscar. Não se envergonhe... os infames é que devem envergonhar-se. Pois louvores a Deus de ter chegado a tempo de tiral-a de um grande perigo. Anime-se. Na minha casa não será tractada com luxo; mas sim com cordeal franqueza e sinceridade. Todos alli a respeitarão. Meu marido não é rico, mas tambem não é pobre. Não falta á sua familia o necessario.

—Ah! minha senhora! antes eu queria a pobreza e a miseria, do que a opulencia deshonrosa. Mas não irei servir de peso á sua familia?

—Não, minha menina. Eu tinha até agora uma filha, terei d'aqui em diante duas. Meu marido é muito bom, ainda que foi duro com v. exc.^a Arrepende-se hoje das lagrimas que lhe fez derramar.

—Seu marido!!

—E' Custodio da Cunha.

—Ah! leve-me para casa de Carolina, minha querida senhora.

—Não tema meu marido.

—Não o temo... mas... devo dizer-lhe a verdade. Tenho visto seu filho por duas vezes e....

—Disse-lhe alguma coisa que a desgostasse ou offender-se?

—Não, minha senhora, balbuciou a orphã com a cabeça baixa. E' muito delicado e muito bondoso.

—Pois então anime-se. Elle a respeitará ainda mais vendo-a no seio da nossa familia. Ha-de olhal-a como irmã a quem deve protecção e respeito. Se alguma vez a menina precisar de conselhos, consulte-me, como o faria a uma amiga intima.

O coupé parou. Abriu-se a portinhola e appareceu Maximino com ar mais sério e respeitoso, dissimulando o alvoroço que lhe ia no intimo d'alma. Ajudou sua mãe a descer os degraus do carro, e lhe apertou a mão com ternura, segredando-lhe:

—Obrigado.

Voltou-se para offerecer a mão á donzella, mas ella, para evitar isto, descia só. Maximino a cortejou em silencio. Adelaide esperava-os no portal e disse ao mancebo:

—Meu filho, apresento-te uma nova irmã. Sê para ella o que és para Rufina.

—Sim, minha mãe, respondeu elle com firmeza. Esta senhora terá em mim um irmão respeitoso. Se me dão licença, vou despedir o boleeiro.

As senhoras subiram sós. Adelaide sustentava a sua nova filha que estava um pouco convulsa. No primeiro patamar das escadas estava Custodio da Cunha.

Estendeu a mão á orphã com ar commovido. Ella pegou tremula na mão que lhe era offerecida, e a levou aos labios. O ancião tinha os olhos humidos. Não teve d'esta vez a precaução de occultar este signal de enternecimento.

—Beijou a minha mão, disse elle. Fez bem. Serei agora seu pae. Deus a abençoe como eu o faço.

E poz-lhe a mão na cabeça, que Maria Izabel curvára ao receber a benção. Ella estava coberta de lagrimas, e o pae de Maximino

custava-lhe a reter as suas. Adelaide, não menos commovida, disse, para interromper esta scena:

—Vamos para cima. Não havemos de ficar nas escadas.

E pegando no braço da menina a levou comsigo. Seu marido as seguiu. Ouviu passos a traz de si. Olhou e viu Maximino que ia entrar no seu quarto.

—Não sobes? disse o pae, que estava em maré de graças.

—Vou estudar as minhas lições, meu pae.

Custodio da Cunha subiu pensativo. Seu filho tanto nos momentos de alegria, como nos de tristeza, se unia sempre á familia, agora ia afastar-se d'ella. Aprovava este procedimento, mas entristecia-se. Não era expansivo, mas folgava de ver a expansão dos seus.

Encontrou em cima Maria Isabel nos braços de Rufina. E isto o consolou alguma coisa.

XXII

O REMANSO

Tinha começado para a filha da infeliz D. Maria Carlota uma época de paz e consolação. Amava e era amada pela alegre e folgazã irmã de Maximino; era tractada com desvello e carinho por Adelaide, e com amor paternal pelo ancião. Via pouco Maximino, mas vivia debaixo do mesmo tecto que elle, e isto lhe dava satisfação. O mancebo mostrava-lhe muito respeito, e tractava-a com delicadas atenções, mas fugiu de encontral-a quando alguns de seus paes não estava presente.

Rufina queixava-se muita vez da mudança que via em seu irmão, que se tornára, dizia ella, muito arisco.

Abraçava-o ás vezes, dizendo:

—Que mal te fiz? Já não és meu amigo? Não ris, nem brincas, e é preciso um gancho para te arrancar as fallas! E então como foges de nós!... Um dia tens d'estudar lição d'isto, outro, d'aquillo, agora vais á aula, logo vais á bibliotheca... ninguem te pilha um momento. Ainda o pae agora é muito mais dado com a gente.

—Minha querida Rufina—respondeu elle

beijando-a, os meus estudos são agora muitos. O tempo de folgar já lá vai. Tens a companhia d'uma amiga, para te consolar da falta da minha.

—Esse favor, replicava a menina, não t'ó agradeço, mas sim ao pae e á mãe.

Quando haviam estas contendazinhas amigaveis Maria Isabel suspirava em segredo pensando:

—Por minha causa é que Maximino foge de sua irmã, e se afasta de toda a familia! a infelicidade me acompanha sempre de alguma maneira.

Para não ser inutil á familia bemfazeja que a protegia, trabalhava a orphã todo o dia e parte da noite. Adelaide e Rufina queriam de balde impedil-a de trabalhar tanto. Ella pediu que a não estorvassem de occupar assim o seu tempo, protestando que o trabalho a distraia. E era assim. Começou as suas tarefas para pagar uma divida, e acabou por achar alivio aos seus pesares com as occupações de todas as horas e instantes.

—Tens razão, minha filha, lhe dizia Custodio da Cunha. Se o trabalho é uma maldição pelo peccado de Adão, tambem é uma benção dada por Deus para alivio das mesmas penas que o peccado nos legou. Mas o descanso, menina, é tambem preciso. Quando Rufina chega á janella no fim da tarde, vá tambem tomar ar.

—Oh! não, não! replicava ella. Tenho vergonha de me mostrar... Pesa sobre mim a ignominia de meu desgraçado pae!...

E derramando lagrimas continuava:

—Quanto me custa soffrer as vistas dededenhosas dos conhecidos que encontro quando vou á missa!... Felizmente a senhora D. Adelaide gosta de ir á missa cedo.

—E é muito mau gosto, acudia Rufina, tanto porque assim o sentia, como por distrair a amiga. A missa tarde é muito mais commoda e divertida.

—Tua mãe tem razão, tem razão, estouvadinha, tornava a ancião. Não se vai á missa por divertimento. O passatempo procura-se nos passeios, ou nos theatros e assembleas. Quando a minha filha Maria se resolver a sahir, hei-de

alugar camarote para verem a companhia, que dizem não é má.

—Ah, snr. Cunha, saiam quando quizerem, e deixem-me em casa. O socego que aqui goso, é a unica alegria que posso ter na vida. Não terei nunca cara de apparecer em publico.

—Não diga isso... Porque se ha de occultar? Por ser infeliz? Olhe que até pouca gente se lembra já das suas infelicidades; e, os que pensam n'ellas, lamentam a miseria e a elogiam. Quando minha mulher fôr a casa d'alguã amiga, não ateimo em ficar em casa.

Maria Isabel porém teimava sempre n'isto.

—Rufina lucrára muito com a intimidade da sua nova amiga. A educação da filha de Ricardo d'Oliveira tinha sido muito esmerada. O dinheiro que ella gastou n'essa educação, foi o unico bem empregado: foi a unica sementeira d'ouro, que fez aquelle homem prodigo, abençoada, e que deu bom fructo. Maria Isabel era tanto a irmã, amiga e companheira da filha de Adelaide, como a sua mestra. Aperfeiçoava-a nos bordados, na musica e no francez. Custodio da Cunha dizia a sua mulher:

—Cuidavamos que faziamos uma obra de caridade e fizemos um bom negocio.

E Maximino porta-se muito bem.

—Sim, porta; mas.... receio que esteja apaixonado por Maria. A mesma reserva que tem com ella, faz-me pensar isso.

—Ora!... E, se estivesse, antes por Maria, do que por outra qualquer. Tem-me enfeitado.

—Os seus merecimentos e maneiras enfeitam quantos a tractam.

(Continúa.)

O PROGRESSO

CAPITULO I

E' coisa indubitavel, que os grandes e nobres edificios da antiguidade devem ser conservados para memoria de seus authores, e admiração dos antigos góstos, e de suas raridades; assim como tambem, por alguns servirem de monumentos historicos das grandes acções ou feitos notaveis da nação portugueza; ou ainda mesmo

de raros acontecimentos e promessas, que por elles foram marcadas, e completamente cumpridas e satisfeitas.

Porém, segundo a variedade dos successos humanos, ou dos mesmos homens, que alguns só tentam destruir o que outros fizeram, porque também n'isto entra a classe das modas, ou dos gostos modernos, não é por isso menos interessante e admiravel, que outros novos sejam feitos, e em seu lugar construidos, uma vez que os primeiros não possam ser conservados.

Por quanto; nos modernos entra a nova e moderna architectura, para ser admirada por todos: excita a outros, para também fazerem novos e modernos edificios: e d'aqui provêem e resultam muitos e grandes interesses á sociedade, e ao estado; e isto por muitas razões e principios, que não deixarão de ser tocantes e um tanto plausiveis.

Primeiro; porque se occupam os homens e os artifices nos seus trabalhos e officios; e consequentemente utilizam muito todos os mais proprietarios dos differentes generos e utensilios, que são necessarios e indispensaveis para a sua construcção, como são as madeiras, a pedra, o ferro, a cal, a telha, e os pintores, e tudo o mais até á sua conclusão; com o que tudo muito utilizam essas fabricas, e até os ferreiros: e isto mesmo é um ponto de vista muito interessante e respeitavel para todas as nações e sociedades.

Segundo; porque os dinheiros saem ou saltam para fóra das algibeiras e das burras a mãos cheias, onde alguns estavam enterrados ou mofados, que talvez, se assim não fosse, ninguém já mais lhes poria a vista; e assim vão girando por todas as partes: e este é também um outro objecto importante e interessante á sociedade; pois quando o dinheiro não gira, e está dormindo e parado, tudo o mais adormece, e o negocio fica paralyzado; porque o dinheiro é o leme e o vento forte que o faz girar e navegar por toda a parte.

Terceira razão ou principio; porque as cidades cada vez mais se povoam, e augmentam assim como se aformosoam, com os novos e modernos palacios:—Os Artistas de melhor gôsto

todos trabalham para enfeitá-los e adorná-los; e o estado não menos utiliza pelos direitos mais vantajosos, que accrescem, e d'ahi podem resultar-lhe.

Todos os grandes principes tiveram sempre pelo mais brilhante entusiasmo de seus vassallos, o mandarem construir e fazer novos edificios; e elles mesmos assim o praticavam, para empregar seus subditos e artifices, e livral-os da ociosidade, que, como já ponderamos, é a origem de todos os males e de todos os vicios.

Cyro, o grande Cyro, mandou fazer o seu palacio, que tinha cinco leguas de comprimento, e a largura correspondente, no qual haviam todas as raridades do mundo, das artes, da natureza, e das sciencias, onde estavam esculpidas e representadas, e no qual gastou todos os seus cabedaes e riquezas; que foram immensas, pela multidão das suas conquistas; em cuja obra tão extraordinaria entreteve por muitos annos ao seu povo, para livral-o das revoluções, a que os Médos eram a ssás inclinados: sendo essa a ultima e mais notavel das sete maravilhas do mundo, que poderia bem dizer-se, que todas alli estavam encerradas.

Más o tempo, que é um dos architectos mais tyrannos e severos das raridades dos homens, e de muitas da natureza, tudo destruiu e anniquilou: nem o monstruoso colosso de Rhodes, (terceira maravilha do mundo), cuja materia apostava duração com as eternidades, pôde resistir aos seus assaltos, cahindo por terra na flor dos seus annos, contando apenas 54 ou 56 de sua idade.

De cuja monstruosa machina e sua materia Ozman, rei da Arabia, quando conquistou Rhodes, carregou de bronze, d'esse defuncto prostrado por terra, 900 camelos, que a 30 arrobos cada um, levou 27½ arrobos; de que tanto agora se precisava para patacos! uma vez, que o ouro e prata fizeram viagem e remonta para outra parte.

Tal é o desengano para os mortaes das grandes obras do seu engenho e da sua arte! que, por mais atrevidas que sejam, o tempo sempre zombou d'ellas; e sómente, as que creou o author da natureza, são duradouras e eternas,

conservando sempre suas primeiras idades e perspectiva como disse e cantou o Psalmista:

—*Statuit ea in æternum, in sæculum sæculi: præceptum posuit, nou præteribit.*

Que cidade maior pôde haver no mundo, que a de—Rei—na *Persia*?!...—Bastará, para se fazer idéa da sua extraordinaria grandeza, que tinha mais de um milhão de casas, seis mil e quatrocentos collegios, dezeseis mil e seiscentos banhos, doze mil moinhos, mil e setecentos canaes, e trezemil caravansarás. (*)

Assim o mostra a geographia dos Persas, e dos Arabes, que tem sido copiada e seguida por immensos historiadores orientaes; e estes mesmos lhe chamavam, por antonomazia, = a esposa do mundo, e a rainha do universo.—Pekim, capital do imperio da China, coisa extraordinaria, viria a ser um bairro d'aquella.

Para se fazer tambem ideia d'esta capital da China, bastará dizer, que tem dentro em si uma prisão de duas leguas quadradas, na qual se recolhem os presos, que são condemnados, em certos annos de degredo, a trabalhar no muro, que separa a China na Tartaria, em o qual successivamente trabalham nos seus concertos e reparos 3655 homens, a mil por cada légua, segundo referem alguns escriptores: prisão tão grande e admiravel, que tem dentro em si um commercio extra-ordinario; e duas feiras francas no anno: grandes ruas, e propriedades.

Para alli vão muitos presos pobres, e saem depois ricos: muitos lá casam, e criam seus filhos, pois andam na sua liberdade; e outros muitos lá morrem, sem lhes tocar o tempo, de irem cumprir o seu degredo; pois vão por numeros e tabellas, segundo a data da sua entrada para a mesma prisão, a qual trazem escripta pendente ao pescoço em uma pequena taboasinha, por cuja data e numero são depois procurados.

Tão monstruosa cidade, como era aquella de rei, foi destruida pelas guerras civis, que se

(*) Caravansarás são estalagens, em que se aposentam os viandantes na Persia; e alguns ha tambem, em que se recolhem de graça os passageiros pobres, e se lhes dá de comer certa porção por caridade.

geraram e moveram no seio d'ella, em o seculo 6.º do mahemetismo, pela dissidencia e variedade de sentimentos dos seus habitantes; e os tartaros, em consequencia d'isso, entraram dentro, e acabaram com ella no seculo 9.º do christianismo. Nada mais restou d'esse promontorio immenso de casas, e de seus inumeraveis habitantes, que os montões de suas vastas ruinas, que apenas davam uma remota idéa de sua estupenda grandesa e raridade.

Todos os authores orientaes estão cheios dos fastosos titulos, que davam a essa tão rara e singular cidade, que podia bem chamar-se-lhe um novo mundo inteiro em tão pequeno espaço.

Consequentemente é proveitoso e muito previdente, que os homens estejam entretidos e trabalhem sempre: uns a botar por terra, e logo outros a levantar constantemente: e aqui temos o mundo em progresso e movimento. Se o já feito existisse sempre, pouco então haveria que fazer, e pouco seria das artes o adiantamento.

As artes e o novo gosto dão um certo impulso á natureza, e á vontade: sem este toque e sentimento das variedades humanas e dos prazeres do mundo, os homens tornariam-se inactivos e dormentes; e reclusas suas ideias e pensamentos em si mesmos, viveriam para si sómente, e voltariam á época de sua primeira brutalidade e existencia: e assim, em pouco tempo, acabaria o gosto, os prazeres, e até o mesmo mundo se tornaria aborrecido, e os homens sem movimento nem actividade; a propria vida causaria aborrecimento.

Nada ha pois, que seja eterno no mundo. O magnifico e magestoso templo de Salomão, obra prima da grandeza e da magestade d'um Deus entre os homens, para n'elle ser adorado e seus sacrificios offerecidos, foi arrasada por um simples homem, por um soldado do exercito romano, que apezar da prohibição do seu general, o imperador Tito, que intacto o desejava conservar, como assim o havia decretado e publicado por um seu edito; lhe lançou fogo, sem que ninguem o podesse apagar, nem averiguar-se, porque motivo ou fundamento aquelle solda-

do lhe pegára o fogo, contra a ordem do seu general.

Parece, que o mesmo Deus assim determinou a sua destruição, por causa da idolatria dos judeus, e talvez da impureza de seus ministros o sacerdotes nas suas oblações e sacrificios; porque, quando estes são feitos e offerecidos por mãos sacrilegas e impuras, nunca podem ser do divino agrado, posto que se verifiquem os sacrificios, e estes produzam o salutar effeito da sua applicação, como são as missas, e os officios pelos defunctos.

O soberbo, extraordinario, e riquissimo templo de Diana em Epheso, primeira maravilha do mundo, que levou 220 annos a fazer-se, e no qual trabalhavam 20 mil homens successivamente, tendo sido o empenho de todos os reis da Asia não menos, que 27, que por todo esse tempo n'ella reinaram, e que á porfia o anafaram, e embellezaram das mais ricas joias de finissimo ouro, e pedras preciosissimas, aonde se tinham empenhado todos os primôres da natureza e da arte; em menos de doze horas ficou todo reduzido a cinzas, que um grego de baixa esphera, por nome Herostrato, lhe lançou fogo, e o fez tornar ao seu nada.

E quem nos diz, que o senhor das vinganças alli quiz tambem mostrar, que a idolatria dos homens muito offendia a sua Divina Magestade, quando elles trocavam pelo seu Deus verdadeiro a esses bonecos de profanação o do polytheismo, antepoando-lhes os seus incensos e adorações?!

E se o mesmo Senhor tanto se escandalizava e offendido se mostrava, no tempo da gentildade e do paganismo, que permittia, senão mandava, fossem queimados e arrasados esses templos ou casas d'idolatria e da impiedade, ainda quando seu filho Deus não tinha apparecido no mundo, como redemptor do mundo, como redemptor dos homens; quanto então mais hoje se mostrará offendido e escandalizado, de que os mesmos homens, que o teem e possuem nos seus templos, e altares, o não adorem, com o respeito devido, no intimo da sua alma, e que seus sacrificios e officios divinos sejam (alguns, se não todos) sómente de mero aparato,

e talvez feitos e celebrados com a maior hypocrisia, e impuridade do seu coração!

(Continua.)

A MINHA BIBLIA

C. A.

La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours!

VICTOR HUGO.

Eu vivia na sombra e nunca ergui os olhos,
Pensei que me cegava o magico arrebol...
Os vestidos rompi da senda nos abrolhos,
E nunca ouzei fitar a luz, o amôr, o sol...

E eu soffria muito. Uma vez, bem me lembro,
Prostrei-me em oração da lampada á luz baça.
Cá fóra ia a tormenta, a noite de dezembro,
Lá dentro um infeliz vergava-se á desgraça...

E eu pedia então allivio p'ra minh'alma...
E eu pedia então um raio de luz só...
A' procella seguiu-se uma existencia calma..
Ergueu-se á luz do dia o triste noitibó...

Não sabe o que é chorar, quem nunca teve dôres,
As dôr's que pungem muito, as dôr's que nos consomem...
Junto ao altar de Deus, n'um estrado de flôres,
Creança ajoelhei, p'ra logo me erguer homem...

Uma noite, no baile, eu vi passar na dança
Uma loira mulher, que me sorriu d'amôr...
Vestia-se de branco e a doirada trança,
Fluctuava no ar, comon'hastea a flôr...

E senti-me feliz... Não tinha desenganos...
No mundo entrei então por uma porta d'oiro.
Eu tinha apenas quinze, ella... quatorze annos...
Eu era já poeta, e ella... um anjo loiro....

Na sombra então brilhou magica claridade.
O asperrimo dezembro então foi-nos abril..
Sempre que o nosso olhar buscou a immensidade,
Achou em baixo o mar, em cima o ceu d'anil..

Um dia era ao sol pôr. Doirada trepadeira
Dos cachos desatava os tepidos arômas...
A tarde era serena. Uma aragem ligeira
Quebrava-se no veu, que t'envolia as pômas..

O que ali se gosou ninguem diz e define...
Sob o teu avental occulto um livro vi.
Mostraste-m'o a sorrir—era de Lamartine,
E em extasis d'amôr as *Confidencias* li...

Depois abria-o sempre em horas d'amargura.
Era a biblia santa—o livro em que eu só lia...
Ali achava paz e aquella noite escura
Tornava-se depois esplenduroso dia...

Eu vivia na sombra e nunca ergui os olhos,
Pensei que me cegava o magico arrebol...
Um dia ousei fital-o... E na senda d'abrolhos
Fulgiu doirada chamma—a luz d'um novo sol...

ALBERTO PIMENTEL.

DIVAGAÇÕES

Estava triste. Ao longe o murmúrio saudos das aguas parecia querer modular a minha dôr. A natureza é como o seio de mãe, que tem refugio para todos os males, para todas as penas, para todas as afflicções. Sentis o vago anhelado do infinito, julgaes estreito o vazo do peito para o conter; ide sentar-vos á beira do oceano, e a vista distrahindo-se, alongando-se pela face sem limites d'aquelle deserto d'espuma, sem tocar a linha do ceu, que termina o horizonte, vos leva errando, como o berço de Moyses, o pensamento, que desejaes arremessar ás plagas desconhecidas, onde Deus imprime a sua pegada immensa. Quereis amar, o mundo não virgens de face côr de pejo, de coração intumescido pelo amor, pela vergonha, e não podeis calar, e não sabeis conter esse perfume ideal, e o sol não tem uma scentelha brilhante, e a lua não tem raio de languidez, e as estrellas não tem um segredo, e as brisas não tem um murmúrio que possaes namorar, e vos acompanhem nas visões que rolam em volta de vossa alma. Oh não choreis por viver assim na soledade do amôr, trepae as montanhas da Escossia, nos nevoeiros diaphanos, que as toucam, ora engrossados, ora dispartidos pelo vento, mas sempre lucidos e vagamente illuminados, vereis a fórma caprichosa, vereis a estampa fielmente reproduzida d'essa virgem, que Deus não quiz deixar sómente debuxada nas miragens da vessa phantasia.

E eu que já perdi minha mãe, vejo-lhe ainda as suas feições tristes, melancolicas e serenas, na face da natureza que para mim se mostra triste em toda a parte. Dá-me lagrimas o orvalho da manhã, dá-me notas queixosas o ninho dos rouxinoes, dá-me emfim tristeza o silencio das noites, quando minha alma esquecida por um pouco da sua dôr, ouza fitar, ouza até oscular sem medo as tranças louras d'uma donzella, que passa junto de mim, cantando.

O elemento da minha vida deve ser a dôr. A ideia do suicidio ainda não passou sobre mim, porque não descobri uma só vez no sol um riso d'escarneo, na brisa do amanhecer o estrepito d'uma ironia. Sou triste e vivo feliz com a minha tristeza. Deus deixa cahir sobre minha fronte o orvalho sereno das consolações. Conso-la-me o pezar com o pezar. Mata-me a afflicção com propria afflicção. Veste a natureza de lucto, em toda a parte que as minhas pizadas vão esmagando a alegria. Bemdicta a natureza, que me sabe comprehender. Abençoado o veu da pallidez, por onde se cõam os pensamentos que trazem a melancholia á minha alma!

17 de junho de 65.

A.

AOS ARTISTAS MOREIRAS DE SÁ ¹

Herculano, João de Lemos,
Soares de Passos, Castilho
São astros que nos dão brilho,
De Portugal os brazões.
Não se olvidam taes glorias!...
Jamais o tempo as consome...
Quem pode esquecer o nome
De Garrett ou de Camões?!..

E' grande o painel, o quadro
Da nossa brilhante historia,
Todos a tem na memoria
Não é extranha a ninguem.
Como Portugal é grande!
Perguntem aos estrangeiros
Se têm lá Pintos Ribeiros,
Se Pedros Quartos lá têm?...

Ergue-te senhor do Tejo,
Do Guadiana e do Douro!
Essa tua corõa d'ouro
Não a rouba alheia mão.
Tens guerreiros, tens poetas!
Tens glorias, tens esperanças!
Vede estas duas creanças,
Vede Arthur Napoleão!...

Portugal, sempre ao teu brado
Ha-de tremer o universo...
Tens um genio em cada berço,
Já és grande... se maior.

(1) Esta poesia fôra escripta para o beneficio dos meninos Moreiras de Sá, mas causas accidentaes impediram que se recitasse.

Vede estes nobres talentos
 Como estão desabrochando!
 E os louros que vão ganhando
 Dão-te ainda mais fulgor...

E nós, nós os portuguezes
 Vergamos, n'este momento,
 Ante o altar do talento
 Respeitosos, a cerviz.
 O extasi de tantas almas,
 Que vos 'stão ouvindo e vendo,
 Parece que está dizendo
 O que a minha voz não diz...

A'vante! Na vossa estrada
 Tudo são laureis, flores.
 Ouvem-se já os rumores
 D'uma ovação festival,
 Que vos espera... E avante!
 Cada um de vós que siga
 A vocação, sempre diga
 Sou filho de Portugal.

ALBERTO PIMENTEL.

ACEIO DA INDIA

Os bramenes não podem soffrer que um europeu tire o lenço e depois de assoar-se o torne a metter na algibeira: isto lhes causa extrema nausea e lhes perturba a cabeça, por que elles o fazem com muita mais limpeza do que nós. Quando um bramene precisa assoar-se, sae do logar onde está, retira-se para um canto, agarra no nariz, assoa-se na palma da mão—limpa-a á parede—e volta ao logar onde estava, tendo feito esta operação com todo o asseio possível.

A MORTA VIAJANDO

Pietro de la Valle, viajante italiano de extrema ousadia, o qual viveu no seculo XVII, e nos deixou uma interessante relação de muitas regiões do Oriente pouco frequentadas de europeus, casou, quando estava na Syria, com uma formosa rapariga christã, natural da Mosopotomia. Posto que mui moça e delicada, a bella Giserida acompanhava o peregrino italiano para toda a parte, e até estava a seu lado n'uma batalha, em que elle combateu como official no exercito dos persas. Uma prematura morte a separou do marido que escolhera, estando a ponto de partirem ambos para a India; porém elle levou consigo o cadaver da defuncta, para

o que o metteu em um ataúde, que poz a bordo de um navio em que ia, e o depositou no camarote onde dormia. Durante quatro annos foi este caixão o inseparavel companheiro de Pietro de la Valle nas suas longas e arriscadas peregrinações, tanto por mar como por terra, e no fim d'este periodo, o viajante, chegando a Roma, sua patria, o depositou no carneiro de seus nobres antepassados, recitando elle mesmo uma eloquente oração funebre, em que relatou a vida e aventuras de sua extincta esposa.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EXCELLENTE OBRA

Tambem já se acham á venda n'esta redacção O FILHO DE DEUS, por Maria Adelaide Fernandes Prata, assim como outra obra de poesias da mesma authora.

No escriptorio d'esta typographia, recebem-se commendas de livros tanto de Lisboa como da provincia, encarregam-se d'assignaturas para as edições que estejam em publicação. Mandam-se vir livros de Pariz e promptificam-se a mandar fazer bonitas encadernações.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1865—TYPOGRAPHIA DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 36.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha mãe

(De pág. 179)

XXIII

CONTINUA O REMANSO

Pouco depois de ter siuó recolhida a orphã em casa do credor da sua familia, Francisco despediu-se d'ella e partiu na *Carolina*. Seis mezes depois estava de volta. Foi logo com sua mãe visitar a sua antiga protegida, e alegrou-se de vel-a tão bôa e tão estimada pela esposa e filha de Custodio da Cunha. Adelaide convidou o marinheiro e Carolina para passarem o domingo seguinte em sua casa. Francisco recusou, dizendo, que destinava esse dia para ir com sua mãe fazer uma *marendôlu* ao campo. Mas depois disse a sua mãe que dissêra aquillo para desculpar-se; que não queria obrigar aquellas senhoras, tão bôas, a ficarem em casa por causa d'elles.

—Cada um deve andar, dizia elle, com os da sua *egualha*. Que figura fazemos nós entre aquellas senhoras? Lá uma vez de longe a longe, ainda em tal caso... mas não é para *afiar*. Antes ter vento é não navegar, do que navegar sem vento.

Estas ultimas phrases traduziu assim Carolina:

—Antes desejado que aborrecido.

N'esse domingo em que Francisco destinara o passeio no campo com sua mãe, a comadre d'esta, e a bonita afilhada Carolina, conversada de Francisco, numero um foi a familia de Custodio da Cunha ao theatro. Havia um beneficio em pró d'um estabelecimento pio, não pôdera Custodio da Cunha fazer menos do que aceitar um bilhete de camarote. Fizeram todos altas diligencias para que a orphã acompanhasse a familia ao theatro. Até Maximino, que nunca se mettia n'essas questões, lhe disse:

—Ora porque não ha-de v. exc.^a fazer a vontade a meus paes e a Rufina? Elles a amam

e só desejam o seu bem; se lhe pedem que os acompanhe, é porque nenhum mal lhe pôde vir d'isso; e á nossa familia não fica bem que a deixe sempre em casa.

—Dizes bem, replicou o pae, podem até dizer que nós negociamos com as desgraças da nossa Maria, e que a temos em casa para nos trabalhar. Já basta de reclusão. Quero que saia. —Quando aliviar o lucto: respondeu ella, mettendo-se no ultimo intrincheiramento.

—Pois já é tempo de deixar esses pannos pretos.

Maria Isabel prometteu tudo para o futuro, mas rogou tanto que a não obrigassem a ir ao theatro, que a deixaram ficar. Custodio da Cunha disse ao sahir:

—Vá por hoje, (ainda que é bem contra a minha vontade que fica sósinha) mas não quero que d'aqui em diante continue a parecer uma viuvinha do primeiro tempo. Tudo tem fim. E o lucto do corpo e da alma deve terminar.

—A donzella viu sahir os seus protectores com os olhos humidos. Mostraram-lhe tanto amor... Não os offenderia ella amando Maximino, e sendo por elle amada?... Pois, apesar da reserva do mancebo, bem conhecia que lhe era em extremo cara.

Recolhera-se ao seu quarto entregue a estes pensamentos.

—Devo, pensava ella, dizer á snr.^a D. Adelaide que me deixe ir para casa de Carolina... Custar-me-ha muito... Parecerei ingrata... mas antes parecel-o, do que sel-o.

XXV

OU BOCAES OU TRATANTES

ESTAVA a filha de Ricardo d'Oliveira cogitando no que devia fazer e dizer, para que os seus bemfeitores se não agoniassem, quando ouviu fallar na escada, e pronunciar o seu nome. André, um criado que fora da casa, recolhia-se ha dias alli, por estar sem amo; e era elle que fallava na escada com Rosa, a velha criada de D. Adelaide. Lembrou-se a orphã que a Rufina lhe esquecera o oculo ou o leque, que mandava

buscar, e foi vêr o que era. André disse-lhe bocejando e com os olhos meio fechados:

—Estava eu já perto de *caminha*, quando o demonio d'um..d'um lôrpa veio bater á porta e fazer-me tornar cá para *desincommodar tamen*, a snr.^a D. Maria Isabel.

—Então elle que me quer?! Se tinha que me dizer, não podia vir de dia?

—Isso mesmo, lhe disse eu: mas pelos modos traz um recado de muita pressa da snr.^a Carolina, aquella que esteve cá domingo passado.

—Se a snr.^a Rosa permite, mande-o subir.

—Oh, minha snr.^a!.. respondeu a creada, na ausencia de meus amos, é v. s.^a que manda aqui.

—Olé! gritou o criado para baixo, debruçando-se no corrimão, suba cá *arriba*, sù *manjo*.

(Continúa.)

ADÃO ANTES DE DEUS FORMAR EVA

N'este bello paraizo,
Por que não sou eu ditoso?!
Por que não enche minh'alma
Este quadro magestoso?!...

A terra cheia d'encantos,
Este sol que me ailumia,
Para mim formou Deus tudo;
Mas eu ainda mais queria!...

Mais... porém, não sei o que.
O que mais quero fruir...
O coração pulsa forte,
A Deus não sei que pedir!...

Ai, além, o cordeirinho
Salta alegre na ladeira,
Não tem mais que desejar
Oh! tem uma companheira!...

As aves ledas gorgieiam
Quando a aurora luz fagueira,
O pombo arrulla contente,
Beija a terna companheira!

Sim, eu devo só viver
Para amar o Creador,
Admirar suas obras
E dar-lhe infinito amor.

Mas rebelde esta minh'alma
Quer da terra uma afeição,
Ah! Ella a busca incessante,
Incessante, sempre em vão!...

Se tambem me fôra dado
Uma companheira ter,
Ao lado seu mais ditoso,
De Deus louvára o poder!

O' como bella a imagino,
Qual estrella a scintillar,
Máis linda que a rubra rosa
Que a lua a luzir no mar!

Alva e pura qual cecem,
Qual sensitiva mimosa,
Sonhei-a do paraizo
Máis que tudo ella formosa!

E scismando sobre a relva
Adormece apaixonado,
Eis que Deus a mulher forma
Que elle vê já despertado.

Ebrio de goso contempla
Tantas graças, gentileza
E nada encontra mais bello
Em meio da natureza.

E curvado para o ceu
Ergue as mãos agradecido;
O' elle a quizera em troca
Do paraizo perdido...

Com ella a vida fruir,
Antes quer sujeito á morte,
Quer junto d'ella perder-se,
Soffrer o rigor de sorte!

Sem a mulher que sois vós
Sol, estrellas, lua, flores?
O primeiro homem sem ella,
Em vós não achava amores!

Ella só encerra em si
O mundo, ceu, paraizo,
Para ser ditoso, ao homem
Basta um seu meigo sorriso!

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

UM IMPROVISO

Trecho da vida anedoctica de Paganini

PAGANINI tinha chegado a Londres em 1831. Na noite de 21 de junho, lord Holland abria os seus esplendidos salões, e por isso uma multidão de carruagens se agglomerava em volta do seu palacio, situado em *Regent Street*, um dos bairros mais *fashionables* de Londres.

A reunião era o mais selecta possível. No cristal de mil espelhos, miravam-se os rostos formosissimos das mais bellas *lady's*, deslumbrantes pela sua magica formosura, realçada pelo assetinado das vestes, e pelo brilho das pedrarias. Tudo o que a famosa capital da Grã-Bretanha encerra de grande na fidalguia, na litteratura, na politica e nas artes, tudo alli se encontrava. Tinha aquelle baile uma feição característica. O observador menos attento descobriria nas feições dos convidados uma especie de curiosidade, de impaciencia até. Nessa noite, n'aquella sala, uma das maiores personagens musicaes faria ouvir os magicos sons do seu instrumento, e por isso era justa aquella curiosidade, aquella avidez de ouvir um executante, que a fama apregoava como o melhor, que o mundo tivesse escutado.

Paganini tinha chegado a Londres, onde o seu nome era apenas conhecido. D'esta vez elle arrebatou uma multidão, desejosa de o poder avaliar. A sua chegada a Londres pouco faltou para fazer subir os fundos; foi um grande successo. Era a novidade da estação que mais voga tinha, e de que todos se appraziam fallar. Nos salões de lord Holland fazia elle a sua estreia, e por isso tudo o que sentia n'alma uma scentelha do amor do bello, tudo o que presta-va um culto ás bellas artes, alli se achava.

N'esta brilhante *soirée* o eximio rebequista

desenvolveu todas as maravilhas, desentranhou todas as fatidicas concepções do seu divino instrumento. Nenhum sentimento ficou por exprimir n'aquellas cordas que se diriam as vozes d'um anjo. Cada arcada era um esforço do sublime.

Ora terno, ora apaixonado, como o gemer das aguas que se despenham d'um cómorro, ora imperceptivel quasi, ligeiro, como o bater d'azas da andorinha, ora fogoso, cheio de impetuosidade, cheio de elegancia, de paixão, de melancholia, nunca deixou um só instante em socego, em apathia, em indifferença o coração dos ouvintes. Nenhum espectador deixava de estar mergulhado n'aquelle chaos melodioso, nenhum deixou de comprehender a linguagem de fogo e apaixonada d'aquelle instrumento, inerte nas mãos de qualquer outro, com vida apenas á primeira arcada deixada cabir sobre suas cordas pela mão de Paganini.

Duas horas assim se passaram sem que o entusiasmo houvesse um só momento resfriado até que o instrumento se calou. Todos acreditaram que o agradável concerto teria acabado, mas o celebre violinista, apenas tinha cessado de tocar, para recolher, para concentrar todas as suas forças na execução d'uma obra colossal, que devia terminar a *soirée*.

Se não fôra historico o facto, que vamos contar, e authenticado por muitas pessoas, bastava sómente pensar nos immensos recursos musicaes, e no genio de Paganini, para o tornarmos por certo.

A um signal dado de lord Holland, os lustres que illuminavam os salões se extinguiram, como por encanto. Do meio das trevas que povoavam a vasta salla, uma mulher se ergueu vagarosamente, e com uma voz repassada de tristeza, vaga, e incerta, principiou a recitar uma d'essas lendas sombrias, terriveis, lugubres, cheias de fantastico e de maravilhoso, como o abysmo de sombras. Esta mulher era Anna Radgliffe, romancista a mais popular d'Inglaterra, authora bem conhecida dos *Mysterios d'Udolpho*, d'esse romance tetrico, povoado de visões taciturnas, de phantasmas, de spectros, que a cada passo nos fazem tremer, quando o lêmos

à luz baça d'um candieiro, junto do lar amortecido, durante um dos longos serões do inverno.

O drama improvisado por Anna Radcliffe principiava por um assassinato. Um filho tingia as mãos no sangue de seu pae, para se apropriar de seus thesouros. Cedo, porém, todas as riquezas mal adquiridas se dissipam nas orgias, no jôgo, e no vicio. Então para reganhar o que não tinha sabido conservar, como para fugir ás cruéis lembranças que o cercavam, e aos remorsos estampados, ainda que frouxamente, na consciencia, se atirou a uma vida de agitações, de aventuras, e de perigos:—fez-se corsario.

Annos findos, n'esta vida que lhe foi prospera, tendo junto muito ouro, tencionou recolher-se á sua terra, onde comprou o castello de seus antepassados, nas mãos agora de novos senhores. Mas ao entrar na posse da sua antiga morada, parece que as torres do castello principiaram a tremer, e como a quererem desabar sobre elle. Os criados e vassallos fogem á sua vista e medonhos espectros e aparições sinistras, o envolvem noite e dia. A sombra sanguinolenta de seu pae lhe vem apagar as delicias de seu somno. Emfim, a romancista, depois de nos ter feito descer todos os degraus da escada do terrôr nos mostra o filho parricida, desaparecendo no meio d'uma tempestade, arrebatado por um ser sobrenatural, armado d'um alphange de fogo.

Sobre este assumpto lugubre, lançou Paganini d'improviso uma musica constantemente em harmonia com as diversas situações que nós acabamos de expôr. Ao mesmo tempo que a romancista evocava da imaginação as imagens negras de seus espectros, e as fazia redemoinhar no vento das suas tempestades lugubres, o rabequista obrigava o seu instrumento a soltar a harmonia feroz dos gritos da agonia e do remorso, as vozes sobrenaturaes dos espectros, e das tormentas. A poesia foi sem duvida vencida. A musica elevou-se arrogante, e de cada palavra do poema fez uma estatua com vida. Nunca a musica tomou tamanho grau d'expressão. Nunca artista de qualidade alguma, soube fazer tão bom uso do seu genio, das suas ins-

pirações. Nunca o artista mais valente soube empregar tanta força sem se sentir desfallecido, no meio da sua execução.

Sem duvida que podeis imaginar o effeito produzido por esta extranha scena. Todos os espectadores tremiam, e os menos assustadiços, estavam pallidos de medo. Muitas senhoras tinham desfallecido, n'esta representação, em que o genio de romancista, e o genio e a pericia do musico tão bem se tinham casado, apesar de serem rivaes no brilho, na novidade, no entusiasmo das suas caprichosas composições.

A BIBLIOTHECA DE BRAGA

As chronicas de pedra, as epopeas de granito, n'uma palavra, os monumentos notaveis d'este reino succumbem victimas da mão ignorante e profana que lhes rouba com a forma primitiva a poesia da antiguidade. Estes remocamentos que amiude estão dando ás cathedraes gothicas, aos templos antigos, redundam finalmente em anachronismos e por conseguinte em erros de gosto e estylo imperdoaveis... O pincel do caiador rouba ao tecto d'uma igreja uma pintura de cem annos; o cinzel do canteiro despe uma torre dos arabescos, que lhe estavam pregoando a idade. Estes concertos ultimamente feitos á Sé de Braga dão-lhe um tal ar de modernismo, que desagrada á vista, onde tudo é velho e classico. Não ha muito, que na mesma cidade, no campo das Ortas, apparecia uma casa velha, onde, segundo a tradição, nasceu Santa Quiteria. Hoje esse livro de pedra, que nos fallava da filha de Lucio Cayo Atilia, desapareceu e vê-se em seu lugar uma construcção moderna! Aqui, mesmo no Porto, não foram ha pouco caiados os muros velhos e musgosos da Ribeira?

Para que fechar estes livros de pedra que na sua mudez nos estavam dizendo arcanos do passado?

Estas obras filhas de nossos avós deviam ser respeitadas, por que são as mães das creações architectonicas dos nossos dias. Os livros de granito succumbem victimas das reformas e

os pergaminhos que nos guardavam uma chronica, um poema, um livro qualquer inedito victimas do esquecimento... Deviam-se até guardar estes livros velhos, para á vista d'elles, se cotejar a litteratura d'então com a contemporanea. O litterato d'hoje, que os não tem por que se não reimprimem e custam sommas valiosissimas, faz-me lembrar aquelle filho, que apregoa a nobreza do pae, mas que não falla do avô porque nunca leu a arvore genealogica da sua familia. O estado decadente da bibliotheca de Braga está reclamando reformas e melhoramentos indispensaveis. Não sou eu só que o digo, tem-n'o dito muita gente. (1) Não se deve assim perder uma bibliotheca de quasi 30:000 volumes. A grandeza conventual da casa acomoda muito á vontade este avultadissimo numero de livros. Era preciso reformal-a. A carta de lei de 13 de julho de 1841 ordenou o estabelecimento d'uma bibliotheca publica em Braga, e a carta regia de 26 d'agosto de 1842 nomeia bibliothecario o muito lido e conspicuo snr. Manoel Rodrigues da Silva e Abreu. Este homem que tem gasto a sua vida em trabalhos bibliotheconomicos é uma das maiores capacidades litterarias de Braga. Honro-me de o conhecer e ser seu amigo.

Na primeira vez que visitei Braga teve elle a delicadeza de me mostrar alguns thesouros litterarios soterrados n'aquella bibliotheca e de offerer um exemplar d'um opusculo, que publicára sob o titulo de—*Novidades bibliotheconomicas*—. Tem aquella bibliotheca, entre outros muitos, os seguintes livros de bastante merecimento. De Jorge Ferreira de Vasconcellos—*Memorial das proezas da segunda Tavola-redonda* (offerecido a el-rei D. Sebastião. Coimbra 1568). De Alexandre da Paixão—*Monstruosidades do tempo e da fortuna*. (Os caracteres são manuscriptos e imitam os typographicos). Um *breviario*, por que resava um arcebispo de Braga, de pergaminho. *Creacion del mundo, por el doctor Alonso d'Azevedo*. (Poema dividido em sete cantos e em oitava-rima. Livro que

Brunet diz ser rarissimo). Quinze mil volumes estão já colleccionados e ordenados; os quinze restantes doe-se a gente de os ver amontoados e cobertos de pó, ao abandono. Mas o incansavel bibliothecario, com os cabellos cobertos do gelo d'uns poucos de invernos, lá vae lidando quanto as suas debeis forças o permittem, lá vae organisando como póde e como sabe, por que elle sabe muito, como disse já. Quando fallarem dos homens intelligentes de Braga, quando fallarem d'Almeida Braga, de Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu, de Augusto Clemente de Sousa Geão, homens que preso e acato, vão tambem buscar d'entre as quatro paredes d'aquella velha casa, que outr'ora fôra convento dos Congregados, o talento d'um homem que lá vive, de Manoel Rodrigues da Silva e Abreu.

ALBERTO PIMENTEL.

O PROGRESSO

(De pag. 182)

Seo mesmo Senhor disse:—*Domus mea, domus militiae*—as minhas casas se tornaram em quartéis de soldados, já prevendo a impostura dos homens e dos seus ministros; quem duvida de que tudo, o que temos visto e presenciado, fosse hum castigo evidente, que elle mandou, para advertir os mesmos homens, (assim como tambem algumas mulheres) da indignidade de seus estados, e de que era preciso pôl-os fóra de suas casas, para vêr, se faziam alguma reforma de sua vida e costumes, e reconheciam, que o castigo de Deus estava em cima de todos?!

Más ah! Senhor: quando os corações já estavam empedernidos, estragados, e corrompidos no centro da clausura; nas vagas da terra, e por entre as lavaredas do mundo, sómente a Vossa Misericordia Divina poderá reclamá-los á sua reforma e a um verdadeiro arrependimento de sua vida e costumes: não obstante, no meio dos abrolhos, e por entre os mais agudos espinhos tambem teem apparecido flores, e as mais lindas rosas!— E no combate das tribulações se purificam mais as almas e os corações.

Com tudo devemos confessar, que alli mesmo (na clausura) haviam homens de virtude e de muita probidade, que cumpriam á risca com as obrigações do seu estado, sem lhes importarem as negociações do mundo; cuja moral e virtude

(1) Vejam-se os artigos 2040, 2106 e 2269 da «Revista Universal Lisbonense.»

alguns mostram ter conservado, ou, pelo menos, conservam ainda os signaes caracteristicos d'esse seu primeiro estado; isto é — respeito — traje — e dignidade —: e estas circumstancias e qualidades são as que accusam, ou notar fazem d'alguns outros as suas transgressões, ou excessos demasiados.

Não fallamos dos homens sabios, nem dos seus talentos; porque alli mesmo as letras e a sabedoria tinham o seu magestoso assento; quando não pudesse dizer-se, que todas as artes e todas as sciencias alli tinham o seu encanto e prodigioso fundamento.

Negarmos isto, seria negarmos uma verdade a mais evidente, por todos vista e presenciada, principalmente na ordem benedictina.

CAPITULO II

O homem é inconstante e vario por natureza nos sentimentos do seu estado, e nos seus modos de pensar: hoje protesta uma coisa, e amanhã a nega, e já quer outra: o seu coração nunca é satisfeito nem contente, por mais delicioso, que seja o seu estado, e tenha o mais sólido fundamento.

Quem recebeu mais graças, que o sapientissimo Salomão, em que Deus fez brilhar toda a sua magnificencia, pela abundancia de dons, de sabedoria, de riqueza, e de magestade, com que o enriqueceu?!

Que homens tão grandes, como foram Tertuliano, e Origenes, que tinham admirado o universo com o resplendor de suas virtudes?!..... e com tudo a queda de uns e outros, foi estrondosa, e incerta e assás duvidosa a sua conversão!

E' pois necessario para a verdadeira regressão e conservação do homem ao estado da divina graça, que Deus pônha muito de sua casa, como diz hum grande justo e servo do Senhor; isto é, que lhe assista constantemente com os seus auxilios, se humilde e sinceramente lhe são implorados e pedidos: sem estes soccorros espirituaes e divinos da PROVIDENCIA, está o mesmo homem perdido; outro tanto mais, se os despreza, suppondo, que, por viver dentro dos claustros de um convento, tanto lhe bastaria, para se salvar.

Se esse era um dos meios mais faceis conducentes para o homem podêr salvar-se, por viver separado do commercio do mundo (os que viviam), entregue sómente ao serviço de Deus e da igreja (pelo que mostrava ou parecia); tambem era o mais difficultoso, se elle entrava a duvidar, e a deixar de cumprir á risca com as rigorosas obrigações dos seus votos e da sua regra; por que o diabo entraria então com elle a

contas, a ataca-o, e por todos os modos convencel-o: e eis a causa de muitos d'esses homens ficarem perdidos, aborrecendo com odio o seu estado.

Pelo menos; alguns teem mostrado, que viviam pouco satisfeitos na clausura: que a sua tunica e o seu habito lhes era muito pezado, por isso que tudo logo foi substituido por vestes as mais finas e delicadas, e algumas com excesso aos homens do seculo!

Pois isso, lá coisa de burel, de sacco, e de sandalhas, com os pés á vista e ao frio, fallando a verdade, era bom para um Santo Antonio, e S. Francisco, ou para outros, que tães, que os seus votos de pobreza e de castidade foram perfeitos, e á risca cumpridos e desempenhados.

Uma boa calça e casaco de panno superfino; um rico colete de seda ou de velludo lavrado, e uma bella botina, delicadamente feita e engraixada, fazem um pé mais brilhante e apresentam um passo mais decente e grave.

Isto de certo nada influirá no coração do homem, nem na sua natureza, mostrando sómente um aceio mais superior e delicado; que supposto os concilios provinciaes e o tridentino na sess. 14. da reformat. cap. 6., e o cap.—clerici—de vita & honest. cleric., o prohibiram, até com certas penas, por esse desabuso e degradação de um trajar mais honesto e decente, que não só inspirasse um certo ar de respeito, mas tambem um presentimento de virtude e de humildade, analogos com o mesmo estado; foi, sem dúvida em tempos, que ou os homens eram mais maliciosos, ou as roupas e vestidos tinham outros encantos e attractivos, que já não teem presentemente, porque estão generalizado e confundidos com gente de todas as qualidades.

Pois tão bem traja e veste o homem no bre e o fidalgo, como se enfeita e anafia o mechanico, o tapino, ou o homem mais ordinario: e esta confusão de trajar, e no vestir, faz um certo abatimento no respeito e na estimação geral, por essa mesma confusão, que não deixa conhecer nem distinguir o grande do pequeno, nem o pequeno do grande; á excepção d'aquelles, que, pelo seu opulento fausto, mostram a sua maior grandeza e distincção.

Hoje porém tudo passa por habito e moda, sem que estas accidentaes circumstancias e qualidades infinam no espirito, nem na carne; antes, pelo contrario, mostram mais decencia e outra gravidade, para se podêr andar por entre a gente e no meio d'uma cidade.

(Continúa.)

REVISTA DE SEMANA

O Porto resonava e dormia a somno solto, como se diz em linguagem vulgar. Mas, como nos veio o castigo do trabalho pela gula do pae Adão, o Porto tinha necessariamente de esperar e entrar em lida, como todos os fieis christãos.

Aconteceu, porém, que uns viajantes estrangeiros lhe bateram á porta da habitação e o Porto,—estremunhado ainda—correu a aduza, retesou os musculos do gasnete, bocejou tres vezes e tartamodeou, por ultimo, com toda a fleuma possível.

—Quem... es... tá... a... hi?

Mas ao acabar de pronunciar estas palavras encarou n'uns lacaios de chapéus tricornes com pennachos e lembrou-se de que tinha ouvido dizer, que n'aquella tarde chegavam ás Devezas a princeza imperial e seu esposo o conde d'Eu.

O Porto coçou na cabeça, esfregou os olhos e balbuciu a meia voz:

—Safa! Nem me deixam dormir a sesta!

Depois voltou-se para fóra e pronunciou com affabilidade e delicadeza.

—Façam favor d'entrar... Eu... vou vestir a casaca...

E aristocratisou-se, n'aquelle instante, o Porto, que poucos momentos antes dormia e resonava com toda a sem cerimonia—como qualquer burguez! Mas vamos agora a fallar serio.

A princeza Isabel Christina, a futura rainha do Brazil, era sympathica e lhana como todas as filhas d'aquelle ridentissimo torrão d'America. Sempre que tenho a fallar do Brazil, escaceam-me termos, com que possa desenhar uma pallida imagem d'aquellas immensas praias, onde abordára, em outros tempos, a nau de Pedro Alvares Cabral. Leiam esses versos, ouçam Casimiro d'Abreu, e depois.... saberão o que é a patria d'aquelle grande talento.

Correi p'r'as bandas do sul:
Debaixo d'um ceu d'anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil;
—E' uma terra d'amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes d'abril.

Tem tantas bellezas, tantas
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um immortal!

Falta-me espaço senão apresentaria aqui na sua integra esta mimosa poesia do author das *Primaveras*. Oh! como deve ser lindo o Brazil! Como eram sublimes aquelles genios de Alvares d'Azevedo e Gonçalves Dias, creados á sombra das mangueiras e inspirados pelas harmonias dos cantos do sabiá!.. Talentos, ora ardentes como a lava dos vulcões do Mexico e frementes como a torrente das cachoeiras, ora, amenos como o cantar da jurity nos ramos do cajazeiro e socegados como o dormir do filho dos tropicos, que as brisas embalam na rêde!.. A chegada de suas altezas é o acontecimento mais notavel d'esta semana; agora, é preciso tambem dizer alguma coisa sobre a noite de S. João — a amena, poetica e decantada noite de S. João!

Os binquedos populares dão-lhe um caracter tão festival, uma feição alegre e propria, de sorte que a gente sente um prazer extranho ao ouvir o crepitar das fogueiras e o estalar dos foguetes, e ao ver as donzelas do bairro atirarem ás chammas as alcachofras e deitarem sortes, que hão-de prognosticar qual dos namorados alcançará foros d'esposo!..

Vou queimar-te e requeimar-te . . . 4
Minha alcachofra agoireira;
Vou consultar minha sorte
N'esta planta feiteiceira.

E no dia de S. João o povo sente-se feliz, porque se acha feriado de cuidados e quefazeres!.. E o povo ri, e o povo folga, e o povo gosa!..

N'este dia eu via o povo
Mágoas suas a espalhar,

diz Estacio de Veiga n'uma poesia intitulada—*O dia de S. João*—em que o poeta chora saudades da sua terra natal.

—Mas porque cortaram a cabeça a S. João?—Dizia uma criança travessa ao pachorrento pae muito lido em agiographias.

—Escuta, meu filho, eu t'o cantarei. Herodes Antipas vivia n'uma mancebia escandalosa com a mulher de seu irmão Philippe, com Herodias ou Herodiades, segundo outros. João Baptista lembrou uma vez a Herodes o tracto illicito que tinha com a mulher de seu irmão e por esta observação fôra encerrado n'uma escura prisão. Aconteceu, porém, que no dia em que Herodes fazio annos, uma filha de Herodiades quiz, para o obsequiar, fazer certas danças na sua presença. O soberano enamorou-se da formosa rapariga e jurou conceder-lhe o que ella

lhe pedisse. Perguntou Salomé a sua mãe o que havia de querer. Respondeu-lhe a maldicta barregã que exigisse a cabeça do *Baptista*, para assim se vingar d'elle. Aqui tens a historia do milagroso santo, meu filho!

—Ah! que crueldade! meu pai... Deixemos hoje coisas tristes... vamos vêr o fogo preso.

—Que fogo preso?! Não ha... Os festejos vão a terminar, meu filho. O povo sae para a rua a truanear, mas vem depois metter-se na cama, cansado e fatigado d'um divertimento estúpido. Os rapazes já não vão, como no meu tempo, encher a cantarinha d'agua ao dar da meia-noite. As raparigas já não se importam com o ovo symbolico, que depois de apanhar o orvalho da noite, hade designar, pela forma, o modo de vida do futuro esposo!! Estas velherias parecem envergonhar a gente d'hoje, que as não sabe respeitar como herança d'avos!...

ALBERTO P. MENTEL.

SONETO

Assim correm meus dias sem ventura,
Ligeiros caminhando á eternidade,
Em cada um, um espinho, uma saudade,
Um motivo de dôr, uma amargura!...

O' quanto assim é triste a vida e dura!...
Mas na terra não ha felicidade!...
Predice-o lá nos ceus a Divindade,
Nos ceus onde ella offrece a gloria pura;

N'esta crença divina affronto ousada
Dos fados o rigor, da crua sorte
E sem temer espero socegada

D'essa parca terrivel duro côrte;
E' meu regresso emfim, resignada,
Anjo te aguardo funebre da morte!...

M. A. FERNANDES PRATA.

EXPEDIENTE

A redacção d'este jornal, extremamente penhorada pela protecção que os seus assignantes prestaram á sua empresa, tem tambem a attenção de os prevenir de que, visto acabar o semestre com este numero, todos os surs que accitarem o numero seguinte serão tidos na conta d'assignantes.

Aproveita esta occasião para rogar o obsequio a alguns surs. assignantes do Porto e da provincia de mandarem satisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietario d'este jornal Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa, n.º 63.

No escriptorio d'esta typographia, recebem-se encomendas de livros tanto de Lisboa como da provincia; encarregam-se d'assignaturas para as edições que estejam em publicação. Mandam-se vir livros de Pariz e promptificam-se a mandar fazer honitas encadernações.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63--Praça de Santa Theresa--63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todó e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1865—TYPOGRAPHIA DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

...Praça de Santa Theresa, n.º 36.

FLORES

(N'um album)

J. AUTRAN

Quem és tu, flôr de petalas coradas,
Como virgem que ardesse n'um desejo?
Quem foi que te lançou a côr do pejo
N'esse seio de folhas purpuradas?

Não as tens já tão puras, nacaradas,
Como essa tua irmã, que eu além vejo,
Tão séria, que nem sente o leve beijo,
Que lhe furtam as auras perfumadas...

Porque? Ai! quem sois vós, flôres mimosas?
Que nome vos poz Deus, ó minhas flôres?
Dil-o um livro de phrases sonoras?

Talvez—Dar-vos-hão nome os sabedores...
Eu só sei que sois filhas extremosas,
As filhas do Senhor e seus amôres!

Coimbra—64

Anthero do Quental.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 186)

OU BOÇAES OU TRATANTES

SUBIU um homem dos seus quarenta annos, forte como um Hercules, de cabellos emaranhados e ar de basbaque. Seu traje era de homem do campo, seu andar e gestos os d'um boçal na gêma.

—Que recado me traz da snr.^a Carolina? disse logo Maria Isabel meio assustada. A estas horas mandar cá!..

—Eu... lhe conto... tartamudeou o homem, coçando na cabeça e fazendo tregeitos com os olhos e bocca. Gosto de... dizer as coisas do... *comecillo*. Assisto... n'uma casa a... *escapular* para fóra... da cidade. Eu e a... minha companheira gostamos de... vêr aos domingos os... ranchos de...

PRIMEIRO ANNO—1865.

—Pelo amôr de Deus dê-me o recado da snr.^a Carolina!

—Já... lá vou. Hoje vimos... eu e a minha companheira uma mulher... já veterana, de corpo esguio e... câra de arremeter, a... dar ao braço e á perna que parecia um *home!* Seguia-a... um frangote a modo de marujo... com cachimbo na bocca e ares de namorante. Dizia graçolas ás... moças que encontrava...

—Bom homem, acabe com isso. A snr.^a Carolina que me manda dizer? Succedeu-lhe alguma coisa?

—Eu lhe conto. Pelos môdos foi ali... para fóra fazer uma jantarôla...

—Marendôla, atalhou André. Ouvi-lhe domingo passado dizer na despedida á snr.^a D. Maria Isabel que haviam hoje de...

—Merendôla... ou... jantarôla... Era coisa de comer. E lá que a snr.^a D. Maria Zabel vá á mão.. á gente!.. *vá d'empace*, mas *concecé!*..

—Por Nossa Senhora lhe peço, exclamou a donzella, diga-me o que tem a dizer com brevidade!

—Eu... lhe conto. A tal mulberaça arrecollhia-se com o marujo... do cachimbo, quando... um *cariolé*... *záz!*.. vai per riba d'ella...

—Jesus!..

—E o marujo a querer ter mão no... *cariolé*...

—O' meu Deus!.. E ficou mal tratada?

—Eu... lhe conto. Passou-lhe só por riba... d'uma perna... Cuido que lhe não fez... muito mal. Não a mêche... e tem-a... inchada como a... minha barriga; mas ella só se *desgraceia* pelo mal de... seu filho.

—Seu filho?! Que mal lhe succedeu a elle tambem?

—Eu lhe... conto. Queria livrar sua mãe.. e... e... *zás*. Ficou debaixo do *carriolé*.

—Jesus!.. E está muito mal?

—Eu... lhe conto. Por uma unha negra... não lhe passou.. por riba do.. *gasganete*.. (salvo.. seja..) uma ro.. da; mas esmagou-lhe.. (salvo.. seja) este braço por aqui, e.. esta mão por alli.. e o peito.. (salvo.. seja) aqui ao pé do... *estamago*. Ficou como uma rãa.. estirado; por esse.. chão, sem dizer um ai Jesus, e a

mãe a.. barregar que.. mettia terror! Eu e a minha companheira arrecadamos ambos para nossa casa.. e.. lhe fizemos o que podemos.

Maria Isabel pallida e com os olhos cheios de lagrimas perguntou se Francisco morrera.

—Ainda.. não.. — tornou o rustico — mas só por milagre pôde.. pôde escapar. Havia de ser levado logo.. para o *hospital*; mas a mãe barrega, que.. tem coisa má! Não quer que.. lhe levem.. o filho; e me.. disse que.. vossa *mercê* lhe havia.. de valer, que viesse eu.. assim.. e assim.., contar-lhe tudo e pedir-lhe, que a fosse.. confortar.

—Na ausencia dos meus bemfeitores, disse a orphã voltada para Rosa, é a vocemecê a quem peço para ir com este homem e mandar André buscar um cirurgião.

—O' minha snr.^a faça o que quizer. Até tinha vontade de acompanhá-la.

—Eu lhe conto.. Não é preciso levar lá outro *mata-gente*.. Chamamos o.. da terra, e.. amarrou-lhe uns pannos.. e.. disse torcendo o nariz:

—*Hospital* com elles.

—E onde estão?

—Na minha casa.

—Onde é? perguntou Rosa. Será preciso mandar alugar uma carruagem?

—Eu lhe conto. Está lá.. na rua um.. *cariolé*. O.. marujo arregalava.. os olhos, quando a mãe me dava.. o recado, e disse — Leve dinheiro.. do meu.. *cintra* e apalavre um *cariolé* para a senhora vir.. dentro.

—Então vá menina. Mas espere um pouquinho.

—Vai passar a noite a pé e em casas mal reparadas. Hade levar uma capa e um chaile pela cabeça.

—E voltando agasalhou a orphã com o chaile e a capa. André dizia bocejando:

—Acabe com isso!.. Está a gente aqui á sua espera...

E tornava a abrir a bocca estrondosamente.

Maria Isabel desceu acompanhada pela crea-

da e seguida pelos dois homens. No portal disse Rosa:

—Aonde é que vai esta menina? Preciso saber-o para o dizer a meus amos quando vierem.

—Eu lhe conto.. — dizia o rustico enquanto que Maria Isabel tremula e aterrada subia ao carro. —

—Eu lhe conto.. eu lhe conto... — atalhou André — e leva-lhe uma hora a dizer duas palavras.

—*Voncencé* é... muito mal cre... ado.

E com uma ligeireza que ninguem lhe podia suppór, fechou a portinhola, e saltou para o lado do boleiro, onde se collocou como o mais bem amestrado laçao. Ao mesmo tempo André agarrava Rosa pela cinta, dizendo:

—Que frio!.. A snr.^a Rosa constipa-se!

E arrebatadamente a puchou para dentro do portal e fechou a porta. A carruagem partiu immediatamente.

—Sempre és muito atrevido e muito tólo!.. — bradou a velha criada muito agonisada —. Obrigares-me a entrar e fechares a porta na cara á senhora D. Maria!

—Não lh'a fechei na cara, fechei-a na hombreira.

—Pateta! Não ver partir a carruagem!..

—Pois isso que tem que vêr?

—Queria vêr se ia para cima, se para baixo.

—Foi para baixo.

—Os cavallo estavam voltados para cima.

—Pois então foi para *riba*.

—Não sei porque estou inquieta...

—Não devia deixar partir a carruagem sem saber aonde levaria a snr.^a D. Maria.

—Ella dirá depois onde foi. O que fôr soará. Vou para valle de lençoes, que estou cahindo com somno.

E mettu-se para o quarto.

(Continúa.)

AMOR DOS TUMULOS

Melancholico titulo, sobre o qual já descem vagarosamente uma lagrima da minha sensivel lei-

tora! Amôr dos tumulos, que presagio de infelidades n'este titulo!

Não chorem ao ler este conto. Encham apenas o rosto da commoção, que lhes vaen'alma, quando a lua vem subindo a montanha, e sobre estas folhas adormeçam, ao som das harpas, que entoam as virgens angelicas, que já amaram na terra. A flôr, que desabrocha entre as fendas da louza, tem tanto mimocomo a rosa, que borda as margens da estrada, ou como o lyrio, que treme, ao primeiro sopro da madrugada, na ladeira da serra.

Não chorem pois!

Tudo o que é triste é bello. A alegria não abranje em toda a sua amplitude este caracter. O prazer, que é louco aborrece; a tristeza, que toca os mesmos limites, compunje.

Nada mais triste do que um cemiterio e porisso nada mais bello. Ao romper da manhã, ao declinar do occaso, os cyprestes, que gemem tem sempre um grito tão harmonioso no mover das folhas, que o julgamos um echo do hymno d'alem das campas. Toda a ave, que ali se acolhe, sae de lá, trazendo no bico as cordas d'um alaúde. Toda a brisa, que levanta as iolhas amarellecidas, que vestem as sepulturas razas, colhe n'aquelle recinto um elixir, que embriaga os sentidos, e embala o coração em sonhos de candura. Quem não tem alma pode-a aliganhar, porque de todos os intersticios sepulchraes sae um pouquinho de espirito extraviado, que se acumula em volta de nós, fazendo junção com a aragem, ou transmudando-se no pó dourado das azas d'uma borboleta.

Amigos do ruido, ali mesmo achareis com que satisfazer o vosso appetite. Não julgues que tudo é morte, nos cemiterios, lá tambem ha vida. Cada letra escripta sobre a louza é voz silenciosa, que vos falla. Esta inscripção, aviventada com tarjas d'ouro, é a mocidade, aquella com os caracteres, roidos do tempo é a imagem da velhice. Esperae pelas horas mortas, em que a lua veste de palôr a cruz, e então sentireis oruido vago das choreas fudebres.

Quereis amar?.. Tendes aqui muita belleza, não desgastada ainda do verme da corrupção. Levantae a pedra d'esse jazigo, epithaphio mudo,

que não sabe dizer que debaixo d'elle se escondem quinze primaveras. Pasmaes!.... sois artista? sentis-vos enleado ao contemplar essa estatua, a quem o scopro da vida engrinaldou de peregrinos enfeites, e o pincel da morte lavou apenas o clorido das faces?.. Não vos impacientes em pedir, de novo, a vida para essa Galathea. Quereis murmurar com ella o cantico ameno do amôr e do prazer? Fazei como as mulheres turcas, que se arrastam sobre o manoleu do marido, collae os ouvidos á terra, que se de lá não vier um vapôr de harmonias, o vento ao desfolhar as rosas, fazer-vos-ha imaginar que ouviis outra voz, que não é a vossa, que pede, que supplica que exora um refrigerio para a alma, abraçada n'um amôr desconhecido.

Volver-me-heis que o marmore se vai reduzindo a pó, que o gelo do corpo se destila em podridão. Eu poder-vos-hia responder que esperasseis pela noute, para ver esse liquido em putrefacção, convertido em pequenos soes, bordando a sepultura. Mas não; as tempestades da vida estão sempre atirando para a valla common assucenas e rosas, ainda com o viço por extinguir, rociadas do orvalho da alegria e do prazer. Amanhã podereis transplantar o mesmo culto para nova estatua, o mesmo fogo para novo vaso.

O cemiterio será apenas uma mancheia de pó? Louco de quem não vê mais! Se é pó, é poeira intelligente, mais vivida, mais activa do que a que nos cobre a ossada, emquanto vagueamos pelos Saharás d'esta Africa, torrificada pelo sol da maldade e dos crimes, arrefecida pelo gelo do cynismo e da descrença.

O christianismo, a religião a mais sapiente de todas as religiões, não havia de ir collocar o emblema do progresso, n'um campo que nós teimamos chamar de morte. A' fê que não. Aquelle pó não é pó; é uma legião de soldados intrepidos, é uma cruzada, que nos está pré-gando continuamente a reforma de nossos habitos criminosos, e a trombeta immensa, onde mil labios, ao mesmo tempo, fazem resoar a cada instante o *Memento homo*.

(Contintúa.)

BRANCA

I

Se v. exc.^{as}, minhas leitoras, querem, por um pouco, adormecer no coração as maguas da vida real com extranhas alegrias e novas impressões, entrem comigo no salão do baile e deixem-se mergulhar na onda tumultuosa do prazer, impellidas por idealidades que as hão-de embriagar em quanto cá dentro houverem risos e lá fora brilharem estrellas... Depois, quando desmaia-rem no ceu as vagas doiradas da noite, quando a lua esconder a face de traz da cortina azul do espaço, desvanecem-se as utopias e morrem como as flôres que ha pouco rescendiam e extinguem-se como as luzes, que ha pouco illuminavam. Estamos no baile. Ouçam o arfar dos seios que languesceram na vertigem das danças e as phrases soltas e ardentes de duas almas, que se entendem. Reparem nos olhares incendidos que se cruzam, nos sorrisos meigos que se encontram, nas mãos que se apertam voluptuosamente... Sorvam a longos haustos a poesia do quadro, em quanto as imagens não descoram e se extinguem deixando apenas ligeiras sombras na teta... Reparem n'esta mulher que está sentada á entrada do salão e que apenas agora vêm de lado. Que gracioso perfil! Que harmonia e regularidade de traços se nota á primeira vista n'esta physionomia... Um sympatico moço, para quem ha pouco ella olhava, offereceu-lhe agora o braço e convidou-a á dança, por que a orchestra entoára as primeiras notas d'uma polka. Esta mulher tem os cabellos loiros como a ingleza, os olhos languidos como os da andaluza e sabe-se apresentar com a elegancia da parisiense. Oh! Entrou agora na sala um meu amigo. Desculpem v. exc.^{as}, minhas leitoras, mas vou sair-lhe ao encontro para rogar-lhe que me inicie sobre particularidades da biographia d'esta mulher.

II

—Esta mulher chama-se Branca e é, como vês, uma formosa criança de quinze annos. Augusto da Cunha, o homem com quem dança, é aos olhos do mundo um amante desvairado, na minha opinião, porém, julgo-o um poeta, que a sociedade não conhece, porque não comprehende. Ha comtudo um homem «d'ouro,» um namorado insupportavel (eil-o que passa, repara) preferido pela familia de Branca ao obscuro escriptor, que o talento nobilita, mas que para se alimentar escreve folhetins em diversos jornaes. Branca e Augusto sentam-se. Avancemos depressa para o vão d'aquella janella e ouviremos assim, disfarçadamente, a sua conversação.

—Branca, peço-lhe que seja forte para não ser victima das «conveniencias sociaes.» O dinheiro d'este homem é uma nuvem negra, que vem empanar-nos a felicidade, que eu via transluzir de longe... Ver cahir desfôridas as nossas verdes esperanças!.. Isto ensandece e mata...

—Socegue, Augusto, socegue. A victima não hade caminhar para o holocausto, porque prefere o suicidio á sujeição ignobil... Tenha confiança em mim... «A intelligencia é sempre preferivel ao dinheiro...» Assim o creio, Augusto...

—Obrigado, Branca, obrigado. As suas palavras foram balsamo para as ulceras da minha alma. Seja forte.. sim? Depois d'esta noite pesada, d'estes estremecimentos da incerteza, hade raiar a manhã da nossa felicidade. Obrigado, Branca, obrigado. Sou contente de si, porque sabe comprehender que a «intelligencia é sempre preferivel ao dinheiro.»

N'este comenos uma senhora de quarenta annos, pouco mais ou menos, por um imperioso volver d'olhos chamou Branca para junto de si. Ella estendeu a mão ao poeta e despediram-se em silencio. Depois atravessou a sala vagarosamente e foi sentar-se pensativa, n'uma cadeira, ao pé de sua mãe.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

A NOITE DE S. JOÃO

Vem sobre a terra com vagar descendo
As sombras d'essa noute meiga e pura,
Qual diaphano veu, que vêr nos deixa
N'um tímido oscillar, milhões d'estrellas.
Noite de S. João, noite fadada,
Noite d'encantos, d'illusões, d'esperanças,
Depressa vem; por ti em ancia esperam
Corações innocentes, almas puras.
Noite de S. João, como és formosa!
Que singelos folguedos tu me inspiras!
Aqui, por sobre a relva, se prepara
D'aromaticas plantas a fogueira;
Em torno d'ella em danças vão girando
Mancebos e donzellas, que desprendem
Sonórosas canções, que ao ceu revôam
D'envolta com o fumo da fogueira.
Alli a casta virgem colhe a medo
O fatidico cardo e a medo o queima
P'ra n'elle soletrar o seu destino.
Outras além mais receiosas lançam
Em vazos de crystal quebrados óvos.
Da fonte ao pé um moço imberbe ainda
Pequenos papeis dobra, onde escreveu
Uns nomes femenis e n'agua os lança.
Confiando que a sorte lhe revolve
O fatidico nome d'essa virgem,
Que lhe será, mais tarde, companheira.
Aquelle outro consulta uma estrellinha,
Onde dezeja ler sua ventura!..
Um clarão singular a lua espalha,
Qual feiticeira alampada, que doura
Mysteriosas scenas sobre-humanas!..

Gostasas illusões e meigos sonhos
 Adejam sobre a terra em brando vôo....
 Vae quasi finda a noite e a branca aurora
 Pouco e pouco desprega o manto ao dia.
 As sombras fogem, como os vultos negros,
 Que se vão recolher na paz dos tumulos:
 Com ellas vão tambem os meigos sonhos,
 Chymeras e illusões, que a noite encerra.
 Que esperanças não murcha a luz do dia!
 Ai! quantas lilusões, tão gratas, dōces,
 Trocadas em amargos desenganos!
 Das mãos da virgem a tremer resvala
 A alcachofra gentil que chamuscada
 Nunca verdor tomou c'ò bento orvalho!
 Tem outra a face triste, se contempla
 Quanto de mau agouro o vaso encerra!
 Por sobre a gema do ôvo em brancos flocos
 Mortalha horripilante se desenha!
 Sem consolo, o mancebo se desvia
 Do limpido crystal onde lançara
 Os pequenos papeis: estes fechados
 Se conservam ainda á tona d'agua.
 Nenhum d'elles se abriu, nenhum ostenta
 O nome da mulher que tanto adora.
 A consultada estrella não responde
 Por não querer, inda que bem soubera,
 Revelar do porvir tristes mysterios!...
 Noite de S. João, pr'a que expozeste
 Teu manto d'illusões á luz do dia?
 Eil-as todas perdidas, desfolhadas,
 Sem viço, sem a côr que tu lhe deste!
 Murchas esp'ranças, illusões perdidas
 E' o que resta de ti, noite formosa,
 De teu meigo prazer, de teus encantos!!
 Vae, ó noite fadada, vae, descança
 Na lousa do passado, onde cahiste.
 Vae que sempre — d'agora e do futuro —
 Voltarei para ti olhar saudoso!

Veiga de Lilla 24 de junho de 1865.

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

AMOR DE FILHA....

Eu d'ella nem sei mesmo o que se digal!...
 Só para si vivia... Amor's não tinha...
 Se a pobre rapariga
 Nem á janella vinha!...

A's noites junto á meza costumava.
 De dia a mesma coisa... a trabalhar!...
 Bordado não deixava
 Sem primeiro acabar...

A costura de pranto rociada
 Era espelho, onde eu via a sua alma...

De trabalhar cançada
 Martyr ganhaya a palma!

Nem de noite deixava a sua agulha!
 Nem por alva largava o seu dedal!...
 E em pranto se mergulha
 Aquelle rosto oval!...

.....
 Será pois ambição, que assim a môva
 A trabalhar continuo tão cançada?!
 —E' que n'aquella alcôva
 Tem a mãe entrevada...

ALBERTO PIMENTEL.

AMOR NO OCEANO

ROMANCE MARITIMO

OFFERECIDO AO MEU AMIGO F. M. DE SOUSA VITERBO

(Do pag. 172)

II

Eram 6 horas da manhã, e o brigue, já fóra da barra, ia sulcando airoosamente as aguas, que lhe embalavam, pacificas, o costado. O sol atirava ao largo os seus mantos crepusculares, para dourar a superficie das ondas, e encher de brilho as vélas côr de neve, que nunca pareciam ter andado expostas ás asperezas da tempestade, aos rigores dos aguaceiros. Ia ufano e cheio de galhardia, como se pensasse que era o vasto corpo, que encerrava e obedecia á intelligencia activa dos homens do mar.

O capitão continuava a dar as suas ordens. —Larga o traquete—gritou elle—cassa mais aquella escota de bombordo... assim... aguenta... volta marinheiro.

—Orça... gritou por sua vez o piloto, que se achava no castello de proa... arriba.

O homem do leme executava fielmente estas manobras.

—Encontra... mais... observou o capitão a um marinheiro, a quem o navio estava entregue.

Assim pela manobra bem dirigida do ca-

pitão e executada a tempo pelos marinheiros, o navio ia passando sem perigo os rochedos perigosos, que povoam a barra do Porto, uns ao lume d'agua, outros sumidos na vastidão das ondas.

N'este mesmo tempo, passeava no convez, assim á maneira de quem anda pensando, um mancebo, cuja idade parecia ser formada de dezoito ou vinte primaveras. Era passageiro e filho do dono do navio. Trajava com certa elegancia, e havia um não sei que de sympathico na sua estatura mediana, e no seu rosto algum tanto trigueiro, como o dos filhos do Meio-dia.

De repente suspendeu os passos, e elevando a voz um quasi nada acima do murmuro, produzido pelo vento nas enxarcias, disse para um outro moço, que se achava junto do capitão.

—Carlos.

O mancebo, a quem dava este nome era o praticante do brigue. Sobre o seu rosto alvo e rosado em extremo para homem do mar desciam seus longos cabellos a tornarem-no mais bello. Ninguem diria que elle já tinha feito umas poucas de viagens para além do Equador. Ao verem-no assim, esbelto e delicado, poucos suporiam que aquelle corpo franzino pudesse supportar os enfados da vida maritima. Era da idade do seu interlocutor. Tinha vinte annos.

A pergunta que lhe fizeram, respondeu sem impaciencia com está outra.

—Que me queres?

—Olha!... disse-lhe o primeiro, indicando a terra, escuta.

—O que?...

—Presta attenção.

N'aquelle momento, os sinos da igreja de S. João da Foz dobravam a finados. Era uma toada lugubre, e que a distancia ainda fazia mais pavorosa. Quem inventou aquelles instrumentos, pezados, mas singelos, não quiz dar alma ao bronze, quiz dar voz á dôr. O vento porque não tens somente um echo para a orgia, para a bachanal, para o prazer? Para que não abafas no teu manto de estrondos os gemidos, as nenias, os hymnos da lagrima?

Como eram tristes aquellas badaladas, des-

pegando-se vagarosamente da torre, e a requere-se estender por sobre toda a superficie do mar! A viração já as trazia quasi extinctas ao navio, mas ainda assim pareciam o grito do terror, passando veloz e soturnamente nas azas da ruina. Carlos estremeceu involuntariamente, e os seus olhos procuraram no banco de bom-bordo os de uma menina de desete annos, que só para elle estava sorrindo. O moço ficou enleado com aquelle sorriso, e despregando dos d'ella, os seus olhos por instante, olhou para terra como a dizer-lhe que desse ouvidos. Ella comprehendeu-o, porque tambem tinha escutando a musica sem trinadas dos mortos, e erguendo a fronte, encarou o firmamento, ao mesmo tempo que seus labios se desfranziam n'um sorriso pallido.

—Carlos, disse então o passageiro, auguro mal d'esta viagem.

—Ora!... respondeu-lhe o praticante com um sorriso forçado—ahi começa tu com os teus vaticinios!

—Não crês n'elles?

—Nunca me possui de crenças mesquinhas.

—Não?

—Nunca.

—Porém ha instantes que estremeceste quando ouviste...

—Se o fiz, foi involuntariamente, atalhou Carlos.

—Talvez fosse presentimento?

—Assevero-te que não.

—Pois bem, oxalá que eu me engane, mas... lembra-te sómente que hoje é terça feira, e todas ellas para mim são bem aziagas! Comtudo, continuou elle, batendo familiarmente no hombro do maritimo, nós o veremos, nós o veremos!

Carlos não lhe respondeu, e em quanto o seu amigo Jorge continuava passeando no convez, dirigiu-se á proa onde havia sido mandado pelo capitão, por causa da manobra.

Mais tarde saberemos as relações que existiam entre os dous mancebos.

O brigue já havia transposto ha muito a barra, e com as vellas largas ia-se cada vez mais affastando da costa, e os ultimos olhares

da marinhagem ainda se dirigiam para terra que desaparecia de vista pouco a pouco.

O capitão conversava com o piloto no convés.

—Que lhe parece, piloto, o vento continuará soprando sempre de leste?

—Duvido, respondeu este, a minha opinião é que na baixa-mar elle refresque do norte, entretanto...

—Entretanto, atalhou o capitão, mande fazer proa de sudoeste, porque, se o vento não acalmar antes do meio dia, deixaremos de ver terra.

—Assim o espero, capitão.

Depois este lançou a vista pelos mastros, e como o rumo do navio lhe agradasse, fez um signal, cheio de affirmação e instinctivo ao homem do leme, como, a dizer-lhe:

—Assim!

Em seguida observou os horisontes, e nem sequer uma vela apparecia n'elles. Em seguida dirigiu-se á camara.

E' tempo de conhecermos o capitão Fonseca. No seu rosto tantas vezes crestado pelo sol dos tropicos e na sua estatura regular ainda bem conservada — lia-se lhe a idade que seria de quarenta e cinco annos. O capitão Fonseca era assaz sympathico, e em quanto o homem marítimo era um dos primeiros capitães do Porto, já pela longa pratica das cousas que tinha, pois navegava ha 37 annos, como tambem pela sua intelligencia e instrucção. A sua familia era muito limitada, pois apenas contava de parentes sua filha Alcina, e sua segunda mulher que o acompanhavam n'esta viagem para o Rio Grande onde ia estabelecer a sua residencia.

Fonseca amava loucamente sua filha, linda menina de 17 annos, e esta era digna de sua amisade por que tambem pagava os affectos de pae extremoso com o amor de uma filha dedicada, fazendo quanto podia por tornar-lhe os seus dias cheios de ventura. Alcina porém não gostava da mesma estima com sua madrastra, por que o genio d'esta era muito differente ao da joven e os seus sentimentos verdadeiramente oppostos. Por mais de uma vez fôra a causa de questões e desgostos entre o pae e a madrastra, o que estes bem depressa esqueciam para se amarem.

Alcina respeitava-a como esposa de seu pae, mas bastantes vezes chorava por não ter conhecido sua mãe que havia perdido aos dous annos, vivendo desde então em um collegio até aos quinze annos, d'onde sahiu, para acompanhar seu pae n'uma viagem á Bahia. Alcina era uma linda e delicada menina e a esmerada educação que tivera no collegio realçava as suas qualidades. Fôra ella, quem, ao ouvir a toada funebre dos sinos, na occasião, em que o brigue passava a barra, sorria para Carlos. Por esse sorriso poderá o leitor julgar a intimidade que existia entre os dous. Alcina amava Carlos e d'elle recebia amor. Era um amor perdido, um amor de creança, mas que se arreiga ao coração, d'onde tarde ou nunca se esvaece.

Carlos era orphão. No cerco do Porto morrera-lhe seu pae no posto de coronel do exercito constitucional, quando contava 7 annos, não conhecendo em tempo algum sua mãe que havia perdido em menino. Desde aquelle tempo ficou Carlos entregue a uma familia de Lisboa, onde estudou com affinco, para se dedicar á vida do mar. Foi aos 16 annos que veio para o Porto onde embarcou como praticante d'um outro navio passando em 1843 para a companhia do capitão Fonseca quando este no brigue — *Anafil* — se dirigia á Bahia. Data d'ahi o tempo do seu amor. Foi durante uma viagem de 33 dias que elles como crianças ainda, se amaram. Hoje amam-se com esse fogo jámais inextinguível d'um primeiro amor, amor que se fortificou com o espaço de dous annos. Porém estas relações só a bordo as sabiam um velho marinheiro amigo dedicado de Carlos, e outro amigo da infancia, Jorge, esse passageiro com quem tomamos já conhecimento.

Jorge fazia aquella viagem incumbido de uma missão importante que dizia respeito ao negocio de seu pae, abastado negociante.

Eram estas as principaes pessoas que o brigue conduzia para as terras de Santa Cruz, alem de oito ou nove passageiros de proa e a tripulação do navio.

(Continua)

J. D'ASCENÇÃO.

CASAMENTO NO JURA

Logo que um mancebo pertende casar-se, um de seus amigos se constitue medianeiro das negociações preliminares, e se derige a casa dos paes da donzella, onde depois de haver feito um elogio emphatico dos merecimentos e teres do seu amigo, ouve em troco o panegyrico das virtudes e prendas da requestada donzella. Se este primeiro passo faz conceber esperanças do feliz resultado, os paes dos noivos tractam entre si ácerca do futuro consorcio, visitam-se para se assegurarem da veracidade das mutuas informações, e então se faz o pedido com todas as solemnidades.

No fim do jantar o mancebo collocado a par de sua fuctura noiva, lhe offerece em um prato, ou dentro d'um copo um rôlo de moedas-d'ouro ou de prata, proporcionada aos seus recursos pecuniarios. Se ella o aceita, mette estas arras na algibeira, e desde esse momento é tido por noiva, ou pelo menos fica inhibida de quebrantar a promessa contraída, sem restituir a somma que recebera.

Na vespera da publicação dos banhos os futuros esposos distribuem filhozes ou confeitos a seus paes e ás pessoas da sua amisade. Chama-se a estes usança confirmar os esponsaes. No dia em que se lavra a escriptura matrimonial, reune a desposada em sua casa muitas amigas, que todas se disfarçam e retiram para um quarto interior. O noivo, acompanhado dos seus irmãos e amigos vem bater á porta da casa reclamando uma ovelha que lhe pertence. Recusam franquear-lhes a entrada; porém, elles tanto porfiam que conseguem entrar, e concluída uma rigorosa busca reiteravam as reclamações á porta do quarto onde se incerraram as raparigas, até que a final lhes apparece um homem asseverando-lhes que nenhuma ovelha d'outro dono se introduziu no seu rebanho. Para prova do que affirma, elle manda desfilar as raparigas uma apoz outra, na presença do noivo, que as faz dançar successivamente, e se acaso não encontra a desposada entre ellas, éalvo dos motejos de todos. Um membro da assembléa, á vista do vestido dos noivados que estão patentes, dirige aos futuros esposos uma pratica, em que o estado do matrimonio não deixa de levar alguns motejos.

(Continúa).

EXPEDIENTE

A redacção d'este jornal, extremamente pehorada pela protecção que os seus assignantes prestaram a sua empresa, tem tambem a attenção de os prevenir de que, visto ter acabado o semestre com o numero 24, todos os snrs. que acceptarem o numero seguinte serão tidos na conta d'assignantes.

Aproveita esta occasião para rogar o obsequio a alguns snrs. assignantes de Porto e da provincia de mandarem satisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietario d'este jornal Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresza, n.º 63.

EXCELLENTE OBBA

Estão á venda no escriptorio d'este jornal o excellente volume de poesias intituido — **Filho de Deus** — por Maria Adelaide Fernandes Prata, assim como outra obra de poesias da mesma authora.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresza—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, lettras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

N'esta typographia acham-se á venda toda a qualidade de impressos, sendo o seu preço o mais commodo possível.

QUEM É O POETA?

QUEM é o poeta? (perguntei eu uma vez á minha alma) esse genio pensador e quasi sempre triste? e ella respondeu-me:—E' aquelle que desprende a idéa da terra e adeja pelas regiões ethereas em busca da visão de seus sonhos, d'um ente idéal que não pode encontrar na terra e que se o encontrou não o soube comprehender!.. E' aquelle que ama a natureza em toda a sua magestade que deixa muitas vezes o bulicio do mundo pela solidão dos bosques que se deleita contemplando o firmamento que ama ver alua reflectida no mar, o sol quando despontaradeante e bello e quando ao cahir da tarde esconde seus tibios raios no seio do oceano; e que ama ouvir o ruido das vagas, sentado nos rochedos quando a praia está deserta. O que se apraz de ver as lagrimas que a rosea aurora deposita nos calices das flôres e que depois lhes sorve o astro do dia desabrochando-as puras e formosas.

E' aquelle que estende o pensamento da terra á eternidade e que procura entre cyprestes os tumulos isolados que lhe revelam o nada da existencia e o pó a que se reduzem o rico e o pobre!.. aprendendo alli a desprezar as grandes que ostenta um mundo vã! E' aquelle que quando ouve o rebombar dos trovões, em meio da tempestade, mais ama e admira a Divindade, por que se recorda do Sinai, a onde precedido por formidavel trovão fallava Deus a Moysés.

E' aquelle que allivia suas magoas soltando sentidos cantos ao som d'uma harpa triste e saudosa. Aquelle que é muitas vezes escarnecido por genios boçaes e demasiado prosaicos...

E' aquelle de quem o canto livre e isento de lisonja e adulações, não prostitui a lyra a paixões sociaes, nem ao vil interesse.

E' aquelle que exprime seus cantos tão puros como o coração lh'os inspira. Aquelle que prefere uma folha de louro a um futil titulo, ou a um thesouro valioso.

E' finalmente aquelle que não pôde conter occulto o genio ardente que lhe trasborda no seio e que lhe brada—á gloria!.. e após a morte!..

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

PRIMEIRO ANNO—1865.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 194)

XXVI

UM PESAR DE MENOS, UM PECEIO DE MAIS

A pobresinha filha de D. Maria Carlota occupou algum tempo a resar por todos os seus bemfeitores; em particular, por aquelles que ia vêr maltractados. Mas se o coração a atraia para estes, pela força da gratidão e da compaixão, sentimentos mais ternos e doces a faziam pensar com melancolia n'aquelles que deixava, sem mesmo se ter despedido. Tinha agora ensejo de ficar com Carolina, sem que houvesse n'isso que estranhar. Em pensando n'isto Maria Isabel sentia as lagrimas cahirem-lhe quatro a quatro; mas estava resolvida a ficar em casa da mãe de Francisco, se ella consentisse.

Tão embebida ia em suas divagações umas vezes, outras, em suas ferventes preces que não reparava, nem cogitava no caminho que tomava. De repente a carruagem pôz-se em movimento mais rapido. Isto a tirou do seu estabelecimento. Olhou para fóra. Pareceu-lhe estar n'um arrabalde. O escuro da noite e a escaça illumination, que o nevoeiro empanava, não lhe deixavam distinguir os objectos. Conheceu por fim que tinha sahido da cidade. Bateu nos vidros para perguntar se iriam ainda longe; mas o boleiro assobiava e parecia ser surdo; o rustico, embalado pelo movimento do carro, de certo dormia. Tornou ella a bater; fallou, gritou. Nenhum dos dois voltava a cabeça. E a carruagem corria cada vez mais veloz.

Maria Isabel assustou-se. Que significava tudo aquillo? Ainda lhe não vinha á ideia um raptó, e comtudo sentia um vago temor. Ganhôu coragem vendo parar a carruagem. Via á sua direita uma casinha. Deviam estar alli Carolina e Francisco. Se fosse de dia, ou que a noite estivesse clara, conheceria que aquella casa não podia ser habitada; tinha só quatro pa-

redes desmornadas em parte. O laponio saltou ao chão com presteza, e abriu a portinhola do lado opposto á casa arruinada; tirou o chapéu e offereceu o braço por apeio á donzella. Ella sem reparar n'estas maneiras tão pouco proprias d'um rustico, desceu. Quiz dirigir-se á casa em que julgava estavam penando os seus amigos; mas o rustico com a voz rude com que havia fallado primeiro, só mais expedita, disse indicando a porta d'uma quinta:

—Para aqui é que mora o mordomo. E fujamos... Não vá este *cariolé* fazer-nos o que o outro fez á senhora Carolina e senhor Francisco.

—Mas, disse Maria Isabel, não é n'aquella casa que elles estão?

—Eu lhe conto... Mas fuja...

E pegando sem cerimonia n'um braço da donzella a levou para o portão que estava aberto. Os cavalloos voltavam; e a prudencia aconselhava esta manobra. O laponio proseguiu, fazendo entrar a orphã no pateo da quinta:

—O meu pequeno disse-me da *ginella* que trouxeram para aqui os estrupitados.

No fim do pateo via-se luz a uma das portas da casa. O campesino precipitou-se para diante, tirou a luz da mão de Miquelina e deu-lhe um empurrão para que se escondesse atraz da porta.

Maria Isabel correu tambem para diante receiosa de que lhe quizessem occultar a morte d'algum dos seus amigos.

—Que ha de novo? disse ella assustada.

—Eu lhe conto... E' tudo velho aqui.

—Vi uma mulher...

—Era a minha companheira que ia buscar de beber para os molestados.

—Não morreu nenhum?

—Ninguem quer morrer. Suba e verá.

O homem levava a luz adiante. No meio da escada voltou-se para se assegurar que era seguido por a donzella. Avistou Miquelina que sahia do escondrijo em que elle a fizera metter, atirou-lhe com toda a força o chapéu á cara, dizendo:

—São aqui tantas as ratazanas..... Avistei agora uma, que lhe morderia, se podesse.

A filha de Ricardo d'Oliveira, que não era muito aguerrida com os ratos, subiu mais apresada. Chegaram á porta da sala, que o rustico abriu, dizendo:

—A senhora D. Maria Isabel.

Já não receiava que ella lhe fugisse; e se pôz ao lado com ar de fingida submissão, para deixal-a passar.

Maria Isabel entrou e soltou um grito. Tinha diante de si Ermelinda. Quiz retroceder, a porta estava fechada.

—Onde está a senhora Carolina e o senhor Francisco, disse ella com voz alterada? Quero vel-os.

Custava-lhe a persuadir-se que tinha sido victima de um logro. Pensava que Ermelinda estava alli por acaso.

—Envergonhe-se! disse Ermelinda. Uma menina delicada e da nossa familia, namorar um tosco marinheiro?... Mandei-a buscar para a minha companhia por que sou a sua parenta proxima.

—Ah! Então foi peta o que me disseram do desastre dos meus bemfeitores e amigos!? Deus seja louvado! Mas quero retirar-me d'aqui.

—Não cuide que se ausentará. Como precisa ser guardada...

Maria Isabel sem attendel-a, bateu na porta furiosamente bradando por socorro.

—Que vergonha!.. tornou Ermelinda. Se quem Deus tem visse como se porta a sobrinha, que elle tanto amava, lançar-se-ia ao mar.

A donzella esgotada de forças, e vendo que ninguem accudia a seus brados, lançou-se sobre uma cadeira a derramar lagrimas amargas. Ermelinda continuava com as suas admoestações. A donzella não replicava; pensava nos riscos que ia correr e no que podiam imaginar os amigos de quem parecia ter fugido.

A porta da sala abriu-se, e disse uma voz entre zombadora e ceremoniosa:

—O chá está prompto. V. exc.^{as} querem tomal-o aqui?

A orphã voltou-se sobresaltada. Parecia-lhe que a voz do homem rude que a trouxera ao engano. A figura era a mesma forte e atletica; mas o trage, a presença e as maneiras

eram outras. Parecia um homem inteiramente diferente. Maria Isabel foi para elle e o examinou com ar carregado. Elle soffreu o exame muito respeitoso.

—O senhor, disse a donzella com modo imperioso, foi que me trouxe aqui cavilosamente?

O creado cortejou profundamente, sabiu e foi dizer a Miquelina:

—Ora o amo tem razão! Cada vez me parece mais linda a nossa prisioneira. Olho vivo!... Ha-de ser ruim de guardar.

XXVII

APÓS O DESGOSTO UMA ESPERANÇA

Era uma hora da noite quando a familia de Custodio da Cunha chegou do theatro.

André lhes abriu a porta, mas tão atordado com somno, ao que mostrava, que Maximino ficou para correr os ferrolhos, e levar a chave, como era costume, para o quarto de seu pae.

Quando as senhoras chegaram acima ficaram algum tanto admiradas de verem Rosa ainda a pé, e de lhes não vir ao encontro a orphã. Esta costumava obrigar a creada a deitar-se quando os amos tardavam; mas ella nunca se deitava.

—A senhora D. Maria não está boa? perguntou Adelaide.

—Ah! replicou a creada, a senhora não sabe o que cá foi!...

—Pois que succedeu?!

Rosa narrou o facto.

—Minha boa Maria!... Como estarás triste! exclamou Rufina. E eu vinha tão contente!... O coração não é presago! Tenho remorso de me ter divertido tanto!

Despediu-se a menina pesarosa de seus paes e se recolheu ao seu quarto.

Custodio da Cunha e sua mulher entraram nos seus aposentos. Ambos estavam cuidadosos e combinavam entre si o que no dia seguinte haviam de fazer para acharem Maria Isabel e os dois suppostos mal feridos.

Maximino entrou pallido, deixou-se cahir

sobre a primeira cadeira que encontrou e disse em tom desesperado:

—Foi raptada por Amaral!

—Que loucura te veio á ideia, disse Custodio da Cunha. Amaral está em Braga ha tempos.

—Foi raptada por Amaral, repetiu o manco e André é connivente... Desconfiei do seu somno!... Estava aqui servindo de espião e traidor. Adivinhando que hoje tinha ensejo de nos roubar Maria, disse que já tinha amo, e que amanhã nos deixaria. Ah!... eu parece que adivinhava!... Fui ao theatro com a mesma vontade com que iria ao patibulo! O pae não replicou e poz-se a passeiar.

—Não te afflijas assim, meu filho, disse Adelaide. Quando isso fosse verdade, o que é muito duvidoso, que lucraria o roubador? Maria é uma menina de muito juizo, saberá evitar os perigos.

Maximino abraçou sua mãe, que se lhe aproximára carinhosa, e disse angustiado:

—Ah! minha querida mãe! o coração me diz que a perdemos para sempre!

—O teu coração é um tonto, disse o ancião; o meu me diz que havemos de tel-a breve. E, tu se a amavas, porque m'o não tinhas dito? Não estudas para padre, podias casar com ella, e guardal-a a teu gosto. E's muito novo é verdade para te encarregares de uma familia; mas, se havias de ir namorar-te d'alguma rapariga que nos desagradasse, antes queria ver-te casado com a nossa Maria. Sé homem. As lagrimas e queixas são para as mulheres, que são fracas. Ficas sabendo que t'a dou por noiva. Não somos ricos, mas ainda havemos de ter pão para tua mulher e teus filhos. A'manhã procura a tua noiva, que eu procurarei a minha nora.

—Ah, meu excellente pae!... Então vou já a casa de Carolina saber...

—A esta hora?!... Não faças disparates. Não compromettas o credito de tua esposa. Não vás dizer a todo o encher que a roubaram de casa. São coisas que dão sempre que *badalar*. Deita-te, e levanta-te cedo. Se Carolina estiver em casa, já dorme ha muitas horas, e erguer-se-ha ao ser dia. Boas noites. Quero descansar.

Maximino não tinha remedio senão conformar-se com a vontade de seu pae, muito rasovel. Beijou-lhe a mão com muita afeição, abraçou sua mãe com amor, e foi para o seu quarto. Não se deitou. Passou a noite a scismar, e a ir á janella a todos os momentos, para ver quando amanhecia. Apenas viu reluzir a manhã foi ao quarto de seu pae buscar a chave da porta. Achou-o já a vestir-se, pouco tinha dormido.

(Continúa.)

CARLOS E LAURA

Toma, minha querida, toma este ramo de flôr de limoeiro que eu colhi para ti; á noite deixa-o ao pé da cama. Come este favo de mel; achei-o no alto d'um penhasco; mas agora encosta-te ao meu seio, e eu descansarei.

(Bernardin de Saint Pierre).

PAULO E VIRGINIA.

Não posso deixar de descrever uma singela narração que este anno me foi feita por uma amiga minha, uma tarde á beira már. Achei-lhe tanta candura, tanta poesia que não pude resistir á tentação de lhe dár publicidade.

E' uma singela historia d'uns singelissimos amôres.

Eu estive este anno na Povia de Varzim a banhos de mar: uma tarde fômos passeiar para o paredão; o mar estava formoso na sua belleza horrenda! Parecia envergonhado de que um informe montão de pedras lhe marca-se alli os seus limites! a elle tão livre, tão poderoso; e ondas sobre ondas investiam com vertiginosa furia com esse muro tão solidamente construido que soffria, sem estremecer, o embate porfiado e violento das ondas encapeladas,

Eu entertinha-me immenso na contemplação d'aquelle combate magestoso. Sentia n'alma um não sei que de sublime, de grandioso á vista do soberbo estendal que se desenrolava a meus pés.

O sol, quasi a entufar-se nas ondas, dava a estas uma variedade infinita de côres surpre-

Ao pé de mim estava uma senhora d'um espirito cultivado, e prespicaz. Honrava-me com a sua amisade, mas com uma amisade intensa, quasi de irmãs.

Não tinha perturbado a minha scismadora contemplação. Eu mirava o már, e a minha amiga seguia com vistas penetrantes todos os cavalheiros, e damas que passeiavam perto de nós, como se lhes quizesse surprehender os mais intimos pensamentos.

De repente tocou-me n'um braço. Olhei.

—Vês além—me disse ella—quasi no fim do paredão aquelles tres personagens que converçam com tanta intimativa?

—Vejo: é um velho, uma joven senhora, e um rapaz ao que me parece bem elegante.

—Pois alli aonde os vês são tres pessoas bem felizes!

—Conhecel-as?

—Muito. O velho é pai da joven, e... sogro do rapaz. Repara com que solicitude, com que respeito o mancebo ampara o decrepito velho!

—Conheceste-as este anno, ou são conhecidos velhos?

—São meus vizinhos, e aos dois jovens conheço-os desde a infancia. A sua vida é uma linda historia que te contarei.

—Agora mesmo se queres, respondi eu.

—Pois sim, vamos assentar-nos.

Ambas nos desviamos um pouco; e fômos assentar-nos tão perto do mar que rôlos de alvissima espuma nos vinham beijar a borda dos vestidos.

A minha amiga começou assim:

«Conheço desde a infancia, como já te disse, os dois jovens de que me vou occupar; e que Deus, parece, creou um para o outro.

«Ella é uma rapariga pallida e fraca, mas com um coração sentimental e cheio da innocente poesia que adornava o da *Virginia* de Bernardin de Saint-Pierre.

«Elle é um d'esses entes predestinados para o soffrimento, o que a sua nobre alma, tanto acima do commum, esvoaçava pela terra como aguia, magestosa que atravessa, d'um só vôo ardentes desertos, sem que uma gôta de orva-

lho, ou uma copada palmeira a convide a poizar.

«Carlos e Laura são os nomes dos meus amigos e companheiros da infancia. Foram creados com a intimidade d'irmãos, e sempre desde crianças foram dois irmãos extremos, e inseparaveis.

«Trepavam ambos ao alcantil das rochas, e depois alli, assentados n'algum tapete de relva e musgo se entertinhavam a fazer corôas de flôres, que Carlos depunha na formosa cabeça da sua companheira, ou a correrem atraz d'alguma mariposa que doidejava em roda d'elles.

«Depois desciam para a planicie, e vinham assentar-se de mãos dadas, debaixo d'algum sinamomo ou acacia.

«As outras crianças que brincavam ao pé d'elles passavam quasi sempre desaperecidas, por que os dois jovens poucas vezes tomavam parte nos seus ruidosos divertimentos.

«Eu era a unica que muitas vezes lhe fazia companhia; por que o meu genio melancolico attraia-me para aquellas duas crianças que preferiam o bafejo da brisa, os cantos do rouxinol, e os tapetes de relva, ao *dormir e esconder, á cabra-cega*, e a outros muitos folguedos que a mocidade inventa.

«Era eu um pouco mais velha que elles; ambos eram muito meus amigos, mas tratavam-me com algum respeito e deferencia, devido talvez á differença d'idade, ainda que pequena, ou ainda mais á seriedade do meu tracto.

«Laura, sobre tudo, mostrava-me uma estima, uma dedicação, que eu não pude deixar de a estremecer como uma irmã muito querida.

«Alguns dias em que Carlos estava mais melancolico, quasi triste, a pobre menina interrogava-o com os olhos, e se os do seu companheiro não respondiam ia-se lançar chorando nos meus braços, e dizia-me entre soluços:

«Talvez que offendesse Carlos, elle está tão triste!

«Assim passaram a infancia. Os paes dos dois moços formaram projectos de casamento; queriam unir mais com os laços do matrimonio

aquellas duas almas já tão presas pela sympathia.

«Decorreram mais alguns annos, e estes projectos foram abandonados, por motivos que eu omitirei....

«As duas crianças separaram-se; era chegado o tempo em que Carlos devia ir para o collegio.

«Choraram muito; e eu chorei com elles.

O pai de Laura formou outros projectos de uniões vantajosas para a sua filha, que tanto amava, e Laura submissa sugêitava-se á vontade de seu pae.

«Uma d'essas uniões estava a ponto de realisar-se, e eu perguntei um dia a Laura: — a quem amas mais, ao teu noivo, ou a Carlos?

— Espera, minha Maria, — me respondeu ella ingenuamente — parece-me que ao meu noivo estimo-o com o cabeça, mas a Carlos... é com o coração.

«A donzella exitou em dizer isto, e fez-se corada como uma cereja!

«Compreendi logo que aquella sympathia se tinha convertido em amôr, no coração da minha amiga, sem que ella o suspeitasse e tremi; pela sua felicidade: ella ia dar sómente a sua mão ao homem com quem tinha de passar a sua vida!!

«Felizmente esta união foi desmentida como tantas outras o haviam sido.

«Carlos cada vez era mais triste, mais pensativo; e eu scismava ás vezes n'aquella melancolia sem lhe atinar com o motivo.

«Um dia veio Laura ter commigo debaixo d'um caramanchão aonde eu estava a lêr; e depois de me abraçar mostrou-me um papel.

— Que é isto? — lhe perguntei eu.

— São versos que encontrei na relva que serve de tapete áquella acacia; de certo são de Carlos porque a lettra é sua. Queres vel-os? são bem lindos.

«Desdobrei o papel: eram effectivamente versos, e escriptos por Carlos! Elle estava a dois dias em casa de Laura, eram d'elle sem duvida alguma.

BRANCA

(De pag. 496)

III

No dia seguinte appareceu, não me lembra agora em que jornal, um folhetim intitulado—*Recordações do baile*.—Não tinha assignatura. Eu queria saber de quem eram aquellas palavras em que o author vasára todo o fogo da sua alma. Lio e só quando cheguei á ultima columna encontrei então a chave do enigma, porque m'a deram estas duas quadras.

Vem sempre lindo o sol depois de noite escura...
Auxilio sempre tem, quem chora aos pés da cruz.
Espera, minha Branca, após a desventura
O dia hade sorrir... O ceu hade ter luz...

Eu sou o gran d'areia em revolto oceano...
Do teu olhar o fogo erguer-me póde só.
O amor, o amor é vida... O mais é tudo engano,
O mais é tudo sombra... o mais é tudo pó...

—Branca!—disse eu quando acabei—E' ella a mulher do baile, ninguem o póde duvidar... Este poeta é com toda a certeza Augusto da Cunha. Que santa alma de poeta que se inebria nos extasis do seu amor... Oh! o amor de poeta é o abraço invizível de duas almas irmãs... Não venha o mundo levado por desejos sensuaes motejar estes amores innocentes do alvo-recer da nossa vida. Para o poeta Platão é um mytho. O mundo, que queima a sua alma no fogo da crapula, atira-se voluptuosamente aos braços da bachante e diz lhe murmura-me ao ouvido palavras d'Epicuro e de Condillac, de Cabanis e de Tracy. E o mundo adormece nos braços do materialismo sem saber que a philosophia d'Epicuro é um insulto atirado ás faces da mocidade poeta. O amor será sempre o germen da felicidade que Deus atirára aos dezertos aridos da vida... A mulher hade ser sempre o anjo d'azas brancas, que hade espancar as trevas da vida com a luz do seu coração...

E Byron—até o descrido Byron!—que tinha o coração tão frio como a avalanche dos Alpes, comprehendeu a mulher assim... Senão leiam o *D. Juan* e fiquem a pensar algum tempo sobre o poetico typo de Haydée

IV

A historia de Branca e Augusto não é uma simples ficção romanesca. A verdade do factio não foi adulterada pela phantazia do escriptor. A epoca, essa sim, mudei-a, porque me convinha mais. Este baile a que nós assistimos, deu-se no Porto em 1863.

Não sei porque vicissitudes e felicidades passaram os dois amantes durante um anno. Anno passado, porem, vi-os uma tarde sentados na ponte de Leça e conheci-os logo.

Perguntei e disseram-me que tinham casado. Assentei-me no banco immediato ao d'elles. Appliquei o ouvido para podêr ouvir a sua conversação, mas elles fallavam baixo. Já me ia a levantar, desgostoso, quando ouvi Branca proferir estas fatidicas palavras: *A intelligencia é sempre preferivel ao dinheiro*. Adivinhei que fallavam do seu amor.

Porto 29 de Junho de 1865.

ALBERTO PIMENTEL.

A UM THEATRO

O fogo, mancebos, que o peito escaldando
Ao nobre caminho das artes conduz,
E' fogo sagrado que a gloria apontando
A vida illumina com fulgida luz.

Vencendo fadigas, calcando revezes,
Se ganham corôas, se colhem laureis,
Laureis e corôas que tem muitas vezes
Mais preço e mais vivo fulgor que a dos reis.

Do palco na lida tão nobre e brilhante
Se sentem os gozos d'infundo prazer,
Quando aureo diadema de luz radiante
De gloria um futuro nos vem predizer.

Das artes a senda trilhaes sem receio,
Que mão pedorosa vos ha-de guiar;
Avante! e que firme vos sirva d'esteio
O ardor que no peito sentis palpitar.

«Li. Eram sentidas estrophes que respiravam amor e innocencia.

Começavam assim:

(Continúa.)

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

A MORTE DO TROVADOR PROVENÇAL

Não ha viajante algum, que tendo visitado a Babylonia dos tempos modernos, não se tenha perdido nas grandes ruas do Bosque de Bolonha, passeio habitual dos elegantes de Paris.

Se aquellas arvores seculares fossem interrogadas, e se podessem responder, quantas historias não nos saberiam ellas contar? Quantos dialogos d'amor não têm ouvido? Quantas scenas amorosas não têm presenciado?

Tem aquelle bosque muitas recordações historicas.

Perto da avenida conhecida pelo nome de Margarida existe um pequeno monumento, que tendo atravessado muitas idades e muitas revoluções, ainda que mutilado, nos traz hoje á memoria um facto dos primeiros tempos da monarchia franceza.

Filippe o Bello reinava então. Emquanto que a sua côrte se occupava em questões com o Papa, e com os Templarios; na Provença, debaixo da benéfica influencia de Beatrix, mulher do ultimo conde Raymundo Beranger, a poesia e o amor formavam um agradável concerto. Na côrte de Beatrix brilhavam os melhores poetas, os trovadores mais galantes, todos os campeões, que nas lides do amor senão tinham uma lyra, tinham ao menos um coração ardente. Entre todos esses adoradores do bello, ninguem se distinguia mais que Arnaldo de Catalan. Os seus romances, e poesias amorosas e fugitivas o tinham tornado celebre em todos os castellos de Provença.

Seu nome chegou á côrte de Philippe—o Bello. O rei—especie de Saul—esperando que os sons d'aquella lyra lhe abrandariam as magoas, e lhe apagariam as inquietações, com promessas brilhantissimas, procurou attrahil-o á sua côrte. Beatrix consentiu que Catelan, abandonasse o theatro dos seus primeiros triumphos, para assim obsequiar o rei.

Chegado ás portas do bosque de Bolonha, guarida então de salteadores, o poeta encontrou uma escolta, mandada por El-Rei, para o conduzirem a Pasfy, onde então se achava.

Catelan e a sua escolta vão atravessando as avenidas do bosque. Um creado o segue, e parece levar consigo objectos pesados e preciosos. O poeta tem na fronte escripto um como raio de felicidade. Pouco discreto, declara que aquelles objectos são presentes destinados ao rei. A estas palavras, os homens da escolta olham-se e comprehendem-se: n'aquelle olhar somente, se decretou a morte do viajante. Entretanto Catalan vaetodo entregue ás ideias d'amôr, de felicidade e da poesia. Pensa nas castelãs de Provença, e na gloria, que já o espera na mais brilhante côrte. Mas ah! o sol d'amanhã não dourará mais a imaginação, do pobre trovador. Amanhã a sua voz será muda, amanhã a sua lyra será partida. Os que o deviam proteger o cercam, o apunham, e de tudo o que leva fazem presa sua.

Mas só depois do attentado é que elles reconhecem a inutilidade do seu crime, e cheios de terror veem que á morte não se pôde seguir o roubo. Em vez de ouro e objectos preciosos, o envolvero fatal contém somente licores provençaes e perfumes sem valor.

No dia seguinte os assassinos não temem de apparecer na côrte, e dizem que Catelan não se apresentara. O rei fica admirado, e cheio de inquietação o manda procurar. Não levou muito tempo que o cadaver do poeta não apparecesse. Durante muitos dias debalde se interrogou o mysterio d'aquelle crime. Ninguem suspeitava dos homens escolhidos pelo principe. Elles proprios se deram a descobrir e armaram o seu castigo.

Ao principio, algumas palavras por elles proferidas no meio da embriaguez d'um festim causaram fortes suspeitas. Mais tarde, o capitão da escolta, appareceu, na presença d'el-rei com os cabellos perfumados d'uma essencia, que só na Provença se fabricava. Sabia-se, por o ter participado Beatrix, que o poeta era portador de presentes d'aquella especie, e as suspeitas principiaram a converter-se em realidades. A Providencia fazia apparecer os primeiros indicios do crime, e uma busca passada a casa do commandante da escolta veio pôr nas mãos do rei os instrumentos da sua criminalidade. Os culpados foram queimados vivos, e Philippe o—Bello—consagrou á memoria do infeliz poeta essa columna, que seis seculos e vinte revoluções, não poderam de todo lançar por terra.

CASAMENTO NO JURA

(Concluido de pag. 200.)

E' costume offerter á noiva um pedaço de pão negro, e depois uma fogaça e vinho, para lhe dar a entender que o seu novo estado traz consigo trabalhos e deleites. Chegada finalmente a hora da ceia vão sentar-se á mesa, onde as mulheres apenas apparecem de fugida; mas os homens, occupados em cantar e beber á farta, não a deixam toda a noite.

No seguinte dia celebra-se na parochia o casamento; e a noiva, corôada de mirto florido, depois de leve resistencia se deixa conduzir á egreja ao som do estampido das armas de fogo, e dos instrumentos de musica.

O pae, ou na sua falta o mais proximo parente da futura, lhe dá o braço, e rompe a marcha do côrtejo. Seguem-se na primeira fileira os amigos intimos dos dois jovens, a quem, com os nomes de *moço franco*, e *moça franca*, toca o fazerem as honras das bodas, e atraz vem o noivo na companhia dos anciões.

O sacerdote, antes de estender a estola sobre os noivos, benze uma moeda do ouro ou de prata, assim como o anel do mancebo. No momento em que o casado mette esta prenda no dedo de sua mulher, suscita-se uma jocosa altercação; porque se a esposa ambiciona o governo domestico forceja por impellir para fóra da primeira phalange o anel que o noivo, levado do desejo de se apoderar do mando, procura introduzir quanto pôde pelo dedo adiante.

Finda a cerimonia, o pae do esposo torna a conduzir a esposa para o seu domicilio, ao mesmo tempo que as aclamações dos assistentes, as descargas de mosquetaria, e os sons das gaitas de folles, exprimem de novo o jubilo d'esse dia festivo.

Quando as duas familias não habitam na mesma aldeia, as alfayas e o enxoval da casada são postos em cima de carroças puxadas a bois ornados de fitas, onde as mulheres, misturadas com os moveis, e armadas de fusos, vão fiando durante o caminho. Abala o cortejo, porém sea recém-casada deixa saudades, a mocidade do paiz lhe retarda a partida, pejando o caminho, que deve seguir, e á saída da aldêa lhe offerece um ramilhete.

Ao apresentar-se o par na habitação do mancebo, que está fechada, a mãe destelhe lança pelas janellas muitos punhados de trigo, favas, ervilhas, etc., symbolos da prosperidade que lhe deseja. Abre-se a porta immediatamente; e a mãe,

vindo até o limiar, apresenta á nora um cópo de vinho, e um pedaço de pão. A noiva reparte este presente com seu marido, porque entre elles tudo vai a ser commum, e passa a ser recebida na casa. Ahi a submettem a algumas provas; por exemplo, deixam uma vassoura atravessada á entrada d'um quarto. Se ella é diligente, acuada, e laboriosa, ergue-a do chão, e encosta-a á parede; ou para ficar mais bem conceituada, varre o quarto na presença dos espectadores. Dão depois uma volta por todas as casas, e vão para a mesa, excepto o casado, que fica de fóra servindo a todos; porque as honras são reservadas para sua mulher.

No fim da refeição, mascaram-se os amigos communs, e vem divertir a companhia, e dirigir os seus cumprimentos aos consortes.

Escusado é o acrescentar que a dança é um dos mais bem acceitos divertimentos em semelhantes festas.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EXCELLENTE OBRAS

Estão á venda no escriptorio d'este jornal o excellente volume de poesias intitulado — **Filho de Deus** — por Maria Adelaide Fernandes Prata, assim como outra obra de poesias da mesma authora.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.^o

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

N'esta typographia acham-se á venda toda a qualidade de impressos, sendo o seu preço o mais commodo possivel.

PORTO: 1865—TYPOGRAPHIA DE J. PEREIRA DA SILVA & F.^o
Praça de Santa Theresa, n.º 63.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 204)

XXVIII

OS DOIS CONFEDERADOS

Chegou Maximino com a maior velocidade á velha rua em que morava Carolina. Ainda que fosse muito cedo, encontrou já bastante gente no seu trafego. No Porto e nas aldeias circumvisinhas madrugava o povo muito. A sua riqueza é o trabalho e a actividade. O filho de Custodio da Cunha estava a dois passos da casa da velha costureira, parou empallidecendo, quando viu sahir Francisco de casa de sua mãe em perfeita saude. Tinha a convicção de que Maria Isabel fôra roubada; mas a certeza do mesmo que imaginava o aterrou. Os namorados são egoistas; no primeiro momento não se pôde regosijar por ver o bom moço, que estimava, sã e sem a minima lesão.

—Que tem, senhor Maximino? gritou Francisco, vendo-o. Está tão pallido? E como se acha aqui tão de manhãzinha?

Maximino deu-lhe um abraço e os parabens de estar de perfeita saude; e baixinho lhe narrou depois o succedido.

—Mil raios partam o demonio do homem! exclamou Francisco, pois ha-de ser o mesmo figurão que já nos roubou a senhora D. Mariquinhas. Mas não se amofine. Nós havemos de dar caça ao pirata, e havemos de tomar-lhe o roubo. Somos dois contra um.

—Mas a pobre menina estará no poder d'elle no entanto.....

—Ainda que eu seja confiado, diga-me: o senhor Maximino tinha-lhe dito que gostava d'ella, pois não tinha?

—Não, meu bom Francisco, não! Fugia-lhe até, por que ignorava que meu pai viria a consentir na nossa união e não queria, nem devia fallar-lhe d'amor, se não podesse offerecer-lhe a minha vida e o pouco que hei de possuir. Se

soubesse, como hoje, que meu pai consente em dar-m'a por esposa.... porém agora é tarde.... Roubaram-m'a e talvez a não torne a encontrar.

Não seja assim descoroçoado. Nem sempre venta de feição; mas não ha temporal que não acabe em bonança. Ainda que não tivesse dito á senhora D. Mariquinhas palavras de bem-querer, eu já lhe-tinha dito que v. s.^a morria por ella...

—Ah! quanto te devo, meu caro Francisco!

—Ora, depois que eu lhe disse isso, viveu ella muitos mezes com o senhor Maximino, e havia de conhecer que eu a não tinha enganado; e por força ha de ter affeição lá muito de dentro a v. s.^a Não póde deixar de ser.

—Ai de mim!... Ainda quando assim fosse..... De q ue val isso, agora que eu perdi?

—O senhor Maximino é muito falto d'animo, para a sua idade. Eu cá sigo outro rumo. Animo até Almeida e d'ahi para diante ainda. Não sabe que a rapariga que tem um trancaz d'affecto a um homem (e a um moço da sua estôfa sobre tudo) é capaz de remar sem remos contra a maré e de resistir aos aguaceiros e ventos de traversia? A senhora D. Mariquinhas comerá d'um bocado aquelles que quizerem fazer a naufragar. Descance... mas não, não descance, nem perca o animo. Naveguemos de conserva com o prumo na mão e vélas ao vento!.... Procuremos cada um de nosso lado. E preciso, porém, que tenhamos um porto de ancoradouro onde nos reunamos, para nos auxiliarmos. D'aqui em diante ao meio dia (e não se desconsolle que não ha-de ser por muito tempo) havemos de nos reunirmos na Praça de D. Pedro perto da camara. Se algum de nós não poder apparecer, mandará um escripto a dar noticias, ou a pedir auxilio. E' preciso que tragamos agora no bolso *quem cante*. Ninguem sabe as despezas que terá de fazer. Ainda que eu seja confiado... v. s.^a quer que lhe empreste algum dinheiro para o que der e vier? Tenho ainda a minha soldada....

—Agradeço-te, meu bom amigo. Meu pae não me negará nada do que fôr preciso para encontrar Maria Isabel.

—Bom, bom. Então adeus, senhor Maximino

no. Não tenho remedio senão ir ao navio; mas faço-me de véla cá para riba em menos tempo que é preciso no mar alto para virar de bordo. Ao meio dia ao pé da camara. Sem mais...

—Separaram-se.

—D'alli a poucas horas Maximino corria a cavallo as cercanias do Porto. Batia todas as moitas (como se expressaria um caçador), mas não dava com os rastos que buscava. Custodio da Cunha inqueriu dos alquiladores se algum dos seus carros tinha levado a ultima noite uma joven para o campo. No entanto Francisco procurava a sua namorada numero dous. Depois de muitas voltas e passos inuteis deu com ella na feira do Bolhão.

—Ora seja bem apparecida a senhora Joaquininha, exclamou elle. Já não ha quem a veja! Chega um *home* de viagem e nem por isso é mais feliz. A ingrata que nos faz cócegas no coração navega para outro rumo.

—O senhor Francisquinho é um traste!... Bem me tem dito a Marianna que me não fiasse nas suas fallas. Eu estava já desconfiada pelo não ver, porque o senhor não me procurou e já esteve com a Carolina da Josepha que o soube eu de raiz.

—Não seja desconfiada, senhora Joaquininha! Bem sabe que minha mãe e madrinha d'ella, é muito amiga da mãe, não podia eu deixar de vel-a: e, palavra, tenho procurado a senhora Joaquininha como a agulha busca o norte. Se soubesse o que hoje tenho corrido para encontral-a, dar-me-ia um abraço.

—Um abraço?!... *pois não destes!...*

—Diga-me ao menos quando vai a Villar, para eu ter o gosto de acompanhal-a.

—Já não tenho que ir lá fazer. Minha irmã levantou o vôo d'alli ha dias com sua impertinente e presumida ama.

—E aonde pousaram?

—Eu sei cá! E' segredo ao que parece, pôrque não deram parte da mudança.

—A gente que não faz mal a ninguem para que se ha-de esconder? O dianho leve todos os segredos!!!

—E o senhor Francisquinho não faz mal a ninguem? Pois olhe que tenho minhas suspeitas

de que esmurrou as ventas de minha irmã Miquelina...

—Eu?!... salvo seja!... Para que lhe havie eu de fazer mal?

—Eu sei cá... O que sei é que ella trouxe a cara uma lastima e desde então fallar-lhe no senhor Francisquinho é o mesmo que fallar-lhe no cão tihoso. E disse a nossa mãe trapos e farrapos do senhor Francisquinho. Não me tenho amofinado pouco com isso!

—Pois quero vel-a. Quero tirar a minha a limpo. Cá um *home* não ha-de ser assim enxovalhado sem mais *nem honte*. Aonde a hei-de procurar mais braça menos braça?...

—Na minha verdade não sei aonde móra, mais a impertigada da ama; que aqui entre nós não me parece boa rez. Ah!.. Ponha-se diante de mim... Lá anda José (o paquete da casa) a fazer compras. Se elle me vê com o snr. Francisquinho, vai dizer a minha irmã que eu estava com um embarcaçõ e ella não me dará os brincos d'oiro que me prometteu, se eu o deixasse.

—Então adeus. Não perca os brincos.

—Espere. Antes quero perder os brincos, do que a sua presença; mas posso enganar-a. Depois de pilhar os brincos digo-lhe que não deixo o snr. Francisquinho ainda que se vire o mundo.

—Mas é melhor que ella se ponha de bem comigo. Preciso saber onde está para lhe ir fallar. Vá a senhora Joaquininha assim como quem não quer a coisa e faça-se contradicça com o rapazola e pergunte-lhe aonde deitaram ancora.

—José é muito *maraut!*... Não me dirá nem á mão de Deus padre aonde estão. Se lhe pedirem segredo, não abrirá bico ainda que o esfolem.

—Então senhora Joaquininha adeusinho.

—Aonde vai? E ella lhe agarrou com as mãos ambas n'um braço.

—Deixe-me navegar, senhora Joaquininha; não vá o mariola ir dizer que nos viu a conversar.

—Agora que elle se vai embora, é que o senhor Francisquinho tem medo que nos veja!

—Pode voltar para traz.

—Para traz anda o caranguejo. D'aqui a um tudo nada o perderemos de vista. Deixe-se estar diante de mim e fallemos á nossa vontade. Mas o senhor Francisquinho que tem agora. Está assim a modo de quem viu o tardo!...

—E' porque tenho muita pressa.

—Chegou-lhe essa pressa do pé para a mão!...

—Com o gosto de ver a senhora Joaquininha esqueceu-me um recado do nosso capitão.

—Bem me fio eu n'isso!

—Póde fiar-se. Se me quer bem, deixe-me levantar ferro.

O diacho do rapaz, pensou elle olhando para traz, sumiu-se; mas hei-de pilhal-o). Deu um forte puchão ao braço preso, mas a rapariga o segurou com mais força dizendo:

—Cuidava que me escapava?! Pois não escapastes!... Ha-de prometter-me aqui que não ha-de procurar mais a Carolina da Josepha.

—Prometto tudo se me deixa agora ir aviar o negocio do piloto...

—Ora pilha-se mais depressa um mentiroso do que um coxo! O recado era do capitão, agora é do piloto.

—E' d'ambos, senhora Joaquininha. Deixe-me ir, senão perde-se a veniaga.

—Sim, seu grande traste! Eu já lhe conheço as manhas.

(Já não apanharei o rapazola) pensou elle desesperado. Elle podia livrar-se á força, mas a rapariga não o deixaria sem lutar com a coragem d'uma mulher zelosa, acudiria gente e quem sabe se o deixariam evadir-se! Enquanto o marujo pensava tudo isto, Joaquina lhe apertava o braço com força, dizendo:

—Bem o conheço! Lombrigou alguma das suas afeiçoadas, e queria deixar-me para lhe ir fallar!

Francisco sem a contradizer olhou em frente e disse com um sorriso muito agradável:

—Adeus, senhora Carolininha. Como vai? A senhora mãe deu-lhe o folar na Paschoa?

Joaquina voltou-se rapida e colérica. Procurou furiosa com a vista por um e outro lado.

Não avistou a sua rival, nem alguem que lhe despertasse suspeitas. Tornou a virar-se para o seu arrôjado. Tinha desaparecido.

(Continúa).

QUINZE DIAS FÓRA DO PORTO

(De pag. 173)

II

O BOM JESUS DO MONTE

Na manhã do primeiro dia, que passamos em Braga, partimos para o Bom-Jesus. Como as horas nos pareciam rapidas n'aquella amena es!ancia! Aquella suave melancolia do ermo ia bem á nossa alma, affeita a viver no povoado. Aquelle quadro, surprehendentemente colorido, é muito mais sublime por apresentar aos nossos olhøs duas feições evidentemente caracteristicas. Uma perfeitamente idyllica, exuberante de graciosissimos traços. A outra melancolicamente arrebatadôra como os *Tristes* d'Ovidio e as meditações de Lamartine e ainda que triste e pallida até certo ponto, vagamente illuminada dos reflexos da poesia da natureza. Isto é. Para as almas bem medradas d'esperança e alentadas de santas alegrias o *Bom-Jesus* não é mais que uma perpetua festa bucolica.—Esta é a feição idyllica.

Então embalam a nossa alma nos seus sagrados extasis os suavissimos pôemas d'amor e saudade, gorgeados pelas aves, que se aninham entre moitas flôridas. Os perfumes das flôres silvestres, a magestade d'aquella esplendida vegetação, a toada alegre e festiva dos sinos do templo, que do alto do campanario rola até aos nossos ouvidos, a engraçada chorea das cambiantes borboletas, que bailam de hastea em hastea, de virgulta em virgulta, são accidentes de perspectiva, que muito engrandecem o quadro tornando-o alegre e gracioso como um idyllio de Gessner e uma bucolica de Castilho.

A outra feição sublime, mas melancolica, frisa-se bem á tristeza do scismador, que alli vai curtir maguas da sua alma.

Na *Mãe d'agua*, por exemplo, o romeiro, o peregrino, cava o seu bordão na terra coberta d'um manto verde e sente que as suas dôres vão adormecendo pouco e pouco, no vaso de peito, como que arrolladas pelo triste murmúrio da veia que deslisa.

Já que vos fallei da *Mãe d'agua*—saudoso recinto onde peculiarmente predomina a poesia triste do santuario—vou mostrar, como poder e souber, um quadro de muita melancolia. Imensas aleas de gigantes carvalheiras entrançam e ennastram seus ramos de maneira a formarem uma artificiosa e longa abobada de verdura.

As gargantas dos passarinhos estão de continuo jorrando e lançando no ar dulcissimas ondas de harmonias, as pausadas notas d'uma elegia que elles desatam em mil gorgeios. A' esquerda de quem entra, corre uma veia d'agua, que vai cahir, em amphoras de pedra, ao lado de cada capella, desde a nascente, isto é, desde o alto até ao sopé da montanha.

Nos troncos das frondosas carvalheiras estão entalhadas datas e iniciaes, como que memorando o poema da vida de dois amantes... Quem sabe se alli as gravára a mão d'um Bernardim ou Petrarca, que viesse no regaço da natureza chorar saudades da sua Beatriz ou da sua Laura?...

Sobre as mezas de pedra que estão junto da mina quem não tem alli visto, muitas vezes, um pintor que desenha no seu album algum lance da paizagem, algum poeta que deixa nas folhas da carteira uma indeixa, que a poesia do lugar soube inspirar?... Agora que estou recordando as alegrias d'outros dias melhores, que me estou embecendo nas saudades do passado permittam-me deixar aqui—como infantil lembrança—esses versos, escriptos no Bom-Jesus, junto do portico de cantaria que dá entrada para o santuario.

N'estas bagas de pranto vae-me a alma,
A alma amortecida como a rosa,
Que á tarde languece e como a estrella,
Que desmaia no ceu á luz d'aurora...
Ai! minhas verdes crenças! Meus enganos

Cais pallidos já! Mas ai! quem chora
Tambem no pranto seu allivio sente...
Aqui, á sombra d'estas velhas arvores,
Vem a gente curtir, chorar saudades
D'esses tempos ditosos, que passaram,
P'ra nunca mais voltarem. Mil poetas
Aqui veem entalhar nas velhas frondes
Os nomes das amantes... E consolo
Sentem então aquellas almas tristes,
Afeitadas ao martyrio e que na terra
Antevêem mil gosos, sem fruil-os...
E eu—ai bem me lembra!—era sol posto,
No velho cortix entalhei saudoso
Um nome... um nome, que inda hoje vive
Guardado n'este templo de verdura,
Onde as flôres são urnas, que não cessam
De lançarem no ar os seus arômas!...
Lá cima, na *Mãe d'agua*, santo bosque
Aonde a natureza é sempre triste
Encontram infelizes um sudario
N'aquella verde relva e um consolo
Nos trinados das aves, que lá moram...
Aquellas carvalheiras—verde toldo—
Encobrem-nos até o horisonte
P'ra gente s'esquecer do povoado
E viver n'este mundo de verdura,
De passaros e flores e agua e ninhos!...
Aqui a natureza é sempre triste
Como alma de poeta... Só se escuta
O murmúrio da fonte, e d'estes ramos
O longo sussurrar, e dos romeiros
O passo vagaroso e compassado...
Este monte, este bosque, é santa urna
Aberta aos prantos nossos. Aqui chora
O filho da desgraça—gran d'areia
Perdido nos vaivens do mar infrene!...
Eu venho aqui chorar... Ao menos acho,
N'este santo lugar, doce consolo
No arrulhar das aves tão saudoso!...
Eu venho aqui chorar... E os meus olhos
Absorvidos ficam n'este quadro
Esplendido, bello e sempre grandet!...

O que eu deixei dito sobre o Bom Jezus não passa d'um esboço imperfeitissimo, d'uma pallida imagem, que fica muito áquem de realidade. E' trabalho difficilimo, impossivel até,

uma descripção que possa apresentar aos leitores o *Bom Jezus* tal qual elle é. Corre ahí um livro, — *Memorias do Bom Jezus* — ornado de gravuras e escripto pelo snr. Sampaio Pimentel, em que se descrevem com bastante claridade todos os pontos do sanctuario. Apesar de que a descripção é verdadeira e exacta, nós não podemos avaliar bem, ainda assim, aquella sublime paizagem, que se desenrola aos nossos olhos na encosta occidental do *Monte Espinho*.

Parase dar uma prova da belleza topographica do sanctuario do *Bom Jezus do Monte* basta reproduzir aqui as palavras de Sua Magestade, a snr.^a D. Maria Pia, alli proferidas na occasião da sua visita a Braga.

Estes sitios fazem-me lembrar a minha Italia! — disse Sua Magestade que estava affeita a viver n'aquelle paraíso terreal — chamado Italia — que é hoje o tumulo de Virgilio e que fôra hontem o berço de Petrarca, Dante, Tasso, Ariosto, Miguel Angelo, Raphael, Galileo, Machiavel e muitos outros

ALBERTO PIMENTEL.

(Continua).

CARLOS E LAURA

Toma, minha querida, toma esteramo de flôr de limoeiro que eu colhi para ti; á noite deixa-o ao pé da cama. Come este favo de mel; achei-o no alto d'um penhasco; mas agora encosta-te ao meu seio, e eu descancarei.

(*Bernardin de Saint Pierre*).

PAULO E VERGINIA.

(De pag. 207)

«Li. Eram sentidas estrophes que respiravam amôr e innocencia. Começavam assim:

Formôso lyrio dos valles,
Vistosa romeira em flôr!
Que davas a quem te desse,
Alma, vida e puro amor?

Criança, quasi no berço,
Como irmã te queria então;
E no ardor que hoje sinto,
D'outr'ora purezas 'stão... etc. etc.

«Acabei de ler e olhei para Laura; era decerto, n'aquelle momento, uma flôr de ro-

meira, tão corada estava! O seio virginal agitava-se-lhe convulsivamente.

«Acabei de convencer-me d'uma coisa que ha muito suspeitava: os dois jovens amavam-se!

«A moça quando viu que eu a contemplava, baixou os olhos e corou mais.

«Levantei-me, peguei-lhe na mão, e fômos passeiar para um pequeno bosque que rematava a quinta.

—Laura, lhe disse eu, sabes a quem foram dedicados esses versos? responde com franqueza á tua amiga, á tua irmã.

—Julgo que foram a mim, me respondeu a donzella corando de novo.

—Então Carlos é poeta, e de mais a mais poeta apaixonado!! E tu?

—Eu sinto, como sempre, que o meu coração lhe pertence, respondeu ella.—E calou-se.

—Sabes, Laura, se teu pae terá novas tencões de casar-te?

—Tem, me disse a donzella, e eu suppuz amar esse homem, a quem meu pae me destinou!

—Mas só o suppuzeste?

—Só. Bem vês que era engano meu, por que o meu coração é de Carlos, e sem coração não se póde amar.

—Carlos já te disse que te amava?

—Os seus labios nunca, os seus olbos muitas vezes.

—E tu?

—Eu tenho sido muito austera, talvez ingrata; os seus negros olhos, quando me fitam, parecem arguir-me de o não comprehender!

—E que tencionas fazer?

—Não sei, me respondeu, tu decidirás o que devo fazer, acrescentou, lançando-me os braços em torno do pescoço. Tens sido sempre tão bôa para mim!

—Tu não has-de desobedecer a teu pae. Laura.

—Não, nunca, isso não! respondeu a joven erguendo orgulhosamente a cabeça.

—Fazes bem; a vontade dos paes respeita-se sempre, como a vontade de Deus; e a d'um pae como o teu, Laura, que tanto te quer... Convem, pois, não dar esperanças a Carlos,

por que essas esperanças podiam murchar! Elle sabe tão bem como eu, e como tu dos projectos de teu pae: o seu amor é pois sem esperanças. Não lh'as dês por ora, e tem fé em Deus e nas minhas palavras que, talvez um dia possas offerecer a tua mão a Carlos com o consentimento de teus paes.

—Então que devo fazer? me perguntou Laura.

—Espera: elle deixou esse papel sobre a relva por que sabia que tu o verias, e só tu o comprehenderias. Has-de pois tornal-o a pôr no mesmo lugar; mas escreve aqui nas costas do papel a resposta.

—Mas para que? objectou a minha amiga. Não era melhor fingir que as não vi?

—Pobre criança! julgas tu que Carlos te não viu apanhar o papel? Não se illude assim um poeta apaixonado! Anda, escreve mesmo a lapis.

«Eu tirei-o da minha carteira de lembranças e entreguei-o a Laura. Ella pegou n'elle com mão tremula, e por fim deixando-o cahir, disse-me:

—Não posso: não sei faltar á verdade! Não atino com a resposta....

—Pois ella é precisa á tua felicidade, e á d'elle.

—A' d'elle? disse-me a joven cobrando animo. Pela felicidade d'elle dava eu a minha vida! Vamos, eu escrevo, diz-me tu o que, por que esta pobre cabeça não me pôde agora ajudar.

—Has-de desfolhar, petala por petala essas mimosas flôres que o teu apaixonado trovador ahi esboçou.

Escreve:

(Continúa.)

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

AOS ANOS DA EXM.^a SNR.^a D...

Mais um anno em tua vida,
Agora se sepultou;
Trajando galas o dia
Em novo ceu arraiou.

E quem pode encarar mudo
Anrora tao meiga e bella?
Quem cercada hoje d'estrellas
Não adora a tua estrella?

Oh! quizera eu ser um astro
Para em teus annos brilhar
Como não brilha qual cyrio
A lua no seu altar.

Quizera ser branca rosa
Para em tua fronte m'ir pôr
E tão bem, que até vencera
Do prado a mais linda flôr.

Quizera ser philomela
Que taes requebros erguesse,
Que no ceu a voz dos anjos
De atonita imudecesse.

Quizera mais ser rainha;
Que o diadema luzente
Com que o mundo me c'roara
Brilharia em tua frente.

Mas tu tens outra corôa
De mais brilho e que mais val:
—A da virtude—que esmaltam
Vida e gloria perennal.

O JURAMENTO

E' noute! Por toda a parte,
Densas trevas me rodeam:
Só as estrellas campeam
No firmamento d'anil.
Da lua os tremulos raios
Espargem seu brilho mago,
E vão retratar no lago
A sua forma gentil.

A calma paz e socego
Que reina por todo o mundo
Só um gemido profundo
Do Oceano a vem turbar.
E a fresca brisa da tarde
Vem acoitar a folhagem,
Juntando o rumor da aragem
Ao estrepito do mar.

Mas, bem perto, surdas vozes
Veem ferir os mens ouvidos:
São dous amantes queridos
Fazendo juras d'amôr.

Da donzella a voz suave
 Imita um côro divino:
 E' como a nota de um hymno
 Que se eleva ao Creador.

—Escuta—diz a donzella,
 Fitando os olhos na lua—
 Té á morte serei tua;
 Hei-de amar-te até morrer!—
 Elle responde:—Ah! mal sabes
 Que feliz sou n'este instante!....
 Como sinto palpitante
 O meu seio de prazer!....

Sepulto n'um mar de trevas,
 Da minha fé renegara!
 Tudo quanto outr'ora amara
 Com rancor eu despresei!
 Mas teus encantos, Virginia,
 São o signal da bonança!
 De novo brotou a esperança!
 Amo a Deus que injuriei!—

Então callaram-se as vozes...
 Ouviu-se um beijo... mais nada...
 A virgem era osculada
 Por ser amante feliz...
 Depois em morno silencio
 Tudo ficou sepultado:
 Só o amante extasiado
 A Providencia bendiz!

A. Q.

A' MÃE QUE ABANDONA O FILHO RECENTE- NASCIDO

Podeste ó mãe cruel abandonar
 O filhinho que á pouco era em teu seio,
 Banil-o de teus braços, n'uma estrada,
 A'mercê dos que passam ir arrojalo?!
 Não tremeste insensivel! Na tu'alma,
 Não te acusou a voz da natureza?!
 Lá dentro não sentiste o amor subido,
 Esse amor privativo só de mae?
 Não te pulsou mais forte o coração?
 Não te estalou de dôr o peito insano
 E deslisar dos olhos não sentiste
 O pranto, quando o filho contemplaste?
 Olha as feras terriveis como animam
 Os filhinhos que ao peito seu conchegam!
 E tu sendo mulher, tornaste um monstro
 Peor que o tigre fêro, ou que o leão!
 Da natureza horror! Desdouro eterno
 Da raça que o senhor formou humana!
 P'ra teu erro encobrir, expões sem dô
 O pobre innocentinho a incerta sorte!..

Queres que mãe adoptiva vá prestar-lhe
 Os carinhos que a sua lhe negou?!
 Ah! Corre, arrependida, vae tomal-o
 Nos braços e depois ufana, ao mundo
 Apresenta-o sem pejo que esse nome
 De filho t'endennisa da vergonha
 Que sentes por não ter um pae que dar-lhe.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

ILL.^{mo} SNR. REDACTOR DA ESPERANÇA.—A vontade que
 tenho de ver prosperar o jornal que v. tão dignamente
 redige, me faz dirigir-lhe esta poesia que um novo poe-
 ta que agora apparece em Coimbra me enviou. Como
 uma estreia é sempre a recordação mais doce da vida,
 desejava que ella fosse em um jornal que tantas sym-
 pathias merece. Demais este nome de ESPERANÇA é um
 pressagio animador.

Seu attento venerador.

Theophilo Braga.

PRIMEIRA SAUDADE

OFFERECIDA A

Mademoiselle Leonide Plantier

Aucun de mes souvenirs né s'efface;
 il n'est pour eux ni age ni viellesse.

EDGARD QUINET—*Ahsverus-troi-
 sieme journée.*

Tout etait hymen, bonheur, douceur, clemence:
 Tant ces immenses jours avaint une aube immense!

VICTOR-HUGO—*Legende des Siecles.*

MESMO agora sumiu-se a minha estrella
 E com ella fugiu minha ventura;
 Mais longe, porém fuge o lume d'ella
 Mais perto sinto arder a chamma pura.

Era tão fulgurante e meiga e bella
 Que mesmo agora longe inda fulgura;
 Hoje, porém, por não poder já vel-a,
 No mundo palpo e vejo a sepultura!

Fiado em seu amor viver consinto;
 Fiado d'essa estrella na brandura
 Da vida guardo o lume quasi extincto.

Assim a sei amar; será loucura,
 Mas embora o presinta, tambem sinto,
 Que este meu mal, é mal que não tem cura!!

II

PEROLA do collar da divindade,
Lyrio formoso e meigo do Senhor,
Acceita o triste canto da saudade
Nas ondas vaporosas d'este amôr.

Tenho de te perder: na soledade
Irei carpir sósinho a minha dôr
E esmagar os espinhos da orphandade
Retemperados em fogo abrasador.

Suspiro porque sei, que sou em breve
Um nome para ti e nada mais;
Porque teu coração é fria neve
Que não anima o fogo dos meus ais.

Teu halito é o incenso diffundido
Em rôlos vaporosos pelos ceus;
O sendal de teu seio veu estendido
Sobre os pómms do amôr—mimos de Deus!..

Não é mais lindo o sol não é mais puro,
Que teu olhar angelico, divino;
E' tua voz a voz que eu procuro
Solto pelas prisões do meu destino!

III

COMO a flôr estiolada que emmurchece
Das sestas ao calôr;
Meu coração com morbidez languedece
Adorando-te, amôr!

Viçosa primavera, toda flôres,
Desvenda teus arômas;
Deixa aspirar o nectar dos amôres
Nas sazonnadas pómms.

Flexivel, delicada sensitiva
Formosa como a opála,
Minora a dôr aguda e sempre viva
De um coração, que estalla!!

IV

CRUEL! por que fugiste? como a pomba
Timida, nivea e bella:
Assim expira á tarde ao sol que tomba
Trino de philomela.

Assim se apaga o lume amortecido
Em olhos semiextinctos pela febre
De longo e amargo pranto;
Assim se sonhe o beijo no ar perdido
Sem que ás flôres do val o beijo quebre
Seu dolorido encanto!

V

DE amor um sonho lindo e caprichoso
Eden de perdição e do peccado,
E's, mulher, brando vello assetinado
Onde se esconde o anciado goso.

Se ante o sacrario de olorosa pyra
Diffundimos orvalho crystallino...
Se commungamos ostia que suspira
Pelos effluvios de fervor divino...

E' dôce então morrer n'esse triclinio
Tapizado d'essencias e de flôres;
N'elle a vida esquecer como Licinio
No regaço de Celia,—os seus amôres.

VI

QUO amo o ver sangrar as minhas feridas
Rasgadas n'uma cruz de diamante;
As chagas d'este amôr lá recebidas
No longo beijo d'um amôr constante.

Oh! que sonhos, dourados eu vivera
Se por ventura um dia nos seus braços
Com ella assós sonhasse...
Se ella me dera o aperto dos seus laços
Dos mundos cá de baixo eu me esquecera
Sem que isso me pesasse!

Por confidente—o amor; por Ceu aberto
O Ceu dos olhos d'ella;
Para acclarar a luz do meu deserto
O beijo d'uma estrella.

N'um affastado canto do universo
Sós, com os sonhos meus...
Sem custo eu olvidara o patrio berço
O pae, a mãe, e Deus!!

VII

QUEM não amára ir ao ceu subindo
Sobre as rozeas petalas mimosas
Como as tuas...
E ver sorrir n'um ceu... um ceu de rosas
Pombas duas?!...

Nas azas da volupia arrebatadas
Mesmo ao ceu;
Arcanos revelar em meigas fallas
Do hymeneu?

Estreital-as ao peito, ahí sustel-as
Em delirio...

*E não voar eternamente ao vel-as,
Que martyrio!*

Coimbra, 25 de março de 1865.

ALFREDO ANSUR.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 211)

XXIX

O BRIGUE Á CAÇA DA CANÔA

FRANCISCO tinha corrido até se metter na rua de Santa Catharina. Parou alli, dizendo com o seu cachimbo:

—Ora deixa estar Joaquininha da bréca que me não tornas a lançar o arpêo! Arreda!... Ainda me doe o braço. E que tal se cá um homem se embarcava pela egreja com a tal menina!... O peor foi o garôto sumir-se. Má peste impêça o meirinho de saia que me não deixou vir na *piugada* d'elle!

Olhou para cima, para baixo, nem fumos do rapaz. Foi andando de vagar, e mettendo a câra em todos os portaes. Avistou n'uma loja de merciaría quem buscava. José tinha a cesta pousada no mostrador e comprava algumas coisas.

—Bem! pensou o marujo, o melro cá está.

E se deteve a deitar tabaco no cachimbo. Entrementes o rapaz sahiu da loja e seguiu pela rua acima. Francisco metteu o cachimbo na bôcca e o toi seguindo de longe. De repente José párou, mecheu na cesta com gêsto de impaciencia e voltou para traz.

—Que temos de novo? murmurou Francisco. Torna a entrar na loja? Então esqueceu-lhe alguma coisa, e para cá tornarâ.

Dava meio dia na torre de Santo Ildelfonso.

—Ah! Lá está o pobresinho na Praça de D. Pedro, derretendo-se á minha espera.

Entrou n'uma taverna. Pediu vinho, pão, papel e tinta; e em quanto trincava o pão, e um bôccado de queijo rijo como um penêdo, escrevia a seguinte carta:

—«Cá vou pela rua de Santa Catharina a riba. Não sei se acharei o porto, mas parece-me que sim. Se não apparecer á noite, é porque a navegação é longa. Não posso escrever mais; receio que me escape a maré. Dê seis

vintens ao portador. Não lh'os dou eu, para que a carta lhe chegue.

Seu criado,
Francisco.»

Chamou um gallego, deu-lhe um pataco e mandou-o levar a carta a Maximino muito depressa: o gallego prometteu ir como o vento, e partiu com o passo pesado e vagaroso, tão habitual nos da sua raça, a quem os grandes pesos têm augmentado a força, e diminuido a agilidade.

O marinheiro não teve tempo de apressar mais o portador da carta: viu já vir José para o seu lado. Pegou no côpo de vinho, dizendo comsigo:

—Se elle gostasse da pinga!..

—Chegou á porta quando o rapaz passava.

—Amiguinho, disse elle mostrando-lhe o côpo, bebe á nossa saude. Olha que é pinga de se lhe tirar o chapéu.

O rapaz olhou-o de revez, e sem responder, talvez por ter mêdo, apressou o passo.

—Não gosta?! Paciencia. Beberei eu só.

Esgotou o côpo, pagou e sahiu. Seguiu em distancia José, regulando o seu passo pelo d'elle. Ao chegarem á Aguardente, o rapaz, que se não tinha detido, nem olhado para a retaguarda, fez pausa. Pousou a cesta, e descansou um pouco; torceu um guardanapo, que metteu debaixo do bonnet, e poz a cesta á cabeça. N'estes arranjos olhou para traz e reparou no marujo, que compunha o cachimbo, e que, ao vêr-se observado, fez dois ziguezagues, como se estivesse embriagado. Riu-se o rapaz, e foi para diante. Passado algum tempo voltou-se. O filho de Carolina tinha encortado a distancia que o separava do criado d'Ermelinda, e ao vêr o movimento d'este para observar o caminho percorrido, pôz-se a caminhar de travez e a cantar em alta voz:

(Continúa.)

CARLOS E LAURA

Toma, minha querida, toma este ramo de flôr de limoeiro que eu colhi para ti; á noite deixa-o ao pé da cama. Come este favo de mel; achei-o no alto d'um penhasco; mas agora encosta-te ao meu seio, e eu descançarei.

(Bernardin de Saint Pierre).

PAULO E VERGINIA.

(De pag. 207)

O pobre *lyrio dos valles*,
A triste *romeira em flôr*,
Só pôde dar-te amizade,
Em paga do teu amor.

Entre ti, e ella existe
Eterna separação...
Pois o tal *lyrio dos valles*
Deu a outro o coração.

Esquece o *lyrio dos valles*,
Esquece a *romeira em flôr*;
Que já não pôde aceitar
Teus suspiros, teu amor.

—Não os acho bons, me disse Laura, porque não fallam a verdade, e vão fazer soffrer Carlos; mas faz a tua vontade.

A minha amiga quiz occultar-me duas lagrimas, que lhe tombavam pelas faces, encostando a pallida fronte no meu hombro!!

—Vamos para casa, lhe disse eu, passaremos ao pé da acacia, e tu deixarás cahir o pequeno papel.

Apenas chegamos a casa, eu subi para o quarto que alli occupava, e que deitava para o jardim.

Não tardou muito que visse Carlos tomar pela rua que conduzia á acacia aonde tinhamos deixado o pequeno manuscripto. Depois, passados momentos vi-o voltar pallido e desfigurado.

Tive dó d'elle, e as lagrimas humedeceram minhas palpebras! Tal era o estado de desespero em que eu via o meu companheiro d'infancia!!

Muitas vezes perguntei a mim mesma, co-

mo é que os homens pertendiam desunir duas almas que Deus tinha formado uma para a outra?

Desci para o jardim, e fui encontrar Carlos com o papel amarrotado entre as mãos. Era tal o estado de abstracção em que estava que cheguei quasi ao pé d'elle sem me sentir. Ao ouvir-me os passos pareceu acordar de profunda meditação; occultou o papel, e chamou aos labios um sorriso para me dirigir a palavra. Mas em vão! O sorriso não veio descerrar aquelles labios comprimidos por um fatal desengano!

—Está tão pallido, Carlos!

—Eu?... parece-lhe?

—Seria a côr d'esse papel amarello que tinha na mão que se lhe refletiu nas faces! respondi eu.

O mancebo olhou para mim, e accrescentou:

—Para que hei-de estar com reservas para uma amiga tão sincera? Veja este papel.

—Já o vi, Carlos, e sei o seu conteúdo.

—Sabe?!!

—Esquecia-lhe que Laura não tem outra confidente!

—Está bem; então sabe que este amor ardente, este amor de poeta, este amor puro como o objecto d'elle, santo como Deus que o viu nascer foi rejeitado, calcado aos pés, escarnecido por essa mulher?

—Escarnecido não, mas bem sabe que Laura tem de fazer a vontade a seu pae. Não lhe pôde aceitar o seu amor porque...

—Não acabe, me disse o mancebo cerrando os dentes, não acabe por quem é!

«Eterna separação» é uma phrase bem feia, e ella não trepidou em a pronunciar! A palavra —eternidade—encerra muitas vezes os tormentos do inferno... Conduz muitas vezes ao suicidio...

Não importa; eu quero viver para castigar o homem que um dia a torne infeliz.

—Mas por que não continua a ver n'ella a sua irmã extremosa? Ella offerece-lhe a sua amizade? aceite-a. Uma irmã dedicada e terna é um presente do ceu!

—Só amizade!! oh! só amizade! disse o

mancebo com desespero. Quem me diz isso é por que não sabe o que ha aqui dentro d'este coração, a que não basta só *amisade!* E' por que não sabe que o primeiro e unico amôr que um coração como o meu póde conceber, é ardente como um vulcão, é inextinguivel como o poder de Deus.

—Mas que quèria que ella fizesse? que lhe correspondesse? que desobedecesse a seu pae, a elle que tanto a estima, que vive só para ella?

—Não, não, isso não: diz bem, ella não tem culpa senão em amar esse homem! Se ella não tivesse amôr para offerecer a ninguem, talvez eu me contentasse com a sua amisade; mas o ciume, o ciume!...

—Carlos, acredite-me, não é amor o que ella sente pelo homem que seu pae lhe destina. Espere. Tenha confiança em Deus, e talvez ainda possam ser felizes, por que o coração está livre.

—Mas não vê que ella mesmo diz que deu o coração a esse homem?

Embora o dissesse, mentiram os labios; no coração lia eu perfeitamente, eu digo-lhe que está livre.

—Oh! se fosse certo! murmurou o mancebo; e lampejou-lhe nos olhos um raio de esperança.

—Permitta-me uma coisa, Carlos?

—Que lhe negarei eu?

—Acceite a amisade de Laura, veja n'ella a sua muito querida irmã, a irmã do seu coração, mas não lhe falle em amor; promette?

—Prometto, respondeu-me elle com solemnidade.

—Mas quem me ha-de dar noticias d'ella? Dentro de poucos dias vou partir para a França e ultimar os meus estudos.

—Pois não ha-de escrever á sua irmã? a uma irmã escreve-se-lhe muito amiúdo.

—Obrigado, minha boa amiga, obrigado.

O mancebo apertou-me a mão com reconhecimento, e retirou-se. N'essa mesma tarde deixou a casa de Laura.

—Fallaste com Carlos? me perguntou ella apenas subi.

—Fallei sim, Laura.

—Que te disse de mim? mostrou-se muito queixoso?

—Soffre bastante, mas não te crimina; e a tua amisade ha-de ser um balsamo que em breve cicatrizará a chaga que o teu desengano lhe rasgou no coração.

Cada vez tenho mais fé no resultado do nosso plano; coragem Laura, eu quero salvar-vos a ambos.

Carlos ha-de escrever-te, por que um irmão póde e deve escrever a sua irmã. Espero que tu lhe respondás Laura, por que assim é preciso. Eu calculei mal a principio. Se roubassemos de todo as esperanças áquelle coração, succumbiria. Eu me encarrego de as alimentar, por que tu comprometterias a nossa causa.

A minha amiga reanimou-se com esta centelha de esperança que eu accendi em sua alma, e depois de me agradecer com mil beijos a minha dedicação, prometteu-me escrever ao seu novo irmão, e eu n'essa mesma tarde deixei a quinta do Olmeiro para voltar a minha casa.

Sempre que eu via Laura, o que acontecia muitas vezes, ella me mostrava as cartas de Carlos. Eram frias, quasi indifferentes! No meu entender o estylo reservado do mancebo era uma lamina de gèlo com que pretendia occultar o fogo da paixão.

Mas esse fogo não podia estar muito tempo comprimido sem que se lhe seguisse a explosão!

Carlos, fiel ao que me tinha promettido, não fallava do seu amôr ao objecto que lh'o inspirava; não tinha um amigo a quem abrisse o seu coração, por que era muito delicado, e prudente; e aquelle coração precisava de espanças!

Resolveu confiar-me os seus pensamentos, os seus devaneios: quiz reunil-os no mesmo cofre em que Laura depositava os seus.

Nas cartas para mim reverberava o reflexo da chamma que se actuou n'aquelle coração. N'uma dizia-me elle:

«Ha-de rir-se, minha amiga, se eu lhe disser que sou ambicioso!—comtudo é verdade! Desejava ser rico, muito rico, para depois indicando montões d'ouro a essa mulher dizer-lhe:—Tenho jardins extensos cheios de perfu-

«mes e matizes, por onde deslisam aguas em
«murmurio, tenho palacios crystalinos salpicados
«de diamantes, galhardos navios, carroagens
«d'ouro e marfim, cavallos brancos de neve,
«parques em Veneza, quintas na Assiria, lages
«na Suissa, castellos na Alemanha... Tenho tu-
«do quanto o mundo tem de bello; e tudo te
«dou.»

«Quizera ter talento, cahir-lhe aos pés e di-
«zer-lhe:—Ama-me que te comprehendo, quan-
«do á noite fitas a lua que se retrata no crys-
«tal das fontes, consultas a estréllinha que tre-
«mula no ceu: contemplas a grandeza do Se-
«nhor nas plantas, nas aves, nas prisões... em
«tudo... desde o trinar do rouxinol, até o sibi-
«lar do vento... ao cabir da chuva... ao ribom-
«bar do trovão... Ama-me que te comprehendo
«por que és um anjo do ceu.»

«Eu não penso senão n'ella; vivo por ella,
«e para ella! Sem ella a nada aspiro: sem ella
«nada quero.»

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

(Continúa).

INFERNO!...

C. A.

Ce triste cœur, devenu ta victime,
Chérit encor l'amour qui l'a surpris.
Amour fatal! ta haine en est le prix;
Tant de tendresse, ô Dieu! est-elle un crime
Pour mériter de si cruels mépris?

ROUSSEAU—Circé.

São hoje frio pó as lindas flôres,
Que em nossa alma viçaram poucos dias!
E só deixaram dôres,
Levando as alegrias...

Porque me foges, pômba, e porque levas
Contigo esp'ranças mil e mil venturas?
Eu perco-me nas trevas
E nem tu me seguras!..

Ao menos diz, porque mostras desgosto,
Se o teu rasto de luz na terra sigo?..
Porque voltas o rosto,
Se alguma coisa digo?..

Não mais verei a graça d'um teu riso!..
Condemnas-me a soffrer exilio eterno!

Fecha o paraizo,

E abreso inferno!..

Inferno é esta vida arida e triste...

Inferno é caminhar sem ter estrélla...

Oh! meu Deus, p'ra que existe

Quem não pôde mais vê-la?!..

Paraizo na terra... é não ter dôres;

Poder fitar os lumes dos espaços,

Sonhar, viver d'amores

E dôrmir nos teus braços...

Inferno é ter um ceu d'astros dezerto...

Inferno é não ouvir a tua falla;

E ter a luz já perto

E a noite apagal-a...

Paraizo... não ha... nem pôde tel-o

Quem não poisar a frente, em somno breve,

Sobre o macio vello

Do teu collo de neve...

Inferno... é eu não ter a luz da esp'rança

De possuir-te um dia, por thesoiro;

Nem beijar essa trança

De longos fios d'oiro....

Inferno, meu amôr, é ter só maguas;

E'quando em mar de dôres a alma ondeia,

Como em revoltas aguas

Perdido gran d'areia...

E tu dás-me esta vida amargurada!..

Que posso eu esperar, sem um amigo?..

Ao cabo da jornada

A pedra d'um jazigo...

Cobrir-me-ha da relva a verde esteira,

—Alfaia de quem já na terra dorme—

Ser-me-ha cabeceira

Pedra tôscas e informe...

E se vieres um dia ao cemiterio,

Eu sei que sobre a valla ajoelhada

Dirás: Ai! que misterio!

Inda tem fogo... o nada!..

Porque hade queimar-te a lavareda
Que o meu peito exhalar... Então conhece
Que eu não soffria a queda,
Se o teu amor tivesse...

Hasde sentir em ti fogo que mata,
Como de quem tem sede e não tem agua...
E então aquilata
Por ti, a minha magua...

Pedir-te que me salves... já não posso...
Mas inda assim conservo a esperança
De que o teu remorso
Será p'ra mim vingança.

15 de julho—65.

ALBERTO PIMENTEL.

POESIA INDIANA

DA litteratura do Oriente, a da India é a unica que pôde rivalisar com a litteratura grega. A poesia que domina tudo entre os Indios, e que prestou as suas formas ás sciencias, mesmo as mais abstractas, e ás especulações philosophicas, tem alli um imperio muito mais vasto do que em outro qualquer povo do Oriente ou Occidente, antigo ou moderno. Todos os ramos da poesia se tem alli cultivado com vantagem, e os maiores litteratos da Europa não teem denegado a sua admiração ás obras d'aquelle povo, das quaes infelizmente só alguns trechos vagos nos são conhecidos, que bem attestam todavia que entre os Indios tambem havia quem se applicasse ás lettras, com affiço e progresso.

Calidasa, uma das nove joias da cõrte de Vicramaditia, contemporaneo d'Augusto, foi dos que mais se applicaram e flõreceram no drama brahmanico. Já muitos seculos antes a India havia tido tambem os seus poetas epicos, e as suas theogonias e epopeas podem considerar-se collossaes a par das de Homero e Hesiodo. Os Indios dão-lhe o nome de *Pouranas* (obras de antiguidade). D'estes poemas os mais antigos e que os Indios reputam tambem como mais notaveis, são o *Ramayana* e o *Maha-Bharata*. O primeiro descreve a expedição de Rama contra o tyranno Ravana, que lhe havia roubado sua

esposa. Rama, filho de Dasaratha, rei de Ayodhya, é, segundo a tradição, a septima encarnação de Vishnou, que desceu á terra para punir os crimes do gigante Ravana, rei de Lonka, que, com seus companheiros, se atreveu a combater o deus Hydra.

Na introdução do poema lêem-se estas palavras propheticas, que o author põe na bocca de Brahma:—«Emquanto estiverem levantados os montes, e os rios correrem pela terra, viverá entre os homens a historia de Rama.»

A *Ramayana*, cujo author se suppõe ser Valmiki, é conhecido na Europa por uma traducção ingleza, que d'ella existe. Em quanto ao segundo poema de que fallamos—*Maha-Bharata*—só nos é conhecido por alguns episodios que o celebre indiannista Bopp nos deixou, pela maior parte em manuscriptos que existem nas bibliothecas de Londres e Paris, e nos quaes se pôde ver e admirar a fertilidade, o engenho e o vigor de imaginação, bella e encantadora, de que os indios são dotados.

c.

O CASAMENTO DA LAVANDEIRA

Era um domingo e ás 4 horas da manhã uma Lavadeira de 92 janeiros, e por signal de muitos bons bigodes, vinha de entregar a sua linda mãosinha ao seu esposo; vinha ella acompanhada de toda a sua familia, mãe e pai, tios e tias, primos e primas, como é natural em funcções d'esta qualidade. Chegando a feliz comitiva a um logar na estrada de Anay (o caso já se vê que é em França) pára, a noiva desapareceu! Debalde a procuram, debalde o noivo, como mais interessado em achal-a, a chama; tudo é inutil, não se ouve um grito, nenhum ruido a denuncia! Como ficaria esta pobre gente! E o noivo! o noivo estava desesperado, e quem lhe não achará rasão! Tantos gostos imaginados! tantas esperanças murchadas!

A's onze horas da noite seus parentes foram dar com ella no bosque de la *Tête d'or*, prês a uma arvore com as mãos atraz das costas! Ainda tinha na frente o ramallete nupcial! sua bocca estava cheia de areia! Prestam-lhe

todos os socorros; ella não fallou, e morreu no dia seguinte! Ella tinha os vestidos rasgados, mas nenhum signal de ter sido roubada, nem ter sido victima da brutalidade! Parece ter sido vingança particular! Succedeu o mez passado.

J. C.

AMOR NO OCEANO

ROMANCE MARITIMO

OFFERECIDO AO MEU AMIGO F. M. DE SOUSA VITERBO

(De pag. 199)

III

ERAM duas horas da tarde do dia da partida. Como o piloto predissera, o vento mudára, soprando do norte. O brigue, com as vélas inchadas, deslisava sereno e com velocidade sobre as ondas azues, cobertas com um véo de espuma. A tripulação, á prôa, desenrascava os cabos, que haviam servido na manobra, para a sahida do navio. O homem do leme olhava attento para a prôa, e o mar, passando em pequenos vagalhões pelos flancos da embarcação, ia quebrar-se, onda apoz onda, na costa, que já havia desaparecido.

No convez, passeava o piloto Motta, fumando no seu queimado cachimbo. Os vinte e oito annos que lhe formavam a idade, aquellas vinte e oito flôres da primavera da sua vida, em nada lhe mudavam o aspecto carrancudo. O seu genio rispido, e de nenhum modo attencioso, não sabia cariar a estima e as attensões da marinagem, de quem era mais odiado, que temido. Apenas, da gente do navio, possuia a amisade do capitão, a quem salvára a vida, em um naufragio nas costas de Moçambique, e de cuja mulher era sobrinho. Assim os laços de parentesco vinham estreitar as cadêas da gratidão.

Alcina, a rapariga minnosa, a hastea debil do lyrio, que vogava sobre o mar, era quem um dia havia d' engrinaldar a corôa de seu amor, se era susceptivel d' amor aquelle coração rude, e despido de sympathias. Seu pai, como em recompensa da acção, que, em seu favor, practicára o piloto, lh'a tinha promettido, sem saber se a sua vontade discreparia ou não da de sua filha. Este futuro enlace era protegido singularmente pela mulher do capitão, e nem Alcina nem Carlos eram d' elle sabedores.

Enquanto que o capitão, sua familia e Jorge, ainda se achavam sentados á mesa, conversando, Carlos encostado ao mastro do traquete observava o trabalho dos marinheiros.

—Se o vento assim se aguentar, senhor Car-

los—disse-lhe um velho marinheiro, para travar conversação—por muitos dias, passaremos bem depressa a linha.

—Assim o julgo, Jacintho, respondeu o moço com bom modo; porém duvido que o vento se aguenta.

—Porque, meu praticante?

—Desconfio muito d'acolá; e Carlos indicou o horisonte do sudoeste, onde umas pequeninas nuvens se mostravam, como se estivessem pousadas sobre o mar.

—Aquellas nuvens por barlavento?

—Sim.

O velho marinheiro encostou-se á amarra de bombordo e observou o ponto indicado.

—Que olho o meu praticante tem! disse elle fitando-o.

—Desde que nos fizemos n'este bordo, pareceu-me que eram vélas d'alguns navios, que pairavam sem rumo, mais tarde, comtudo, conheci que eram nuvens, e agora, se não me engano, posso afirmar-te que é muita trovoadá que alli se está formando, ou ventania rija, que nos tolherá o andamento do navio.

—Assim o creio. Não será bom prevenir o capitão?

—Não é necessario, por em quanto, porque a prôa, que levamos, affasta-nos bem da costa, e é para lá que as nuvens se dirigem. Não vês como ellas vão ficando cada vez mais a bombordo? Além d'isso o piloto tambem já as deve ter visto e a elle cumpre avisar. Se as temesse convence-te de que já o teria feito.

O marinheiro ouviu, e pareceu, com o seu silencio, approvar as ideias do nosso maritimo.

—Deus queira que o vento se aguenta assim! disse o marinheiro.

—Eu te assevero, disse-lhe o mancebo com firmeza e pondo-lhe amigavelmente a mão no hombro, que em antes do quarto das oito tere-mos perdido as nuvens de vista, ou se as virmos será já por sotavento. Tornei-as agora a observar, e parece-me que não errarei agora no meu calculo. Porém, accrescentou o mancebo, mudando o rumo da conversa, como se dão os passageiros? Tem sentido muito enjôo?

—Ora deixe-me meu praticante! respondeu-lhe o marinheiro rindo, e levando a mão á cabeça, temo-nos visto entre a cruz e caldeirinha, alijam carga ao mar que nem eu sei já se o porão ainda terá lastro para se aguentar com tal travessia. Coitados! tenho pena d'estes pobres, porque tambem me lembra a primeira viagem que fiz. Olhe se todos fossem como aquelle—e o velho Jacintho mostrou ao praticante um passageiro que debaixo da lancha entre os dois

mastros do navio, dormia tranquillamente—não se lhe importariam muito de que lado sopra o vento.

—Parece estrangeiro, disse Carlos, olhando o passageiro que mostrava já ter bastante idade, e é velho.

—E' italiano, segundo se percebe pelas suas palavras, e creio que vai com destino a Montevideu.

—Então já não é primeira vez que pisa o mar.

—Tambem creio isso.

—Elle dorme...

—Como se estivesse em sua casa, acabou o velho Jacintho, rindo-se.

—E onde estão os outros?

—Por alli sentados.

—Sabes que qualidade de homem é este? perguntou de novo o praticante, indicando o passageiro que dormia.

—Não sei; porém julgo que é negociante ambulante, e para mais informações o piloto lh'as pôde dar muito melhor do que eu, porque segundo notei, ha pouco, elles não são desconhecidos.

—Viste-os conversar?

—Logo que sahimos a barra.

—Olha Jacintho, disse o praticante depois d'um instante de concentração de pensamento, previno-te para que sejas reservado com esse homem; as suas relações com o piloto fazem-me temel-o.

—Descance meu praticante, respondeu-lhe o marujo com energia, por cima de mim já teem passado muitos janeiros, e eu tenho muita pratica do mundo. Esse homem desde que o vi fallar com o piloto fiquei logo fazendo mau juizo d'elle, conceito que não foi desmentido, mas sim confirmado por certas palavras, que ainda lhes ouvi, quando passava por elles, dirigindo-me ao convez, e se não fosse por querel-o affligir dir-lhe... hia...

—O que?

—Que fallaram a seu respeito.

—A meu respeito! em que? conhece-me por acaso este homem?

—Não sei, meu praticante; porém a pratica versa sobre...

—Explica-te.

—Perdão se fui preoccupal-o com cousas que o affligem, mas que por em quanto lhe não são prejudiciaes, o que lhe prometto fazer mais tarde, depois de me capacitar da verdade.

—Então que ouvis-te? interrogou o moço com desasocego, diz-me!

—Meu praticante, disse o velho marinheiro em tom decisivo, sabe que sou seu amigo?

—Sei, Jacintho!

—Pois bem! Peço-lhe pela minha amisade, que me não pergunte nada mais.

—Mas...

—Confie em mim, e espere o futuro.

Porém o moço marítimo, bastante inquieto não o ouvia, e a sua vista dirigia-se para um e outro lado impacientemente.

—Jacintho! voltou Carlos, pegando amigavelmente nas callosas mãos do velho, porque motivo sendo tu tão meu amigo, me não dizes o que sabes, para me tranquilisares?

—Senhor Carlos! respondeu-lhe o marinheiro, apertando-lhe com affecto as suas mãos, porque rasão não tem confiança no seu Jacintho? Já lhe não mereço o mesmo conceito d'outro tempo?

—Confio tanto em ti, como em meu pae, se o houvera hoje! Porém o desasocego em que estou...

O marinheiro callou-se por momentos com os olhos fixos sobre o moço, como a dizer-lhe o que lhe ia na alma.

—Já que assim o quer, então no quarto das oito contar-lhe-hei aqui o que ouvi, murmurou elle, quebrando o silencio.

—E agora por que não?

—Podem escutar-nos.

A esse tempo oitaliano, que dormia, pareceu accordar. Carlos encarou com elle e estremeceu—aquelle homem não lhe era desconhecido.

—Promettes-me? disse ao marinheiro, deixando-o.

—Juro-lhe.

—Basta a tua palavra, Jacintho.

—A's oito horas irei de quarto para o leme.

—Lá te espero então.

E os dous separaram-se. Jacintho continuou a arrumar os differentes cabos e Carlos dirigindo-se ao convez relanciou um olhar sobre o estrangeiro.

—E' un tempo che soffoca. (a) resmungou este ao passar o praticante

—Faz, respondeu-lhe Carlos, que o entendeu, continuando a caminhar para o convez.

Effectivamente um sol de junho aquecia ardentemente o tombadilho do navio. Apenas o vento que soprava fresco servia para acalmar o grande calôr d'um dia de verão como aquelle.

(Continúa.)

J. D'ASCENÇÃO.

(a) Faz um calôr abrasador.

ESPERTEZA

E' sabido que quasi todas as lojas francezas têm taboleta, em que ha pintada uma insignia ou divisa qualquer. Até essa moda já se vae generalisando na Carriça e na provincia de Traz-os-montes.

Ha pouco mais ou menos dois dias foi um *tasqueiro* ter com um pintor acreditado, e perguntou-lhe:

— Quanto me leva por pintar um urso branco para a minha *tebuleta*. Mas olhe que quero um bom urso, cujo aspecto possa attrahir muitos freguezes.

— Quatro libras, respondeu o pintor.

— Quatro libras! Acho caro: outro pintor a quem já fallei pediu-me só tres.

— O que! pois pintam-lhe um urso branco por tres libras! redargui o pintor.

— E' verdade.

— E é bravo, ou amansado?

— Bravo.

— Preso ou solto?

— Solto.

— Pois, está dito. Tambem lhe pintarei por tres libras um urso branco, bravo e solto.

D'ahi a poucos minutos tinha o *tasqueiro* o seu urso branco pintado em uma grande taboleta de madeira. Do fundo negro sobresahia um magnifico urso branco, que causava a admiração de toda a gente do sitio.

Porém uma noite houve uma tempestade horrivel acompanhada de chuva diluviana. No dia seguinte o *tasqueiro*, ao abrir a porta, olhou para a taboleta, e ó espanto! viu que o urso branco tinha completamente desaparecido.

Foi ter com o pintor para lhe pedir a explicação do phenomeno tão extraordinario.

— O que lhe pinte eu, disse o artista, um urso bravo, ou um urso amansado?

— Um urso bravo.

— Estava preso ou solto?

— Solto.

— Então como queria o senhor que um urso bravo, estando solto, se deixasse ficar á chuva com o mau tempo que houve a noite passada? Nunca, nenhum urso bravo resistiu, sem fugir para algum abrigo, a tal tempestade. Dê-me as 4 libras que eu lhe pedi, e pintar-lhe-hei um urso preso, que não lhe fará a desfeita de safar-se quando chover.

O *tasqueiro* deu as quatro libras, e o artista em vez de pintar um urso branco solto e a *aquarella* pintou um urso preso, e, caso mais importante, a oleo.

MODAS

Chapeu de palha de arroz recortado em grega, e guarnecido sob os recortes, com um veu de *tulle blonde*, o qual cae atraz. Todas as extremidades são contornadas por um cordão torcido de ouro que fórma um nó com um *bouquet* de rosas na frente e um nó com borlas que ficam pendentes a traz. Na parte interna um enfeite de *blonde* atravessado pelo mesmo cordão. Fitas de seda. Vestido de seda de dous tons na mesma côr. O corpo e a tunica são do tom claro. A *berthe* e a saia comprida, assim como o cinto, são do tom mais escuro. A *berthe* e saia-tunica são recortadas em *lambrequins* ornados com dous pequenos enfeites de seda preta em cada ponta. A manga é recortada e guarnecida da mesma fórma sobre a parte do tom mais escuro que a termina. O cinto é liso com dous pequenos enfeites pela orla.

Outra toilette—Chapeu de *tulle* contornado com rosas mettidas em *tulle*. A traz ha um pequeno tufo de rosas mettidas em *tulle* branco o qual fica pendente em charpá. Um nó *Pampadour* de seda. Reguingóte de seda ornado com trancelim de seda, faxasinhas de velludo, pequenas prezilhas de seda e botões. O corpo, liso e afogado, termina em *basques* recortadas que vão crestendo de tamanho até á parte detraz. Talho redondo. Cinto com fivêla. Mangas com pouco talho. Adiante no corpo, e sobre os hombros enfeites de prezilhas de seda com faixasinhas de velludo. Nos hombros, os cordões com borlas caem livres passando duas vezes por debaixo do braço.

Boudoir.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, lettras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 217)

XXIX

O BRIGUE Á CAÇA DA CANÔA

—O mestre logo se estriba,
dizendo d'esta maneira:
Moços, ferra a cabadeira
e joanêtes.—Dom, dom.

O rapaz tornou a rir-se olhando por um pedaço, mas, vendo aproximar o marujo, apressou o passo, para se arredar d'elle.

—Ah! temos pressa! pensou Francisco e caminhou com largos passos, mas sem ligeireza. Não quizera perder de vista o rapaz, nem assustal-o. Este não ouvindo cantar o embriagado, cuidou tel-o já longe. Pousou a cesta, para descansar e voltou-se.

Francisco não teve tempo de se esconder, e tinha-se assentado junto a uma parêde. Não foi visto primeiro. José procurava-o ao longe. Assentou-se também, e tirou da cesta alguma coisa que se pôz a comer.

—Ah! tratante! pensou o marujo, estás comendo da ração que não era para ti!

E divertiu-se ao vel-o mecher na cesta, e escolher as coisas em que podia metter o dente. Olhava elle a todos os momentos para um e outro lado, para que não fosse surprehendido, e n'um d'estes golpes de vista deu fé do marujo. D'um pulo pôz-se em pé. Francisco fingia estar com os olhos fechados; mas isto não socegou José. A' pressa mettu tudo na cesta, dizendo a meia voz:

—O demonio do bêbado tem *maravelho!*

Poz á cabeça a cesta e partiu; porém d'alli a pouco tornou a olhar para a retaguarda. Viu o marujo fazendo ziguezagues e entôando a cópla:

—Melhor me fôra ser visto
ás portas d'um botequim,

do que vêr agora o fim
da minha vida.—Dom, dom.

O rapaz pôz-se a correr quanto lh'o permittia o peso da cesta. Estavam na aldeia, e poucas pessoas encontravam. Francisco deixou de cantar e regulou o seu largo passo pela corrida do rapaz: quando o via olhar para o seu lado, fingia-se embriagado, e, para lhe fazer perder o mêdo, deixou-o affastar-se; o que queria era não perdê-lo de vista.

—Sou o gato, dizia comsigo, deixar correr o rato.

Viu-o parar ao pé d'uma casa, e tornar-se a affirmar se era seguido.

—Cá vou! murmurou Francisco, fingindo que cahia; pôdes caminhar marióla.

José porém não continuou a carreira; entrou na casa.

—Ora por fim de contas chegamos!

E Francisco se deteve a considerar no que havia de fazer.

—Antes de tudo, continuou elle no seu monologo, devo reconhecer a costa bem.

Adiantou-se. A casa em que José entrára era uma taverna. Francisco entrou também. Pediu vinho, e, em quanto o serviram, olhou por todos os cantos. Não avistou o fugitivo.

—O demonio é negro! pensou elle. Evadiu-se o marióla.

E com placidez disse ao taverneiro:

—Que é feito de um marióla que trazia uma cesta, e que me fez uma diabrura? Vi-o entrar para cá.

—Deixe ir o coitado, respondeu o taverneiro, vinha tranzido de mêdo e safou-se por aquella porta que dá para os campos. Cuidava que o freguez vinha entre as dez e as onze, e que o queria esfolar vivo.

—Quero só puchar-lhe as orelhas. Vou a isso, e virei depois petiscar alguma coisa.

—Pois vá; mas puche-lhe as orelhas com tento. O rapaz parece criado de gente rica.

—Não tenha medo. Sei manobrar a minha barca.

E Francisco sahiu pela porta que dava para um caminho estreito entre campos.

—Vai, que o não pilhas, ficou dizendo o taverneiro.

Caminhou o filho de Carolina com passos de gigante um longo espaço sem ver viva alma.

—O diabinho escapou-se, pensava elle, mas sempre fico sabendo que o pouso é para estas paragens. Se elle não fôr fazer levantar o vôo ás corujas que guardam a pomba; pondo-as d'avisado da perseguição que lhe fiz.

O caminho fazia muitas voltas: n'uma d'ellas avistou o rapaz a alguma distancia. José, que a todos os momentos olhava para a retaguarda, viu-o logo, e pôz-se a correr agarrando a cesta com as mãos ambas. Foi então uma caça desesperada. Francisco já não procurava disfarçar que o seguia, e corria tanto como o rapaz, para o não perder de vista. Só quando via alguém, moderava um pouco sua corrida, para que o não detivessem com perguntas. N'uma d'estas occasiões fazia o caminho um cotovêlo, e tornou a perder de vista o fugitivo. Caminhou, caminhou, e não o tornou a avistar. Era o caminho coberto de muitos atalhos. Teria o rapaz tomado por algum d'elles? mas por qual?

—Agora perdi-o, pensou elle. Que o leve a bréca!

E assentou-se para descançar e limpar o suor.

—O diabinho fez a sua a limpo.

Tornou a levantar-se. Custava-l'he a dar-se por vencido.

Subiu a uma parede. Olhou em volta. Não avistou o que procurava. Dirigiu-se a um pinheiral fallando consigo mesmo, e voltando-se a todos os instantes para o lado em que o tinha perdido de vista.

—O rato logrou o gato, concluiu elle no seu monologo; mas o sitio é para aqui, se elle não se desviou do buraco para me escapar: hei-de dar com a malhoada.

Tirou a jaqueta, os sapatos e as meias, e subiu ao pinheiro mais alto. Olhou para todos os lados; o rapaz tinha-se sumido. Revistou então os sitios que a sua vista alcançava. Um caminho largo lhe ficava em frente e se communicava com a estrada. N'este caminho havia uma

quinta com sua casa enegrecida pelo tempo, e defronte as ruínas d'uma outra casa pequena. Tornou-se-lhe suspeita aquella casa de quinta; não tinha visinhos; era ao nó para uma tratantada; mas o rapaz tinha-se desviado d'ella, metendo-se por entre os campos. Voltou-se para o lado em que perdera José de vista.

—Vejamos para o sueste, dizia o marujo. Está alli uma aldeia!... Nada! Tem as casas muito juntas. Outra aldeia... Tambem não. Tem muitos visinhos. As aves de rapina não poem o seu ninho entre gente.

Virou-se outra vez para a quinta, que mostrava abandono. Parecia namoral-a. Não podia desviar os olhos d'ella. De repente gritou:

—Olé!... Lá vai o rato metter-se no buraco!...

José com a cesta á cabeça tinha sahido de uma azinhaga, que ficava occulta entre umas devezas, caminhou pelo caminho largo fronteiro e entrou pelo portão da quinta.

(Continúa.)

ERRATAS

Na pag, 201, segunda columna, linhas 18 a 19, onde se lê—*estabelecimento*,—deve lêr-se—*embebecimento*.

LE MONDE MARCHÉ

Foi esta a palavra ardente e inspirada de Pelletan, quando contemplando a marcha espantosa do espirito humano no mundo das sciencias e das lettras, das artes e da industria, arremessava ao meio das turbas a sua maravilhosa epopea do progresso.

Progresso! E' esta a grande divisa do seculo! E' esta a voz de Victor Hugo, de Lamartine e de tantos outros, que como obreiros que são e animados d'um fogo sancto, não cessam de cõoperar para a completa realisação d'esse edificio admiravel da civilisação e perfectibilidade universal. A França, esse fóco das sciencias e das lettras, essa fonte inexgotavel de tudo o que é bello e grandioso, é a sua patria. Alli parece que Deus os conserva e inspira, quando do seu

espírito d'elles vemós brotar á luz d'uma intelligencia prophetica e potente os preceitos mais sublimes d'um evangelho social, que ha-de conduzir a humanidade pelo verdadeiro caminho da razão e dos principios.

Mas não é só na França que existem apostolos do progresso. Em Portugal tambem os ha, e não poucos. A. P. do Amaral, não é um nome inferior ao de Victor Hugo; (pelo menos assim me parece). Se este é incontestavelmente o primeiro poeta e romancista da França, A. P. do Amaral é tambem incontestavelmente o primeiro folhetinista do Porto, terra tão abençoada por Deus, que causa assômbro a grande multidão de escriptores, que todos os dias (sanctificados e não sanctificados) ahí lhe pullulam de seio a cardumes.

Não foi de balde que Almeida Garrett deixou cabir n'este solo tão fertil e vivificador as primeiras sementes do seu talento superior. As *Viagens na minha terra* foram um incentivo poderoso para que muitos espiritos depois pelo folhetim viessem continuar aquella nova estrada, aberta na nossa litteratura pelo author do *Fr. Luiz de Sousa*. Lopes de Mendonça, aquella vigorosa penna que uma fatalidade tão inesperada como geral e profundamente sentida veio espedaçar, envolvendo-a para sempre em trevas, foi um dos que mais depressa se alistaram no exercito dos folhetinistas, deixando espalhados por differentes jornaes da capital numerosos folhetins, onde se revela um talento forte, a par de uma erudição brilhante e vasta, adquirida em annos muitos verdes, pois que não contava por essa época mais de vinte.

Depois d'elle J. C. Machado, A. Ferreira, C. Castello Branco, Pinheiro Chagas, e aqui no Porto, Ramalho Ortigão, podem considerar-se tambem como verdadeiros folhetinistas, se bem que as feições de cada um sejam entre si muito differentes.

Mas que dirão estes, e que diremos nós tambem ao lermos os folhetins ou as chronicas (este é melhor) que teem sido publicadas no *Nacional* pelo snr. A. P. do Amaral?!

Com que gosto se não lê aquella *biographia e bibliographia do pallido moço de dezeseis*

annos, aquella estrella de dezeseis esplendidas noites, aquella intelligencia que Amaral conhece (eu por mim não) *pelo immenso (!) brilho da sua irradiação*, Alberto Pimentel, em fim?!!

Louvado e louvador são dous patetas

dirá o leitor com Bocage ao terminar a leitura do folhetim, a que me refiro. Mas engana-se, e ha-de concordar commigo, depois de lêr o que ambos têm escripto (que é muito e muito bom), que A. Pimentel e Amaral são duas capacidades, eguaes sim, mas que têm em si o que quer que é de grandioso e sublime. Eguaes, porque se A. Pimentel cultiva com toda a distincção (sem lisonja) o folhetim e as musas, estes dois generos de litteratura tão amenos e brilhantes, Amaral é-nos conhecido não só como folhetinista, senão tambem como poeta, e n'esta parte haja vista a uma poesia que por falta de novidades publicou como remate a um dos seus interessantes folhetins, e que não fica a dever nada na fórma e no pensamento ás melhores de A. Pimentel.

São grandiosas e sublimes as suas capacidades, porque não existe d'elles nada realmente que não tenha o cunho de grandioso e sublime; e se pelo effeito se conhece a causa, não podemos deixar de convir em que A. Pimentel e Amaral são duas capacidades grandiosas e sublimes.

O ceu os conserve por muitos annos para bem do paiz e da humanidade como eu desejo e todos hemos mister.

Tua irmã, a meiga lua,
do festim dos ceus conviva,
—emquanto diz «Casta-diva»
o teu labio seductor—
vem ligeira, mas serena,
atravez d'algum salgueiro,
sobre as aguas do ribeiro
retratar o nosso amôr.

Crear anhelos n'esta alma,
fôra de ti, quem podera?
pois olha, agora quizera,
quizera ser tua irmã,

quando sobre ella te inclinas,
e tua alma em mim só pensa,
ao vêr na planície immensa
surgir a luz da manhã.

Tu julgas que em seu murmurio,
como um grãosinho de areia,
te leva o Douro uma ideia,
que sae do meu coração....
No teu seio eburneo e casto
tua alma santa mal cabe...
bem dita quem tão bem sabe
compreender a solidão.

Busca a sombra da flôresta,
não fujas para a cidade,
onde o azul da immensidade
se converte em plumbeo ceu.
Vive entre as moitas flôridas,
inda que eu viva distante,
rouxinoes, a todo o instante,
serão echo ao peito meu!

F. M. DE SOUSA VITERBO.

Maio — 65.

CARLOS E LAURA

Toma, minha querida, toma
este ramo de flôr de limoeiro que
eu colhi para ti; á noite deixa-o
ao pé da cama. Come este favo
de mel; achei-o no alto d'um pe-
nhasco; mas agora encosta-te ao
meu seio, e eu descangarei.

(Bernardin de Saint Pierre).

PAULO E VIRGINIA.

(De pag. 220)

Eram n'este estylo todas as cartas de Carlos para mim; e seria um nunca acabar se tentasse dar-te uma ideia d'ellas! As de Laura continuavam com a mesma reserva.

Passados dous annos voltou elle de França; eu assisti á primeira entrevista dos dous jovens. Trataram-se com a amizade de verdadeiros irmãos; e eu cheguei até a suspeitar que na realidade já não sentiam um pelo outro senão amizade! Esta supposição deu-me felicidade, por que ambos deixavam de soffrer.

Passados alguns dias reunimo-nos todos em casa de Carlos: fômos assistir a um esplendido jantar que os paes de Carlos deram para festejar a vinda de seu querido filho.

O jantar era variado, e abundante de esquisitas eguarias; o vinho brilhava nos crystaes, que despediam raios com o reflexo das luzes. Carlos estava defronte de Laura; eu observava-os. Os seus olhares encontraram-se por vezes, e perderam pouco a pouco a serenidade, e socego que até alli tinham exprimido: por fim os olhos do mancebo fitaram-se na joven com todo o seu ardôr apaixonado; e Laura deixavalle lêr no seu todo o amôr que lhe agitava o coração!

O veu do fingimento cahiu; as mascaras rasgaram-se; os dois irmãos desapareceram, e ficaram em seu lugar duas almas que se entendiam sem que para isso precisassem de palavras; e a quem Deus tinha dito—Amai-vos!

Mas o pae de Laura? mas a sua vontade que se antepunha como sombra que anuviava a aurora d'amôr que alvorecia para aquelles dous corações?

Eu tremia pela felicidade de todos.

Findo o jantar aproximei-me de Laura, e conduzia para o jardim que então estava deserto, e disse-lhe:

—Laura, que é feito de teu irmão?

A esta pergunta inesperada a joven estremeceu; com ella accordava-lhe eu as suas promessas, a que, a consciencia lhe dizia tinha faltado.

—Não tens saudades d'elle, perguntei de novo.

—Ha tão pouco tempo que o vi, que não comprehendo as tuas perguntas! me disse ella.

—Não, Laura, tu não viste ainda hoje o teu irmão: esse está muribundo... ou quem sabe se já morreria... O que eu temo é que com elle morra a tua felicidade...

—Agora comprehendo o que tu dizes minha Maria, me tornou a donzella. Eu tambem me assusto com a mudança que hoje noto em Carlos. Mas... para que negar-t'ó? Este susto é acompanhado de felicidade.

—Mas, Laura, a vontade de teu pae? Não achas que é preciso salvar teu irmão? Elle é tão necessario á tua felicidade!

—Dizes bem, Maria, murmurou a minha amiga, e eu sou bem infeliz por assim me ser preciso occultar um amôr que é tão puro.

—Esquece Carlos, pensa de novo em teu irmão, que tanto estimavas. Peço-te eu isto, Laura.

—Pois bem, tu me ajudarás a procurar esse irmão querido que esqueci por momentos: não me desampares, não me deixes só, porque me sinto fraca; receio que o meu coração me atraiaçoe.

Os convidados principiavam a descer para o jardim, e nós interrompemos a nossa conversação.

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

(Continúa).

MARTYRIO...

C. A.

Et si la palme du poète
Est une palme de martyr!

VICTOR HUGO.

Quem nunca viu o olhar do homem triste
Perder-se nas ruínas pittorescas,
Que em frente de si tem?!
E' porque a flôr que pallida existe
Entre as outras do orvalho ainda frescas
Encanta-nos também.

Tambem o pó das crenças tem poesia...
Equivale ás ruínas do passado,
Que nos fazem pensar...
E quem na terra não sente alegria
A's lembranças d'outr'ora inda abraçado
E' feliz... por chorar.

E eu agora choro ao vêr cahidas
As petalas viçosas d'uma crença,
Que é d'alma a flôr...
Como sobre as ruínas estendidas
A' tarde, o viajante chora e pensa
N'um extase de dôr.

N'este mundo de sombras os meus olhos
Não têm da esp'rança a luz fulgente,
Luz que brilha e s'esvae.
Tu vês em tudo flôr's... eu calco abrôlhos...
Quando sóbe uma alma inda contente
A outra alma cae...

E' esta vida assim! Eu choro e penso,
Porque na terra só o homem chora
De saudade ou amôr...

E tu és mais feliz, porque um veu denso
Inda não empanou a linda aurora,
Que te sorrie, flôr!...

Cahiram murchas já as minhas crenças,
Como cáem as fôlhas da deveza,
Se o vento cruza os ceus.
E hoje o homem em que tu não pensas,
Allivio não pedir á natureza,
Porque... n'ella vê Deus!...

Bom Jesus do Monte, 25 de julho de 1865.

ALBERTO PIMENTEL.

NECESSIDADE DE UM ESCRIPTOR MORAR EM BOA CASA

Um editor, lendo um excellente original, foi procurar o author para lh'o comprar.
—Offerecer-lhe-hei mil escudos, dizia elle, procurando o seu *adresse*.

Depois, lembrando-se que não morava na parte principal da cidade:

—E' um plebeu, dizia comsigo, não lhe darei mais do que dois mil francos.

Decidiu-se a ir a casa do escriptor, e chegado que foi, disse-lhe o guarda-portão:

—E' no quarto andar que mora quem procura.

—No quarto andar! subir tão alto... não lhe dou mais do que mil e quinhentos francos. Bateu á porta. Abriu-se-lhe. A mobilia era pobre e antiga.

—Que indigencia! Não dou mais do que mil francos.

O escriptor estava comendo um pequeno pão môlhado em agua, paciente e resignado como um Spartano.

—Que miseria! accrescentou elle, decididamente não lhe dou mais do que cem escudos.

E por tal preço foi publicada uma obra prima: *La desnière Fée*.

O pobre escriptor chamava-se... Honoré de Balzac.

Uma noute, lembraram-se alguns *bemfazejos* de assaltar a casa em que residia o celebre Nicolau Tolentino; este sentiu que lhe estavam arrombando a porta, e como fizessem algum rumôr, apesar da mestria com que trabalhavam... o espirituoso poeta, chegou á janella e disse-

lhes: «olá! voltem d'aqui a pouco, eu já me vou deitar e por isso tenham cuidado não me façam accordar. Sejam limpos e leves no serviço que tomaram d'empregada.

AMOR NO OCEANO

ROMANCE MARITIMO

OFFERECIDO AO MEU AMIGÓ F. M. DE SOUSA VITERBO

(De pag. 199)

IV

Mergulhára-se o sol no oceano. Cahira a noite, e os immensos horisontes, já limpos de nuvens, envolviam-se ao longe nas suas trevas.

Acabavam de sôar—Ave Marias—e juntando-se ás tenues e tristes badaladas da sineta do navio, a oração dos marinheiros, n'aquelle momento, s'elevava com fervôr até Deus!

Aquella hora no mar, era toda de tristezas, d'angustias, de saudades!.. e tambem de amor!.. d'esperanças!..

Que recordações não se despertariam então no coração d'aquelles homens, que ainda ha pouco se achavam entre os seus!..

Como devia ser acerbo o pensar triste dos que soffriam ao lembrarem-se da sua patria!

O vento que ainda sôprava do norte, parecia trazer nas suas azas o rumor longiquo das festas com que lá em terra se festeja o S. João!..

Ia principiar o quarto das oito. O marinheiro Jacintho empunhára já o leme e o praticante, impaciente para saber d'elle o que tanto queria, esperava que o capitão e o piloto, que se achavam conversando, se recolhessem á camara assim como Alcina e sua madrastra. Quanto a Jorge já se havia recolhido um tanto enjôado, pois era a primeira vez que navegava.

Carlos passeava no tombadilho. O mancebo parecia pensativo, e elevando, de quando em quando, o olhar para o ceu, um suspiro se lhe escapava do peito. O seu pensar era o amor, o seu amor, era Alcina. Elle que jámais soubera o que era amor de paes, elle o pobre orphão que nunca enchugára no seio de sua mãe as suas lagrimas de criança, elle que jámais houvera recebido um conselho, uma consolação d'um pai amigo, quasi chegava a enlouquecer ao pensar na perda da sua Alcina, que era o seu continuo devaneio, a sua vida, o seu futuro!

No seu sympathico rôsto havia um não sei que de melancolia afflictiva.

Carlos soffria.

Alcina sentada no banco de bombordo observava-o com interesse.

De repente os seus olhares encontraram-se; o mancebo parou machinalmente e olhou de novo a joven; n'aquelle olhar d'amôr, que elle só comprehendia, ia-se-lhe a alma.

Maria interrogou-o com a vista como a querer-lhe perguntar o motivo porque se tornava triste, e elle em resposta deu-lhe apenas um sorriso enlaçado com um suspiro involuntario, mas que exprimia muito.

N'este momento o capitão dispunha-se para se retirar ao *beliche*.

—Snr. Carlos—disse elle ao praticante antes de descer a escada do tombadilho—Se o vento não vier a mais, queira mandar ferrar joanetes, deixe ir só em gaveas. Ha pouco deitavamos quatro e meia milhas, não é muito... comtudo deixe correr! Recommendo-lhe toda a cautella na manobra e a maior vigilancia possivel.

—Descance meu capitão, respondeu-lhe o moço maritimo, não ha-de haver novidade.

—Assim o espero. Boas noites! até logo.

—Boas noites, capitão!

Este desceu á camara e Alcina que ficára um pouco atraz aproximou-se do mancebo que lhe estendia a mão.

—Boas noites, Alcina!—disse elle em voz baixa estreitando-lhe com brandura os dedos.

A donzella porém não respondeu, e fitou-o com meiguice.

—Carlos! que tens?—interrogou-o em seguida—estás pensativo! nunca assim te vi!

—Eu?... nada tenho, com o teu amor sou sempre alegre!

—E's?... mas tu soffres?

—Só penso!

—Em que?

—Em que? perguntas-me e sabel-o. Em que hei-de eu pensar? disse o mancebo com carinho, apertando-lhe dôcemento as mãos.

—No nosso amor!

—Só?

—Sim!

—E as nossas esperanças?

—Quem nol'as roubaria, se ellas vão juntas com o amor?

—Mas... e o moço interrompeu-se.

—Mas? perguntou-lhe a donzella.

—A's vezes, Alcina, tambem ha amor sem esperanças!

—Porém o nosso não é assim, pois não Carlos? Não temos nós esperanças?

—Muitas!..

—Então?

—Alcina! Alcina! —ouviu-se uma voz de repente que vinha da camara,—Alcina, vens?..

—Tua mãe chama-te, disse Carlos á moça, despedindo-se—Adeus! vai!

—Já vou mãe já vou — respondeu ella. Adeus Carlos! Não penses não? adeus!

Até amanhã, adeus!

Alcina correndo ligeiramente desceu á camara.

D'ahi a pouco, o silencio dominava todo o navio, e apenas se ouvia, á prôa, o sussurro das vozes dos marinheiros de quarto, que conversavam fumando, misturado com o assobiar do vento por entre o cordame e pelo embate das ondas pela prôa.

Carlos depois que Alcina desapareceu viera sentar-se junto ao homem do leme.

—Jacintho, disse-lhe então, estamos a sós. Se és meu amigo, tira-me d'aqui, e indicou o coração, um peso que me mata.

—O promettido é devido, meu praticante, respondeu o marujo.

—Então torna-te o mais breve que possas, talvez que eu assim soffra menos. Conta o que ouviste ao pilotó.

—São cousas, disse Jacintho, depois de uma pausa, que o devem maguar, porém previno-o para que se não mortifique. Olhe a senhora D. Alcina, ha-de ser sua, diz-m'o o coração.

—Explica-te!

—A mão da senhora D. Alcina, foi promettida ao pilotó!

O mancebo estremeceu.

—Quem dispoz assim do coração da minha Alcina? bradou elle levantando-se desvairado.

—O capitão!

—E' impossivel! Alcina é minha!... só minha! e ella sabe-o?

—Ignora-o de certo.

A exaltação do mancebo crescia.

A minha Alcina, d'outro! exclamou ainda entre lagrimas.

—Socegue, senhor Carlos, socegue, profériu com meiguice o marinheiro ao vêr assim o moço, não se precipite, uma palavra que nos ouçam, tornal-o-ha desgraçado, socegue! Deus, disse então o marujo levantando a mão para o firmamento, ainda lá está, junto d'elle, o seu anjo da guarda, e esse anjo que vela por si é sua mãe!

O mancebo cahiu soluçando, sobre o banco, cobrindo o rôsto com as mãos.

—Chora! exclamou o velho commovido, quem me mandou dizer-lhe cousas que eu só devia guardar para mim?

—Não, isso não te pertencia; o que acabas de me dizer já eu o suspeitava, por isso

não te arrependas, cumpriste com um dever d'amigo, serte-hei sempre grato.

—Jacintho! disse o moço um pouco mais serenado, porém o piloto pediu-lh'a.

—Não sei, senhor Carlos, eu apenas pude colligir que a mão da senhora D. Maria, lhe era dada como recompensa d'elle ter salvo a vida ao capitão n'aquelle naufragio do *Mensageiro*, nas costas de Moçambique, lembra-se?

—Lembro!...

O moço marítimo ficou languidamente triste, vapôrosamente scismador.

Jacintho olhava-o com compaixão. Aquelle homem a quem o sol crestara o rôsto e peito, mas não o coração, limpava de quando em quando uma lagrima, que lhe rôlava pelas faces, ao vêr as angustias do pobre moço.

Jacintho era uma excellente alma. Das alegrias e tristezas do moço tomava sempre para si não minguado quinhão. O affecto de pae que lhe consagrava dava-lhe esse direito.

E que tem o italiano com tudo isto? perguntou o moço passado tempo.

—Supponho-o espião?

—Talvez... infame!

Se me não engano, disse Carlos como querendo recordar-se, eu conheço aquelle homem de Lisboa... vi-o um dia passar entre soldados... ia preso diziam, por assassino, e poucos dias depois conseguiu evadir-se do Limoeiro.

—Então é digno amigo d'esse homem!...

—Jacintho! deves ter toda a cautella em não te relacionares com esse homem porque d'isso talvez te venha mal.

—O meu praticante, volveu o marujo, pôde descançar em mim! Além d'isso não se deve entregar assim á dôr. Um homem, e um homem do mar como o senhor não deve ter lagrimas, isso é bom para as mulheres, nós, devemos ter o coração forte para esses embates, a coragem é-lhe muito necessaria... peço-lhe por Deus que a tenha!

—Tel-a-hei, Jacintho!

E o moço ficou pensativo. O seu coração batia-lhe com desasôcego. Parecia-lhe então ouvir ainda ao longe os sons lugubres dos sinos, que tocavam ao sahir da barra, e aquella voz do seu amigo Jorge, que lhe dizia:

—Carlos, auguro mal d'esta viagem.

E aquella noite, era a noite mais alegre da sua terra.

Era a vespera do S. João!

ADEUS Á CELLA!

TECTO sagrado! claustra... minha amiga!
Campas! meus éccos de carpir meu dó...
Templo... meu caro templo, onde se abriga
De varões tão preclaros, sancto pó...

Adeus!.. cala ó coruja os teus lamentos
Com que vinhas turbar-me em agonias!
Cála ó orgão feral, os teus mementos
E as tuas psalmodias!

O frade, vai despir hoje a mortalha
Que, dos annos em flôr, á carne deu!
Piedade p'ra o velho... ao menos dae-lh'a
Que elle p'ra a vida e morte a recebeu!

Deixassem o infeliz na lousa escura
Chorar,.. amar o mundo e amar os seus...
Deixassem quem na vida não procura
Senão a luz de Deus!

O frade vai proscripto e desgraçado...
Sem patria... sem amôr... sem compaixão!..

E a patria... o sancto berço... o berço amado
E' quem manda o ancião gasto e cançado
Da vida mendigar o negro pão!

As cãs que a cella viu já tão escuras
Vão prantos mendigar... risos quiçá,
Das almas sicophantas, que prejuram
Dão um desprezo em paga das torturas
Que o monge vae soffrer e soffre já!

Minha cella! meu gólgotha! meu hórto!
Vaes de vándalos ser, tarima atrozi!

E ao frade... nem lhe resta esse confôrto
De levar a mortalha, como o morto
A' campá, d'onde o chamam os avós!

E as métopas do templo tão beijadas
Pelos ductos do incenso do Senhor!
Vão; do marmoreo fecho deslocadas
Chorar por essas preces compassadas
Que inspirava dos monges o fervôr!

E nem lá fica um só! O orgão mudo
Deixa ouvir a compassos repetidos,
Do verme a oscilação, na campá tumida

Que se perdem no vago! A claustra! a claustra!
Cenobio augusto de cerradas mumias
Parece erguer as campas, e os espectros
Aqui e alli, cingindo arnez e lança
Dizer «Basta infieis! deixem á terra
«O banquete dos vermes! Os finados
Ao menos, respeitae, tropas de Pyrrho!»

E aqui se esconde o môcho, além suspira
Agoureira coruja, que se infua
Na serpi-touca da evoluta jónica!

Além, no fundo de pedrosa grutta,
No flóreo acantho do florão coryntho
Se evitam outros;—muitos se repartem
Nos longos frisos; mas em balde anhellam
Com remanso dormir!—o espaço abarcam.
E, vão perder-se nas soidões do immenso,
Que o frade só deseja, e não attinge!

Ergue-te ave da morte! affasta as azas
D'este pôvo!—vae ver regiões da Sythia,
Desertos do Indostan, margens do Nilo,
Campos d'Arabia... solidões horriveis...
Corre!—que em todo o pôvo és mais querida
Que no berço d'Affonso!... hoje... vergonha!

E, o monge sem patria, sem luz, nem stolla
Já rôto e descalço, transpõe o portão,
Co'a mão descarnada que implora uma esmolla
Nem mesmo recebe dos ricos o pão!

Quem tanto fizera da patria no brilho!
Quem só desejava, na campá uma cruz!...
E' hoje banido! qual reprobó filho
Que a patria despreza, que ultraja Jesus!

O frade... qu'outr'ora transpunha o oceano
Nos labios a prece, no peito um arnez!
O frade... tão pobre dos pobres sob'rano
E' hoje um proscripto, nem é portuguez!

J. Caldas

COSINHEIRO ESPERTO

Ha dias entrou um *figurão* n'uma hospedaria da Praça de Carlos Alberto, e perguntou ao criado o seguinte:

—Tem gallo frio?

—Sim, senhor.

—Traga-m'ô então.

—Está ao lume e vem já.

T.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 226)

XXX

O QUARTO ESCURO

Francisco retrocedeu para voltar á taverna que deixára. Foi de vagar e pensativo. Fazia planos sobre planos e nenhum lhe agradava. Do sitio em que estava a filha de Ricardo d'Oliveira não tinha já duvida, mas de modo que havia de libertal-a, é que não tinha certeza.

O taverneiro disse-lhe com ar desconfiado:

—Tardou tanto! Teve tempo d'esfollar o rapaz.

—Não pude pilhal-o, respondeu o marujo assentando-se a uma mesa; e ao voltar para cá perdi-me n'aquelles estreitos de má morte. Entendo-me mais com a derrota sobre o mar. Lá não ha bêcos nem encruzilhadas. O caminho é largo e desaffrontado. Dê-me alguma coisa que se mastigue e que se bêba patrão. Tenho fome e sede.

Este discurso pôz o taverneiro de bôa avenca. Perdeu toda a má disposição em que estava com aquelle marujo desconhecido. Este comeu e bebeu e conversou muito. Não fez perguntas que o podessem tornar suspeito, e algumas que disfarçadamente arriscou sobre a vizinhança de nada lhe serviram. Quando se levantou para se retirar era já perto da noite. O taverneiro observou que tinha onde se dormisse, que fazia melhor em não se metter ao caminho só; que, se ficasse alli, dormiria como um rei. Francisco respondeu que não tinha mêdo, e que ia ficar a casa do senhor José. E pagou e sabiu fazendo ziguezagues.

—E' um frangote, disse um freguez da taverna; pouco vinho lhe faz dar volta á cachôla.

—Elle já vinha enfarinhado quando cá chegou, disse outro.

—E o meu vinho, atalhou o taverneiro, não tem agua.

Mentia desaforadamente.

Foram os dois freguezes á porta; viram o marujo para o a fumar no seu cachimbo; mas, ao vê-los assomar á porta, pôz-se a andar de travez e a cantar:

—Quando descançado estamos
no rancho a socegar,
então é que oiço gritar:
Olé, leva a riba: dom, dom.

Os freguezes da taverna recolheram-se para dentro rindo. Francisco continuou o seu caminho cantando. Quando o filho de Caroliua se viu distante da taverna cessou de cantar e caminhou com passo firme. Encontrou passado algum tempo o caminho largo que avistára de cima do pinheiro. Metteu-se por elle. Caminhou um longo pedaço. Já desconfiava que se teria enganado quando avistou o portão da quinta. Era já busque-fusque. Abriu a porta, depois de ter visto pelas fendas, que não estava ninguem no pateo. Não tinha plano. Tinha assentado de se entregar a Deus e á ventura. Entrou resolutamente, e atravessou o pateo, dirigindo-se á casa.

—Se eu tivesse aqui dois moços da minha companha... pensava elle, mas vamos com Deus e Santa Maria.

Achou a porta principal fechada. Bateria?

—Não façamos por ora motim, pensou, tendo scismado um pouco. Não sei a gente que ha na casa.

Viu no fim da casa outra porta. Dirigiu-se lá. Aproximou-se estava cerrada. Abriu e entrou. Viu-se n'uma grande e dismantellada cosinha muito escura e defumada: térria como costumam sel-o ordinariamente as cosinhas na aldêa. No lar ardia uma bôa fogueira, mas ninguem estava alli. Em frente da porta por onde entrou o marinheiro havia outra que dava para a quinta e estava aberta. Servia de janella, porque a cosinha não tinha outra. Pouco distante havia uma pequena porta d'um quarto escuro em que havia lenha e rama sêcca de pinheiro, a que chamam, n'uns sitios moinha, n'outros agulhar, e por alli, molicho. No tópo da cosinha defronte do lar haviam alguns degraus, e em cima outra porta. Por alli devia de ir-se para o resto da casa.

(Continúa.)

QUINZE DIAS FÓRA DO PORTO

(De pag. 213)

III

A SÉ

Ahi t'emos nós a frontaria d'un templo, onde se vê dezenhada uma feição triste e severa da architectura do seculo passado. O vestibulo, que salta da fachada, é d'estylo gothico e ornado de rendilhagens e imagens de sanctos. Transpunhamos o vestibulo e entremos n'uma igreja do seculo passado, constituida por tres grandes naves, que são divididas por arcos. Nós ficamos surpreendidos ao vêrmos-nos cercados de tão magestosa opulencia; mas a nossa alma fica, ao mesmo tempo, triste, porque a riqueza dos ornatos interiores do templo não é graciosa e alegre. Nota-se isto mesmo no côro. O côro é riquíssimo, como talvez hajam poucos em Portugal; as cadeira são cobertas de trabalhosas molduragens e as parêdes decoradas com pinturas e doirados valiosissimos. Esta preciosa fabrica, ainda que é d'uma perfeição e riqueza admiraveis, tem uma perspectiva que maravilha o visitante não por a belleza de estylo, que a não tem, mas por o valor dos seus embrincados ornatos.

Dois orgãos que o templo tem elevam-se satyros e sereias (1) e demostram serem construcções do seculo XVI.

A capella-mór arrêa-se com laçarias e decorações varias e está em desaccôrdo com o estylo do templo, por que é do estylo gothico, chamado *manuelino*, que tanto caracteriza as construcções do reinado do decimo quarto rei de Portugal. Aos lados do altar-mór estão os tumulos do conde D. Henrique e D. Thereza, sua mulher; o d'aquelle fica do lado do evangelho e o d'esta do lado da epistola. São duas arcas de granito de esculptura grosseira. Alli dormem, n'aquelles leitos de pedra, quasi que es-

(1) Os orgãos alevantados sobre symbolos mythologicos apresentam o mesmo defeito que notam na epopea de Camões e no sanctuario do Bom Jesus do Monte. Admiram que decorassem um templo com emblêmas allusivos á fabula.

quecidos da posteridade, os fundadores da monarchia portugueza, os progenitores dos reis de Portugal. To-lavia são felizes por jazerem alli. Não-de-lhes suavisar o ultimo sômo as musicas lèlas dos orgãos, os canticos sagrados dos levitas e o halito suavissimo das flôres, que corôam as jarras dos altares...

É tambem muito para se admirar um tumulo de bronze, que está logo á entrada do templo, e que encerra o cadaver do infante D. Affonso, filho de D. João I. Este tumulo veio de fóra, mas não sei eu ao certo de que parte do estrangeiro veio. As reformações que os modernos têm feito ao templo é que são intoleraveis. Caiaram as paredes lateraes para que houvesse mais claridade no templo e inclusivamente doiraram os capiteis das columnas que sustentam os arcos que dividem as naves, encobriando assim os lindos e corinthios labores, que os enfeitavam!

A sacristia é uma obra admiravel do fim do seculo XVII.

Tem riquissimos vasos de procellana com reliquias, dois valiosos calis; um de que fazia uso S. Geraldo e outro dadiva do do arcebispo D. Diogo de Sousa e riquissimos paramentos archiepiscopaes, sobresaindo entre os outros todos um, que é de pontifical, de llama de prata bordado a ouro.

A Sé deve ser o primeiro monumento que o archeologo e o archeographo visitem, apenas cheguem á capital do Minho, tão celebrada pelas suas antiguidades como castellos roqueiros, castros romanos e antas collosaes.

ALBERTO PIMENTEL.

(Continúa).

RECORDAÇÃO

Eras a virgem que eu amava outr'ora,
Quando mui attenta olhavas p'ra mim;
Tinhas candura que não tens agora,
Tinhas enlevos, venturas sem fim.

Eras archanjo por mim adorado,
Então te via sorrisos d'amor;
Par'cias ente que do ceu baixado
Vinhas á terra tirar minha dôr.

Eras a rosa tão linda e singela,
E tinhas condão de pura e gentil;
Tinhas a palma de meiga e bella,
Tinhas encantos mais de mil e mil.

Tu, eras a luz que tanto fulgia,
Conforto davas ao meu coração;
Então d'amôres eu por ti morria,
Inda d'esse tempo tenho paixão!...

.....
.....
Hoje desprezaste teus dotes sanctos,
Não sei, mulher, se inda te devo amar!
Se algum dia vir teus sentidos prantos,
Ai! junto a ti tanlem quero chorar!.....

Braga, 4 de julho de 1865.

DUAS PALAVRAS SOBRE A GRANDEZA E DECADENCIA DE ROMA

O antigo valôr romano poderia ser exaltado e cantado nas mais bellas epopeas; essa Roma poderia revestir-se d'um aspecto gigante, e apresentar-se aos olhos da humanidade como a potentosa capital europea; chamar-lhe-iam até os poetas, sorhadores do bello ideal, o fóco abençoado; a feliz concentração do beneficio das riquezas e da felicidade. Não é assim que julgamos a Roma d'outr'ora: esse quadro infiel, não é o das nossas crenças rebustecidas n'este benefico solo.

Na natureza, onde buscamos a harmonia dos factos scizies; onde a razão vem esclarecer o espirito á luz da liberdade, havia para os antigos romanos uma grande parte, que a philosophia dos seus tempos não havia previsto.

Essa parte, para elles, d'algunha sorte incomprehensivel, não lhes feria a attenção, por isso mesmo que, a verdade não se lhes desenhava na consciencia com os traços bem delineados do positivismo.

Sabiam os povos romanos, que deviam ser grandes pela riqueza; mas não conheciam que a deviam conseguir por meio do esforço licito, pela applicação ao trabalho, exercendo as suas faculdades em utilidades, que não revertessem em prejuizo dos outros.

O incomprehensivel nos romanos consiste n'isso.

II

Tu, ó Roma, eras a rival, que pesavas sobre o genero humano, para mais tarde seres ferida na tua vaidade exaltada, e esmagada pela mesma humanidade.

Bem louco foi o teu arrôjo, porque esses faustos que te ennobreciam a frente, tiveram uma existencia ephemera.

Feste como a virgem que tornada esposa, em breve despe as suas gallas, cingindo as sombrias côres de viuva.

Pensavas, que dando largo pasto ao teu orgulho, ninguem ousaria ferir impunemente o teu amôr proprio; mas a tua decadencia veio em breve arrancar-te a venda que te cegava os olhos, e mostrar-te ao espelho da verdade como um cadaver frio e inerte.

Tiveste em teu seio Romules, esse grande propugnador do saque, guerreando constantemente os povos teus vizinhos, para lhes roubar os cidadãos, as terras, e até as proprias mulheres.

III

Tanto bastava para definir aquelle estado despotico, em que jaziam os romanos na sua infancia. Pouco, Lem pouco distavam do estado selvagem, aquelles embriões desenvolvidos em ar mephetico.

Enriqueceram-se com os despojos dos outros, eis a ambição que dominava aquellas almas mal formadas.

Conquistar povos, reduzir os á escravidão, e apoderarem-se dos seus bens, eram os abcessos, que consideravam como elementos da sua sciencia economica.

Apoz isto, era necessario illudir a propria consciencia procurando conhecê-la dos principios ainda os mais anti-sociaes, e sobrecarregados ao peso do fanatismo. Para elles o trabalho era um sônho louco, e o saque o cumulo dos beneficos.

E desgraçadamente, a herança dos crimes não se amortecia com as novas gerações: porque o saque era para elles, o que para nós é o commercio e a industria, um motôr que preenchia muito bem os seus multiplicados desejos de prosperidade.

Com taes condições é facil concluir-se, que todo o direito dos romanos consistia na força, e que portanto, para um general se cobrir de gloria e reputação era mister empregal-a, para assim conquistar valiosos thesouros.

Apoz uma guerra segue-se outra, por isso que, cada uma vinha addicionar uma nova somma de riquezas; e por consequencia cada vez se achavam mais em estado de vencer.

A este meio de conseguir as riquezas, sufficientemente combatido pela civilisação moderna, se deve a grandeza e a decadencia de Roma. Dous estados bem diversos e devidos a uma mesma causa.

M.

AO ILL.^{mo} e REVD.^{mo} SNR. PRIOR FRANCISCO ANTONIO MARQUES

O A.

O CEGO

Cæli enarrant gloriam Dei.

Oh! quanto é negra e pesada
Esta vida que me dêste!
Nem raio d'essa luz celeste
Que á terra envias, Senhor!
E já vi!—já vi a terra,
Já vi o mar e os ceus,
Vi as estréllas, meu Deus!...
Oh! desgraça, pranto e dôr!

Tempo feliz! N'elle, quando
A primavera descia
Sobre o prado e estendia
Seu veu por anjos lavrado:
Eu, que inda, então via a luz,
Vôava aos campos! á cerra!
Lançava os olhos p'la terra,
Depois... aos ceus—d'encantado!

Mortaes felizes, que vêdes...
Quanto eu perdi, não sabeis!
Vós, meus amigos fieis,...
Mal sabeis... o que eu perdi!...
N'essas noites, que as estréllas
O ceu brilhantes recamam
E a gloria de Deus acclamam,
Essas noites!... já as vi!...

A lua! a virgem dos astros,
Que tão meiga me fallava
Do meu passado e chorava
Comigo os desgostos meus;
Já hoje ao cego... não falla!
Já, p'ra mim, não surge anciosa,
Não se despede saudosa,...
Já me não diz hoje—Adeus!

Oh! vive o impio sêm alma,
Não tem coração o Atheo;
Que—Deus!—clama a terra, o ceu,
E—Deus!—responde o Oceano!
Quem diamantes no espaço
Com mão larga semeou?
Tu ó mar!... Quem t'enfreou?
Qual foi esse braço humano?!...

Humilde corre a campina,
Erguem-se os montes ao ceu:
Mas quem os montes ergueu
E as campinas igualou?
Oh! não foi, não foi o homem
«Fraco e sem força»: foi Esse,
Que disse á luz—apparece!—
...Quando a luz viva raio!...

A luz!... a luz!... Vós que a vêdes,
Quanto eu perdi, mal sabeis!
Vós, meus amigos fieis,
Mal sabeis... quanto eu perdi
Essas noites que as estrellas
O ceu brilhantes recamam
E a gloria de Deus acclamam,
Essas noites... já as vi!

Oh! tristeza! vêr o sol,
Lampada eterna dos ceus,
Caminhar nas mãos de Deus,
Os mundos banhando em luz:
Vêr como, d'um mundo a outro
Elle rôlando soberano,
Se abysma no fundo Oceano...
Oh! arrebatada e seduz!

Eu já vi isso! Houve tempo
Que esses encantos gosei!
Já com a vista alcancei
Longinqua estrélla nos ceus:

Eu já medi esse espaço,
Abracei já horisontes,
Vi planícies, vi montes,
Agora... só vejo a Deus!...

Que fôra o mundo se a luz
Lhe não dêsse—graça e vida?—
A' vastidão desmedida
D'esse gigante do mar?!
Que foram? Mas negro abysmo
Cerra á mente os teus horrores,
Que então... nem estréllas nem flôres,
Trevas... lucto... horror sem par!—

E é esse o quadro d'est'alma!
Eis quanto eu goso, o que eu sinto!
E' esse o quadro; não mintó,
Não ha desgraça maior!
Andar sempre infirme o cego
N'um mundo que se lhe esconde
Sempre! e nunca saber onde!...
E ao homem superior!

Mas... nem me importa esse mundo
Nem as bellezas que encerra!
E' dôr não vêr ceus e terra
Mas é dôr que Deus acalma:...
Esses ternos lindos quadros
Que eu já não vejo e que eu choro,
E' esposa! e filhos que adoro!
Esposa e vós... Filhos d'est'alma!!

.....
Oh! quanto é negra e pesada
Esta vida que me dêste!
Nem raio d'essa luz celeste
Que á terra envias, Senhor!
E já vi!—já vi a terra
Já vi o mar e os ceus,
Vi as estrellas! meu Deus!
Oh! desgraça, pranto e dôr!

JOÃO DE DEUS.

OS REPENTISTAS

Os gregos—nação verdadeiro proto-tipo de illustração antiga—tinham uma quasi adoração pelos homens inspirados, cujo saber protentosamente grandioso, é como a descarga electrica que opera e produz ao simples contacto. De Demosthenes se citam grandes exemplos de orações repentinas, ou brevemente inspiradas.

Entre outras, temos as sublimes «Philippicas,» de que Cicero bebeu o genero para as suas *catilinarias*, e a munumentosa—*pro corona*.—Socrates era tambem excessivamente feliz n'este genero:—sirva-nos de exemplo o seu ultimo discurso, recitado aos athenienses, cujas verdadeiras preciosidades de dicção, não existiriam hoje, se Platon não vivesse para apontal-as.

De Querno, author d'um immenso poêma:—«Alexiada»—cuja epopea apparece soterrado sob um montão de nada menos de vinte mil versos (!!!) grande numero dos quaes como o *recitador acerbus*—de Horacio, costumava recitar de cór, se conta um caso extraordinariamente lisongeiro para este genero de talento, que é sem duvida o mais apreciavel.

Como grande parte dos poetas repentistas, Querno era excellente gracejador, por cuja particularidade mereceu—conta-se—o ingresso á mesa do Papa Leão X, em cujo logar houve certo fidalgo, que lhe chamou — *Archi-poeta*—pelas continuadas citações que fazia. Querno sem quasi fitar o seu visinho, não mediou um segundo a responder:

«*Archi-poeta facit versus pro mille portis*»

—ao que o Papa, respondeu não menos profundo repentista, accrescentou:

«*Et pro milli alliis archi poeta-bibit*»

retrocando-lhe Querno:

«*Porrige quod faciat mihi carmina docta, falernum*»

concluindo o papa:

«*Hoc vinum enervat, dibilitaque pedes.*»

Verdadeiros arcabuzes de latim e poesia!
A crêmos Homero, Eneas foi grande repentista.

J. CALDAS.

Á RELIGIÃO

Oh! vem filha do ceu, em nossas almas
Espargir dôce paz, as sauctas crenças,

Dá-nos valôr bastante p'ra trilhar
 Esta senda escabrosa, humedecida
 Pelas pungentes lagrimas que gera
 O soffrimento e dôr que o mundo offrece!...
 Só tu podes na terra de martyrio,
 Uma esp'rança inspirar ao desditoso!
 Ai, sem ti arrastar quem poderia
 Os tormentos que a vida tanto opprimem
 Que o coração esmagam fibra a fibra!...
 Quando desesperados esquecermos
 Teu auxilio divino, então que horror!
 Que inferno dentro alma nós sentimos!...
 Sem um raio d'esp'rança cá na terra,
 Deslembados d'um edem de delicias
 E dos lados blasphemeas só sabindo!...
 Então volves piedôsa a socorrer-nos
 E já rompendo a nuvem que occultava
 Essa luz rutilante que da gloria
 Esparge a mão do Eterno ao que tem fé,
 Magestosa appareces d'alvas roupas
 E tão pura, tão sancta nos apontas
 Serena para o ceu, erguendo a cruz!...
 «Alli, eis teu regresso, tu nos dizes,
 «Deixae os vãs cuídados que nos valem
 «Um momento de gloria junto a Deus!...
 E o calix nos mostras d'amargura,
 Abraçada na cruz, olhando o ceu!...

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

O DESEJO DAS RIQUEZAS

Nas paixões da humanidade para a riqueza, está comprehendida grande parte da nossa historia social.

A riqueza é o movel da nossa actividade, dos nossos esforços, do valioso engenho das nossas combinações. E' ella, que satisfaz prodigamente os nossos prazeres, as nossas commodidades, grande parte das exigencias do nosso espirito, e lhe amortece essa sede, que o abraza.

Na esphera social, em todos os paizes, em todos os povos; quer nas nações antigas, quer nas modernas; nas patrias civilisadas e nas menos cultas, tem tido existencia, e subsistido o desejo das riquezas, como um principio inherente á natureza humana.

E como explical-o? No homem ha uma parte indifinivel. E' a alma. Apoz ella o seu continuo anhelar, que para o contentar sufficientemente nem todo o universo lhe bastava.

E que faz o homem não podendo satisfazer os seus multiplicados desejos? Sômba, delira, extasia-se, commove-se, arrebatase, e á força de mergulhar-se no oceano do idialismo, afoga-se no seu vasto seio.

Então torna-se prosaico, e todos os seus

projectos dasapparecem como uma nuvem de pó. Um só permanece arreigado e inabalavel; porque é a luz dos seus olhos, o germen da sua existencia, o alimento da sua materia animada, e o fogo ardente do seu espirito: é a riqueza.

Os que a conseguem, são apontados como felizes; os outros dizem-se desgraçados.

Os primeiros vivem na abundancia, os ultimos na miseria. Entre estes dous limites, não ha harmonia possivel.

Não nos move a intelligencia, a conciliar esses dous extremos, que mutuamente a repelllem. Dir-se-iam duas cargas electricas da mesma natureza.

São á similhança de dous irmãos, que se odeiam, que não buscam comprehender-se, e que desejariam collocar-se a uma distancia infinita, para evitarem todo o contacto possivel.

Mas nós, verdadeiros socialistas, desejaríamos, que estes dous extremos convergissem. Queríamos até os laços d'um aproximado—parentesco.

Uma completa paternidade seria muito; seria o progresso indefinido tão exaltado pelo genio poetico de E. Pelletan.

Os poetas, em geral, sômbam muito, porque encaram por um só lado a humanidade; ordinariamente exultam as bellezas ficticias da natureza, e mal pensam nas riquezas sociaes. Andam atraz d'um bello, que nunca encontram.

Que me responderia Camões se voltasse a este—valle de lagrimas—, perguntando-lhe se havia sido feliz?

M.

VARIÉDADES

O SAPATEIRO

LAMURIA COMICA (?)

Meus senhores, é coisa rara
 vêr-se um homem tão de bem
 como eu, e esta cara
 bem o—demonstra... Que tem
 o ser pobre sapateiro?
 Não sou nenhum caloteiro,
 como muitos por'i ha,
 que lhes vai a gente a casa
 e impatam-nos a vasa
 dizendo que não? estão lá.

Fiz ha tempos um calçado
de famoso cabedal
p'ra um lidalgo, um morgado
lá de riba, por signal.
Elogiou muito a obra,
disse que tinha de sobra
o desejado *quindim*;
metheu a mão na algibeira,
só tirou a charuteira
e.... mandou-me embora assim.

Tive outro que não negava
uma conta já sedição;
porém que nunca a pagava
por estar sempre p'ra missa.
Inbirrei com a chalaça,
que me queriam parecer graça
tantas, tantas devoções;
e effectivamente, já soube
que as missas que o homem ouve
são por alma dos tostões.

Fiz p'ra certa bailarina
Umhas botas de setim
Obra mesmo papa-fina
que me dava honra... Emfim
d'esperar já fatigado
disse-lhe um dia agastado:
«Quer ou não pagar-me as botas?»
Poz-se nos bicos dos pés,
Não sei que disse em francez
e pagou com cambalhotas.

Uma velha já entrada,
mas qu'inda quer figurar,
teve a ideia desestrada
de tambem me afreguezar;
fiz-lhe botas com topetes
p'ra esconder os joanetes,
e, coitada, esta pagou;
mas, quando a julgava um anjo,
vi que um pinto era macanjo:
até ella me enganou.

Um actor disse-me um dia:
«Quero umas botas de montar.»
Fiz-lhe a obra que pedia
e fui-lhe a conta levar.

«Eu fico sendo freguez,
«pagarei no fim do mez,
«com ordenado vencido»
Mas, qual historia, nem *chêta*
era uma refinada peta,
tinha tudo rebatido.

Ora isto, em cortezia,
é ser muito infeliz;
servir a todos em dia
e não ver uma de X!
Já estive a largar o officio;
mas p'ra mim, agora é vicio
fazer botas, borzeguins,
pois tal vida era agradável,
saborosa, deleitavel,
se não fossem os caurins.

Que gôsto ver um janota,
recostado n'um sophá,
descalçar a rôta bota
e dizer-me: «Olhe lá,
«repare bem, tome tento
«p'ra que tenha o comprimento
«proprio da moda ingleza.»
Por isso que n'esta terra
a aliada Inglaterra
é mãe de muita toéza.

Este quer o peito alto
p'ra pata curta fazer;
O outro a bota sem salto
p'r'o calcanhar não dôer.
Todos gabam o meu talento;
mâs lá *reconhecimento*
é que ficou no tinteiro,
porque inda além dos calotes
mofam de mim os pichotes
dizendo: — «E' sapateiro!»

Pois deixal-o ser: não tenho
tê hoje de que corar,
nem quando p'ra casa venho
ouço mil *cães* a ladrar.
E, p'ra lhes fallar verdade,
gosto até da variedade
d'esta sorte aventureira;
p'ra elles as más acções
que eu sou rei entre os tacões
tendo por scepto a craveira

SECÇÃO RECREATIVA

Um grande troço de povos mixtos,—armados em guerra para combater os mouros, passava de França para Hespanha, e, no condado de Avinhão, aquelles povos commetteram varias indignidades, dando-se á pilhagem e á devastação. O papa Urbano V, a quem pertencia aquelle condado, fulminou contra os indignos devastadores uma excommunhão.

Du-Guesclin, commandante dos *excommuni-gados*, offendido pelo procedimento do papa, apresentou-se-lhe em audiencia e disse-lhe:

«Santissimo padre! vinte mil homens que tenho ás minhas ordens vos pedem a absolvição das penas que lhes fulminastes; e além d'isso, querem, para ajuda de custo da sua viagem até Granada—vinte mil flôrins. Granada está soffrendo ultrages e violências dos inimigos da christandade; é preciso, santissimo padre, ir desalojal-os e perseguil-os: por tanto, quero absolvição e dinheiro para a minha gente.»

Fallou bem o nosso homem; mas Urbano V disse muito mais em poucas palavras —dadas em resposta a Du-Guesclin:

«E' cousa admiravel, respondeu o pontifice, e é tambem muito para extranhar que a vossa gente venha pedir absolvição e dinheiro a quem só por dinheiro costuma dar a absolvição.»

Du-Guesclin fitou o papa; o papa fitou Du-Guesclin; e, n'esta attitudo, que não podia conservar-se por muitos momentos, estalou nos labios de Du-Guesclin forte gargalhada e o papa amouu...

Mas Du-Guesclin, ajoelhando para beijar o pé ao pontífice, deu-lhe uma dentada.

E o papa desamouu!!!

Em Paris prégou, durante os annos de 1715, 1716, e 1717, um dominicano chamado Chatenier, que attrahiu por muito tempo o povo em consequencia da singularidade dos seus sermões.

Porém, um dia em que tomou por assumpto principal do sermão reprehender os desvarios e a libertinagem da maior parte da mocidade, encolerisou-se de tal fôrma que exclamou: «Que julgais, moços estouvados, que vos espera depois da morte? Operas, bailes, saraus de encantodôras mulheres? Enganais-vos. E' fogo, fogo, fogo!

E pronunciou estas palavras com tal força d'accentuação, que o auditorio persuadiu-se que havia fogo na igreja, e eil-os ahi vão, acotevelando-se uns aos outros, fugindo aterrados.

Que optimo prégador!

Um fidalgo provinciano fazendo a descripção dos prejuizos causados pela peste em Marselha, terminava dizendo:

«E finalmente, uma doença tão horrivel, que até um homem de elevada posição não podia considerar segura a sua vida.»

E' de crêr que o provinciano fosse... bairão!

ERRATA

No n.º 20 d'este jornal, na poesia intitulada—*MARTYRIO*—, linhas 11, pagina 229, onde se lê—não sente—deve lêr-se—*vem sente*.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

CARLOS E LAURA

Toma, minha querida, toma este ramo de flôr de limoeiro que eu colhi para ti; á noite deixa-o ao pé da cama. Come este favo de mel; achei-o no alto d'um penhasco; mas agora encosta-te ao meu seio, e eu descansarei.

(Bernardin de Saint Pierre).

PAULO E VIRGINIA.

(D^o pag. 229)

Carlos conduzia pelo braço uma joven senhora, e veio assentar-se com ella no mesmo banco em que eu e Laura estavamos.

N'este momento chamou-me a mãe de Carlos, e eu apressei-me a ir ter com ella.

Quando voltei para o meu logar a joven senhora tinha deixado o seu, e Carlos estava junto de Laura. Carlos tinha entre as suas uma das mãos da donzella. As faces da moça eram duas papoilas.

Compreendi tudo; tinha havido entre ambos uma declaração!

Carlos levantou-se, e Laura deixou cahir a desfallecida cabeça sobre o meu hombro. Peguei-lhe nas mãos, estavam geladas!

Assustada perguntei-lhe o que tinha.

—Não é nada, não te assustes, me respondeu, com a voz ainda tremula pela commoção; é que o amôr fez monopolio do meu sangue e levou-o todo para o coração... Tinhas razão, minha amiga, quando me dizias que o meu irmão estava muribundo: agora digo-te eu... que morreu!

—Que palavras as d'este homem! Tão de fogo!!... Meu Deus, o que eu sinto no coração.

E Laura tornou a deixar pender a cabeça sobre o meu hombro.

A vossa conversação durava ha muito?—lhe procurei.

—Poucos momentos: a duas almas que se comprehendem bastam segundos. Se visses, Maria, como elle me ama!

—E tu?

—Eu?! Tu bêm sabes que lhe deu o coração. Dei-lh'o esta noite, agora mesmo. Perdôa,

Maria, perdôa a minha franqueza; mas era forçoso responder!

—Forçoso?

—Sim. Carlos veio assentar-se junto de mim, e tomou-me uma mão que eu me esqueci de retirar.—Tens-me muita amisade, Laura, me perguntou elle. Eu respondi-lhe affirmativamente.—E amôr? um amôr como nunca te suppoz.

A esta pergunta o coração parecia querer saltar fóra do peito! O mundo, com todas as suas materialidades sumiu-se a meus olhos, e um paraíso de poesia, e amôr occupou o seu logar.

Toda esta gente que passeia no jardim desapareceu!... Juro-te que não via mais ninguem se não Carlos, e que me julguei n'esse paraíso só com elle e com o nosso amôr. A commoção tolheu-me a voz, e Carlos repetiu a mesma pergunta sem que eu respondesse.

—Julgas-me louco? Não respondes? Laura, jura-me que serás minha, minha e de mais ninguem.

Se ouvisses a sua voz n'este momento, Maria? Que harmonias haverá tão sonoras como as da sua voz? que expressão mais seductora, mais apaixonada do que aquella que seus olhos possuíam n'este momento!

E tu, Laura, esqueceste que tantos olhos estavam fitos em ti? que teu proprio pae podia reparar no vosso enleio?

—Se eu té juro que não via mais ninguem: via-o só a elle.

—E que lhe respondeste?

—Que eu não era senhora senão do meu coração.

—E esse, me perguntou elle, é meu?

Uma nuvem passou-me diante da vista; o sangue subiu-me ás faces, e eu não sei o que lhe respondi!...

Supponho que foi affirmativamente, por que as suas mãos apertaram a minha com uma expressão de reconhecimento.

N'esse instante chegastes tu, a tua voz chamou-me á realidade da vida... despertou-me d'aquelle sonhar acordado; e eu vi então que estava ao pé de ti, e rodeada de muita gente.

Agora conheço que me expuz a muito; eu devia ter fugido, devia chamar-te; mas esqueci tudo!

—Sou uma creatura bem fraca.

E Laura limpou as lagrimas que lhe rôlavam pelas faces afogueadas.

Ao outro dia separamos-nos. Nos olhos de Carlos e Laura, brilhava a esperança e a felicidade.

Passado um mez fui visitar a minha amiga.

Era por uma tarde de setembro, por uma d'essas tardes que parecem envolvidas em vapôrosas ondas de melancolica poesia!

A brisa agitava as amarellecidas folhas das arvores que se desprendiam, e vinham cahir no chão como esperanças desfolhadas pelo sôpro do desengano...

Eu sentia-me commovida; e via a natureza atravez de um prisma de saudade indefinivel.

Logo á entrada da quinta apiei-me, e segui uma rua assombrada de loureiros que ia dar a um caramanchão aonde Laura costumava trabalhar.

Ella lá estava; e lia com tanta attenção que cheguei junto d'ella sem que me sentisse!

Depois de me abraçar com transporte, disse-me:

—Estás tão triste, Maria! Toma o meu exemplo; não deixes fugir o pensamento para esses mundos mysteriosos do idealismo aonde procuras em vão não sei o *que*... Este em que vivemos não é ainda tão mau como parece; ha n'elle muita felicidade.

Olhei admirada para Laura! Ella que sempre tinha descrido da felicidade d'este mundo cria agora n'ella! Julguei que esta mudança seria pouco duradoura, e ocasionada pela leitura do livro que lhe descachia; ainda aberto, sobre os joelhos.

—O que lias tu quando eu cheguei, Laura?

—Uma das cartas d'Alvaro d'Espard.

—Nunca as li.

—Vê esta, e depois iremos para casa.

Peguei no livro, era a decima carta d'Espard.

Acabei de lêr, e entreguei a carta a Laura.

—Que te pareceu?

—Muito sentimental.

—E natural não? Eu pelo menos sinto no coração essas sensações que Alvaro d'Espard descreve com tanta energia.

—E ao leres esta carta pensavas?...

—Em Carlos, me respondeu ingenuamente a moça. Penso n'elle incessantemente. Se pego em um livro, todas as esperanças, todos os pensamentos sublimes que n'elle encontro parecem-me uma usurpação que o seu author faz a Carlos. Se contemplo a natureza sinto o coração arroubar-se-me em inefavel gôso, por que o vejo a elle ou passeiando debaixo dos arvoredos com a fronte anuviada por aquella melancolia que tão bem lhe fica, que tão bello o torna, ou em pé na crista dos rochedos, com os olhos radiantes de inspiração e orgulho, a contemplar com desprezo as miserias d'este mundo!

(Contiuua).

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

AMO

Amo a solidão dos bosques,
Amo a noute triste, escura
Amo a sombra do cypreste,
Amo a lua argentea, pura;

Amo em solitaria praia
Ver o mar immenso e forte,
Amo a virgem pensativa,
Perseguida pela sorte!

Amo as flôres que vegetam
Junto da campa isolada,
Amo a joven que pranteia
E suspira abandonada;

Amo o brilho das estréllas
No firmamento a luzirem
Amo as vagas buliçosas
Do oceano a fugirem;

Amo ver como os pastores
Quando, da tarde ao cahir,
Vão os mansos cordeirinhos
Ao seu curral conduzir;

Amo quem ama como eu
Os vergeis, a lua, o sol,
A noute, o mar, as estréllas,
Da manhã lindo arrebol.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

VIRGINIA

I

Virginia contava dezeseis annos.

Foi d'essa idade que começou a experimentar as desagradaveis consequencias que traz consigo um amor insensato.

Fôra passar alguns dias a casa d'uns parentes que tinha em Villa Nova d'Gaya; e alli tomou conhecimento com Alberto, fôrmoso mancebo filho d'um abastado proprietario d'aquella villa.

Costumada a vel-o todos os dias, sentiu que uma força irresistivel a attrahia para elle; porém, a essa affeição dava ella ao principio o nome de sympathia.

Tendo de voltar para casa de seus pais um secreto pesar a atormentava; e suas faces até então rosadas, estavam agora pallidas e abatidas.

O mancebo, tendo reconhecido na ternura com que ella fitava sobre elle os seus lindos olhos azues, a chamma que começava a atear-se com força no peito da joven, procurou occasião de fallar a sós com ella; e, dando a todos os seus gestos, expressão d'um amante apaixonado, assim começou:

—Então v. exc.^a vai em breve deixar-nos?

—E' verdade.—respondeu Virginia suspirando.— Já o sabia snr. Alberto?

—Já sim, minha senhora... Já me tinham dado essa desagradavel noticia...

—Desagradavel?!—disse a donzella lançando-lhe um olhar fascinador.

—Desagradavel, sim minha senhora; porque não sei quando tornarei a ter a felicidade de a ver... Se ao menos v. exc.^a me consentisse fazer-lhe uma confissão franca dos sentimentos que me animam...

A donzella, cuja única ambição era ser amada por Alberto, em lugar de moderar a sua paixão ainda mais a excitou, permittindo que o mancebo lhe fizesse a declaração d'um amor que elle dizia verdadeiro.

Julgou então que já não havia infelicidade para ella n'este mundo.

Não dia em que se retirou para a cidade

fallou com Alberto, indicando-lhe a rua e numero da casa aonde morava, e pedindo-lhe que passasse por alli todas as vezes que podesse.

Alberto estudava mathematica na Academia Polytechnica, e por esse motivo vinha todos os dias á cidade.

Foi-lhe facil, portanto, satisfazer o desejo de Virginia.

Todos os dias passava a hora certa pela rua de Bellomonte; e Virginia todos os dias e a mesma hora apparecia á janella.

Mas, desgraçada! mal sabia a pobremenina que aquelle a quem votava um amor sem limites, ia rir-se com os seus amigos á custa d'ella.

(Continua.)

AOS ANNOS DE MINHA IRMÃ,

R. A. DE QUEIROZ.

Oh! que celeste jubilo
Eu sinto no meu peito,
Ha tanto tempo affeito
No mundo a padecer!
Porém, oh sorte rispida,
Que ha tanto me persegues,
Que eu libe não me negues
A taça do prazer!

Tu és, irmã o symbolo
Da dita, da ventura,
Que vem minha amargura
E dôr alliviar!
Um teu olhar benefico
Ou terno meigo riso
Vem dar-me o paraizo,
Feliz me vem tornar!

E n'este dia esplendido,
Que surge bonançoso,
Eu venho respeitoso
Beijar-te as niveas mãos
E, jubiloso interprete,
Pertendo tributar-te
Emoras, que sagrar-te
Desejam teus irmãos!

AUGUSTO QUEIROZ.

Janeiro—1865.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 233)

XXX

O QUARTO ESCURO

Com rapidez incrível fez o moço analyse de tudo. Punha já o pé no primeiro degrau que levava ao interior da casa: ouviu fallar gente da parte da quinta e as vozes aproximavam-se; e ouviu passos do lado da casa. Recuou e meteu-se no quarto da lenha. Era prudente examinar as forças inimigas. Cerrou a porta porque entrou e mettu-se entre as agulhas de pinheiro; nome muito proprio n'esta occasião em que Francisco soffria picadellas de fazer gritar alguém mais melindroso.

O crepitar do lume, o miar d'um gato, e as vozes dos que entravam na cosinha, occultaram o rugido que o marujo fazia para se metter entre a rama de pinheiro, a que não chamaria moliço, ao sentil-a tão aspera. Depois que se ageitou no seu esconderijo, ficou soffrivelmente.

—Miquelina, disse a voz d'um homem, para que tens esta porta fechada? As ratazanas acoitam-se aqui. Olha como o rabujo mia. Melhor tu tivesses fechada a porta de fóra.

—Não tem duvida, respondeu a irmã de Joaquina. Ainda agora venho lá de cima, e deixei as portas dos quartos fechadas. A senhorita tinha de arrombar duas portas para sahir para o corredôr, e ainda não se punha ao fresco.

—Falla com mais respeito da fidalga nova. Já t'ó tenho dito. Dentro em pouco será ella que dará aqui as cartas.

—Mas então talvez eu não queira jogar. Ella tornou-se muito nariz torcido.

—Chitão!

Tinham fechado as portas de fóra, e abriram a do quarto da lenha, e José atirou lá para dentro com o gato, que fugiu miando. Os gatos não caçam ratos á força; demais o rato,

que por sua vontade se mettêra n'aquella ra-toeira, não era para rabujo caçar.

Francisco via agora por entre a sua cortina d'espinhos tudo o que ia na cosinha. Estavam assentados ao lar dois camponios, um novo com cara de parvo, outro mais idoso com semblante de poucos amigos. José que compunha e soprava a fogueira, e um criado aceiado, alto e robusto. Este esperava em pé que fervesse a agua, para fazer chá. Miquelina estava assentada. Continuou a conversa que interromperam ao entrar na cosinha.

—Tu és um medrica, José, disse o criado alto. Se era preciso fazer tanta bulha porque encontrastes um marinheiro bêbado!

—Eu queria vêr o senhor Damião no meu lugar! Se lhe não fujo pelo meio das agras, elle furtava-me a cesta; era um ladrão.

—Boa novidade! observou Miquelina. Os marinheiros são todos bêbados e ladrões.

—Ah! bruxa, disse mentalmente o escondido, se te torno a pilhar a geito, ficas sem um dente n'essa bôcca mentirosa.

—Corri, proseguiu o rapaz, até deitar os bôfes pela bôcca fóra. Mas cheguei cá a salvamento.

—O que não chegou a salvamento foi o que trouxestes. Vinha tudo untado e misturado; e a manteiga *vistel-a? nem eu!* A'manhã mandarei uma mulher á cidade.

—José deve tornar lá por seu castigo, atalhou Miquelina.

—Não quero. Em quanto eu cá não estiver, ninguém arreda pé de casa.

Damião tinha aberto o chá e levou o bule para dentro. Miquelina foi tambem, mas voltou logo. Namorava o aldeão mais novo, que se derretia a seu modo por ella.

—O' senhora *Marculininha*, disse elle, a *fedalguinha* já está mais accommodada?... Hon-tem *barregava!*... Se eu não soubesse o que era, cuidava que as coisas ruins andavam lá por dentro. E *antão* esta casa que não tem bôa toada....

—Não sejas tólo, Antonio, as coisas ruins não andam por entre a gente. A fidalguinha, (Damião quer que a respeitemos, e é uma gran-

de tôla) vai-se accomodando. Que remedio tem ella?

—Mas porque não ha-de a fidalga velha deixal-a casar com o rapaz a quem quer bem? O casamento deve ser á vontade da gente; se não negregados casamentos.

—E's tôlo, Antonio, atalhou o trabalhador de má cara, havia d'uma fidalga deixar casar sua sobrinha com um rapaz que não professa vintem?

—Se fosse só isso, tornou Miquelina, mas é um marujo bulhento, e mal procedido, um valdurinos e ladrão, e filho d'uma viuva de má vida, que anda de casa em casa a fingir que trabalha, para surripiar alguma coisa e desencaminhar meninas honestas; como quiz desencaminhar a sobrinha da fidalga.

Ouviu-se rugir no quarto da lenha.

—Que é aquillo? disse Antonio estendendo o pescoço com ar assustado.

—Ha-de ser o gato que caça alguma ratazana entre a lenha, replicou Damião que voltava. Pareces-me medroso!

—Eu lhe digo, *sinhor Dimion*, de gente viva, e de coisa que se apalpe com um varapau não tenho mêdo nenhum; mas lá com almas do outro mundo, ou com o *maravelho* não quero brincadeiras... E esta casa, como já lhe disse, tem má toada.

Pois quero para me substituir quem não tenha mêdo de vivos, nem de mortos. De madrugada vou avisar o tutôr da fidalguinha da sua vinda para casa, e saber as ordens que elle dá. Se na minha ausencia vocês a deixavam fugir, em vez de paga d'oiro, recebiam-n'a de chicote.

O aldeão carregou as sobranceilhas e olhou Damião altaneiro, mas a ambição lhe fez reprimir a cólera e replicou:

—Eu cá não tenho *arreccio* de nada. Nem o diabo com sua armação e garras me faria medo.

—Pois então Gabriel ficas tu no meu lugar. Antonio e José ficam teus ajudantes d'ordens. De dia poderás descansar n'elles, de noite vigia tu. E todos lume no olho...

O filho de Carolina quando ouvira Mique-

lina fallar no pertendido namoro de Maria Isabel com elle, e alcunhal-o a elle e a sua mãe de ladrões e mal procedido, esteve a ponto de sahir do seu esconderijo e lançar-se sobre a caluniadora. A reflexão e prudencia o fez deter.

—E o caso que é, pensava elle, que se os tratantes me apanhavam aqui escondido, podiam prender-me por ladrão! Essa era uma de todos os diabos! Em tanto que me levavam preso fugiriam d'aqui com a senhora D. Mariquinhas.

Estas ideias aterradoraes lhe foram passando. A sua posição tinha tanto de perigosa e incommodativa, como tinha de divertida e de ilucidadora. Via o namoro de Antonio e Miquelina, e ao mesmo tempo as maneiras d'esta requetbradas e provocadora para Damião que a tractava com desdem. Foi colhendo informações pela noite adiante do quarto da prisioneira e d'outras coisas precisas. Damião que tinha de se levantar de madrugada, retirou-se cedo. Miquelina ficou então só com um namorado e por isso mais á vontade. Foi buscar lenha ao quarto escuro, e parou á porta.

—O mafarrico da mulher, pensou Francisco, vê-me. Preparou-se para se lançar sobre ella e fugir. O movimento que fez não foi sentido, porque ella mechia já na lenha, e disse alto:

—Antonio, vem cá. Esta lenha está tão apertada...

O camponio aproximou-se. Ella lhe disse em voz baixa:

—Vai amanhã assim que me vires a pé ao laranjal; irei lá fallar contigo. Gabriel e José não tiram os olhos de nós. Receio que vão dizer alguma coisa a Damião. Elle morre por mim e eu não posso encaral-o.

Antonio queria prolongar o colloquio, mas ella adiou-o para a manhã seguinte.

Depois cearam, e separaram-se. Os homens sahiram para o lado da quinta para se recolherem no quarto dos criados da lavoira, Miquelina fechou a porta por dentro, e subiu para a casa. Francisco ficou só e ás escuras.

(Continúa.)

UM CONTO

(OFFERECIDO AO MEU AMIGO ALBERTO PIMENTEL)

I

Era ao cahir da tarde; o sol descia ao mar reflectindo seus brilhantes raios na esteira verde e immensa da corrente do nosso poetico Douro.

Uma falua baloiçava-se mollemente em suas adormecidas aguas. Sentadas na prôa iam duas elegantes senhoras, com essas physionomias penetrantes que tanto distinguem as classes elevadas.

Que quadro tão pittoresco! Que espectáculo tão encantador!... Era impossivel imaginar-se duas formosuras tão perfeitas e ao mesmo tempo tão differentes, como aquellas que a barquilha patenteava.

A mais idosa das duas, era elegante e tinha um póрте distinctissimo. A outra, que parecia ser sua filha, era um pouco mais alta que a primeira, mas nem por isso deixava de ser menos esbelta.

Maria Henriqueta—a senhora mais idosa—era viuva d'um opulento banqueiro, cuja fortuna havia devastado ao jogo, a esse *innocente* passatempo, que a louçura humana arremessou ao seio da sociedade.

—Pobre anjo... tu soffres muito, não é assim? perguntou Henriqueta a sua filha.

E como esta não respondesse, sua mãe tornou:

—Ouve-me, Isabel.... ouve-me, minha querida... vou fallar-te como fallam mulheres casadas... pois tu em breve serás esposa d'aquelle a quem adoras. E' preciso, minha filha, aceitar o mundo tal como elle é. Tu affliges-te da indifferença e frieza de Luiz, do escolhido do teu coração... mas que queres se isso agora é moda? Que importa, louca, esses devaneios, que certo o tornariam ridiculo aos olhos do mundo? Luiz ama-te e muito, acredita. Pede-te qualquer dia em casamento... e não é tentado pelo teu dote, força é dizer-t'ó. A fortuna que te resta é pequenissima, e a de teu tio não passa para ti....

—Minha mãe... não o aborreço... eu amo-o tanto...

Henriqueta ao ouvir estas palavras que lhe indicava a incuravel e louca paixão de sua filha, não pôde dissimular por mais tempo a sua dôr... e desatou a chorar.

II

D. Luiz da Silveira era um fidalgo distincto, filho d'uma das melhores familias d'Entre-Douro e Minho. Educado no luxo e na grandeza, começou a amar a ociosidade e com ella todos os desvários de que é capaz um mancebo joven, fidalgo e que tem em pouco a sua reputação.

Era algum tanto formoso, se tal nome se pôde dar a um joven alto, rosado, de cabello frisado e bigode loíro. Contavam-se d'elle aventuras muito extravagantes, entre outras a d'uma mulher que chegou a ponto de enamorar-se d'elle loucamente... finalmente todos os paes de familia o tinham por um *leão*, perigoso para a reputação de sua familia.

Vira uma occasião Isabel, e enamorou-se do seu porte e maneiras educadas, mas um amôr leviano e infirme, como o arbusto que a brisa agita com o seu leve sôpro... e breve, como uma rosa aberta ao despontar da aurora, mas que o facho do dia vê murchar quando, á bócca da noite, declina nas vagas do oceano...

Não assim Isabel que o amou apaixonadamente, como um amôr virgem e insensato! E' impossivel descrever os mil pensamentos que a agitaram no momento em que ousou fitar n'elle os seus negros olhos!...

III

O fidalgo ria dos transportes da sua bella, e Isabel nem assim esfriava o ardôr que sentia por elle. Todas as suas acções aventureiras lhe davam o character de *D. Juan*, mas nem por isso a incauta menina lhe perdia a sua acrisolada affeição.

A morte de seu pae na cidade de Braga, veio roubar-o ao seio da sua futura esposa para ir

receber o rico espolio que este fallecimento lhe proporcionava como filho unico do defuncto.

Maria Henriqueta sentiu muito este apartamento porque amava sua filha e rogou em extremo a D. Luiz que se acaso se demorasse, não deixasse d'escrever a quem tanto o estimava...

No dia seguinte cavalgava um fogoso alão o fidalgo minhoto, que partia do Porto com direcção a Braga.

IV

Passado dias dizia-se na cidade eterna, que D. Luiz havia fallecido, victima d'um ataque apoplectico. A sociedade aristocratica não viu n'isto mais que um simples successo. Uns lamentavam a morte de espirituoso moço dos salões, outros contentavam-se simplesmente com a lembrança das suas excentricidades.

Isabel sentiu uma dôr immensa ao receber a fatal noticia e não pôde reprimir um desmaio... A infeliz sentiu-se desfallecer; era um fardo mais pesado, que as suas forças podiam supportar!

Debalde a mãe seexforçava a tranquilisal-a mostrando-lhe a debilidade das nossas forças, e a aproximação d'uma morte inevitavel, porque todos somos mortaes e sujeitos á triste condição da humanidade...mas nada a podia consolar... nada lhe mitigava sua immensa dôr!...

V

No dia seguinte era um domingo. O dia amaneceu tenebroso. A chuva açoutada pelo vento batia estrondosamente no lageado das ruas.

Era quasi ao fim da tarde quando um feretro coberto com longos crepes se encaminhava para o humilde presbyterio da aldeia, que ficava ao sul do Porto e onde o banqueiro tinha a sua habitação.

Era o cadaver da desventurada Isabel, que não podera sobreviver ao dileto do seu coração!

Pobre infeliz! As fragrantés flôres de laranja que te haviam de corôar transformaram-se em simples goivos, com que o braço da morte te ornou a cabeça infantil!

VI

E o corpo inanimado da filha de Maria Henriqueta jazia insensivel na fria sepultura, sem ter um coração apaixonado, qual foi o seu, que lhe plantasse uma roseira sequer á beira da sua campa!

Eis que um dia, segundo dizem os visinhos, veio um vulto silencioso ajoelhar sobre a campa d'aquella martyr d'amôr...

E assim veio muitas vezes... até que um dia o coveiro do cemiterio veio enconral-o inanimado sobre aquella obscura campa.

Era D. Luiz da Silveira que vinha pagar uma divida, e uma divida sagrada ao cadaver da sua desventurada noiva!...

Foram falsos os boatos propagados pelas linguas de soalheiro. D. Luiz da Silveira ainda teve um vislumbre de piedade para se curvar sob o peso do remorso.

Agosto—1865.

A. P. DO AMARAL.

MODAS

Penteado.— Os cabellos ondedados descem um pouco dos lados da frente e d'ahi correm para trás, cabindo encaracolados sobre os hombros. Uma larga fita, armada com lavôres de ouro, os aperta, passando pela nuca e indo apparecer um tanto acima da frente.

O vestido é de sêda branca, lisa, ornado de listas vermelhas nas partes que deixa vêr; uma sobre-saia de tulle branco abrindo na frente e terminando na borda n'uma curva graciosa, em que é franzida e adornada tambem de vermelho, pelo que fórma elegantes tufos.

As mangas são compridas e estreitas e terminam junto ao punho onde apparecem as extremidades de mangas de tulle. O corpo correspondente á sobre-saia acaba logo acima do ponto em que se une ás mangas e deixa vêr parte do vestido de baixo, que aperta no pescoço.

Sustenta a dama nos braços um manto estreito (*charpe*) de tulle guarnecido de vermelho.

A segunda figura tem chapéu de palha de arroz, cópa redonda, abas redondas, debroadas com um vize de sêda; em torno da cópa uma

corôa de sêda formáda por um vîez liso na parte inferior e na parte superior franzido em *guê-lo-de-lobo*. Cordão torcido de *ouro*. Pluma branca deitada sobre a côpa de diante para trás. Veo *loup* de renda.

Toilette de sêda. Saia lisa sem corpo. Cinto de sêda ornado com cordão de sêda e aço.

Corpo paletot cahindo direito e em pontas adiante, muito levemente cavado na cintura, todo enfeitado com cordão de sêda e aço e algumas pequenas contas d'aço. Nas mangas e no pescoco cordão igual.

A terceira figura (*para meninas*) tem chapéu de palha, fôrma ingleza, abas levantadas e guarnecidas de sêda com barrinhas de veludo. O extremo da aba é guarnecido com cordão de sêda e aço.

Vestido de *alpaga* branco; saia bordada com contas d'aço.

Paletot russo sem mangas e direito adiante, de sêda preta guarnecida com bolas d'aço.

(*Boudoir.*)

LUCIA

Eu conheci Lucia, quando ella tinha apenas dezoito annos. Que branca não era a cutis do seu rosto! Que lindos olhos castanhos que ella tinha! Que longas tranças de cabellos negros lhe não cobriam o collo d'espuma. Lucia—a formosa rapariga das margens do Ave—era então semelhante á flôr que ao abrir da manhã desdobra as suas petalas coradas e desata do calis os rôllos vapôrosos dos arômas suavissimos... E o perfume d'aquella alma era tambem o amôr!...

Um anno depois que a conheci na sua quinta das margens do Ave vi-a de novo na Foz, ao repontar d'aurora, sentada n'uma fraga na praia de Carreiros. O mar sacudia da enorme frente as ultimas nevoas da noite e arrojava-as, indomito, aos espaços; o oriente abria as suas portas de fogo ao rosto luminoso do sol que illuminava ligeiramente o mundo, como que espreitando-o por traz d'uma longa cortina de nuvens brancas. O espectáculo era sublime de poesia! E Lucia abysmava o seu olhar n'aquelle quadro, vagamente colorido, que tanto fallava á sua alma... Ha dois annos voltei eu ás margens do Ave. Subi ao topo d'um monte e entrei n'uma ermida, que se occultava entre as arvores em flôr. No pavimento deparei com uma pequena lousa entalhada no mozaico e onde se lia uma só palavra—*Lucia*.

Soube então que ella morrera. Parece que Deus tem saudades dos anjos, que poisam um dia na terra...

ALZIRA M.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

Na redacção d'este jornal compram-se as collecções dos jornaes da *Esperança*, que teem sabido até ao presente mez; ou, então os numeros 3, 5, 8, 12, 23, 26, 29, e 30, separadamente, pelo preço da assignatura.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ESTROPHES

UM VOLUME DE VERSOS

DE

ALBERTO PIMENTEL

PRECEDIDO D'UMA INTRODUÇÃO

POR

GUILHERME BRAGA

PREÇO:

PORTO..... 260

PROVINCIAS..... 240

Recebem-se assignaturas no escriptorio da redacção d'este jornal, na livraria de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134, na livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16, e em Braga nos escriptorios da redacção do *Progresso e Gazeta de Braga*.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia monejda pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º
Praça de Santa Theresa, n.º 63.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 246)

XXXI

DESCANSO INTERROMPIDO

Sahiu o marinheiro da sua incommoda posição. Tinha os membros inteiriçados.

—Se eu fizesse lume para me aquecer, pensava elle, lenha não falta.

Aquelles demonios comeram até lhe chegar com o dêdo... Não deixaram senão espinhas. Era a quem mais comia. Eu tambem ainda trago algum mantimento na minha barca.

Chegou ás apalpadellas ao lar. Assentou-se e tirou do bolso um pão e um boccado de queijo.

—Bom conselho, proseguiu elle, é o do nosso capitão, de trazer sempre mantimentos de sóbra.

Trincou e comeu o pão, o queijo guardou-o. Este faria séde, e não queria Francisco fazer bulha a procurar agua, e vinho não o tinha. Depois que engoliu o pão, estirou-se no preguiçeiro do lar, especie de sofá sem almofadas nem mólãs. Queria descansar os membros e pensar no que havia de fazer.

A senhora D. Mariquinhas, dizia elle consigo, está por ora sem perigo. O meliante não está cá. O mastareu grande, que governa este barco de piratas, irá chamal-o de madrugada. Se eu fosse chamar o senhor Maximino, estaríamos aqui antes d'elles virem. Mas as portas fazem um barulho ao correr os ferrôlhos... e ainda que podesse sahir sem fazer bulha, ficariam as portas abertas. Se todos tivessem medo do diabo, poderia elle ficar com as culpas; mas ha aqui dous demonios em carne que não temem os seus companheiros em espirito. Que hei-de pois fazer?

O somno o colheu no meio das suas cogitações. Dormia a somno solto; e sonhava com um vendaval no mar, quando accordou sobresal-

tado. Pareceu-lhe que lhe puchavam pela jaqueta e sem consciencia ainda da situação em que estava, disse com voz alta e rouca pelo frio:

—Chega já o meu quarto? Que cerração da breca! Temos temporal?

Mas deitando a mão á jaqueta do lado que sentia bolirem-lhe, deu com um rato que o cheiro do queijo que tinha no bolso attraira e que fugiu com o movimento do marujo.

—Ah! pensou elle já desperto de todo, não estou na *Carolina*, mas sim na casa dos ratos e do diabo.

Espreguiçou-se e levantou meio corpo, para se pôr em pé. A este tempo abriu-se a porta que dava para as salas e appareceu Damião em camisa com uma luz na mão. Francisco tornou a estender-se no preguiçeiro, pôz o chapéu sobre o rosto e mettu as mãos no bolso, deixando um dos olhos meio descoberto para vêr o que ia. Damião desceu os degraus, trazia na mão direita uma pistola.

—Estou aqui, pensou o filho de Carolina, e estou nas praias da eternidade. Pois hei-de morrer deitado. A pé acertaria a balla mais em cheio. E se o mastareu grande desfecha, atiro-me a elle. Ainda me não viu.

Damião olhava para todos os lados, e punha a luz alta para ver melhor. Caminhava em direitura ao lar, e parando na cosinha no meio murmurou a meia voz:

—Havia de jurar que ouvi aqui fallar um homem. Andará na vergade por aqui o diabo?

—Anda, que eu bem o vejo; pensou o marinheiro, e em fralda por causa do calor.

Damião foi á porta que dava para a quinta, abriu-a, e chamou em altas vozes por Gabriel.

Este respondeu ao segundo chamo.

—Anda para a cosinha, tornou Damião, e faze lume. Está um frio dos diabos! Vem depressa. Quero partir logo.

E arremecendo a porta, murmurou:

—Gabriel está no quente e eu ando por aqui a pilhar uma catarral.

Estou fresco, disse lá consigo Francisco, não faze lume, dão comigo, e assam-me. Pois

este frango, amiguinhos, não se ha-de deixar degolar sem vos picar as ventas. E apalpou a navalha que trazia no bolso.

Damião deu meia volta e foi correndo para o lado d'onde tinha vindo. Francisco d'um pulo pôz-se em pé apenas ficou só, e ás apalpadellas se foi esconder no seu posto de observação, mettendo-se bem entre o moliço.

Era tempo. Gabriel entrava na cosinha, resmungando:

—Não deixarem dormir a gente! Mas que será isto? Ouvei a voz de Damião, vi luz, e agora está tudo calado e negro como um forno!... Serão isto coisas do dianho?

E levantando a voz continuou:

—Senhor Damião, senhor Damião, chamou por mim?

—Espera, gritou Damião do quarto, que era perto da entrada que dava para a cosinha, também tens mêdo? Eu lá vou já.

—Não tenho mêdo, mas gosto mais de estar de noite no palheiro, do que n'este casareo escuro e frio como a casa do dianho.

—Essa dizem que ha-de ser quente. Mas para fazer lume é que te chamei, pultrão. Eu fui em camisa chamar-te, e tu tens a pelle mais dura; não devias queixar-te do frio.

Gabriel foi ás apalpadellas ao quarto em que se mettêra o marujo, começou a tirar lenha e rama de pinheiro que arremeçava para fóra colérico. N'este exercicio roçou com as costas d'uma das mãos pela cára de Francisco, mas a sua pelle era muito dura e a sua cólera muita para dar pelo contacto.

Damião voltou com luz. Accendeu-se a fogueira e os dois aquentaram-se. O criado dava as suas instrucções ao campesino e recommendava-lhe que sobre tudo guardasse a casa de noite; porque aos outros havia particularmente recommendado que vigiassem de dia.

—Vá descansado, replicou o aldeão, desejando fazer muitos serviços, para receber maior paga. Guardarei bem as mulheres cá de casa. Não lhes deixarei na sua ausencia, pôr pé em ramo verde.

—As mulheres?!.. De que mulheres me fallas?

—Da fidalguinha e de Miquelina.

—Que nos importa a nós Miquelina? Esse estupôr ninguem o quererá roubar. O que quero é que se guarde a fidalguinha.

—Mas olhe que Miquelina anda namoriscaada com Antonio.

—Ande ella namoriscaada com o dêmo! A mim que se me dá d'isso?

—Cuidava que o snr. Damião gostava d'ella.

—Eu?!.. Eu?. Julgavas que eu podia olhar para um tal estafermo?

—Assim como Antonio gosta d'ella, podia o snr. Damião gostar.

—O que é bom para Antonio e para ti, não é para mim. Case qualquer de vocês com ella. Teria muito gosto em vel-a suja como um escaravelho a cortar mato no monte, e a sachar milho no campo.

Gabriel olhou sobre o hombro para o laçao que o motejava. Para maior affronta os campesinos d'aquellas aldêas têm em pouco os criados das cidades, e olham com certo desprezo para os que vestem libré. Damião não deu por isso. Tractou de fazer café e de almoçar ainda que fosse noite. Apenas reluziu o dia mandou Gabriel buscar o cavallo á cavalharice, recommendo-lhe que o apparelhasse em quanto elle se aquecia á fogueira.

Gabriel obedeceu de má vontade. Os cavallos são animaes com que a maior parte dos aldeãos imbirram n'aquelles sitios. Dá-se-lhes de comer á larga, são bem tractados e não trabalham nos campos. Parece-lhes que isto é um roubo feito aos bois, animaes da sua predilecção. O rustico conduziu o cavallo, com a sella ás avessas e sem freio.

Damião sahiu á porta, ralhou sobranceiro ao rustico, apparelhou o cavallo, montou e partiu.

Francisco observára tudo, e considerou:

—Fica só um. Lanço-me a elle quando o vir a geito, ou esperarei que elle saia?

Estando n'estas consultas entraram Antonio e José do lado da quinta, e Miquelina desceu das salas.

Gabriel, ainda muito mal encarado, disse pegando n'uma enchada e pondo-a ao hombro:

—O meu serviço aqui é de noite. Vou sachar o milho até serem horas de almoçar. Se fôr cá preciso, chamem-me da porta.

E sahiu.

—Eu vou buscar flôres para as jarras, disse Miquelina, indo também para a quinta. Tu José, faze ferver as panellas. Chamem por mim se fôr mister.

E da porta voltou-se para Antonio piscando-lhe os olhos. Este coçou na cabeça, deu uma volta na cosinha, pegou d'outra sachóla que pôz também ao hombro e titubiou:

—Preciso d'ir ao pomar sachar as batatas. Se precisarem de mim, chamem.

E levou o mesmo caminho.

Francisco estava encantado. Tinha só José,

e esse não lhe seria difficil segural-o. O peor era se elle gritava. O rapaz livrou-o d'este receio. Pegou n'um sachó e imitando a acção dos dois aldeãos, disse:

—Vou sachar as belduegas. Se precisarem de mim, chamem, que eu ouço bem.

Parou á porta, murmurando:

—Cuidaveis que me lograveis? Hei-de ver o que ides fazer.

E sahiu vagaroso.

(Continua).

O ORPHÃO DO GUERREIRO

Donnez, peu me suffit; je ne suis qu'un enfant
Un petit sou me rend la vie.

A. GUIRAUD.

Nas praias solitarias,
Na rocha agreste e dura,
Entre as campas mortuarias
Da ermida obscura...
Pobre engeitado mesquinho,
Ali se vê tão sosinho
Que faz dô para elle olhar!
Por todos é despresado,
Quem só é acalentado
Pelas tristes ondas do mar!...

E' noite; o sol declina,
Nas vagas do Oceano;
Tolda-se além a collina
C'um veu que galga ufano.
O pastor procura a casa
Assenta-se n'uma rasa
A' porta do seu curral;
Não se entrem com seu gado
Não colhe a herva do prado
Não tracta do seu quintal!....

E o pobre infortunado
Ao longe o avistava,
Sobre uma pedra sentado...
E ninguem o consolava!
Exilado longe dos seus,
E só vendo a terra... os ceus
As estréllas, o sol e o ar...
Sem saber para onde ir,
Nem com quem se divertir,
Só vivia a suspirar!

E o triste ajoelhado
Junto á casa onde nasceu

Diz:—Sou filho d'um soldado
Que pela patria morreu;
Minha mãe tambem não vive
E que pena d'ella tive...
Quando a vi fallecer!
Ah! as esmollas que me dão
Não chegam para comprar pão...
Para fome e frio não ter!

Assim falla; e anciado,
Para o sollo se atira...
Amaldiçoa o duro fado
E quasi endoidece... delira!...
Assim falla o infeliz
E tudo que d'est'arte diz
E' propagado pela fê...
Pois olhando, triste pr'os ceus
Morre no seio de Deus
Sem se lembrar de quem é.

Agosto—1865.

A. P. DO AMARAL.

AS DUAS DESAFORTUNADAS

Tradução

DE

EMILIA ROSA DA SILVA

Pouco tempo havia que a marquezia de Clarença se retirára para o convento da visitação de Cl..., e com a quietação e serenidade, que via imperar n'este retiro, tornava-se-lhe mais viva e amarga a pena que a consummia. Oh! dizia ella, como são venturosas estas innocentes pombinhas que para o ceu tomaram o vôo! Dia sem nuvens é para ellas a vida; e não sabem do mundo o que sejam magôas nem prazeres.

Uma só lhe parecia triste e esmorecida entre estas pias donzellas, cuja ventura envejava, e se chamava Lucilia; e como estivesse ainda no viçoso da idade, reluzia n'ella aquelle caracter de linda, que é imagem d'um coração meigo e affavel; mas a dôr e lagrimas tinham-lhe desdourado a amenidade, bem qual rosa, que o sol murchou, e ainda deixa vêr no seu amortecimento todo o lustre, que na manhã tivera. Como que uma linguagem ha muda para as aimas ternas. Leu a marquezia nos olhos d'esta amavel afflicta o que ninguem tinha advertido; assim é tão natural nos desditosos o lastimar-se de seus semelhantes e amal-os! Tomou pois inclinação a Lucilia; e porque a amisade,

que no seculo apenas é sentimento, nos claustros é paixão, cedo veio a ser intima a sua aliança; mas apoquentava-lhe de ambas as partes a suavidade certa amargura encoberta. Occasiões havia em que ambas estavam horas inteiras a gemer juntas, sem ousar de pedir uma a outra que lhe confiasse as suas penas. Rompeu emfim a marquezia o silencio.

Póde ser, diz esta, que uma mutua confissão nos poupasse muitos dissabôres: ambas suffocamos os nossos suspiros: deve por ventura a amisade ter segredos com a amisade? A estas palavras córou Lucilia de envergonhada, e deixou cahir sobre seus lindos olhos o subtil veu de suas mimosas palpebras. Ah! de que, tornou a marquezia, de que córas? E' isso effeito da vergonha? E' d'esta sorte que o sentimento da dita deveria dar cór á formosura? Falla, Lucilia, deposita o teu coração no seio d'uma amiga, mais que tu, sem duvida, digna de lastima; porém, que em sua desdita se consolára, quando podesse suavisar a tua.

—Que me pedes tu, senhora? De todas as tuas penas participo, mas não tenho nenhuma, que vos communique. A falta de saude é a unica causa d'este esmorecimento em que submergida me vês. Insensivelmente me vou finando, e perto está, graças ao ceu, o termo dos meus dias.

Estas ultimas palavras proferiu com tal suspiro, que deixou entranhavelmente condoida a marquezia. Não é, disse esta, visto isso outra a tua unica consolação? Impaciente por morrer não queres confessar-me o que te constitue a vida odiosa. Quanto tempo ha que aqui estás?

—Ha cinco annos, minha senhora.

—Guiou-te cá a violencia?

—Não, senhora; a razão: o mesmo ceo é quem quiz affeição a si todo o meu coração.

—E esse coração tinha algum apego ao mundo?

—Misera de mim! sim, para meu castigo.

—Dize o mais.

—Já te disse tudo.

—Amavas Lucilia, e tiveste valor para vir sepultar-te! Seria algum perfido o que deixaste?

—Era de todos o homem mais virtuoso, o mais meigo, o mais estimavel. Não me perguntas mais, bem vês as lagrimas culpaveis que me saltam aos olhos: com este pensamento se me tornaram a abrir todas as chagas da coração.

—Não, minha querida Lucilia, não é já tempo de encobrirmos nada uma á outra.

Quero vêr o fundo até aos intimos escondrijos de tua alma, para verter n'ella a conso-

lação: cre em mim, a peçonha da dôr só por via das queixas se exhala, e encerrada no silencio o que faz é tornar-se cada vez mais devoradora.

—Já que assim o queres, senhora, seja assim: chora pela desafortunada Lucilia: chora a sua vida e d'aqui a pouco a sua morte.

Apenas sahi no mundo a campo, esta fatal formosura captivou os olhos d'uma mocidade imprudente e leviana, cujo rendimento não teve poder para cegar-me. Um só houve que estando ainda na idade da innocencia e candura, se affitou a dizer-me que eu era terna e meiga. Uniu-nos um ao outro a igualdade da idade, o nascimento, os cabedaes, a mesma aliança das nossas duas familias, e muito mais ainda certa propensão mutua. O meu amante só vivia para mim: viamos ambos com lastima um immenso vacuo no mundo, onde o prazer era méra sombra, e o amôr um clarão: satisfeitos de si mesmos os nossos corações... mas ah! que delirio. De que me obrigas tu, senhora, a recordar-me.

—E que razão tens tu, minha menina, para criminar-te de ser justa? Quando o ceu formou dous corações virtuosos, e sensitivos, fez-lhes crime de buscar-se, acarear-se e captivar-se um ao outro? Para que os teria elle feito?

—Não ha duvida que formára com prazer o coração em que o meu se perdeu, onde a virtude se adiantava á razão e eu não via com que dar de rosto á natureza. Ah! minha senhora, quem como eu foi já mais amada? Crierias tu que me via obrigada a poupar ao melindre do meu amante a propria confissão d'essas ligeiras inquietações que affligem algumas vezes o amor? Da luz do dia se privára elle, se Lucilia d'elle tivesse ciúmes. Quando devisava em meus olhos alguma impressão de tristeza, eclipse era nos seus de toda a natureza: julgava sempre ser a causa d'isso, e criminava-se a si proprio de todas as minhas sem razões.

Facil é por extremo o ajuizar com que excesso devia ser amado o homem d'entre todos o mais amavel. Desuniu as nossas familias o interesse, que todos os vinculos rompe, excepto os do terno amôr, e foi para nós um processo intentado contra minha mãe, a época e origem das nossas desditas. Levantou-se entre nós como eterna barreira o odio mutuo de nossos parentes, e foi necessario que deixassemos de ver-nos. A carta que elle me escreveu não se me riscará em nenhum tempo da memoria.

Eil-a:

«Minha querida Lucilia, perdido está tudo para mim, levam-me á força o unico bem que

possuo. Agora venho de lançar-me aos pés de meu pai, e lavando-lh'os em lagrimas lhe obtestei que desistisse d'este litigio fatal: tratou-me como criança. Protestei ser para mim sagrada a tua fortuna, que a minha a mim mesmo me seria odiosa, e o meu desinteresse foi por elle havido como loucura. Não concebem os homens que alguma coisa ha acima das riquezas. E que farei eu se te perder? Dia virá dizem-me, em que eu darei o parabem de não ter sido ouvido. Se me capacitára de que a idade e o que chamam razão tal poder teriam que assim me desauthorisassem a alma, no mesmo instante acabaria a vida, assustado a respeito do que me aconteceria para o futuro. Não, querida Lucilia, não: teu é tudo quanto eu sou. Debalde me attribuiriam as leis parte da tua herança, que as minhas leis em meu coração estão e n'elle é meu pai condemnado. Mil perdões te peço dos dissabôres que elle te causa. Não permita Deus que eu faça reprehensíveis votos! Por meus dias cortára para juntar aos de meu pai, mas se algum dia chegar a ser senhor d'estes bens, que elle vai accumulando, e com que me quer gravar contra minha vontade, tudo será logo ressarcido. De ti porém, estou privado, e dispor-se-ha talvez do coração que me destes. Ah! guarda-te tu de consentir em tal: adverte que n'isso está a minha vida, e no ceu escriptos os nossos juramentos. Mas resistirás á imperiosa vontade d'uma mãe? Aqui estremeço: socega-me, que assim te peço pelo amôr mais terno.»

—Respondeste-lhe, não é assim?

—Sim, senhora, mas em poucas palavras.

«Não te culpo em nada. Desgraçada sou, mas sei sel-o, aprende comigo a padecer.»

Tinha-se todavia movido o processo, e ia continuando com ardôr. Um dia, dia terrivel! ah! estando minha mãe a lêr, toda horrorizada, uma memoria publicada contra ella, veio recado que me queriam fallar. Quem? diz ella: que entre. Sobresaltado o domestico, vacilla algum tempo, baluceia nas respostas, e por ultimo confessa que trazia um bilhete para mim.

—Para minha filha! D'onde vem elle? Achava-me eu presente: julga tu agora em que situação me vi, qual seria a indignação de minha mãe ouvindo nomear o filho de quem ella chamava seu perseguidor. Quando se dignára de lêr o bilhete, que tornou a enviar sem abri-lo, pôde ser que se enternecesse: teria pelo menos visto que não havia nada no mundo, que mais puro fosse, do que os nossos sentimentos; mas, ou porque o dissabôr em que tal demanda a

tinha sepultado requeresse o sahir ella de si, ou porque uma communicação secreta entre sua filha e os seus inimigos fosse no seu conceito legitimo crime, não houve injurias com o que não me opprimisse. Cahi confusa aos pés de minha mãe e passei pelo vituperio das suas reprehensões, como se as tivera merecido. Foi em continente resolvido ir eu occultar n'uma clausura o que ella chamava vergonha sua e minha. E sendo logo no outro dia para aqui guiada, houve prohibição para que não me deixassem fallar a ninguem, e tres mezes inteiros cá estive como se os meus e o mundo se tivesse acabado para mim. A primeira e unica visita que tive foi a de minha mãe. Bem persenti eu nos seus abraços a sentença que me acabava de pronunciar. Estou arruinada, disse-me ella, desde que nos vimos sós, prevaleceu a iniquidade; perdi o meu processo e com elle todos os meios de estabelecer-te no mundo. Mal sobra a meu filho, com que ostentar o seu nascimento; e quanto a ti, minha filha, para aqui te chamou Deus, e aqui é que convém viver e morrer: amanhã tomas o veu. A estas palavras apoiadas d'um tom friamente absoluto, fiquei com o coração sobresaltado, e cahi sem sentidos. Chamou minha mãe quem accudisse, e aproveitou-se d'esta aberta para esconder-se ás minhas lagrimas.

E tornado que tivesse a mim, achei-me rodeada d'estas virgens pias, de quem tinha de ser companheira, e que me convidavam para participar com ellas da appraisivel tranquillidade de seu estado. Mas este estado tão afortunado para uma alma innocente e livre, só offerecia a meus olhos combates, perjurios, e remorsos. Prestes estava a abrir-se um abismo entre mim e meu amante: sentia eu que me roubavam a parte mais estimavel de mim mesmo; não via já em torno de mim senão o silencio e o nada, e n'esta immensa soledade, no desamparo de toda a natureza, achava-me na presença do ceu com o coração enlevado no objecto de que convivinha esquecer-me por seu amôr. Estas sanctas virgens diziam-me com a melhor fé tudo quanto sabiam das vaidades do mundo; mas não era ao mundo que eu estava afeiçãoada, que o deserto mais medonho teria para mim sido vivenda encantada em companhia de quem eu deixava no mundo, que não me era nada.

Pedi que queria tornar a vêr minha mãe. E fingindo esta ter ao principio tomado o meu desmaio por accidente natural. Não, senhora, lhe disse eu, effeito é da situação violenta em que me puzeste; e bem é que eu o diga pois, já lá vai o tempo de fingir. A vida me deste,

podeis tirar-m'a: mas dize-me minha mãe, concebeste-me por ventura em tuas entranhas só como victima consagrada ao supplicio d'uma morte lenta? E a quem me sacrificas tu? A Deus não, que eu bem conheço que elle me rejeita, nem Deus quer victimas que não sejam puras, sacrificios que não sejam voluntarios: cioso é das offerendas que lhe fazem e o coração que a elle se dá, só d'elle deve ser. Se a violencia me guiar ao altar, lá me espera o perjurio e o sacrilegio.

—Que dizes, infeliz?

—Uma terrivel verdade que a desesperação me arranca do peito; sim, senhora, rendeu-se meu coração sem o teu consentimento; e quer innocente elle esteja, quer delinquente, já não sou senhora d'elle: só Deus pode desatar o laço que o prende.

—Vai, indigna filha, vai perder-te: já não te conheço mais.

—Minha mãe, pelo teu sangue não me desampares; attende ao meu pranto, é desesperação minha: vê que aberto está o inferno a meus pés.

(Continua.)

VIRGINIA

II

Alberto, logo no primeiro dia que passou em frente da casa de Virginia, ao chegar ao edificio da Academia Polytechnica, exclamou, dirigindo-se a alguns estudantes que estavam sentados no portal:

—Uma noticia fresca, meus amigos!

—Deveras?! Aposto que temos pequena no caso!

Adivinhaste! Deixai-me sentar, que venho cansado; e em breve vo-ponho ao facto de tudo quanto tenho passado com ella até hoje.

Houve silencio durante alguns minutos o qual foi interrompido por Alberto que fallou d'este modo:

—Uma senhora minha visinha mandou, ha-de haver quinze dias recado a minhas manas para que fossem tomar o chá com ella; pois tinha na sua companhia uma neta que era, de ordinario, muito alegre e divertida. e que, em consequencia de não ter com quem se intretivesse, estava aborrecida.

Minhas manas accederam ao convite, e tivemos occasião de ver e fallar com a neta da senhora D. Anna, que assim se chama a minha visinha.

Fiquei admirado ao encarar com aquelle rosto angelico, em que a natureza reunira todas as graças e encantos de que podia dispôr. Chama-se Virginia.

—O rapaz está perdido de amores! atalhou um dos ouvintes.

—Calla-te, continuou Alberto; não me interrompas. Resolvi namorar a rapariga, se ella estivesse pelos autos; e vi com alegria que ella fitava a miude os seus lindos olhos sobre mim. Chegaram as horas de nos retirar-m'os; e eu, ao despedir-me, apertei a mão de Virginia que senti tremer. Apenas cheguei a casa recolhi-me ao meu quarto; e, primeiro que adormecesse, scismei largas horas com a pequena. Veio, finalmente, o somno cerrar-me as palpebras, mas passei o resto da noute a sonhar com ella. Levantei-me logo ao romper do dia e fui passear. Parei em frente da casa da avó de Virginia, mas estava tudo fechado. Encontrei depois um amigo com quem me entretive algum tempo, até que vieram chamar-me para almoçar. No fim do almoço apromptei-me para acompanhar minhas manas á missa. Apenas entrei na igreja, deparei logo com Virginia. Durante a missa trocamos alguns olhares. De tarde foi ella a minha casa com sua avó; e nos dias seguintes sempre nos reuniamos. Não quiz a sorte que gozasse mais tempo tanta ventura; pois soube ante-hontem que Virginia se retirava para casa de seus pais. Procurei occasião de fallar-lhe, e disse-lhe que a amava. Ella recebeu muito bem a minha declaração amorosa; e já hoje passei por casa d'ella á hora convencionada e tive o gosto de a vêr.

—Dou-te os meus parabens, Alberto. A fallar a verdade és bem feliz com namoros.

N'este momento tocou a sineta, e os estudantes subiram para cima.

(Continua.)

AUGUSTO QUEIROZ.

A...

Ao ver os teus cabellos tão dourados,
Os teus dentes pequenos de marfim,
Os teus labios formosos nacarados,
E as tuas faces, lisas qual setim;
Os teus olhos tão ternos, que inflamados
Algumas vezes vi fitar em mim;
Quiz fugir ao amor... mas foi em vão...
No peito sinto arder lento volcão!

E quem pode, donzella, indifferente
Ficar aos teus encantos e belleza?
Quem pode assistir ao fogo ardente,
Que de subito inspira a natureza?
Eu não pude, querida; e certamente
Não haverá no mundo tal dureza
Em peito algum humano, que o furor
Se atreva a repellir do louco amor.

Tão formosa não é Venus, que habita
No Olympo, em companhia do consorte,
Que forja os raios, a comprida fita
De fogo, com que Jupiter deu morte
Ao grão filho da terra, que vomita
Chammas ardentes de seu peito forte,
Irmão do bellicosa Adamastor,
Que n'um cabo o tomou seu louco amor

Ainda é mais sonora o teu fallar,
Meiga donzella, do que os sons tirados
De harpa celestial, que só fallar
Podem d'Apollo os dedos delicados,
Que nos elysios campos faz parar
Os limpidos ribeiros espantados,
Que, serpeando alli, regam as flores
Ao som da branda frauta dos pastores.

AUGUSTO QUEIROZ.

CEGO POR AMOR

(N'UM ALBUM)

Qual adeja a borboleta
em torno da maga luz,
tal meu coração s'inflamma
No teu olhar, que seduz.

Tu tens n'elle a luz, a seiva
que me dão vida e calor,
que formam dentro em minh'alma
um paraíso d'amor.

Amor! palavra sublime,
angusta, sacra paixão!
Amor, throno onde se assenta
como rei, o coração!

Altar ante o qual se prostra
o mundo com dovoção,
quando ao inverno da vida
Succede um lindo verão...

Harpa d'oiro, fabricada
pelas mãos do proprio Deus,

que vibra cantos ignotos
no mar na terra e nos ceus!

Amor é luz deslumbrante
que enfeitiçe e faz cegar...
por elle foi que indiscreto
me ceguei no teu olhar,

Porto—65.

SOMNOLENCIA

Emquanto que a borboleta, mensageira,
quem sabe?—das namoradas flôres, hauria per-
fumes e mel de seus nectarios e corôlas, eu,
resignado, triste, por vezes inquieto, esgotava
o calice amargoso de agreste melancholia, a ta-
ça descórada do aborrecimento.

Nem ao menos a grinalda murcha do pra-
zer se bamboava, presa a um fio de meus ca-
bellos, soltos, espalhados por sobre a testa,
amarellecida pelo sopro da desventura! Nem o
botão de rosa d'um amôr sincero aconchegava
os folhos de minha alma! Nem a palpebra se
me unctuava das lagrimas instantaneas d'um
festivo prazer, ou d'uma pouca duradoura ma-
goa. Nem o murmurio indefenido d'uma endei-
xa refervia dentro de meu peito! Nem as tintas
azues d'uma nuvem diaphana-se vinham refle-
ctir nos meus olhos, onde a esperanza não sus-
citava um desejo!

A natureza tambem era-me equal n'aquel-
la insensibilidade. Só a borboleta vinha cortar
com o zunido das suas pequeninas azas as no-
tas do hymno do silencio. O mais tudo parecia
morto, a mirar-se no espelho da indifferença.
O sol aquecia os laboratorios delicados dos li-
rios e das cecens, mas os perfumes e o mel
desenvolviam-se calados, e, calados, trepavam,
em rolos invisiveis, a perderem-se nos espaços.
A madresilva, acostando-se aos troncos lasca-
dos, deixava pender os cálices, como a pedir
às hervinhas, que lhe brotavam aos pés, um
pouco da seiva, que as enverdecia, um resto de
aifofares, com que a madrugada as enfeitára.

O ceu, sem uma nuvensinha sequer a em-
panar-lhe o fulgôr, tão brilhante, tão esplên-
do, como se fôra um sol immenso de chamma
azul, pousava arrogante sobre os cabeços das
montanhas, nuas, tristes, negras, sem um boca-
dinho de herva, que lhes demudasse o aspecto
sombrio. Ceu e cabeços formavam um magnifi-
co e vasto painel, cujo fundo era o ceu, onde
se destacavam como animaes ferozes, mas-

todontos, recusitados inteiros dos camadas antediluvianas, que tendo-se encontrado n'um deserto desconhecido se ameaçavam mutuamente, e mutuamente se temiam, sem contudo se moverem da sua posição ameaçadora.

As arvores pareciam-me grandes tumulos, porque o poeirar das estradas as tinham vestido de branco. Dir-se-ia que os bosques escutavam pavidos, um mysterio druidor, celebrado á sombra das suas copas florescentes e verde-negras. Os choupaes, arqueados sobre o ribeiro, com elle estavam em muda e continuada conversa. E cada vez que meus olhos instinctivamente se moviam e pousavam n'aquelle quadro, que não offerencia novos horizontes, a vista que também não os procuravam, menos eccos se repetiam, mais o vago silencio augmentava. Até as borboletas tinham quedado sobre as flores, e pezadas de fadado tinham feito curvar os delgados estyletes em que algumas se tinham levemente debrucado. Sobre o calice trêmebundo d'aphan e azul pallido d'um lyrio desmaiado pelos raios do sol a ultima que doudejava inquieto por sobre todos, se foi pousar. A hastea franzina sentiu-se estremecer, e agitando a flor que sobre ella mal a sustenta fel-a cahir. Com ella rolou despercebida o pobre insecto, a quem o peso d'algumas folhas murchas, reduzindo-se a pó, tiraram a impossivel mesquinha vida. Assim a mulher, a mulher sanctificada pelo nome de mãe, a mãe, mirrada pelo sol do pudôr, depois de ter sido aquecido pelo fogo doudejante da volupia, esmaga sem querer o filho (a borboleta branca) que vem procurar o alvo mel de seus lirios brancos—as pomas.

E eu, ao vér todos aquelles objectos de muda apparencia, acabei de esgotar o calice do aborrecimento, e me deixei cahir n'uma somnolencia profunda, á espera que os mortos d'aquelle quadro taciturno recusitassem como o toque melancholico das trindades.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

o FILHO DE DEUS

POR

Maria Adelaide Fernandes Prata

Está a venda n'esta redacção este excellento volume.

ESTROPHES

UM VOLUME DE VERSOS

DE

ALBERTO PIMENTEL

PRECEDIDO D UMA INTRODUÇÃO

POR

GUILHERME BRAGA

PREÇO:

PORTO..... 200
PROVINCIAS..... 240

Recebem-se assignaturas no escriptorio da redacção d'este jornal, na livraria de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134, na livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16, e em Braga nos escriptorios da redacção do *Progresso e Gazeta de Braga*.

NOVA TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º
Praça de Santa Theresa, n.º 63.

O ANJO DA FAMÍLIA

(A JOSÉ PINTO RIBEIRO E SOUSA)

Os inchados forjadores de campanudas diatribes teem atirado tão insultuosas catilinarias ao sexo feminino, com tanta ousadia transpõem os limiares do santuario da familia, para procurarem a mulher na obscuridade da vida domestica e erguem-na á luz tibida das suas chispas epigrammaticas, que nem eu sei que evangelica paciencia a tem levado á resignação e privado de apanhar a luva, tantas vezes lançada! E' que elles ainda não gastaram um instante de meditação, analisando, com a discrição precisa, as feições esplendidas e admiraveis que caracterizam e distinguem o sexo feminino. E' que elles ainda não contemplaram a mulher, ao atrevesar as veredas tortuosas da existencia, representando o triplice e sublime papel de mãe, de irmã e de esposa... E' que elles nunca admiraram a mulher, curvada sobre um berço, confiando os globos do seio aos labios do filhinho!.. E' que elles nunca admiraram a mulher amparando o irmão infeliz, que uma estrella funesta conduz á beira do abysmo da desgraça!.. E' que elles nunca admiraram a mulher, corrigindo as rebeldias do esposo desattentado; confortando-o nas infelicidades, esforçando-se por prelongar-lhe a ventura nos dias bonancosos, finalmente, é que elles nunca admiraram a mulher ajudando a libar, nos prazeres, a ambrosia, e, nas dôres, o fel da taça, que só devia esgotar um homem, que pôde ser filho, irmão, ou esposo... A mulher opera o milagre de reconduzir o sorriso aos labios, quando golpeiam o coração as amarguras do infortunio, diz Paulo Janet, nas suas lições de philosophia moral, intituladas—*A familia*. E é assim...

A mulher eleva-se tanto pelo coração, como pela cabeça: tanto pela bondade como pela intelligencia.... Deve aspirar a mais alguma coisa do que a curar dos interesses da familia e da administração domestica. Ella não nasceu, exclusivamente, para educar os filhos e dirigir os criados; é preciso que tracte com os homens lidos, que conheça os livros onde pôde beber substanciosas doutrinas que deve trans-

mittir aos filhos, e que venha ao centro da sociedade estudar as tendencias do seculo, para saber como deve, convenientemente, educal-os.

A mulher, que vive presa na estreita area da familia e na obscuridade da vida domestica, faz-me lembrar a arvore enfezada por falta de espaço, a flôr que estiola nas trevas... Uma virtude que tanto distingue o temperamento moral da mulher é, de ordinario, a bondade; pôde dizer-se a primavera eterna dos corações femininos, que, desde a infancia até á velhice, toda se expande em flôrecimentos continuos. Os attractivos magneticos—deixem-me assim dizer—do seu temperamento phisico são, inquestionavelmente, a mocidade e a belleza, primaveras, quasi instataneas, que vão fugindo, quando o outono da idade se aproxima... A mocidade e a belleza, que são os imans do salão, perdem muito breve o seu magnetismo, por assim dizer. A mocidade é uma pequena cadea de ligeiros annos, que, passados em rissonhas idealidades, parecem mais ligeiros ainda! Quando os olhos começam a perder a sua viveza juvenil e as faces a desbotar, as cohortes dos galanteadores desertam e a mulher vem exilar-se no seio da familia, começando a viver, exclusivamente, para os seus. A belleza.... essa, vai d'envolta com a mocidade; depois ficam apenas os vestigios, que o sopro glacial do inverno vai apagando e extinguindo lentamente. A flôr murcha e não revive; foge-lhe a vida com a côr das petalas. Paulo Janet, na setima lição do seu excellente livro, falla da belleza e discorre assim: A primavera, dizem, passa para renascer; erro; a primavera não renasce: onde estão as flôres do anno passado?—Assim é. Onde estão as galas exteriores da mulher d'hontem? a belleza esplendida e attrahente, com que nos fascinou no ultimo baile, no ultimo espectáculo, no ultimo passeio, hontem á noite, hoje, ha instantes apenas? Foi uma metamorphose, que se manifestou sem se presentir sequer! Ha instantes, havia n'aquelle rosto um colorido que desbotou; n'aquellas pupillas um brilho, que se estinguuiu; n'aquelles labios um sorriso que se não mostra já!..

A mulher retirando-se então da grande

sociedade dos salões começa a viver, felizmente, na sociedade da familia; trocando affectos por affectos, pagando sorrisos com sorrisos, lagrimas com lagrimas, sente-se feliz n'aquella estreita area, sente-se contente nos braços da familia.

Immerecidas e injustas são as censuras que, em todos os tempos, tem soffrido o sexo feminino. Não chamem á mulher o anjo que perde, nem ao amôr o mel que envenena; nem a mulher perde, nem envenena o amôr... Nós é que nos deixamos perder, fazendo recuar o braço de mãe, de irmã ou de esposa, que se estendia para nos amparar na queda... Tanto sacrificamos a razão ás velleidades do coração, que semelhamos a borboleta, que procura a chamma em que se queima... A mulher é sempre o anjo que se perde para salvar-nos; motejamos a realesa da mulher no throno da sociedade e estendemos-lhe, voluntariamente, os braços, para que nos algeme os pulsos!.. «Nós, miseraveis despotas e miseraveis escravos, é que as fazemos más ao parecer do mundo; mas na pureza de sua essencia, na angelica porção que trazem do ceu, não podemos nós corrompel-as. Se não, corrompiamos.» Diz, na *Agulha em palheiro*, o snr. Camillo Castello Branco.

ALBERTO PIMENTEL.

A TOUREIRA

Historia d'um coração frio

(ROMANCE ORIGINAL DE F. M. DE SOUSA VITERBO)

(De pag. 167)

V

Quem era aquelle desconhecido que ia render finezas debaixo do balcão, que sobre o seu conto tão imprudente fechara as janellas, ilo-hei mente agora dizer ás minhas sensiveis e amaveis leitoras, que, não tendo ainda um coração a quem chamar seu irmão, estão anciosas porque eu lhes amostre o retrato do meu heroe. Já me parece que as vejo enamorem-se d'elle, e elevando-o no pedestal da phantasia darem-lhe o culto deva-

neador d'uma paixão romantica, que se introduz em segredo na alma, e d'ella se evapora sómente, quando os vastos e negros cilios se fecham, e se abrem os orificios do peito, durante um lindo sonho d'uma tarde de verão, dormida á sombra d'umas carvalheiras, perto d'um regato que murmura, e sobre a relva humedecida em parte dos crystaes, que as aguas, formando pequenissimas cascatas, ao emperrarem nos seixos, lhe atiram de vez em quando.

E em verdade, que se as côres frouxas do meu pincel não desbotassem, onde mais deveram aviventar, muitos olhos cubigosos ir-se-hiam de-traz sempre do meu quadro, buscando seduzil-o, enamoral-o, fixal-o, prendel-o.

Sanchez-Garcia é o seu nome, cortado d'outros, que lhe teceu uma linhagem numerosa e mui luzida. Inda tinha só dous annos, quando sua mãe, carinhosa em extremo para com o filho, embalando-o, cheio de orgulho, junto d'um oratorio, onde estava uma redoma, que encerrava um menino Jesus, talhado pelo mais delicado buril, comparando um com outro, bradou jubilosa e arrogante, ó meu filho o que te falta para seres o Christo na infancia?—serem louros os teus cabellos!—

A sua familia era uma das mais poderosas da Hespanha, tanto na fidalguia, como na riqueza. Os mimos da educação não lhe faltaram, mas não puderam tornar amollecido aquelle character pundonoroso, arrogante, despresador de perigos.

Em quanto que os companheiros de sua idade eram idolos de sala, ou, requebrados, iam lançar incenso ás estatuas seductoras, que aformoseavam os salões; elle corria selvas e montados, e no seu alazão atravessava as planicies, com a rapidez do raio, á procura da cabra montez, que, fugindo-lhe dos montes, se internava na garganta dos valles.

Mas quando apparecia nas salas despia os modos rudes, e sabia moldar-se perfeitamente ao bom gosto da etiqueta. As mulheres gostavam de o vêr, e os rapazes sentiam ciumes do amôr, que a todas, tão fatidicamente sabia inspirar. Amante de tudo o que era nacional, orgulhoso com as tradições herdadas d'um passado de gloria, rejeitava entrar nas danças, trazidas de terra estranha, e só escolhia par, quando um bolero delirante redomoinhava na sala, ao bater frequente das palmas, que entre gabos incitavam.

Se a educação phisica por natural tendencia se desenvolvia, não deixava com tudo por arrotear os campos da intelligencia, e ás fadigas equestres e montesinas era travesseiro e desenfado—inda que não muitas vezes—a leitura de alguns livros,

a quem o pó de muitos annos servia de capa, e d'outros, ainda frescos e humedecidos da tinta da impressão.

Narrativas de cavallaria, e proesas de fidalgos andantes sobre modo lhe enchiam a imaginação, e levado por estes exemplos, mortos no seio da fidalguia de hoje, vivos tão sómente nas apagadas folhas dos livros d'então, não deixava de perder ensejo, em que podesse mostrar os brios, de que sua alma tambem era dotada. A bem do seu character, devo, porém, accrescentar que não era por excentricidade nem mania, que tal regra de vida lhe convinha, mas sim por força de genio proprio, inimigo de baixezas, rebatedor de injurias, accusador de agravos. Sabia calcular a differença, que vai do sublime ao burlesco, e por isso nunca se expunha a dicerios nem a vaias de espiritos mesquinhos, mas nunca as boas occasiões, pela razão contraria, deixou de aproveitar, para lustre de seu nome. Os ridiculos feitos de D. Quixote faziam-lhe dar trambolhões de riso, porém o correr aventuras em viagens de recreio, lhe parecia uma cousa phantastica, e muito d'encher cabeças orientalistas, como são estas de Hespanha.

A sua vida era curta, mas a chronica de suas acções era larga em demasia para idade tão verde. Passagens de amor, contos quasi miraculosos, em que o bom genio, que sempre triumphava, ávido sempre de novas victorias, era o seu coração: eis as lápides, que mais amiudadamente marcavam o seu perigrinar de jornalista sentimental.

Um anjo bom, e diabolico ao mesmo tempo, tinha carreado á flôr de seus olhos um iman, que attrahia irresistivelmente. As mulheres deixavam-se cahir gostosas, ali, n'aquelle fóco, como as borboletas n'uma chama, accendida entre rosaes em flôr, sobre as quaes adormeciam, acobertadas pelo orvalho macio das noites serenas da primavera.

Feliz moço! diziam algum tanto enraivecidos os seus companheiros. Feliz, em verdade. Tudo n'elle concorria, fortuna, belleza e galhardia. Quem mais dotes para attrahir mulheres? Que mais cadeias, para render femenis corações, já fracos de per si?

O berço da Andaluzia ha muito que o esperava para o aconchegar ao seu peito de delicias. Aquelle laranjal flôrente do vergel da Hespanha, ha muito que sobre a cabeça d'elle queria succudir de suas folhas um liquido vertiginoso, que mais o entusiasmasse, que lhe vertesse mais seducção, se possível fóra.

Ha oito dias apenas que tinha chegado a

Sevilha, e todas as mulheres já o conheciam, como se de ha muito a vel-o estivessem affeitas. Considerava-se feliz aquella, que recebia, intencionalmente, e por acaso, um dos seus olhares magneticos. Algumas chegavam a dizer que lhe tinham ouvido a falla, n'uma entrevista nocturna; outras que lhe tinham apertado a mão aavez das grades da sua gelosia; outras, mais felizes que todas, e que todas mais arrogantes, accrescentavam finalmente, que lhe tinham gosado a doçura de seus labios, que, descuidosos, se colaram ás suas faces, no decurso d'um baile.

Elle, porém, não dispartia o seu coração, não confiava os seus cuidados a mais d'uma pessoa. O seu amor ia-o collocar sómente sobre um altar, mas esse sacrario, por infelicidade, todas as vezes se conservava fechado ás supplicas e rogos seus.

Dias antes da sua chegada á patria de Murilo e Zurbarran, tinha voltado de Madrid, depois d'uma digressão artistica uma mulher, eriança quasi, distincta pela sua rara belleza, e pela fama, que tão rapidamente, tinha sabido grangear.

Chamava-se Chiquita. Filha d'um dos mais valentes matadores de curro, tinha uma habilitade e destreza immensa para a arte tauromachica, e por isso era mais conhecida pelo nome de Toureira. Em todos os circos da Hespanha se apregoavam as suas proesas, porque em todos tinha colhido louros abundantissimos.

Sanchez tinha-a visto na primeira corrida de touros, com que ella mimoseava os seus conterraneos, depois de sua volta, e, desde logo, sentiu que o seu coração por ella sómente palpitava. Todas as mais affeições se tornaram em lembranças vagas e sem destino. Todas as paixões que tinham feito devanear o seu coração, como em colar de perolas as reatou, e todas junctas as foi lançar aos pés d'essa mulher, para que bem as calcasse. Elle, o orgulhoso, humilhava-se, affeito a todas as humenagens, rendia-se agora. Mas esta degradação inda mais o elevava, inda mais o enchia de jubilo, inda mais lhe fazia estontear a cabeça n'um amor, cheio de delirics.

Ao sabir da praça Sanchez estendeu a sua capa, para estrado aos pés da Toureira, e esta passando sobre o aveludado tapete, sorriu para as multidões, que ainda na rua lhe davam applausos, e deixou esquecido, sem o premiar com um leve aceno de cabeça, o novo amante, mysteriosamente forjado — perdoe-se-me o arrojado expressão — na chamma ardente de seus olhos.

(Continua.)

VIRGINIA

(De pag. 254)

III

Em quanto Alberto se ria com os seus amigos á custa de Virginia, estava ella em sua casa bordando ao lado de Candida, sua irmã mais velha.

A's vezes apparecia em seus labios um sorriso que ella reprimia, para que não fosse visto por sua irmã.

Outras vezes parecia meditar, e, de momentos a momentos, murmurava o nome de Alberto, mas tão surdamente, que só quem approximasse o ouvido dos seus labios poderia perceber-o.

Tão entertida estava a pensar que, durante alguns minutos, esqueceu-se do trabalho, o que foi notado por Candida, que lhe perguntou:

—Em que pensas, Virginia?

Esta estremeceu, e, por unica resposta cou.

—Não ouves?—tornou sua irmã—em que pensavas tu?... O teu silencio faz-me desconfiar... Virginia, ha alguns dias desconheço-te... Até aqui, era eu a tua confidente, e bem sabes que nunca trahi a confiança que em mim depositaras.. Porém agora tens segredos que me ocultas, não sei porque motivo... Já não mereço a tua confiança?

—Não digas isso, Candida! E' verdade que tenho um segredo que ainda não te revelei, porque tinha receio de que não approvasses o meu procedimento... Mas.... vou-te dizer tudo...

E em poucas palavras lhe relatou a sua affeição por Alberto. Sua irmã abanou a cabeça em signal de desapprovação, e disse:

—Virginia! ainda estás muito nova... por em quanto não devias pensar em semelhantes cousas... Vê se podes esquecer Alberto, e não te deixes arrastar por a tua paixão que póde vir a ser-te fatal.

—Não posso, Candida. Sem o amôr de Alberto, seria-me impossivel viver.

As duas irmãs callaram-se e continuaram o seu trabalho.

A' noute, recolheram-se ao quarto e adormenteceram, depois de terem resado as suas orações.

Já a estrella matutina principiava a entornar sobre o mundo uma luz tenue, com que dourava o cume dos montes; e o somno de Virginia, até alli placido e socegado começava a tornar-se inquieto.

Candida acordou com o barulho que fazia sua irmã sonhando, a qual, com os braços estendidos, como se tentasse segurar o seu amante, gritára:

—Alberto! por quemés não me abandones.. não sejas tão cruel... Olha... escuta-me... Eu... sem o teu amor... não posso viver... Se acaso me aborreces... dize-m'o francamente... mas... antes de abandonar-me... tira-me a vida...

Acordou n'este momento... Um suor frio lhe banhava o corpo... Levantou-se no leito, e olhou á roda de si... Sua irmã fingia dormir. Ella, vendo que ninguem a tinha escutado tornou a deitar-se.

Candida conheceu por este sonho que era já impossivel persuadir-lhe que despresasse a affeição do mancebo

AUGUSTO QUEIROZ.

(Continua).

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 251)

XXXII

A FUGA

Ainda José não tinha dado meia duzia de passos e sentiu fechar-se a porta por onde sahira.

—Lá vos avinde! disse elle affastando-se rapido. Não quero nada com almas do outro mundo. Só é que lá não tendes de ver-me. Ao ar livre está-se melhor.

O marujo fechou o mais succinto que pôde a porta com todos os ferrolhos, e subiu os degraus que levavam ás sallas. Abriu a porta, que tinha a chave na fechadura e caminhou por um corredor comprido. Viu a porta d'um quarto aberta. Entrou. Era quarto de mulher, e pela desordem da roupa e da cama conheceu que era de quem se tinha levantado á pressa. Devia ser o quarto de Miquelina, e por elle ia-se ao de Maria Isabel. Adiantou-se. Viu outra porta fechada. Não tinha a chave. Começou a tirar os gonzos d'um lado. De dentro ouviu a voz de Maria Isabel perguntando quem estava alli.

—Sou eu, respondeu Francisco pelo buraco da fechadura. Não tenha medo, e arranje-se para fugir d'este encalhadoiro do pccado.

A porta em breve franqueou passagem á donzella que estava tremula e agitada de susto.

—Meu salvador, disse ella com voz reconhecida, quanto lhe devo! Tentei arrombar a janella de noite, mas não tinha senão uma thesoura, e receiava fazer bulha. Que seria de mim se não fosse o senhor Francisco?!

—Siga-me, e não falle, nem tenha medo.

—E se esses homens dão com nosco e matam o senhor Francisco?

—Não me matariam assim como um gato, havia de custar-lhes; mas fechei-os todos na quinta, menos o alcoviteiro-mór.

Sahiram do quarto, foram por o corredor e chegaram á cosinha. Francisco fechou com a chave a porta que dava para o corredor, atravessaram a cosinha e sahiram para o pateo. Não pôde o moço fechar a porta da cosinha por fóra como queria; ella não tinha chave. Abriu o portão e viram-se no caminho publico.

—Graças a Deus! disse a orphã, estou fóra d'aquelles muros! Quanto lhe devo senhor Francisco?..

—O peor, replicou o marujo, é que a senhora D. Mariquinhas não poderá ir a pé até ao Porto.

—Deus me dará forças. Vamos mais depressa.

—A senhora D. Mariquinhas cança-se se vai muito de pressa. Mas espere... Este sitio é

muito solitario. Dê-me licença de levar-a ao cô-lo até chegar á estrada.

—Obrigada... Não é preciso. Caminhemos depressa.

—Dê-me ao menos essa capa que vai a incommodal-a; e deite o chaile pela cabeça. Vai sem chapeu e o nord'este está de levar coiro e cabello: e logo nos bate de prôa! Temos de navegar á bolina; mas em chegando á estrada, virar-lhe-hemos o costado. Se o snr. Maximino advinhasse... Ter-me-ia trazido reforço e conducção.

—Deus me livre d'isso senhor Francisco!.. O snr. Custodio da Cunha podia levar isso a mal; e mesmo seria desairoso para mim que o snr. Maximino viesse ajudar a libertar-me; poderia suppor-se... que...

—Que elle lhe quer bem; não é isso? Pois senhora D. Mariquinhas suppunha-se a verdade. E v. s.^a não lhe quer bem a elle? Perdoe a minha confiança; e falle-me como se eu tivesse a honra de ser seu irmão. Diga, diga, não lhe quer bem?

—Meu irmão?.. Bem o tem sido. Não tenho a felicidade de ter irmão, mas achei um dos mais dedicados no snr. Francisco.

—Então porque não responde á minha pergunta?

—Meu bom irmão, acha-me tão pouca delicadesa, que me deixasse ir a sentimentos demasiado ternos pelo filho dos meus bemfeitores?

—Não entendo bem a resposta; mas se é, como se me afigura, contraria ao amôr do senhor Maximino, é uma ingratição de que não julgava capaz a senhora D. Mariquinhas. E então agora que o snr. Custodio da Cunha tinha dito que a queria para nôra...

—O senhor Custodio da Cunha disse?... disse?..

—Disse que a queria para noiva de seu filho. Então agora?.. Mas a noticia fez-lhe mal!.. Parece que não pôde andar.

—Estou fatigada.

—Apegue-se ao meu braço, se não tem vergonha d'ir pelo braço d'um marinheiro.

—Vergonha, meu bom Francisco?

—Ah! é assim que me chama o senhor Maximino quando fallamos de v. s.^a Apegue-se bem, e não tenha medo. Estamos na estrada d'el-rei, e aqui não poderão os piratas agarral-a. Teremos quem acuda se fôr preciso. Mas deixei-os todos a refrescar na quinta do demo, e o capataz vai viajar. Póde assentar-se um pouco. Já vai muito cançadinha.

—Não, meu bom amigo, não. Caminhemos.

(Contiuua).

A

F. M. DE SOUSA VITERBO

A'vante, amigo! Nas letras
Tens um futuro brilhante,
Que de c'roa radiante
Tua fronte cingirá!
Prosegue!—Como do vote
Que de Ignez cantou a morte
Das musas lêda cohorte
Teu nome celebrará!

Oh! quanto nos arrebatam
As bellezas da poesia,
Que, com tanta primasia,
Tu derramas nas canções!
A musa d'um grande vulto
E' quem o teu genio inspira...
Ao morrer, sagrou-te a lyra
O mesmo vulto... Camões!

Como elle sagra teus cantos
A' patria, de quem és filho...
Ao mundo recorda o brilho
E gloria do teu paiz?
Aponta-lhe o heroico Porto,
Palladio da liberdade,
Que, arrogante, jamais hade
Ao jugo dar a cerviz!

AUGUSTO QUEIROZ.

AS DUAS DESAFORTUNADAS

Tradução

DE

EMILIA ROSA DA SILVA

(De pag. 254)

Tal te mostra um amôr fatal o asylo da honra, o porto tranquillo da innocencia? Que é logo o mundo no teu conceito? Saberás que esse mundo é um idolo; é o interesse. Todos os obsequios são para os venturosos, e só tocam ao desafortunado o despreso, o desempare e esquecimento.

—Ah! minha mãe, separa dessa multidão estragada o que...

—O que amas, não é assim? Bem sei o que elle te podia ter dito; que não é cumplice na iniquidade de seu pai, e que a desaprova e se lastima de ti; que quer resascir a sem razão, que se te faz. Promessas vãs, discursos de rapaz, que amanhã já não lembram. Mas quero que seja constante no seu amôr, e leal nas suas promessas, seu pai é moço, e virá a ser velho; pois os malfazejos envelhecem, e todavia o amôr se extingue; falla a ambição, a obrigação manda; apparece um grau, uma liança, uma fortuna, e torna-se em riso de publico a amante credula e enganada. Esta a sorte que te esperava e tua mãe salvou-te d'ella. Hoje custote algumas lagrimas, mas dia virá que me abençoes. Vou-me embora, filha; prepara-te para o sacrificio que Deus quer de ti. Quanto mais penoso fôr tal sacrificio, mais digno d'elle será.

—Que queres, senhora, que te diga? Foi forçoso resolver-me a elle. Tomei este veu, esta toalha, entrei na vereda da penitencia; e em quanto durou o tempo do noviciado, em que cada qual é ainda livre, esperei vencer-me a mim mesmo, e só attribue a minha irresolução e fraqueza, á triste liberdade de poder arrependerm-me. Já me tardava o dia de ligar-me a um juramento irrevogavel: dei este juramento; renunciei o mundo: pouco era isto. Mas, triste de mim! renunciei o meu amante, que para mim era mais que renunciar a propria vida. Ao preferir os votos, errante minha alma sobre os meus beijos parecia estar a ponto de desamparar-me. Mal tive valor para arrastar-me aos pés dos altares; e foi necessario que me retirassem d'elles expirando: Veio minha mãe ver-me arrebatada de cruel alegria. Perdoai-me, meu Deus; que eu respeito-a, ainda lhe tenho e terei amor até o ultimo suspiro. Estas palavras de Lucilia

foram cortadas de soluços, e dois rios de lagrimas inundaram-lhe o rosto.

Estava o sacrificio consummado, continuou ella, depois de largo silencio; era eu Deus e de nenhuma maneira senhora já de mim. Rotos deviam d'estar todos os vinculos dos sentidos, pois acabava de morrer para a terra e eu assim o entendia. Mas que susto não tive ao entrar no abysmo de minha alma! N'ella tornei a achar o amôr, mas o amôr furioso e reprehensivel, o amôr vergonhoso e desesperado, o amôr sublevado contra o ceu, contra a natureza, contra mim mesmo, consumido de pezares, despeçado dos remorsos, e transformados em raiua. Que fiz eu? mil vezes exclamei, que fiz eu? Affigurou-se-me no pensamento com tudo quanto tinha d'encantador o mortal adorado, que eu não tinha de tornar a vêr. O ditoso laço, que não podia deixar de unir-nos, todos os instantes d'uma vida deliciosa, todos os movimentos de dois corações, que só a morte poderia separar, vieram pôr-se diante de minha alma, estupefacta.

—Ah! minha senhora! que lastimosa imagem! Não houve nada que eu não fizesse para riscar-a da lembrança. Cinco annos ha que n'esta lidã ando, e sempre torno a vel-a diante de mim: de balde faço quanto posso por fugir ao somno que m'a representa; de balde evito a solidade, onde ella me espera; aos pés dos altares venho outra vez achal-a, e comigo a levo ao seio do mesmo Deus. Apiedou-se, todavia, de mim este Deus clementissimo; e o tempo, a razão, e a penitencia attenuaram os primeiros assaltos d'esta paixão criminosa, mas veio em seu logar sobre mim uma dolorosa debilidade. A cada instante sinto-me ir finando, e o praser de ver-me perto da sepultura é o unico, de que hoje goso.

—Oh! exclama a marquesa de Clarença, depois de tel-a ouvido, qual de nós será minha querida Lucilia, mais digna de lastima? As tuas e as minhas desditas são effeitos do amôr; mas tu amaste o mais terço, leal, e agradecido homem, e eu o mais atraçoado, desagradecido, e cruel, que tem havido. Tu deste-te ao ceu, e eu entreguei-me a um aleivoso: triumpho foi o teu retiro, o meu um opprobrio; choram por ti, amam-te e respeitam-te: e a mim ultrajam-me e trahem-me.

Foi o marquez de Clarença de todos o mais apaixonado amante, antes de casar. Era moço, amavel, por extremo encantador; dava annuncios da indole mais feliz, promettia todas as virtudes, assim como tinha todas as graças. Seu genio docil, e muito dado, recebia tanto ao

vivo a impressão dos sentimentos honestos, que pareciam que nunca poderiam extinguir-se. Misera de mim! Não lhe costou nada para inspirar-me aquelle amôr, que elle tambem tinha ou que me julgava ter. Concordavam com esta mutua inclinação todas as conveniencias, que constituem os grandes casamentos, e meus parentes que o viram nascer, consentiram em coroal-a. Dous annos volveram-se na mais terna união. O' theatro das vicios! triste escolho do amôr, da innocencia, e da virtude! Meu marido, que até então só vira de passagem os da sua idade, e para divertir-se, dizia elle, com suas travessuras e ridicularias, insensivelmente respirou a peçonha do seu exemplo. O luzido aparato de suas insipidas partidas, as mysteriosas confidências de suas aventuras, as pomposas narrações de seus vaidosos prazeres, os elogios prodigalisados com seus indignos requestamentos, desafiavam-lhe no principio a curiosidade. Já não era para elle tão encantadora, como d'antes, a doçura d'uma união placida e innocente; já eu não tinha outros talentos senão os que provem d'uma educação virtuosa, e notei desejar elle que eu tivesse outros mais. Perdida estou, disse comigo; já meu coração não contenta-o seu. Com effeito de então em diante a sua assiduidade era mera decencia, e já elle não antepunha por gosto aquellas doces praticas, aquelles para mim deliciosos entretenimentos secretos, que tinhamos um com o outro, áquelle ir e vir d'uma tumultuosa sociedade. Convidou-me elle mesmo a divertir-me para authorisal-o em distrahir-se. Tornou-me mais pesada: opprimia-o. De maneira que tomei o partido de deixal-o em liberdade, a fim de que podesse desejar-me, e tornar a ver-me com prazer, á vista d'uma comparação, a qual entendia eu que devia ser em vantagem minha; mas assebhorearam-se certos moços estragadores d'esta alma, que por desgraça era tão facil de render-se, e desde que molhou os beiços na peçonhenta taça, foi sem remedio a sua embriagueza e o seu erro. Quiz reduzil-o ao que lhe cumpria, e não era já tempo. Ah! que deitas-me a perder, meu querido, disse-lhe eu; e posto que horrosa cousa seja para mim o vêr que roubam-me um esposo, em que constituia as minhas delicias, o teu erro, choro, mais por teu, do que por meu respeito. Buscas venturas, onde por certo não se dá e nunca a tua alma se verá contente com falsos bens, e vergonhosos prazeres.

(Continua.)

NO ABYSMO

C. A.

Sem bussola, sem leme,
Na vaga do destino
Caminhei.
A noite era de trevas...
Abriu-se-me um abysmo...
Sossobrei...

O naufrago ainda lucta...
Quer salvar-se das vagas,
Sem podêr...
Quem hade vir erguel-o?..
Quem póde inda salvar-o?..
Tu, mulher...

Agosto—1865.

ALBERTO PIMENTEL.

NAPOLEÃO E O PORTADOR DOS DESPACHOS

Um caçador a cavallo foi encarregado de levar de Milão a Montebello despachos mui urgentes; á sua chegada achou Bonaparte prestes a partir para a caça, entregou-lhe o masso, e esperou a resposta. Bonaparte lh'a deu logo.

—Vae, lhe disse, e sobre tudo vae de pressa.

—General, irei o mais depressa que fôr possível; mas não tenho cavallo; arrebentei o meu por ter vindo com demasiada pressa, está estendido morto á porta de vossa casa.

—Não e falta mais do que um cavallo? Toma o meu.

O caçador fez difficuldade de acceital-o.

—Tu o achas muito bello, mui ricamente ajaezado; vai, meu camarada, não ha nada que seja demasiado magnifico para um guerreiro francez.

O caçador saltou sobre o cavallo de Bonaparte, voltou a Milão, abençoando o general, ao qual nada custava a fazer quando se tractava de recompensar os defensores da patria.

A SAB'CHONA

Certa senhora tida em grande conta, achando-se um dia em uma sociedade, disse:—morreu Fuão, e deixou por seu *Bestamenteiro* a Fuão. Riram-se os circumstantes, e ella desconfiada tornou,—sim, senhores; em Coimbra, onde se aprende a fallar, assim se chama, dou por

testemunha meu mano, que é *Bacharelo* em *Leizes*.

FRADES BERNARDOS

Certo homem rico tendo um filho de pouca habilidade metteu-o no convento d'Alcobaça. Passado algum tempo veio o D. Abbade ter com elle, e disse-lhe que mandasse buscar seu filho, porque não tinha geito para nada. Ao que elle respondeu desatando uma rija gargalhada. — «Essa é boa! Se meu filho tivesse juiso não o mettia eu Frade Bernardo.»

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ESTROPHES

UM VOLUME DE VERSOS

DE

ALBERTO PIMENTEL

PRECEDIDO D'UMA INTRODUÇÃO

POR

GUILHERME BRAGA

PREÇO:

PORTO..... 200
PROVINCIAS..... 240

Tambem se recebem assignaturas no escriptorio da redacção da *Esperança*, Praça de Santa Theresa n.º 63, na livraria de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134, na livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal, n.º 2 a 16, e em Braga nos escriptorios da redacção do *Progresso e Gazeta de Braga*.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

Compra-se n'esta redacção o numero 29.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

O MARQUEZ DE POMBAL

Já cento e dez annos tinham decorrido, desde que Portugal havia quebrado as algemas do servilismo, e levantado a cerviz livre do jugo hespanhol, quando D. José subiu ao throno portuguez a empunhar o sceptro da realeza e a presidir aos destinos d'este povo. Ninguem então deixava de encarnar em D. José o typo nobre e altivo de seus antecessores.

Com a sua aclamação abriu-se aos olhos do povo portuguez um horisonte de esperanças, que vinham minorar a saudade, por todos sentida, da morte de D. João V. Mas não pensem que as glorias do filho vinham deslumbrar e escurecer os do pae. Não; que ainda hoje lá estão a memorar tão grande homem e instruido monarcha a Academia real d'história, a Basilica de Mafra, as casas d'armas de Lisboa e Extremoz, o aqueducto das aguas livres, o famoso hospital das Caldas da Rainha, e a riquissima livraria da Universidade de Coimbra. O reinado do pae é brilhante; o do filho, porém, alcançou um cunho de perpetuidade admiravel, porque um só nome e um só facto o eternisam. Sebastião José de Carvalho e Mello é esse nome; o espantoso terremoto de 1 de Novembro de 1755, esse facto. Nem se pôde pronunciar tal nome, sem se fazer menção do tempo em que elle se immortalisou. Comtudo a estrella de D. José era mais funesta, do que a de D. João V. Em 1755 quando os ministros de sua magestade trabalhavam em povoar as colonias d'America, Lisboa, a decantada esposa do Tejo, que a espada de D. Affonso Henriques resgatára das mãos de maura gente, converteu-se n'um montão de ruinas que foram o tumulo de tantas victimas!!... O terremoto foi geral em todo o reino, porém em nenhuma parte tão sensível como em Lisboa; por ser acompanhado d'um terrivel incendio, que ao principio se julgou accidental, mas que depois se veio a saber, que fôra lançado por alguns malfeitos, que se aproveitaram da desgraça publica, para roubarem a cidade.

A maior parte do povo refugiou-se em Belem, e o que na attribuição se não lembrou de procurar tal abrigo, ia perecendo pelas ruinas e

voracidade do fogo. Os bairros e os templos mais importantes da cidade ficaram, por fatalidade consumidos pelas chammas. El-rei, a rainha e a familia real retiraram-se do paço um momento antes de se arruinar este edificio. Fôra o anjo tutelar dos infelizes que baixára á terra a preservar a vida do rei das fauces sanguisentas da terra. Mas o que parece incrível, é que até os navios, que navegavam mar-alto, a sessenta leguas de distancia da praia sentissem esta violenta commoção! E tambem se notou agitação nos mares de Hespanha, Inglaterra, Irlanda, e Baltico, que dista da costa de Lisboa vinte mil milhas. Sebastião José de Carvalho e Mello, então secretario de estado de sua magestade, era o homem destinado para fazer resurgir o Lazaro do sepulchro. Em fevereiro de 1756 principiou o ministro a tratar da reedificação de Lisboa.

Porém para a construcção das edificios publicos eram precisas immensas sommas; e, como faltassem recursos pecuniarios impoz um tributo de quatro por cento sobre todas as mercadorias estrangeiras. Para castigar os ladrões que aproveitando-se da occasião roubaram a cidade, mandou o ministro arvorar forcas á roda de Lisboa, e dentro em pouco duzentos cadaveres se viram pendentes d'ellas. Saiu então do pó das ruinas uma cidade bella, bonita e pittoresca, que constitue hoje parte do que se chama cidade baixa. El-rei para premiar os relevantes serviços do seu ministro elevou-o em 1759 á dignidade de conde de Oeiras.

No anno de 1770 fôra o conde d'Oeiras agraciado com o titulo de Marquez de Pombal. Alguns alcunhavam de tyrannia o procedimento do Marquez. Accusações contra elle levantaram-se os jezuitas (que expulsara de Portugal em 1759) e outras pessoas d'elle queixosas. Comtudo havia exaggeração n'aquellas accusações, por sairem da bocca de seus inimigos, que no reinado de D. Maria I alcançaram que elle fosse demittido do ministerio e obrigado a sair da côrte, e a viver fôra d'ella.

Instaurando-se contra elle um processo foi julgado criminoso; porém D. Maria I salvou-o ainda do escarneo d'um patibulo. A rainha de-

pois da demissão do marquez assignou um decreto, que absolvía todos os reus, que por ordem de seu pae estavam presos e desterrados. O marquez retirou-se então para a sua quinta do Pombal, desgostoso e perseguido de seus inimigos, onde morreu em 5 de maio de 1782, com 83 annos d'idade.

A TOUREIRA

Historia d'um coração frio

(ROMANCE ORIGINAL DE F. M. DE SOUSA VITERBO)

(De pag. 259)

V

Desde então, todos os momentos da vida de Sanches não eram seus, eram d'ella. Noite e dia a procurava. Mas a noite prolongava o martyrio do dia, e o dia encurtava a esperança da noite, sem que um só momento o coração frio da Toureira, credor de tantas finezas, se delectasse com tanto soffrimento, se compadecesse de tão mesquinha sorte.

Vimol-o, ainda ha pouco, atirar á corrente do ar, que embalsamava as faces da sua amante (d'elle, porque a amava) umas estrophes apaixonadas, e em troca d'isso que recebeu? a indiferença, o desprezo. Deixou lá o amor e traz agora o desespero nos labios, no coração não, porque tambem lhe ficou preso ás persianas da maldita gelosia.

Vai-se a lua amortalhando nos veus diaphanos da aurora, e elle recolhe-se a casa, mudo, triste, vagaroso, inquieta sómente a phantasia. Na sua pousada, abriga-se tambem um companheiro de viagem, amigo intimo desde a infancia. Pouco antes, amortiçara a luz, e se envolvera nos lençoes, mas ainda não tinha pegado no somno, quando Sanches entrou. Ao franquear a porta da sala, cabisbaixo e com a respiração alterada, encostou-se por um pouco junto do leito do seu amigo, e murmurou—tão pouco para si—como tu és feliz! que socego! Depois, puxando pelo violão, que trazia debaixo do braço, o atirou ao chão, e ao mesmo tempo, que lhe punha um pé por cima para o esmigalhar, soltou estas palavras, como em gritos—«Vio-

lão, meu violão, tu já não és o meu instrumento de gratas melodias. Tu já não sabes traduzir as tempestades da alma. Outr'ora tu gemias como um ribeiro entre cômoros, que se avizinham, e se tocam com as cabeças de suas flores pendentes; hoje nem tens a tristesa da ultima endeixa do rouxinol, nem a monotonia d'um canto d'ave d'agouro. Violão, ó meu violão, ou meus dedos não são dignos de dedilhar as tuas cordas, de as acordar do seu somno melodico, ou tu perdeste o peito d'ave, que dentro em ti gorgeara, e pôdes morrer sem pompas de funeral. Morre, pois, ó meu violão, ó meu inseparavel amigo de todos os brinquedos e regalias da mocidade...» E ao acabar de dizer isto, o violão estalou, gemendo triste, ao exhalar a ultima parcella de musica, que, dentro em si, continha.

—Amigo, amigo, lhe gritou o companheiro em sobresalto com aquelle barulho inesperado, amigo, amigo.

Sanches não respondeu. Se não era senhor de si, que responsabilidade havia de ter nos actos, que praticava? A paixão sómente exercia o seu dominio. O delirio continuou a falar n'elle d'esta maneira—«Pobre violão, tu não tens culpa nos meus desatinos. Eu é que sou o reu. Eu não, é minha alma, esta mesquinha escrava, que pretende zombar de mim. O' alma vil, que perdeste a essencia perfumada, em que outr'ora te banhavas! Já não és digna do teu nome. Parece que te converteste em materia sem força, ó alma. Que febre te devorou, ou que gelo te fez entorpecer? Coração, para que te abrigas ainda, na tenda do teu seio, se já partiu a caravana das paixões, que te alimentavam? Porque não assomas á flor de meus labios, para n'elles vir derramar o oleo, que tantas paixões colava, que tantos corações prendia? Eu hoje já não sei dizer, senão phrases banaes. Sou o mesquinho repetidor d'umas palavras sem fogo, e sem sentido. Outr'ora, meus olhos eram dous globos de luz e de intelligencia; hoje são frouxos, mortos, apagados. Porque te não vens reflectir no seu chrystallino espelho, ó coração? Punhal, que vives a seu lado, vingame! Que é feito do meu punhal? onde é que eu o perdi?...»

A mão do amigo susteve-o. Erguendo-se

apressado, pedindo ao coração forças, para tornar a amisade n'um reflexo do amor de mãe. lhe cingiu com o braço o pescoço, e ao mesmo tempo, que o obrigava a assentar-se n'uma cadeira, lhe bradou—«Sanches, que desatino é o teu? Enlouqueceste por ventura? Alguma paixão malograda? Algum ente infernal, sob as fôrmas de mulher, te deu a beberagem da loucura, n'um osculo amargoso, na apparencia, de mel? Regeitam o teu coração? Cospem-te o desprezo? Ouvite fallar, no labyrintho das palavras, que soltaste—muitas sem nexo—em sonhos de felicidade, que não podias realisar, em paixões não correspondidas. Qual é a mulher que te despreza? Por ventura pôde existir alguma?

—Ironia pungente! Não me faças d'essas perguntas; atalhou Sanches.

—Perdãc — continuou o amigo — Pôde-se acreditar que o cavalheiro mais fidalgo das Hespanhas chegou a tropeçar em corpo de villão ruim, que lhe tentava estorvar o caminho da felicidade? Tens por ventura um rival? Socega. O desprezo da mulher, que tu amas, para com elle, será a tua melhor vingança.

—O peor é que ella me despreza!

—A ti—impossivel! Tu que desfazes, em querendo, o élo mais forte, que existir entre duas almas; tu que pôdes dispôr do coração de todas as mulheres; que das apaixonadas d'uma semana poderas formar um harem, senão fosses superior aos gosos superfluos de materia; tu despresado por uma mulher, que não vale talvez o sorriso d'uma das tuas passadas amantes!!

—Oh! que vale! Nunca ouviste fallar na Toureira? Nunca lhe viste o labio sereno, o peito farto, a cinta tenue, o olhar de cobra, que magnetisa, a garganta flexivel, as azas do nariz dilatadas, como a respirar volupia, a cabeça arrogante, envolvida em madeixas negras, que lhe formam, sobre a neve dos hombros, estendal buliçoso que lhe guarda o pudôr?

—Embora! Se essa mulher é a perfeita estatua da formosura, então é filha da concepção de Satanaz, caminha na terra, abordoada ao cado do egoismo, fecha o seio para a ventura, abre o labio para maldizer, não quer amar pa-

ra fazer sempre vivida no peito d'um só a chama da perdição. Não te abandones, pois, a um capricho cego, a um desatino sem causa. Despresa-a, que bem cedo se te humilhará. Finge que amas outra, para lhe fazeres despedaçar o coração com um negro ciume. Quantas não anceiam por um sim amoroso dos teus? Inda não ha muito que ali vieram entregar uma carta para ti, que pelo cheiro é certamente de amores. Talvez seja d'ella. Arrependeu-se de te ter feito soffrer, e pretende reparar as suas culpas.

—Não me dilates mais uma esperança vã! Dá-me essa carta.

Sanches rasgou-lhe o involucro com a maior precipitação, e logo se poz a lê-la em voz alta, para que ouvisse o seu amigo. Resava assim:

«Fins da tarde, vi-te hontem, a primeira vez. Ias com a cabeça baixa. Porque não olhaste para a minha janella, que logo te quizera, na muda expressão de meus olhos, revelar o ardente amôr, que por ti sinto? Anda depôr os lirios do teu coração, no vaso transparente do meu seio. Eu já pedi a uma estrella, para que á noite fosse testemunha dos nossos colloquios, impregnados de sentimento e de felicidade. Não me faltas esta noite. Não me dilates o martyrio, que desde hontem estou supportando com gosto, enquanto me alimenta a esperança de que poderei partilhar das paixões de tua alma, mas que me será morte, logo que eu saiba que tu me não amas. Vem, pois fallar comigo esta noite. Na calle d'el Hombre de Piedra, na janella onde um lenço branco fluctuar, lá estarei eu anciosa por te ouvir.

tua amante estremosa

Briolanja.»

Sanches mal acabou de lêr, todo impacientado, amarrotou entre as mãos o papel, e lançando-o ao chão, exclamou—que insolencia! Isto merece uma resposta dura de tragar!—E inda não estavam bem proferidas estas palavras, assentou-se á mesa, e escreveu a seguinte carta, que para si ia dictando em voz erguida.

«Mulher desconhecida.

Li, cheio de aborrecimento, a tua carta. Causaram-me tédio as tuas expressões. Quem te deu tanta ousadia, para assim te dirigires a mim, mulher, que eu nunca vi? Passei hontem de cabeça baixa, junto da tua porta, mas escrevo-te agora com a cabeça altiva, arrogante, insultadora. O' mesquinha, porque não leste, nas rugas antecipadas de minha fronte, escripto o pesar denso, que me enchia de perturbações a alma? Porque não soubeste adivinhar que o meu destino já estava collocado nas mãos de uma donzella, que o meu coração se andava esfacelando por um amor duro, intenso e não correspondido? E tu vieste no meio d'esta paixão, que me abre no futuro, que me será curto, um abysmo de morte, e, no presente, me cava, junto das plantas um mar de desespero; e tu vieste, louca, augmentar as borrascas d'este temporal medonho! Participa d'este naufragio. Eu recuso-te a taboa de salvação. Não confies em nada, nem esperes, emquanto eu assim fôr o ludibrio de uma paixão desastrosa. És o instrumento da minha vingança! Ó que vingança tão de appetecer! Deleito-me com os padecimentos d'outrem, porque soffro. É assim que eu hei de vingar-me de um coração frio!»

Com as mãos tremulas, embrulhou em seguida a missiva, mas chegando-a á luz para a scellar a chama lambeu a escripta, devorando com soffreguidão o que a pena não se devera ter prestado a escrever.

(Continua.)

A UNS ANOS

Tinha a aurora surgido brilhante;
Tinha o sol no horisonte nascido;
Os seus raios de luz dardejando
Sobre o campo de relva florido;

A avezinha voava nos prados.
Seus gorgeios ao ceu elevando;
E na relva mimosa se via
A zagala canções entoando;

E no mar, e no ceu, e na terra
Alegria sem fim resoava;

E a natura sorrindo, formosa,
De festivos encantos se ornava.

Eu olhava no mundo espantado,
Tudo quanto cercava os humanos,
Quando um anjo profere sorrindo:
—Tu não sabes que Julia faz annos?—

AUGUSTO QUEIROZ.

AS DUAS DESAFORTUNADAS

Traducção

DE

EMILIA ROSA DA SILVA

(De pag. 254)

Arte de seduzir, e enganar é d'este mundo que te encanta, e se tua esposa não tem noticia d'ella, tão pouco a tens tu. Não é este proceder proprio dos nossos corações; o teu deixa-se ir errado no que arrebatá, mas este arrebatamento só aturará até certo tempo: desvanecer-se-ha a illusão, como os vapores do sono: tornarás a mim, e achar-me-has sempre a mesma: espera o amor indulgente, e leal, quando entrares em ti; tudo ficará em esquecimento. Não terás que temer de mim censuras, nem queixas. Feliz eu, se te consolar de todos pezares, que me tiveres causado! Mas tu, que sabes qual é o apreço da virtude, e que tomaste o gosto aos seus encantos; tu, a quem o vicio terá precipitado de abysmo em abysmo; tu, que d'elle serás enviado outra vez com desprezo a passar occultamente ao lado de tua esposa os tristes dias d'uma velhice, que se approximou antes de tempo, com o coração denegrido da tristesa, e a alma exposta a cruéis remorsos; como, como te consagrarás contigo mesmo? Como poderás gostar ainda do puro prazer de ser de mim amado? Ah! que meu amor para teu proprio supplicio concorrerá. Quanto mais vivo fôr, e mais terno este amor, tanto mais te humilhará. Isto, meu querido marquez, isto o que me desconsola, e o coração me parte. Não me ames embora, convenho n'isso, eu perdôe-te, visto que já não sou do teu agrado; mas não te constituas em nenhum tempo indigno da minha ternura, e sê pelo menos tal que não tenhas de que envergonhar-te diante de mim. E crel-o-hias tu, querida Lucilia: um gracejo foi a resposta que me deu. Disse-me que eu fallava

como um anjo, e que isto merecia ser escripto. Mas vendo que os olhos se me enchiam d'agua; não seas criança, disse-me, quero-te bem. tu bem o sabes; deixa-me zombar de tudo, e está certa que ninguem me prende.

Não faltaram todavia amigos officiosos que me contaessem tudo o que podia desconsolar-me e confundir-me. Ah! que até meu proprio esposo cedo cansou de constringer-se, e lisongear-me.

Não te direi, minha amada Lucillia, quantas humilhações, e desgostos tenho soffrido: leves te pareceriam ainda as tuas á vista das minhas penas. Imaginae vós se é possível, a situação de uma alma virtuosa, e apaixonada, viva, e melindrosa em extremo, que todos os dias está recebendo novos ultrajes d'aquelle, a quem unicamente ama; que só para elle ainda vive quando elle já não vive para ella, quando não se corre de viver para objectos entregues ao desprezo. Poupei ao vosso pejo o que tal pintura tem de mais horrivel. Desgostosa, abandonada, sacrificada por meu marido, tragava eu a minha magoa, sem dizer nada; e se em alguns ajuntamentos devassos servia de objecto de mofa, outros haveria entre o público, que por mais compassivos e estimaveis, me consolassem com a sua commiseração. Hia gosando do unico bem, que o vicio não me pôde roubar, que era a boa reputação sem nodoa; mas vim a perdela, querida Lucilia; que a maldade das mulheres, a quem o meu exemplo humilhava, não pôde ver-me em bom conceito. Interpretavam, como lhes prouve o meu retiro e tranquillidade apparente, e culparam-me com o primeiro homem que teve a imprudencia de querer que cressem ser elle de mim bem attendido; e meu marido, para quem era uma continua censura a minha presença, e que ainda não se via com bastante liberdade, lançou mão ao primeiro pretexto que lhe offereceram para desapressar-se da minha dôr importuna, e desterrou-me para uma das suas terras. Vendo-me desconhecida de todos, longe do espectáculo das minhas desventuras, via-me pelo menos livre na minha soledade para chorar; mas o cruel mandou-me dizer que escolhesse convento, porque a terra de Florival estava vendida, e convinha-me retirar-me d'elle. Florival! atalhou-a Lucilia, toda sobresaltada. Este é o lugar do meu desterro, tornou-lhe a marquezza.

—Ah! minha senhora, que nome proferistes!

—O nome de meu esposo antes de ser marquez de Clarença.

—Que é o que ouço? Ó ceo! Ó justo ceu!

É possível? exclamou Lucilia, lançando-se entre os braços da sua amiga.

—Que tens tu? Que desassocego! Que subita revolução é essa! Lucilia, toma accordo.

—Que! é, Florival, senhora, o aleivoso, o malevoloso, que te trahe, e deshonra?

—Tu conhecel-o? Elle é a quem eu adorava, minha senhora, por quem cinco annos ha que choro, e quem os meus ultimos suspiros tivera recolhido!

—Que dizes?

—E', senhora, é elle! misera de mim! qual teria sido a minha sorte! A estas palavras do-brando-se Lucilia com a face contra a terra: O' meu Deus, meu Deus! diz, tu eras quem a mão me dava. Confusa a marquezza não podia tornar a si do assombro em que estava. Não o duvides, diz esta a Lucilia: claramente se vem assignalados sobre nós os designios do ceu, que nos une ambas, a ambas nos inspira mutua confiança, manifesta-nos os nossos corações um ao outro, como duas nascentes de luzes, e de consolação. Seja assim, minha digna a terna amiga, façamos muito por deslembrar-nos ambas assim das nossas desventuras, como de quem é o author d'ellas.

Foi a sua união desde este momento extremadamente terna e intima, e acharam uma e outra na sua soledade aquellas docuras, que só são conhecidas dos desgraçados. Mas veio brevemente interromper este socego a noticia do perigo, que ameaçava a vida do marquez. A vida custavam-lhe seus erros; e achando-se a ponto de descer á sepultura, perguntava por sua virtuosa esposa. Salta ella d'entre os braços de sua desconsolada companheira; corre, chega, acha-o expirando. O' tu, a quem tanto tenho ultrajado, e com tamanha crueldade, diz o marquez ao reconhecel-a, vê o fructo das minhas desordens; vê a espantosa chaga, com que a mão de Deus me castigou. Se ainda te mereço piedade, levanta ao ceu a innocente voz, e apresenta-lhe os meus remorsos. Perdida, e fóra de si sua mulher quiz lançar-se-lhe aos braços. Retira-te, disse-lhe elle, que de mim mesmo tenho horror, e o meu bafo é o da morte. E continuando depois de ter estado longo tempo em silencio. Reconheces-me, disse, no estado a que me reduziu a culpa? E' esta aquella alma pura que tanto se parecia com a tua? Esta ameta-de de ti mesma? Esse o thalamo nupcial, que me recebeu digno de ti? Ó atraçoados amigos! Ó detestaveis encantos! Vinde, vêde, e estremecei! Quem te soltará, ó alma, d'esta hidionda prisão? E tem esta, diz para o seu medico, de aturar ainda longo tempo, meu doutor? Inso-

portaveis são as dores, que padeço. Não me desampares, ó minha generosa amiga, que sem ti descahiria na mais medonha desesperação.... Morte cruel! acaba já de expirar a minha vida. Não ha males, que eu não mereça: trahido tenho, deshonorado, perseguido vergonhosamente a innocencia, a propria virtude.

Entre as convulsões da dôr fazia a marquezia de Clarença a cada instantante novos esforços por arremessar-se ao leito, donde faziam muito por arredal-a; até que expirou finalmente o infeliz com os olhos pregados nella, e a voz se lhe acabou de extinguir, pedindo-lhe perdão.

A unica consolação de que a marquezia foi capaz, era a religiosa confiança, que lhe inspirava tão boa morte. Mais fraco foi, diz ella, do que máo, e mais fragil, do que delinquente. O mundo o descaminhou com seus prazeres, e Deos o fez cabir na conta por via das dores; e como o castigou, perdoa-lhe. Sim, ó meu esposo, ó meu querido marquez de Clarença! exclamava ella; desembaraçado dos laços do sangue, e do mundo, no seio de mesmo Deos me esperas.

Enlevada sua alma nestas santas idéas, voltou á companhia da sua amiga, a qual achou aos pés dos altares. Magoadissimo ficou entranhavelmente o coração de Lucilia com a noticia desta morte cruel, e virtuosa. Choraram ambas a ultima vez; e passados alguns tempos consagrou a marquezia a Deos, fazendo os mesmos votos, que Lucilia, aquelle coração, e aquelles dotes e virtudes de que o mundo não era digno.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 262)

XXXII

Foram indo já de vagar. Maria Isabel não fazia exercicio ha muito; e quasi não comêra, nem dormira desde que fôra arrebatada da casa de Custodio da Cunha. Francisco de tempos a tempos olhava para traz. D'uma das vezes avistou ao longe dois cavalheiros e conheceu em um Damião.

—Não se volte para traz, disse Francisco.

—Pois que é?...

—Se me não engano é o mastareu chamado Damião que volta para o chaveco de piratas, com o capião que foi chamar.

—Ah! meu Deus!.. meu Deus!..

—Não tenha medo. Se estivessemos na cosinha defumada, poderiam talvez matar-me e pôr-me ao fumeiro; mas cá no mar largo não se desfarão de mim facilmente, e eu não a deixarei levar ainda que me esfolem.

Maria Isabel queria correr; mas não podia já dar passada. Pouco depois o filho de Carolina parou e disse:

A snr.^a D. Mariquinhas não pôde mais. Entremos n'aquella casa.

A filha de Maria Carlota queria continuar a andar, mas arrastava-se, não caminhava. Tiveram breve disputa, depois disse elle forçando-a a entrar n'uma pequena casa:

—Entre... entre. Já vejo vir os demonios dos piratas.

E elle disse á dona da casa que lhes perguntava o que queriam:

—Esta senhora não pôde já dar um passo, e vem fugida d'uns mariolas que a roubaram de casa.

—Então, disse a mulher; são uns que vêm a galope. Não tardam a apanhal-a.

—Pois, mulhersinha, feiche a porta e, se elles baterem, diga que não abre sem vir o maioral que governa cá na terra.

A porta fechou-se, mas não era preciso grande exorço para a metter dentro. Francisco promettia pagar o estrago, se fosse arrombada.

A dona da casa tinha desembaraço e achava do seu gosto a façanha em que a mettiam. As mulheres do campo estão quasi sempre promptas a guerriar os seductores malvistas das raparigas que querem conquistar, e perder. O estado de fadiga em que estava a orphã, tornou a sua hospedeira ainda mais compassiva. Chamou esta uma pequena e ordenou-lhe de levar aquella senhora para a *caseta* e de fechar a porta por dentro.

A mulher e Francisco ficaram na sala. Batiam já á porta.

XXIII

INESPERADA DESAPPARIÇÃO

Retrocedemos algumas horas.

Damião sahira da quinta, em que deixava a captiva, com tenções de chegar a Braga, mas com grande espanto seu encontrou Amaral, que vinha para os lados do Porto, a cavallo e só.

—V. exc.^a por aqui—disse o criado.

—Eu mesmo. Onde ias tu? Devias estar no teu posto.

—Dirigia-me a Braga para dizer a v. exc.^a que temos a sua pupila na quinta que alugamos.

—Já sei. Vamos indo para o nosso albergue desladrado. Mas olha que o snr. Amaral anda fazendo um giro pela provincia. Eu chamo-me João e sou teu companheiro. Nosso amo anda a divertir-se.

—V. exc.^a ha-de permittir...

—O snr. João contenta-se com um você. Que queres que eu permitta?

—Que lhe pergunte como soube tão depressa que trouxemos a menina para a quinta?

—Soube-o pelo telegrapho. Deixei alguém com essa incumbencia.

—Pois como vossa... como o snr. João queria o maior segredo, nem me atrevi a escrever-lhe pelo correio, quanto mais pelo telegrapho! Partiria hontem em busca do... snr. João, se não quizesse antes de sahir de casa dar todas as providencias para que a menina não nos escapasse, e para que tivesse todas as commodidades possiveis no casareu de ratos e de toda a qualidade de bichos.

—Fizestes bem em tudo; até em me não escrever. Vocês não sabem dizer as coisas se não muito claras. Gostaes de pôr os pontos nos ii. E a minha pupila, como lhe chamaste, desesperou-se muito? Está inconsolavel?

No primeiro momento em que conheceu ter sido trazida ao engano fez bravuras. Agora está socegada e em perfeita mudez. Come pouco e creio que ainda dorme menos.

—Será preciso dar-lhe alguma coisa que lhe concilie o somno.

—Miquelina até diz que não se deita, nem se despe.

—Mau sinal! Quer ver se foge de noite.

—Mas não tem por onde. A janella de seu quarto está pregada, e a porta é para o quarto de Miquelina e fecha por fóra com chave muito segura. O meu quarto é no fim do corredor e eu tenho o somno muito leve. O pateo fica tambem fechado, e do lado da quinta tenho dois homens e José promptos a accudirem de dia e de noite ao menor signal.

—Esses homens são bem fieis?

—Não podem sel-o mais, porque esperam grande recompensa, e sabem que a fidalguinha quer desobedecer a sua tia e ao seu tutor, que é um alto personagem, e desejam ajudar a manter os direitos paternaes da tia e do tutor.

—Muito bem disposto tudo. Então não sou o snr. João.

—Sou o tutor da fidalguinha. Sou o snr. barão.

—Isso agrada-mê mais.

(Continua.)

AMOR FRATERNAL D'UMA MULHER

No tempo que Nantes era o theatro das mais horriveis atrocidades. Uma donzella, a quem tinham preso um irmão, foi ter com Carrier para lhe pedir, que se interessasse a seu favor.

—Que idade tem elle? Perguntou Carrier.

—Trinta, e seis annos, respondeu a irmã.

—Mau, replicou o perfido Commissario da Convenção Nacional: deve morrer, e as tres quartas partes dos outros com elle.

Quando a consternada irmã ouviu uma resposta tão cruel, prostrou-se de joelhos diante do proconsul, clamando contra esta sentença barbara. Carrier lançou-a fóra ás pancadas com a bainha da espada. Um instante depois d'isto chamou-a e disse-lhe, que livrava seu irmão da morte, se ella consentisse na satisfação de seus appetites.

—Eu sou sensível aos sentimentos da honra, respondeu a virtuosa donzella, horrorizada de semelhante proposição: eu peço unicamente justiça, e a justiça não se deve comprar por uma infamia.

Ditas estas palavras retirou-se, e soube que seu irmão fóra conduzido para Paimbeuf em uma das funestas barcas, em que se sacrificavam centos de victimas affogando-as juntas. Assim que deram esta noticia, voltou a casa de Carrier, e supplicou-lhe a permissão de dar a seu irmão com que se sustentasse n'esta jornada.

—Retirae-vos, respondeu Carrier voltando-lhe as costas, elle não tem precisão de cousa alguma.

A afflicta irmã conhecendo por esta resposta o destino d'aquelle, que ella estimava tanto, sabiu desesperada e matou-se.

BOM DITO DE D. PEDRO

No dia 5 de Setembro de 1833, na occasião mesmo, em que os rebeldes atacaram as Linhas de defesa da Capital, trabalhava este Principe soldado com assiduidade, munido de uma enxada, em um fosso, que por entre um nevoeiro de balas de novo se abria: fatigado então já o pranteado Duque de Bragança, descansou por um momento encostado á enxada, e tirando o bonet, sacou d'elle um lenço, com que limpou o suor, que era copioso: porem ao limpar as barbas, das quaes cahia tambem o suor em bica, fez reparo nos muitos cabellos brancos, que o ajudavam em seus rudes trabalhos.

—Aquelle cachorro de meu irmão, tem-me feito as barbas brancas, mas eu hei de fazer-lh'as azues.

VIRGINIA

(De pag. 260)

Passaram-se mais alguns dias, sem que Alberto deixasse de cumprir a promessa que tinha feito a Virginia de passar por casa d'ella.

Dentro em pouco, porém, o mancebo começou a aborrecer-se e resolveu não tornar a apparecer-lhe.

Participou esta resolução aos seus amigos, os quaes aconselharam a não abandonar o namoro sem dar uma razão, ainda que falsa, do seu procedimento.

Depois de varias opiniões, concordaram em que no dia seguinte, á hora em que Virginia costumava apparecer á janella para vêr passar o mancebo, o estaria esperando em S. Domingos um dos amigos presentes áquella reunião; e que seguiriam ambos separadamente, por Bellomonte, onde, ao passar, Cardoso (que assim se chamava o amigo de Alberto, escolhido para representar o papel de seu rival) fitaria os olhos em Virginia, até desaparecer na esquina das Taypas.

No outro dia, á hora marcada, foi Alberto encontrar já o seu amigo no logar indicado, á sua espera. Depois de terem conferenciado alguns minutos, Cardoso caminhou em direcção á rua de Bellomonte, e Alberto seguiu-o a pequena distancia. Quando o primeiro passou em frente da casa de Virginia e olhou para ella, a joven, que, por casualidade, reparara no procedimento de Cardoso, retirou d'elle os olhos para os fixar em Alberto; este, porém, olhou-a com despreso, e seguiu para diante.

Virginia notou a indifferença de Alberto, e depois que o viu desaparecer, recolheu-se ao seu quarto, aonde se conservou quasi todo o dia, pretextando uma forte dôr de cabeça.

Depois de ter passado toda a noute a chorar por não saber a que attribuir a subita frieza de Alberto, levantou-se no dia seguinte mais

socegada por julgar que teria sido engano seu. Quando a chamaram para almoçar appareceu a seus pais com rosto prazenteiro, e, interrogada sobre o seu incommodo, respondeu que estava já boa. Terminado o almoço foi trabalhar n'um ramo de flôres artificiaes; mas seus olhos dirigiam-se constantemente para o relógio de sala que se achava defronte d'ella. Deram, a final, dez horas. Virginia pousou o trabalho, e foi para a janella. Alberto, porém, não apparecia. Resolveu espera-lo mais algum tempo; mas tudo foi baldado. Retirou-se da janella pensativa. Seus olhos foram pouco a pouco perdendo o brilho que os animava; e uma sombria pallidez veio cobrir seu rosto.

—Que tens Virginia? perguntou Candida inquieta.

—Não tenho nada.—respondeu Virginia.

N'este momento soaram duas palmadas nas escadas, e Virginia levantou-se para ir ver quem batia. Era o criado de sua avó que vinha dar um recado, o qual entregou a Virginia um bilhete de Alberto. A joven escondeu-o no seio e agradeceu ao portador. Como o recado que trazia não tinha resposta, despediu o criado. Estava anciosa por ver o que o bilhete dizia, mas só, quando foi deitar-se, é que o pode lêr

AUGUSTO QUEIROZ.

(Continua).

CONVERSAÇÃO DE DOIS AMIGOS

Ha dias hospedaram-se n'uma estalagem da rua de Bomjardim, um alentajão com um minhoto: eram antigos conhecidos, e compadres; quizeram pernoitar no mesmo quarto; ao apparecer a madrugada diz um para o outro:

—Compadre Tinoco?

—Que ha lá!

—Dormes?

—Porque?

—Era para que, se não dormisses, me emprestasses oito tostões.

—Durmo.

O REGRESSO D'UM SOLDADO Á PATRIA

Torno a ver-te, minha patria,
O' meu solo tão querido!
Lá n'essas longiquas plagas,
Nunca de ti me hei 'squecido!

Aqui no verdor dos annos
Deixei paes, irmãos, amante,
Deixei Julia!.. Ah! quem sabe...
Se me trahiu, se é constante!..

N'esse adeus da despedida,
Quantos suspiros lhe ouvi!
E d'amor ó quantas juras!..
Quantas lagrimas lhe vi!..

O retrato que me deu,
Trouxe-o sempre unido ao seio!
Deu-me uma rosa, um annel
Que tudo comigo veio.

Desde que, deixei a patria,
Um lustro decorreu já,
Sem que, d'aquella que eu amo,
Noticias tivesse lá!..

Entre riscos mil da guerra
Combatia denodado;
A minha estrella era Julia,
Só por ella ia guiado!

Esta banda, estas medalhas
Ganhei contente, e queria
A seu pae tão orgulhoso
Mostral-as com ufanía;

E dizer-lhe esse Demetrio.
Não é d'outr'ora o soldado;
É capitão aguerrido;
Vezez tres condecorado.

É noute, vae alta a lua,
Vou seguir á minha aldeia;

Mas, ah! que pressentimento!..

Minha alma triste receia!

Meus paes, talvez já não vivam!

Julia, talvez fementida...

Quem sabe!.. Entre os braços d'outro...

Ó minha esperança!.. E's perdida!..

Eis desponta a rosea aurora

Com seu facho luminoso;

Dorme inda o gado, os pastores,

Tudo jáz silencioso.

Já vejo da igreja a torre,

Os sinos ouço tocar;

Talvez á missa primeira;

Vou ouvil-a e a Deus orar.

Está deserto o templo ainda,

Só vem uma dama entrando,

Negro véu a envolve toda,

Não é feliz, 'stá chorando.

Atravez do manto escuro

Vê-se a tez alva, mimosa

E balbucia baixinho—

«Ó quanto sou desditosa!..

«Ao vosso templo sagrado

«Hei-de vir hoje meu Deus

«Para que a um pae obedeça,

«Renezar affectos meus!..

«Consentir n'esse consórcio

«Tendo a outro amor jurado!..

«A'quelle que jamais pôde

«N'ausencia ser olvidado!

«E que posso eu offertar-lhe

«Se dei alma e coração

«Ao companheiro da infancia,

«Ao meu gentil mocetão!

«Não tem brazões; era pobre;

«Rico em brios, pundenor;

«Jurei amal-o até morte,
«Foi o meu primeiro amor!..

Oh! Quanto me era gostoso,
Antes d'este enlace, a morte!..
Ah! Demetrio! Volve á patria,
Vem só tu ser meu consorte

E o bravo capitão, seu nome ouvindo,
Corre junto á donzella ajoelhando,
Conhece a fiel Julia, a sua amante
E cuida quanto vê estar sonhando.

Busquemos de meus paes o domicilio,
E fujamos, lhe diz, ò minha amada!
Ai! Mancebo infeliz! Clama Julia,
«Jazem ambos dos mortos na morada!..

Então amargo pranto se deslisa
Pelas crestadas faces do guerreiro;
—«Ah! segue-me querida, ou será este
«Da minha vida o dia derradeiro!..

E na capella o toque de finados,
Lugubre s'escutou e compassado;
De repente expirára aquella noute,
D'amante d'esse bravo o desposado.

Esta nova ventura inesperada,
Teme Julia, não seja verdadeira;
Mas vê na igreja entrar eça pomposa
E espera a sua sorte mais fagueira;

Mas qual foi o seu 'spanto quando triste,
Pallido vê seu pae no templo entrar
E dizer-lhe depois—«ô filha cara.
«Não succumbas á dôr, é resignar!..

«Não chores a ventura que sorrindo,
«Lisongeiro porvir veio mostrar-te;
«Pois que esse noivo illustre, millionario,
«Quiz a morte cruel d'elle privar-te!..

—«Enganaes-vos senhor; hoje não veio.
«Do noivo separar-me a dura morte;
«Mas antes foi o dia afortunado
«Que o ceu a mim guiou o meu consortel

Vede-o; eil-o alli curvado ante o Eterno!
«O soldado d'outr'ora ennobrecido
«No campo da batalha, onde seu braço,
«Entre guerreiros mil se ha destinguido!

«Que importa que não tenha do finado,
«Thesouros que a ambição amontuou?
«Olhae aquella espada que brandindo-a,
«As medalhas do peito lhe ganhou!

«O' que pae, não dará da filha a dextra
«À um guerreiro tal com ufania!
E por est'arte ouvindo-a o ancião
Vae unil-a ao amante n'esse dia.

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

CAPRICHOS DO ACASO

I

A natureza cobria as formas gentis com a sua tunica verde, coroava a loira cabeça com uma graciosa grinalda entretecida de lirios e madre-silvas, deixava que as borboletas aviessem oscular, furtivamente, nas faces ereclinava-se, com seductora voluptuosidade, á sombra das comas ondulantes, nomacio tapete dos valles em flor. Era então a ridentissima estação das flores, das aves, do amor, das crianças, das borboletas, da muzica e da poesia.—Era a primavera!..

Ao abrir esplendido da manhã, eu e tu—descuidosas crianças—subiamos ao topo da collina a esperamos o sol, que nos descerrava de longe os labios d'oiro, mostrando a sua fronte de luz a travez as nuvens brancas e transparentes da madrugada. As aves—contentes, inquietas,

felizes—gorgeavam o epithalamio do festivo consorcio da natureza com a aurora e quando passavam, no seu vôo immenso, roçavam as azas avelludadas e longas pelas nossas cabeças...

As nossas almas, estaticas e abraçadas, balanceavam-se, docemente, no mar do amôr, como os pequenos globos do orvalho matutino fluctuavam nas ondulações do teu manto, que os ventos azues do espaço agitavam, ligeiramente...

Ao entardecer suavissimo d'aquelles placidos dias, iamos—unidos sempre, sempre felizes!—orar, fervorosamente, n'uma pittoresca ermida, que ao longe alvejava por entre os braços verdes e tremulos dos bosques.

Dois olmeiros, todos vestidos de recortada folhagem, faziam umbroso portico ao templozinho; antes de lá chegarmos, tu,—boa e innocente criança—tiravas da cabeça o teu chapéu de palha desabado e accumulavas na côpa, ramilhetinhos de flores silvestres. Depois, quando cahiamos de joelhos diante do pequeno altar da ermida, cobrias a imagem da Virgem com as flores apañhadas e sorrindo dizias-me:—As estrellas brilham em derredor da lua; a Nossa Mãe do Ceu é formosa como a lua, devemos tambem cercal-a de flores, por que ellas são as estrellas da terra...»

A's noites,—noites serenas e perfumadas d'abril—quando os reflexos da lua tremiam, vagamente, na bacia azul do lago, desatavamos a amarra do barco da quinta, embarcavamos e aproavamos depois á insua, onde permaneciamos, muito tempo, admirando a natureza, que nos cercava.

Como gostavamos de ver subir á flor da agua as pequeninas bogas, que descreviam luminosos circulos em volta do nosso barco! E como aquellas nossas viagensinhas sobre o lago fariam lembrar a um poeta os castos amores d'um conto venesiano!.. Tu, sentada na proa,

eras como a humilde rapariga da praia, toda ingenuidade e singelesa, toda bondade e innocencia; eu—o enamorado gondoleiro—olhava-te, fixamente, dessedentando-me de luz no brilho das tuas pupillas....

II

Declinava a ultima tarde do mez d'abril. O lago, franjado d'immensos festões, parecia dormir n'aquella hora em que tudo é luz e amor... Os passaros—os nossos amigos da aldêa—gorgeavam, ao longe, umas muzicas voluptuosas... Dos valados erguiam-se, em nuvens, os aromas—o perfumado anhelito da natureza toda!..

Passavam na azinhaga as alegres raparigas do lugar, que vinham dos trabalhos ruraes.

Já se não via o sol. Os ranchos dos trabalhadores tinham passado. De repente ouvimos, ao longe, uma voz de mulher, mas não percebemos o canto. A voz aproximou-se, pouco e pouco, até que podemos ouvir:

A ventura é como o fumo,
Que s'eleva dos casais;
Breve morrem alegrias,
E nascem prantos e ais.

Tudo chega e tudo foge:

Idade, crenças e sonhos.

No abysmo do passado

Ficam os dias mais risonhos.

Estremecemos ambos. O canto acabou e vimos passar na azinhaga uma melancolica mulher, que caminhava vagarosamente.

—Será uma prophesia? disseste tu, tremendo involuntariamente.

—É o desafogo d'uma alma triste....— respondi eu, disfarçando mal um vago presentimento

III

Desde então enublou-se o nosso ceu. Cobria-nos uma nuvem de tristeza e poucas vezes nos adejava nos lábios um sorriso, a não ser de melancolia....

IV

Findara a primavera; estávamos para regressar á cidade. Uma tarde, sentados n'um comorosinho, pensavamos ambos. Uma ave, que esvoaçou perto de nós, despertou-nos d'aquella somnolencia. Não sei que immensa noite me escurecia a alma! Tu, tinhas os olhos humidos de pranto...

—Expira a primavera e morrem as flores! —disse eu—Logo o estio queima as hasteas ainda verdes, mas já descoroadas; o outono leva as folhas amarellas e o inverno vem depois cobrir a natureza inteira com o seu manto de gelo... A vida é pois assim... A infancia é a primavera da vida; as nossas innocentes alegrias nascem e morrem n'um instante como as flores. A adolescencia é o estio; ha já menos flores e quasi sempre o coração se queima na chamma do sol do amor. A virilidade é o outono; despe o coração das suas ultimas crenças. A velhice é o inverno; muito gelo...e nenhum sol!..

Tu olhavas-me admirada!

—Não tens visto, tantas vezes, perder-se a borboletana luz, que a enamora?!—continuei eu. —É a attracção da chamma...Diz-me o coração que eu sou assim...O amor é um beijo de fogo e o fogo...mata as borboletas.

Suspirava uma ave ao longe,

—Ouyes? Quem sabe que dores se desafogam n'aquelle triste cantar? Quem sabe se a pobre avesinha perdeu, ou lhe diz o coração que perde o seu amante! Tambem me diz o coração que te perco, anjo!...

Eu chorei como um louco e cuidoo que ador-

meci no teu regaço. Quando acordei senti as tuas lagrimas de fogo a cahirem-me nas faces.

V

Ao outro dia, ao romper da manhã, partimos para a cidade. Sali de casa sósinho, ainda por noite, e fui buscar aos campos recordações da aldeia e da primavera—um cestinho de flôres silvestres. Apanhei-as e caminhava para casa; deves-te ainda lembrar de que estavas escondida n'uma moitasinha, á espera que eu passasse para me *fazer es um susto*, como nós diziamos então. Deixaste-me adiantar um pouco, caminhaste subtilmente atraz de mim sem que eu te presentis-se e deste-me com as mãos, impetuosamente, nas costas. Eu estremei; o cestinho resvalou-me das mãos e as flores cobriram o chão.

—Como as minhas esperanças!..—disse eu ao ver cahir as flores—Tu m'as deste, tu m'as tiraste...

VI

.... Como tão de pressa se anuviou o meu sol! Como eu te perdi! como as minhas esperanças fugiram!..

Caprichos do acaso!

ALBERTO PIMENTEL.

Setembro—1865.

Á SENTIDA MORTE DO SNR. D. PEDRO V

Tudo está silencioso...

Impera funda mudez...

O crepe, signal de lucto,

Cobre o povo portuguez...

Derrama pranto o mendigo...

O nobre chora tambem...

Que pesar... que dôr cruenta

Opprimir-lhe o seio vem?...

Entram juntos—rico e pobre—

Para a casa do Senhor,

Onde vão buscar, humildes,

Lenitivo a tanta dôr...

Alli erguem suas preces

Com fervor, com devoção...

Mostra o pranto a dôr acerba,

Que lhes rala o coração...

Só caminha para o templo,

Pesaroso, um infeliz...

A agonia de su'alma

O seu rosto bem o diz...

Perguntai-lhe porque chora,

Que elle, entregue á sua dôr,

Só dirá:—Já não existe...

Já morreu meu bemfeitor...—

Mas quem foi que esta tristeza

Fez nascer nos corações?

Por quem se traja de lucto?

Por quem são as orações?

Ninguem o diz, que um soluço...

Um gemido embarga a voz

Ao que a dizer esse nome,

Insensato! se propoz

Mas, ah! que presentimento

Veio frir-me o coração

Ao ver coberto de crepe

O lusitano pendão!...

Foi o Rei... foi Pedro Quinto...

Não o posso duvidar...

Chorai, oh lusos, que tendes

Motivo para chorar...

Sobre o Rei o anjo da morte

Suas azas sacudiu...

E, apoz elle, Pedro Quinto

N'um sepulchro se sumiu...

AUGUSTO QUEIROZ.

MODAS

Costumes para senhoras que estão a banhos:

—«Pequenino *bonet* ou gorro de velludo guarnecido, em volta, com pennas decysne branco e duas grandes plumas escarlates. Pequeno gibão de cachemira escarlata, guarnecido de contas d' aço. Este gibão ou jaleco não tem mangas, cae direito, e é adornado com um pequeno capuz da mesma fazenda forrado de merino ou seda branca; todo este vestuario deve ser debruado de seda e a pequena ruge que fórma a dragona deve ser de seda tambem.—O vestido e as mangas são de fazenda de fantasia *gris mode*. As costuras de cada parte da saia são guarnecidas de viezes de seda preta, recamados de enfeites de aço.—A saia é apanhada, até á altura do Joelho, por cordões occultos em cada viez; de sorte que a saia deve figurar que é sustentada pelos ditos viezes, a sub-saia deve ser escarlata e um palmo levantada do chão. Botinhas altas, de marroquim ou vitella franceza, atacadas no peito do pé.»

O segundo *toilette* deve ser de *grenadine* algerianna branca com listas azues, de cuja fazenda se fórma o seguinte:

—«Pequeno *paletot* direito com um capuz de seda azul. O capuz e as mangas são adornadas de cordões, borlas e applicações da mesma côr das listas

«A saia é suspensa, de pano a pano, por graciosas rozetas pretas e fitas occultas. A sub-saia deve ser de seda azul. Chapeu *Henriot*, de palha belga, guarnecido de *turbante* de fitas azues. Rozeta e cabeça de passaro. Martinete branco e grande véu de tulle, caindo do lado esquerdo.»

Boudoir.

VIRGINIA

(De pag. 272)

V

No dia seguinte, á hora do almoço, ainda Virginia não tinha apparecido a seus pais, os quaes estavam admirados de tal procedimento, porque a joven costumava levantar-se cedo.

Mandaram chamal-a ao quarto por uma criada, a qual encontrou a porta fechada por dentro. Bateu duas pancadas, mas ninguem respondeu de dentro.

—Ainda dorme—pensou a criada.

Tornou a bater, mas d'esta vez com mais força; a resposta que ouviu foi o echo das suas pancadas.

Dirigiu-se então a seus amos e deu lhes parte do que acontecia.

Estes fitaram-se com espanto por um momento; depois levantaram-se e foram certificar-se da veracidade do que se lhes contava.

A criada dissera a verdade!...

Uma nuvem de tristeza veio cobrir a fronte de tristeza veio cobrir a fronte de todos, em cujos rostos se notava a mais viva anciedade.

—Virginia!—exclamou seu pai com afflicção.

—Quem é? perguntou de dentro uma voz fraca.

—E' teu pai. Abre a porta minha filha.

—Não poso respondeu de dentro a mesma voz.

O pai de Virginia, perplexo e aterrado, mandou, a final, buscar um martello e um cinzel, com cujos instrumentos arrombou a porta.

Mas que terrivel espectáculo se offerece á sua vista!... Sua filha, com os olhos espantados, e extremamente pallida, jazia sobre o leito ago-

nisando... Sobre uma meza estava um copo com um resto do liquido que contivera. Virginia tinha-se envenenado, tomando verdete dissolvido em agua!...

Não se póde descrever o desgosto que opprimia esta familia...

Quizeram fazer-lhe beber azeite, mas Virginia recusou-se obstinadamente a isso.... Mandaram chamar um medico, mas quando este chegou só encontrou um cadaver!...

A final descobriram em cima da meza dous bilhetes, que o pai de Virginia leu com avidez. Um era o que Alberto lhe escrevera na vespera, e dizia:

«Virginia

Estão terminadas as nossas relações. Nunca julguei que me fosses desleal. O teu procedimento com um dos meus condiscipulos é a causa d'este rompimento. Não procures fazer-me acreditar a tua innocencia, porque isso só «serviria de augmentar o meu odio.»

O outro era de Virginia, e dizia:

«Um bilhete que acharão junto d'este explicará o motivo do meu suicidio. Um engano de «Alberto custa-me a vida. Possa elle comprehendere agora quanto era sincero o meu amor. «Adeus, meu pai, e minha mãe e minha irmã. Perdoem-me todos.. e peçam a Deus por mim.—Virginia.»

AUGUSTO QUEIROZ.

A RUIM MÃE

Traducção

DE

EMILIA ROSA DA SILVA

Entre as monstruosas producções da natureza podendo contar o coração de uma mãe, que tem amor a um de seus filhos, excluindo os demais todos: não fallo daquella illustrado

ternura, que destingue entre as plantas noviças, que cultiva, a que corresponde melhor aos seus principaes desvelos: fallo da ternura que hê cêga, muitas vezes exclusiva, e occasiões ha, que ciosa, a qual escolhe d'entre os innocentinhos, que foram dados á luz, e com quem ha igual obrigação de aligeirar o pezo da vida, um idolo, e victimas para si:— Eis o exemplo.

Pobre e quasi sem ter com que pagar o que devia, morreu em uma das nossas Provincias maritimas um Intendente, chamado Claridonio, homem de bem, que se fizera memoravel pela sua severidade em soffrear toda a especie de vexações, seguindo a maxima de favorecer o fraco, e usar de rigor com o forte. Por sua morte deixou uma filha com a qual ninguem queria casar-se, por ter muita soberba, pouco agrado, e nada de seu. Procurou-a um negociante rico, e honrado em obsequio á memoria de seu pai. Fez-nos tanto bem! dizia o bom homem Clorindo (que assim se chamava este negociante) justissimo é que algum de nós o faça á sua filha. Offereceu-se pois Clorindo humildemente, e a filha de Claridonio com muita repugnancia, consentiu em dar-lhe a mão de esposa, sob condição de ter em sua casa authoridade absoluta. O respeito, que o bom homem tinha á memoria do pai, estendia-se á sua filha, a qual consultava como seu oraculo; e se algumas vezes lhe acontecia entender o contrario que ella, assaz era proferir-lhe estas palavras: O defunto Senhor Claridonio meu Pai.... para Clorindo não esperar que ella acabasse, e confessar que não tinha rasão.

Morreu este muito moço, e deixou-lhe dous filhos, cujo pai houvera ella por bem permittir-lhe que elle fosse. Estando para morrer julgava-se obrigado a regular a partilha dos seus bens: mas o Senhor Claridonio tinha por maxima, dizia ella, para manter os filhos na depen-

dencia de sua mãe importava constituil-a destruido-
ra dos que lhes erma destinados. Esta lei serviu de
regrado testamento de Clorindo, e a sua herança
foi depositada na mão de sua mulher com o fatal
jus de destruil-a entre seus filhos como bem lhe
parecesse. D'estes dous filhos era o mais velho
as suas delicias; não porque elle fosse mais lin-
do, nem mais affortunado em dotes da nature-
za, do que o mais moço; mas esteve em perigo
de vida a mãe, quando o deu á luz; fora o pri-
meiro, que a fizera experimentar as dores, e a
alegria do parto; tinha-se apoderado da sua ter-
nura, a qual parecia ter estancado; e para ama-
lo em fim a elle só, tinha a mãe todas as ra-
zões mas, que pôde ter uma ruim mãe.

Era o menino Jaime filho desprezado: sua
mãe nem se quer se dignava de pôr nelle os
olhos, e só lhe fallava para pelejar com elle.
Intimidado o menino não ousava de lentar os
olhos diante de ella, e quando lhe respondia,
estava a tremer. Dizia ella que tinha a indole
de seu pai, uma alma vulgar, e o que chamão
ares populares.

Quanto ao mais velho, que houvera cuidado
de constituil-o senhor da sua vontade, travesso,
e caprichoso o mais que podia ser, era a mes-
ma gentileza, e sua indocilidade havida por su-
blimidade de character; o seu genio por extremo
de sensibilidade. Regozijavam-se de ver que
nunca se rendia, quando tinha razão: e é de
notar que sempre a tinha. Não cessavam de di-
zer que elle bem mostrava ser bem nascido, e
que tinha a honra de parecer-se com sua mãe.
Este primogenito, chamado Elviro (pois não
julgaram ser conveniente deixar-lhe o nome de
Clorindo) teve mestre de toda a especie: as li-
ções eram só para elle, e o menino Jaime colhia o
fructo d'ellas; de maneira que no termo de al-
guns annos sabia Jaime o que se tinha ensinado
a Elviro, que em despique d'isso não sabia nada.

As aias, que estão no costume de attribuir aos filhos o pouco espirito, que ellas tem, e que toda a manhã sonhã nas galantarias que elles devem dizer todo o dia, tinham feito crer á senhora, cujas franquezas conheciam, que o seu filho mais velho era um portento. Os Mestres, que não eram tão comprazenterios, ou menos sagazes, queixando-se da indocilidade, da falta de attenção deste filho querido, não cansavam de louvar o menino Jaime: não diziam claramente que Elviro era um lerdo, mas diziam que Jaime tinha a capacidade d'um Anjô. Offendeu-se d'isto a vaidade da mãe, e procedendo com aquella injustiça, que ninguem crêria haver na natureza, se não andasse tanto em moda este vicio das mães, redobrou a averção a este desditoso menino, tornou-se ciosa dos seus progressos, e resolveu tirar a seu filho mal-criado a humilhação do paralelo.

(Continua.)

RASGO DE PRESENÇA D'ESPIRITO

Lord Berkley, homem de grande firmeza, e presença de espirito, costumava gabar-se, n'um tempo, em que os roubos eram frequentes, que nunca se deixaria roubar por um salteador só. Uma noite, que ia de jornada, fez um ladrão parar o seu carrinho; — e, mettendo-lhe uma pistola pela portinhola, pediu-lhe a bolsa, dizendo — que visse S. S.^a como bastava um só ladrão para roubar. Lorde Berkley fingindo que levava a mão á algibeira para tirar o dinheiro, replicou-lhe com o maior sangue frio!

— Nunca tu me poderias roubar sem o auxilio, desse que está por traz de ti.

O ladrão virou a cabeça para olhar, e neste momento lhe deu Lord Berkley um tiro.

DITO DE UM FIDALGO PORTUGUEZ

Saindo uma tarde El-Rei D. João III do Convento da Graça, o acompanhava com os demais fidalgos D. Alvaro de Castro, Governador d'esta cidade. Estava o dia frigidissimo, e de muito vento, e agua: e, vindo todos descobertos, se cobriu D. Alvaro, dizendo para El-Rei — Senhor, o bom Portuguez é obrigado a morrer pelo seu Rei; mas não a adoecer.

FECUNDIDADE EXTRAORDINARIA

Segundo os naturalistas a rainha das abelhas põe 12,000 ovos em dous mezes, e em cinco gerações pôde ser a mãe de 5,904,900 descendentes; porém esta mesma fecundidade em nada é comparada á da formiga branca, que põe 211,449.600 ovos n'um anno.

NOVA TYPOGRAPHIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.^o

63--Praça de Santa Theresa--63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

A GRANDE FESTA!

REVELA-SE o praser nos rostos e nos modos,
Porque o rei compr'heendeu que a festa era de todos
E disse: Eu vou tambem!...
O sol da instrucção dá luz por toda a parte!
E o povo foi buscar ao regaço da arte
As grinaldas que tem!...

O Rei anima o povo, assim, dando-lhe exemplos...
Elle quer vêr, tambem, erguidos só dois templos;
Um que tenha um altar
Onde se adore Deus; o outro do Progresso,
E deve illuminal-o o grande reflexo
Da forja, do tear,

Da imprensa tambem; de tudo o que no seio
Milhões d'astros encerra e de tudo o que veio
Dizer o que sabeis...
Ha n'este templo um quadro onde se prende a vista!
E no fundo destaca o vulto do artista
C'roado de laureis!...

O Porto, ao reontar de tantos astros novos,
Altivo, então, bradou:— Sois meus irmãos, ó povos,
Vinde á festa tambem;
Eu premeio quem pensa ou seja rico ou pobre...
Já não caminho cego... A luz do sol me cobre...
Eis que o meu dia vem!.—

ALBERTO PIMENTEL.

CARLOS E LAURA

Toma, minha querida, toma este ramo de flôr de limoeiro que eu colhi para ti; á noite deixa-o ao pé da cama. Come este favo de mel; achei-o no alto d'um penhasco; mas agora encosta-te ao meu seio, e eu descansarêi.

(Bernardin de Saint Pierre).

PAULO E VIRGINIA.

(De pag. 262)

Se durmo, vejo-o como o via na infancia a colher flores para me infeitar a cabeça, a escolher a relva mais macia para eu descansar.

—Carlos é o companheiro inseparavel do meu pensamento.

—E se elle morresse?—lhe perguntei eu.

—Oh! se elle morresse não seria longa a minha vida, porque sem coração e sem esperança não se pôde viver; e este coração que lhe entreguei morreria com elle.

—Está bom, não fallemos mais em tal. Laura, vamos ver teu pae.

Estive alguns dias na quinta do Olmeiro, e retirei-me satisfeitiſsima da felicidade que os seus habitantes gosavam.

Passados alguns mezes foi uma minha irmã acommetida d'uma terrivel molestia, uma affecção pulmenar!

Os medicos aconselharam uma viagem á Madeira como o unico remedio que a podia salvar! Eu acompanhei-a, e alli nos demoramos todo o inverno. Em todo este tempo não recebi uma unica carta de Laura, em resposta ás muitas que de lá lhe escrevi. Não sabia a que attribuir este silencio!

Escrevi a Carlos, pedindo-lhe uma explicação do mysterio, e elle respondeu-me só estas palavras:—«Não a crimine. Ella está a morrer!! Eu estou perto da loucura»—Fiquei afflitiſsima com esta inesperada e terrivel nova! Minha irmã

experimentava consideraveis melhoras; o tempo estava lindissimo, e nos resolviamos a apressar o nosso regresso, por causa da enfermidade de Laura, quando recebi uma carta d'ella em que me dizia: (*)

«A' mezes que adormeci á beira do tumulo, e durante este longo e terrivel somno não sei o que se passou em roda de mim! O meu despertar foi risonho como o alvorecer da primeira manhã da primavera, despertei nos braços da esperança e da felicidade... Olha, Maria, vou ser esposa de Carlos!!...»

«Desde que tu partistes, os pais de Carlos pediram novamente a minha mão. Meu pai oppunha-se ao meu casamento, e eu resignei-me e regeitando o esposo que elle me apresentava; mas olha, minha boa amiga, não se luta impunemente com a vontade d'um pai, por mais estremoso que elle seja! Após a minha negativa veio o desgosto e...quasi a indifferença occupar no coração do meu pai o logar do estremoso amôr que elle me consagrava!! Não pude resistir a tanto, e adoeçi gravemente. Tinha a desesperança no coração, Maria, e o meu futuro tingiu-se-me de negro...»

«Já te disse que não sei o que se passou durante os dois mezes que estive doente: Os medicos conheceram, pelas palavras que eu soltava durante o delirio, a causa do meu padecer. A molestia chegou ao seu auge, e meu pai pediu, de mãos postas, que me salvassem. Um dos medicos disse-lhe: Senhor, a sciencia já nada pôde fazer por vossa filha, porque o seu mal é todo no coração. Permitta-me que lhe diga que só a esperança a pôde salvar.

(Continua.)

(*) Esta carta e a outra que Carlos escreveu á minha amiga foram-me dadas por ella quando eu lhe mostrei desejos de publicar esta pequena historia.

BONECOS E BONECAS

N'este seculo tão frivolo, não me parecem outra cousa as mulheres, e os homens de tão frivolo e superficial merecimento, que fazem consistir a sua felicidade, e occupação n'um vão ornato, e não conhecem outro estudo, que não seja o de sedas, fitas, perfumes, e penteados, persuadidos de que não foram creados, se não para parecerem bonecas aos olhos do publico. Búrnem o rosto, encrespam os cabellos, amaciam as mãos, cobrem os corpos d'avelludados, e dourados ornatos, e a alma fica sem cultura nem ornatos.

Que muito se já se não julga da pessoa se não pela maneira de vestir, e pentear.

Um homem não usa apresentar-se em publico, quando não tem um penteado, ou um vestido á moda, e apresenta-se descaradamente, ainda que muitas vezes não tenha prudencia, nem juizo. A mocidade d'hoje faz estudo no vestir, e não conhece outra arte, que não seja a d'agradar.

E que arte? Descorrer como um estouvado, resolver com arrogancia, espalhar impiedades, desfazer-se em perfumes, e dizer futilidades sem conto, mover-se como uso dançarino burlesco, e olhar para a sua sombra, usar do seu óculo, saudar com cadencia: eis aqui o que dá direito para trazer a cabeça levantada, desprezar os seus irmãos, insultar a philosophia christão, e blasfemar contra a mesma religião.

Que ridiculos bonecos! E as bonecas? Ellas, occupadas todas em gestos, denguiques, melindres, n'um fallar á tóa, e sem termo, deixam todo motivo para duvidar se pertendem outra vida, que não seja esta, e se conhecem em si mesmas outro ser além d'esta frioleira, que se enfeitam, que muito falla, e que procura seduzir, desprezando o verdadeiro ornato, a virtude, onde se deviam envolver comó em um vestido. Mas assim como certos vestidos já não são da moda, tambem a virtude cessa d'estar em uso.

Consterna ver uma mulher assim, que só póde agradar a quem se apraz da iltusão e sómente consulta os seus proprios olhos, d'outra maneira não veria em similhante metamorphose

mais que uma degradação do nosso ser, o qual, sendo uma imagem de Deus, só é lindo em quanto é simples, e tira a sua gloria do mesmo total da sua essencia.

Consterna, e até enoja ver esse tropel de homens, que escravos d'uns olhos, d'um dente, ou d'um cabello, tão loucos são, que amam, até passar a furor, similhantes futilidades: aferrados desordenadamente a uma massa de terra coberta sob uma mascara de carne, que todos os dias se altera para perecer, um corpo vil e ridiculo que se a Imaginação não supre a isto, e a alma não tira de si mesma as bellas, que julga haver nos objetos exteriores, não divisamos cousa, que não seja miseravel, e desprezivel. Não se vê hoje senão occuparem-se com o seu penteado, umas maquinas que apenas percebem que tem cabeça pela compustura dos cabellos.

Os grandes homens foram sempre contra o fausto, e ninguem viu, se não aos engenhos acanhados maravilhar-se á vista d'uma seda, ou de um enfeite. O luxo, transtorna todas as idéias; e o merito, que deveria ter a preaminencia parece uma sombra negra no meio do mundo. Deixam de parte, e despreza-o, para dar excellencia a um louco que traja de côr de rosa, e diamantes.

O homem sensato não contempla nos ricos mais que o coração, e a cabeça, e se elles não tem generosidade, nem talentos, põe-se muito a baixo do povo.

Na maior parte dos ricos, tem o luxo produzido a arrogancia, que tem subido nos nossos dias a tal auge, que já elles não conhecem outro merecimento, se não um bello vestido.

Basta ter esse signal d'honra para attribuir a si proprio o direito d'abater o homem de talentos, e olhar para a outra gente, como para o lodo que se calca aos pés.

Assentaram os grandes entre si, que o seu fausto, e as suas etiquetas os introduziriam por toda a parte, que lhe mereceriam todas as attentões, e os fariam superiores aos mesmos doutos.

Por quanto, quantos senhores não ha no mundo, que se achariam nas arte-camaras, ao mesmo tempo que o philosopho entraria por preferencia. Realmente, toda a pessoa, que faz o seu estudo d'um penteado á móda, d'um vestido de

gosto, e d'uma equipagem elegante, não passa d'um ser meio racional, e incapaz de cousa solida.

Que se pode esperar d'um sugeito, que não estima em si mesmo mais que um exterior tão subtil, como um vestido, e que temeria encarar n'um sabio por andar a pé?

Com effeito que metamorphose não haveria no mundo, da parte de nossos pais, e da nossa, se os homens dos seculos passados voltassem por algum tempo ás cidades, e casas! veriam personagens de grandes barbas, cabellos compridos, e elles veriam os seus netos com penteados de toda a sorte: veriamos personagens com vestidos de grösseiro panno, sem ouro, nem prata, e elles veriam os seus netos com vestidos matisados de todas as côres, e bordados por todas as costuras: veriamos personagens em busca das suas casas antigas sem tapeçarias, sem espelhos, e não se conhecerem já no meio d'um mundo que não poderiam definir.

Um bom lavrador, e acostumado a comer um pedaço de pão de relão veria o seu neto ministro girar em uma linda carruagem e dar banquetes os mais sumptuosos. Outro trabalhador, e acostumado a pegar em grandes pesos, veria o seu bisneto tyransar o genero humano, fazer que o domine excellencia, ou senhoria, e desprezando tudo que não tem titulo de grande.

Acham o luxo tal meio d'apropriar-se dos louvores, e honras, que já ninguem a ousa fallar hoje, se não a pessoas vestidas de velludo, ou agaloados. Até tem vergonha de saudar um homem mediocrementemente vestido, e não se atreveriam a confessal-o por amigo.

Venham dizer-nos á vista d'isto, que o luxo constitue a gloria dos estados. É a sua ruina, quem os transtorna. E se este miseravel luxo se tivesse viciado algumas condições, menos mal: mas como mal epidemico, tem lavrado por todas as classes de pessoas, e até nos mesmos templos, se tem introduzido certo luxo, que faz muitas vezes d'uma igreja uma especie de theatro, ainda que S. Bernardo ordene que não haja, se não calices de ouro, e prata, e que tudo o mais seja da maior simplicidade.

O fausto enerva os talentos, corrompe os

costumes, irrita os pequenos, e ensuberbece os grandes, deixa os sabios na obscuridade e só enriquece inuteis artistas.

O bem publico é sempre o pretexto, de que se servem para introduzir usos extravagantes, ainda que muitas vezes seja manifesto padecer o maior numero, e gemer por cauza d'elles. Tomára eu saber, por exemplo, se aquelles que inventaram tantas equipagens soberbas, que rodam pomposamente pelas cidades, entenderam ser uteis ao genero humano? Certo que só consultaram a mullesa, e a vaidade dos ricos, pois que n'uma cidade onde haverá talvez seis mil pessoas, que andam de carroagem, cem mil andam a pé. E que resulta d'isto? Veremos uma grande multidão encommodada, humilhada e muitas vezes exposta a perecer, ao mesmo tempo que alguns particulares se embalam insolentemente em um throno portatil, d'onde encaram com o maior desprezo n'um homem amavel, que lhes apparece debaixo dos pés. Cada um se põe, ou á esquerda, ou á direita, como se a Divindade houvesse de passar, ainda que muitas vezes o pobre, que roja pelas ruas curvado debaixo do peso, que leva ás costas, é muito mais credor de verdadeiros obsequios, do que o senhor que o atropella.

Praza á Deus que esses grandes se recordassem do que disse um excellente homem—As lagrimas, disse elle, me vem aos olhos, quando considero n'aquella interessante porção da humanidade, ou quando vejo da minha janella todas as obrigações, que lhe devemos: quando os vejo a soar debaixo da pesada carga, e apalpando-me depois, me recordo de que sou da mesma massa que elles.

THERESA AUGUSTA DA SILVA.

A' VISITA DE SS. MM. E A. AO PORTO

Na invicta cidade
Já todos se agitam,
E os seios palpitam
Com forte emoção!
Dos Reis o cortejo
Lá corre, lá vòat

Nos fortes já sôa
A voz do canhão!

Do Douro a rainha,
N'um throno sentada,
De gallas ornada
Encanta e seduz!
E o sol que no espaço
Semelha uma chamma,
Sobre ella derrama
Torrentes de luz!

De tolde lhe servem
Festoes e bandeiras,
Que as brisas ligeiras
Sacodem no ar.
E a altiva rainha,
A quem nada importa,
Abrir manda a porta
Do sen alcaçar.

Em breve se escuta
Um surdo ruido,
Que iguala o rugido
Do tigre ou leão...
E' o povo que em massa...
Levanta mil vivas,
E as fronte altivas
Inclina p'ra o chão...

A' porta a rainha
Dirige seus passos,
E aperta nos braços
A Esposa do Rei.
Sauda os monarchas...
Do throno o herdeiro
Com gesto fagueiro
Aponta-o á grey!

E o povo recebe da regia familia
A honrosa visita com gosto e prazer,
E a Deus elle pede que os dias conserve
A quem a alegria lhe veio trazer!

AUGUSTO QUEIROZ.

A RUIM MÃE

Traducção

DE

EMILIA ROSA DA SILVA

(De pag. 254)

Despertou todavian'ella os sentimentos da natureza uma aventura assaz enternecedora; mas o cahir ella em si humilhou-a, e não lhe serviu de correcção. Tinha Jaime dez annos, e Elviro contava bem perto de quinze, quando sua mãe a doeceu gravemente. Occupava-se o mais velho em seus passatempos, e muito pouco cuidado lhe dava a molestia de sua mãe. Castigo é para as mães desasisadas ter amor a filhos deshumanos. Já com effeito se iam todos inquietando: percebeu isso Jaime, e logo seu coraçãozinho se sentio assalteado de magoa, e temor. Já não lhe permite esconder-se a impaciencia de ver sua mãe, e tendo-o acostumado a não apparecer nunca sem ser chamado, deu-lhe emfim animo a sua ternura. Aproveitou o instante, em que a porta da camara estava meia aberta, e sem dar rumor de si entra com tremulos passos, e chega-se á cama de sua mãe. E's tu, meu filho? perguntou ella.

—Não minha mãe, é o Jaime. Esta resposta singêla, mas pungente, penetrou de vergonha, e magoa a alma d'esta mulher injusta, porém cedorestituiram ao seu máu filho todo o ascendente alguns carinhos, que lhe fez, e Jaime d'ahi ao diante, nem foi mais amado, nem menos digno de o ser.

Apenas a senhora Clorinda cobrou melhoras, intentou outra vez arredal-o de casa, e tomou por pretexto ser Elviro, como naturalmente vivo, por extremo capaz de distrahir-se, tendo companheiro no estudo, e poderem muito bem as impertinentes predilecções dos mestres a respeito do filho, que era mais humilde, ou mais carinhoso para com elles, desanimar o outro, cuja indole mais altiva, e menos flexivel, requeria mais circumspecção. Queria pois, que Elviro fosse o unico objecto dos seus cuidados, e desapressou-se do infeliz Jaime, desterrando-o para um collegio.

Deixou Elviro na idade de desesseis annos os seus mestres de mathematicas, phisica, musica, etc. no mesmo estado, em que os tomára: entrou nos seus exercicios, em que se houve com pouca differença como em seus estudos; e aos vinte annos sabiu ao mundo com a sufficiencia d'um lerdo, que ouvio fallar de tudo, e não reflectiu em nada.

Tinha Jaime da sua parte findado o estudo das humanidades, e sua mãe sentia-se enfastiada dos elogios, que se lhe faziam. Visto ser elle sisudo, diz ella, não deixará de ser venturoso no estado ecclesiastico, nem á outro partido que tomar, senão este.

Não era Jaime por desgraça sua inclinado a tal estado, e veiu pedir humildemente a sua mãe, que o dispensasse d'elle. Cuidas sem duvida, diz-lhe esta, com frieza altiva e severa, que tenho de que manter-te no seculo? Já te declaro que não ha nada. O cabedal de teu pai não era tanto, como se julga; apenas chegará para o estabelecimento de teu irmão mais velho. Quanto a ti, meu senhor, o que te cumpre é ver se queres seguir a carreira dos beneficios, ou a das armas, tonsurar-te, ou tomar o capacete: n'uma palavra, acceita uma volta, ou uma patente de tenente de infantaria, que é quanto posso fazer-te. Respondeu-lhe Jaime com respeito que outros partidos havia menos violentos, os quaes podesse tomar o filho d'um negociante. A estas palavras cuidou a filha de Claridonio morrer de paixão por ter dado á luz um filho tão pouco digno d'ella, e ordenou-lhe que não lhe apparecesse mais diante dos olhos. Desconsolado Jaime por ter incorrido na indignação de sua mãe, retirou-se a suspirar, e resolveu experimentar se a fortuna lhe seria menos cruel, que a natureza. Soube que estava um navio prestes a fazer vèla para as Antilhas, onde elle tinha tenção d'ir. Escreveu a sua mãe pedindo-lhe o seu beneplacito, a sua benção, e algumas fazendinhas para entrar a negociar. Em conceder-lhe a sua approvação, e abençoal-o foi a mãe liberal, mas escassa em dar-lhe as fazendas.

A POBRE

O' rico da terra! não ouves a pobre,
Humilde, uma esmola, chorando, pedir?
Escuta seus rogos... Se tens alma nobre
No crime a innocente não deixes cahir...

Mas, ah! coitadinha... tu mesmo lhe apostas,
C'o o riso nos labios, da infamia o labeu!...
E ella, espantada de ver taes affrontas,
Alimpa seu olhos e fita-os no ceu...

No ceu vai fital-os então pudôr santo
As faces lhe tinge de vivo carmim...
E logo dos olhos rebenta-lhe o pranto...
—Senhor, ella brada, lembrai-vos de mim. —

D'alli se retira co'o peito opprimido
Por dôr penetrante, por golpe cruel..
Procura no peito callar um gemido,
Que brota nos labios, pejado de fel...

Possante cavallo lá pucha um carrinho
E as ruas, co'o estrondo, parecem tremer!
Co'a mão estendida lá sae ao caminho
A pobre, coitada, com frio a gemer...

A mesma resposta lhe dá o malvado
Fitando o donzella com vista feroz...
E ella, um abrigo não tendo encontrado,
No crime caminha com passo veloz...

O' rico da terra! não vistes a pobre,
Humilde, uma esmola, chorando, pedir?
De certo a não vistes... e á mingoa de cobre
No crime a innocente deixaste cahir!

AUGUSTO QUEIROZ.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 272)

XXIII.

— Caminhei quasi toda a noite. Devo estar desfigurado. Não quero apparecer á minha pupila antes de descançar. Nunca lhe fallei d'amor rasgadamente, hei de fazê-lo agora. Trouxeste para o meu quarto interino roupas e objectos precisos para a minha *toilette*?

— Trouxe todas as cousas, senhor barão.

— Caminhemos a trote.

Chegaram á quinta. Damião desmontou-se e ia bater ao portão; mas estava já aberto. Isto desagradou-lhe, mas não o assustou ainda. Entraram.

Um barulho e gritos confusos vinham do lado da cosinha, e a uma janella estava Ermelinda embrulhada n'um chaile e toda desgrehada.

— Não sei o que ha, disse ella, estou a tremer? Ou andam ladrões em casa, ou o diabo.

— O diabo és tu! — murmurou Damião entrando na cosinha. O motim era á porta que dava para a quinta. O criado abriu-a. Precipitaram-se para dentro Antonio, José e Miquelina. Esta bradou assodada:

— Quem fechou esta porta? Tenham juizo! Que barulho! Está allí o sr. barão nosso amo. A porta havia de ser Gabriel que a fechou.

— Pois não fostes!... disse José, Gabriel anda a sachar nos campos.

— Ora queira Deus ou o diabo, exclamou o laçao fazendo-se escarlate de cólera, que deixasseis escapar a fidalguinha!

— Não tenha medo! replicou Miquelina aivando o lume. Está fechada e trago comigo a chave. Mas são horas de almoçar e...

— Deixa isso, (com mil demonios!..) e vai vêr se a fidalguinha está lá e o que faz.

— Dorme ou chora... mas eu vou, Antonio, faze lume.

Ella subiu e disse:

— Vê?... a porta está fechada como a deixei quando sahi.

Abriu e entrou.

— Que é isto? — exclamou José apanhando do chão alguma coisa.

— E' um cachimbo como trazia o demonio do marujo que hontem me perseguiu.

— Está entre a lenha um lenço, disse Antonio, e parece ter estado aqui gente agachada!

— Dormiu então o bebado cá dentro! Arre-nego-te *purqui-sujo*! O homem tem mandinga! Procure bem, senhor Antonio, não esteja mettido n'algun canto.

Damião estava de braços cruzados no meio da cosinha. Tinha impetos de estrangular José e Antonio e de bater em si. Estivera allí um homem que o fez levantar de noite, e elle, que trazia uma pistola, não o matou.

— E foi *antão* o tal borracho, replicou Antonio que nos fechou a porta para roubar alguma coisa e pôr-se ao fresco, sem que lhe podessemos ser *bós*.

— Se não roubasse a rapariga, pensava Damião, tudo o mais pouco se me dá.

Miquelina assomava á porta.

— Então? bradou elle, está lá?

— A porta do quarto está arrombada, e a fidalguinha desapareceu.

— Fugiu?! Desgraçados, que tão mal cumpriste as minhas ordens!.. — e elle correu a mão pela testa. Tinha uma vertigem.

— A cavallo!.. — gritou da porta do pateo Amaral com voz forte.

Damião reanimou-se e correu para seu amo, e partiram ambos a meio trote, para examinar para todos os lados, não lhes ficasse a fugitiva para traz.

— Agora, *senhora Marculininha*, disse Antonio, não temos que guardar pelos modos.

— Por ora ao menos não. Vamos tractar de arranjar o almoço para nós, e para a fidalga velha, que está lá em cima com tanta fome como má cara. Parece uma furia. Disse-lhe que anediasse o topête em quanto eu yinha arranjar o almoço.

(Continúa).

NO DIA DA CHEGADA

DA
FAMILIA REAL AO PORTO

PELA OCCASIAO D'ABERTURA

DA
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL

Chegou em fim o grande, alegre dia
Para a invicta, leal, nobre cidade:
E dos Luzos o rei, e a Excelça Pia,
Vêm aumentar-lhe os bríos, a vaidade.
O rei artista vem, o Infante Augusto,
O Principe Real da Mãe nos braços;
Eil-os dentro dos muros onde outr'óra
Pedro Quarto os rebeldes poz lá fóra:

Eil-os dentro dos muros que o guerreiro
De Novara escolheu, Carlos Alberto,
Para exilio: talvez p'ra derradeiro
Abrigo, pois sentia a mórte perto!..
Mas o Porto escolheu, porque D. Pedro
Iguaes ás suas tinha idéas grandes!
Carlos, Pedro Quarto ambos na história
Deixaram das Nações alta memoria!
A paz que succedeu no Porto á guerra,
Outros feitos lembrou-lhe de progresso,
A industria echo achou na Luza terra,
Eis que ousados varões fazem congresso:
Do seu pai animam os artistas
Que empulso ás artes dão auxiliados
Por esses que ás Nações pédem productos,
Para que os seus aprendam, tirem fructos!

Essas nações cultas, não desdénham
A que pequena fáz convite illustre,
Embora maiores, mais luzes têmham,
A ennobrecel-a correm, dar-lhe lustre!
Beni hajam sim os que a iniciativa
N'esta empresa tomáram tão famosa,
N'uma internacional exposição
Que honra, gloria dará a ésta Nação!

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 287)

XXIII

ASSALTO E POLEMICA

Ao chegarem á estrada avistaram os dois cavalheiros os fugitivos em grande distancia.

—Aposto, exclamou o criado, que aquellas são os que buscamos.

—Com mil demonios! replicou o amo, por alli ha casas, e o negocio não é para publicidade.

—Estes rusticos enganam-se bem. Deixe-me v. exc.^a com elles. Caminhemos mais rapidos.

—Ella vai com o marujo que tem arte magica. Aquelle demônio anda-me sempre desaranjando os planos mais bem combinados.

—Então será o mesmo que já a roubou de Villar?

—Pois qual ha-de ser? Creio que a maruja não segue em massa os preceitos de D. Quixote. Este ao menos caminha a pé.

Entraram n'uma casa. Podemos galopar. Estão na ratoeira.

Chegaram em breve á casinha em que se recolheram os fugitivos. Damião pôz pé em terra e bateu á porta com arrogancia.

—Quem é?! disse de dentro a voz estridente d'uma mulher.

—Abra da parte do senhor barão que é tutor da senhora que aqui se recolheu.

Os titulos são desconhecidos nas aldeias rusticas. Se n'alguma se estabelece um titular bemfazejo, é amado; se dispotico, é temido; mas nem por isso serão respeitadas outras que por acaso alli transitem. A dona da casa pois,

mulher inteiramente rustica apesar de não viver uma legua longe do Porto, se ouvira fallar em barões, não dera a isso importancia e não sabia o que fossem; mas tinha ouvido com muita attenção um sermão do Calvario em que muitas vezes metteu o prégador o santo barão Nicodemus e o santo barão José d'Arimatêa, e como era de ideias muito curtas, confundiu tudo, e respondeu:

—Ainda que o santo barão que cruxificou a Nosso Senhor Jesus Christo cá viesse, não lhe abria a porta. Vão com Nossa Senhora e as almas santas bemditas.

—Ella que diz? — perguntou Amaral espantado.

—Se não está zombando connosco— respondeu o laçao — é tola. Não vá ser manha para ganhar tempo. . . . Como vossa excellencia está a cavallo, queira olhar por cima da parede, não vão os fugitivos safarem-se pelos campos fóra.

—Nada!. . Os campos são descobertos. Não poderão fugir sem que eu veja.

Damião bateu com mais força ainda, bradando:

—Abra, senão vai a porta dentro.

—E eu *barrego* aqui d'el-rei, e hei-de ter quem me despique.

—Entregue-nos a menina que pertence a meu amo, e não lhe succederá mal; senão. . . depois se arrependerá.

—Eu não sei se pertence, nem se não pertence. Vá fallar *ó senhor rigidor e antão* fallaremos.

Damião metteu os hombros á porta e arrombou-a.

A mulher bradou em voz de falsete:

—Aqui d'el-rei ladrões!. . aqui d'el-rei casa arrombada!. .

Assustou-se Amaral. Não queria motim, nem que accudisse alguém que o conhecesse. Saltou do cavallo, deu-o a guardar a um rapaz

a quem os gritos attrahira e entrou na casa dizendo á mulher:

Não se agonie... Não faça barulho. Tome lá para mandar compôr a porta — e deu-lhe uma libra. A mulher nunca tinha visto na sua mão dinheiro em oiro. Ficou com a bôcca meia aberta. Nem posses tinha para se alegrar. A furia tinha-lhe passado, e achava muito lindo o barão, fosse ou não dos que fallára o pregador.

— Entregue-me a menina a quem sirvo de pae — tornou Amaral, mettendo outra libra na mão da mulher. Ella abriu mais a bôcca, e ficou como uma estatua.

Francisco estava á porta, que dava para a casita, com um machado em punho e disse:

— Aquelle que vier á abordagem navega logo para a eternidade.

Damião quiz lançar-se sobre elle. Amaral o deteve, Maria Isabel, tendo ouvido a voz de Francisco, correu e lhe bradou:

— Pelo amor de Deus!... veja o que faz. Lembre-se que é o arrimo de sua mãe.

Alguns homens de sachola ao hombro entraram. Andavam perto nos campos e accudiram aos gritos da mulher.

— Aqui está o *sinhor rigidor*, — disse a dona da casa (contente de lançar de si a responsabilidade) elle agora é que ha-de dizer como isto ha-de ser.

Amaral dirijiu-se ao homem que vinha na frente, dizendo:

— Senhor regedor, eu sou um cavalheiro a quem acaba de fugir a minha pupila. Ella receia que eu a faça infeliz, mas é porque não conhece o meu coração: amo-a como um pae terno e amante, e só para a fazer feliz é que a quero guardar e proteger. Entregue-m'a, senhor regedor. Eu a tratarei como a filha mais querida. Convença-a a seguir-me... obrigue-a, se preciso fôr. Cumpra o seu dever, senhor regedor. A carta

constitucional, de que o senhor é magistrado, manda que se entreguem as filhas a seus paes.

E elle sahio a esperar o exito da sua falla. Tinha esgotado a sua logica, e envergonhava-se de estar mintindo diante de Maria Isabel. Disse baixo a Damião antes de sahir que o substituisse, e sustentasse os seus direitos. Damião podia fallar no valimento de seu amo, e no mal que iria a quem se oppozesse á sua vontade; e é o que fez o astuto criado com toda a au lacia e descaramento. Fez uma parlenda que encheu de susto os camponeos e de indignação Maria Isabel, e que fez rir sardonico Francisco, que se conservava ao lado da menina com o machado em punho.

— O' senhora — disse o regedor á donzella — venha com seu pae á cortezia. Isso, como lá diz o outro, não é bonito andar por esse mundo como uma *madanella*. Seu paizinho não lhe fará mal; tem cara de *bó home*.

— Esse senhor mentiu; não me é nada — disse Maria Isabel. Este luto que trago é por meu pae e minha mãe. Sou orphã, estou protegida pelo juiz dos orphãos. Se me fazem alguma violencia, queixar-me-hei de quem m'a fizer.

(Continua.)

CARLOS E LAURA

Toma, minha querida, toma este ramo de flôr de limoeiro que eu colhi para ti; á noite deixa-o ao pé da cama. Come este favo de mel; achei-o no alto d'um penhasco; mas agora encosta-te ao meu seio, e eu descangarei.

(Bernardin de Saint Pierre.)

PAULO E VIRGINIA.

(De pag. 282)

« Carlos foi informado d'isto, e entrava em
« nossa casa no momento em que meu pai de
« combinação com o medico me ia dizer palavras
« d'esperança. Carlos correu como louco até á
« porta do meu quarto, lançou-se aos pés de meu

«pai, e n'um transporte de delirio, pedia-lhe a
«minha vida. Meu pai exitava ainda, mas eu ti-
«nha ouvido a voz de Carlos, e pude dizer-lhe
«com voz mal distincta: — Carlos, eu morro,
«adeus até ao ceu. — Meu pai abraçou-o e dis-
«se-lhe: Salva-a, é tua esposa. O medico tinha
«razão, minha amiga, a esperança é o unico reme-
«dio que me podia salvar! Esta existencia pres-
«tes a sumir-se reanimou-se á primeira palavra
«de esperança.

«Pelas tuas cartas, que só hoje me foram
entregues, vejo que tua irmã está melhor, por
isso te peço que venhas assistir á coroação dos
meus desejos. Devo casar por todo o mez d'abril.
Vem minha amiga, vem partilhar da ventura da
tua=Laura.»

Tanto me tinha mortificado n'essa noticia,
como me alegrou a outra. Eu e minha irmã vol-
tamos a nossa casa nos fins de março, e no dia 11
d'abril, effectuou-se o casamento de Carlos e
Laura.

Poucas pessoas conheço mais felizes do
que aquelle pár! Laura vive n'um mundo de fe-
licidade e amôr. Seu pai adora-a cada vez mais;
seu esposo viu n'ella reunidas todas as perfeições
e virtudes que pode imaginar; ella é a sua vida,
o seu tudo!.. E Laura paga com uzura estes ex-
tremos. A sua existencia, o seu affecto, e o seu
coração são repartidos por esses dois entes que
a estremecem.

Acabava a minha amiga de me fazer esta sin-
gella e curiosa narração, quando os personagens
d'ella chegaram ao pé de nós.

Pude então observal-as á minha vontade e
confesso que nunca vi fisionomias que tanta ventu-
ra exprimissem!

Laura abraçou ternamente a sua amiga, e
n'um beijo que lhe deu revelava bem a sincera
amisade que lhe consagrava. Carlos apertou-lhe
cordialmente a mão, e disse-lhe baixinho:

—Amanhã partimos para Braga, está aberta
a exposição, quer acompanhar?

A minha amiga respondeu-lhe negativamen-
te, e o formoso e feliz pár, e o nobre veneravel
pai de Laura despediram-se de nós para irem e
diziam elles, tratar dos preparativos da jornada.

Eu, e Maria encontramos-nos muitas vezes
mais, e fallamos muito de Carlos e Laura. Tanto,
que eu lhe aprendi de cór esta historia que vos
contei.

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUZA TELLES.

A RUIM MÃE

—
Traducção

DE

EMILIA ROSA DA SILVA

(De pag. 286)

Quiz ella, em extremo venturosa por estar
livre do filho, vel-o antes da partida, e ao abra-
çal-o algumas lagrimas chorou por elle. Seu ir-
mão teve tambem a bondade de desejar-lhe feliz
viagem, e eram estes os primeiros carinhos, que
recebera de seus parentes, e de que seu sensi-
tivo coração ficou penetrado; mas não ousou de
pedir-lhes licença para escrever-lhes. Tendo, po-
rém, um amigo no collegio, de quem era terna-
mente amado, rogou-lhe com grande instancia
ao partir, que lhe desse algumas vezes noticias de
sua mãe.

Nenhuma outra cousa roubava a esta os
seus cuidados, senão a diligencia de estabelecer
o seu querido filho. Declarou este querer seguir
a magistratura: alcançaram-se-lhe dispensas de
estudos, e cedo foi admittido no sanctuario das
leis. Não lhe faltava mais de que um avantajoso
casamento: offereceu-se-lhe uma rapariga com
rica herança; mas foi requerida á viuva a doação
dos bens. Teve esta fraqueza de consentir n'isso,

reservando para si apenas com que viver decentemente, na certeza de que seria sempre senhora de dispôr do cabedal de seu filho.

Na idade de vinte e cinco annos achou-se Elviro feito um conselheirinho de feição, descurando-se igualmente da mulher, e da mãe, e tendo só consigo grande cuidado, e muito pouco dos negocios da judicatura. Como era moda ter um marido com quem divertir-se sem ser com sua mulher, entendeu Elviro que devia a si proprio apregoar-se por homem favorecido das damas. Correspondeu aos seus requestamentos uma rapariga, a que elle lançou os olhos n'um espectáculo, admitiu-o em sua casa com muita cortesia, certificou-lhe que era lindo, o que não lhe custou muito a crêr, e dentro em pouco tempo o desembarçou d'um bilhete de dez mil escudos. Mas como não haja eternos amôres, esta projura beldade deixou-o no fim de tres mezes por um lord inglez, ainda moço, tão lerdo como elle, porém mais gaudioso. Não podendo Elviro alcançar como fosse possível despedir-se d'esta maneira um homem da sua qualidade, resolveu vingar-se, tomando outra dama mais famosa, e enchendo-a de beneficios. Com sua nova conquista ganhou muitos ciosos; e quando se comparava com essa multidão de adoradores, que em vão suspiravam por ella, tinha o prazer de contemplar-se mais digno de ser amado, assim como se tinha por mais venturoso. Advertindo porém a dama que elle não deixava de viver com algum desassocego, quiz provar-lhe que não havia nada no mundo, que ella não estivesse resoluta a deixar por seu respeito, e propôz, para fugir dos importunos, virem ambos para Paris esquecer-se de todo o universo, e viver unicamente um para o outro. Ficou Elviro saltando de contente com este signal d'amôr. Prepara-se tudo para a viagem: partem, chegam, e escolhem o seu retiro nos arredores

do palacio real. Pediu Fatima (este o nome, que tinha tal beldade) e obteve facilmente uma carruagem para tomar o ar. Ficou Elviro assombrado com o numero de amigos, que achou na boa cidade. Nunca taes amigos o tinham visto; porém o seu merecimento lh'os grangeava aos montes. Em sua casa não dava Fatima entrada a ninguem, senão á sociedade de Elviro, o qual fazia todo o conceito d'ella, e dos seus amigos. Esta engraçada mulher tinha todavia sua fraqueza, e era crer em sonhos. Teve em certa noite um, que não podia, dizia ella, riscar-se-lhe da fantasia. Quiz Elviro saber que sonho era o que tão sériamente a trazia preocupada. Sonhei, diz-lhe ella, que estava n'um delicioso aposento; que era um leito ornado de damasco de tres côres, uma tapesaria, e cadeiras de braços proporcionadas a esse soberbo leito; tremós, que cegavam com muito ouro, que tinham, gabinetes de linda vista, porcelanas do Japão, figuras da China as mais lindas do mundo; mas tudo isto não é nada. Havia um tocador concertado; chego a elle; que é o que vi? O coração me palpita, um cofrezinho de diamantes; e que diamantes, que elles eram? Um laço o mais bem engastado, que póde dar-se, os brincos mais brilhantes, a mais bella escravidão, e um rio sem fim. Sim, senhor meu, certifico-vos que alguma cousa não ordinária me tem de acontecer. Vivissima impressão me fezesse sonho, e os meus sonhos nunca me enganaram.

Debalde se valeu o senhor Elviro de toda a sua eloquencia para persuadir-lhe que os sonhos não significavam nada: sustentou ella que aquelle havia de significar alguma cousa, e elle rematou dizendo-lhe que temia que algum dos seus rivais não intentasse effectual-a. Foi preciso, pois, capitular, e resolver-se elle de alguma maneira a cumpril-o. Bem é de entender que este ensaio não a curou do habito de sonhar: tomou-lhe o gosto, e sonhou tanto que o cabedal do bom Elvi-

ro tambem era já mero sonho. A joven esposa do filho de Clorindo, a quem esta jornada não agradára, requereu separação de bens d'um marido, que a despresava, e havendo este de inteirar-lhe o seu dote, isso o acabou de incomodar mais.

O jogo tambem é recurso. Pretendia Elviro levar a palma no dos centos: os seus amigos, que faziam bolsa commum, apostavam todos por elle, ao mesmo tempo que um jogava contra. A cada carta, que Elviro jogava: Viva, dizia um dos que apostavam por elle; isto é que é jogar bem! Não se joga melhor, dizia outro! finalmente no mundo ninguem jogava melhor que Elviro; mas nunca tinha azes. No entanto, que insensivelmente o iam arruinando, a fiel Fatima, que percebeu a sua decadencia, sonhou uma noite que o deixava, e deixou-o no dia seguinte. Porém, como seja cousa vergonhosa o descahir, tomou elle a cousa em ponto de honra, e não quiz diminuir em nada do fausto; de maneira que, dentro em alguns annos achou que estava arruinado.

Procurava expedientes, quando sua mãe, que não regêra melhor o que tinha reservado para si, escreveu-lhe uma carta pedindo-lhe algum dinheiro, a que respondeu o filho que estava desesperado, e que em vez de poder soccorrel-a, se via nos termos de necessitar de soccorro. Já os credores começavam a receiar-se, e tudo era a qual d'elles lançaria primeiro mão dos sobejos, de que ainda estava de posse. Que fiz eu? dizia a desconsolada mãe: despir-me de tudo por um filho que tudo desperdiçou!

E que seria todavia feito do desafortunado Jaime? Este mancebo engenhoso, dotado da mais bella alma, e o mais bem parecido homem do mundo, chegou felizmente a S. Domingos com a sua carregação sinha. Sabida cousa é quanto um francez de bons costumes, e galhardo pare-

cer, acha facilmente meios de estabelecer-se nas ilhas. O nome de Clorindo, sua intelligencia, e sisudeza, grangearam-lhe logo o conceito dos habitantes do paiz. Com os soccorros, que lhe foram offerecidos, adquiriu elle mesmo habitação propria, a qual cultivou, e tornou flôrescente e o commercio, que então se achava em vigor, em breve tempo o enriqueceu; de maneira que dentro em cinco annos, motivava já ciumes às viúvas, e raparigas mais lindas e ricas, d'aquella colonia. Mas! oh desdita! escreveu-lhe o seu amigo do collegio, que até então lhe mandára sempre alegres novas, e dizia-lhe que seu irmão se achava arruinado, e sua mãe, que se via desamparada de todo o mundo, reduzida aos mais tristes extremos. Esta carta fatal humedeceu Jaime com suas lagrimas. Ah! diz elle, minha pobremãe! Eu irei valer-te. Não quiz fiar isto de ninguem; que qualquer incidente, uma deslealdade, o descuido ou frouxeza de mão estranha podiam privar-a do soccorro de seu filho, e deixal-a acabar na indigencia, e desesperação. Não ha rasão nenhuma, que retarde um filho, dizia elle consigo, quando se trata da honra, e vida de sua mãe.

Com taes sentimentos cuidou unicamente Jaime em reduzir os seus bens a dinheiro. Vendeu quanto tinha, e este sacrificio não lhe custou nada ao seu coração; mas não pode deixar de chorar outro thesouro mais precioso, que deixava na America. Lucella, viuva, ainda rapariga, d'um colono já velho, que lhe tinha deixado immensos cabedaes, olhára para Jaime com aquelles olhos, que parecem cálar até o fundo da alma, e descobrir a indole della: com aquelles olhos, que no lançar-se resolvem a opinião, determinam a inclinação, e cujo effeito subito, e confuso as mais das vezes se toma por impulso da sympathia. Cuidára ella ter visto n'este adolescente tudo o que póde concorrer para a dita d'uma

mulher honesta, e meiga: e o amor que lhe teve, não esperou pela reflexão para nascer, e desenvolver-se. Jaime da sua parte distinguiu-a entre as suas rivaes, como a mais digna de captivar o coração, d'um homem sisudo, e virtuoso. E tendo Lucella a mais nobre, e linda figura, o porte mais vivo, e todavia, o mais modesto; a côr trigueira, porém mais engraçada, que as rosas; os cabellos pretos como o ebano, e os dentes tão esmaltados, que cegavam; o corpo, e o andar das Ninfas de Diana com o sorriso, e olhar das companheiras de Venus; tendo Lucella, digo, todos estes dotes feiçeiros era prendada d'aquelle valor d'espírito, d'aquelle indele sublimada, d'aquelle melindrosa regularidade de idéas, e d'aquelle acerto nos sentimentos, que nos faz dizer sem razão que uma mulher tem a alma d'um varão. As maximas, que Lucella seguia, não eram parte para que se envergonhasse d'uma inclinação virtuosa; e apenas Jaime lhe declarou a escolha, que seu coração fizera, obteve sem rodeio igual declaração em reposta: e tornando-se mais terna a sua natura affeição, á medida que ia sendo mais reflexionala, só anhelava ao momento de ser consagrada aos pés dos altares.

(Continúa).

CLÓTI DE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

PROLOGO

Eu sou entusiasta pelo progresso, odeio as marchas de caranguejo, e com tudo vou pedir-vos, amigos leitores, que retrogradeis, não com as acções, mas tão sómente com o pensa-

mento a essa época em que os Mouros habitavam o nosso bello Portugal. Depois de vos fazer dar este passo, quero conduzir-vos a uma d'essas fortalezas, que elles com tanto fausto sustentavam. Mas para lá chegarmos temos ainda de caminhar: vamos subir esse monte d'alcantiladas fragas, no meio das quaes se eleva esse altivo castello. Antes de transpôrmos as chapeadas portas que a fecham, demorar-nos-hemos por um pouco para tomar folego, e gosar o bello golpe de vista que d'aqui se disfruta.

Vêde como estes rochedos se elevam airosos e soberbos sobre essa planicie que se estende a seus pés para o lado do poente, e sobre esse limpido rio que humilde lhe banha a immensa base pelo lado do meio dia, e cujos rugidos se vão repercutindo na concavidade das rochas êccoando d'umas para as outras até se perderem nas grossas muralhas que acabamos de transpôr!

Agora entremos: vamos vêr um contraste completo. — Até agora vimos a risonha natureza enfeitada com seus esmaltes e encantos; e agora vamos escutar gemidos, vêr lagrimas, e presenciar uma scena desoladôra!! Nós estamos no dia em que os pobres Mosulmanos tiveram a certeza de que a inquisição havia triumphado, e que o decreto que os expulsava para fóra d'estes doces climas estava assignado. Em seus semblantes desenhava-se, em caracteres bem significativos, a dôr e a surpresa!! Mal podem ainda crêr na sua infelicidade! lêem e relêem o fatal decreto que lhe ordena deixarem este doce paiz que elles tinham fertilizado, e em que á tanto tempo viviam.

Julgavam acordar de um sonho horrivel; mas aquelle decreto era uma realidade que lhe não podia deixar duvida. A verdade affugentava a illusão, e fazia brotar pranto de desespero de todos os olhos.

E aquelles desventurados não resolviam a aproveitar as poucas horas que lhe concediam

para se prepararem para essa longa jornada que tinham de fazer! Como haviam de levar tantas riquezas como possuíam, fructo do seu trabalho, e da sua industria?

Deixal-as nos seus castellos para d'ellas se aproveitarem esses que eram os mutores da sua desgraça? Não cabia isso no genio altivo e vingativo dos Mouros.

Leval-os! Como, se elles não estavam preparados, e tinham ordem expressa de não levarem coisa alguma. E as horas passavam umas após outras; o momento da partida não tardaria a soar, e elles nada tinham resolvido!! Engolfados na immensidade da sua desdita não calcularam o tempo, esse relógio que anda sem cessar, e que vai marcando, imparcial, as horas da nossa vida.

Um pensamento repentino veio socegal-os: enterrar os seus thesouros foi a opinião unanime de todos! Queriam entregal-os á terra aonde tinham sido gerados, e d'onde elles á força de trabalho as haviam arrancado. Não era só o rancôr que tinham a seus perseguidores, e o quererem inutilisar estas riquezas para que elles as não possuissem, que os obrigava a esta acção desesperada! é que um raio de esperança bruxoliada ainda nas trevas d'aquellas mentes desvairadas: confiavam muito em Alláh, e esperavam que a sua sentença fosse revogada, e então elles podiam vir desenterrar esses thesouros, escondidos agora por elles em sitios conhecidos.

Com estas ideias sahiram das suas habitações reis e vassallos a quem a desgraça tornava iguaes; todos munidos de instrumentos proprios para escavar, cada qual com mais ardor revolve as entranhas da terra para lhe confiar os seus haveres!!

Era uma scena de horror! A lua encoberta por grossas nuvens povoava a terra de sombras pavorosas! O silencio da noite não era interrompido por voz alguma humana, por que estes des-

graçados havia-os a surpresa emudecido; só alguns mochos vinham com seus lugubres gemidos despedir-se d'aquelles que por tantos annos alli habitaram! A este triste canto se misturava o susurro que o rio fazia na sua rapida corrente, e o roçar das enchadas nas pedras que encontravam, muitas vezes d'este embate resultavam faiscas de lume! Era o desespero quem movia aquelles braços com tanto affan.

Junto a uma das muralhas havia um fundissimo poço; foi abi que sepultaram a maior parte dos seus thesouros, e depois foi entulhado para melhor as occultar. Ao amanhecer estava tudo, o que tinham de precioso, fóra das vistas dos seus perseguidores.

Todos sabem como foi a sahida dos Mouros, e que elles não poderam voltar; por tanto muitos d'esses sitios que habitaram encerram ainda hoje riquezas fabulosas.

Fim do prologo.

(Continua.)

MELANCOLIA

Quando o astro do dia os raios seus apaga
E vem no ceu a lua pallida brilhar,
Eu gosto então de vêr como fermente vaga
Do turbido oceano as praias vem beijar.

Tambem gosto de ouvir a branda, amena endeixa.
Que, no meio do bosque, entôa o rouxinol;
Da timida zagala a tristurosa queixa
Depois que vai sumir-se no occidente o sol;

Da fresca viração o surdo murmurio,
Que vem do arvoredo as folhas baloiçar,
E a limpida corrente do sereno rio,
Que lança suas aguas n'um extenso mar.

N'essa hora de saudade... de tristesa infinda,
Novo alento em minh'alma sinto renascer.
Porém, essa hora passa... e mais uma vez inda
No peito sinto a dôr... desejo então morrer.

AUGUSTO QUEIROZ.

PROVAS DA SUPERFETAÇÃO

Em 1753 uma mulher de Louviers (pequena Villa de França, na alta Normandia, a 5 leguas (S. E) de Ruão, 22 (N. O) de Paris, pario successivamente em 3 mezes 3 crianças, que foram baptisadas. Em 1755, uma mulher de 18 annos, casada em Inglaterra, junto do Ktwyk sobre o Mar. com um homem viuvo de 60 annos que não tinha tido filhos de sua primeira mulher, deu á luz de manhã um rapaz vivo; no mesmo dia á noite uma criança de 6 mezes; e no seguinte ainda uma criança de 3 mezes.

Em 1755, a 21 de Março foi apresentado á Imperatriz da Russia, um camponez Moscovita, chamado Jacques Kyillof, e sua mulher. Este camponez, casado em segundas nupcias, estava na idade de 70 annos: sua primeira mulher tinha parido 21 vezes; a saber: 4 vezes de 4 crianças, 7 vezes de 3, e 10 de 2. Total 57 crianças, que então viviam.

Sua segunda mulher, que o acompanhava contava já 7 partos, 1 de 3 crianças cada um, e 6 de 2 gemeos cada um, o que fazia 15 crianças pela sua parte. Por este modo o Patriarca Moscovita tinha tido até então 72 crianças. Que rara fecundidade! Que objecto pôde ter a natureza de produzir 2 gemeos, uma criança de 2 cabeças, de 2 corpos, de 4 braços, etc. Porque rasão as crianças se parecem ora a seu pai, ora sua mãe?!

Houve um enviado Turco em Paris, por os tempos de entrudo, que vendo todas as estra-

vagancias d'esta estação, e a cerimonia de quarta feira de cinzas, escreveu entre outras cousas a um de seus amigos em Constantinopla— que ha um certo tempo do anno em que os christãos são raivosos, e que no cabo de algumas semanas, tem um certo pó cinzento que seus sacerdotes lhes mettem sobre a cabeça, em dia destinado para isso, com o qual recobram o juiso.»

A FEITICEIRA

Questionando uma velha com uma moça, lhe chamou ladra. A moça lhe retorquiu chamando a feiticeira. Ao que respondeu a velha:—«Isso é verdade; e tu bem sabes que eu sou feiticeira, porque adivinhei o que tu és; e ainda cá fica outra cousinha para outra vez.

EXPEDIENTE

A redacção d'este jornal pede aos seus dignissimos assignantes da provincia oobsequio de mandarem saptisfazer o importe das suas assignaturas ao proprietario do jornal Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa, n.º 63 —Porto, a quem deve ser dirigida toda e qual-quer correspondencia.

Pedimos tambem aos snrs. assignantes que não quizerem continuar a receber o jornal, a bondade de o participarem.

Preços—Para o Porto, por anno 1\$200 reis semestre 600, trimestre 300, mez 120 reis —Para a provincia acrece o importe das estampilhas. —Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, na livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16.

TYPOGRAPHIA DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

1

Muitos seculos decorreram já desde que os mouros foram expulsos d'este paiz; e d'essa immensa fortaleza, a que vos conduzi, já nada existe, apenas alguns restos de muralhas que por sua solida construcção têm resistido á destruição do tempo. No lugar do soberbo Castello Mourisco, está hoje construida uma pequena capella consagrada á Virgem dos Remedios, e uma pequena casa aonde vive um veneravel ancião. Completo contraste formava aqui o presente com o passado!!...

Lá em baixo, para o poente, não vêdes, quasi escondida entre arvores, uma lindissima aldeia? E' para lá que vamos. E' a aldeia da Salgueirosa.

Era em abril de 1843: a primavera tinha desenrolado o seu variegado manto de flôres e folhas sobre esta formosa aldeia. As immensas planicies que se deslizam á margem do rio *** estavam cobertas de viçosos trigos, entremeados a espaços de taboleiros do flôrido trevo que parecem lindos tapetes de velludo carmezim engastados nas verduras d'aquelle sereal. O rio orlado de altissimos chôpos, e frondosos salgueiros, fazendo semetria com os formosos olivae que circumdam do lado opposto a formosa veiga. As encostas, e as colinas cobertas de viçosas vinhas, bellos pinhaes, e d'um variegado e esquisito matiz, formado pelas giestas que se debruçavam ao péso da sua flôr amarella, pelas orçans de flôres roxo-encarnado, e pelas alvas flôres da estiva manchada de purpura. Um sem numero de rebanhos de pacientes ovelhas, e nedios cordeirinhos formigam, saltando por esta campina de flôres. Plumosos cantores trinam melodias pela amplidão d'esta encantadora paisagem!! Todos estes encantos fazem d'este sitio um Eden de delicias.

A aldeia de Salgueirosa está situada no meio d'este seductor espaço: todos os seus habitantes se occupam durante o dia, da cultura dos campos, e vêem depois á noite repousar no seio das suas familias, do arduo trabalho a que se têm dado todo o dia.

Um pouco desviado da aldeia, e mesmo á beira do

rio, vê-se uma elegante casinha; um jardim formoso dá entrada para esta habitação aonde quero chamar a attenção dos meus leitores. A casa tem dois andares, e é rematada por um pequeno mirante sobre o rio d'onde se gosa a magestosa vista do rio, da campina, dos bosques, das collinas, e dos rebanhos.

Esta habitação de fadas, uma quinta de muito valôr que a seus flancos se estende, pertencem a uma joven senhora descendente d'uma das mais antigas familias do reino, é orphã de pai, e mãe, e habita alli, debaixo da tutella d'um seu tio.

Na occasião em que nos introduzimos na casa d'esta senhora, estava ella em um gabinete contiguo ao mirante de que fallamos, teria 20 a 22 annos d'idade; era de estatura regular, tez trigeira, olhos pretos e vivos; cabelo d'ebano cahindo-lhe anilado sobre um elegante côlo, os labios rosados, e dentes d'um alvissimo esmalte compunha um todo seductor n'esta engraçada joven. Assentada em frente do mirante, lia com attenção e curiosidade as—Meditações de mr. de Lamartin.

Passados alguns momentos interrompeu a leitura, fechou o livro e o foi pousar em uma estante aonde se viam as melhores obras antigas e modernas.

Um suspiro sahiu-lhe do intimo do peito; desviou os olhos do rio, e com um movimento rapido aproximou-se d'uma janella que deitava sobre o jardim. A vista da menina fitou-se sobre um canteiro d'amôres-perfeitos. As côres vivas que lhe subiram ao rosto, e o arfar apressado do seio mostravam que aquellas flôres lhe traziam á mente recordações saudosas. Uma lagrima tombou-lhe pela face assetinada, e seus labios murmuraram a medo estas palavras: Como eu te amo, Paulino, como eu te amo! e este amôr reflecte-se em tudo aquillo que te é caro! amo até aquellas pequenas flôres (e apontava para os amôres perfeitos) por que teus labios tocaram duas d'ellas, que te dei na nossa despedida.

Nova chuva de perolas cahiu dos olhos da moça e foi orvalhar-lhe a pequena e nevada mão a que tinha encostada a fronte. Guardou alguns momentos de silencio; uma tremura nervosa agitou-lhe rapidamente todo o corpo; fitou os olhos no ceu, e murmurou:

O que lhe terá succedido, meu Deus? Sua irmã dizia-me hontem que elle ha mais d'um mez que lhe não escrevia!

—Quem sabe se alguma beldade o traz preoccupado a ponto de se esquecer de seus estremosos pai, irmã, e de..

A menina, ou exitou, ou pronunciou o seu nome tão baixo que só foi ouvido de Deus.

Outra idéa, não mais consoladora que a primeira se lhe apresentou na mente, porque continuou com voz tremula.

—E' isso, é, nem pôde ser outra coisa, está doente sim, o coração advinha-me que está doente!

—E sem ninguém da sua familia ao pé de si!

Torrentes de lagrimas inundaram as faces de Clotilde (que assim se chamava a nossa joven).

—Minha mãe, exclamou ella cahindo de joelhos, — vós que tão nova me deixaste n'este mundo, pedi a Deus por aquelle, a quem meu coração exclusivamente pertence.

Uma pancada na porta do quarto fez erguer a moça lagrimosa; reconhece a voz da velha Roza, sua fiel criada, permittiu-lhe que entrasse.

A velha abriu a porta, e disse á menina:

—Vosso tio manda-vos procurar se podeis descer ao seu gabinete? Recebeu agora cartas do correio, e parece-me que veio coisa de novo, por que no fim de lér uma d'ellas ordenou, a Leopoldo que aparelhasse os cavallos.

As duas mulheres demoraram-se alguns minutos n'esta conversação, e o tio de Clotilde, em vez de esperar que sua sobrinha descesse ao seu gabinete, subiu elle para os aposentos da menina. Quando a criada acabava de dar a sua noticia, appareceu á entrada do gabinete o snr. Anselmo da Cunha.

Tentaremos esboçar o retrato do tutor de Clotilde.

(Continua.).

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL DE MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 290)

O regedor ficou atordoado.

Damião tornou a fallar. A sua eloquencia, ao alcance dos campesinos, tornou a fazer pender a balança para aquelle lado. Adiantou-se o regedor para pegar no braço da donzella, dizendo:

—Em cortezia, venha com aquelle que é, como lá diz o outro, o mesmo que seu pae, porque faz as suas vezes, como diz a carta constitucional.

—Alto: gritou Francisco erguendo o machado. Quem pozer a mão na senhora D. Mariquinhas fica sem braço, ou sem cabeça. Este machado nem conhece cartas nem meias cartas, sejam constitucionaes sejam o diabo.

—Não se sabe que eu sou o regedor? O maioral da terra?

—Ainda que seja o diabo corto-lhe o leme se dá mais um passo; e olhe que barco sem leme não navega.

—Está preso á voz d'el-rei.

—Qual estou, nem qual cabaça! Depois de eu cortar mastros e mastareus me prenderão.

—Senhor Francisco, exclamou a menina assustada, pelo amôr de Deus não mate ninguém, nem se arrisque a ser preso. Deixe-me fallar com o snr. regedor.

—Falle a senhora: disse o regedor que já não sabia o que havia de fazer. Maria Isabel fallou, mas o seu discurso nada conseguiu senão ganhar tempo. Damião estava á mira para se lançar sobre o marujo e desarmal-o; mas este vigilante e activo, não dava mostras de poder ser surpreendido.

Em cortezia, replicou o regedor ao discurso da donzella, a senhora vá para casa do seu tutor; e o senhor marinheiro abaixe o seu machado, e vá para o seu navio. E' do meu dever; como disse cá este fidalgo, de manter a carta constitucional.

Mantenha as cartas, replicou Francisco, e mais o diabo. Perdõe, senhora D. Mariquinhas... Estes labrotes do mato fazem perder a paciencia a um christão baptisado.

(Continua.)

A RUIM MÃE

Tradução

DE

EMILIA ROSA DA SILVA

(De pag. 286)

Retardou-se a ventura de ambos com varias contendas que se moveram a respeito da herança do esposo de Lucella; e estando já a findar estas contendas, veio a carta do amigo de Jaime arrancar-lhe a que lhe era mais aceita no mundo depois de sua mãe. Passou logo á casa da linda viuva, mostrou-lhe a carta do seu amigo, e pediu-lhe conselho. Muito me lisongea, disse-lhe ella, o não necessitar Jaime do meu conselho. Convertei os vossos cabedades em generos commerciaveis, ide em soccorro de vossa mãe, fazei honra a tudo, e tornai; que quanto tenho de meu cá vos fica esperando. Se eu morrer, de tudo vos assegurará o meu testamento; e se viver, em vez d'um testamento, bem sabeis quaes hão-de ser os vossos titulos. Admirado Jaime, e cheio de gratidão, tomou as mãos a esta generosa mulher, e lavou-lh'as em lagrimas; mas como elle se desfizesse em elogial-a. Ide, lhe diz; que sois uma criança. Não vos leveis das preocupações da Europa. Desde que uma mulher faz qualquer cousa, que pôde passar por honesta, levantam todos a voz, e gritam, prodigio; como se a natureza não nos tivera dado tambem alma. Se estivesseis no meu lugar, lisongear-vos-eis com razão, de vêr-me estupefacta, contemplando em vós, como phenomeno, o que é puro movimento d'um bom coração? Perdoai, disse-lhe Jaime, que a isso devêra eu olhar; mas as vossas maximas, e sentimentos, a facilidade, a naturalidade das vossas virtudes me encantam: Vai, meu menino, diz-lhe ella, beijando-lhe as duas faces, que tua sou, tal como Deus me creou. Cumpre com o que deves e volta o mais breve.

Embarca-se Jaime, e leva comsigo tudo quanto possuia. A viagem foi assaz venturosa até ás Canarias; mas n'esta altura, perseguido o seu navio d'um cossario de Marrocos, viu-se obrigado a buscar a salvação nas vélas. Já o cossario, que lhe ia no alcance, estava a ponto de alcançal-o; e, assustado o capitão com o perigo que havia na abordagem, queria entregar-se ao pirata. Ah! minha pobre mãe, exclamou então Jaime, abraçado com o bahusinho, em que trazia fechada toda a sua esperança; e ar-

rancando depois os cabellos a si proprio de magoa e raiva: Não, diz: mais depressa me devorará este barbaro africano o coração. E dirigindo-se ao capitão, á equipagem, e passageiros, que estavam consternados: Que é isto, amigos? diz-lhes: Entregar-nos-hemos vergonhosamente? Levaremos em paciencia que este salteador nos guie a Marrocos carregados de ferros, e lá nos venda, como se fossemos alguns brutos? Não temos arrazas? Esta gente é invulneravel, ou é mais affouta, que nós outros? Querem abordar, abordem embora: ver-nos-hemos ao perto. Com sua resolução cobraram novo alento os animos de todos, e abraçando-se com elle o capitão, louvou-lhe o ter dado exemplo.

Disposto está tudo para a defensão: aborda o corsario; alcançam-se as duas embarcações: vê-se de ambos os lados andar vôando a morte, e em breve tempo envolvem-se os navios em novellos de fumerada, e lavarêdas: para o fogo, torna o clarão da luz, e escolhe o ferro as victimas. Horrifica mortandade fazia Jaime com a espada na mão: tanto que via lançar-se qualquer africano ao seu bordo, corria a elle, e partia-o ao meio, exclamando sempre: Ah! minha pobre mãe. Era no furor qual leôa, que os filhinhos defende: o ultimo esforço era este da natureza posta em desesperação: e a alma mais meiga, mais sensitiva, que já mais existiu, tornada estava n'este momento a mais violenta, e sanguinaria. Por toda a parte o via o capitão, com os olhos accesos, e sangrento o braço. Não é homem, diziam seus companheiros; é um Deus, que combate a nosso favor: e o seu exemplo lhes inflamma o animo. Acha-se em fim corpo a corpo com o cabo dos barbaros. Deus meu! exclamou elle, apiedai-vos de minha mãe. E dizendo estas palavras, abre o salteador até as entranhas, descarregando-lhe um golpe de revez. Decidiu-se logo a victoria: e o pouco, que restava da equipagem marroquina, pediu vida, e foi mettida em ferros. Chegou finalmente a embarcação de Jaime com a presa ás costas de França; e este digno filho, sem descansar nem uma noite, apresentase com o thescuro que levava, e acha a desditosa mãe ás margens da sepultura, em estado para ella mais horroroso, do que a mesma morte, destituida de todo o soccorro, e entregue ao cuidado d'um domestico, que enfadado de soffrer a indigencia, a que ella se via reduzida, mal lhe fazia aquelles obsequios da commiserção, que tanto humilham. A vergonha da situação foi parte para que ordenasse a este domestico que não deixasse entrar em casa outra pessoa alguma, que não fosse o padre e o medico caritativo, que algumas vezes a visita-

vam. Requerendo pois Jaime que se lhe desse recado, não foi admittido.

Dá parte que estou aqui, disse elle ao domestico.

—Como se chama V. M?

—Jaime. E chegando-se o domestico á cama, diz á mãe que um estrangeiro a procurava.

—Triste de mim! e quem é este estrangeiro?

—Diz que se chama Jaime. Ao ouvir tal nome sentiu a triste mãe uma commoção interior tão violenta, que pouco lhe faltou para expirar. Ah! meu filho, diz ella com debil voz, e levantando para elle os moribundos olhos: ah! meu filho, em que occasião vens vêr a tua mãe? Breve me cerrará a tua mão os olhos. Que magoa não foi a d'este filho tão apiedado e terno, ao vêr sua mãe, a quem deixára no centro da opulencia, n'uma cama esfarrapada, e cuja imagem sobrevaria o coração, se me fôra dado o pintal-a? Ó minha mãe! exclamou elle, arremecendo-se a esta cama de dôres: os soluços lhe afogaram a voz, e os rios de lagrimas, com que alagava o seio de sua mãe a ponto de expirar, foram longo tempo a unica expressão da sua magoa, e amor. Castigou-me o ceu, continuou ella, de ter amado demasiadamente um filho deshumano, de ter... Atalhou-a elle: Tudo está remediado, minha mãe; vivei vós, disse-lhe o virtuoso mancebo: a fortuna me encheu de bens, e aqui venho espalhar-os no regaço da natureza: para vós me foram elles dados. Vivei; que eu tenho com que fazer-vos anár a vida.

—Ah! meu querido filho! Se por alguma razão desejo viver, é só para expirar a minha injustiça, e amar um filho, de quem eu não era digna, um filho a quem desherdei. Ao proferir estas palavras encobria o rosto, como indigna de vêr a luz do dia. Ah, senhora! exclamou elle apertando-a entre os braços, não me priveis de vêr minha mãe; que os mares surquei só para vir buscar-a, e soccorrel-a. Chegam n'esta occasião o padre, e o medico. Aqui está, meu filho, diz ella, a unica consolação, que o ceu me deixou: e senão fôra a sua caridade, já não existiria. Abraça-se com elles Jaime, e diz-lhes: Meus amigos, e meus bemfeitores, que não vos devo eu? Se vós não foreis, estaria já sem mãe: acabai, pois, de restituir-lhe a vida; que rico estou, e venho fazel-a ditosa. Redobrai os vossos desvelos, consolações, e soccorros, e restituir-m'a-eis. Advertiu com prudencia o medico que esta situação era em extremo violenta para a enferma. Ide, senhor, diz este a Jaime, e não cuideis n'outra cousa senão em mandar preparar uma casa commoda, e sadia; que esta noite passará a senhora para ella.

A mudança de ares, o bom alimento, ou para melhor dizer a revolução, que concorrera para a alegria, e o socego, que se lhe seguiu foram insensivelmente reanimando n'ella os órgãos da vida; e a assim como um entranhavel pesar tinha sido a causa do mal, a consolação foi o remedio d'elle. Soube Jaime que pouco tempo havia que seu desgraçado irmão fallecêra miseravelmente; e justo é, que corramos as cortinas á medonha pintura d'uma morte bem merecida; pois houve tambem o cuidado de occultal-a a uma mãe sensitiva, e ainda muito fraca para resistir, sem que a vida lhe custasse, a novo assalto doloroso. Soube-o, porém, quando já a sua saude era mais vigorosa; e abrindo-se-lhe então de novo todas as feridas de seu coração, verteram seus olhos lagrimas maternas. Mas o ceu, que lhe tirava um filho indigno da sua ternura, restituia-lhe outro, que a tinha merecido por tudo quanto a natureza tem de sensitiva e de mais enternecida, a virtude. Communicou-lhe este os desejos de sua alma, que era de poder ter ambas em seus braços, mãe, e esposa. Approvou alegremente Clorinda o intento de passar com seu filho a America, que estancia era odiosa para ella uma cidade de loucuras, e desgraças. O instante, em que embarcou, restituiu-lhe nova vida, e o ceu, que protege a piedade, concedeu-lhe ventos favoráveis. Recebeu Lucella a mão do seu amante, como se sua propria fôra, e o hymeneo fez d'estes amantes os consortes mais afortunados, e ainda hoje se vão volvendo os seus dias n'aquella paz inalteravel, e nos puros, e serenos prazeres, que são a herança da virtude.

INGRATA!

Adeus ingrata! — Na guerra
Meus dias — vou terminar,
Que não poderei na terra
Tua crueza olvidar!
Vou longe d'estas campinas,
Esmaltadas de boninas,
Minha morte procurar!

Vi teu rosto a vez primeira...
Senti nascer o volcão...
Foi á sombra da palmeira
Que te dei meu coração...
A'sombra d'ella juraste
Ser minha, mas já quebraste
Os teus protestos d'então!...

São provas do teu perjúrio
O regato de crystal,
Que com suave murmurio,
Ia banhar o rosal;
Da selva o cantor alado,
Que entôou ao nosso lado
Uma endeixa festival;

A solitaria flôrinha
Que na campina brotou,
Que pouco a pouco definha
Logo que o dia expirou;
Os raios do sol ardente,
Cujo brilho no occidente
Bem depressa desmaiou.

Ai! n'esses dias, donzella,
Quantas venturas gosei!
Tua face meiga e bella
Quantas vezes osculei!
Quantas vezes fatigado,
No teu collo alvo e nevado
Minha fronte repousei.

N'esses tempos de delicias
Não sabia o que era a dôr;
Pois tu vinhas, com caricias,
Augmentar o meu amor.
Eu então, tomava a lyra,
E teus encantos, Elvira,
Me faziam trovador.

No meu dormir inquieto
Tua imagem sempre vi,
Mas em paga d'este affecto
Só despreso recebi...
Chegou, pois, a minha hora,
Porque já no mundo agora
Não posso viver sem ti.

Vou no calor da batalha
Minha morte procurar...
Entre as ballas e metralha
Vou fazer por te olvidar...
Ao menos vai algum dia
Sobre a minha campia fria
O teu pranto derramar.

AUGUSTO QUEIROZ.

SUPPLICA D'UMA VIRGEM

Ante a cruz prostrada ó Deus,
Por aquelle venho orar
Que para longiquas terras
Partiu triste a suspirar:

Aqui na mansão dos mortos
Veio saudoso encontrar-me,
De minha mãe, junto á campia
Veio eterno amôr jurar-me;

Triste adeus da despedida,
Mal pôde balbuciar!..
Partiu logo! e eil-o agora
N'alto mar a navegar!..

Mas ai! os ventos sibilam,
As vagas quebram-se iradas,
Os relampagos fuzilam
Entre nuvens cãrregadas!

O' que noute tenebrosa!
Abala-se a redondeza,
Tudo são ruinas, pranto,
Jaz n'um cháos a natureza!

Dá no mar ó Deus bonança,
Protege o triste amator,
Que volte á patria ditoso,
Sem que olvide o seu amôr!...

Foi no céu ouvida a virgem,
Deus a tormenta findou
E um anjo d'azas brancas,
Logo na terra baixou:

Não temas, elle lhe disse,
De teu desposado a sorte;
Eu serei sempre seu guia,
Elle será teu consorte.

M. A. FERNANDES PRATA.

LUZIA E MELANIA

(TRADUÇÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

O marquez de Ruminhi, que era aparentado com as famílias mais gradas do reino, soube precaver as borrascas, que se estavam armando para vir sobre elle. Enfadado de vêr-se exposto a revoluções continuas, conhecendo quanto era minguido e falso, o que chamam postos eminentes, grandezas, dignidades, aborrecido enfim d'um cativo cujo jugo a mesma ambição não pôde fazer menos pesado, nem menos insupportavel, querendo principalmente desfructar a natureza, a verdade, e a si próprio; tinha-se retirado a uma das quintas de que era senhor na Picardia; empregava os momentos que tinha de ocio em caçar e pescar, e nos innocentes prazeres da agricultura, desvelando-se em contribuir para a ventura de seus subditos, fazendo muito porque estes amassem o seu soberano e a patria, fugindo de mais d'isso a tudo o que podia recordar-lhe a insipida e temerosa habitação em que vivêra. Esta especie de philosophia, que não deixará de espantar n'um cortesão ainda moço, não era parte para que o marquez deixasse de admittir a melhor companhia da provincia.

Era elle viuvo, e tinha duas filhas, que servia de mãe uma de suas parentes, que morava com elle, e a cujo cuidado estava a educação d'ellas. Ambas tinham seu genio, suas virtudes, e suas prendas particulares; Luzia era uma d'aquellas beldades imperiosas, que não tocam tanto o coração, quanto o avassalam; tudo n'ella dava annuncios do desejo de senhorear: a sua maneira de agradar era uma só, e nem sabia outra cousa que não fosse o pôr preceitos: occultava todavia uma alma nobre e meiga, debaixo de um exterior oufano, e desdenhoso. Melania pelo contrario acareava os obsequios sem forçal-os: todos diriam que ella ignorava quanto tinha de linda e encantadora: em todas as suas acções, reluzia uma amavel meiguice; o que muito maior poder lhe prestava do que a sua formosura, o interesse do sentimento. As suas prendas engraçadas não tinham conto, ao mesmo tempo que Luzia só tinha o ser formosa; n'uma palavra, a mais velha como que mandava que a amassem, e a mais moça inspirava o amor mais terno, quando todos entendiam que só lhe pagavam o simples tributo da estima.

Reciproca era a ternura, que liava entre si estas duas irmãs, as quaes communicavam uma á outra até as mesmas cousas da menor entidade, que cessam de ser taes a respeito

das almas noviças, cuja sensibilidade só espera o primeiro objecto para determinar-se. Inutil é dizer que ambas se achavam na venturosa idade, tão facil de inflamar-se, em que o amor é nova vida, segunda existencia. Formava seu pai tenção de casar a primogenita, e muitos fidalgos a pretendiam para esposa, quando o conde d'Estival appareceu na sociedade do marquez de Ruminhi.

Entrava este conde no diminuto numero d'esses homens bemaventurados, que só tem de queixar-se da fortuna. Mediocre era o cabedal, que possui; mas em desquid'isso tinha recebido da natureza illustre nascimento, e o que sem duvida, é mais que quantos titulos de nobreza ha, o merecimento pessoal, revestido de todas aquellas prendas apreciaveis, que quasi igualam ao proprio merecimento. O espirito n'elle não, alterava o sentimento; fazia mais por commover do que por lustrar: as suas menores expressões cativavam; aász era ouvil-o, para qualquer experimentar uma commoção, que nem o tempo destruiu; entendia bem da grande arte de parecer que estava pelo que os outros diziam, quando a todos mandava e de agradar em todos os ajuntamentos. Esta mulher, a mais linda do seu seculo, que a idolatria nomeára: Deusa das Graças, e que unia á formosura uma alma generosa e sublime. Diana de Poitiers, distinguira o conde d'Estival entre a multidão de cortezaões, que a rodeavam. Isto é o mesmo que annunciar vantajosamente o conde, e dizer de antemão que podia sem parecer temerario aspirar ás conquistas mais lisongeiras.

A vista do que fica dito não espanta que o conde d'Estival excitasse vivas impressões sobre as duas irmãs. Novo dia vem luzir a seus olhos, e novos desejos as desassocegam. Rende-se a natureza ao amor: ambas amam secretamente o conde, e nasce n'um mesmo instante a dissimulação com a ternura. Já Luzia, e Melania não se buscam uma a outra com tanto empenho: tem já menos ninharias que communicar entre si; caem no delirio, e arredam-se uma da outra para delirar com mais liberdade.

Foi Melania a que primeiro notou que Luzia era a mesma a seu respeito, ou a illustrasse a extremada affeição que tinha á sua irmã, ou ella resentisse, o que seria mais certo, sem o saber bem, a viva sentelha do ciume, que se attea com o amor. Estava esta paixão ainda reconcentrada no coração de Melania; como que esta fugia das occasiões d'entrar consigo mesmo a perguntas, mas não podia deixar de notar que o conde d'Estival era amavel, e ia já

experimentando que suavissimo prazer haveria em fazel-o participar do aprazivel desassocego, que só o vel-o causava: fazia muito por tel-o á vista, e temia a sua presença. Apesar das nuvens todas, que se levantavam cada vez mais em sua alma, obrigou-a a amisade que tinha com Luzia a romper o silencio que quizera ter guardado.

Mana, disse Melania, rendida estou ao movimento que me arrebatava, e que já não posso domar. Longo tempo ha que comigo luto: não pôde a minha ternura callar-se... Que te tenho eu feito, minha querida irmã? Não olhas já para mim com os mesmos olhos, arredas-te de mim, estás como estranha, já os teus não são os meus segredos. Falla, minha irmã, minha querida irmã: peço-te pela nossa amisade: não uzes comigo de rodeios: dize-me quaes são as minhas sem razões? Em que poderia eu offender-te, quando nenhuma outra cousa temo tanto, como o desprezar-te? Se tal foi a minha desdita que commettesse alguma falta contra a minha amada Luzia, d'ella lhe peço um sincero perdão, e reparal'a-hei.

Lgrimas em fio cahiam dos olhos de Melania sobre as mãos de sua irmã, a quem as apertava contra a bocca, e beijava. E posto que Luzia se visse já dominada da paixão, experimentou então que a natureza tinha seus direitos: as palavras, e tristeza de Melania, deixaram-na assombrada.

(Continúa).

MODAS

Toilette parée

Penteado *empire*. — Os cabellos são frisados na frente e em *bandeaux* levantados e tufados nos lados. Atraz uma trança e um pouco pendente. Uma corôa de fita de seda é posta em diadema; esta fita fórma tufos presos por placas quadradas d'aco; e, depois de ter formado atraz anneis, cae pendente com pontas de tulle semeado de estrellas d'ouro.—Sobre cada tufo do diadema ha um grupo de *cocas* um tanto levantadas.

Saia comprida de seda terminada por um volante com pregas. Corpete e saia de cima de *granadine* branca. A saia de *granadine* é encurtada adiante e comprida atraz até ao começo do volante, é ornada com tres tôfos guarnecidos interiormente com seda *fuchsine*. Estes tôfos acompanham a fórma da saia.

O corpete é de *granadine* branca com *pêlerine* (romeira) em conchas por toda a extremida-

de terminadas por uma renda; por cima de cada concha um botão *fuchsine*; a manga, curta, é recortada da mesma maneira, crusando a parte de cima sobre a debaixo, e guarnecida de renda e botões; nas costas, a romeira é arredondada em lugar de ser cavada como na frente.

Toilette para cidade ou para campo—Chapéu *Fille de-l'air* de palha d'arroz semeada de contas de azeviche pretas. As abas são arqueadas, a cópa é redonda. Grinalda de margaritas e loios. Uma andorinha sustenta no bico um ramo com fructos vermelhos.

Peletot justo e sem mangas, de fino *glacé* verde, guarnecido de barrinhas de seda branca. As barrinhas do hombro caem livres.

Vestido com talho redondo e com cinta tendo em cada panno e na extremidade das mangas ornatos da mesma seda branca.

PAGINAS INTIMAS (*)

Á MINHA AMIGA **

Que longo tempo se tem volvido sem te vêr, e como esse tempo me tem parecido ainda mais longo pelos soffrimentos que desde então me has martyrisado!

Tenho soffrido muito! e esses soffrimentos, physicos e moraes, me tem roubado até a coragem para continuar a dar-te noticias minhas.

Mas, faz-se mister que eu te revele esse soffrer ha tanto tempo comprimido; por que só tu saberás comprehendel'o!

A semilhança dos nossos sentimentos assim m'o affiança.

O teu coração soffre... não pôdes vencer a melancolia, o desalento moral que sentes, quasi habitualmente depois que tens o conhecimento de que antes deves obedecer a ideias falsas e absurdas, do que a essa voz do coração tocado, por certo, as mais das vezes, por Deus, quando ella, bem alto te brada, que só obedecendo-lhe poderás ser feliz!

(*) As *páginas intimas* de V. Exc.^a publicam-se, porque tem no sexo e talentos da authora a propria recommendação.

E de mais quem hade prohibir a um grande coração o desafogar maguas que pungem em lagrimas que consolam?..

Tu soffres... não vae longe que assim m'o deixastes conhecer; e, é esse mais um incentivo para eu te revelar os meus pensamentos.

Adorada, por assim dizer, por esses entes queridos, a quem igualmente idolatro... eu me julgava feliz antes de conhecer que jámais poderia habituar-me a essas ideias malevolas... a essas intrigas da sociedade, a que chamam—espírito!—antes de conhecer que jámais poderia vêr sem repugnancia, apparentar um orgulho ridiculo e irrisorio; porque não procede da nobresa dos sentimentos, mas sim d'uma nobresa ficticia; e outras vezes commetterem-se baixesas que revelam sempre sentimentos pouco elevados!..

Desde então estou convencida que a verdadeira nobresa, é a dos sentimentos; e que o unico orgulho que não é ridiculo é aquelle que nos obriga a ter o conhecimento de que, pelos nossos sentimentos, nos dedicam a mais acrysolada estima.

Desde então estou convencida que jámais serei feliz senão mui distante da sociedade!..

E, comtudo, eu tenho tido a satisfação de conhecer, que, apesar da minha indiferença, visivel—indiferença que me tem feito passar por uma mulher excentrica—ainda assim a sociedade présa meus sentimentos e me estima.

A creatura que se vê martyrisada por soffrimentos que não pôde evitar, deverá resignar-se a soffrer tudo que pôde fazer a sua desventura, com tanto que a sociedade julgue feliz?!...

E poderá ella compensar, ou fazer esquecer, a perda da felicidade trocada voluntariamente pelo martyrio?

Não!.. Ella não cuidaria d'isso ainda que lhe fosse possivel!.

Não!.. por que ella não concede nem uma lagrima, nem um suspiro! O mais que ella nos outhorga, é uma gargalhada estúpida, uma indiferença desdinhosa, ao adquirir o conheci-

mento dos soffrimentos moraes, d'esse ente sacrificado ás suas ideias absurdas!

Comtudo, se esse sacrificio pôde fazer a ventura dos entes a quem se adora... e estima!—não vendo elles a desdita d'esse ente que amam! então sim... esse sacrificio será um dever que encerra em si subido merito, que nos apraz até!!!

Meu Deus! como é inacreditavel que a sociedade não comprehenda que a verdadeira felicidade só existe onde se encontra a nobresa dos sentimentos... a intelligencia... e a sublime sensibilidade d'um coração puro... nobre... sincero... e desinteressado...;—e que onde isso não existe, só pôde encontrar-se, a vergonha... a desventura... e o desprezo... que os sentimentos oppostos inspiram!—mas que a sociedade venera, quando uma elevada posição social lhes faz esquecer que a estima deve dedicar-se exclusivamente, á nobreza d'alma! á nobreza dos sentimentos! e á nobreza das acções!.

Minha boa amiga: Deus ha-de conceder-me ainda a felicidade. A esperanza, essa filha do céu que nos sorri atravez dos nossos martyrios, nos obriga a esperar... a esperar a realisação da ventura que *antevemos* no remanso da solidão! Então, alli, o alegre gorgueio das avesinhas, o saudoso canto do rouxinol occulto na expeçura dos bosques, a doce brisa das manhãs da primavera, affagando-nos o rosto como para desvanecer o vestigio das nossas lagrimas, o placido deslisar do affastado regatô na relva dos prados, tudo... nos fará esquecer os nossos já passados soffrimentos!

E, quando, mais tarde, divisarmos em doce enlevo, a rainha da noite—a lua—que surgindo pallida e serena, venha expargir seus reflexos na lymvida corrente; nós então, apenas n'um silencioso olhar, revelaremos a harmonia dos nossos pensamentos! o entusiasmo que sentimos ao contemplar os encantos da natureza! o nosso sentir! e a nossa felicidade!..

Septembro,—1865.

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

I

(De pag. 298)

Era um homem de 60 annos d'idade, pouco mais ou menos; baixo, gordo, olhos pequenos, e penetrantes, (que elle trazia escondidos debaixo d'uns oculos verdes) e labios grossos, quasi sempre entre-abertos por um estudado sorriso d'amabilidade.

Seu character egoista, e avarento tornava-o pouco digno da estima das pessoas de probidade.

Sendo o parente mais proximo de Clotilde, foi nomeado seu tutor. Elle aceitou com gosto este encargo, porque a administração dos bens da sua pupila podia, em parte satisfazer a sua desmarcada ambição.

Clotilde tinha 14 annos, quando perdeu seus paes; tinha um genio altivo, e caprichoso, e o snr. Cunha entendeu que o melhor meio de conseguir tudo o que quizesse era mostrar-se condescendente com a vontade da sua pupila.

Ella desejou viver na casa em que viveram seus pais, e pediu a seu tio para virem habitar na Salgueirosa, ao que elle annuiu.

Clotilde passava os dias instruindo-se: levantava-se muito cedo, e em quanto a familia dormia, ella lia nas obras mais suas prediletas, e assim se entretinha até ao almoço; depois descia para o jardim, na cultura da qual ella achava distracção; no fim d'algumas horas colhia um ramallete, e voltava para o seu quarto aonde se assentava ou em frente do seu cavalete de pintura, ou junto da sua harpa de que desprendia suavissimas melodias, ou se debru-

cava sobre o vestidor, aonde com mão ligeira bordava, ora uma paisagem, ora um ramo de flores, ora scenas pastoris, tudo fructo dos seus habeis pinceis.

Ao pôr do sol, largava o trabalho, e acompanhada da velha Rosa encaminhava os seus passos ou para o cemiterio da aldeia, ou para alguma cabana aonde eram precisas consolação e esmola, que ella prodigalisava com compassiva mão.

O snr. Anselmo, occupado com a administração da caza nunca acompanhava sua sobrinha n'estas caritativas pisadas; e fóra as horas da comida poucas vezes se viam.

Como iamoz dizendo, o snr. Anselmo appareceu no gabinete da menina quando a velha lhe estava dizendo que havia em caza novidade. Clotilde fitou em seu tio um olhar curioso, e alli disse-lhe:

Eu venho despedir-me de ti, minha filha, por que vou a caza do marquez de Santa Eulalia, recebi hoje uma carta do filho do barão do Franco em que me diz que o seu companheiro Paulino de Sousa está em perigo de vida, e rogava-me o partecipasse ao pai do pobre moço. Vou por tanto dar hoje esta triste nova ao bom marquez; e venho saber se tu queres alguma cousa para a sua interessante filha.

O velho fallava, mas Clotilde já o não ouvia! uma pallidez mortal tinha substituido o colorido de suas faces, e os olhos immoveis e secos deixavam conhecer uma d'essas crises moraes em que nem nos é dado o allivio das lagrimas. O snr. Cunha reparou então no transtorno das feições de sua sobrinha; a esta fraquearam-lhe as pernas, e cahiu sem sentidos em um sofá.

O velho afflicto chamou pela velha Rosa, que no mesmo momento appareceu.

—Veja como está a menina! acaso já lhe deu isto alguma vez?

—Já,— respondeu a boa velha derramando lagrimas— teve repetidos accidentes quando morreu a senhora, que Deus tenha em sua Santa Gloria.

Tanto Rosa, como o snr. Cunha fizeram aspirar diversos espiritos á desmaiada joven; que passado alguns minutos abriu os olhos.

A's perguntas do snr. Cunha respondeu ella, que estava melhor, que não tivesse cuidado, por que aquillo fôra um insignificante ataque de nervos, mas que agora inteiramente bôa lhe pedía fosse dar ao desventurado marquez a noticia de que era portador. Vá, meu tio, acrescentou a menina, vá, os momentos são precisos porque talvez aquelle pobre pai queira ir receber o ultimo suspiro de seu filho.

Estas ultimas palavras foram proferidas com um accentto tão desesperado, que entre qualquer pessoa que não fosse o snr. Cunha conheceria que sua sobrinha não estava tão socegada como queria mostrar; mas elle cedendo ás instancias que a menina lhe fazia, abraçou-a e sahiu.

—Minha querida senhora, como está afflicta!—disse a velha tomando as mãos geladas da moça, entre as suas tremulas pelo susto—que tem? necessita d'alguma coiza? Faz-me tremmer.

—Não é nada Rosa, não é nada, socega, foi uma forte dôr de cabeça acompanhada d'um ataque de nervos causado pelo cheiro d'esses junquillos: leva-os d'ahi, deixa-me descansar, e verás como logo estou bôa.

A velha socegada com um sorriso que viu nos labios da sua querida menina, como ella lhe chamava, sahiu levando as pobres flores, supposta cauza do desmaio de Clotilde. Esta apenas sentiu fechar a porta deu livre curso ás lagrimas que ha tanto tempo continha.

—Meu Deus—dizia ella— como o meu

coração adivinhava, como as minhas suspeitas se tornaram realidades!!

—*Em perigo de vida*— disse meu tio! Oh! Paulino, anjo da minha alma, eu te seguirei de ponto: Meu Deus, salvai-lhe a vida—acrescentou a menina cahindo de joelhos aos pés da imagem de Christo que estava no seu quarto—mas se elle já não existe... então compadecei-vos de mim e levai-me tambem; não prolongueis uma existencia que seria tida um martyrio.

CAPITULO II

AS DUAS AMIGAS

Tinham passado dois dias desde que Clotilde recebeu a noticia da perigosa enfermidade de que fôra acommetido o filho do marquez de Santa Eulalia.

Agora ábro um parenthesis para apresentar a joven doente, e dar duas palavras de explicação aos leitores; porque ellas são indispensaveis ao desenvolvimento d'esta historia.

Paulino, orphão de mãe, era o encanto de seu pai, e irmã, e o modelo dos bons filhos, e irmãos.

Sua mãe e a de Clotilde, eram parentes, ainda que em grau muito remoto, e como as suas cazas ficavam só a algumas milhas de distancia viviam na maior intimidade, e seus filhos olhavam-se como irmãos.

As duas mães pensavam com a maior felicidade na união de seus filhos para o futuro.

Paulino, chegando á idade de 11 annos foi para o collegio, aonde estava quando morreu sua mãe.

O pae de Clotilde estava então em Lisboa, e uma noite ao sahir do theatro de S. Carlos foi morto por uma conjuração d'inimigos politicos! Sua esposa esqueceu-se de que n'aquelle momento era mais que nunca precisa para amparo de sua filha, e entregou-se toda a dôr de

ter perdido seu marido. D'uma delicada construção, e sem ter quem lhe lembrasse o seu dever de mãe não pôde resistir muito tempo, e passado um anno morreu deixando só a sua querida Clotilde!

O marquez de Santa Eulalia era amigo intimo do pai da innocente orphã, e alguns membros do concelho de familia quizeram que elle fosse o tutor da pobre menina, mas a maioria votou que fosse o snr. Cunha, por ser seu parente mais proximo.

Este homem era antipatico ao velho marquez, e por tanto elle, e seus filhos foram escaçando as suas vizitas á Salgueiroza.

Paulino quando vinha a ferias custava-lhe a conformar-se com a ideia de não ver muitas vezes Clotilde, e sempre arranjava licença para ir elle e Josefina passar dois dias junto da sua amiga d'infancia.

Aos 19 annos foi para Coimbra, aonde era idolatrado por todos os seus condiscipulos.

Ao principio cuidava Clotilde que a saudade que sentia pelo mancebo, era a que se tem por um irmão, mas a ultima despedida, quando elle n'esse anno foi para Coimbra convenceu-a de que o amor mais ardente incendiava o seu coração, e estava tão ateado, tinha lavrado tanto com o supposto nome d'amizade, e que era impossivel apagal-o.)

Feita esta apresentação, e dadas estas explicações, vamos de novo procurar o fio d'esta historia.

Como diziamos, eram passados dois dias desde que Clotilde recebeu a triste nova, e esses dois dias passou-os ella sem se deitar, sem tomar alimento algum, e derramando prantos de fél.

Ella não via mais do que a imagem de Paulino, morto, e com elle a sua felicidade. A's vezes um ligeiro raio d'esperança, trazido a seu

coração pelo anjo da fé, fazia acalmar o seu desespero, e com a maior confiança punha os olhos na Imagem de Christo, e ficava a orar com fervor por longo tempo.

As commoções por que passava cauzaram-lhe uma febre violenta, e instada pela velha criada metteu-se na cama.

—Deus faz-me a vontade, pênsva ella, e se Paulino morreu vou unir-me com elle.

—Quer que lhe abra um bocadinho da janella que deita para o jardim?—procurou Rosa.

—Pois sim, quero respirar o ar puro da manhã.

Quando Rosa abria a janella ouvia-se na rua o trote de tres cavallos.

(*Continua*).

LUZIA E MELANIA

(TRADUÇÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

(De pag. 303.)

Tu não me offendeste em cousa nenhuma, minha irmã; sempre te quero bem; mas alguns instantes ha, em que nos entregamos a uma especie de melancolia de que ninguem pôde dar conta a si proprio: vive tu na certeza de que sempre sou a mesma a teu respeito. Como? proseguiu Melania; tens alguns pezares, cuja causa não te seja conhecida?... Das-me licença, para que falle. Mana? Falla, diz-lhe Luzia, levada de uma especie de curiosidade, e com algum acanhamento.

—Não te has de agastar?

—Já te disse: podes explicar-te livremente.

—Agora te darei, minha irmã, as maiores provas de sinceridade, e ternura, vê que me dás licença; pôde ser que me engane; como que observo desde que o Conde... Que queres tu dizer? atalhou-a agramente Luzia toda perturbada, e côrando de envergonhada.

—Nada, minha irmã.... nada... mas o Conde é digno de ser amado....

—Assim é, que é digno de ser amado... E então tornou-lhe Luzia com certo ar de disabor, que atrahia: que tem de commum o Conde d'Estival? Não te quer parecer, menina... que eu o amo? Sim, tu o amas, continua Melania olhando-a com os olhos fitos...., e elle te

ama, juntou ella, querendo soste as lagrimas. E quando elle me amasse, e eu a elle, replica a mais velha com viveza...

Não commettereis certamente sem razão nenhuma, proseguiu a mais moça; que o coração.... Deixas-me, Mana? Sim, respondeu Luzia, deixo-te, e indignada do teu procedimento: preterir que eu saiba que cousa é amor, que eu amo o Conde! Conversação é esta totalmente estranha.

Ama-o, exclamou Melancia só, e já não tenho que duvidar! Muito tenho feito até este fatal momento por fugir á verdade, que se me mettia pelos olhos.... E que descobri eu em minha alma? Rival sou de Luzia, rival d'uma irmã, a quem amo, a quem devo os sentimentos mais ternos! E' possível? Eu! ah! Conde d'Estival, nunca eu te vira! Nunca tu vieras estorvar a paz de dous corações que a amizade trazia muito mais unidos, do que os vinculos do sangue! Oh! ineffavel desdita! Esta amisade constituia a nossa ventura; sufficiente era para os nossos desejos: tomavamos ambas o gosto a innocentes prazeres; e bem principal a tranquillidade a tranquillidade...perdi-a para sempre! Que arrebatamentos me inquietam! Será o amôr que resinto! Que disse eu? E... não sou amada! não sou, não amada.

Deixou então Melancia correr as lagrimas de seus olhos: Poderei pelo menos chorar livremente: e seriam minhas lagrimas delicto? Ah! minha irmã, quão pouco me conheces o coração. Eu o domarei.... Debalde se levanta elle contra o que me cumpre. Não, não serei tua rival; não, querida minha Luzia, que eu saberei immolar-te á minha vida.... Digna de lastima sou, e bem digna, ah! não tenho uma só pessoa, a quem meus males possa descobrir! A mim mesmo me custa determinar a natureza dos meus sentimentos... E assás não se dão elles a conhecer. Bem, bem á vista estão. Desafortunada Melancia! Oh! que assim muda amôr os corações!

Alguns dias se tinham volvido, quando o Conde d'Estival apanhou de subito a triste Melancia n'este desassocego, o qual não podia occultar: enterneceu-se, e tremebundo chega-se a ella: trahia-o o seu acanhamento. Ousarei eu, diz com voz timida, de perguntar-vos, minha senhora, a causa d'esse repentino pezar, em que vos vejo submergido? Ser-me-ia dado ter parte n'elle? Senhor, respondeu-lhe Melancia com alguma especie de aspereza, quando eu tivera pezares, poupar-vos-ia a confidencia d'elles.

E apenas acabára de proferir estas palavras, retirou-se, deixando o Conde immovel, e pasmado. Não podia este afinar com o motivo de

semelhante procedimento, e tanto mais magoado ficou d'isto, quanto a paixão, que tinha por Melancia, crescia todos os dias. Os seus primeiros passos tinham tido a Luzia por objecto: era vivamente sollicitado por seu pai a apressar um casamento, a que parecia estar annexo o destino da sua casa. De mais d'isso o estabelecimento da filha primogenita do Marquez de Ruminhi devia necessariamente preceder ao de sua irmã, e desaccordo fôra n'elle pedir a mão d'esta, posto que logo ficasse cativo dos seus dotes encantadores. Nem elle podia tambem duvidar que não lhe fosse negada, e este trance lhe tiraria todas as esperanças de fortuna, e grandeza. O certo é, que viera nos primeiros instantes a ambição levantar-se contra o amôr.

Estava o conde determinado a dar parte a seu pai da sua cruel situação: enviava-lhe, por assim dizer, de alguma maneira nas suas cartas, as lagrimas, que chorava, a propria alma maltratada dos combates, em que se via, e vinham-lhe respostas ameaçadoras, que absolutamente lhe tolhiam a liberdade de escolher. A cada instante se via a ponto de declarar-se, e render á soberana de seu coração todos os obsequios, que tributára primeiramente a Luzia. Assim succederá; se n'este ultimo encontro, que teve o Conde com Melancia, não se lhe occultasse esta aos olhos com tanta pressa, teria aquelle manifestado a sua paixão. Será pois justo, dizia elle consigo, que me sacrifique aos ambiciosos intentos da minha familia, ás tyrannas vontades de meu pai! Que horrivel situação! Oh! meu pai, meu pai! Que pertendes tu de mim? Digna é Luzia de ser amada; mas quem poderá hombrer com Melancia? Por ella me sinto arrebatado de amôr por todas as maneiras: e será razão reconcentrar tal ardor, deixal-o ignorar de quem é o objecto d'elle, vedar-me até o pensamento d'ella, deixar de amar a Melancia! Obdecertei, obdecertei meu pai: sim, esposo serei de Luzia; mas não tardará a morte em vir traz de um hymeneu celebrado sob tão desaventurados auspícios. Vivido terei para satisfazer o que me cumpre; para interesse da minha familia, para submeter-me aos preceitos de pae, que tanto preço... morrerei pela unica mulher, que me é dado adorar.

Melancia, que advertira no que fizera, não estava menos desassocegada: criminava-se de ter faltado ao decôro, e tinha medo de dizer que ao amor. Occasião havia, em que rendendo-se á sua fraqueza, desejaria que o conde d'Estival lhe tornasse a perguntar de que procedia a sua magoa. A qual tão viva era, que não podia deixar de excitar um forte interesse: a curiosidade

só seria bastante para mover o Conde a indagar a causa d'ella. Tudo porém é indifferente n'um objecto, que não é amado, que despraz, e... eu não sou amada do Conde: por ventura lhe serei odiosa? Não duvidamos d'isso, pouco o interesse, aborrece-me.

Estes, com pouca differença, os discursos secretos, que tinha Melania. N'outras occasiões porém, em que sendo comsigo mais severa crimina-se do menor sentimento, de que se deixava arrastar a favor do Conde, e de si propria, ter-lhe-ia este parecido culpado, se ousasse de arriscar uma só expressão, e um só lançar d'olhos, que podesse inculcar amor. Ora o buscava, ora fugia d'elle: temia vel-o, e todavia olhava para elle. Duas almas bem oppostas a tyrannizavam alternativamente. Finalmente, já a favor do amante, já da irmã, entregue a todas as borrascas, succumbindo a uma paixão, que frustraneamente se esforçava por enfrear, cahiu doente, e foi sua doença perigosa.

Sente logo Luzia espertar em si toda a sua ternura: já não ouve outra voz senão a do sangue; voa ao leito de Melania, entre os braços a toma, e lavando-a em lagrimas: Que tens tu, minha querida Melania? diz-lhe com certa voz meiga, tão expressiva da sinceridade, e candura d'um coração enternecido. Alguns dias ha que te devora uma damnada melancolia, e tal é a causa da tua doença, que eu não posso adivinhá-la. Falla-me francamente: sós estamos, e lembra-te que a tua amada Luzia, a tua terna irmã, a melhor amiga que tens é a quem tua alma ora se manifestará. Ah! minha irmã, diz Melania, arrancando um estranhavel suspiro, e fitando em Luzia os olhos com ternura, e dôr: minha irmã... deixa-me morrer. Não morrerás por certo, minha querida Luzia; vinculados estão meus dias aos teus: falla, que a situação, em que te vejo, o peito me rasga.

—Interessas-te na minha sorte!

—E duvidas tu d'isso? Alguma cousa tens que te magoa; dize-me qual é, que as tuas maguas, sim, serão minhas.

—Queres que fie de ti os meus males; minha irmã... não os has de remediar!

—E que razão tens para desesperar? Porque não confiarás tudo da minha amizade.

—A tua amizade se offenderá.

—Não, não pôde offender-se. Manifesta-me por esta vez de mais o teu coração.

—Minha irmã!... minha irmã!... a ti é a quem hei de mostrar este coração?

—E quem melhor que tua irmã poderá

socorrer-te, consolar-te, amar-te mais que tua irmã?

—Assim apertais comigo.

—Com os olhos cheios d'agua tu obtesto.

—Bem está! exclamou Melania, forcejando por erguer-se sobre o seu braço, este coração agora se te manifestará; e como quereis... Mana, sabe que amo, que adoro.... A quem? pergunta Luzia com voz de quem está perturbada: a quem?

—O conde d'Estival, a quem tu amas, que sem dúvida te ama...

—Ah! que é o que diz?

—Não quero, minha irmã, oppôr-me a esta inclinação mutua... que a minha propria razão approva: uma só graça de ti quero: torno a dizer-te, deixas-me morrer. Só te peço que ninguem no mundo, senão tu, saiba da minha fraqueza, do meu delicto pois é o rasgar-te o coração: uma flêcha mortal lhe embebi: eu bem o vejo. Occula mais que tudo a nascente das minhas, e das tuas desditas ao Conde; que n'isso interessada vai a vossa honra. Perdoas-me; querida Luzia. Coração tens; bem vês que a minha culpa é involuntaria: assás castigada fico! O ultimo suspiro estou a ponto de exhalar no regaço de minha irmã: vive tu para amar o Conde, para ser d'ella amada... Amas o Conde d'Estival! respondeu Luzia com os olhos desfeitos em lagrimas! O' minha irmã... Arranca-se-lhe então dos braços com funesta magoa, e com a mesma precipitação vò a outra vez a elles. Tu minha irmã, tu é que deves viver, proseguiu Luzia; se preciso for... sacrificar-te-hei o meu amor: não casarei com o Conde... Não minha irmã, que assim és em extremo generosa, diz-lhe Luzia dando-lhe os braços, não abusarei da tua ternura, ou para melhor dizer da tua piedade: cruel, barbara seria eu: para ti está o Conde destinado, tua tem de ser a sua mão... e.... a mim só me toca o expirar... Meu Deus! que tens tu? Em teu rosto a pallidez da morte!...

(Continua.)

PRIMEIRA ILLUSÃO

Qual te foi, e qual a viste,
Tal a revês, erma e triste,
No espelho do coração.

MENDES LEAL.

Do alvorecer da vida um casto enleio,
Chimerica illusão, sonho ditoso,

Na lyra vou cantar;

Dilecta imagem, que opprimindo o seio
Me deixa apenas recordar saudoso

No coração brotar!

Era na idade em que o amôr florece
 E nossa alma com seus tão meigos laços,
 A outra quer unir;
 Quando em lyrios a mente reverdece,
 E a natureza busca em seus abraços
 Um phantasma cingir.

Meu peito arfava, por amôr ligado,
 Nutrindo já por candida donzella
 Lôuca e flammea paixão.
 A mente imagens só tinha creado
 Que transformavam meu amôr por ella
 Em meliflua visão.

E assim entre seus braços,
 Bem depressa m'arrojei,
 Seus ternos, candidos laços,
 Venturoso lh'a aceitei.
 Seus olhos, quando os volvia
 E nos meus repercutia
 O seu lucido fulgôr,
 Meu coração transportavam,
 E minha alma enlevavam,
 No mais doce e terno amôr.

Seus labios puros, formosos,
 Nos meus que vezes rocei?
 Em suas faces viçosas,
 Quantos beijos lhe não dei?
 Quantas vezes seu cabelo,
 Fios do oiro mais bello,
 Sobre meus hombros eu vi?
 E seu peito enebriante
 Quantas vezes delirante
 Contra o meu peito cingi?

Eu sorria e ella sorria
 Ao vêr o abysmo profundo,
 E sonhando na magia
 De mais luminoso mundo,
 Que horas juntos passamos,
 Que prazer então gosamos
 Vendo as aguas deslizar?
 Que doces, ternos momentos
 Ouvindo d'agua os lamentos
 Das aves, meigo trinar?

Mas ah! que tantas scenas de ventura.
 Afagos divinaes, maga ternura
 Velozes vi passar!
 E se hoje d'essas brancas assucenas.
 Uma tento colher, eu colho apenas
 Espinhos que minha alma vem magoar!

HENRIQUE TAVEIRO.

AMOR DOS TUMULOS

(De pag. 495)

Eu já fui visitar um dia as ruinas d'um mosteiro. As arcadas não retumbavam com o bater de meus passos, mas em cada fenda das muralhas havia um echo, que repetia os gritos monotonos do vento. O sol dourava as cornijas tortuosas, e sobre as pedras negras se balouçavam flôres purpurinas e côr de ouro. Dir-se-iam vencedores, tripudiando sobre os despojos do vencido. Ao observar aquelle contraste, ao ver o carmim das rosas repouzar-se no pó dos esmigalhados labores, que enchiam os porticos d'alabastro, e as abobadas de granito; ao presenciar que os raios do sol não tinham vergonha de buscarem por leito as sombras d'umas pedras amontoadas sem arte, cheias de musgo negro, do excremento das aves, e da baba dos insectos e repetis nojentos, que nas suas desconjuncturas se abrigavam; ao ver a haste fransina do lyrio a retratar-se no espelho negro das ossadas carcomidas d'um gigante de pedra; digo que me assaltou um pensamento de gratidão para com a natureza, que não sabe juntar uma palavra d'escarneo á voz de maldição dos homens. Deus mostra uma perpetua commiseração para com a humanidade, e onde ella, pousando a sua sapata de ferro, gravou o distico da sua loucura e por tanto da sua condemnação, vai elle imprimir o seu hymno de verduras, de flôres e de luz, não para illuminar as estrophes do poema de Satan, que os homens alli inscreveram, mas para as escurecer, para as contrastar, para dar uma licção de moral, para que os homens apprendam a vêr n'aquelle espelho a enormidade do seu erro, a grandesa que deve ter o seu arrependimento.

A natureza é a base continua das grandes comparações. Tudo o que no mundo existe parece creado para nosso exemplo. O cedro e a herva mais curtiua, o dromedario e o grilo, o leão e o cordeiro, reflectem a nossa grandesa, ou o nosso abatimento, a nossa soberba, ou a nossa mansidão. A luz é a alma, as flôres os sentimentos. A sombra é o veu do mal que nos fecha o coração, e troca a luz dos que abnegam pelas trevas dos que são egoistas. A brisa suave é a respiração da virtude. Os ventos desencadeados a tempestade das paixões em seio mal formado. As messes, que ondeam, os pensamentos, que fluctuam. O mar, as vagas que nos arrastam á perdição ou á plaga do salvamento. Até aquellas ruinas são a imagem verdadeira da pobreza virtuosa. Quantas vezes se insultam os andrajos d'um mendigo, que dentro de si abriga um coração, riquissimo de affectos, um thesouro immenso de bondade? Quantas vezes evitamos o seu contacto, imaginando que as vestes sujas nos mancharão os dourados das nossas condecorações vã-gloriosas, sem pensarmos que a alma d'elle está limpa e muito limpa, ao passo que a nossa é um fóco perpetuo d'impurezas?

Assim tambem, quantos não insultam e despresam aquelles restos, filhos do nosso vandalismo, levados pela falsa idéa de que ali só reina o medo e tripudia um asqueroso bando de maus genios? Quantos não julgam que os raios solares que alli se quebram são fogos fatuos de lampada infernal, e as flôres esplendidas de brilho, lantejoulas saccudidas de tunica diabolica?

Largo tempo me levou tal meditar, mas de novo, erguendo-me da lascada columna, em que me assentara, volvi a meus curtos passeios, onde fui observando as minimas couzas, sem nada encontrar de incolume, que formasse saliencia entre os demais objectos, á excepção d'uma das torres quadrangulares da igreja, arrogantemente erguida, na frente de todos aquelles destroços. Deram-lhe os annos mascara de ferro, com que resistira aos tempos e ás revoltas. Parecia um torrão de fortaleza, que só tivesse resistido á sanha dos assaltantes, e que ainda defendia os outros bastioes, em volta d'elle esmigalhados.

De vez em quando vinha ferir meus ouvidos

uma voz plangente, como de alma finada vaguando nos ermos escuros d'uma floresta, mas de novo o silencio tornava a cahir sobre aquelles destroços, para deixar ouvir o ruido monotono das virações, escoando-se pelas fendas dos portaes góthicos, desequilibrados pela mão do tempo e das revoluções mundanas. D'onde partia aquelle som mysterioso? Vinha d'um sino plantado na mesma torre, que a vaga da destruição se tinha esquecido de arrastar na sua torrente devoradora.

Mas se tudo ali era soledade, se ninguem d'aquelles ermos fazia habitação, quem é que vinha tanger invisivelmente o bronze que foi outra a voz sagrada do monasterio? Coisa natural... inda era o mesmo vento, alma d'aquellas ruinas. Mas o vulgo supersticioso fazia d'aquillo um mysterio. Duas vezes explicavam aquelle phenomeno. Uns diziam que era Satanaz, buscando alli refugio, que puxava, de vez em quando, pela corda do sino, para atrahir os incautos, e depois reduzi-os á tentação: outros que era a alma d'algum frade que se erguia dos esboroados mansoleus, para chamar á reza os seus companheiros mortos, imaginando que os vivos se tinham esquecido d'aquelle mister de salvação.

Como um côro, satanico, regido pela grande voz do foragido dos ceus, juntavam-se ao ruido phantastico do sino com gritos de aves agoueiradas, que só de noute sahiam de suas negras habitações, para virem, com as azas mais negras ainda, cobrir os braços partidos d'uma cruz sem suppedaneo. Quando o luar vinha crear phantasmas alvacentos, que saltavam de moatão em montão, ou divagavam sobre as agrudas dos muros, era horrorosa, e, ao mesmo tempo, burlesca, a mistura de sombras brancas com os vultos negros dos passaros de rapina. Ao vêr alguns, immoveis, pousados nos ultimos degraus d'um altar cahido por terra sem imagens, pensativos como philosophos, que vão cuspir no pó das gerações extintas o stygma da sua condemnação, dir-se-lia, em manchas pardas de veneno putrido, escuras, das pela enorme serpente do mal, na parede alvacentas da virtude.

Junto d'estas ruinas, n'um pedaço de terre-

no, que foi outr'ora a cerca dos frades, determinaram algumas pessoas da freguezia estabelecer um cemiterio. Nunca vi sitio mais apropriado para isso, nem me parece que o haja. Pouco distante o mar quebra-se na praia, e quanto ha-de ser agradável aos mortos, dormirem o somno eterno embalados no eterno cantico do oceano. Excusados são os distichos em lousas, ou em marmores, as ruinas podem servir de epitaphio commum.

E que soberbo epithaphio!

Poucas porém foram as pessoas, que levaram a cabo o seu poetico e grandioso pensamento porque a gente d'aldeia se oppoz, e dominada pelos prejuizos de muitos seculos, despresou os dictames do bom senso e da hygiene, para dar em pabulo seu corpo ás sepulturas cobertas pelas taboas do soalho da egreja. Desculpemos-lhe a ignorancia, e entremos no cemiterio, muda testemunha dos amôres que vamos contar.

(*Continua.*)

SOSA VITERRO.

DESAFOGO

O' fruir quizera um dia
Quanto é doce ser ditosa!
Quizera com alegria
Minha estrella tormentosa
Vêr mudar antes da morte,
Vêl-a seguir outro norte
De ventura e melhor sorte,
N'uma esphera bonançosa!

N'alta montanha quizera
Ao ar livre um ai soltar,
Percorrer ó quem me dêra,
Densos bosques a scismar.
Livre, livre como o vento,
Livre como o pensamento
Quizêra ser um momento,
Um dia antes d'acabar!...

Quizera vêr a impressão
Que causa a felicidade
Ao infeliz coração
Que soffre, sem liberdade,
Oppresso pelos tormentos!..
Que só tem livre lamentos,
Só livre queixar-se aos ventos,
Só esperança na eternidade!..

M. A. FERNANDES PRATA.

PUBLIDAÇÕES LITTERARIAS

ESTROPHES

Brevemente sahira á luz este volume de poesias do snr. Alberto Pimentel.

Preço—Para o Porto, 200reis—Provincias 240 reis (adiantados.)

Assigna-se n'esta redacção, na Livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16.

O FILHO DE DEUS

Acha-se á venda n'esta redacção o mencionado volume, de que é authora a exm.^a sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata. Tambem se vende outro volume da mesma authora, intitulado—*POESIAS, offerecidas ás Senhoras Portuenses.*

Preço por cada um volume... 300 rs.

EXPEDIENTE

Pedimos aos snrs. assignantes das provincias que não têm pago por inteiro as suas assignaturas de anno, as mande saptisfazer por toda a presente semana, para não soffrerem interrupção nas suas remessas.

PREÇOS

Porto, por anno..... 1\$200
Provincias » 1\$440

OS DOIS PHANTASMAS DA NOITE

QUANDO a doira a luz do dia
É muito linda uma aldêa!...

E se a verde ramaria
Se debruça nos caminhos,
A tremer co'os passarinhos
Que bailam, saltam e pulam
N'uma continua chorea,
É muito linda uma aldêa!...

Foge o sol, fogem as aves
De cima das verdes cômas.
Não dão as rosas arômas
E languecem a dormir,
Até que a luz da alvorada
Dê ao prado novas tintas...
N'aldêa a noite é calada,
E só se escuta o latir
Dos cães que guardam as quintas...

Quando sôa a meia-noite,
Não ha ninguem que se affoite
A deixar as suas casas
E a passar no pinheiral,
Ou na escura flôresta
Onde um bando d'avejões
Volita em dança infernal...
A essa hora já dormem,
Em quanto que algumas brasas,
—O rescaldo da fogueira—
Esquecidas na lareira
Exhalam debeis clarões...

Ao sôar da meia noite,
Sempre o gallo carcáreja...

Em derredor das paredes
Das torres da pobre igreja,
Já velhas, musgosas, sujas,

Vôam morcegos, curujas
E mais aves agoireiras
A piar noites inteiras!...

Põe medo vêr este quadro,
Que mil ideias resume!...
E mais quando o vaga-lume,
Por sobre as campas do adro,
Caminha sempre a brilhar!...
O cão, ao longe, a latir!...
O môcho sempre a piar!...

.....
E o lavrador a dormir!...

.....
Na mais pittoresca aldêa
Uma noite é sempre feia...

VINDE comigo leitores

A uma aldêa cavada
Entre as abas de dois montes,
Nas margens do nosso Douro.
Por sobre as timidas flôres
Correm lá fão claras fontes!
As aves cantam amôres...
As mulheres lindas cantigas,
Que d'amôr fallam tambem...
Vinde vêl-as, escutal-as,
Trocai as damas das salas,
—As damas que o mundo tem—
Por as pobres raparigas,
Que não mentem a ninguem!...

Em volta do presbyterio,
Fazem guarda verdes olmos
Toda a noite e todo o dia...
Meia duzia de casebres,
Cobertos d'hervas e colmos,
Uns aqui, outros além,
Cifram toda a cazaria,
Que a pobre da aldêa tem!...

Vinde comigo leitores,
 Vinde lá,
 Se quereis dias serenos,
 Livres das grandes procellas
 Que o mundo ás vezes nos dá...
 Ali, na risonha aldêa,
 Junto á fogueira do lar
 E da morticã candêa,
 Com a mais fina memoria,
 Os grandes e os pequenos,
 As avós e as donzellas,
 Todos vos hão-de contar

A historia

Dos *dois phantasmas da noite*.

Seja quem fôr que ali na aldêa passe
 E n'um casebre se acoite
 P'ra descançar ou dormir,
 Ha-de de todos ouvir
 Esta lenda
 Lugubre, triste e horrenda
 Dos *dois phantasmas da noite*.

III

João Vaz,

O moleiro d'aquella freguezia,
 Co'a gente do lugar toda vivia,
 Em bóa e santa paz!...
 Morrera-lhe a mulher ha já dois annos
 E ao chegar o instante derradeiro,
 Ao marido pediu que despozasse
 Uma orphã infeliz, sua afilhada,
 Que não tinha sequer quem a abrigasse.
 A mulher do moleiro
 Era santa! Coitada!

Como o pobre do moleiro,
 Inda pai nenhum amára,
 Um filho que lhe restára
 Do casamento primeiro...
 Contava desenove annos
 E aprendia a carpinteiro
 Aquelle esbelto rapaz
 De rosto oval e trigueiro
 Que era filho de João Vaz...

Tinha sido respeitada
 A vontade derradeira
 Da Joaquina, a moleira.
 João Vaz — um tão bom homem
 Nunca o lugar ha-de ter! —
 Mezes depois desposára
 A triste desventurada,
 Herança que lhe legára
 Sua primeira mulher...

IV

DIZIA-SE na aldêa em toda a parte,
 Que o filho do moleiro se atrevêra
 A erguer olhos d'amôr para a madraستا,
 Que não contava mais que vinte annos!...
 José, o carpinteiro, era mal visto
 Em toda a freguezia e a rapariga...

.....

V

Um dia ao cair da tarde,
 — Corria o mez de Janeiro,
 O peor que o anno tem, —
 Perguntava-se na aldêa
 Por João Vaz, o moleiro,
 E seu filho, o carpinteiro,
 E sua mulher tambem...

Como nenhum apar'cesse
 E o moinho estivesse
 Ha dois dias sem se abrir,
 Do logar o povo inteiro
 Receiando alguma trama,
 Forçou a porta e entrou.
 Mas a tremer recuou
 Ao vêr deitado na cama
 Morto João Vaz, o moleiro,
 Todo coberto de sangue!...

 Involto em uma toalha,
 Sobre um esquite de pinho

Para o adro o conduziram:
 Que nem ao pobre deixaram
 Dinheiro para a mortalha!

 Que é da mulher e do filho?
 Quem sabe d'elles? Fugiram...

VI

NESSA noite, á meia noite,
 — Noite medonha de inverno,
 Noite horrenda de Janeiro—
 Sobre a campa do moleiro
 Viram-se andar dois phantasmas
 Do inferno...
 E fallavam! e gemiam!
 E cada vez mais carpiam!
 Entretanto esvôaçavam
 Da igreja nas torres sujas.
 Umas corujas.

 E na campa do moleiro
 Os phantasmas a carpir
 N'um continuo psalmejar!
 O cão ao longe a latir!...
 O môcho sempre a piar!...

 E o lavrador a dôrmir!...

 Foi essa a noite mais feia,
 Que tem havido na aldêa...

ALBERTO PIMENTEL.

A BATALHA DE S. MAMEDE

Como é sabido, D. Thereza, filha d'el-rei D. Affonso de Leão, e casada com o conde D. Henrique, progenitor dos reis de Portugal, não quiz, por morte d'este, entregar a seu filho, o grande Affonso Henriques, que então contava 19 annos d'idade, o governo das terras com que seu pai a dotára, em virtude, diz-se, de relações amôrosas que entertinha com o conde de Trava.

O mancebo, indignado de vêr, por aquella maneira, insultadas as cinzas de seu nobre pai, resolveu, d'accordo com alguns fidalgos seus amigos, arrebatá-lhe o poder á força d'armas; e no dia aprazado entre elles, marchou sobre a cidade de Guimarães, aonde residia sua mãe em companhia do conde.

Posto que, no dia da sua partida, o seu exercito fosse em extremo insufficiente para tentar algum ataque, quando chegou aos campos de S. Mamede, perto da cidade, era seguido por uma multidão respeitavel que se lhe tinha juntado no caminho, a qual via com maus olhos o affecto que D. Thereza consagrava ao fidalgo castelhano.

D. Thereza, por sua parte, tendo conhecimento da empresa tentada por seu filho, tratou immediatamente de fortificar a cidade, augmentando as suas tropas e invocando os brios patrioticos do povo.

Chegou, finalmente, o dia destinado para o combate. Os dous exercitos achavam-se em presença um do outro. Notava-se certo ar de indignação nas vistas, que cada um lançava sobre os seus contrarios, o que dava bem a conhecer a impaciencia com que era esperado o signal da batalha.

D. Affonso Henriques, á frente dos seus defensores parecia meditar. Por fim, sacudindo seus anelados cabellos, e fitando os olhos sobre o seu exercito, fez-lhe um brilhante discurso, cheio de vehemencia, no qual lhe dava por divisa — VENCER OU MORRER.

Este discurso foi muito victoriado por toda aquella multidão, que pondo de parte as suas occupações, tinha corrido voluntariamente a alistar-se debaixo das bandeiras do filho do conde D. Henrique.

Tal era a sympathia que o mancebo lhe inspirava.

Todos, com o enthusiasmo impresso no rosto, prestaram em seguida o juramento solemne de fidelidade ao seu chefe.

Terminado este acto, D. Affonso Henriques passou ainda uma vez a vista por sobre a turba

de combatentes em frente dos quaes se achava; depois olhou para o ceu, como para invocar o favor divino, e gritou com toda a força!

Atacar!

(Continua).

AUGUSTO QUEIROZ.

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 307)

Em breves momentos entravam no jardim o snr. Anselmo, precedido d'uma senhora.

— Menina — grita alegremente a velha — é seu thio, e a snr.^a D. Joaquina.

Clotilde fez um esforço para os levantar, mas exausto de forças tornou a cahir sobre o leito.

— Minha Clotilde, aonde estás? — dizia a filha do Marquez subindo as escadas que conduziam ao quarto da sua amiga. A criada abriu a porta d'este, e as duas meninas precipitaram-se nos braços uma da outra.

— Elle morreu? — murmuram ao ouvido da sua amiga, a sobrinha do snr. Cunha.

— Não sei — balbuciou entre soluços a menina interrogada, meu pae partiu hontem para Coimbra concedendo-me licença de passar comtigo todo o tempo da sua ausencia: dentro de poucos dias teremos a certeza do que houver succedido, por que elle prometeu de me escrever logo que chegasse. Mas tu, minha querida, que tens?

— Nada — murmurou Clotilde — mesmo nada, uma irritação nervosa, de que estou melhor; a tua vista reanimou-me.

— Na tarde do seguinte dia, as duas meninas acompanhadas de Rosa, dirigiram-se ao cemiterio ambas de joelhos uma a par da outra enviavam lagrimas e orações, á mãe, e á amiga respeitavel, cujas cinzas alli jaziam.

Depois levantaram-se, um sorriso de resignação, e talvez de esperança animava os pallidos rostos das duas jovens.

A resignação tinha sahido d'essa campa que ellas acabavam de contemplar, a esperança tinha descido do céu para onde tinham vôado as suas orações.

— Ainda é cedo bastante, Josefina, e se tu queres podemos ir á Ermida da Serra.

— Pois vamos, porque desejo vêr o nosso velho mestre.

As portas do cemiterio fecharam-se, e as duas meninas, e a velha dirigiram-se para a Ermida da Serra.

III

A ERMIDA

No principio d'este romance, vimos, de passagem, uma capelinha que se achava sobre um penhascoso monte; tambem vimos uma pequena casa de que é habitante um velho ermita; mas agora que temos tempo vamos examinar por miudo, Ermida, Velho, e habitação:

Junto á capella marmora um nascente d'agua crystallina, que sabindo da rocha vai cahir em um tanque feito pela natureza. Altos cypresses, e frondosos freixos dão sombra e frescura áquelle sitio encantador: mezas, e bancas de pedra cobertos de espêsso musgo estão cimetriamente collocados debaixo das arvores.

Pinhas monstruosas vestidas de festões de hera; grutas deliciosas alcatifadas de verde relvas e farradas de arômaticas madre-silvas são os jardins, e quintas do pobre Eremita! Uma pequena sala adornada com duas cadeiras, uma mesa, e um armario; junto d'ella um quarto em que apenas cabe uma cama, e um baú, são a sua habitação.

Defronte d'esta casinha está a pequena capella da Senhora dos Remedios. Uma alva toalha veste o altar toscamente lavrado: uns castiçoes de pau, e uns vasos de barro grosseiro em que se viam alguns ramos de cypreste, são todos os armamentos que adreçam este templo-sinho da Virgem cuja imagem está já deteriorada pelo tempo que nada poupa.

Assentado ao pé da fonte está o Ermita. É um velho de pequena estatura, fronte calva, magra, e macilenta. A expressão dos olhos, já um pouco encovados, é d'uma doçura evangelica! Tem aberta, sobre os joelhos a Biblia, mas não lê, está olhando para um caminho estreito que da planície conduz á sua pobre morada; pelo qual caminhavam duas jovens, e uma velha.

Já os nossos leitores sabem quem ellas são, por tanto iremos vêr a recepção que lhe fez o padre.

— Como são boas, minhas meninas, em virem visitar o pobre Ermita!

— Como passa o nosso bom amigo? — perguntaram as duas amigas a um tempo, pegando nas descarnadas mãos do velho.

— Soffrendo sempre, minhas filhas; mas v. exc.^{as} também me parecem tão abatidas! têm tido algum incommodo?

— Ah! snr., pois não sabe a desgraça que nos opprime? — disse a filha do Marquez — meu irmão talvez já não exista!

— Já não exista! — repetiu o velho com admiração — mas como é isso minhas filhas? aonde está elle? que lhe succedeu?

Nem uma das meninas lhe respondeu, por que os soluços embargaram-lhe a voz!

A velha Rosa foi a que contou ao padre o que havia succedido.

Sentidas lagrimas rôlaram pelas cadavericas faces do padre Francisco: elle amava o mancebo como se fôra seu filho.

— Resignação com a vontade de Deus minhas filhas, — murmurou o bom velho limpando as lagrimas — A Virgem dos Remedios hade melhorar Paulino, ha-de ouvir as nossas supplicas, vamos fazer-lh'as.

E o padre e as tres mulheres entraram na Ermida.

(Continua.)

LUZIA E MELANIA

(TRADUCÇÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

(De pag. 309.)

Grita Melania: levam para o seu quarto, a qual tinha perdido os sentidos: e tornado que ella tivesse a si, triunfa a sua generosidade. Torna apressada ao aposento da irmã.

— Perdoa, diz, querida irmã, a minha fraqueza: avigorado tenho o alento, e já posso responder por mim. Sim, não ha duvida; a minha ventura constituiu eu em vêr-me esposa do conde. . . . Melania. . . . Tenho-lhe amôr, e ser-me-ia possivel dissimular-o? E' certo que tudo descobre uma desgraçada paixão; mas que seria a minha dita, se a vida te houvesse de custar? Ah! que bem sinto de mim que a amizade em meu coração pode igualar o amôr. . . . Querida mana, tira os olhos do meu pranto, ouve sómente os meus suspiros: não olhes para estes terribes combates, para as mortificações de minha alma, e revive tu para ser amada de tua irmã, de tua amiga.

— Ah! mana, que quanto mais sacrificios me fazes mais devo armar-me contra a tua bondade, contra mim mesmo. Tamanha virtude só serve de constituir-me odiosa, e culpada no meu proprio conceito. Sim, peço-te encarecidamente que deixes quebrar o fio d'uns dias, que detesto, e vive para ter dó de mim, para amar-me. . . para desposar-te. . . Não pode Melania acabar, e cabiu-lhe nos braços sua rival toda chorosa.

Não deixava Luzia a sua irmã, que sempre porfiava em dar iguaes mostras de melindre, e grandeza d'alma. E ha por ventura para a fraqueza humana maior esforço, nem mais digno de admiração do que subtrair-se qualquer a um sentimento que lisongea, que enche um coração, e querer á custa da sua propria ventura a alheia? Não é até onde pôde chegar o heroismo?

Minha irmã, disse Luzia a Melania, algum tempo depois d'uma confissão tão cruel, entrei comigo a perguntas; experimentei o meu coração, o qual creio que poderá estar pelo que eu lhe ordenar. Prometter-te mais, seria enganarte, seria abusar de mim mesmo. Minha querida

Melania, sinto-me, (pelo menos assim me atrevo a crêr), sinto-me com valor de deixar o conde para tua dita, de não casar com elle, direi também que para não amal-o? Triste de mim! Adoral-o-hei em segredo... mas vê-lo nos braços de outra; que outra seja d'elle amada, que seja sua esposa; que minha irmã... não, não teria animo para tal vêr. E terá Melania valôr para fazer-me este sacrificio? E olha ao mesmo tempo para ella, toda enternecida.

—Duvidas d'isso? respondeu Melania? Sim, continuou ella com nobre desembaraço, quero... quero que sejas sua esposa, que constituas a sua dita, e a tua: obrigação solemne é esta, a qual uso de contrair comigo mesmo, e constringerei meu coração a estar por ella.... Seja eu só a desditosa, e goze minha irmã d'uma sôrte, que suas virtudes merecem.

Eram estas duas mulheres um exemplar da mais rara, e sublime generosidade. Enternecida Melania com o procedimento de sua irmã, recobrou a vida, ou para melhor dizer teve valor, e firmeza para arrancar-se d'entre as mãos da morte, que estava para descarregar sobre ella o golpe. E sem alcançar victoria decisiva, parecia triunfar; o que no seu conceito, e no de Luzia assaz era para que ella não tivesse de que criminar-se.

Cobrava todavia a sua paixão, em vez de ir a menos, novas forças todos os dias. Fugia Melania do conde; mas tinha estampada no intimo do coração a imagem do seu amante, que n'elle combatia sem cessar com suas genorosas resoluções. Estava porém, sobre tudo attenta a dar de mão a todas as occasiões de achar-se só com elle, com o mesmo homem, a quem adorava, e para quem lhe cumpria olhar com olhos indifferentes. Não pode todavia evitar aquelle encontro tão temeroso para um coração, que não se engana a respeito da sua fraqueza. Aproveitou-se o conde d'este momento fatal para Melania.

Para onde correis, senhora. diz-lhe elle, opondo-se-lhe á passagem, e lançando-se-lhe aos pés? Dignai-vos de ouvir-me um instante; um só instante... Não, não haveis de deixar-me: não é já tempo de vol'o encobrir: adoro-vos; amo-

vos apaixonadamente: vivo, respiro só para vós. As conveniencias, que digo? o preceito d'um pai me obrigará a consagrar os meus votos a vossa irmã: amavel é ella, e respeitavel; convenho em que lhe são devidos amôr, e estima: bem desejaria a minha familia, que eu, e ella nos unissemos: tudo assim m'o ordenava. Porém, linda Melania, não posso já constringer-me; todos os dias me pareceis mais bella, e virtuosa, e seria enganar eu a Luzia, visto que outra paixão me domina; o unico objecto sois d'este amôr terno, que cresce a cada instante, e que até o ultimo suspiro me abraçará: fallai divina Melania fallai, que a vossos pés espero a decisão da minha sorte. Resolvido está tudo, responde Melania, instando com o conde para que se levantasse: tendes offerecido a mão a minha irmã, vossos desvêlos a tem enternecido: a mesma honra vos ordena que ameis: a Luzia sò é que compete o nome de vossa esposa. O que devo fazer, e tudo quanto está da minha parte é ser muito vossa amiga. Não vos esqueçais que o sou de minha irmã, e vós mesmo, Senhor meu,.... tenho-vos dito tudo, e á vista d'isto, não nos falleemos mais. De mim o digo, que me calarei, com a condicção de sepultardes em profundo silencio quanto acabais de dizer-me; e... a Deus, senhor conde: nunca eu me veja mais diante de vós.

Queria o Conde d'Estival responder; porém, já Melania estava no seu aposento.

Appareceu então a amante outra vez: Ah! diz ella em alta voz, que por fim poderei agora chorar com liberdade, exhalar a alma desfeita em lagrimas, entregar-me de todo á minha fraqueza, ao meu amor, á minha magoa! Aqui não offendo a Luzia, e posso ser senhora de mim. Que vim eu a saber? Que! o conde me ama! que o adore eu, e importe arrancançal-o de meu coração! Que seja preciso fallar-lhe de minha irmã, da sua ternura, soster os arrebatamentos da minha, o minimo sentimento, mostrar-lhe a frieza da amizade, da amizade tão indifferente! Ah! infeliz Melania! Como me é pezada a existencia! Seja assim, morra eu em soluços, e lagrimas afogada; mas demostras de que uma mulher pôde vencer-se, e immolar o amôr á natureza, á amizade, ha uma generosidade que me assombra, e lisongea; e quando eu expire

como victima... Sim Luzia, minha irmã, e ousarei eu de dizer minha rival? Sim, victima sou tua... victurioso ficarás; sentirás os meus males, o horror da minha situação: bem sabes o que é amor!

Não cessava Melania de lutar consigo todos os instantes. Como implacavel inimiga de si propria, rebatia em seu coração a mais debil sentelha, que n'elle se levantava, e fazia muito por afogal-a. Enviou-lhe o conde d'Estival muitas cartas, que ella nunca quiz acceitar; até que enfada d'estes continuos assaltos, prestes a succumbir, mais que nunca perdida de amôres pelo conde, e affeiçoada a sua irmã mais que nunca recobra em fim todo o seu alento, e desaparece da casa de seu pai. Com sua fugida ficou toda a familia submergida no maior pezar: entregasse Luzia inconsolavelmente á desesperação; e para ser extremada a sua pena recebe a seguinte carta:

« Minha irmã. — Tudo me obriga a fugir de ti, e a desapegar-me do mundo: praza no ceu que de mim mesmo me possa eu vêr livre! Tomei a unica resolução que me sobrava, e por fim me é dado fallar com singeleza... já não é tempo de enganar-te, nem de enganar-me a mim propria. Amo-te adoro-o o Conde; não posso ser sua esposa, e a ti, a ti é que tal nome pertence. Fiz pois eleição do unico esposo, que me seria livre amar. Conasgrar-me vou a Deus, nomeal-o-hei objecto de todas as minhas affeições: que palavras estas! Em quanto são tantos os vinculos, que me prendem á terra. E podera elle quebrar taes vinculos, que a um tempo preso e detesto? Em minha alma lerá elle: apiedar-se-ha d'ella, restituir-lhe-ha a tranquillidade: obra sua são os nossos corações: elle mudará o meu: doará este amor infeliz, que de rôjo trago ao pé dos altares, que ora mesmo, que vos escrevo, em meu proprio pranto se accende, se irrita com a minha desesperação, mais que nun-

ca me atormenta, e torna culpada. Por ventura me consolará Deus na perda do homem mais amavel! Não ha duvida que o conde d'Estival o é: esta idéa, que me mata, toda a alma me occupa! Que disse eu? Sê ditosa, minha querida irmã, e amá-me. Seja tambem o conde muito meu amigo; que sem offender-te, nem tocar no teu melindre, bem posso contribuir para a sua dita, que será a tua: a ambas vos dou o que tenho de meu, e elle acabará de constituir-te em estado conveniente ao teu nascimento, e graduação. Espero que meu pai não desaprove as minhas intenções. Não te informes da minha nova pousada, que te será impossivel descobri-la. Encobri o meu nome e condição, de todos os meios me tenho valido para ter um impenetravel escudo contra as tuas instancias e terno amor, contra o de meu pai, cuja bondade presarei sempre muito, e contra mim mesmo em fim, de quem desconfio mais que de ninguem. Conheço quam pouca é a força que tenho, e quiz precavêr-me contra qualquer reincidencia injuriosa para a minha virtude, e pelo menos morrerei com a satisfação de ter feito o que me cumpre, e augmentado a vossa felicidade. Adeus, minha, irmã; adeus mundo, paixões, adeus, para sempre ó... não devo já nomeal-o, importa deslembrar-me d'elle, assim convém, e ter só diante dos olhos a sepultura; lá foram encerrados todos os meus males, fraquezas, desvarios... o meu amor... Ah! minha irmã, minha irmã, lavada em lagrimas te escrevo, expirando de mil mortes... Esta a ultima carta, que de mim receberás.»

Tamanho extremo de generosidade era para Luzia assacalada seta, que aturadamente se lhe cravava no coração: a lembrança de ser ella a causa da eterna desdita de sua irmã lançou-a n'uma especie de aniquilamento; do qual sae, dando um grito á força de entranhavel magoa.

—Não, querida Melania, não has de ter mais valôr, que eu. Nunca taes vinculos me prenderam, os quaes devo aborrecer e rejeitar, visto que te constituiriam desgraça: não escaparás ás minhas desveladas diligencias: esse retiro descobrirei, que te esconde para não vêr as minhas lagrimas, e d'elle irei arrancar-te: restituir-te-hei a estes sitios, ao regaço da tua familia: O conde d'Estival verás; has de amal-o: ali e se tanto é preciso... sua esposa seja, que eu sou a que devo morrer.

(*Continua.*)

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 298.)

N'este comenos ouviu-se tropiar cavallos, e logo depois entraram tres mancebos na pequena casa, já bastante cheia.

—Que é isto?!... —exclamou Maximino, que era um dos tres. Os outros eram Alfredo e outro amigo dos primeiros.

—Chega reforso á corveta! disse Francisco abaixando o machado.

O regedor contente por vêr quem o ajudasse a manter a carta constitucional, contou a Maximino o que havia.

Enganam o snr. regedor, redarguiu Maximino. Esse barão (como lhe chama) não é tutor d'aquella menina. Eu e os meus amigos estamos promptos a depôr por escripto a verdade. Esta senhora, (elle se adiantou para Maria Isabel cortejando-a,) é minha noiva e foi tirada por engano da casa de meus pais onde estava.

—Chamem o senhor barão. Vejamos o que retruca.

O senhor barão tinha desaparecido. Da-mião tambem se escapára por entre o povo que se havia agglomerado á porta. O regedor os procurou algum tempo.

—Não se cansem, disse Maximino, eu bem vi fugir para o lado opposto áquelle d'onde vinhamos um cavalleiro que reconheci pelo raptor da snr.^a D. Maria Isabel.

Depois Maximino se acercou da donzella, que estava perturbada e vergonhosa, apertou-lhe a mão e lhe disse que seus pais a esperavam anciosos; e voltando-se lançou-se nos braços de Francisco e lhe deu os mais vivos agradecimentos, e disse-lhe baixo: És duas vezes meu salvador.

—Snr. Maximino, disse o marujo, veja como ha de ser isto. Precisamos de barco que nos tire d'estas paragens. A snr.^a D. Mariquinhas não pôde dar mais um passo.

Alfredo foi mandar aproximar uma carroagem que trouxemos por prevenção. O teu bilhete de hontem é que nos fez hoje correr n'esta direção. És um optimo e intelligente moço.

D'alli a pouco iam todos caminho do Porto.

(*Continúa*)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

O FILHO DE DEUS

Acha-se á venda n'esta redacção o mencionado volume, de que é authora a exm.^a sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata. Tambem se vende outro volume da mesma authora, intitulado—*POESIAS, offerecidas ás Senhoras Portuenses.*

Preço por cada um volume... 300 rs.

ESTROPHES

Brevemente sahira á luz este volume de poesias do snr. Alberto Pimentel.

Preço—Para o Porto, 200 reis—Provincias 240 reis (adiantados.)

Assigna-se n'esta redacção, na Livraria Franceza e Nacional, rua do Laranjal n.º 2 a 16.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

A AMANTE DO GONDOLEIRO

AO MEU AMIGO ALFREDO LEÃO

Meu Alfredo,

Escrevo á sombra dos tremulos salgueiros,
que toucam de verde as margens graciosas do
rio Ave. Isto por aqui é mundo d'Italia em
torrão Portuguez; por isso não é de admirar,
que me lembre Veneza a esta hora.

Aqui compuz eu os versos que se seguem,
e que te dou em penhor de amizade segura.
Defeitos hão-de saltar a rodos em toda a com-
posição, mas o muito amor que lhe tenho, por
ser filha d'estas margens, não me deixa devas-
tar informidades que por ahi avulsem; e de-
mais tu hasde-me acolher com favor. Adeus.

Teu do coração.

A.

I

Não ha noites tão cantadas
Como as noites socegadas
Do verão...

Nunca o ceu mostra mais lumes,
Nem a terra dá perfumes
Como então!...

Ha noites com bem estrellas,
Mas assim lindas e bellas....
Isso não!...

Em noites calmas d'estio
Descei á margem do rio,
Embarcai.

Em quanto brilhar a lua
Deixai-vos ir na falua,
Navegai.

Muita gente inda não sabe,
Que prazer brando e suave
N'isso vai!...

Como hão-de ter belleza,
Noites assim em Veneza,
Sobre o mar!...

Feliz de quem já tem ido
Aos largos canaes do Lido
Navegar...

Manso o mar, vento ligeiro,
E na pôpa o gondoleiro,
A cantar!...

Como hade a nossa alma
Sentir lá vaga saudade
N'uma noite mansa e calma...
Como hade!...

II

Nenhum pincel bem retrata,
Por mais que saiba e presuma,
De Veneza as noites bellas...
Mar de leite e ceu de prata!
Embaixo um leito d'espuma,
Em cima um docel d'estrellas!...

E de vez em quando a aragem,
Quando corre de passagem
Affagando-nos o rosto,
Murmura aos nossos ouvidos
A tremer e como a medo,
As estrophes de Ariosto,
E muitos versos sentidos
Do cantor de Godofredo,
Que ao longe, co'os companheiros
Entoam os gondoleiros
Sobre o mar,
A' luz bella do luar...

.....
Era noite linda e calma,
— Noite suave d'agosto, —
Toda estrellas e luar...
Vinha beijar-nos o rosto
A morna aragem do mar...

* Em outros tempos a maior parte dos gondolei-
ros que navegavam nos canaes de Veneza costumavam
cantar, em noites calmas, muitos dos versos de Tasso
e Ariosto. Hoje o costume vai-se extinguindo considera-
velmente; todavia ainda se ouvem, ás vezes, alguns
fragmentos da *Jerusalém libertada* e do *Oriando furioso*.

Vinha enlevar-nos a alma
O canto dos gondoleiros,
Que iam á pesca ligeiros,
A cantar, sempre a cantar!...

Mais tarde que as outras todas
Que já se vão mar em fóra,
Uma gondola partira
Inda agora.

Antes d'ir, o gondoleiro
— Que vive vida mofina,
Porque só vive d'amar, —
Foi beijar
A face candida e fina
De Georgina.

— Georgina, eu vou á pesca,
Mas logo virei ligeiro
Porque me estala esta alma
Com saudades e amor...
Mar de leite, aragem fresca,
Claro o ceu e noite calma,
É tudo bom, minha flor...
Mas que não arfe teu seio
Com algum vago receio,
Nem com medo.
Eu heide voltar e cedo...

— Ouve, escuta, gondoleiro,
Não sei que vago receio
Assaltar-me a alma veio...
Sinto-me tão anciada!
Mas como voltas ligeiro,
Não... é nada...

— Georgina, ai! Georgina,
Retalhas-me o coração...
Esse fallar desanima,
Não falles assim... O' não...
Não gosto d'ouvir fallar-te
N'esse tom...
São receios de criança,
É preciso ter esp'rança;
Deus é bom
E por nós vela dos ceus.

Deixa-me agora beijar-te...
Estes meus beijos de fogo
São só teus...
Até logo.»

Sobre a face de Georgina
Branca e fina,
De seu pranto rociada
Como a flor,
Que a manhã deixa orvalhada,
Em abril,
O gondoleiro imprimiu
Beijos ferventes d'amor.
Mas não foram um nem dois...
Foram... mil.
E depois
Ligeiro d'ali fugiu.

III

Subito no horisonte,
Ha pouco limpo de veus,
Um ponto escuro apparece.
E mais se alarga e mais cresce,
E de repente escurece.
O mar, a terra e os ceus.

A aragem, de mansa que era,
Tornou-se n'um fero açoite,
Como o vendaval do inverno
Agreste, medonho e frio...
Horrenda se poz a noite!
E bulcões negros do inferno
Involvem milhões d'estrellas,
Que ostentam as noites bellas,
As bellas noites d'estio!...

Ai! pobres dos gondoleiros
Que lá se foram ao mar,
A pescar!
Já vem fugindo ligeiros
Para terra.
A tempestade é tamanha
E ruge com tanta sanha
Que aos homens do mar aterra!

Só uma gondola falta,
 Uma só foi que não veio ;
 — A que mais tarde partiu. —
 Quem sabe se o mar infrene
 Lhe abrira seu negro seio,
 E n'um instante a enguliu?!...

 O trovão ribomba, estala
 Pelos ceus;
 E o raio brilha, rompendo
 Os negros, medonhos veus
 Que mais e mais vão crescendo.

O mar todo ao longe ruge
 E relincha forte, impavido
 E pela terra se mette,
 Como tigre em sanha, rabido,
 Que a toda a gente acommette.

IV

A formosa Georgina
 Desesp'rada, delirante,
 Tres dias esperara em vão
 O barco do seu amante.
 Ora ria, ora chorava,
 Os seus vestidos rasgava
 E a todos perguntava
 Por o pobre gondoleiro,
 Que não fugira ligeiro,
 A tão negra cerração!...

Tão prolongado martyrio
 Levou-lhe a luz da razão,
 Que sobreveio o delirio
 Á sua grande afflicção.
 Georgina, a sem-ventura,
 N'um acesso de loucura,
 Corre á ponte de *Rialto*
 E de lá, e de tão alto
 De golpe ás aguas se lança!...

Ai!

Sempre na lucta se cança,
 Sempre fria a alma cai
 E pouco e pouco se esvai

Quando nos foge a esperança...
 Ai!

V

.....
 E depois uus gondoleiros
 Viram, á luz do luar,
 Fluctuar,
 Sobre a agua crystallina,
 Um cadaver de mulher.
 Logo do mar o tiraram,
 E quando n'elle encararam,
 Todos a um tempo exclamaram:
 — É Georgina!...

Margens do Ave, Agosto de 1865.

ALBERTO PIMENTEL.

A BATALHA DE S. MAMEDE

(De pag. 316.)

A este brado seguiu-se um ruido medonho! Duas massas enormes corriam uma para a outra com o intento de se despedaçarem!...

Quem diria, alguns momentos antes, que aquelles homens, tão pacificos como mansos cordeiros, iriam, em breve, tornar-se mais ferozes que os animaes selvagens?!...

E comtudo assim aconteceu...

Mal acabava — de ser dado aquelle grito, e já a multidão, em tropel, com o furor estampado nos olhos, e sequiosa de sangue, cahia sobre os contrarios fazendo retinir o ar com exclamações horrosas...

Era uma e a mesma a idea de todos. Não lhe importava perderem as vidas, e porisso não procuraram defendel-as: o que elles queriam, onde levavam o seu feito era em não deixar escapar das garras um uico d'aquelles que, se-

guindo elles diziam, vinham defender a immoralidade e a torpeza!

A poeira, em fôrma de nuvens, elevava-se até ao ceu; sóavam no ar os gritos dos muribundos, que eram repetidos pelos echos; o sangue alagava já o campo da batalha; ouvia-se o relinchar dos ginetes; e mil espadas, empunhadas pelos cavalleiros, reflectiam os raios brilhantes do sol, que parecia ter, vindo com toda a sua pompa, presenciar aquella lucta gigantesca.

Por algumas vezes os defensores de D. Affonso Henriques se viram obrigados a recuar; mas a voz d'um cavalleiro, que mais se fazia notar pela sua intrepidez, os animava; e então, como que impellidos por uma força irresistivel, investiam de novo com nunca visto impeto, e por sua vez faziam retroceder os tropas da rainha.

Já havia bastante tempo que durava a lucta, e o exercito do mancebo começava a ceder em razão do cansaço que o opprimia; mas de novo se fez ouvir a voz de D. Egas Moniz, que era este o cavalleiro de quem acima fallamos; e, os soldados, animados pelas suas palavras e ainda mais pelo seu exemplo, arremetteram contra os inimigos com tanta ferocidade, que elles retiraram a toda a pressa, acreditando que novos reforços tinham chegado aos contrarios. Tal era, porém, o odio de que estavam possuidas as tropas de D. Affonso Henriques, que só pararam quando não viram na sua frente algum d'aquelles contra quem batalhavam.

D. Thereza, quando soube da derrota do seu exercito, tentou fugir, o que não tinha feito em antes, por julgar seu exercito invencivel; mas foi encontrada por seu filho que a fez prisioneira, e mais tarde a encerrou no Castello de Lanhoso, aonde morreu.

O conde de Trava acautellou-se mais a tem-

po, e pôde fugir para Galliza, disfarçado com as vestes de mendigo.

Segundo a opinião d'alguns historiadores, foi depois d'esta batalha que D. Affonso Henriques, tomou as redeas do governo, com o título de rei.

AUGUSTO QUEIR

ANÕES

Entre as excenrecidades da meia idade, tudo esqueceria, menos anões e bôbos: os reis e os ricos homens, já como exemplos uns dos outros, possuíam bôbos; porque, n'estes tempos as viagens ainda não estavam em uso. Ociosos de distração, procuravam-as, ora nas chufas dos bôbos, ora nas exóticas figuras dos anões.

As damas mais amigas d'estes ultimos, entregavam-se com praser de os enfeitarem a seu gosto.

Entre muitos casos, conta-se, que Catharina de Médicis, se alegrava, quando estava rodeada, d'uma familia de anões. A princeza Nathalia, irmã do Czar Pedro, organisou no seu palacio um sequito de anões e anaãs. Muitas vezes, casa-vos, e assistia ás suas bôdas, dando-lhes bailes, aonde só eram admittidos anões.

Cesar Cantù, na sua historia, Margarida Pusterla, falla d'um anão do snr. de Visconti, que morreu d'um pontapé que seu amo lhe empregára, n'um dia em que este lhe dirigira, uma chufa desagradavel.

O snr. Alexandre Herculano no seu romance historico «D. Bibas», falla-nos d'um bôbo, character nobre, que pertencêra ao conde D. Henrique.

Joanna d'Albret, possuía um anão que a seguia quasi sempre, e que ella mostrava o grande esmero do que o enfeitava.

Citam-se alguns anões, que, pela sua ex-

trema pequenez, iam ás batalhas e com uma força prodigiosa entravam nas refregas, servindo-se, como escudo, da cabeça do cavallo que montavam.

Os romancistas da meia idade, fallam de um anão de Carlos Magno, por nome Peppim, que sem duvida seria pequeno, mas que o fizeram um anão curto, grosso, e com força; mas de mau genio. Recusando-lhe um dia umas joias, que estavam fechadas n'um forte armario de carvalho, d'uma só punhada, arrombou a porta.

Nas bôdas d'um certo duque de Baviêra, havia um anão tão pequeno, que o encerraram, n'uma empada armada d'uma lança. No meio do festim sahiu para fóra, e saltou na meza, com a lança em riste, causando a maior admiração a todos os circunstantes.

No castello d'Umbres, a uma legua de Inspruck mostrava-se um anão que tinha contribuido para a morte d'um gigante subernomeado d'Haymon, e ambos se tinham conservado no mesmo tumulo. A respeito d'elles, conta-se a anedocta seguinte:

Este anão, tendo desapertado o cordão que atava os sapatos do gigante Haymon; e, este abaixando-se para os reatar, o anão aproveitou esta occasião para lhe dar uma bofetada. Passou-se esta scena diante do duque Fernando e da sua côrte, e todos se riram. Isto causou tanta vergonha para o gigante, que dias depois, morreu de afflicção.

Bebé, e Ton Ponce, são os unicos que existem, d'esta raça.

A época, pois dos anões, passou; agora apenas se encontra pelas ruas, algum desgraçado, que não podendo ganhar a vida d'outra maneira, anda por ellas, para vêr se d'elle alguém se compadece.

MANOEL CALDAS.

LUZIA E MELANIA

(TRADUCCÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

(De pag. 320.)

Apparecendo então o conde aos olhos de Luzia: conde, diz-lhe esta, sentai-vos, que tenho que dizer-vos. Grande gosto sinto em lisongear-me de que alguma affeição vos inspiraria, por ventura estarieis certo do meu galardão, e eu teria a satisfação de ver-me vossa esposa; mas offender-vos-ia, faltaria á natureza, á honra, a mim, e a vós mesmo, senão vos desse parte da horrorosa situação, em que me acho. Não ignoreis quanto amor tenho a minha irmã, e o que ella me tem, é igual ao meu: sim, por certo que me ama. . . . Minha irmã, prosegue Luzia arrasada em lagrimas, pouco ha que se sepultou para sempre n'um convento, que não podemos descobrir; faz-me doação do que é seu: ninguem lhe rouba os seus cuidados, senão eu, e insta comigo para que me case com vós. O mais não é isso, deveis saber conde. . . . que Melania vos ama. Esta confissão não pode servir-lhe de prejuizo; pois, immola a sua dita á minha; sacrificase, toda se anniquilla por amor de sua irmã; julgai vós do horroroso estado, em que me vejo: traspassado tenho o coração, e por todas as partes se introduz n'elle a morte. Ditosa poderia eu julgar-me de ser vossa esposa, de contribuir para a vossa fortuna. Conde... mas minha irmã... minha irmã... Ó meu Deus!

Ó almas adoraveis! almas celestes! Que me ame Melania! exclama o conde: oh! que a minha propria ventura constitue o meu maior tormento! Não, não comprarei a minha felicidade com dispendio da de dous corações, que merecem os mais puros obsequios: de magoa morrerei eu primeiro que vos possua por tal preço... Que! Melania desgraçada para sempre, e eu o author dos seus males! E não haverá quem a possa tirar da prizão, onde vai acabar a vida!

O conde e o marquez de Ruminhi, fizeram todas as diligencias, que imaginar-se póde; mas sem fructo. Opprimido o marquez de tristeza: deu parte da sua situação ao pai do conde, a

quem escreveu cartas tão apertadas, que obrigou-o a vir ter com elle para dar pressa ao casamento de Luzia com seu filho; esperando, dizia elle, que o estabelecimento da unica filha, que lhe restava, podesse de alguma maneira mitigar a sua dôr. Posto que o cabedal do conde fosse dos mais limitados, era com effeito o partido interessante por seu nascimento, e consideraveis empregos, a que podia aspirar; de maneira que seu pai se rendeu ás influencias do marquez. E chegado que fosse, achou o filho submergido em profunda melancolia, o coração devorado d'uma paixão tanto mais mortificadora, quanto o decóro, a probidade, a mesma piedade o obrigavam a occultal-a. Com effeito poderia elle sem obrar uma crueldade nunca ouvida abrir os olhos a uma donzella estimavel que o adorava, e entendia que era amada? Não sabia Luzia quanto Melania era aceita ao conde d'Estival: tinha por demonstrações de compaixão e lagrimas da humanidade, o pranto do amor mais violento, e estando o conde a ponto de desenganar a Luzia, e dizer-lhe que tinha uma rival, apparece-lhe seu pai.

Era este um d'aquelles militares inflexiveis, que cuidam ser tão facil lutar contra as paixões, como obrigar com os inimigos do estado: tinha perdido inteiramente a lembrança do amor, ou se da idéa d'elle se recordava, era para contemplal-o como uma das loucas illusões da mocidade: só se lhe inflammava o sangue pela honra: tinha dado a sua palavra sobre o casamento de seu filho com Luzia ao marquez de Ruminhi na carta, que lhe escrevera, e não attendia por conseguinte a outra cousa, senão á sua promessa, e aspirava sómente a vel-a cumprida. Debalde lhe mostrava o conde d'Estival as feridas, que tinha n'alma, as desditas de Melania, e sua ternura a respeito d'esta desafortunada donzella: meu filho, respondia-lhe, o inexoravel velho; assás é expôr-me á vossa fraqueza: não duvido que Melania não tenha sobre vós absoluto imperio, pois bem o estou vendo; lastima-me o seu, e o vosso destino, e até abrirei o proprio seio ás vossas lagrimas; mas faze muito por vertel-as só á vista de teu pai, e teme que não venha a saber-se a tua puffillanidade. Cumpre-te casar com

Luzia, desempenhar a minha palavra, e a honra, consolar o marquez, n'uma palavra, roubar-te deve todos os cuidados a ventura da tua familia, cuja exaltação depende d'este casamento: importa-te obedecer-me; caminha para o altar; que eu sou quem assim t'o ordena, e não tornes a apparecer diante de meus olhos sem o nome de genro do marquez de Ruminhi.

—Mas, meu pai....

—Tenho já ouvido muito.

—O amor.

—O amor? Que vem a ser amor em comparação da honra? A minha promessa é sagrada: has de casar com Luzia, ou... tu não és meu filho.

—Meu pai, e haveis de ser vós o que me opprima? Ah! vosso filho sou: no respeito, e ternura o sinto, que a vosso respeito me inspiram.... permitti pelo menos que o meu coração ensaie para este horrivel sacrificio.

—Demoras! nenhuma tardança.... Conde, causar-me-has a morte; outra vez te digo que obedeças: rende-te á necessidade de cumprir a minha promessa, a tua, o que deves... filho, attende ás minhas lagrimas: queres que teu pai morra?

—Ah! meu pai, eu vos obedecerei.

Estava talvez Melania, recolhida n'um triste retiro, mais entregue ás muralhadas, de que quizera salvar-se. Cuidou ella que acharia n'um azylo sagrado alguma especie de repouso; mas ah! que tinha levado consigo o seu coração; o amor ia em seu alcance até ao pé dos altares, com os quaes se abraçava com furor, e regava-os com lagrimas copiosas: tudo quanto via, tudo quanto amava e lhe trazia a alma enlevada, era o conde d'Estival. Debalde bradava ella e Deus, offrecendo-lhe as suas lagrimas, e desesperação: O' meu Deus, dizia ella, não me desampares; pratica comigo todos os castigos contra uma desafortunada, que te trahe, e immola ás suas culpaveis affeições; alguns momentos ha em que me sinto prestes a deixar estes lugares, voar aos que habita o conde d'Estival, fallar-lhe do meu amor..... morrer a seus pés. Que vem a ser a minha virtude, este celestial soccorro, que imploro? Ó meu Deus, perdoa!...

Não minha irmã, não irei estorvar a tua ventura: ama o conde d'Estival, e elle a ti te ama: um a outro vos unam laços encantadores; que quanto a mim sei quaes vinculos me estão tão reservados: supportarei este jugo terrivel, a elle me submeterei.. Meu Deus! a teus braços me lanço, longe do mundo, e de mim mesmo! E tu, ó imagem, que devo arredar de mim, e que mais que nunca me persegues, achar-te-hei por ventura sempre entre mim. E o ceu? Ah! conde, deixa-me ao menos expirar virtuosa!

Não era somenos o desassocego, que Luzia experimentava: ora se recordava de Melania, e parecia criminal-se junto a ella; ora rechassava até a propria lembrança de sua rival: umas vezes a assustava de alguma maneira a sua ternura: não podia esquecer-se de que sua irmã morria victima sua: chorava por ella: mas oh! como é fraca a natureza á vista do amor! Adorava Luzia o conde, e já seus desejos não tinham outro objecto, que não fosse o seu casamento.

Finalmente, foi aprazado o dia, e ambos foram guiados para a igreja por seus parentes. O pai do conde conversava com elle a respeito das vantagens que lhe resultavam d'este estabelecimento, e sobre a alegria, que cauzaria a toda a sua familia. Quaes vantagens, respondia o conde com voz que mal se ouvia! Assim o ordenaes, meu pai! isto basta: de rôjo caminho para a morte.

—Luzia, meu filho, não tem suas prendas encantadoras, suas virtudes?

—Tudo tem Luzia para merecer o ser adorada, mas.... não é Melania, ajuntou elle com entranhavel suspiro. Mas não importa, meu pai! Agora conhecereis quanto eu respeito as vossas vontades, e quanto vos prézo, e amo: já não é tempo de tornar atraz: obedeço-vos; para o altar dirijo os passos: lá vou formar um vinculo... obra é vossa: por vosso respeito me vou immolar; e depois de tal sacrificio seja-me licito entregar á minha magoa os poucos dias, que terei de viver.

Ainda bem não acabára o conde de profere estas ultimas palavras, já se achava ao pé do altar esperando o instante, em que se havia

de liar para sempre a outra mulher, e não a Melania. Profere Luzia com tal desassocego o seu juramento, como se fôra a sentença da sua morte, vê-se todavia, unica a tudo quanto ama, e deixam-a só com o seu amante, que já, era seu esposo. Mortificada com a triste lembrança de que a sua dita custaria a liberdade, e por ventura a vida á sua irmã, não podia tomar o gosto ás doçuras do seu novo destino: uma damnada tristeza lhe envenenava os seus prazeres, e assaz extremo participava o conde da sua dôr: alguns momentos havia, em que quizera que não tivesse compungido tanto o infortunio de Melania. Mas quão longe estava ainda Luzia, apesar dos seus desgostos, de antever os terriveis golpes, que a ameaçavam! Não sabia que a sua rival era amada, e que esta rival era sua irmã.

Chega até o retiro de Melania a noticia do casamento do conde, e Luzia. Não ha palavras que expliquem os diversos arrebatamentos que a agitaram: n'esta horrorosa conjunctura, teria ella necessidade de toda a sua virtude. Corre aós altares, prostra-se diante d'elles no desamparo da dôr, e afoga-se em lagrimas, perde-se-lhe a voz entre os soluços, expressões d'uma entranhavel desconsolação.

—Acabou-se! tudo se acabou! Certa é a minha desventura: casou o conde com minha irmã: é meu irmão! Convém arredar d'elle o sentido... esquecer-me d'elle. Ah! e poderei eu? O' cruel conde, devias tu formar este vinculo? E a ti, barbara irmã, cumpria-te descarregar sobre mim taes golpes?.. O' desgraçada mulher, que é o que disseste! Em que erros me metteste uma paixão tão funesta? Perdôa Luzia, conde, perdôa-me, perdôa-me estes ultimos arrebatamentos, que a ponto estão de expirar com a desafortunada Melania: sabereis ambos; onde fica a minha sepultura; lagrimas vireis ahi derramar, e a ellas se mostrará sensitiva a minha cinza: e negar-me-heis tal consolação. O' meu Deus! meu Deus, haverá provas sobre a terra mais crueis?

N'esta mulher, victima da desdita, bem se estava vendo a desordem das paixões mais violentas; o odio, o furor, a vingança, quantas pe-

conhas ha, todo o fogo do ciúme successivamente devoravam: e tornava o amor a entrar n'este coração perdido, ou para melhor dizer, nunca sahia d'elle. Deu alguns passos para deixar a seu retiro: Vamo-nos, dizia ella, d'esta sepultura, onde só respiro para estar incessantemente morrendo. Vamos pelo menos esperar o meu fim aos pés do Conde. Minha magoa verá elle, minha ternura.... Mas ah! que não pode ser meu esposo.

Volta então a soluçar, e tudo são mil revoluções diferentes em sua alma, até que por ultimo assenta no damnado projecto de desapparear-se d'uma vida tão deploravel: escolhe a morte mais horrorosa, e toma nas mãos a corda fatal.

Este, (diz ella, fallando comsigo,) e unico meio de subjugar um amor desgraçado, que era mēra fraqueza, e hoje é delicto! tudo me desamparou sobre a terra, tudo!... O mesmo ceu se declarou contra mim. Ah! com as lagrimas nos olhos, e com gemidos e brados, o tenho implorado, e não se dignou de ouvir-me! Rejeitou as minhas supplicas. Amo: mais que nunca, me sinto abraçar.... Quem haverá que me desonere de tamanho pezo, senão a morte? Mas que! a morte!... e que tem esta palavra, que aterrar-me deva? Não é este o fim de toda a creatura? A morte, é o repouso da vida, e que vem a ser a existencia, quando é experimentada com taes tormentos? Ó minha irmã, ó minha amiga, accrescenta ella, com voz meiga, e sentida... Ella conhecia o meu coração, quanto eu era sensitiva, qual a minha desesperação: devia ella por ventura casar com o conde, quando lh'o immolava! Ora é, pois, sua esposa!... Vamos, apressemos-nos a dar fim a uma vida, a que tenho horror... Que vou eu fazer? Tirar-me a vida a mim mesmo? Mas esta vida, é bem meu? Reclusa me vejo n'um cáos horroroso. E ser-me-ha dado sahir d'elle? Quem n'elle me submergiu e me detem preza a uma cadea? Um Senhor, que não tem de dar-nos conta das suas vontades, o Ser Supremo... que só deve determinar da minha sorte. Quer elle sem duvida que minhas lagrimas corram, que as minhas entra-

nhas se despedacem, e eu entre tormentos expire.

Ajoelha então amargamente chorosa, e diz: Ó meu Deus! Obedeço em fim aos teus incompreensíveis decretos; viverei, viverei, e em lagrimas me desfarei, de desesperada: a minha existencia será uma morte perpetua: em querer apressar o momento preparado a todos os humanos te offendi: triste de mim, que assás te vingará a minha vida; e visto que me deixas o meu coração, assás punida serei.

Apezar da vehemencia do seu amôr, nunca Luzia ia aos braços de seu esposo, que não fosse a tremer: lá mesmo a perseguia a imagem de sua irmã. Era sem numero as diligencias, que o conde fazia por compensal-a d'aquella ternura, que elle assás sentia que lhe negava o seu coração desleal: lastimava-se d'ella, e a estimava; mas só a amava como irmã de Melania. Quando acontecia nomear sua esposa este nome, recebia d'elle maiores carinhos: então se tornava o conde mais sensitivo. E como é possivel que podesse permanecer em tal cegueira uma mulher, cujos olhos quasi sempre o ciúme traz abertos?

Submisso o conde d'Estival a seu pai, assim como ao que lhe cumpria, e á prohibidade, contentava-se de gemer em segredo: mas a alma, mormente a dos infelizes, necessita de desassogar-se: as nossas lagrimas vertidas no regaço de outrem, perdem muito da sua amargura, e até adquirem tal doçura, que se torna n'uma especie de prazer: a compaixão, é a posse do infortunio. Tinha o conde em Pariz um amigo intimo, a quem até aquelle momento confiara os seus menores segredos; e, com a intenção de alliviar o constrangimento, que a si mesmo impozera, tinha começado uma carta dirigida a este amigo, que pouco mais ou menos dizia assim:

«Meu amigo; estou casado: sou rico; tenho a esperança de chegar aos empregos de maior lustre, e todavia sou o homem mais digno de lastima. Tudo tem minha mulher para ser amada: formosura, graça, nobreza, talentos, virtudes. Mas quem é senhor do seu coração? Minha mulher tem uma rival...»

Aqui acabou a escritura.

(Continúa.)

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado à memória de minha irmã

(De pag. 320.)

XXXV

Amaral ia furioso. Tinha conhecido de longe Maximino, e para não ser d'elle reconhecido encaminhou-se para a casa onde Maria Isabel estivera. No sitio em que era preciso deixar a estrada, parou, e olhou para trás. Avistou ao longe o seu criado Damião, que vinha para elle; esperou-o, e disse-lhe:

— Então, mariola, que ha de novo?

— A rapariga, snr. barão, lá fica guardada por quatro galfarros. D'alli é perder-lhe o sentido.

— Tratante! se tu tivesses sido mais previdente!... Mas que diabo será aquillo?! Encontrou gente na nossa propriedade. Será a justiça d'el-rei que irá procurar a nossa fugitiva?

— V. excellencia não viu roupas feminis? A justiça não anda de saias.

— Eu não vi senão gente.

— E porque está com as vistas perturbadas pela cholera. V. excellencia não devia agoniar-se tanto, quando perde uma mão; ganha tantas!...

— Mariola!... queres-me pôr de boa avença. Vae vêr quem são aquelles hospedes que nos chegam em hora tão aziaga... Mas não, quero eu mesmo tirar as informações.

Adiantaram-se. O pequeno José foi o primeiro que encontraram no pateo.

— Quem entrou para cá? perguntou Amaral.

— Foi um fidalgo com uma linda fidalguinha.

— Linda? e procura-me a mim?

— Parece que sim.

— Eu bem dizia a v. excellencia, apressou-se de dizer Damião em ajudando seu amo a desmontar, que se v. excellencia perde uma mão como bom jogador, ganha uma duzia.

— Amaral, sorriu-se.

Saía da casa um mancebo que lhe disse:

— V. excellencia é que é o snr. barão?

— Assim me chamam agora.

— Pois snr. barão, servime da casa de v. excellencia porque foi a primeira que achei mais a mão para dar alguns momentos de descanso a uma menina que viaja comigo.

— E que é essa menina ao senhor!

O desconhecido sorriu-se, e replicou:

— E' minha mulher.

— Sua esposa legitima?

— Não esperava do senhor barão tantos escrúpulos. O que me acabou de contar um rustico d'uma menina que fugiu agora d'esta casa, fazia-me esperar de v. exc.^a mais indulgencia para as fragilidades alheias.

— A minha gente é discreta!—murmurou Amaral carregando as sobranceiras, mas logo replicou com ar alegre:

— Essa menina que fugiu d'aqui, é minha pupila.

— Pois tambem a que me acompanha está debaixo da minha tutella.

— Então pôde tambem fugir-lhe, e não quero depois que se queixe da minha casa.

— Não fugirá. Prendi-a bem antes de trazer-a comigo.

— Prendeu-a, como?

— Com as prisões d'amor que são as mais fortes.

— Até a prender com os laços do himeu?

— Sim, meu senhor.

— Então é ella rica: se o não fôra não que-

reria o senhor para esposa uma rapariga que se pôz debaixo da sua tutela para correr o mundo.

—É como diz, snr. barão.

—Dou-lhe então os meus sinceros parabens; e sirva-se d'esta casa como sua; mas, queria saber a quem tenho a honra de fallar.

— Ao filho de um grande fidalgo, ou filho d'um ladrão. Fica isso á escolha de v. excellencia, e mesmo pôde ser que meu pai fosse uma e outra coisa. Sou engeitado, chamam-me Porcopio, e não tenho nem eira, nem beira, nem ramo de figueira. Alguns vintens que ganhei a negociar... (eu sou franco) a negociar em contrabandos, serviu-me a pôr apto para conquistar uma fortuna.

— Pode-se saber o nome a essa fortuna?

— Porque não? A fortuna é o dote que me ha de trazer a minha esposa que Deus fará.

— Mas se ella tem familia que se opponha ao seu casamento...

— Ella tem vinte e cinco annos e um dote independente da sua familia; se a tirei de casa occultamente, foi para nos livrar-mos das prepotencias do pai, que é homem, do que dizem, muito enfatuado.

(Continúa.)

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigénia do Carvalho Sous a Telles

(De pag. 307)

Era quasi ao pôr do sol quando d'alli sahiram.

— Eu desejava passeiar todos estes sitios que me recordam a nossa infancia, disse a filha

do Marquez; vens Clotilde, e V. M^o Rosa pôde ficar com o snr. padre Francisco que não pôde, nem deve acampanhar-nos.

As duas meninas sem esperarem resposta dirigiram-se, correndo, para uma gruta rodeada de assentos de cortiça.

— Foi alli que nós demos bastantes lições; disse Jozefina, ainda te recordas das bellas historias que padre Francisco nos contava quando sabiamos bem a lição, e que tanto nos divertiam?

— Lembro, sim, principalmente d'uma em que elle nos dizia que uma gentil Mosulmana se vinha todas as manhãs mirar na limpida fonte; e Paulino desejo de vêr essa *Moira encantada*, alcançou licença de tua mãe, e veio aqui passar dois dias! Ai! Josephina, que felizes tempos foram aquelles.

— Como passaram rapidos — murmurou a outra menina, — e como depois tudo mudou!!

As duas amigas sahiram da gruta e foram-se encaminhando silenciosas para a beira dos rochedos.

Depois outra recordação veio quebrar o silencio que ambos guardavam.

Alli está o rochedo a que nós trepavamos para lançar pedrinhas ao rio! Lembras-te, Clotilde, da anciedade com que nós esperavamos ouvir o barulho produzido pela queda que elles davam na agua?

— Bem me recorde — respondeu a moça.

— Subamos de novo a elle para d'alli ver os ultimos raios do sôl reflectiram-se nas aguas do rio.

Tentaremos descrever agora o retrato da filha do Marquez de Santa Eulalia:

A estatura um pouco mais baixa que a de Clotilde, não é por isso menos elegante. Os olhos d'um castanho claro, tem uma expressão tão viva, quer amortecida, quer brilhando, que dizem tudo o que sente no coração. Os cabellos da côr dos olhos, são bastante anelados, agora flutuam livres a doudejar da aragem. A tez finissima é composta de lirio e rozas. A bocca pequena, aonde brincava sempre um angelico sorriso, dava a taes

menina um atractivo quasi irresistivel, dotada d'animo mais fraco que Clotilde, admirava a força de vontade, e a coragem quasi varonil de esta, d'onde provinha uma especie de superioridade que Clotilde exercia sobre a filha do Marquez. Esta com uma alegria infantil, esquecendo por momentos os seus pesares, está recordando a sua infancia; Clotilde, fita o sól com vistas melancolicas.

—Oh!—pensava ella— quem sabe se estes raios, quasi a esconderem-se, já hoje aqueceram a campa de Paulino!

Esta ideia fez-lhe vacilar as pernas, e via-se obrigada a assentar-se sobre o rochedo.

Jozefina conservou-se em pé e disse á sua amiga:

—Já estás cansada? tu que és infatigavel!!

—Eggageras as minhas forças, Jozefina— respondeu a sobrinha do senhor Cunha, com um triste sorriso—eu não sou infatigavel, e hoje temos andado tanto!

Deixaremos agora as duas moças para ir ouvir a conversação de padre Francisco, e da velha.

—Como está o senhor Ancelmo da Cunha!

—Optimamente; lá tudo passa bem, á excepção da minha querida menina! essa é uma flôr que se vê murchar! Ha uns mezes para cá sempre a vejo triste, e ella, sem a propria alegria!

— Já notei isso mesmo, Rosa, e tenho pensado bem sem atinar com a causa dos seus pesares...

— Olhe, senhor, d'antes, sabe como ella se entretinha no jardim; e, agora são poucas as visitas que lhe faz, e essas breves; torna logo a subir para o seu quarto, e umas vezes péga em um livro; abre-o, mas sem o lér, o torna a pôr no seu lugar! O mesmo lhe acontece com os seus bordados e desenhos! péga nos pinceis, e nas agulhas mais d'uma duzia de vezes sem se resolver a trabalhar!! Poucas vezes vou ao seu gabinete que a não surprehenda chorando; se lhe procura a causa, responde-me com mais lagrimas!

Algumas noites o seu somno é agitado; algumas vezes falla alto sonhando; d'um d'esses sonhos percebi-lhe estas palavras: — Se minha mãe fosse viva, como seriamos felizes todas tres! ao menos ella me socegaria, dizendo-me que ella me teria sempre amor.—Depois continuou a fallar, mas sem ligação, e nada mais pude perceber.

— Como ficou ella quando soube da molestia de Paulino? — prountou o padre, depois de momentos de meditação.

— Snr. padre Francisco, com essa pergunta, vem certificar as minhas ideias; porque no meu entender, a menina ama-o! Não só me convince d'isto o choque que ella soffreu quando seu tio lhe deu a fatal nova, mas o datar a sua tristeza da época em que o snr. Paulino, foi este anno para Coimbra.

Ainda mais, d'antes passavamos dias inteiros a fallar na sua juventude, e fallava em Paulino tão socegada! nunca aquelle nome a perturbava; ella estimava-o como a um irmão. Mas este anno mal se falla no mancebo, uma viva vermelhidão lhes sobe ao rosto, e logo muda de conversa!!

A mim nada me escapa, por que eu amo-a, como se fôra minha filha.

— Talvez as suas suspeitas sejam bem fundadas, Rosa, e antes seja esse o motivo da tristeza de Clotilde, porque o snr. marquez verá com gosto a união das duas familias.

A presença das duas meninas veio pôr termo a este colloquio.

— Então passeiaram muito minhas senhoras?

— Bastante snr. padre Francisco — respondeu Josephina, e tanto gostamos do passeio, que nos olvidamos de que a tarde estava adiantada, e não nos ficava tempo para gosarmos a sua boa companhia! Mas o senhor tem tanta bondade que nos desculpa, não é assim?

— De certo, minhas filhas; eu sei quão poderosas são as recordações da infancia! Quando ellas fallam, nada mais lembra.

— Minha Josephina, o sol já se escondeu, e a noite vai esfriando, será prudente recolher-

m'o-nos, para outro dia vir-mos mais cedo.

— Pois sim, vamos já.

As tres mulheres despediram-se do bom velho, que lhe pediu com instancia noticias de Paulino, logo que as houvesse, e á pressa se dirigiram para casa.

(Continua.)

A abertura da Exposição Internacional

E's tu ainda, ó Porto, ó terra progressista,
Quem hoje venho achar coberto d'altivez,
Cercado como outr'ora, em dias de conquista,
Por válidas nações, rojadas a teus pés.

Da liberdade em prol, nos campos de Mavorte,
Teus filhos, n'outro tempo obraram feitos mil.
Mas hoje, do progresso á voz potente e fórte,
O dorso teu ergueste altivo e senhoril.

No cume da montanha, aonde se levanta
Um templo, cujo nome é o nome d'um heroe,
Um illustrado Rei, abrasado em fê santa,
Foi dar principio á festa, inaugural-a foi.

Já hoje n'esse sitio, aonde outr'ora apenas
A custo vegetava alguma inculta flôr,
Que brilhantes paineis, que variadas scenas
Offrece á nossa vista a festa do labor!

Mas esta exaltação, esta viva alegria,
Que vós imaginaes existir só aqui,
Reina tambem no ceu... tambem lá, n'este dia,
Os anjos cantam hymnos festivaes! Ouvi...

Córo dos anjos.

—Na fronte de Pedro Quinto
Jaz da alegria o reflexo,
Por que vê como o progresso
Avassalla Portugal!

E sobre a altiva montanha
Fita os olhos com espanto,
Onde como por encanto,
Surge um templo colossal!—

Sombra de D. Pedro Quinto

—Eis, emfim, realizado
Um dos meus sonhos de gloria!
Teu nome, ó Porto, na historia
Eterna fama ha de ter!
P'ra vêr da industria o certame,
O pacifico torneio,
Que se ostenta no teu-seio
Ai! quizera inda viver!

Com que prazer abraçara
Os meus irmãos—os artistas—
Verdadeiros progressistas
Que ennobrecem o paiz!
Esses dous gigantes vultos (*)
(Não preciso nomeal-os)
Eu ja não posso abraçal-os...
Premeia— os tu, D. Luiz,

18 de Setembro de 1865.

AUGUSTO QUEIROZ.

LUZIA E MELANIA

(TRADUÇÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

(De pag. 326.)

Por um d'esses crueis lances do acaso, que pouco cuidamos de precaver, entra Luzia no gabinete de seu marido, dá com esta carta, que lhe esquecêra, e lendo-a, cae desmaiada á ultima linha. N'esta horrivel situação a acha o conde, a quem não custou a advinhar a causa de

(*) Alfredo Allen e Antonio Ferreira Braga

este desmaio: o mesmo raio, se assim se pôde dizer, o tinha allumiado. Estava a carta aos pés de Luzia, que abrindo os olhos mortaes: Não sou amada, diz, ah! conde, a teus pés me lanço, com elles me abraço, e com minhas lagrimas os rego... Cruel! tenho uma rival que se me antepõe! E quem é essa rival? Quem é? dize. Attonito o conde, e magoado, quer levantar sua mulher, e ella:—Não, lhe diz, não me levantarei d'aqui em quanto não a nomeares, qual é a barbara, que ousou roubar-me o teu coração; a mim, a mim, que te adoro? Ingrato! o peito me venha ella rasgar, despedaçar.. Uma rival! O' ceu! que medonha luz! Seria possível? Eu morro... Estariam estes trances reservados para mim? Não me engano, não... certissima estou d'isso... Melania... minha irmã...

Ao ouvir este nome cae o conde, como assombrado d'um trovão, aos pés de Luzia.

—Bem vejo que amarias a minha irmã; bem vejo, não m'o encubras: confessa, falla, que te peço eu, dize... Sim respondeu o conde d'Estival com voz affogada em lagrimas; e eu o queria encobrir de ti, e de mim; sim, tal o meu horroroso destino! Sei qual é o apreço dos vossos dotes encantadores, e das vossas qualidades; mereceis os obsequios devidos á mulher mais estimavel, mais digna de ser adorada... porém acaba... acaba.

—Determinou-se a minha ternura a favor de Melania, antes que recebesse a vossa mão. Esta funesta paixão teria eu encerrado n'um perpetuo silencio; mas, por effeito cruel das minhas desditas, vieste a saber do meu segredo; conde-te de mim: e poderei eu esperar de ti pelo menos compaixão?... As sombras da morte em teu rosto, querida Luzia! Vê teu esposo, que morre a teus pés: elle vencerá estes sentimentos, que te offendem; amar-te-ha.

Tornou Luzia a si do desmaio, para dizer com os olhos quasi fallidos, e pregados no conde: Tu amas minha irmã! e torna a cahir.

Sobreveio logo uma febre ardente, que fez desconfiar da sua vida; teima ella em callar a causa do seu mal; não tinha animo de fallar a seu marido, e o que fazia era apertar-lhe ternamente a mão, e lançar para elle taes olhos, que opprimidos de magoa e amor, levam ao coração a desesperação, e a morte. Ah! é demasiada generosidade, dizia-lhe o conde. Ó mulher incomparavel! Que! Sou eu o teu assassino! E temes ainda revelar o meu delicto ao marquez, a meu pai? informados sejam ambos d'elle, publiquem-n'o, toda a terra me accuse, e condemne?

Entram o marquez de Ruminhi, e o pai do conde acompanhados d'um medico.

—Senhor meu, e vós meu pai, diz elle, debalde é buscar os soccorros da arte para saber qual é a causa da doença da condessa; vendo estais o author d'ella.

—Como!

—Eu sou o que lhe embebi um punhal nas entranhas. Ouvi todas as minhas desditas, continuou elle a chorar. Sou o homem mais desafortunado de todos! Amava a sua irmã, muito antes de unir-nos ambos; forcejava por soffrear taes arrebatamentos, mas foram conhecidos de Luzia, e eu sou quem lhe tira a vida. Não, cára esposa, não morrerás: viverás para ser amada, para ser adorada de teu marido. Promette-me que me has de perdoar, promette-me que me has de amar.

Choram com o conde seu pai, e o marquez: vão depois d'isso dar os braços a Luzia; querem consolal-a; tentam todos os meios de adoçar o damnado ciume, cuja peçonha lhe consumia a vida. Sua irmã, dizem-lhe elles, escolheu o partido de recolher-se a um retiro,

e ha todos os motivos para crer que não tornará a apparecer no mundo, que esperanças pois não deve ella conceber? Os seus attractivos, as suas virtudes e constancia, serão parte para que ella tome sobre o coração de seu esposo o imperio, que Melania lhe disputava; o seu nobre proceder e o tempo acabarão de acarear-lhe o conde.

—Ah! exclama a desditosa Luzia, que fracos remedios contra a setta que o peito me atravessa! Este o meu mal, (e põe a mão sobre o coração), é mal que não tem cura. Não, não posso viver mais; que chorasse eu a sorte de minha irmã! ah, insensata! não sabia que chorava uma rival querida!... Debalde é lisongear-me: que o conde não mudará; nem o amor se sujeita; eu bem o sei. Se eu só consultára a propria razão, podia ser que ella me restituísse a vida: a minha ternura, é quem me arrasta á sepultura... não ha já remedio.

Não ha palavras com que descrever os diversos movimentos, que inquietavam esta mulher prestes a expirar. Criminava a Melania em extremo, como se presente estivesse; pedia-lhe perdão de seus ciosos furores, certificava-lhe eterna amisade, e tornava outra vez a culpá-la; chamava o marido a seus braços, arredava-o de si com dissabôr, pedia-lhe que a amasse, obtestava-o para que a aborrecesse; e, todos estes effeitos differentes da dôr se ramatavam em copiosas lagrimas, e n'uma especie de aniquilamento.

Os desvelos do conde, e os de seu pai, e do marquez, suas supplicas, carinhos, e entranhavel afflicção, cousa nenhuma pode restabelecer Luzia, e restituir-lhe a saude; todos os remedios da medicina foram infructuosos: que as doenças d'alma são muito mais incuraveis que as do corpo.

Sentiu a condessa com constancia, que se

lhe vinha approximando o praso da vida; e então deu a um tempo mostras de todo o excesso do seu amor, e generosidade. Prestes me vejo a morrer, diz ella a seu pai, ao pai do conde, e a este mesmo, que lhe rodeavam o leito, e faziam muito por esconder d'ella as suas lagrimas: não me occulteis esses signaes de sensibilidade: que ainda me lisongea muito o saber que me estimais: estas lagrimas serão as derradeiras, que uma desgraçada mulher vos fará chorar. Meu pai, amai a vossa filha: dignai-vos de lembrar-vos algumas vezes d'ella, para chora-la; consolar-vos-heis na sua perda; pois, ainda vos resta uma filha... Chore por mim tambem Melania, e perdoe-me; ella bem sabe o que é amor, perdoar-me-ha, e esta esperanza, levo-a comigo á sepultura. Dar-me-heis vós, meu pai, licença para dar ao conde uma tenue demonstração de minha infeliz ternura? O marquez, apertando-a fortemente contra o peito, apenas pôde proferir o nome de sua filha, de sua querida filha. E continuando ella: Conde, diz, deixo-vos tudo aquillo de que posso dispôr.

—Para que fallas tu em cabedaes, querida minha Luzia? Occupas-te com a minha ventura! Que ventura pôde haver para mim, para o teu mal affortunado esposo, se vos perder? Tudo lhe seria roubado, tudo...

—Não conde... Melania...

—Não acabes, esposa minha muito estimavel; que tamanha virtude sublime me rende, e te faz reinar só em meu coração: minha adorada Luzia, tu serás para sempre a unica soberana d'elle. Ah! que paixão prevaleceria a um sentimento tão legitimo, tão puro, tão vivo?..

—Querido esposo, atalha-o Luzia, dando uma das mãos ao conde, que elle aperta entre as suas, beija, e lava em lagrimas; estes são os mais doces momentos de minha vida! Sei quan-

to vale tão generoso esforço: porém... conheço o que é amor: minha irmã sempre te será aceita.

Quer o conde fallar, e ella continua: Perdoa, que ainda vivo, amo-te..., e o meu cruel ciume pôde mais que eu: é necessario vencel-o. Pouco é pedir-te por consentimento de meu pai, que aceites quanto possuo; procura saber para onde se retirou minha irmã; casa-te com ella, casa-te com a minha rival.... eu não lhe tenho odio. Vive tu para ser ditoso, para estimar-me.... pois que não pude merecer a tua ternura: não negarás pelo menos á minha cinza tuas lagrimas; que este é o unico galardão, que me atrevo a pedir-te, d'um amor.... que me custa a vida. Adeus, meu pai; e fallando depois para o pai do conde:

—Adeus, meu senhor, que tantas mostras me deste de benignidade.. Acabou-se: desatados estão os vinculos todos.. vem cá, querido conde; tu choras!.. Melania te enxugará as lagrimas.

Estas as derradeiras palavras, que proferiu Luzia: bem se pôde dizer que o seu ciume só teve fim com os seus dias; e o marquez confirmou a doação que ella fizera a seu marido.

Entra o conde n'uma tristeza inexplicavel. Cumpria que a sua dôr fosse entranhavel; visto que alguns momentos havia, em que elle julgava ter-se esquecido de Melania; os olhos, toda a sua alma tinha na sepultura de sua mulher: esta triste imagem lhe enlevava os sentidos: culpava-se de ingrato; nomeava-se em alta voz o assassino de Luzia; de maneira que o mesmo marquez se condoia da sua situação. Este desafortunado pai, chorando por sua filha, esperava que algum dia, restituída que fosse Melania ao mundo, viria servir de consolação á sua velhice, e de esteio aos seus passos até o fim da vida.

Espalha-se então um rumor de ter ido Melania com sua irmã á sepultura. Vê-se logo o desditoso pai assalteado da tristeza, e magoa; pouco tempo depois succumbe a uma molestia de debilidade, e expira nos braços do conde, chamando-o seu filho, e instituindo-o seu herdeiro.

Viu-se o conde, ferido de tantos golpes, a ponto de acompanhar o marquez á sepultura. Com a triste noticia da morte de Melania, tinha-te avivado n'elle o amor com toda a sua força; chora por sua mulher, e pela sua amante; de sorte que a elle mesmo lhe custaria determinar os arrebatamentos, que o desassoce-gavam. Tinha-o seu pai de continuo reclinado sobre o peito, e via-se em fim a ponto de exhalar uma alma aniquilada com tantos infortunios.

Uma Religiosa, que era muito amiga de Melania dá-lhe noticia do deploravel fim de sua irmã, sem omitir uma só circumstancia das que constituíam esta morte muito mais eternecida. N'uma palavra sabe Melania que os ultimos suspiros de Luzia se dividiram entre ella e o conde d'Estival, e que esta generosa mulher, se se achava já ha muito n'estas horrorosas circumstancias, veio dar-lhe mais que sentir.

Tanto que se espalhou a nova do triste fim de Luzia, temeu-se que Melania não tivesse a mesma sorte, e tres dias passou por morta. Este infeliz erro foi sem duvida o que chegou até o Marquez de Ruminhi, por via de uma parente de Melania.

(Continua).

PYRILAMPOS

A EMILIA

(Fragmento do livro d'um martyr.)

Quem nunca viu á noite o vaga-lume
Brilhar n'um cemiterio sobre as campas,

Que ha pouco se fecharam?...
Assim é o meu canto... Ainda exhala
Uns debeis clarões por sobre as crenças,
Que rapidas passaram.

Meus versos — pyrilampos d'uma noite
Immensa, tenebrosa, sem estrellas —
São a ultima gotta
Da seiva da esperanza... E esta alma
Definha como a flôr, que ao vir do outono
Languece e desbota...

Na sala do sarau são tudo lumes,
Flores, aromas, sons, rizos que mostram
Aquellas loiras virgens...
Quando o dia alvorece acaba a festa...
A sala fica nua e tudo passa...
Enlevos e vertigens!...

Assim me foi a vida. Alguns instantes
Na onda do prazer andei boiando...
—Ligeiro o tempo corre!...—

No mundo é tudo assim... A luz da lampada
Se o oleo vai faltando, languece,
E se elle acaba, morre...

Eu sou igual á folha que tremula
Do alamo na fronde e ali aguarda
A rajada do norte,
Que a sepulte no gelo da estrada...
Pouco importa ao feliz, ebrio de gozo,
Que o vento a folha corte...

A mulher que passou n'este caminho
Não quiz guardar a folha desbotada;
Nem lhe deu nova vida

O calor de suas mãos, nem mesmo o fogo
Do seio virginal... e a pobre folha
Lá ficou esquecida!...

Eu já fui bem feliz!... Tive alegrias,
Enlevos d'um só dia ou d'uma noite,
Que fogem com as horas.
Não mais voltou a esp'rança... e tenbo visto
Passar dias e dias e sumirem-se
Mil noites, mil auroras...

São n'esta vida iguaes as nossas crenças
Aos globos d'espuma que o mar deixa
Sobre a areia da praia...
Vento leve os desfaz; assim a ellas
Ligeiro desengano as mata breve
Na alma que desmaia...

Eu já não posso mais!... Tambem não canta
A ave, quando a fêre a destra flecha
Do caçadar certo...
E agonisa esta alma até ao instante
Em que lance de si e arroje ao espaço
O alento derradeiro...

ALBERTO PIMENTEL.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS**OFILHO DE DEUS**

Acha-se á venda n'esta redacção, e na
livraria do snr. Novaes Junior, rua do Almada,
o mencionado volume, de que é authora e edi-
tora, a exm.^a sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes
Prata. Tambem se vende outro volume da mes-
ma authora, intitulado—*POESIAS, offerecidas*
ás Senhoras Portuenses.

Preço por cada um volume... 300 rs.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.^o

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

CARTAS DE LISBOA

I

A ESPERANÇA, vae hoje contar mais um collaborador, que, sem fazer programmas apparatusos, promette informar os leitores e leitoras d'este excellente semanario de litteratura, de tudo quanto se passar de notavel nos theatros de Lisboa, das novidades litterarias que por aqui houver, e de tudo o mais que possa levar interesse aos que me lerem.

Principio por fallar-lhes do nosso theatro lyrico.

A companhia que este anno estamos ouvindo, não pôde classificar-se de primeira ordem, com quanto o *tenham sido* alguns dos cantores que n'ella tomam parte.

E notem as minhas estimaveis leitoras, que não avanço nenhuma injustiça! Borghy-Mamo está já cançada, mas reconhece-se que foi uma excellente cantora e uma grande tragica; Mongini, todos o classificam um optimo tenor, mas tem noutes em que a sua voz nada brilha, e isto devido, sem duvida, ao enfraquecimento d'ella.

N'estas circumstancias, já vêem que os principaes cantores da actual época do nosso theatro de S. Carlos, foram em outro tempo de primeira ordem: hoje, além de muito vistos em Lisboa, vão decahindo de merecimento, porque os annos não passam debalde, e bem nocivo se torna o seu curso, para os possuidores de boas gargantas.

A *Favorita*, cantada por Borghy, não produziu enthusiasmo. O seu desempenho correu muito irregular, sahindo o publico descontente por vêr tão mal interpretados os lindos pensamentos musicaes de Donizetti.

O *Trovador*, tambem não teve este anno

um desempenho satisfactorio por parte de Borghy-Mamo. Eu, por mim confesso, que só gostei de ouvir o Mongini no terceiro acto da opera: que foi, effectivamente, aonde elle brilhou.

A opera em que Borghy-Mamo tem ido melhor, e que lhe tem valido mais applausos, é a *Sapho*; que, por ser bem recebida do publico, a empresa tem posto em scena muitas vezes.

Ainda não lhes fallei da Volpini, d'essa interessante e joven cantôra, que o anno passado foi tão applaudida na scena lyrica, e que este anno não menos victoriada ha sido.

Volpini, tem cantado quatro operas, a *Martha*, a *Traviata*, a *Linda de Chamonnix* e o *Rigoletto*, e todas desempenhou bem.

Na *Linda*, estreiou-se um novo tenor, que fez fiasco, porque não tem *por ora* merecimento.

Na *Favorita*, ouviu-se o novo órgão que a empresa comprou, e que se torna necessario para algumas operas, como *Propheta*, *Fausto*, etc.

É um bello instrumento, e faz grande effeito no theatro.

A *Traviata*, que Volpini e Mongini, cantaram muito satisfactoriamente, não teve um desempenho feliz, por parte do barytono Fagotti, cuja voz está já muito cançada; e que, infelizmente, não pôde tornar-se boa por mais elogios que lhe teçam os seus apaixonados admiradores.

A primeira representação do *Rigoletto*, não satisfez totalmente, porque o seu desempenho, não correu igual.

Squarcia, o excellente barytono, que ha dous annos ouvimos, ostentou mais uma vez os famosos recursos da sua voz; mas, Mongini, não esteve feliz: desafinou por vezes, fazendo assim que a opera não agradasse, como era de

esperar, atendendo, que tomavam n'ella parte os melhores cantores da companhia.

Volpini, conservou-se á altura de seu merecimento, e Tatti, o melhor contralto que ha tempos temos tido, tornou-se digna de muitos applausos, pelo bem que cantou a sua parte.

É de esperar que as seguintes representações do *Rigoletto*, corram mais regulares, cessando, já se vê, a desafinação do Mongini.

Ensaia-se *Fausto*, opera apparatusa, e em que deve brilhar a Volpini.

Passando do theatro de S. Carlos, para o novo theatro do Principe Real, direi que, com a abertura d'esta sala de espectaculos, conta Lisboa, mais uma distracção por modico preço; e, aonde vale a pena ir passar algumas horas.

A companhia do theatro do Principe Real, é pequena no numero, mas grande no merecimento, porque tem artistas de decidida vocação para a scena, e que n'ella se hão de tornar mui distinctos, pelo andar dos tempos.

A actriz Clementina, é uma rapariga sympathica, e em quem se conhece um não vulgar talento: pisa perfeitamente a scena, expressa-se com claresa, insinuou-se pelos seus gestos meigos e ingenuos, faz-se applaudir, em fim, pelo bem que comprehende a natureza dos papeis que desempenha, e pelo modo attrahente por que se apresenta ao publico. Deve-se fazer uma excellente actriz pela pratica e pelo estudo.

Na comedia *Os parentes da Provincia*, vae Clementina o melhor possivel, não fallando de outras peças, porque em todas se lhe acha cimento.

O theatro do Principe Real, merece sympathia ao publico lisbonense, que concorre a elle com avidêz.

A sala ficou muito ventilada, não é pequena, e os logares, que são baratos, dão excellente commodo.

Para não alongar esta minha primeira carta, deixarei os outros theatros, e direi duas palavras sobre o *Circo Alfonso de Madrid*, que está funcionando no Circo, em que o Price, apresentou a sua companhia, durante os annos em que aqui veio.

A companhia do *Circo Alphonso*, está longe de competir com o do fallido Price; conta alguns artistas de merecimento, mas a maioria d'elles, são completas nullidades: apresentam trabalhos imperfeitos, e já muito vistos.

Os cavallos estão mal amestrados, e os que trabalham na alta equitação, nada fazem que possa chamar-se novidade.

Para a outra carta me occuparei mais detidamente do Circo, esperando o debute de duas *gymnastas*, cuja fama sôa muito alto! *Let us see.*

Publicações litterarias, tenho apenas a mencionar o *Poema da Mocidade*, seguido do poemeto — *O anjo do Lar*, obra do esperançoso poeta e distincto escriptor, o snr. M. Pinheiro Chagas.

O volume de poesias que ora viu a luz da publicidade, é mais um titulo de gloria para o nome do illustrado folhetinista do *Jornal do Commercio*, e mais um producto engenhoso do seu não vulgar talento, que bem cedo começa a dar tão viçosos fructos.

Queria transcrever aqui algumas partes do novo livro do snr. Pinheiro Chagas, mas não tenho espaço sufficiente para o fazer, e lembro por consequinte, ás leitoras, que se apressem a comprar o *Poema da Mocidade*, que hão de ficar satisfeitas de possuirem um livro, que ainda que não é muito grande, encerra em si muitas bellezas; e, — o que é uma qualidade dos bons livrôs — a sua leitura, desperta cada vez mais a vontade de se lêr.

Tambem o nosso fecundo escriptor, o snr.

Camillo Castello Branco, publicou um novo romance — *A Sereia*.

Não vi ainda este recente trabalho do distincto romancista, que está todos os dias a escrever para o publico, e o publico sempre a festejar-o; mas, não será errado afirmar que a litteratura portugueza, conta mais um primor d'arte devido á penna do nosso primeiro romancista.

E por hoje, despeço-me das minhas estimaveis leitoras, promettendo voltar breve a dar-lhes conta da minha espinhosa missão.

Lisboa, 8 de novembro de 1865.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

LUZIA E MELANIA

(TRADUÇÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

(De pag. 335.)

Não era menos cruel o estado do conde. Já seu pai tinha perdido aquella aspereza, e tornou-se n'um velho sensitivo, a quem inquietavam os sustos paternos, e que chorava sobre o peito de seu filho, prestes a expirar.

Corre um domestico, a dizer-lhe:

—Não morreu, senhor...

—Melania!.. Apenas pôde o conde proferrir esta palavra, e arremou-se de entre os braços de seu pai. Ainda vive, continua o criado, e até já se sabe o logar do seu retiro: lá vos guiarão.

—Amigo... meu pai, vou vêr Melania, dir-lhe-hei... vamos, meu pai; a seus pés vá eu cahir; que para amal-a, para adoral-a, torno a viver.

Quer o pai soster o filho, pede-lhe que se demore alguns dias; um dia só, uma hora: é impossivel resistir á impaciencia do conde, e levam-o n'uma segue em companhia de seu pai.

Já o conde d'Estival não vê a sepultura da desditosa Luzia: fóra de si, com a esperança mais lisongeira, recobrou a vida, e só vê o al-

tar, onde se ha de dar o nó, que eternamente o ha de unir a Melania: vôado tem sua alma aos pés da que é senhora do seu destino, falla-lhe em seu coração, repete-lhe todos os juramentos d'uma ternura, que a ausencia e desdita, tornaram mais vigorosa.

Criminava o conde, o vagar dos correios; e, ainda quando o lavassem alados cavallo, ter-se-hia queixado do seu retardamento. Chegam finalmente, ao convento de Melania; mandam dar-lhe parte: e ella ordena que roguem ao conde, e a seu pai, que queiram vir d'ahi a tres dias. Que seculo de tormentos para o conde! que ha de elle julgar á vista d'uma sentença tão cruel? Esquecer-se-ia Melania d'elle? Não o amaria, ao mesmo tempo que elle vôa a seus pés, arde em desejos de consagrar o seu amor com a promessa mais santa! Redobra as suas instancias, chora, representa que a sua vida só está no seu ultimo suspiro, e teimam sempre em dar-lhe a mesma resposta.

Expira o termo aprasado, e corre o conde com seu pai á grade. Aparece Melania. Ó Deus! exclama elle: que quer dizer esse habito?

—Que eu já não sou senhora do meu destino. Que nos dizeis! fallam a um tempo o conde, e seu pai?

Hontem professei.

—Professaste! não pode o conde dizer mais, e cae entre os braços de seu pai, que estava attonito, e immovel. Sim, já não ha remedio, continua Melania, com a mesma constancia; unido estou a Deus... para sempre, e não podia ter outro esposo. Professaste, repete o conde, forcejando por quebrar a falla.

—Não me occultáram o desditoso fim de minha irmã, e de meu pai. Fiz o que devia: liei-me aos altares, e a minha parente, foi a que me ajudou em meus projectos. Soube em fim... ah! Senhor, de que não tenho eu que criminalar-me! Soube que minha irmã expirava só por culpa minha... e eu por amor d'ella, sepultei-me para sempre n'esta sepultura.

—Roubada me foste para sempre!

—Não me convinha, senhor conde, o nome de vossa mulher, quando eu fui a que en-

tranhei a morte no seio de minha infeliz irmã, e não quiz vê-ros, senão depois de ter levantado entre nós uma barreira inseparavel, eterna... Julgai agora, senhor conde, quaes foram os meus esforços, e o meu tormento: agora vos digo sem pejo que amava, porque já o meu coração não pôde ser vesso nem meu, e ora só vos peço que me trateis com amizade, ou para melhor dizer, que vos apiedeis de mim. Choremos ambos pela triste Luzia: cálem as nossas lagrimas até á sua sepultura! que nós, ah! estas lagrimas lhe devemos. Com muito gosto confirmo a doação que ella, e meu pai vos fez do que era nosso. Lastimai-vos da nossa sorte; lembrai-vos de duas desafortunadas, a que o amor tirou a vida por vosso respeito; pois cedo se seguirá a minha morte, á da minha amada Luzia, e de meu desditoso pai. Adeus, meu senhor: adeus, condê... não nos tornamos a vêr mais.

(Continúa.)

O SUICIDA

Co'a fronte baixa, os olhos espantados,
E a pallidez impressa no semblante,
Lá corre pensativo, lá caminha
Um vulto humano.

Paira-lhe nos labios,
A's vezes, um sorriso; porém, logo,
Troca-se em pranto a subita alegria
Que inda ha pouco no rosto se notára.
Mas eis que pára; e, levantando a fronte,
Seus olhos fita na planicie immensa,
Que ante elle, a natureza desenrôlla.
Um instante a contempla; e, finalmente,
Seus dourados cabellos saccudindo,
Tira debaixo da comprida capa,
Com que cobria o seu airoso corpo,
Um agudo punhal, e assim começa:

Adeus ó terra! adeus mundo!
Adeus, ó valle profundo!
Adeus, vasto pinheiral!

Escutai do desgraçado
Um lamento magoado...
A sua queixa final...

Foi aqui, n'esta campina,
Onde a cruel Josephina
Me jurou eterno amor...

E quando tal protestava
Seus olhos em mim fitava,
Que tinham do ceu a côr...

Foi n'estes prados amenos,
Onde, attento aos seus acenos,
Mil provas d'amor lhe dei...
Sobre esta macia relva
O alado cantôr da selva
Eu junto d'ella escutei...

Co'as flôrinhãs que encontrava
Um ramilhete fórmava
Que lhe ia apoz offertar!
E em troca de taes offertas
N'estas campinas desertas
Me dava a fronte a beijar

Fui largo tempo ditoso!
Mas tão duradouro goso
Não o podia fruir!...
Olvidou seus juramentos...
E meus acerbos lamentos
A cruel não quiz ouvir!...

Vieste, pois, ó perjura,
Lançar-me na sepultura...
A' minha vida dar fim...
Chora ao menos minha sorte,
Pois vou rematar co'a morte
Do teu noivado o festim!...

Callou então a voz; e alçando o braço,
Que sustentava a lamina brilhante,
No coração a crava, e dentro em pouco
Sobre a relva cahiu banhada em sangue.

AUGUSTO QUEIROZ

IMPRESSÕES DA ALDEA

O fortunatos nimum, sua si bona norint,
Agrícolas !

VIRGILIO.

Eu gosto muito da aldêa, e todavia não nasci lá. Mas o certo é que todos os annos a visito e por alli ando alegre, descuidoso, contente de tudo, a desaborrecer-me da vida tumultuosa e semsabôr da cidade! Tão bem me dou por montes e vallados, que de certo partilho um poucoxinho d'aquella imperturbavel felicidade, que se respira na choça do lavrador!... Por lá me recordo eu do grego Theocrito, do romano Virgilio, do allemão Gessner, do Bernardim Ribeiro e do Castilho, e de muitos outros que inflôraram a sua lyra com as boninas do idyllio. Eu gosto tanto da aldêa!

Por as asperezas dos montes rebentam e crescem as molles cannas, de que os pastores usam fazer suas frautas; e com ellas se divertem e gosam e aligeiram seu lidar! Por as margens dos caminhos vão subindo, apegadas ás rochas, as madre-silvas, que são enfeite das raparigas da aldêa; e com tal arte e galanteria se ageitam que, abraçadas umas ás outras, tecem ao longo da estrada flôridas paredes! Em todo o lameiro nascem tenras e frescas hervas onde os bois e as ovelhas vão pastar; e, á solta, pelas ribeiras, andam as cabras roendo nos salgueiros amargos. As prôvidas formigas, as avelhas sollicitas, lá andam todas afanosas encelleirando no estio os mantimentos para o rigido inverno!.. Em toda a aldêa tambem não escasseam flôres nos quintalejos, nem mingoam fructas nos pômares. Sôbra por lá, em toda a parte, um perfume de poesia a suavisar a solidão e as lides do campo, que me quer parecer que insectos e flôres, animaes e plantas, aves e fructos, são os melhores mestres para doutrina-rem em poetica. De tudo isto creio que se fez a poesia e se originou a musica. Na aldêa pôz Deus um geito de poesia a tudo e a todos, e em todas as flôrestas deixou Elle conservatorios de musica!...

Tanto afinára as gargantas dos passarinhos,

que lhe sahiram instrumentos com vida!.. Tanto primou na disposição das arvores, na distribuição dos rios, na collocação das flôres, que formando o grande poema do universo deixou por toda a parte muitissimos poemas!..

Nos orgãos, nos tecidos, nas differentes fôrmas e nas varias côres das plantas, ha muitos e admiraveis mysterios a regumbrarem poesia, que nós não comprehendemos bem! até aos vegetaes deu Deus uma tendencia para a musica, porque as mesmas folhas teem o seu murmurio proprio e a sua voz, ainda que timida!..

As flôres são os thuribulos do templo da natureza e os verdes ninhos, que nós vemos pendurados nos ramos das arvores, parecem uns como pequeninos orgãos que por seus intersticios côm doces e brandos sons!..

Eu creio que as flôres crearam o primeiro poeta, como os passarinhos o primeiro musico e as varzeas flôridas o primeiro pintor...

Alli deve achar o poeta thema e escola para idyllios, cantando o viver socegado da gente do campo e seus costumes, lides, amôres, queixas e alegrias; em quanto o musico ensaiava e aprendia com as aladas avesinhas das selvas! Alli de certo encontrou o pintor, para o seu primeiro quadro, um assumpto exuberante de poesia pastoril, que é a mais sublime, arrebatadora e suave poesia d'este mundo!..

Não precisavam poetas nem prosistas de pedirem á mythologia suas ficções bucolicas. Para que servem as naiades das fontes, as dryades e sylvanos dos bosques, se na aldêa se encontra junto de cada veia d'agua, que se vêm despenhando por sobre as rochas, uma formosa rapariga a encher a sua bilha, e nas selvas pastores e pastoras a guardarem suas ovelhas?!... Em cada rapariga da aldêa a graciosa singelesa dos modos, o despretençioso do todo, a propria rudeza do fallar, a natural docura do canto, valem mais, e bem mais, que todas as voluptuosidades tentadoras das mulheres-da mythologia... Assim como o ouro se extrae da mina, cujas entranhas são tambem ouro, tira e vós da poesia a poesia, da musica a musica e da pintura a pintura...

Quereis ser poetas? Procurai na aldêa a

inspiração: encontrareis lá a mesma poesia; tendes só a vasal-a em novas fórmãs, porque a essencia pôl-a Deus na natureza...

Quereis ser musicos? Ha lá conservatorios nas flôrestas, que vos servirão de escôlas e avessinhas, que serãõ vossas mestras...

Desejais pintar? Em cada cantinho da aldêa, por mais pequeno que seja, encontrareis uma paizagem ridente, esplendida, sublime; o trabalho é só copiar, porque o modello está em frente a convidar-vos as almas...

Ide lá; ide lá celebrar a communhão da poesia, porque a final, pintura e musica, tudo é poesia!...

ALBERTO PIMENTEL.

ADEUS

AO MEU CARO PAI

Tanto se sente na morte,
Quanto na auzencia se sente !..
Se a morte é auzencia eterna,
A auzencia é morte aparente.

Julia Castilho.

Adeus dias que breves passasteis,
Semeados de paz e ventura,
E tão cheios de meiga ternura,
Que no ceu eu julgava viver!
As caricias do pai eu gosava,
Seu amôr minha dita fazia,
A tal ponto, que até me esquecia
A longa auzencia que eu tinha a soffrer !!

Mas em breve esse dia fatal,
Repassado de triste afflicção,
Appareceu, e no meu coração
Da saudade os espinhos cravou!
E tão fundos que o sangue gôteja,
E em prantos de fêl convertido,
Faz trocar o prazer em gemido;
A ventura em soffrer transmudece.

E depois esta ausencia tão longa,
N'um escuro sodario envolvida,
Martyriza, apoquentá-me a vida,
Faz os dias em seculos trocar?

E qual phantasma de dôr me apparece
N'estas noites que lentas se arrastam,
E nos dias tão tristes que passa,
Sem que eu possa o meu pae abraçar.

Ha de o sôpro tão triste do outomno
Congelar-se nos montes d'além;
Ha de vir o inverno tambem
Com seu septro de ferro assentar-se
Sobre as minas que o outomno deixou!
Ha de o vento bramir furioso;
Mas depois d'este tempo horroroso
Tornará a natura a animar-se.

Findará o outomno, o inverno,
Ha de a quadra flôrenta findar,
Sem que o peito me venha animar
Um afago de pai adorado!!
Trocar-se-hão os espinhos em flores,
Ha de tudo contente sorrir
Sem que eu possa no peito sentir
Meu soffrer n'um sorriso trocado!

Estes bosques d'onde ora prendem
Pobres folhas perdidas da côr,
Tornaram a ter vicio e verdôr,
Sem que tu, ó meu pai extremoso,
Ó lar patrio de novo regresses!...
E eu hei de esta auzencia soffrer?
Ha de o pranto amargoso correr
Sem que chegue esse tempo ditoso?

Mas no fim de tão longo soffrer,
Refulgente reluz uma esperanza;
Como surge tambem a herança
Após dias de horrenda procella...
Como as ondas espomosas se acalmam
Ó depois de fermento agitar,
Tal meu peito se deixa affagar
Pela esperanza risonha e tão bella.

Ante a luz que essa esp'rança difunde,
Ante esse astro de amago condão
Inda ha pranto, martyrio, afflicção,
Inda ha lento viver d'amargura!...
Mas depois de passada essa nuvem
Ha de a esperanza brilhante apparecer,

Já sem veu que lhe possa envolver
As suas raias de immensa ventura.

Eia pois, ó meu peito, coragem;
Não te deixes assim succumbir,
Cessa ó lyra tambem de carpir,
Meu soffrer pela auzencia causado:
Calla as dôres que o meu peito torturam,
Vê se podes meu pranto occultar.
P'ra podermos melhor offertar
Este adeus ó meu pai adorado.

EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES.

ULTIMOS MOMENTOS DE PACHECO

Já o sol vae mergulhando
Nas vagas d'além do mar;
Já as nuvens vão cercando
A grande extensão do ar...
É um homem encostado,
Meio morto, quebrantado,
Attentava no estado,
Das fraquezas do seu lar.

Eil-o ahí... esse bravo
Por seu rei combateu só;
E por todos, qual ignavo
E' repellido sem dô...
Eil-o pobre e olvidado
Pelo seu reino amado,
E sendo já elevado...
Roja a frente pelo pó.

«Eis-me pobre e despresado
Da patria, que sempre amei;
Eu pobre!... Já fui soldado
Expuz-me á morte pelo rei.
Já em tempo minha sorte
Me deu filhos e consorte,
Mas agora ao pé da morte,
Só me lembra a Lusa grei.

Já a meus pés vi prostrado
O soberbo Samorim

Já fui eu o apontado
Do grande rei de Cochim...
Já obrei com minha gente
Grandes feitos no Oriente
E agora... delinquente...
Já tractado sou assim...

Já me vão faltando os meios
D'abrandar a minha dôr
Já morreram os devaneios,
D'aquelles tempos d'amôr!..
Eu não tenho já ventura—
A manopla da armadura
E' qual p'ra mim não tem valôr.

E agora... que é feito agora
D'esse tempo que eu passei?!..
D'essas esp'ranças d'outr'ora
Que fizeste, ingrato rei?
Agora o Pacheco ousado,
E' tido por renegado
E' por todos odiado...
Por todos... eu bem o sei.

Agora que eu sinto a morte
N'este momento fatal,
Já não accuso a sorte
Nem teu fado, Portugal...
Ah! n'este anceio te juro
Agora que um veu escuro
Vae toldar o meu futuro
Que inda te serei leal.

Mas ah! que duro anceio
Eu sinto no coração...
A morte... a morte já veio,
Pôr termo á ingratidão!..
A morte sim... eu a vejo...
Mas bradarei... sem pejo,
Recebendo o duro veijo...
Adeus... infeliz... nação!

Satembro—1866.

...

BUGIOS E PAPAGAIOS

Quasi que tenho a convicção de que não agradou aquella minha comparação dos homens e mulheres do seculo, com os bonecos e bonecas? Téem razão: pensando melhor hoje, entendi que não devia ser assim... Pois, que semelhança pôde ter gente viva, com abjectos inanimados? Agora, passando eu a comparal-os com os bugios e papagaios, isso sim. Supponhamos, com effeito, por um instante, que a maior parte dos entes a que chamam racionaes, se tornavam de subito, em bugios, ou papagaios; e que enfim as nossas cidades não tinham outros habitantes que não fossem individuos d'esta especie: o modo de viver não seria differente. Os papagaios dizem palavras; os homens não téem hoje outra linguagem: os papagaios ostentam umas bellas pennas; os homens só téem vaidade dos seus vestidos: os papagaios comem e dormem, e os homens não fazem outra coisa; finalmente, os bugios divertem-se em dar voltas a uma avelã ou a um papel, e os homens removem cartas desde pela manhã até a noite; de sorte que um bugio bem instruido saberá imitar perfeitamente o seu modo de viver.

Por pouco que estendamos a vista sobre a terra, descobriremos tres quartas partes d'homens atolados n'uma horrorosa indolencia não sabendo senão empregarem-se em couzas de pouca utilidade, como a avelã, nas mãos do macaco. São estes entes menos uteis que as moscas e as borboletas!...

São poucas hoje as pessoas que não se occupem com o seu penteado, com o seu vestido, do mesmo modo como com o negocio mais importante, e que não respeite o bom gosto d'um alfaiate, ou d'uma inventora de modas, como merecimento distincto. A idéa da nossa immortalidade, váe perder-se no meio de mil bagatellas. Parece incrível até onde chega o furor que ha pelo luxo, que baixeiras o motiva, e que vergonhosos officios tem creado entre as mulheres! Depois que um miseravel luxo se tem feito o meio d'ostentações, cada dia soffrem novos ataques a razão, a honra, e a virtude. O luxo, é na maior parte das mulheres, como a espada na mão d'um furioso, só o empregam na propria ruina. Miseravel gente! Poem a sua gloria, na sua propria confusão. Como insensatos vivem, obram como freneticos, divertem-se como brutos. O Sabio carece sómente da sua propria reflexão para desprezar os ridiculos e pezados uzos de que o mundo se honra. O mun-

do não se considera com effeito, senão como um ser obrigado ao culto e devoção da materia: á primeira vista, parece o espectaculo mais brilhante, e não é mais que um triste theatro, onde cada um desgosta os outros, para não se desgostar a si mesmo. As scenas, só se mudam para mostrar vicios differentes, e não se dão applausos se não ás riquezas e á fatuidade. Só se cuida em nutrir o corpo, vestil-o e ornal-o. A alma, é um mero nome, que simplesmente se pronuncia por habito; e por desvairado, é tido quem ousa fallar n'ella.

Que são com effeito tantos cumprimentos affectados, tantos momos burlescos, tantas visitas fóra de proposito, tanto esmero no vestir, tantos desejos de grandeza? Prestai attenção como o João Jaques Bosseau descreve os cumprimentos nas reuniões: «N'ellas lisonjeiam-se as mulheres sem amal-as, servem-se sem honral-as; estão cercadas de galanteadores, que as enchem aturadamente d'ufania com inspidos comprimimentos ou impertinentes equivocos. Causam nojo aquellas linguagens que ás vezes fazem acompanhadas de certas reflexões, e ahí estão fallando sem nada dizer....»

Se buscarmos o principio das visitas, acharemos que são umas paixões divesificadas, que se procuram e que se juntam umas ás outras, para formar aquella confusão de relações, murmurações, ciumes, novidades, modas e vaidade. Muito pouco se poderá conhecer quem tem a presumpção de julgar-se necessario nas sociedades, e fórma uma ordem de visitas tão exacta como um calendario. A nossa simples alma, incapaz por sua natureza d'augmento ou diminuição, só tira a sua verdadeira grandesa da sua espiritualidade, e por mais que queiram mistural-a e confundil-a com grandezas totalmente terrenas, fica tão unica, tão simples, tão só no monarca, como no infimo das desgraçadas. Os homens nunca têm d'ordinario n'outro livro, senão nas acções alheias. Folheam-o com maravilhosa attenção, e depois fazem d'elle um commentario perfeitamente proporcionado ao seu modo de obrar: de maneira que não deixam de pintar-se a si proprios nas notas que applicam aos outros. Quasi que não se faz visita alguma, onde se não ache gente d'esta casta. Como falsarios e mentirosos, representam o papel de maus graciosos. Por tanto não perde absolutamente nada, antes ganha n'isso, quem não frequenta taes sociedades.

Por hoje dou por concluida a minha tarefa: mas, espero brevemente voltar ao assumpto.

THERESA AUGUSTA DA SILVA.

DA POESIA PASTORIL

Les Portugais n'ont voulu admettre que deux genres dans la poesie, l'épopée et la pastorale; ils se sont attachés avec obstination à la dernière: pour donner à la vie humaine des couleurs poetiques, ils ont toujours cru devoir en faire des idylles, et transporter les actions et les pensées du grand monde parmi les bergers.

SIMONDE DE SISMONDI— *De la littérature du midi de l'Europe.*

Todos os nossos poetas classicos, além de muito bem escreverem em muitos e variados generos de poesia, mirificamente trataram do pastoril. Camões, até na mesma epopea dos *Luziadas*, se deixou ser bucolico em diversos episodios; haja vista, por exemplo, à *descripção da Ilha dos Amores*, em que superabundam amenidades e simplezas proprias de idyllio. Bocage, apesar da sua natural tendencia para o soneto, admiravelmente se houve tambem na bucolica; para tudo era aquelle enorme ingenho! Não esqueçam os outros poetas, — por cá os tivemos muitos e bons — que nos deixaram excellentes eclogas e inimitaveis idyllios. Para que um homem seja bom poeta n'esta nossa terra, é de condição essencial o ser amigo extremoso da natureza. Assim o foi e assim o é. Assim o é, digo eu, porque temos um contemporaneo illustre, o sr. Castilho, que na maior parte das suas composições poeticas todo se volta para a aldeia a entreter-se com os pastores e a embriagar-se com a sua-vissima fragancia das timidias boninas.

Em Portugal foi Bernardim Ribeiro o implantador d'esta sempre frondente e sempre olorosa arvore da poesia pastoril. Em tão doce clima ella nasceu, e tão mansos ventos a bafejaram, que não tardou a crescer e a erguer-se enfeitada de flôres, que se tornaram em saborosos fructos. Morreu Bernardim, e a viçosa arvore ia a tomar um geito de tristeza, como de quem chora sua orphandade. Mas n'este lance de saudades amargosas, acolheu-a com favor paternal o amenissimo Rodriguez Lobo, que a foi alegrando pouco e pouco aos toques da sua frauta. A vida litteraria do Theocrito Portuguez assignala a idade d'ouro da nossa poesia pastoril. Não ha bucolicas, por mais harmoniosas e naturaes

que sejam, que possam desbancar as de Rodriguez Lobo; para aquillo nasceu elle fadado! (1)

Até o estylo de seus romances é, por assim dizer, bucolico tambem. Rodriguez Lobo na sua *Primavera* entreteceu e combinou esplendidamente um pittoresco e gracioso mozaico de sonoros versos e de phrases tão suaves e musicas, que muito parecem versos livremente metrificadas. (2)

Do citado romance escreveremos os primeiros quatro versos das queixas do pastor Floricio contadas a Lereno:

Deidades da espessura,
Ninfas que nagoa viveis
Chegay juntas, e ouvireis
Desconcertos da ventura. etc.

Na *decima floresta* despede-se Lereno das margens e aguas do Mondego, e rompe assim:

A Deos agoas cristalinas
A Deos fermosos outeyros,
Faias, choupos, e salgueyros,
Lirios, flores, e boninas.

A Deos fermosa lembrança
Com que em meus males vivia,
A Deos vales de alegria,
A Deos montes de esperanza.

A Deos fermoso penedo
De quem com tantas verdades
Fiey minhas saudades,
Que me pagastes tão cedo.

A Deos prado, a Deos pastores
Vassallos deste amor cego,
A Deos agoas do Mondego,
A Deos fonte dos amores. etc.

(1) Aux yeux de Rodriguez Lobo tous les genres de poesie pouvaient rentrer dans la poesie pastorale.

Simondi de Sismondi.

(2) Les romans pastoraux de Rodriguez Lobo n'ont été pour lui que des cadres où il enchassait ses poesies bucoliques.

Ibidem.
44

O *Pastor Peregrino* fórma a *segunda parte* da sua *Primavera*; copiemos ao acaso:

Fuy já Pastor, e agora peregrino
Com o cuydado, e traje diferente
Vou tras de minha morte, ou meu destino.

Fuy livre em outro estado, e fuy contente,
Amor me fez cativo dum cuydado,
E eu me entreguey cativo livremente.

A indole e formato d'este jornal, não nos deixam forragear muitas mais bellezas, que n'este romance pululam aos olhos do leitor.

Estamos no *Desenganado*, que é a *terceira parte* da *Primavera*. Canta Lerenó, fallando de Nisarda:

Pelo fragoso da serra,
Vi decer a huma Pastora,
Que parece ser senhora
Da espessura.
Porque a sua fermosura,
Faz abrandar os penedos,
E abayxar os arvoredos,
Quando passa.
Não ha planta tão escassa,
Que lhe negue seus louvores,
E lhe não solte mil flores,
Na cabeça. etc.

Rodrigues Lobo seguiu a eschola italiana; essa era a eschola do seu tempo, e essa foi a eschola de Camões, Miranda, Bernardes, Ferreira e outros.

Além da *Primavera*, escreveu um outro romance—*Côrte na Aldea, e noutes de inverno*, e um poema, em vinte cantos e oitava rythma, intitulada—*O Condestabre de Portugal D. Nuno Alvares Pereira*. N'este poema foi um pouco infeliz Rodrigues Lobo; elle dava-se mais com a linguagem amena das bucolicas, do que com o estylo guindado, que demanda o genero epico. Alguma coisa escreveu tambem em lingua castelhana

Rematemos esta synopsis das composições de Rodrigues Lobo.

A França tem tambem os seus poetas bucolicos; excellentes uns, somenos outros. Jacques Delille, o traductor das *Georgicas*, escreveu um poema intitulado—*Les Jardins*.

Mais, parmi tous ces plans prodigués sans mesure,
Puis-je oublier les fleurs, luxe de la nature?
Les fleurs, son plus doux soin, les fleurs, berceau des fruits!
Quelle forme élégante et quel frais coloris!
C'est l'azur, le rubis, l'opale, la topaze,
Tournés en globe, en frange, en diademe, en vase

diz o antigo professor de humanidades de Amiens.

Leonard escreveu um poema—*Saisons*—e deu-se muito aos idyllios; Florian e Andrieux trataram tambem este genero com maestria de grandes ingenhos que eram. Duguet, na prosa, fallou mirificamente da natureza dando ao seu estylo uns toques de lyrismo. Em Portugal, Bernardes na *Luz e Calor* e Frei Luiz de Souza na *Chronica de S. Domingos* e na *Vida do grande arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, vestiram tambem as suas prosas com as louçanias do idyllio e deixaram-se por vezes ser poetas. (3)

Em nenhuma parte a poesia pastoril floreceu e fructificou tão admiravelmente como n'este abençoado torrão de Portugal!

Novembro—1865.

ALBERTO PIMENTEL.

(3) Diogo Bernardes, na *Luz e Calor*, é admiravel sobre tudo quando trata de Deus no espelho das creaturas; e Souza, na *Chronica de S. Domingos*, quando descreve Bemfica.

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

Ephigenia do Carvalho Sousa Tellos

(De pag. 332)

IV

O REGRESSO

Oito dias são já decorridos desde o passeio à Ermida

As duas meninas estão assentadas no jardim, e pela anciedade com que chegam á porta ao ouvirem o menor ruido vê-se que esperam alguma coisa.

— Como Leopoldo tarda — disse Josefina com uma insofrida impaciencia.

— Não tem desculpa, redargui a outra menina, por que eurecommendei-lhe que não poupasse o cavallo; que o rebentasse sendo preciso para nos trazer breve a desejada carta de teu pai. Mas se elle não escreveu, é mais dois dias de horrivel incerteza que se veem juntar a estes, que já passaram ?

— Não digas ao menos isso Clotilde! Escuta... parece-me que d'esta vez me não engano: é elle, é elle.

Com effeito o velho creado coberto de suor, e de poeira entrava no jardim.

— A carta, a carta — exclamaram ambas as meninas estendendo as mãos.

— Aqui está, disse o criado — e o ceu me conceda a felicidade de eu ser o portador da noticia das melhoras do meu querido menino. Magoava-me a ideia de o não tornar a vêr, por que lhe quero muito, trouxe-o tantas vezes ao colo!

— Que felicidade, Clotilde, — exclamou a filha do Marquez lançando-se ao pescoço da sua amiga — elle está livre de perigo, vê, o que me diz meu pai:

«Minha Josephina, são satisfactorias as noticias que tenho a dar-te; Paulino está livre de perigo.

«A scena que vi presenciar no dia em que cheguei, compensa com usura os desgostos que a sua molestia nos cauzou. A enfermidade tinha feito crise n'esse dia. O medico sahia do seu quarto declarando-o livre de perigo. «Apenas elle sabiu, o quarto encheu-se de estudantes, e todos á porfia, queriam chegar primeiro ao leito do doente!! Eu, que entrava n'este momento, não me foi possivel chegar ao pé de Paulino se não desde que estes generosos mancebos lhe testemunharam o seu contentamento. Nunca vi um enthusiasmo tal!

«Como eu me ufano de ter um filho adorado por quantos o conhecem! . . .

«Eu pedia em altas vozes, me deixassem vêr meu filho, e apenas as minhas palavras poderam ser ouvidas, todos me deram passagem, e ficaram mudos espectadores dos transportes d'um pai que torna a abraçar o seu filho caro que julgou perdido.

«O que se passou no meu coração n'este momento não posso explicar-te! . . . Só o condemnado, que, debroçado já sobre a prancha fatal, ouve lêr o seu perdão, poderá ter alegria comparada á que eu senti ao vêr meu filho vivo.

«Tão grande prazer tirou-me os sentidos, e eu cahi inanimado sobre a cama de Paulino.

«Quando acordei encontrei-me n'outro quarto e estava rodeado dos condiscipulos de meu filho. Foi então que elles me disseram que o medico o julgava livre de perigo; mas que tinha recommendado reinasse silencio no quarto do doente.

«Eu não achava expressões com que podesse agradecer a estes corações nobres os disvêlos com que tinham tratado meu filho, mas

«elles disseram-me:—A amizade de Paulino é para nós tão honrosa, elle faz-se tão digno por suas virtudes, que nós estamos sobejamente recompensados vendo as suas melhoras.

«Fui em seguida vê-lo e fiquei satisfeito porque o encontrei sem febre.

«Se assim continuar com melhoras ali apparecemos no dia tres de Maio.» etc. etc.

— Como Deus ouviu os nossos rogos — disseram as duas meninas chorando d'alegria.

O snr. Anselmo, e Rosa desciam apressadas para saber as boas novas; as duas amigas entregaram a carta ao snr. Cunha, e subiram para casa.

Havia poucas horas que ellas julgavam suprema felicidade o receberem carta do Marquez, mas a nossa ambição é insaciavel, por isso nunca se pode satisfazer!

A mesma anciedade as dominava esperando pelo dia tres de Maio!

O mez de abril despedia-se com um formoso dia!

Grande quantidade de flôres proprias da estação, enfeitavam o jardim de Clotilde, bellas mariposas de matizadas côres, adejavam em volta d'ellas. Em um povoado viveiro cantavam á porfia lindos canários, e attraíam com seus gorgeios ledos pintasilgos que vinham poizar-se n'uma flôrida acacia que estava em frente.

Toda a natureza parecia sorrir contemplando-se tão enfeitada.

As duas meninas não gosam d'estes encantos: estão ambas inclinadas sobre o vestidor, e bordam com actividade um rico manto de setim azul aonde ellas semeiam prateadas estrellas.

Este manto haviam-n'o promettido á Virgem dos Remedios, se Paulino melhorasse, e ellas queriam cumprir a promessa antes da vinda do manco.

— Tu já deves estar cançada, Josephina?

— Oh! não estou, bem vêes que quando se trabalha com gôsto não ha fadiga; e de mais tu é que tens bordado o manto quasi todo, e eu apenas bordei o véu do calix que promettemos ao Santissimo Sacramento.

— Não importa, eu quero acabar o manto; e tenho bastante tempo, pois só amanhã o levaremos á Ermida.

— Ainda temos tres dias de espera, e elles passam tão devagar!

— Quem sabe se teu irmão poderá vir?

— Já me lembrou isso mesmo, e talvez meu pai não possa esperar por elle.

— Pois a mim parece-me que teu pai o não deixa lá—o dia tres de maio acabava de raiar. Ainda o sol não tinha nascido, e já as duas meninas estavam levantadas.

— Eu vou mandar preparar um quarto e cama para teu irmão.

— E eu vou colher flores para as jarras. Nós havemos de mostrar-lhe em tudo a nossa alegria.

Seriam oito horas quando o velho marquez de Santa Eulalia entrava na casa de Clotilde. Elle dirigia-se para a sala de visitas, e as duas meninas, com as costas voltadas para a porta, enchiam as jarras de flores. Tão entertidas estavam, que não deram pela chegada do marquez!

— Como estão lindos estes rainuclos! Estas gôtas de orvalho parecem perolas.

— E talvez o sejam — disse o marquez ao pé d'ellas.

As meninas voltaram-se surprehendidas, e lançaram-se ambas nos braços do nobre velho.

Os olhos de Clotilde procuravam Paulino, quando Josephina desprendendo-se dos braços de seu pai, lhe perguntou por elle.

— Não vem — respondeu o marquez — eu queria esperar mais uns dias, mas elle instou tanto para que o deixasse ficar, porque desejava

fazer acto, que não tive remedio senão condescender. Venho sem cuidado, porque elle tem junto a si amigos verdadeiros.

Ao despedir-se disse-me :—Josephina, e a sua boa amiga devem ter soffrido bastante; socegue-as, meu pai, e diga-lhes que breve irei para as acompanhar á Ermida da serra.

O coração de Clotilde batia com tanta força que fazia levantar o espartilho do vestido.

— Como chegou o meu amigo? — dizia o snr. Cunha entrando na sala.

— Um pouco fatigado da jornada—respondeu o marquez apertando-lhe a mão.

Clotilde e a sua amiga sahiram.

No jardim está a velha Roza desempenhando uma empreza de que a encarregaram as duas meninas, debaixo d'um caramanchão, coberto de um copado cédro, prepara ella um rico almoço com que as duas amigas querem surprehender o marquez. Depois de ter tudo prompto, foi avisar as senhoras que se dirigiram para a sala aonde estava o marquez e o snr. Cunha.

— Meu pai, eu venho pedir-lhe o favor de vir ao jardim, quero que admire o bom gosto de Clotilde.

— Minha senhora, o meu amigo ainda não almoçou, e talvez agradecesse mais que o chamassem para a meza, do que para o jardim.

— Acho que o snr. Cunha tem razão—objectou o marquez.

— Mas enquanto apromptam o almoço, podemos ir ouvir os meus canarios—disse Clotilde—a musica tambem intretêm a fome, e elles hoje estão mais harmoniosos que nunca; e isto é para o obsequiarem, snr. marquez.

— Não ha remedio senão condescender com a vontade d'estas meninas—disse este, pegando no chapéu; e todos quatro desceram para o jardim.

— Quero mostrar-lhe estas tolipas amarel-

las, snr. marquez—disse Clotilde colhendo uma das bellas flores, e offerecendo-a ao seu hospede.

— De certo são formozas, e é preciso que v. exc.^a reparta d'ellas com Josephina.

— Vamos assentar-nos debaixo do caramanchão que fica perto do viveiro — dizia a filha do marquez, sorrindo para a sua amiga.

— Estas senhoras querem fazer-nos jejuar! —disse o snr. Cunha.

— Tenha paciencia, meu tio, é só emquanto Rosa não nos chama para a meza.

Ao chegarem ao caramanchão, o marquez, e o snr. Cunha, ficaram maravilhados da agradável surpresa que lhe tinham preparado! Nos quatro cantos da meza estavam collocados grandes vasos cheios de flores; bellos fiambres, e delicados doces enchiam a meza! Em elegantes cestinhos de juncos, feitos pelas duas meninas, via-se saborosas laranjas, aromaticos morangos, e rubras cerejas.

Todos se assentaram alegremente em roda da meza.

— Não vos enganei snr. Marquez, quando vos disse que os meus canarios cantavam hoje muito melhor! Ora prestai-lhe attenção em quanto almoçamos.

— Esta surpresa tinha sido preparada para mais alguem—disse a filha do Marquez, mas para não haver gosto completo, falta aqui o nosso Paulino!

Ninguem reparou n'uma lagrima que se escapou dos olhos de Clotilde, e que ella rapidamente limpou.

Rosa tornou a descer trazendo o chá, e no fim do almoço appareceu o padre Francisco, e as duas amigas os deixaram no jardim, e subiram para caza.

(Continúa.)

O BARDO

...Non e perduta
Ogni speranza ancor.....

METASTASIO.

Que scenas tão bellas se passam no campo
Ao brilho solemne do facho do sol!
Que encanto não temos do alto da serra,
Ao vêr da manhã o brilhante arrebol!

Que scena patetica as terras fecundas
Costumam fazer ao feliz lavrador!
Que encantos não gosam os bons camponeses
No immenso enlevo de paz e amor!

N'um campo formoso d'espigas doiradas
Um pobre mancebo ligeiro passou;
Rápido, corre por entre os arbustos
E junto d'um prado, cançado parou.

Um brilho sinistro reluz em seus olhos
Impavido, vendo do mundo o rigor...
Assenta-se triste n'um banco singelo
E solta estes sons repassados de dôr.

Qual te vejo, reino amado...
Qual o fim que te esperou!
Está cahido, despresado
Quem o mundo dominou!
O triste encanto moço
Tão elevado colosso,
Em Africa expirar deixou..
E com elle a realeza
E toda a nossa nobreza,
Para sempre se offuscou!

O alto facho do poeta
Seus raios jámais negou,
A quem com tenção secreta
A vida lhe dedicou...
E' ideia santa e pura,
Arrostar a sorte dura
Pelo bem d'esta nação...
Porque todo o Lusitano
Deve consagrar, ufano,
A' patria, seu coração!

Nasci na leal cidade
Sou filho d'esta nação,
Consagrar-lhe a mocidade
E' dever de obrigação.
Empunharei minha lyra,
Que só maguas suspira,
Para a patria a dedicar...

Ah! sirvam ao menos meus cantos
Para adoçar alguns prantos,
Para alguém mais não chorar!

Mas meus canticos sentidos
Não tem vida nem acção,
Parecem hymnos perdidos
Das salas na amplidão...
Têm perdida a formosura
São qual triste noite escura,
N'um bello paiz ideal...
Mas a esta formosa terra..
Que tantas bellezas incerra
Não havia de ser leal?

Mais depressa morreria
Do que tal coisa fazer;
A morte preferiria
Mais me valia morrer!
A morte sim! Só com ella
Esqueceria a terra bella,
O meu nobre Portugal...
Oh! mesmo já agonizante
Serei ainda o amante
Da minha terra natal!

Oh! meu Deus de tal tristeza
Bem me podieis tirar...
Que te fiz eu?... Não me peza
De contra ti me revêlar
Tua sacra divindade,
Tua pura magestade,
Nunca ousei ultrajar...
Para que é pois tua ira,
Se sempre a minha lyra
Incensou o teu altar?!

E tu ó patria minha
P'ra que partes meu coração?
Não te dei já quanto tinha
Que queres mais da minha mão?
Queres talvez minha vida,
Esta alma tão sentida...
Oh! não flagelles meu seio
A quem tudo é alheio...
Só á patria tem amor!...

LUZIA E MELANIA

(TRADUÇÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

(De pag. 340.)

—Que! exclamou o conde, afogado em lagrimas, Melania é quem me ordena que não torne eu mais a vel-a!

—Não tratemos de enternecer-nos.... retiremo-nos.... que a vossa presença me constitue culpada no meu conceito, e nos olhos do Deus a quem só pertence; esta palavra vos diz tudo. Castiga-me Deus, e eu reconheço o effeito da sua justiça, que não pôde manifestar-se em extremo! Assim é, eu sou a que cravei o punhal no peito da minha irmã; sinto o excesso da minha maldade... torno-te a dizer que não nos vejamos mais, e... adeus para sempre. Ah cruel! torna o conde, só attendeis á perda de vossa irmã, e não fallais na minha morte. Parece-vos que poderei sobreviver um só instante depois d'este fatal encontro? Deleitai-vos em magoar um coração, que até agora só para vós viveu? Lançai os olhos, se quer, para mim... contemplai a vossa victima: prestes está a expirar... e vós, minha querida Melania, vós sois a que me ides guiar á sepultura!

N'ella precipitei minha irmã, ouvindo-a estou, vejo-a levantar-se da sepultura, mostra-me o panno com que a cobri... os seus gemidos, as suas exprobrações até cá n'este retiro estão resôando, onde o repouso me é vedado; que ousas tu de propôr-me? Que sobre a cinza de uma desafortunada... ah! conde, que ainda não esfriou esta cinza, e já eu havia de formar laços!... o esposo de minha irmã.. havia eu de ser tua mulher!. Vai-te, fuge d'estes logares, não excites o meu odio, que até de mim mesmo me horroriso.

Estando a ponto de sahir, tem mão n'ella o conde pelo braço. O vosso soccorro imploro, Senhor, contra elle, contra mim, disse Melania, ao pai do conde. Conde, (ajunta ella), olhando para este com os olhos nadando em lagrimas, assaz não tenho trahido a minha obrigação? Vedado me era vêr-te, ouvir-te, cuidar em ti; se me amas, conde, se ainda te sou acceita.. que disse eu? ó desgraçada! Deixa-me acabar a vida sem constituir-me mais culpada. Não, não alcançarás quantos tormentos me tens causado, são medonhos, e só a morte lhes poderá dar fim. Lança-se-lhe então o conde aos pés, e diz: Olha o teu amante..

—O meu amante! que ouço! ó ceo! Luzia, ó meu Deus!.. Vai-te d'aqui fuge, fuge, para nun-

ca mais ver-te; esquece-te de mim, esquece-te de mim... Ah! que isso é querer demasiado da minha fraqueza! Adeus, conde... Adeus, senhor, cedo chorareis ambos a minha morte.

Retira-se a toda a pressa Melania da grade com uma especie de precipitação, como quem queria arrancar-se de entre as proprias mãos? Melania, diz-lhe o conde, uma palavra, uma palavra só; ouve-me Melania, um instante só! mas já Melania se lhe tinha privado da vista para sempre. Perde o conde o uso dos sentidos, e seu pai guia-o quasi de rastos á sege.

Teve a desafortunada Melania, valor para deixar tudo o que amava; pois, facil é de vêr, que de todas a mais violenta agitação que ella sentia, era a do amor; soube salvar-se da presença do conde; mas seguia-o, e fallava-lhe ainda com os olhos: todos os seus desvêlos, e attentões trazia juntos, e empregados no homem mais amavel, a quem podera ter amado e com quem se cazára, senão fôra o ascendente d'aquella virtude inflexivel, que todos dias vinha oppôr-se á sua ternura, e á cruel virtude, que contribuia para o seu supplicio, tel-a-ia por ventura abandonado, se seus olhos se fitassem por mais tempo no conde d'Estival. Que imagem com effeito para uma amante? E havia outra mais terna, nem mais desgraçada que Melania? O conde expirando, que ella nunca mais tornaria a vêr; que sem duvida, depois d'este encontro perderia a vida: que ella mesma immolava, e arrojava, na sepultura; que com uma só palavra faria reviver, e constituiria o mais affortunado entre os mortaes; este, este o medonho espectáculo que a opprimia! Que maior sacrificio podia pretender uma irmã, cuja sombra parecia estar de continúo a arrancar dolorozos gritos?

Finalmente, quando o conde se metteu na sege, quando esta se retirou, desapareceu; quando o conde deixou para sempre estes sitios, cabe Melania em terra, como assombrada de um raio, e depois d'estar alguns momentos desmaiada, levanta-se, busca ainda com os olhos o conde, torna a chamar por elle em seu coração, e cabe outra vez afogada n'um mar de lagrimas.

Não tornarei pois a vêl-o! não o verei mais! E que fosse eu quem é proferisse tal sentença! Eu, eu, que ainda hoje me sinto abraçar! Ceu, estás contente? E tu Luzia, tenho sido, *dize*, assaz inexoravel, assaz barbara? Assaz se submetteu meu coração a uma lei, cujo rigor todo elle presentia? Bem podera eu ter-me unido com o conde d'Estival, e morro, presa a estes altares, onde reclamo sufficientes forças para vencer-me, onde o amor... Não, não

morrerei! Este amor, que encorre para o meu tormento, que se ceva com minhas lagrimas, retarda-me o ultimo suspiro, e só é para exasperar os meus soffrimentos.

(Continúa.)

MARIA

Maria! teus encantos,
No peito retratados,
Vieram desgraçados
Meus dias augurar...

Vieram, sim! que ao vêr-te
Tão linda, tão formosa,
Qual podibunda roza
Ainda ao despontar.

Senti nascer no peito
A devorante chamma;
Que sente só quem ama
Com verdadeiro amor...

E, desde então, tornei-me,
Donzella, quasi louco,
E sinto pouco a pouco
Crescer a minha dôr...

O pranto, qual diluvio,
Correndo de meus olhos,
Mostrar-me vem abrolhos
Que eu não podêra vêr...

Na frente, que até agora
Se conservára liza,
Já hoje se devisa
Das rugas o nascer...

Se acaso tu soubesses
Qual é minha agonia,
O' candida Maria,
Tiveras compaixão

Do vate, que deseja
Render-te vassalagem...
Que soffre, sem coragem,
A tua ingratição...

AUGUSTO QUEIROZ.

SURSUM CORDA!..

À EXC.^{ma} SNR.^a D. EMILIA CANDIDA DE F. T.

Sempre ao cabir da noite a roza da campina
Se verga para o chão, e perde a côr mais fina,
Até que no céu brilhe o magico arrebol...
Depois ella revive a um raio do sol,
E torna-se mais bella, e fica mais formosa.
Eu sou tambem assim... Eu sou igual á roza...
Do desconforto a noite,—a noite do soffrer—
Deixou-me vida tal, que até não é viver!..
Mas eu terei alento, alento que já tive,
Se disseres á minh'alma: Ergue-te á luz, e vive...»
A' roza da campina o sol dá vida e côr,
A mim só me dá vida o sol do teu amor....

.....
Eu inda hei-de subir do teu amor nas azas,
E aquecer-me ao fogo em que essa alma abrasas.
Então quando me erguer ás regiões de luz,
Deixarei no calvario a minha grande cruz!...
Então heide dizer, ó roza fresca e alva—
Quando um amor nos perde, um outro amor nos salva!..

Porto—1865.

A.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MARIA ISABEL

ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA

Este excellente romance vai brevemente entrar no prélo, sendo impresso em typo novo e excellente papel; está calculado que terá approximadamente 300 paginas de leitura.

PREÇO

Para o Porto, 300 reis, provincia 350 reis (adiantados.)

Recebem-se desde já assignaturas na Praça de Santa Theresa n.º 63—na Livraria Franca e Nacional, rua do Laranjal, e na rua do Almada em casa do snr. Jacintho Pinto da Silva e Novaes Junior.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL DE MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 330)

Amaral tinha subido com o seu hospede. Não estava á sua vontade. Alguma coisa havia n' este dialogo que o incommodava.

—Eu vou apresentar a minha pupila a v. exc.^a, continuou o senhor Procopio, e voltando-se para a porta que dava para um quarto, chamou por Julio. Amaral estremeceu a este nome e deu dois passos para a porta do quarto. Apareceu a ella Ermelinda, que disse com enfase:

—Julia partiu desde que os senhores subiram.

—E essa Julia... balbuciou Amaral, fazendo-se rubro, quem é?

—E' ao que parece, senhor Amaral, a sua filha mais velha.

—Ah! exclamou Procopio, tenho a honra ao que vejo de fallar com meu sogro!..

—Amaral quiz lançar-se sobre o atrevido, que evitou o seu furor recuando, e tirando do seio uma pistola. Esta arma impoz respeito ao pai de Julia, que não tinha espiritos guerreiros.

— Senhor Amaral, proseguiu o amante de Julia, não nos agoniemos. Se lhe fiz uma injuria roubando-lhe sua filha, estou prompto a reparar-a, dando-lhe o meu nome.

—O seu nome?! acaba de me confessar que é um *quidam*, que o seu nome é zêro.

—Agradeço-lhe a descoberta. Nenhum apelido me agradava, tomarei esse que me indica. Terá gosto de ver sua filha assignar-se:—Amaral Zêro,=Vou procural-a; e sei aonde a devo achar. Aqui era só um lugar de descanso.

—Os tribunaes me despiciarão.

—Como quizer. Se lhe agrada fazer isto dominio do publico, eu não tenho vergonha d'essas coisas, e os meus parentes tiveram a cautella de se porém atraz da cortina. Adeus, senhor barão.

E o motijador saio. Amara! quiz oppor-se á saída, mas tremia todo de raiva. Arrastou-se á janella e quiz bradar a Damião, que prendesse aquelle homem e que fosse em busca de sua filha; porém soltou apenas um rugido, e a palavra *prendam*, ficou em meio. Procopio montou no cavallo, que tinha prezo no pateo, e disse para cima:

—Sim, senhor barão. Até á vista.

—O pequeno José, que era quem estava no pateo, abriu-lhe a porta, serviço que já tinha feito a Julia e ao criado que a acompanhára. Procopio atirou-lhe com uma corôa e partiu. Se Damião estivera no pateo não correriam as cousas tambem para os fugitivos, porque conhecendo a filha de seu amo, a não deixaria sair, mas tinha ido tratar dos cavallos, que estavam muito fatigados.

—Ermelinda tinha visto tudo o que se passára á sua vista com muito gosto. Tinha soffrido tantos insultos d'Amaral, que se regosijava de vê-lo castigado, e tambem toda a mulher que caio, gosta de ter companheiras: a não ser uma rara excepção. Ella aproximou-se d'elle, e lhe disse:

—Meu rico, aonde se dão, aí se apanham. Eu nunca agourei bem d'esta tua loucura pela minha parenta. Já era tempo que tu te deixasses de rapaziadas.

—O sermão seria maior, mas viu resvalar para o chão o seu antigo amante. Chamou soccorro em altos gritos. Amaral estava com um ataque de paralesia. Veio a escapar; mas ficou lesado.

—Julia casou com Procopio, mas foi muito desgraçada. Depois que seu marido lhe desba-

ratou quanto ella tinha herdado de uma tia acolheu-se á casa paterna com tres filhos, para não morrer de fome.

(Continua).

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

Ephigenia do Carvalho Sousa Tellos

(De pag. 332)

O REGRESSO

—Vão fazendo as suas despedidas, minhas meninas, porque de tarde vamos embora.

— Já?!—disse Clotilde abraçando-se á sua amiga.

— Não ha remedio, minha senhora, bem me custa separal-as, mas dou-lhe a esperança de breve se tornarem a ver.

Este dia passou com a rapidez do relampago para as duas jovens, e com a maior afflicção viram chegar o momento da partida.

— Minha Clotilde, tem animo e paciencia? bem vês que me não posso demorar, pois meu pai precisa dos meus cuidados.

— Pois sim, Josephina, não chorarei mais, guardarei as lagrimas, no coração... Olha, vês como os meus olhos estão enchutos?—acrescentou a menina querendo chamar aos labios um sorriso.

— Minhas senhoras, o snr. marquez está á espera—disse Rosa entrando no quarto de sua ama.

As duas amigas abraçaram-se e desceram a escada.

Tinham chegado á porta do jardim; os labios tremulos não articulavam as palavras da despedida, mas os corações unidos n'um estreito abraço, compreendiam-se perfeitamente. Josephina soltou-se dos braços da sua amiga, e correu para fóra da porta.

— Tenham paciencia, minhas senhoras—dizia padre Francisco, despedindo-se da filha do marquez—são horas amargosas que seguem sempre os dias de felicidade.

CAPITULO V

PAULINO

Mais d'um mez tinha decorrido desde a partida do marquez de Santa Eulalia, e sua filha. Expressivas cartas escriptas de parte a parte, tinham vindo por vezes metigar as saudades das duas amigas. Bastava ver um d'esses pequenos manuscritos, para comprehender a pura e singella amizade que unia as duas meninas.

No dia 9 de junho, pelas seis horas da manhã, estava Clotilde almoçando com seu thio em uma elegante

sala, que abria duas sacadas sobre um largo terreiro rodeado de acacias, que, agora cobertas de flores, com seu arôma, perfumavam a sala.

— Que agradável e fresco ar aqui se respira—dizia a menina offerecendo a seu tio uma chavina de chá.

— Com certeza; está uma bella manhã, e se tu queres, vamos dar um passeio depois do almoço.

— Iremos meu tio.

— Alguem chegou—continuou o snr. Cunha, indo a uma das sacadas—E' um criado do marquez: alli tens tu as desejadas noticias da tua amiga.

N'este tempo entrava Roza trazendo uma carta que apresentou a sua ama; esta com anciedade rasgou o fecho da carta, e leu o seguinte:

«Minha Clotilde, quando peguei na penna, era com tenção de descrever as saudades que tenho soffrido, mas dezisti da empreza como impossivel! Todas as expressões são sem força quando se quer descrever o estado d'alma de quem vive separado das pessoas que lhe são caras!! E tambem para que essa pintura para ti, que tens outro quadro irmão no desenho e carregado das côres?

«Olha minha amiga, hontem recebi carta de Paulino, em que me diz que no dia 26 chegará aqui. Elle não deixa de ahi se apiar, mas eu peço-te que o não demores muito, porque seriam momentos preciosos que me roubavas, e eu n'essa parte sou muito igoista.

«Meu pai tenciona dar um baile por occasião da sua chegada; encarrega-me de convidar para elle, bem com o teu tio: eu fiada na tua amizade, espero que não faltes.

«A respeito do baile não digas nada a Paulino, porque o queremos surprehender. Tua amiga invariavel, —Josephina de Souza.»

— Veja o que me diz Josephina, meu tio—dizia Clotilde, apresentando a carta ao seu tutor. Este depois de a ler, disse-lhe:—Acceito o convite, iremos descrever a alegria de Clotilde, seria impossivel! Desde este momento não pensou em mais nada do que no dia 26 de junho! Com anciedade esperava o dia em que havia de ver Paulino; mas era um prazer misturado de receios o que ella sentia. Parecia-lhe felicidade superior ás suas forças.

Apoz dias, que lentamente se arrastavam, no entender de Clotilde, chegou a noite do dia 25. A menina não lhe foi possivel conciliar o somno em toda ella. A ideia de no dia seguinte vér o mancebo, enchia-lhe todo o coração, occupava-lhe os sentidos.

— Oh!—dizia ella sentando-se sobre o leito—que será o que eu sinto, meu Deus? d'antes ao vér Paulino só experimentava felicidade; só via n'elle o meu companheiro de infancia, e agora só a pensar n'elle, faz reverterber em minhas faces a chamma que me encendeia o coração. Não ouço pronunciar o seu nome querido, porque supponho denunciar no tumor da voz o segredo que esconde.

—Eu que tanto confiava na minha firmeza e coragem, ellas abandonam-me de todo!

—Quanto eu receio que elle adivinhe os meus sentimentos! Isso seria terrivel, meu Deus, para a minha altivez, porque eu amo um homem que não sei se me corresponde! Quantas vezes eu me envergonho de mim propria?—As ardentes lagrimas lhe escaldavam as faces.

—Não poder combater esta paixão, que tem subido a tal ponto que não ha nada que lhe sirva de estorvo!

—Comtudo, no momento em que eu me persuadei que era indifferente a Paulino, e que elle tinha percebido o meu amor, esse momento seria o ultimo da minha vida! então haveria em mim um sentimento que fallasse mais alto do que a religião, e eu me suicidaria!..—O rosto de Clotilde tinha assumido uma expressão de tanta firmeza que deixava adivinhar que a donzella tinha coragem bastante para levar a effeito o seu temerario projecto.

De repente essa fronte que o desespero tornára alva e radiante, curvou-se, e a menina cahiu soluçando aos pés da Cruz. Era o triumpho da virtude, e da religião.

—Vós me perdoareis, meu Deus—murmurava ella—eu não sabia o que disse; sou uma louca bem digna de compaixão! Havia-me esquecido dos vossos beneficios, ó meu Deus, e que vós como pai benigno não vos esqueceis de vossas filhas.

Dai-me força para amanhã o ver sem me perturbar; eis a minha supplica d'hoje.

Os primeiros raios de sol, entrando pela janella, vieram allumiar esta scena. Como Clotilde estava bella! como lhe ficavam bem aquellas lagrimas de arrependimento! O cabello todo solto, cobrindo-lhe as costas e hombros, parecia um manto de azeviche.

Levantou-se, lavou os lagrimozos olhos, e fez taes diligencias para serenar o rosto, que passados alguns instantes ninguem diria, vendo-a, a noite que ella acabava de passar! Foi para o toucador, e em pouco tempo se adornou; depois deuseu para o jardim, aonde estava seu tio.

—Como hoje te levantaste tarde, Clotilde, — disse o snr. Cunha—passas-te mal a noite?

—Alguna coisa, meu tio, mas agora estou boa.

—Será bom esperarmos com o almoço até vir Paulino, porque elle ha-de aproveitar o fresco da manhã.

—Sou da sua opinião, meu querido tio.

—Eu vou dar um passeio á quinta da esperanza, se elle vier manda-me chamar.

(Continúa.)

OS MARINHEIROS

Era uma noute de estio,
Sobre um rochedo, na margem
Do meu Douro bonançoso,
Fui sentar-me. D'um navio
A equipagem,
Em tom cadente e saudoso,
Murmurava uma toada.

Esta gente desgraçada,
Em guerra co'os elementos,
Que provações, que tormentos
Soffrerá

Quando a embarcação veleira,
Entregue á furia dos ventos,
As ondas do mar singrando,
Contra a rocha carniceira
Vai bater... fender-se... e lá
Dar-lhe o mar por sepultura?!...

É bem triste
Dos marinheiros a sorte!

Quantas vezes a consorte
Beija o filho com ternura,
Porque o refracto vê n'elle
Do esposo... sem saber que elle...

Já não existe?!...
Era assim que os marinheiros
Desgraçados
Exprimiam os tormentos
Por elles no mar passados:

—Que triste vida passamos
Lá no mar
Longe da esposa que amamos,
E que ao partir nós deixamos
A chorar!

Quando uma nuvem sombria
Turva o céu
Logo a fronte se annuvia
Do marinheiro, que ria
Do escarceu.

Sua pallidez augmenta
Se um tufão

Lhe presagia a tormenta,
E se logo apoz rebenta
O trovão.

Se lhe lembra o seio amigo
Da mulher,
Estremece e diz comsigo:
«Vais, ó mar, ser meu jazigo...
«Vou morrer...»—

Quando terminou o canto
Que a equipagem
Do tal navio cantava,
Fiquei n'um extasi santo
Largas horas embebido.

E porque soprava a aragem,
Com muita força, do norte,
Eu retirei-me, dizendo?

—É bem triste
Dos marinheiros a sorte!—

AUGUSTO QUEIROZ.

O COA

Nos pincaros d'altas serras,
Lá em longinquas terras,
Devo ter meu nascimento:
Sou pobre em minha corrente,
E não sendo permanente,
Vivo em contentamento.

Sou pobre, mas orgulhoso,
Não peço ao Douro famoso
De suas aguas um só veio:
No inverno bramo irado,
E ai! d'aquelles que ousado
Vier tocar-me no seio.

Nas margens alcantiladas
E das serras nas quebradas
Faço meu nome respeitar;
Porque lá, se uma voz sôa,
Logo o echo revôa,
Fazendo um medo d'espantar.

A' custa dos afluentes
Tambem podia ter correntes,
Qu'exaltassem minha fama;
Mas prefiro morrer pobre,
E não occupar o nobre, (1)
Scioso em sua cama. (2)

De minha corrente irada
Pobre e precipitada
O som pelos ares vôa;
E, quem de mim s'approximar,
Não s'ausenta sem murmurar:
Brame irado o=CÔA—

SOUSA CAVALHEIRO.

A E...

Depois de me haver negado o seu retrato photographado

Nega-me o teu retrato... eu tenho-o dentro d'alma!
Que vale ao pé de ti uma photographia?...
E' como urse queimada, ao pé de verde palma
Como a sombra da noite apoz a luz do dia!

S.

LUZIA E MELANIA

(TRADUCÇÃO DE A. P. Y. DA SILVEIRA)

(De pag. 352)

Tão horrorosa é a minha situação, que a morte é o unico bem que posso esperar, esta passagem tão suspirada não acaba de chegar, não acaba de vir livrar-me de uma existencia insupportavel! Debalde o imploro. Em vão me abraço com o esquite, e desejo sepultarme n'elle para sempre! torna a luz em extremo odiosa a ferir-me os olhos, e entregar-me aos meus desvários... ás minhas maldades todas. Ah! desgraçado conde, tornal-o-hei a dizer em vão? A honra, a religião me prohibe ver-te, amar-te, o lembrar-me só de ti; o menor pensamento é of-

(1) Rio de corrente placida.

(2) Leito do rio.

fensa... grande Deus! poderás tu perdoar-m'a? Ó meu Deus! meu Deus! tem piedade de meus males, das minhas fraquezas, dos meus remorsos... quem sou eu, creatura miseravel?... Tornará o amor sem cessar a um coração, que não deve ser seu?

Debalde se armava Melania da virtude, e piedade para oppôr-se a uma lembrança, que continuos assaltos dava a sua alma, e n'ella dominava com mais imperio: não lhe era possível esquecer-se do conde, e sua propria mão não pôde deixar de desenhá-lo á vista da imagem, que em seu coração entranhavelmente estava gravada. Toma pois o lapis, arreda-o de si, accusando a sua fraqueza, torna-o a tomar, e depois de voltar muitas vezes d'este retrato para os altares, e dos altares para o monumento da sua paixão, deixa-o cahir outra vez, para outra vez erguel-o com mais promptidão: enfim acabou-se a obra entre combates, gemidos, e successivas tormentas, ora da religião, ora do amor. Tantas eram as pennadas do lapis, quantas as lagrimas, e os remorsos. Sim, exclama Melania; estas, estas são as feições do mais cáro mortal, do mais leal amante!... Que palavra pronunciei eu? Ente Soberano, perdoa. Misera de mim! Offender-te-ia em desatar n'este pranto sobre uma imagem vã! Esta fraca consolação ser-me-ia vedada? Sou eu culpada?... Sou eu culpada?... Ah! meu Deus, e ser-me-ha dado duvidá-lo? O meu erro, que digo? a minha deslealdade, contra mim se levanta toda inteira: não posso socegar-me! Todos os meus pensamentos são outros tantos perjurios! levemos ao meu coração uma luz terrivel; elle em seu delicto se deleita, recolhe, e lisonjea tudo quanto pôde manter uma idéa... Muito bem o sinto! ella me occupa, me enche toda a alma. Não, não terei diante de mim este fatal retrato, não o conservarei para cevar uma reprehensivel ternura... que devo soffocar... importa rebatel-a eu, arredá-la da minha vista, destruí-la, sahir elle, se tal pôde ser, de meu coração.

Quer Melania executar esta generosa resolução: treme-lhe a mão: olha outra vez para este retrato tão temeroso, suspira, mette-o no seio, attá-o, por assim dizer, de alguma maneira a

seu proprio coração; todos os dias promettia a Deus anniquilar este testemnhho de um sentimento, que ella condemnava, e a cada instante, ia ver esta imagem, laval-a em lagrimas, e dirigir-lhe os seus queixumes, e pezares, como se ao proprio estivera fallando.

Não tornava o conde a si da tristeza, em que o mettêra a sua nova desgraça: as representações, os carinhos, as lagrimas de um pai não podiam restituir-lhe a vida; entranhava-se pela sua melancolia; teimava em sua dôr: de que fórte receberia elle os meios de allivial-a, se esta dôr lhe era acceita, se elle mesmo se deleitava em desafial-a? Tem as penas, que são nascidas, do amor, tal feitiço, que só sentem os corações que sabem amar. Não, não, meu pai, exclamava o conde, não me tallem em arrancar de mim a setta, que me tira a vida! Mais funda seja ainda a ferida, e ella me enterre; que uma especie de satisfação experimento em dizer-me a mim mesmo, que expiro por amor de Melania, e este o unico prazer, a que me é dado tomar o gosto... Ah! meu pai, não posso possuir Melania, e quereis que eu viva! O ultimo suspiro exhalarei, e com esta imagem, que idolatro, entranhada em meu coração. Cruel! ella é causa de todos os meus males, e beijo a propria mão, que me assassina!... Mas julgais vós, meu pai, que ella não se deixará dobrar, e que seus repudios serão eternos? A profissão solemne, que para mim foi sentença de morte, não poderá annullar-se? E' obrigação irrevogavel, indissolúvel vinculo? Não se tem visto?... Misero! perdida tenho a razão, onde me vou eu metter a delirar? Ah! para sempre, sim, para sempre perdi a *minha* Melania... Se pelo menos, meu pai, me é permitido vel-a, veja-a eu! Alcançai-me esta graça; se ella não quizer fallar-me, os meus olhos serão levantar-se para os seus! deleites Melania com o espectáculo das minhas lagrimas! A seus pés exhale eu o suspiro derradeiro!

Corre o pai do conde ao convento, e de nenhuma maneira pôde avistar-se com Melania; debalde faz apertadas instancias, chora muitas lagrimas, um só instante, um só instante pede que o queiram ouvir: tudo se lhe nega.

Na situação, em que se vê mortificadissi-

ma, vai Melania, lavada em lagrimas, lançar-se aos pés de um respeitavel religioso, pede-lhe forças para lutar comsigo, patentea-lhe sua alma entregue a mortaes fadigas, declara-lhe que se vê succumbida, que está a ponto de tornar a ver o pai do conde, o mesmo, e com os joelhos fincados no chão implora o arrimo da religião; chora com ella este compadecido barão, insensivelmente vai reduzindo-a a cumprir com o que deve, e impede-lhe finalmente até o avistar-se sómente com o pai do conde.

Triumpho Melania; mas era só apparente a sua victoria: este sacrificio custava-lhe muito, para não ser seguido de uma morte perenne. Desde este momento, ninguem a ouviu chorar mais; enxugáram-se-lhe as lagrimas: algumas vezes acontecia escapar-lhe alguns d'esses gemidos soffocados, vozes da triste desesperação.

E' o amor, de todas as paixões a que mais conserva a sua violencia, e a soledade só serve de estimulal-a. No retiro e silencio, é que se levantam, e desenvolvem esses grandes movimentos das almas sensitivas; o recolhimento do claustro, quando não os domina o enthusiasmo sagrado da religião, faz que ellas entrem em si, e experimentem, e conheçam toda a sua energia, e move-as muitas vezes a extraordinarios extremos, que só a morte pôde refrear. E se acontece ver-se qualquer arredado do que rodea os de mais homens, interessa-se então, e inflamma-se a imaginação, de concerto com o coração, para constituir-nos muito mais amavel, e acceito um objecto, que nos roubam; aformoseamos a pintura, a fim de justificar os nossos proprios olhos, e exaggerando a perda tomamos o gosto a uma especie de prazer em deixar-nos penetrar da tristeza, que ella nos causa.

Este era, pouco mais ou menos, o estado, em que se achava Melania: não punha limites á sua dôr, e esta por ventura que era a unica consolação, que lhe sobrava.

Trazem-lhe uma bocetinha, em que vinha uma carta, e uma caixa de prata; lança com empenho mão da carta, reconhece com susto ser a escriptura do conde, e leu estas palavras:

Obedecei: sacrifiquei-te a minha ventura, os

meus dias: não tornei mais a ver-te, quando sem ver-te não podia eu viver: atreve-te a ler esta carta, que quando a receberes, terei cumprido com a minha sôrte. E deixaria eu de amar-te? Poderia esta alma perder tal sentimento, o unico, que toda a absorve? Não se offenderá o ceu do meu amor; pois não pôde haver outro mais puro, nem mais digno do Supremo Author, que nos tinha creado um para o outro: não pude ser teu, e teu só podia ser! Tentei todos os meios para vencer uma paixão, que os obstaculos só serviram de acender mais; chamei em minha ajuda todas essas quimeras, que se desvanecem á vista da verdade do sentimento. Ah! que vem a ser a vista do amor? Oh! que um só lançar d'olhos teu tinha muito maior mando em meu coração! O primeiro momento, em que te vi, tinha determinado qual devia ser o restante da minha vida: estava decretado ter eu de ser o mais dessafortunado homem. Mas não bastava soffrer eu todos os tormentos, abraçar-me por teu respeito sem a esperanza de ver-nos unidos, ser guiado por uma barbara obrigação aos braços de outra mulher, ver-me constrangido a sustentar as lagrimas, a encobrir a minha desesperação, não eram sufficientes todos estes golpes para o meu supplicio. Motivei as desditas da tua familia, dei a morte a sua irmã, a minha mulher; dei com teu pai na sepultura; esta mão, esta mão é a que apertou a pezada cadêa, a que te prendeste para sempre: todos trez vos immolei, e assás me castigastes por isso! Sobrava-me um unico meio, a que recorrer, d'elle lancei mão com arrebatamento.

Uma graça de ti espero: guardo esse unico presente que te é permittido acceitar, e o ultimo, que pode fazer-te a minha ternura. Adeus, minha querida Melania. Offender-te-ias d'esta expressão? Lembra-te que a vida acabo sem o nome de teu esposo.

O CONDE D' ESTIVAL.

Desacordada Melania, confusa, anniquilada com estes novos golpes, fica por algum tempo immovel, deixa depois cahir as mãos sobre a caixa: certo impulso involuntario, especie d'ascendente, que parece chamar o infeliz para set-

ta que o ferve, insta, aperta com ella para que veja o que vem dentro d'esta caixa, e qual é o presente, de que se lhe dá annuncio: abre, não sem se lhe arripiarem as carnes de susto, e lê este bilhete:

«Aqui tens o coração, que te adorou sempre, e que só suspira por ti: negar-lhe-ha a inflexível Melania algumas lagrimas?»

O coração do conde! exclama Melania: era este com effeito a triste dádiva, que lhe mandava. Perde então ella o uso da palavra, e dos sentidos, e trasladada que fosse ao seu leito, ali expira passados poucos dias, sem poder proferir outras, senão estas palavras: Conde? O meu Deus!

FIM.

A UMA AMIGA

O' quanto s'empenhou a natureza
Em formar-te a mais bella entre as formosas!
Dando-te uma alma pura,
Uns olhos d'encantar! Que gentileza!
Que niveas, rubras faces tão mimosas!
Que rosto de candura!

E como sem vaidade te apresentas,
Nem teu espelho diz quanto és formoza!
Se tu és tão modesta!
Do coração os dotes só ostentas,
P'ra ti só a virtude é valiosa,
Mostras-te sempre honesta!

E quem digno será de possuir-te
N'um mundo seductor, perverso, ingrato
E fruir tua mão?!
Mas ao vêr-te, ninguém póde fugir-te
Sim que na idea leve o teu retrato
E d'amôr a paixão!..

Embora! Deixa-os amar-te,
Não te illuda o seu amôr.
Que só tem penas a dar-te,
Suspiros, saudade e dôr!..
Deixa livre o coração,
Deixa-o folgar sem paixão;

Goza a tua mocidade
Como os anjos, sempre pura
E volverás com ventura
D'aqui para a eternidade;
Mas se nasceste p'ra amar;
Áma do céu uma estrella,
Aquella que mais brilhar,
Ou ama a flôr mais bella
Que no val desabrochou;
Ama a brisa que agitou
Os teus cabellos dourados
E ama a lua que no lago
Deixa com encanto mago
Fulgir raios prateados.

Ama tudo é donzella e cautelosa
Evita dos mortaes o amor profano,
O amor de seducção;
Sê como aérea fada vaporosa
Que não ousa tocar um ente humano!...
Virgem, d'est'arte entrega o coração!

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

MEMORIAS D'UM POETA

I

Descabia uma tarde de primavera. O sol vinha poisar o seu ultimo beijo de luz nas boninas timidas da varsia, e sumia-se, com um ar d'amarga tristeza, por de traz dos cabeços verdes das serras. Ao longe, por entre a sonora ramagem do souto, subia o fumo branco da granja; as arvores da beira da estrada tremiam levemente como que a entomnar no espaço musicas e arômas...

Ao pé d'uma montanha gigante erguiam-se as ruinas em flôr d'um mosteiro antigo.

Não longe, por entre choupos e lorangeiras, descobriam-se as paredes alvadias d'um predio rustico, que por perspectiva graciosa e pittoresca muito parecia ser habitação de poeta ou de pintor.

Os cachos d'alguns festões de cylindra, que treparam da terra até ao alto das paredes exteriores, serviam á janella de vistoso cortinado e natural perciana. Cortinado, por que a vestem d'uma moldura de folhas e flores; perciana, porque a mesma ramagem da trepadeira assombrava o interior da habitação. Sahiam ás vezes d'alli suaves modulações de flauta debilmente tangida; as aves d'aquelles sitios pareciam enamorar-se do sonoro toque, e acudiam á janella a escutar, como se de lá as estivera chamando uma boa pitaça...

Relanceemos os olhos ás ruínas do mosteiro.

No tronco amarellecido d'uma columna, que as tempestades desmembraram do edificio e arrojaram ao chão, está sentada uma formosissima mulher de rosto trigueiro-pallido, e vivissimos olhos negros; a seu lado e assentado tambem, desenha n'um pequeno album um moço de fartas madeixas de cabellos louros. Reclinado na relva, com uma flauta e um livro ao pé, conversa com aquella formosa e alegre mulher um outro moço de rosto pallido e magro, olhar amortecido, e cabello castanho negligentemente riçado. Este homem é Telmo. É um poeta que agonisa lentamente na ultima estancia d'uma phytica pulmonar, e que vem pedir á aldêa a morte socegada, que sob pretexto de cura possivel, a medicina lhe aconselha. A mulher que está sentada no tronco da columna é Guiomar, a amante de Telmo e a irmã querida de Vasco, alma incendida d'artista, admiravel pintor, e amigo extremo do poeta.

Vasco e Guiomar tinham vindo á aldeia despedir-se do amigo e do amante.

—Acho-o hoje muito melhor! Irradia-lhe no rosto uma alegria estranha!—dizia Guiomar cravando os olhos fixamente no rosto pallido de Telmo.

—Alegria da morte, quando a vida pesa. É que a morte é um bem, logo que a vida seja um mal...

—Um mal, Telmo?!

—Pois que era a minha vida, Guiomar! Este entorpecimento physico trouxe-me tambem a enfermidade moral... Todavia é muito cedo para morrer... Mas já não ha remedio... Não ha remedio já!—

—Ai! Telmo, Telmo, que me mata... —Murmurou Guiomar escondendo o rosto no regaço.—Vasco poisou então o seu album de desenhos, e dirigiu-se a Telmo.

—Que disseste tu a minha irmã, Telmo, que assim a fizeste entristecer?...

—Que lhe havia eu de dizer, Vasco!... Disse-lhe... que era justo que me viesse agora

dizer adeus, porque as aves d'estas paragens se andam tambem despedindo do seu amigo...

—Telmo, Telmo, para que estão ahí dormindo no chão a tua flauta e o teu livro de versos?... Porque não tocas ou récitas?... Disse Vasco atalhando de golpe a situação.

—A minha flauta, Vasco, está já... está quasi viuva... Eu já não posso... Não vês como estas flores se inclinam tristes quando me vêem?... É por que pressentem a desgraça imminente... —Respondeu Telmo, apontando para Guiomar, com um sorriso de melancolia.

—Furtemos ás dores um instante de alegria, Telmo... Recita-nos os versos, que ahí ha pouco escreveste. Empaga... heide-te mostrar a minha paisagem. Ouve tambem Guiomar.

—Ouçam. E' a ultima nota da minha lyra, o ultimo suspiro da ave que se despenha ferida de morte... Intitula-se:

O ULTIMO CANTO.

Tudo palpita na estação das flôres!
São tudo amôres! Tudo tem vigor!...
Sorri á vida a borboleta, a planta,
E a ave canta nos vergeis em flôr!...

Felizes aves! Não conhecem males...
Filhas dos valles de gentis matises,
D'amôr gorgeiam mil canções suaves!
Ditasas aves! Como são felizes!..

Que vida immensa se respira agora!
Só eun'est hora já mal sinto a vida!...
Não tarda muito que o tufão da morte
Arranque e corte a esta flor pendida.

Fatal estrella me doou a sorte!
Vivi sem norte, sem mentor, sem luz!
Hontem tormentos d'um cruel fadario,
Hoje o calvario, amanhã a cruz!...

Pois que minh'alma já não tem bonança,
Nem sol d'esperança lhe vem já luzir;
Pois que meu rosto nunca um rizo estampa,
Abra-se a campa... quero lá dormir.

(Continúa.)

ALBERTO PIMENTEL.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

MARIA ISABEL

(ROMANCE ORIGINAL DE MARIA PEREGRINA DE SOUSA)

Dedicado á memoria de minha irmã

(De pag. 354)

Tres semanas depois, que a filha de Ricardo de Oliveira se escapára da sua prisão, havia um jantar de bôdas em casa de Custodio da Cunha. Os convidados eram só os dois amigos de Maximino, que o tinham ajudado a procurar sua noiva, Francisco e sua mãe.

Todos mostravam satisfação e alegria, mas nenhum mais que o pai do noivo. Estava-se á sobremesa. Vieram dizer ao senhor da casa, que uma pessoa o procurava, dizendo que tinha absoluta necessidade de lhe fallar.

—Ora!... disse Custodio da Cunha, agora não sahia d'aqui nem pelo rei. Se essa pessoa quer vir fazer uma saude aos noivos, que suba.

Entrou um desconhecido de cabellos brancos: desconhecido, menos para Francisco, que se levantou, exclamando:

—O senhor Luiz José!..

—Adeus, Francisco, disse o desconhecido, é um excellente rapaz.

—Vejo, acudiu o pai de Maximino, que o senhor conhece a perola dos marinheiros. Queira assentar-se, e servir-se do que por ahí ha, que não é tão bom como eu queria para o dia d'hoje; mas, as governantes cá de casa, são muito sumiticas; e agora são duas!.. E entendem-se ás mil maravilhas. Se uma diz que morramos á fome, a outra diz que morrámos tambem á sede.

Continuou a conversação alegre e descereimoniosa, como se não estivera alli um entruso.

—Pelo que vejo, disse Luiz José, veio as-

sistir a umas bôdas. Não obedeci ao rifão, *a bôdas e baptisado, não vás sem ser convidado.*

—Ainda que não foi convidado, atalhou o senhor da casa, que estava em maré de rosas, é muito bem vindo.

—Obrigado. Vejo que se festeja um casamento ao gosto de todos, o que é de estimar. Raras vezes se reúnem n'esta materia, as vontades de pais e filhos.

—Aqui reúnem-se todas as vontades, graças a Deus.

—Então a menina é rica?

—Maria Isabel abaixou os olhos triste. Sabia que ia servir de peso á familia de seu marido, que não era rica.

—Que vem cá o senhor com a cabeça de medusa entristecer a minha filha!.. Maria, não dou licença que mostres tristeza. Maria, senhor Luiz José, é mais rica que a filha d'um milionario. Tem genio economico e trabalhador: sem fallar dos outros dotes de sua alma, que só a familia lhe conhece. A belleza e as prendas que ella possui, podem ser avaliados por todos, mas...

—Maria Isabel estendeu o braço para seu sogro, pedia-lhe corando que a poupasse.

—Elle rindo-lhe, apertou a mão, e mudou d'assumpto.

—Quero pedir licença, disse Luiz José, de dar uma prenda á noiva, já que vejo que ella não tem parentes que a brindem.

—E elle lhe apresentou uma carteira muito bonita, Maria Isabel agradeceu, mas não pegou n'ella, dizendo que só de seu pai recebia prendas. Custodio da Cunha pegou na carteira que Luiz José offerencia, e disse sorrindo:

—Está bom, serei eu que lh'a dou.

—Porém ao pegar-lhe, pareceu-lhe volumosa. Olhou para Luiz José, e em seguida abriu a carteira.

—Ah! exclamou elle com assombro, tanto dinheiro! Seja o senhor Luiz José quem fôr, faço como Maria, agradeço e regeito o presente. A minha filha não accêita dinheiro de estranhos.

—Se essa é a razão, pôde a sua filha Maria, accêitar esta bagatella. Ella ha-de ser a minha herdeira. Gostarei de occultar o meu nome.... porém, tudo bem considerado, tambem terei satisfação em abraçar a minha querida sobrinha!

—Ah! senhor, atalhou Maria Isabel, meu tio morreu ha muitos annos.

—Assim o fiz crêr, porque um casamento desgraçado que (fiz com essa mulher que tanto tem desgostado), me fez expatriar e mudar de nome. Posso dar-te provas da verdade.

—Será possível?!.. O meu querido tio, que tanto me amava?..

E a filha de Ricardo de Oliveira se levantou duvidosa, se se lançaria ou não nos braços do tio que tinha chorado em criança. Elle porém não esperou que ella se resolvesse, e levantando-se, correu a ella e apertou-a ao coração, recordando-lhe passagens antigas. Depois que os animos socegaram tornaram a assentar-se, e o tio de Maria Isabel, partiu logo que lhe constára a desgraça da familia de seu irmão Ricardo; aranjára os seus negocios no Brasil e viêra a Portugal, para proteger sua sobrinha.

—E, como eu era, disse elle, amigo do capitão da Carolina, quiz vir no seu barco. Na viagem fiz particular conhecimento com Francisco, e d'elle soube tudo o que havia succedido á minha pobre sobrinha.

—Por isso v. s.^a me fazia tantas perguntas!..

—Disse Francisco.

—E por ellas compreendi que eras o rei dos rapazes. Hontem, soube tambem por Fran-

cisco, que era hoje o dia do noivado de minha sobrinha. Agora é preciso que elle nos dê um dia tambem de bôdas. Nas suas narrações figurava muito a sua namorada numero dois, o que prova que ha o numero um.

—Essa senhor Luiz José, ou como é a graça de v.^a s.^a, é filha da senhora Josefa, que tem bons tostões, e não ha-de querer dar a sua filha a um pobre marinheiro.

—Não tem duvida. Eu offereço-me para levantar as difficuldades.

Alguns mezes depois casára Francisco com a filha da senhora Josefa; e a mãe do bom moço tinha o gosto de tomar posse d'uma casa que lhe comprou o tio de Maria Isabel.

Ermelinda foi viver longe com uma pensão que lhe estabeleceu seu marido, que reassumiu seu verdadeiro nome.

Maria Isabel foi feliz quanto se pôde sê-lo n'este mundo cheio de agruras e tristezas, e fez feliz a familia a que se uniu.

E' coisa muito para lamentar que sogra e cunhada seja (como desgraçadamente é muitas vezes) o synonymo de inimiga. Na familia de Custodio da Cunha não era: amavam-se todos. Rufina e Maria Isabel, eram duas irmãs afeiçãoadas. Adelaide amava-as a ambas igualmente.

FIM

MEMORIAS D'UM POETA

(De pag. 360)

—Telmo! Telmo! Ora que sempre uma nuvem de vaga melancolia hade vir innoiter os teus relances de felicidade!...—Pronunciou Vasco em extremo commovido e deixando rolar pelas faces duas grossas lagrimas—Pois não é para ti felicidade o ter-nos ao teu lado, e não te consolam as melhoras que tens hoje

sentido?! Pagas-nos tão mal a nossa visita!... A mim entristeceu-me; a minha irmã fizeste-a chorar... Tontinha! Pensei que terias poetisado aquillo que eu desenhei. Mas em vez d'um idyllio, sabiu-me... uma elegia... Se eu tivesse adivinhado o genero da poesia, dispensava o recitativo. Sou pouco dado a tristezas. Ora aqui têm a minha paisagem. Vejam, e deixem-se de ser choramigas, porque a estação é pouco azada para se lacrimijar.

— Sublime, meu amigo, sublime! Tens uma vocação pronuciadissima para a paizagem, Vasco. Eu já soube desenhar tambem; mas hoje... hoje nem sei como posso sustentar o leve fardo da pouca vida que me resta!... O mundo é como o theatro... D'istante a instante ha mutação de scena... Hontem a embriaguez d'alegria, a loucura da mocidade, as utopias de poeta... Hoje... as saudades do passado, o espectro da realidade a despedaçar-me o coração e sobre tudo os soffrimentos d'uma phytisica!... No espaço de um anno vi morrer meu pai e minha mãe. Deixaram-me dinheiro, muito dinheiro, mas que me importava o dinheiro, se eu tinha ficado orphão?... O dinheiro não compra conselhos de pãe, nem carinhos de mãe, nem amor d'uma mulher, nem a felicidade, nem a vida... Pedi a uma mulher o seu amor; julguei que os extremos da amante podiam alliviar as maguas da orphandade. Mas essa mulher... era fria como a estatua de marmore...»

Fez aqui uma leve pausa para descansar.

Vasco ouvia-o attentamente com os olhos arrasados de lagrimas; Guiomar estava livida, immovel, hirta como um cadaver. Telmo continuou:

—Depois... cahi no leito enfermo. Essa mulher teve compaixão ou remorsos e... veio-me fallar d'amor. Era já tarde. A flôr não podia reviver; o inverno tinha-lhe levado a seiva toda...»

Ouviu-se rodar uma carruagem na estrada.

—Perdoem-me estas expansões, sim? São tristes, porque eu já não sei fallar d'alegria... Agora peço-lhes uma coisa... não se esqueçam do pobre enfermo; façam como fizeram hoje... venham vêr-me...»

A carruagem tinha parado e esperava Vasco da Silveira e sua irmã para os conduzir á cidade. Despediram-se de Telmo quasi sem poder fallar; suffocavam-os as lagrimas. A carruagem desapareceu, ao largo, por entre os pinheiraes da estrada, como um relampago. Telmo, amparado por os seus dois criados, entrou n'aquelle flôrido casebre que os choupos e as larangeiras sombreavam, e que elle havia comprado a um pobre lavrador.

A noite tinha cabido.

II

Ao outro dia Telmo escrevia ao seu amigo Vasco da Silveira n'estes termos:

Meu Vasco,

Passei esta noite horrivelmente. Tinha o inferno no coração. A paciencia humana diminue, quando os soffrimentos recrescem.

.....E depois eu lembrava-me d'aquelles dias passados, em que era forte e vigoroso. Hoje sou apenas um esqueleto que se move arrastando a custo o cadaver moral.

Esta solidão em que vivo mata-me ainda mais depressa. As aves já não acodem á minha janella; cuido que lhes ponho medo. Vem ao menos tu. Comtigo heide esquecer os meus soffrimentos e as minhas magoas. Fico-te esperando; manda-me dizer o dia em que vens. Recommendações a tua irmã.

16 de junho.

TELMO.

Telmo, horas depois, recebia esta resposta do seu amigo Vasco:

Telmo,

Não posso aprazar dia para te ir vêr. Minha irmã está doente desde que d'ahi veio. Além d'isso estou concluindo um quadro, que hei-de dar prompto depois d'amanhã, e os instantes que posso roubar á officina, passo-os junto de Guiomar. Se depois d'amanhã ella estiver

melhor e eu tiver concluído o quadro serei contigo. Desculpa-me.

O teu amigo,

VASCO.

Tres dias passados, Telmo escrevia de novo ao seu amigo, e dizia assim:

Vasco,

Já me não posso levantar. Recresceram as dôres de peito e as golfadas de sangue augmentam d'istante a instante. Quero despedir-me do meu amigo; vem depressa.

19 de junho.

TELMO.

Ao outro dia, ao romper da manhã, Vasco da Silveira estava junto do leito do seu amigo. Não fôra também Guiomar porque estava ainda convalescente do insulto nervoso que soffrera.

Telmo dizia ao seu amigo:

—A tua companhia faz-me bem, meu amigo; sinto-me melhor, muito melhor. Abre-me essa janella. Quero vêr a natureza que explende lá fóra com todas as galas que a primavera lhe empresta. Lembro-me agora... de que hoje é o ultimo dia da primavera. Amanhã, as flôres hão de empallidecer e eu...»

Suffocara-o um fluxo de sangue; descansou um pouco e continuou depois:

—Eu talvez morra com a primavera e com as suas flôres. Depois essa mulher de pedra, que calcára o meu amôr aos pés, que vá pedir perdão ao cadaver do pobre Telmo. Elle será então insensível, como ella o fôra outr'ora... Não, não. E' justo que lhe perdõe. E' justo que perdõe a... a Guiomar.

—A Guiomar?!—Exclamou Vasco da Silveira.

—A Guiomar sim. Essa mulher foi que me perdeu...»

E inclinou a cabeça sobre o peito.

—Telmo! Telmo!—bradava com desespero Vasco.

Era de balde. Estava já morto
Novembro—1865.

ALBERTO PIMENTEL.

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 355)

O sr. Cunha sahio, e Clotilde encarregou Leopoldo de varrer e arranjar o jardim, ella subio para o seu quarto, dizendo pelo caminho:

—Não quero que elle me encontre no jardim, podia conhecer a anciedade com que o espero. Irei para a janella do meu quarto, que dista sobre a entrada, e d'alli o verei.

Apenas a menina tinha chegado ao seu aposento, um grito d'alegria se escapou do peito do velho Leopoldo.

Era Paulino que entrava no jardim, quando elle o acabava de arranjar. O velho abraçava o mancebo com a maior ternura, e elle correspondia-lhe com vivas mostras d'amisade.

Esta scena era presenciada por Clotilde. O primeiro movimento da moça foi correr ao encontro do filho do marquez, mas as pernas tremiam-lhe como delgados vimes, e o coração pulava-lhe dentro do peito, como o desgraçado que se debate contra os muros da sua prisão que tenta derrubar! elle queria vôar para Paulino, e a menina encerrava-o dentro do peito, e com mão convulsa, apertava-o contra elle. Era a luta do amor, e do dever.

Rosa subio a annunciar-lhe a chegada do mancebo.

—Eu vou já—respondeu a joven com voz alterada—Manda chamar meu tio.

A criada sahio, e Clotilde murmurou:

—Não posso!... Meu Deus, dai-me firmeza. Deixarei vir meu tio, e só então lhe apparecerei.

—Mas que ha-de pensar Paulino? tornou a moça depois d'um momento de reflexão—

d'antes era recebido como um irmão, e agora esta cerimonia ! Irei, sim; irei já.

Chegou á porta da sala de vizitas, e hesitou ainda, mas envergonhada da sua fraqueza, empurrou a porta, e entrou.

— Como está o senhor convalescente? — disse ella com voz alterada, offerecendo a mão ao filho do marquez.

— Perfeitamente restabelecido, minha senhora — respondeu o mancebo apertando-lhe a mão respeitosa.

Essa mão tremia, e Clotilde apressou-se a retirá-la.

Os olhos da menina estavam cravados no chão, e o seio arfava-lhe com força.

Paulino contemplava-a em silencio; silencio que durou entre ambos alguns momentos. Foi a moça quem o quebrou, dizendo:

— Que bella manhã trouxe, senhor Paulino.

— Eu tenho sempre anjos a pedirem por mim, minha senhora — respondeu o mancebo, sorrindo. Já as suas orações me roubaram do poder da morte, que estava prestes a ceifar-me d'entre os vivos.

— E não tinha pena de morrer, snr. Paulino?

— Se estivesse em uso de razão, teria muita, minha senhora; mas no estado em que estava não sentia nada, era indifferente a tudo!

Ambos tornaram a ficar calados; o que um e outro sentiam, não era possível narrá-lo. Se Clotilde levantasse os olhos, veria a ternura com que o mancebo a fitava, e já não duvidaria do seu amor; mas ella evitava com todo o cuidado que as suas vistas se encontrassem com as d'esse mancebo, a quem ella tanto amava, porque então os olhos diriam esse segredo que ella tanto queria occultar.

Deixemos pois permanecer os dois jovens no seu amoroso silencio, e nós vamos, ainda que fraco pintor, retratar o filho do marquez:

Era um moço de vinte e vinte e dois annos; de mediana estatura, mas de gigantesca intelligencia. Não era tão formoso como sua irmã, mas parecia-se bastante com ella; tinha tambem o cabello e olhos castanhos, e as suas vistas eram tão meigas como as d'ella. Os labios

delgados eram sombriados por um pequeno buço, que dava muito realce á pallidez do seu rosto. Dotado d'um genio arrebatado, qualquer rasão applicada com brandura o fazia conter, e convencer. Era generoso, sem ser predulario; compassivo, sem d'isso se vangloriar. Odiava o orgulho mal fundado, e respeitava a pobreza virtuosa.

Nas conversações serias, mostrava uma súsudez, conhecimentos tão profundos que não pareciam d'um moço de tão verdes annos! Junto dos seus companheiros era o mais alegre e folgazão.

— Ainda não tinha saudades dos nossos sitios? — procurou a menina, tentando atar o fio á conversa.

— Muitas, minha senhora. Era impossivel não as ter.

— Mas não quiz acompanhar o snr. marquez! — tornou a menina.

— Eu não me sentia em estado de fazer a jornada: mostrava mais forças do que tinha para socegar meu pai; e dei por pretexto para não vir, o querer fazer acto.

— E fel-o?

— Não, minha senhora,

O snr. Cunha entrou na sala.

— Como está nutrido! — dizia elle abraçando o mancebo, — a enfermidade não o abateu nada!

Clotilde mais socegada com a presença de seu tio, olhou então fixamente para Paulino, e fez a mesma observação que o seu tutor; o moço estava realmente muito nutrido.

Quando fazia este exame, seus olhos encontraram o olhar terno do joven, e tornou-se vermelha como uma cereja. Envergonhada por elle a surprehender: observando-o, saiu á pressa da sala.

O atmoço correu silencioso, só o snr. Cunha interrompeu aquella mudez com alguma banalidade. Finda que foi a refeição, Paulino despediu-se; e, Clotilde fiel ao que tinha prometido á sua amiga, não o instou para que ficasse mais tempo.

VI

O BAILE

A casa do marquez de Santa Eulalia é situada em um ponto de vista encantador! Sobranceira á casa está uma colina povoada de tantas arvores, que vista das janellas, parece uma só arvore gigantesca. No cimo d'esta colina, rebenta um arroio de limpida agua que vem serpentiando de cascata em cascata, até o valle, aonde está situada a casa. Ricos pomares de deliciosas fructas, se estendem n'um dos flancos da quinta: lindas casinhas feitas de murta, espalhadas aqui e além, convidam a descansar á sua sombra; immensos repuchos rebentam de todos os lados; e em um grande tanque saltam e mergulham peixes de variadas côres.

Uma comprida rua de loureiros, e tilias, aonde a furto penetra o sol, conduz da colina para o jardim que é vasto e variado, e põe remate á esta bella propriedade. A casa é só de dois andares: é um d'aquelles edificios antigos e tão solidamente construidos que o tempo ainda não pode gravar-lhe o seu sêllo de destruição. Tem magestozos salões que abrem muitas sacadas sobre o jardim.

No dia 14 de Julho, estavam elles primorosamente adornados. Vasos de porcelana da China contendo elegantes ramos guarnecem as mezas bem envernizadas, e de custoso lavor: grande quantidade de castiças antigos mas de muito valor, sustentando alvas velas de stearina, estão collocadas com ordem e gosto entre as flôres. Bambinellas da cassa da India, guarnecem as janellas e modificam o brilho do sol.

Era o dia 14 de julho, o destinado para festejar a feliz chegada de Paulino.

A sala do baile estava ricamente decorada: as paredes eram alvas de neve, e d'ellas se viam pendentes muitos retratos de familia com doiradas molduras. Bellos tremós e ricas cadeiras estufadas de velludo azul os rodeavam.

Paulino não sabia de nada, tinha ido, havia dois dias, pagar as visitas do Barão de Franco, e do Visconde de Fornos. Elle foi sem

o saber, o portador das cartas de convite para as duas familias: e n'essas cartas ia ordem de não lhe dizerem nada respeito ao baile.

Josefina, ajudada por Mauricia, sua velha aia, andava tratando dos preparativos da festa.

A menina tinha mandado pedir a Clotilde viesse logo pela manhã, e estava n'uma impaciencia, por que eram 4 horas da tarde, e ella sem chegar.

—Alguem entrou minha sar.^a, por que senti destroncar o portão — dizia Mauricia.

—Hade ser Clotilde — respondeu a filha do marquez, correndo para a porta.

—Não era a sua amiga quem acabava de chegar, mas sim Paulino.

—Ah! és tu? — dizia a menina abraçando-o — suppunha que era *alguem* — accrescentou a rir.

— Visto isso, minha irmã colloca-me nos *nove fóra* da taboada da gente?

— Não é tanto assim!... E que eu suppunha que era gente de mais cerimonia.

— É grosso o remendo, e não assenta bem, minha irmã — respondeu o mancebo beijando-a na testa.

— Tu não sabes que espero hoje Clotilde?

— Sim? mas é já bastante tarde, talvez mudasse de tenção.

— Olha, ella ahí está — disse Josefina correndo para a porta por onde entrava a sua amiga, e o snr. Cunha.

— Já suppunha que não vinhas — dizia-lhe a filha do marquez apertando-a nos braços.

— Nós queríamos vir de manhã — accrescentou o snr. Cunha, mas Clotilde esteve bastante encommoada.

— Não foi nada, mesmo nada — respondeu a menina — nem vale a pena fallar n'isso, meu tio. Onde está teu pai Josefina?

— No seu quarto, mas supponho que não tardará.

— Vem tirar o teu chapéu.

Apenas entraram no quarto de Josefina, procurou-lhe a sua amiga.

— Teu irmão ainda não sabe de nada?

— Não porque ainda agora chegou de fóra, e meu pai vai chamal-o para o seu quarto para

lá o enterter, não sabe sobre que pretexto. Nós vamos vestir-nos por que são horas, e os convidados não tardarão a chegar.

Quando as duas meninas pregavam os toucados, entrou Maurícia e disse-lhe:

— Já chegou o visconde de Fornos, e a família.

— Anda, Clotilde, vamos depressa, por que quero gozar da surpresa de Paulino.

O mancebo ajudado a descer d'um elegante carrinho as duas filhas do visconde de Fornos, quando as duas amigas chegaram a uma das janellas.

As filhas do visconde vinham envolvidas em grandes chailes, e como era já quasi noite não percebeu Paulino os ricos vestidos que ellas trajavam, no entanto, surpreendido, procurava ás duas meninas a causa d'uma visita tão inexperada!

— Pois ha tão poucas horas que nos vimos, e vossas excellencias não me fallaram n'esta visita! — dizia o mancebo. Aqui ha mysterio, acrescentava elle.

— Foram as saudades por vossa excellencia que aqui nos trouxeram, respondeu Eugenia, (filha mais velha do visconde).

— Não o acredito, minha senhora, ainda que isso era bem lisongeiro para mim, disse a rir o mancebo.

As duas meninas e Paulino subiram as escadas, e o moço não ficou menos admirado quando viu Clotilde, e sua irmã vestidas para baile.

Neste momento ouviu-se no pateo o rodar d'um carroção.

— E' o barão do Franco, disse Clotilde, chegando a uma janella.

— Cortem-me as orelhas, se entendo isto! repetiu Paulino, tornando a descer as escadas para ir comprimentar as novas damas que chegavam.

— Andai tirar os vossos chailes, antes que subam as outras nossas amigas, dizia Josefina ás filhas do visconde.

Quando o barão de Franco e sua familia entraram na sala de baile, já lá estava Josefina, e as suas tres amigas: a menina depois de abraçar as que chegavam, procurou a seu irmão, que no auge da surpresa olhava admirado para o salão brilhantemente illuminado.

— Já decifreste o enygma?
— Já, e não sei qual é maior, se a minha surpresa, ou meu reconhecimento á tua ternura, e as bondades de nosso pai.

O marquez entrou no salão precedido de

numerous amigos, e dando o braço ao visconde de Fornos.

Este era um homem de 50 annos, baixo e grosso; os olhos grandes e redondos, afastados um pouco do nariz, revirado, davam-lhe á primeira vista a apparencia d'uma ave de rapina! O rosto excessivamente corado e quasi sem barba, tinha uma expressão de maldade tão pronunciada, que fazia lembrar ao vèl-o, um condemnado ao patibulo. Tinha só duas filhas. Eram bellas e elegantes: d'indoles bem formadas, mas com pessima educação. Desde crianças haviam-lhe feito todas as vontades, e tinham por isso ridiculos caprichos. Eram vaidosas porque seu pai estava sempre a elogiar a sua formosura; orgulhosas, porque lhe fallavam de continuo das suas immensas riquezas. N'este baile, em que as apresentamos, estavam ellas ricamente vestidas. Ambas traziam vestidos de velludo còr de violeta, guarnecidos de custosas rendas; os brilhantes e perolas cobriam-lhe os bellos braços. Eugenia, trazia ao pescoço uma enfiada de coraes. Margarida, um rico collar de esmeraldas. Flores de perolas e coraes, enfeitavam seus louros cabellos.

O barão do Franco, mais velho do que o visconde, não tinha a má apparencia d'este, mas era uma cara antipathica, e um ente nullo para a sociedade. Tinha tres filhas, e um filho, pouco mais sympathico do que o pai, e insupportavel por sua presumpção, e parvoice. Suas irmãs eram bellas, grosseiras, e escarnecedoras: vestiam com luxo, mas sem gosto. A baroneza, senhora já idosa, de genio indolente, e espirito vulgar, não fazia mais que admirar as picantes graças de suas filhas.

Às nove horas estavam reunidas todos os convidados e o baile começou. O marquez, o barão, o visconde, e outras pessoas que não dançavam, jogavam em uma sala contigua á do baile.

No fim da primeira contradança, Clotilde foi assentar-se n'uma cadeira que estava collocada no vão d'uma sacada. Pela janella aberta mirava distraida o firmamento, e parecia indifferente ao que se passava no salão.

(Continua).

O OUTONO

As auroras radiantes,
Que se ostentavam brilhantes
No limpido frugal estio,
Deposeram já os encantos,
E acabaram os cantos
Das aves e o brandocicio.

Lindas as folhas verdejantes,
E as flores perfumantes,
Não tem o adorno festival;
A parreira é já sem uvas,
Seguem-se também as chuvas,
E o açoute do vendaval.

A andorinha chilreadeira,
Faltando-lh'a estação fagueira,
Foge também magoada;
Vae lá a iongingua terra,
Fugir d'esta dura guerra,
Pelo frio declarada.

O cuidadoso lavrador,
Dando mil graças ao Senhor.
Bem diz o rigor da estação;
E assentado á lareira
Rindo, diz que a sementeira,
E' boa e ha-de dar pão.

E o vento lá vae soprando,
Vae as arvores fustigando,
Dando silvos d'horrorisar:
E do estio os encantos
Trocaram-se em negros mantos,
Que tudo d'agua hão-de inundar.

Lindas as folhas verdejantes,
E as flôres perfumantes,
Não tem o adorno festival;
A parreira é já sem uvas,
Seguem-se também as chuvas,
E o açoute do vendaval.

J. J. DE SOUZA CAVALHEIRO

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos illustres assignantes, que com o numero 48 termina o primeiro volume d'este semanario; depois de concluido, entraremos na ardua tarefa do segundo; e, procuraremos empregar todos os exforços para que continue a ter o mesmo acolhimento que até hoje tem tido, e para o qual já temos em nosso poder para mimosear os nossos leitores e leitoras, os seguintes romances originaes: — **O Commendador da Malta** (romance historico)—**O noivado mal succedido** — **A freira, e a entrada de quatro senhoras, no convento de Santa Clara**, além d'estes romances temos também uma variada collecção de poesias, de diferentes auctores já bem conhecidos na republica das letras.

Os preços da assignatura é o mesmo.

Para o Porto, por anno, 1\$200—semestre 600 reis—trimestre 300 reis—mez 120 reis.—Para a provincia acrecece o importe das estampilhas; e além d'isso só se considera assignante o que mandar saptisfazer em *vales* do correio o importe da sua assignatura adiantada, ao editor, Typographia de Pereira & Filho, Praça de Santa Theresa, n.º 63—Porto.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MARIA ISABEL

ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA

Este excellente romance vai brevemente entrar no prelo, sendo impresso em typo novo e excellente papel; está calculado que terá approximadamente 300 paginas de leitura.

PREÇO

Para o Porto, 300 reis, provincia 350 reis adiantados.)

Recebem-se desde já assignaturas na Praça de Santa Theresa n.º 63—na Livraria Franca e Nacional, rua do Laranjal, e na rua do Almada em casa do snr. Jacintho Pinto da Silva e Novaes Juniôr.

CARTAS DE LISBOA

—

II

Correu escassa de novidades a semana passada. Não tendo, pois, assumpto para proseguir a minha série de cartas, resolvi dormir ao som não sei se tumultuoso d'uma contenda litteraria encetada com arrôjo em Coimbra e sustentada com pouca felicidade em Lisboa.

Dcrmi; é verdade, porque tão pouco bem me pareceu o ataque do snr. Queatal, como caricata e nada satyrica, a resposta do snr. Rousado.

Disseram-me, e talvez acertadamente, que ambos estavam em mau terreno: um mostrava a independencia e as idéas nobres do seu genio, outro sacrificava á amizade, ou á consideração, ou ao respeito, ou á sympathia, meia duzia de puerilidades que nem a proposito vinham, e seguia as idéas..... da época!

Quem ganhou? Quem venceu?

E' o que justamente não sei, porque ainda que ao acordar quizesse dar o meu voto sobre uma tão melindrosa e monotona questão, a novidade d'outros assumptos, me leva a não envolver-me n'ella.

E ainda bem que a empresa de S. Carlos se lembrou apresentar uma opera nova, em occasião tão critica... ao menos para mim.

Não se falla já senão no *Fausto*. Os folhetinistas, noticiaristas e todos os litteratos da capital, acharam finalmente objecto para prolongadas *causeries* nos jornaes, nos cafés, em toda a parte.

E' cousa notavel. Em aqui se erguendo uma voz para depreciar o quer que seja, é logo propalada *urbi et orbi*, mas em compensação quando se intenta fazer um elogio de qualquer pessoa ou cousa, não tarda que todos applaudam a lembrança, e que a vão *aperfeiçoando* até á exaggeração!

D'esta vez, porém, não houve completa desigualdade.

Fausto agradou, não ha duvida, e agra-

dando ao publico imparcial e desapaixonado, não é cousa de espantar que enthusiasmasse aos modernos criticos e dedicados amigos da empresa de S. Carlos.

A opera foi posta em scena com todo o esplendor. Bambois e Cinatti, esmeraram-se nos seus trabalhos scenographicos, a empresa conseguiu que os coros não desafinassem; e, confiando o desempenho da magnifica partitura de Gounod aos melhores cantores da companhia, acaba de ver com satisfação que o resultado dos seus esforços foi bem recebido pelo respeitavel publico, que só se queixa quando é estrema-mente ludibriado.

A musica do *Fausto* agrada a todos. Ora se ouve a canção satanica e pavorosa de Mephistopheles, ora se escuta e admira o canto apaixonado e mavioso de Margarida, d'essa Margarida cheia dos attractivos de belleza e dos enlevos do amor que nos descreve o poeta allemão!

O *Fausto* que hoje vemos em scena, é tirado do livro de Goethe, que inspirou sufficientemente Gounod para immortalisar uma obra já por si tão notavel com a composição de uma opera em que ha tantas bellezas musicas, em que a musica tanto falla ao coração.

O desempenho do *Fausto*, foi entregue ás senhoras: Volpini, Corsi e Bonnias, e aos senhores: Mongini, Squarcia e Junca; e, justiça é dizel-o, todos tiveram jus aos applausos do publico.

Volpini, mostrou-se a cantora inspirada, cheia de ternura e de meiguice: foi uma seductora Margarida, como continua ser uma sympathica Martha, e uma eneantadora Traviata!

O terceiro acto da opera é lindissimo. Quando Margarida se vê rodeada de diamantes, chegando a fazer gala de si mesma, quando, em presença das vaidades d'este mundo, attende só ao bem que lhe ficam as joias com que Fausto a brinda, não é possivel exprimir melhor do que Volpini, esses sentimentos de alvoroço intimo, que o poeta tão elegantemente traçou, e que o inspirado compositor, tambem comprehendeu e passou á musica!

Tivemos uma estreia com a apparição do *Fausto*.

Fez o papel de Siebel, a snr.^a Bonnias, uma joven sympathica, que pena é não possuir voz para cantar tão importante parte da opera de Gounod...

Mongini, foi um surprehendente Fausto, um mancebo cheio de vigor e de attractivos. Alcançou mais um triumpho com o excellentes desempenho d'este seu difficil papel.

Squarcia e Junca, conservaram-se á altura das suas importantes partes, merecendo os applausos publicos.

Junca, foi um perfeito Mephistopheles, sendo admiravel na canção — *Dio Del oro* — que é quasi sempre repetida ao som de inumerosas palmas.

Emfim, o Fausto, apesar de se ter confiado o papel de Siebel a uma inexperiente menina, que é na verdade um seductor pagem, mas não se póde considerar cantora de merecimento, teve um desempenho magnifico, e prometterão boas recitas ao theatro lyrico, aonde actualmente succedem as enchentes com as representações da linda partitura de Gounod.

De mais a mais, a opera está posta em scena com todo o apparatus, sendo de lindo effeito as scenas pintadas pelos senhores Rambois e Linnatti.

O theatro normal deu-nos a traducção de um excellentes drama de Octave Feuillet, *La Belle au Bois Dormant*, e que está em scena com o titulo — *Nobres e Plebeus*.

O drama está bem traduzido, e é excellentemente desempenhado por parte de Emilia Adelaide, Manuela Rey, Tasso, Rosa Junior e Theodorico.

Seria trabalho longo dar aqui uma descripção minuciosa do drama de Octave Feuillet, que, com todos os d'este author, tem um pensamento importante, que é desenvolvido com toda a perfeição e elegancia.

Limitar-me-hei, pois, a dizer que na peça que actualmente está em scena no theatro de D. Maria, se aprende a reconhecer como mais nobre aquelle que tem mais merecimento, como mais prestavel aquelle que melhor usa da

sua posição de fortuna, assim como se vê alli entrelaçada a nobresa do sangue com a nobresa do trabalho e dos esforços proprios, a qual está em perfeita harmonia com as idéas avançadas da época actual, em que não se admittem distincções odiosas de classes, em que de pouco valem os pergaminhos nobiliarios se elles são acompanhados do merito proprio. Emilia Adelaide, em beneficio de quem se apresentou este drama na primeira noite de representação, comprehendeu muito bem o papel, e é inexcedivel quando passa do choro ao riso, para disfarçar ao irmão as magoas que a cercavam.

Ha duas vistas novas no drama *Nobres e Plebeus*: a do 4.^o e 7.^o quadros. Ambas são de lindo effeito, e devidas aos pinceis dos habéis scenographos Rambois e Cinnatti.

Fica-me muita coisa que dizer d'este magnifico drama, assim como não disse tudo quanto desejava do *Fausto*; mas, que querem as leitoras, se o espaço é pouco e os assumptos são vastos?!

No Circo Alphonso, apresenta-se n'esta occasião um grupo mancebo á frente de cinco leões, que tem domado a ponto de viver... quasi em communiidade com elles!

Por causa de uma grosseria de uma artista de *merecimento duvidoso*, deram-se algumas scenas no Circo, que seria melhor ter evitado.

No fim de tudo as tremendas pateadas que soffreu a snr.^a Massota, devem tel-a desenganado de que sabem caras as grosserias.

As gymnastas de que eu fallei na antecedente carta, fazem maravilhas. São excellentes artistas mas já se vae tornando monotono, por muito visto o seu trabalho.

E ficarei hoje por aqui, esperando que outras novidades me deem assumpto para tornar a despertar a curiosidade das minhas estimaveis leitoras.

Lisboa, 12 de dezembro
de 1863.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

NO BAILE

E...

Oh! magica visão d'enlevos e d'encantos,
Acolhe, por que é tua, a timida canção
Que solta a minha lyra, e faz do coração
O sacrario que feche a todos os meus cantos...

I

Encontram-se da valsa
Nas vagas ondulantes
Os seios palpitantes
Em extasis d'amor...
E a vertigem das almas
Se espelha e mostra logo
Nas faces côr de fogo,
Dos olhos no ardor.

Crystallinos espelhos
De ricas molduragens
Retratam as imagens
Dos parceiros gentis.
Este enlevo do baile,
Que a todos endoidece,
Mais augmenta, mais cresce,
Que o rosto mesmo o diz...

E a continua vertigem,
Que a todos inflamma,
Nas almas se derrama,
Em todos é igual.
De luz raios brilhantes
Vão oscular de leve
Os braços côr de neve,
Os seios de crystal...

O fogo da dança
Em todos recresce!
A sala explendesce
Com luz e crystaest!..

E labios que riem,
A todos instantes,
Talvez pouco antes
Soltassem mil ais...

Tudo estremece!
Tudo delira!
A valsa gyra
Pelo salão!
Seios palpitam!
Almas se clamam!
Os olhos fallam
Os labios não!..

II

Doido, porque o embriaga
O fogo que não se apaga,
O fogo que não tem fim,
Arthur na valsa ondulante
Unindo o seio ao d'amante,
Diz assim:

«Eu deliro
«Se te vejo...
«Só desejo
«Teu amor.
«Da-me vida,
«Da-me esp'rança,
«E bonança,
«Minha flor...»

E unidos, abraçados,
Voavam pelo salão.
Peitos assim inflamados
D'este mundo já não são!...

«Oh! Cre-me...
«—Não minto—
«Eu sinto
«Tambem
«Enlevos

«Suaves...
«Tu sabes
«E... bem...»

Dizia-lhe a amante
Na valsa ondulante.

E unidos, abraçados
Voavam pelo salão.
Peitos assim inflammados
D'este mundo já não são.

III

Tudo estremece!
Tudo delira!
A valsa gyra
Pelo salão,
Que brilha, esplende
Com seus matizes!
Mas oh! felizes...
Só os dois são.

E unidos, abraçados
Voavam pelo salão.
Peitos assim inflammados
D'este mundo já não são.

9 de dezembro—1865.

ALBERTO PIMENTEL.

A' SENTIDA MORTE DE MINHA MÃE

Adeus, esp'ranças vãs! adeus, ventura!
Esta vida que odeio, ó sorte dura,
Quando ha de terminar?!

Ah! como foi ditosa a mocidade
Que, entre brincos, nos braços da amizade
Ligeira vi passar!

Outr'ora, se uma dôr me atormentava,
Minha pallida frente repousava
No seio d'uma mãe...
Mas hoje... nem me resta esse consolo...
Viu os anjos no ceu, e alçando o collo,
Sumiu-se lá tambem!...

Meu Deus! que desditosa vida a minha!
Como no bosque a timida avezinha,
Que, ao vêr o caçador,
Espavorida foge, e vai com medo
Occultar-se entre as folhas do arvoredô,
Gelada de pavor;

Assim tambem ao meio da floresta,
Aonde entôa um cantico de festa
O terno rouxinol,
Eu vou buscar um remançoso abrigo;
E meditando alli a sós commigo
Nem pôde ver-me o sol.

Não pode ver-me, não, porque a folhagem
Levemente agitada pela aragem,
Forma á volta de mim
Uma abobada espessa de verdura.
E casa alli seu canto a brisa pura
Aos sons do bandolim.

Sem receio de vistas curiosas
Entre florinhas simples, mas formozas,
Eu sinto rebentar
Dentro em minh'alma o fogo da poesia!
Sacro fogo que a mente me inebria,
E começo a cantar.

O meu canto, porém, é sempre triste,
Porque uma voz me diz:—Já não existe
A tua santa Mãe!...

Ai! chora, chora, ó filho infortunado!
Se o teu pranto do mundo é desprezado
Vota ao mundo desdem!

AUGUSTO QUEIROZ.

ACROSTICO

NO ALBUM DA MINHA PRESADA AMIGA D. LUIZA F.
A. DE M.

Luz formosa scintila em teus olhos,
Em fulgôr que as estrellas só teem!
Nda mesmo a nevada cecem
Nêlos mostra da sua pureza.
Virtude revelam tão meigas!
Fazem, virgem, lembrar cá na terra,
S delicias que o ceu só encerra.
Mostram bem de tu'alma a belleza.

EPHIGENIA DO CARVALHAL.

CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 353)

Em frente d'ella estavam as duas filhas do visconde, e uma das do barão; olhavam para Clotilde e fallavam baixo.

—Ó Antoninha, olha que ár aquelle tão enjoado, dizia Eugenia á filha do barão.

—Que fará ella assim a olhar para os astros?

—Ella quer passar por muito sabia; diz que aprecia mais ler uma obra d'instrucção, do que vir a um baile?

—Forte asneira!...

—E eu acho que faz bem, dizia Margarida, porque da maneira que se veste, é melhor não appareer. Não vos parece?

—De certo. Vêde que pobretona! aquelle vestido de *vareja* branca, não o trazia eu em minha casa a todos os dias.

—E que malfeito que está!

—É ella quem os faz, provavelmente para não pagar às modistas.

—E aquelle enfeite que desairoso!

—Tambem seria ella quem o fez?

—Com certeza ella faz todos os seus atavios.

—Com aquelle ar de *beata*, o que lhe quadrava melhor era ser freira.

—Eu tenho-lhe mesmo odio, dizia Eugenia.

—Pois fazes mal, menina, porque uma pessoa tão insignificante, só merece desprezo.

—Reparasteis como ella dançava mal?

—Reparamos, responderam as duas meninas, parecia mesmo um automato que a musica fazia mover!

—Aquella só sabe dançar a *chula*, com as laponias como ella.

—O que eu não sei, acrescentava Antonia, é como Josefina faz tanto caso d'ella!

—É o que tambem admiro. E não vos parece que faz mais caso d'ella do que de nós?

—Já notei isso mesmo, dizia Margarida.

—Tambem só se ella lhe der importancia.

—Ahi vem Paulino; chama-o, Antoninha, dizia Eugenio requebrando-se em ridiculos me-neios

O mancebo passou perto das meninas, e a filha do barão, dirigiu-lhe um engraçado sorriso.

Paulino veio assentar-se ao pé d'ella.

—Aquella senhora que está assentada no vão d'aquella sacada, é muda? procurava o mancebo Eugenia.

—Ainda a não ouvi fallar, acrescentou Antonia.

—Pensa mais de que falla, respondeu o moço.

Acho que fazia melhor ter pensado em

caza, para aqui dizer alguma coisa, tornou a dizer Eugenia.

—Ella conversa e muito bem, disse o mancebo, é porque vossa excellencia não esteve ainda ao pé d'ella.

—Nem estarei, por que me faria dar o somno.

Paulino quiz mudar de conversação, e disse Margarida:

—Quanto sentimos que a senhora viscondessa não viesse á nossa festa.

—Ella também tinha o maior prazer em vir, mas uma forte enxaquêca lhe vedou esse gosto.

O mancebo fez mais alguns cumprimentos a diversas damas, e depois foi assentar-se junto de Clotilde.

—Em que pensa minha senhora? procurou elle á menina.

—No socego do tumulto, respondeu a joven, e comparava o contraste que fórma com o bolicio d'um baile.

—Que ideias tão melancolicas vossa excellencia alimenta.

—Para mim são doces estas reflexões. Agora, quando chegou, senhor Paulino, estava eu pensando em minha mãe: as minhas ideias voaram para a região da saudade, depois desceram ao tumulto de minha mãe. Como são bons estes desenganos! como elles abatem o orgulho, e a vaidade; e elevam o espirito para Deus! N'esse tumulto em que a minha imaginação penetrou, não vi mais do que um pouco de pó!... já nada restava d'essas grandezas, d'essa formosura que a sociedade tanto aprecia!! Deixei o tumulto, onde só mora o socego e o esquecimento, e segui a indicação do cypreste que está junto d'alli. Aquella arvore alimentada d'essa materia objecta que forma o nosso corpo, eleva seus ponteagudos ramos para o ceu: mostra-nos

primeiro, a mortalidade; depois guia nossos pensamentos para a eternidade. Faz nos ver a morte do corpo, depois aponta-nos para a vida do espirito.

Quem estudar bem os mysterios das cam-pas, não pôde deixar de olhar com indifferença para estes frivolos prazeres em que tanta gente se embriaga, e que eu encaro com desprezo.

Vossa exce'llencia pensa muito bem, minha senhora, mas permitta-me que lhe diga que ainda ha prazeres sem serem frivolos.

Concordo mas esses prazeres sente-os a alma, e não o corpo.

—E que vos parece? vêde como elle a defende! dizia Eugenia ás outras duas meninas, apenas o mancebo se affastou d'ellas.

—Tão tolo é elle, como ella, respondeu antonia.

—Se quereis ver que se vai assentar ao pé d'ella e arranjar conversação para nos mostrar que ella não é muda.

—Olhem, lá está já assentado e a conversar.

—Eu desejava saber em que ella sabe fallar.

—E continuou a conversar! Ai! meu Deus, que enjôo aquelle!

—Eu vou pedir a Josefina que mande tocar alguma cousa, para ver se lhe ponho termo, dizia Eugenia, dirigindo-se á menina da casa.

Esta conversava com a baroneza, que estava á sua direita e com um joven doutor que estava á sua esquerda, intimo amigo de Paulino, estimado do marquez, e adorado por sua filha.

O marquez via com gosto a eleição de Josefina, e estimava o mancebo como se fora já seu filho.

Augusto de Mendonça (que assim se cha-

mava o doutor), era filho unico de uma illustre familia, e possuia uma boa fortuna. Sua mãe parenta do marquez de Santa Eulalia, havia já pedido para elle a mão de Jozetina. O nobre marquez annuiu á supplica, não só porque conhecia as bellas qualidades do mancebo, mas também porque era sabedor da inclinação que os jovens primos sentiam um pelo outro.

O casamento estava para muito breve.

Eugenia chegou ao pé da filha do marquez; Augusto, cedeu-lhe o lugar.

—O' Josefininha, manda tocar outra contradança.

—Pois sim, eu o mando dizer a Paulino.

Mendonça conversava perto com uma senhora, a prima chamou-o.

—O primo faz-me o favor de chamar meu mano?

Augusto inclinou-se, e dirigiu-se para o sitio aonde conversavam Paulino e Clotilde. O mancebo foi aonde sua irmã, e Mendonça tomou o seu lugar.

—Come acha o baile, senhor Augusto, perguntou Clotilde.

Animadissimo, minha senhora; ha muito tempo que não vi tanta beldade junta!

—Que lhe parecem as filhas do visconde, e do barão?

—Formozas, mas pouco delicadas: a baroneza é insoffrivel falladora! Tenho tido pena da prima Jozetina, que tem sido martyr esta noite.

Paulino chegou ao pé das dois jovens, e procurou a Mendonça se já tinha pâr para a contradança que a musica já annunciava.

—Já respondeu Augusto, terei a honra de dançar com tua irmã.

—Esse é outro caso, acrescentou Paulino suppuz que me tinhas antecipado, e que havias convidado a senhora Clotilde, que não estando compromettida, terá a bondade de dançar commigo?

—Sim senhor, respondeu a menina corando.

—A musica fez pôr tudo em movimento durante a contradança, as filhas do visconde,

e a do barão, trocavam entre si olhares maliciosos, quando Clotilde dançava.

—Vamos ver estes queridos louquinhos, dizia o marquez levantando-se da meza do jogo e dirigindo-se para o salão do baile. — Que lhe parecem estas crianças, baroneza?

—Com mau gosto, porque appetece pouco dançar com um calor tão grande.

—E n'esta sala está insupportavel, acrescentou o marquez, no fim da contradança vou propor um passeio ao jardim.

—Boa ideia, marquez, por que a noite está lindissima.

—Meus cavalheiros, deiem os braços aos seus pares, e sigam o meu exemplo. O marquez seguiu a acção ás palavras offerecendo o braço á baroneza, e descendo com ella para o jardim.

Todos acceitaram com alegria esta ordem. O jardim estava encantador. Muitas luzes de variadas cores, suspensas das arvores o alumiam.

Mendonça e Josefina conversavam alegremente: atraz d'elles iam Paulino e Clotilde, ambos calados. A menina contemplava o firmamento recamado de estrellas, aonde a lua brilhava com o seu prateado clarão.

—Que bellissima noite, disse o mancebo, seguindo o pensamento da joven.

—De certo, respondeu ella; é uma d'essas noites que Deus nos manda para sentirmos a saudade. Eu n'estas noites assim siuto no coração um prazer melancolico.

—Pois eu encaro uma bella noite d'outra maneira, minha senhora, respondeu o mancebo. O firmamento antolha-se-me um immenso livro aonde Deus escreveu os nossos destinos com brillhantes letras.

—Se nos fosse dado o poder ler n'esse livro!

—Pode sim minha senhora: eu tenho lido muitas vezes o meu.

—E tem ficado satisfeito?

—O mais possivel, minha senhora, porque a minha estrella promete-me muita felicidade.

—Como deve viver satisfeito com essa certeza! Se eu pudesse, ou soubesse também consultar a minha estrella.

(Continua).

VOZES DO CORAÇÃO

Eu tive um filho só, nasceu formoso,
 Era as minhas delicias, meu thesouro,
 Ufana eu o estreitava entre meus braços,
 Com orgulho ás amigas o mostrava,
 Não o trocava a um reino, ao mundo inteiro!
 Da terra nada mais ambicionava!
 Apenas tinha um anno e o doce nome
 De mãe balbuciar, ébria de goso
 Então lhe ouvi, ficando indemnizada
 Das fadigas que á mãe um filho custa
 E qual lindo botão desabrochando,
 Cada vez mais gentil o vi crescendo,
 Divisando-lhe fino entendimento;
 Mas ah! Mãe desditosa que tormentos
 A sorte mais cruel te preparava!...
 Que nuvem carregada a tua estrella
 Veio eclipsar! N'um pèlago de trevas
 P'ra sempre tuas ditas sepultando!...
 Que terrível martyrio o cruel fado
 Nas horridas cavernas te ideava...
 Um dia era de Julho, fatal dia!
 E mal que despontava a aurora alegre,
 Levantei-me deixando o tenro infante
 Que junto a mim dormia, repousando
 E no mister caseiro alguns instantes
 Eu empreguei aos servos dando as ordens
 E após, junto ao leito de meu filho
 Cuidadosa volvi p'ra meus carinhos
 Prestar-lhe ao despertar, vel-o sorrir-me;
 Porém, qual foi meu spanto, o meu martyrio
 Ao ver-lhe enfermidade estranha, horrível!
 E todo em contraçõ s o debil corpo,
 Já perdendo os sentidos, semi-morto!
 Dos olhos vi sumir-se-lhe a retina
 E a formosa boquinha a um lado posta!
 Ora tomava a côr d'um moribundo
 Outras vezes da rosa purpurina;
 Da frente lhe manavam vastas gottas
 D'abundante suor frio, nocivo
 Horas nove lhe dura o ataque infausto,
 Sem que da medicina os vãs recursos
 Lhe podessem conter os soffrimentos!
 E d'angustias cercada, eu delirante,
 Loucas phrases soltei que o ceu irado
 Por ellas me puniu; pois que prostrada,

Do filho meu a vida lhe pedia,
 Que m'o restituísse mesmo a custo
 De tormentos infindos, dôr, martyrios,
 De noutes mal dormidas, de fadigas
 Incessantes, com tanto elle vivesse;
 E Deus que mais um anjo ambicionava
 A vida lhe deixou p'ra meu castigo!...
 Porque aos decretos seus,ousei oppôr-me!
 Elle vive; ai de mim! Mas em que estado!
 Jamais deixou o miserando infante
 De ser por tal molestia perseguido,
 Enfermidade horrível, incuravel,
 Ataques produzindo, uns, após outros
 Que s'augmentou quando um lustro contava.
 Do lado esquerdo, leso, eis elle fica
 E pouco a pouco o tino foi perdendo
 E de toda a memoria, logo a falla!
 P'ra sempre emmudeceu! e o som suave
 Da sua voz jamais ouvir-lhe pude!
 Então da infeliz mãe perdendo a idéa,
 Não mais a conheceu! Nem lhe sorriram
 Seus labios nunca mais!.. E em vez d'afagos
 Reppelle a mal fadada e a martyrisa!..
 Diversas são agora as preces minhas,
 Que me não sobreviva, a Deus só rogo;
 Porém, Deus não me attende!..e eu soffro..soffro!..
 E junto d'elle vou passando triste,
 De meus annos a flôr vejo murchar-se,
 Sem ventura extinguir-se o sol da vida!..

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MARIA ISABEL

ROMANCE ORIGINAL POR MARIA PEREGRINA DE SOUSA

Este excellente romance vai brevemente entrar no prelo, sendo impresso em typo novo e excelente papel: está calculado que terá approximadamente 300 paginas de leitura.

PREÇO

Para o Porto, 300 reis, provincia 350 reis adiantados.)

Recebem-se desde já assignaturas na Praça de Santa Theresa n.º 63—na Livraria Françoza e Nacional, rua do Laranjal, e na rua do Almada em casa do snr. Jacintho Pinto da Silva e Novaes Junior.

PORTO: 1865—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º
 Praça de Santa Thereza, n.º 63.

A TOUREIRA

(ROMANCE ORIGINAL DE F. M. DE SOUSA VITERBO)

VI

(Conclusão de pag. 268)

Era pelas duas horas da tarde d'um calmoso dia de verão. Dir-se-hia que o ceu transparente da Galileia se mudára para os cerros e alcantis, que fecham o horisonte natural de Sevilha. As arvores ressequidas pela calma intensissima, curvavam-se tristes e silenciosas, como a estorcerem-se n'um desespero atroz. As cascatas e as fontes gôtejavam d'hora em hora sem produzirem murmúrio que se ouvisse a alguns passos de distancia. O Guadalquivir deixava secca a areia de suas margens, e pobresinho d'aguas fugia envergonhado por sobre a lisa face d'uns seixos, que atravez da sua corrente diaphana se estavam descobrindo. Podres de maduros despejavam-se os pômos das laranjeiras, juntamente com as folhas seccas, que, sem bafejo de brisas, de per si cahiam sobre um relvado tão pallido como ellas. As rozas appareciam mortas em botão, e se os lyrios tinham tido a ousadia de estenderem os seus calices, era para receberem n'elles o baptismo de fogo, que os reduzia a cinza sem esperança de renascença. As borbôletas estonteadas davam beijos de morte no solo abrasador, a quem rociavam com o seu pó d'ouro, porque nem nos mais reconditos canteiros, nem nos mais selvaticos e embrenhados arvoredos encontravam uma violeta modesta, ou margarida singela, a cuja sombra se podessem acoutar.

Em contrario, porém, a este espectáculo de grandiosa immobilidade, os habitantes de Sevilha percorriam as praças e ruas da sua cidade, como um enxame d'abelhas, quando a guerra intestina o põe em completa desordem. A somnolencia da natureza não se estendia a elles como de costume. Accesos os espiritos em não sei que louca vertigem, viam-se mulheres e crianças, mancebos e anciões, dominados todos do mesmo delirio, agitados todos da mesma febre. Parece que a deusa da loucura havia

alli derramado a sua taça vertiginosa, e que ninguem deixára de molhar os labios no liquido attraente, mas que em breve, produziria os seus terriveis effectos.

Todos se acotelavam, todos se resolviam, sem haver um só que ficasse mais tardio a limpar ás mangas da jaqueta as bagas do suor da fronte.

Onde ides vós, multidão estouvada, que nem lançaes um olhar passageiro para o sumptuoso Alcacer, o antigo palacio dos reis mouros, onde vivem de certo, em encantamento tantos thesouros, e tantas princezas?... para a Giralda que se eleva a cima de todos os vossos edificios?... para a soberba cathedral de cinco naves?... para o rendado portal do palacio de S. Telmo?... Para os touros! gritam todas as boccas. Para os touros! é o murmúrio geral que paira em roda d'aquellas multidões enthusiasmadas.

A Hespanha é o paiz classico das touradas. Herdeira do valor romano dos primeiros tempos, quiz ser a continuadora dos espectaculos sanguinolentos, que a Roma prostituta offerecia aos olhos esfaimados das hostes estrangeiras, que lhe haviam de roer as entranhas. A Europa civilisada tapa os olhos para não presenciarem estas scenas, mas é bem que concedamos um pouco de benevolencia e de justiça em favor da Hespanha na comparação das suas luctas tanromachicas com as do Circo dos Neros e Caligulas. Se corre sangue, não é o das victimas innocentes e sem meios de defesa. Ha um combate justo, em que o homem com a sua destresa vence a força bruta d'um dos mais valentes animaes. Se não tem o character grandioso, moralisador até, das justas gregas, havemos de confessar que rivalisa na heroicidade, e que é tão digno, em muitas circumstancias, da tuba epica, como os jogos olympicos, onde a lyra de Pindaro, recebia tantas vezes a corôa de louro, como premio devido a seus arrebatadores cantos.

Chiquita, era a espada, era o matador da tourada, que se ia celebrar n'aquella tarde. O povo de Sevilha queria, por mais uma vez, presenciar o espectáculo novo d'uma mulher,

que excedia em sortes atrevidas os mais valentes matadores, que a fama apregoava como mais celebres, taes eram os Cuchares, os Romeres, os Pepe-Hillos.

Nem só para a volupia, para a fascinação amorosa, para o enlevo das almas creou Deus estas mulheres seismadoras e atrevidas que desejam com ardencia revelar, que n'este torrão flôrido e occidental da Europa ha emulias das filhas valorosas do deserto, que a lenda guerreira de Antar symbolisa, e cujo sangue lhes corre nas veias.

Era, pois, justo o empenho que os sevilhanos mostravam em quererem assistirem á victoria da audacia d'uma mulher, na idade em que muitas, envolvidas na mantilha dos affagos maternas, ignoram o que seja o mais pequeno trabalho, e para quem uma agulha tem o peso d'uma tranca.

O circo de Sevilla não se destingue por outra cousa mais que pela sua vastidão, apesar de estar por concluir. Pois todos os seus degraus, os seus balcões, as suas galerias, estavam atulhadas de gente. Não havia escolha de logares. Estava-se tambem á sombra como ao sol. O que se queria era ser espectador, fosse por que modo fosse, de pé ou assentado. Era indiscriptivel o panorama, que apresentava toda aquella multidão, que assobiava, cantava, gritava, gesticulava disformemente, batia palmas, e atirava com os chapéus ao ar. As mulheres principalmente mostravam-se inquietas, dando mil voltas ao leque, com o mais apreciavel salero. A variedade dos trajés e das côres, os diversos e variados costumes, que cada um representava formavam um painel tão phantastico, que mal se pôde conceber.

Por instantes aquelle murmurio ruidoso, que tumultuava sobre todas as cabeças, se acalmou, e um cicio prolongado, como a pedir silencio se estendeu por todas as partes. A corporação municipal tinha entrado no seu camarote reservado. O Aguazil deu o costumado signal, e a tourada ia principiar.

De repente appareceu na praça um formosissimo cavalleiro, montado garbosamente, n'um fogoso cavallo todo preto com uma estrella branca

na testa. Chiquita vinha elegantissimamente disfarçada. Era como o filho varão dos nossos rimances populares que só se deixava trahir pelos olhos.

Um phrenetico viva, sahindo espontaneamente da boca de todos, a recebeu. Chiquita agradeceu com um leve inclinar de cabeça aquella saudação, um foi postar-se immediatamente defronte do camarote do Ayuntamiento, onde, depois de feitas as ce.e.nonias do estylo, se poz á espera do Touro.

Como ella então era bella! Aquelle typo olhado d'uma só vez bastaria a inspirar para sempre a palheta de Raphael, ou o escopro de Praxiteles. Trazia vestida uma jaqueta de setim azul com alamares de ouro. Por sobre ella assentava uma larguissima gola da mais fina renda. A jaqueta abotoada em cima abria-se um pouco em baixo para mostrar os bordados folhos da camisa. Umás calças de veludo rouxo com trancinha d'ouro pelas costuras lhe desciam muito pouco abaixo dos joelhos. As pernas estavam nuas. Antes assim. Não era por falta de pudôr. Era gosto artistico. Era phantasia de mulher, que estima o bello das fórmas talvez mais que a formosura do ideal. Os toureiros sabem revestirem-se de longas polainas de rija pelle, para não soffrerem damno, se acaso o touro os espicaçar com as suas pontas; mas Chiquita desprezava por incommodos aquelles velhos atavios, confiada na destreza de seus movimentos, e felicidade de seus multiplicados combates. Uns sapatos de marroquim lhe apertavam os pés e lhe cobriam as meias, que subiam muito pouco pela perna acima. Na cabeça um chapeusinho redondo de velludo preto com uma pluma branca servia para lhe esconder as longas tranças.

Por sobre tudo isto pendia-lhe em mais que uma volta, do hombro á cinta, uma transparente facha de lãsinha vermelha, negligentemente posta, e que ondulava como a larga tunica d'um sacerdote druida, quando ella cavalgava.

A porta do curro abriu-se. Acossado pelos chulos sahiu um bravissimo touro, que deitava sobre os espectadores uns olhares de arrogancia e ferocidade. Com as patas erguia nu-

vens de poeira e com as pontas parecia sacudir nuvens de fogo. Chiquita dirigiu-se a elle, e desenovelando a facha lh'a atirou. Recuando alguns passos, cruscou os braços, observando-lhe os movimentos. O touro apanhou a facha nas retorcidas gaitas, e cheio de raiva a desfez instantaneamente em mil pedaços. Ao passo que o seu adversario, exprimia a mais attribulada raiva, Chiquita estava immovel, serena e fria. Ao vêr aquelle contraste havia-se de forçosamente imaginar, que a Toureira era um ente sobre-natural, a quem ninguem poderia molestar.

Livre do estorvo que o embaraçava, o touro procurou no primeiro encontro desfazer-se do seu agil adversario. Chiquita estudara-lhe os movimentos e esperando o repentino encontro, ia a puxar pela espada, mas oh fatalidade! não a encontrou — tinha-se-lhe desaperiado a banda, na occasião em que atirara a faixa, e lá jazia no meio da praça, inutil, sem que ninguem houvesse dado por ella. Chiquita tremeu. Com o arremesso que fizera para arrancar a espada, ficou com o braço suspenso sobre a cabeça, como se fôra armado d'uma espada invisivel, d'uma lamina da atmospheria.

A sua morte seria inevitavel se o touro não tivesse estacado, com a sombra de um masso de charutos que um impaciente espectador tinha arremessado á praça. Recuperando o sangue frio, e aproveitando-se d'este ensejo, Chiquita procurou esquivar-se do touro, mas este bem depressa voltou á preza, e Chiquita encurralada para assim dizer n'um espaço estreito, via-se obrigado a acceitar a lucta desigual, em que de certo cahiria. Já uma vez, na praça de Madrid, um toureiro depois do seu adversario lhe ter quebrado a espada e rompido as entranhas ao cavallo, travou lucta de braço com o touro, mas Chiquita, se tinha a coragem e a pericia, faltava-lhe a força muscular, por isso com movimentos simulados foi evitando o encontro fatal, até que acercando-se da barreira, que a separava dos espectadores, estendeu um braço e pediu, gritando uma cochilla. Mas a este brado d'angustia ninguem lhe respondeu. O povo só

tinha o'hos, não tinha ouvidos; nem mais nenhum outro sentido. Ancioso prosequia as scenas do combate, sem lhe importar quem seria o vencedor. Esperava o desfecho para applaudir um d'elles. O povo d'Hespanha é assim. Quer ver sangue, não lhe importando d'onde corra. O que elle applaude é a força, a astucia, e a agilidade: qual d'estas supplantar a outra é que recebe a palma.

Chiquita gritou de novo, mas em vão. O seu destino finalmente ia cumprir-se d'uma maneira desastrosa. O bafo do seu cavallo confundia-se com o do touro. A intrepida mulher arrojou desesperada o seu pequenino chapéu sobre a cabeça do seu bravo inimigo, mas de nada lhe valeu este acto de desespero.

As palavras empregadas mal podem dar uma idéa das rapidas peripecias d'esta scena instantanea. Gastam mais tempo na pronuncia, que todos estes quadros, que o espectador observa em pasmada contemplação. Mas se as voses até aqui tem sido longas, como hei-de exprimir o inesperado acontecimento que veio pôr remate a esta quasi tragedia.

No mesmo instante, em que os espectadores imaginavam que o touro ia esmigalhar o cavallo e o cavalleiro, uma appareição mysteriosa, um braço robusto o veio derrubar.

O punhal afiado de Sanchez—Garcia lhe fez retroceder o impeto. O golpe foi certo. O animal espumando, cahiu estonteado sobre a areia para nunca mais se levantar.

A multidão quebrou repentinamente o silencio que a dominava; ergueu do peito o pesadelo que a opprimia, e n'um brado cheio de calor cobriu de applausos o vencedor desconhecido. Sobre a arena cheveram milliares d'objectos. O alvoroço era geral. Os magos atiravam ao ar seus chapéus. As mulheres despregavam os seus collares, e até um incognito bretão (que em toda a parte os ha) arremessou com a sua bolsa recheada de libras.

Chiquita estava como espantada de tudo o que observava. Custava-lhe a comprehender que não fosse tudo um sonho. Mas a realidade bem depressa se lhe desenrolou á vista. Ao dar com os olhos nos de Sanchez-Garcia apeou-se,

e travando-lhe do braço o apresentou á multidão, não só com aquelle que a tinha salvado, mas como triumphador da grande lucta.

Os applausos recresceram. As mulheres deliraram, porque viram diante si um galhardo mancebo, ao mesmo tempo que se enchiam de ciumes julgando que a Toureira era a sua verdadeira e unica e digna amante.

Que importava a Sanchez a gloria d'aquella festa? O amôr de Chiquita era a unica visão que o namorava. Porisso acalmado-se um pouco o bulicio, se dirigiu o povo e lhe fallou estas palavras.

—Este triumpho não me pertence. O amor d'ella foi que armou o meu braço.

—O meu amôr não... que inda tu não posso dar, lhe volveu Chiquita.

Inferno, regongou o valente moço arrebatadamente desencadeando o seu braço do d'elle, e sumindo-se sem se saber por onde, como se o medo ou a vergonha o afugentasse.

A multidão ficou estupefacta.

A funcção acabou assim.

Tem deseseis aquella mulher e inda não ama. São negros e ondeados os seus cabellos, fartas as suas pestanas, magnetica a luz de seus olhos e inda não ama. Nasceu na Andaluzia, á sombra dos jardins em ruinas dos Alcaeres, embalada pelos rimances do Cid, pelas xacaras fatidicas, n'um paiz d'ouro, de sol e de harmonias, e inda não ama!

E tem deseseis annos! Deseseis rosas sem desabrocharem n'essa grinalda inutil. Deseseis perolas d'um colar que se estraviaram no lodo. Deseseis violetas d'um ramo, que murcharam n'um baile. Deseseis lumes do candelabro, que se apagou nas trevas. Deseseis estrophes d'um poema que a ignorancia mutilou!

Como pode aos deseseis annos um coração como o desta mulher ser tão frio!? Mystério! Um dia o sol das hespanhas ha de derreter as camadas do gelo, que lhe enrola aquelle seio, e ai! d'aquella alma que então se espouer aos fogos ardentes do coração que sae virgem, e que rebenta em todo o vigor, que esplende com todo o brilho, que surge como

um meteoro, que se aferrará á taboa do amor, como o naufrago ao mastro que lhe atira o refluxo das ondas!

FIM.

O NATAL

Todo o mundo hoje celebra
De Jesus o nascimento;
E no azul do firmamento
Tem mais brilho a luz do sol.
Nas aldeias, nas cidades
Que delirio! que alegria!
Tem mais encanto e magia
A canção do rouxinol.

O opulento no seu paço,
O pobre no seu albergue,
Alta noite, um brado ergue
No meio do seu festim.
Callam-se logo os convivas:
Fitam-se mudos de espanto:
Com tom prophético e santo
Aos convivas falla assim:

—Meia noite! Foi n'est'hora
Realizada a prophecia!
Foi n'est'hora que Maria
Deu a luz o Redemptor!
Saudemos este momento.
Esta fatidica hora.
Affogue-se em vinho agora
Nosso pezar, nossa dôr!—

Logo todos se levantam:
Enchem-se os copos de vinho
E entre um surdo murmurinho
Esgotados elles são.
Depois confundem-se as vozes:
É constante a gritaria:
As risadas d'alegria
Retumbam na habitação.

Mas se tal contentamento
Reina em volta da lareira,
Cá fóra, junto á fogueira,

O prazer reina tambem.
Dançam ao som das violas
Rapazes e raparigas,
Cantando ledas cantigas
Que aos ouvintes entretém.

Mas, finalmente, é preciso
Dar repouso aos membros lassos...
Cada um dirige os passos
Para a sua habitação.
Passado bem pouco tempo,
De tão animada festa
Sómente nos peitos resta
Saúdosa recordação...

AUGUSTO QUEIROZ.

GUIOMAR

AO MEU AMIGO ALFREDO LEÃO.

(Da pag. 147.)

III

Primeiras cartas.

Hontem o baile e a vertigem
Que enleva as almas em flôr...
Nos labios risos de virgem!
Nos peitos chamma d'amor!...

E hoje é dezerta a sala...
Não tem flôres, nem perfumes!
Apagaram-se os mil lumes!
Já ninguém lá dentro falla!...

Como vestigios da festa
Rosas murchas... nada mais!
Que melancolia é esta?!
Ó rosas porque murchais?!

Do baile o febril delyrio
D'essa noite que passára
N'alma de Fausto deixára
Saúdaes como em ninguém...
E hoje elle — a ave tímida! —
Estremece delirante

Quando se lembra d'amante,
Que junto a si já não tem!...

Como vestigios da festa
Rosas murchas... nada mais!
Que melancolia é esta?!
Ó rosas, porque murchais?!

Como quem busca um allivio,
Elle a Guiomar escreve;
E logo em resposta teve
Novos pretextos d'amôr...
Seccaram-lhe então as lagrimas
Nos olhos. De novo vive!
Reviveu, como revive
Á luz d'aurora uma flor!...

Lindo futuro se vos mostra aos olhos!
Nem sempre escolhos n'este mar da vida!
Depois da noite d'infernal procella
Surge a estrella, que era já perdida!...

Almas felizes porque têm bonança
E têm esperança como vão subir!...
Almas felizes que sorriem calmas!
Que duas almas! Que feliz porvir!...

Porém çautella... Não sabeis que as rosas
São espinhosas, muita vez, tambem?...
Quem pode acaso descobrir arcanos,
E os mil enganos que este muudo tem?...

(Continúa.)

ALBERTO PIMENTEL.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

*O editor pede desculpa aos illustrissimos
senhores subscriptores e subscriptoras, de al-
guma falta que por casualidade commettesse,
e juntamente pedia a mesma coadjuvação pa-
ra o segundo volume, no qual terão os excel-
lentes romances originaes:*

**Um Suicidio com flores — O
commendador da Malta, (romance his-
torico) — O Noivado mal succedido —
A Freira — Clotilde — Horas alegres
— Cartas de Lisboa — Revista mensal
— Descripções de monumentos —
Excellentes poesias, etc., etc.**

INDEX

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

	Pag.		Pag.
A.,	254	Astros,	79
Abertura da Exposição Internacional,	332	Aviso desagradavel,	36
Abrigo pobre mas seguro,	63	A uns annos ,	5
Aceio da India,	184	Batalha de S. Mamede,	215
Adão antes de Deus formar Eva,	186	Banho (O),	92
Adão antes de Deus formar o mundo,	187	Bardo na Solidão, 4, 13, 14, 26, 38, 53,	
Adeus,	352	98	
Adeus á cella!,	232	Bonecos e bonecas,	283
Alvitres de Carolina,	86	Bernardim de Saint Pierre	66
Amo,	242	Boa mãe de familia, 44 a 47	
Ama-me,	23	Boa Esposa,	48
Amisade,	110	Bugios e papagaios	344
Amante do Gondoleiro,	321	Bom dito de D. Pedro,	271
Amores invisiveis,	8	Borboletas, 129, 158	
Amor (O) recompensado,	51	Branca, 196, 206	
Amor de mãe,	162	Capricho do acaso,	274
Amor de filha,	197	Carlos e Laura, 204, 213, 218, 228, 241	
Amor dos tumulos,	310	Carta á Exc. ^{ma} snr. ^a D. M. A. F. Prata,	116
A mãe que abandona seu filho recém nascido,	215	Carta a Alberto Pimentel,	121
Amor no Oceano, 171, 197, 222, 230		Cartas de Lisboa,	337
Anjo (O) da familia,	257	Cego (O),	236
Ao partir,	80	Cego por amor,	255
Aos artistas Moreira de Sá,	138	Côa (O),	356
		Coisas, 15, 17, 29, 41, 58	

	<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
Chronica, 102, 111, 118, 131		Marinheiros (Os),	235
Casamento do jurá,	208	Martyrio, 2-9, 277, 303	
Casamento (O) da Lavandeira,	221	Marquez de Pombal,	265
Clotilde romance original, 204, 297, 305, 316, 330, 347, 354, 364		Meia declaração,	58
Colloquio,	28	Memorias d'um beijo, 123, 129, 148	
Dedicatoria, 1, 3		Memorias d'um poeta,	359
Dia da chegada da familia Real ao Porto por ocasião da abertura da Exposição Internacional,	288	Minha irmã,	27
Desapontamentos,	16	Morta (A) viajando,	184
Desafogo,	136	Modas,	224
Despotismo Providencial,	137	Morte (A) dos tumulos,	310
Desmaio (O), 75, 312		Mulher (A),	24
Desejo das riquezas,	238	Mulher sua educação, 49, 57	
Destinos da poesia contemporanea, 13, 25		Necessidade d'um escriptor morar em boa casa,	229
Dito d'um fidalgo portuguez,	280	Novas tristezas,	69
Divagações,	183	Novas angustias d'uma filha,	73
Duas desafortunadas, 151, 262, 268		Noticiador (O),	69
Dois (Os) fantasmas da noite,	313	Nugas,	101
Em que pensas?	172	N'um album,	6
Esperanza,	223	Nuvem (A),	84
Estrophes,	256	Nuvem branca,	39
Eu. . .,	80	Olhos petos,	149
Fada (A) da inspiração.	65	Opera Eurico, 81, 90, 124, 154	
Fecundidade extraordinaria,	281	Orphão (O) do guerreiro,	255
Flores sem prestimo,	155	O outomno,	368
Flores,	193	Paginas intimas,	303
Fragmentos do livro d'um martyr,	336	Palacio de Crystal,	97
Grande festa,	281	Paulo e Virginia,	131
Gremio litterario portuense,	113	Perola entre Lodo,	43
Infancia,	67	Pyrilampus,	336
Impressões ao pôr do sol.	33	Pobre (A),	286
Impressões d'aldeia,	341	Pomba entre milhafres,	121
Improviso (Um),	187	Poesia pastoril,	345
Inferno. . .	220	Poesia indiana,	221
Lagrimas (As),	141	Poma (A),	55
Lua (A),	161	Primeira saudade,	215
Lucia,	248	Primeiro de junho,	160
Luzia e Melania, 302, 309, 317, 351, 353		Primeira illusão,	309
Maria Isabel, 7, 9, 19, 34, 44, 62, 67, 73, 85, 94, 100, 121, 135, 142, 151, 156, 163, 177, 185, 193, 201, 209, 217, 225, 233, 244, 249, 270, 287, 289, 298, 320, 329, 353, 361		Perguntas e respostas,	16
Maria,	352	Progresso,	189
		Quem chora,	48
		Quem és,	134
		Quem é o poeta?,	201
		Quinze dias fóra do Porto,	173
		Resgo de presença d'espírito,	280
		Reconhecimento,	103

	<i>Pag</i>		<i>Pag.</i>
Regresso d'um soldado á patria,	273	Tumulo (Os) d'Australia,	73
Religião (A).	237	Último adeus,	32
Reverie,	71	Ultimos momentos de Pacheco,	343
Ruim mãe, 279, 285, 299		Último canto,	360
Resposta ás observações do sr. A. P.	106	Um joven pintor Brasileiro,	14
Santelmo,	28	Uma mulher diabolica,	138
Se me lembro de ti?	117	Um improviso,	187
Sempre Dolor,	88	Uma lagrima,	43
Sempre é bom saber,	40	Uma (A) amiga,	359
Sentida morte de minha mãe,	372	Uns (A) an nos,	
Serviço de Portugal á Religião,	167	Variedades,	176
Sexta-feira Santa,	115	Vinte annos,	102
Sobre a campa de minha irmã,	82	Virginia, 243, 260, 272, 278	
Sol (O),	153	Visita (Á) de SS. MM. ao Porto,	284
Soneto,	192	Viver á sombra,	79
Suicida (O),	340	Vozes do coração,	376
Toureira, 105, 140, 158, 165, 258, 266,			
377			

